Júlia Monnerat Barbosa

Militância política e produção literária no Brasil (dos anos 30 aos anos 50): as trajetórias de Graciliano Ramos e Jorge Amado e o PCB

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do título de Doutor.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos

Niterói
2010

Ficha Catalogáfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

Agradecimentos:

A lista das pessoas a quem devo agradecer porque, efetivamente, sem suas participações esse trabalho não se realizaria, é extensa.

Em primeiro lugar agradeço a Marcelo Badaró que, durante todos esses anos de convívio, iniciados ainda à época da graduação, extrapolou as funções básicas de orientação tornando-se amigo de todas as horas e para toda a vida. Badaró me serviu e serve como modelo daquilo que quero ser quando crescer. Dentro e fora dos limites da historiografia.

Além do amor incondicional de todas as horas e para todo o sempre, agradeço a minha família – mamãe, papai, Mano e Sil – que, em sistema de mutirão, contribuiu imensamente durante várias etapas deste trabalho, do conforto em momento de desespero à revisão dos originais.

A Rémi que me deu o amor e o companheirismo que tornaram essa jornada menos penosa.

Aos amigos e companheiros do grupo de estudos Mundos do Trabalho, em especial Luciana, que tornaram o exercício da pesquisa mais estimulante, e o campo acadêmico mais fraterno.

A Adriana Facina e a Ricardo da Gama Rosa Costa, cujas generosas contribuições oferecidas à época da qualificação ajudaram a definir melhor os rumos deste trabalho.

Aos trabalhadores dos arquivos que importunei durante a pesquisa, sobretudo a Luis Alberto Zimbarg, do Centro de Documentação e Memória da UNESP.

Aos meus amigos de todas as horas, sobretudo Bárbara, que agüentaram todos esses anos de oscilações intensas de humor.

A CAPES que forneceu a bolsa sem a qual essa pesquisa não poderia se realizar.

Sumário

Introdução p.7

Capítulo 1: Prestes nas páginas de *A classe operária* e em *O cavaleiro da esperança*: a construção de um herói p.27

Capítulo 2: Escritores, militantes – os anos 1930 .....p.105

Capítulo 3: Escritores e militantes – início dos anos 1940 até a democratização p.190

Capítulo 4: Escritores militantes – a Guerra Fria p.280

Capítulo 5: Viagens ao mundo da paz: relatos sobre o socialismo na URSS p.343

Considerações finais p.388

Referências Bibliográficas p.396

Resumo

O objetivo central deste trabalho de pesquisa é investigar as relações estabelecidas entre os escritores Graciliano Ramos e Jorge Amado, e o Partido Comunista Brasileiro no período inscrito entre as décadas de 1930 e 1950. Para tanto, identifica as fronteiras entre o comprometimento militante e a criação artística destes dois autores, tentando entender até que ponto as diretrizes programáticas ou referências políticas mais gerais do partido estariam presentes em suas obras, assim como traça um painel da importância do PCB em um momento específico da vida intelectual e literária brasileira e investiga o papel desempenhado por esses literatos na dinâmica partidária.

Palavras-chave: Partido Comunista do Brasil; Realismo Socialista; Literatura brasileira; Graciliano Ramos; Jorge Amado;

Abstract

The main objective of this research is to investigate the relations between the writers Graciliano Ramos and Jorge Amado, and the Brazilian Communist Party (BCP) in the period between the 1930s and the 1950s. To do so, it identifies the boundaries between artistic creation and militant commitment of these authors, trying to understand to which extent the program guidelines or more general political references of the party would be present in their works. It also paints a picture of the importance of the BCP at a specific time in the Brazilian literary and intellectual life, and investigates the role played by these writers in the party's dynamic.

Introdução

O objetivo central deste trabalho de pesquisa foi investigar as relações estabelecidas entre dois consagrados escritores da literatura brasileira, Graciliano Ramos e Jorge Amado, e o Partido Comunista Brasileiro entre as décadas de 1930 e 1950. Para tanto, buscamos identificar as fronteiras entre o comprometimento militante e a criação artística destes dois autores, tentando entender até que ponto as diretrizes programáticas ou referências políticas mais gerais do partido estariam presentes em suas obras.

Com isso, pretendemos traçar um painel da importância do PCB em um momento específico da vida intelectual e literária brasileira, assim como investigarmos o papel desempenhado por esses literatos na dinâmica partidária. Desta forma, espera-se evidenciar, no que se refere ao partido, a dinâmica de suas posições em questões de diferentes ordens, associadas, na conjuntura nacional, seja ao início ou ao fim do Estado Novo, à "Revolução de 30", ao movimento tenentista, à Intentona, à legalidade e ilegalidade do PCB, a diversas eleições brasileiras, e, na conjuntura internacional, questões sobre a Segunda Guerra, opções por frente popular ou luta armada, stalinismo ou sua crítica, Guerra Fria, dentre tantas outras.

Pretendemos, ainda, com esse estudo, contribuir na construção de um enfoque que reintegre os estudos culturais como preocupação importante no entendimento da sociedade, através de uma perspectiva marxista de análise. Esta observação não corresponde a dizer que o material literário privilegie a identificação de menções explícitas ao partido ou o destaque de temas políticos referidos por narradores ou personagens. Nesse sentido, a presente pesquisa busca, na área de investigação em questão, dialogar com quadros de referência e articular-se a problematizações já evidenciadas em estudos paradigmáticos nesse campo, como os de Gramsci, Williams e Thompson.

No que se refere aos escritores, além de permitir, em cada caso, observar questões relacionadas aos vínculos oficiais – ou não - com o partido, o período proposto engloba

a publicação de quase toda a produção literária de Graciliano Ramos (pois poucas de suas obras de publicação póstuma são posteriores à década de cinqüenta, em que faleceu) e atinge o que se convencionou chamar de primeira fase da obra de Jorge Amado até seu afastamento do partido. Em ambos os casos, o início da publicação da obra ficcional dá-se na década de 1930 e a década seguinte, de 1940, é o período em que se efetivam, ou se tornam públicas, suas militâncias no PCB, independentemente de supostos vínculos anteriores (mesmo que só como simpatizantes) que, na década precedente, os teriam levado à prisão (assim como a muitos outros intelectuais), na esteira dos acontecimentos de novembro de 1935, em Natal, Recife e Rio[1].

A escolha destes dois autores como base de nossa investigação foi pautada pela visibilidade de ambos tanto no cenário literário nacional[2] quanto por seus comprometimentos militantes. Esta visibilidade, no entanto, se processou de forma diferenciada: ambos experimentaram, em vida, graus diferentes de reconhecimento de suas obras, graus diferentes de envolvimento partidário e tiveram suas produções literárias, também de forma diferenciada, marcadas pelas linhas diretrizes comunistas. Os paralelos possíveis em suas trajetórias de vida, no entanto, sugeriram percursos interessantes de pesquisa, permitindo que experiências comuns aos dois autores fossem investigadas do ponto de vista da presença/ausência de representação em suas obras.

Concentramos, portanto, nossa pesquisa entre as décadas de 30 e 50, mais especificamente, indo da escrita e publicação[3] dos primeiros trabalhos ficcionais de

---

[1] De Graciliano, sabe-se que não participou da ANL e da rebelião armada de 1935, mas que, em início de 1936, foi avisado, por mais de uma pessoa, de sua próxima prisão, inclusive através de bilhete enviado pelo próprio secretário-geral regional do partido –Alberto Passos Guimarães -, que estava desde novembro na clandestinidade (cf. Dênis de Moraes. O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos. Rio de Janeiro, José Olympio, 1992, 101-107). Jorge Amado, embora muitos registros considerem sua filiação ao PCB datando de 1945, em entrevista concedida a Antônio Roberto Espinosa, em junho de 1981 (Amado, *Literatura comentada*, 1981, p.3-34), diz que seu contato com o Partido é anterior a 45 ("Meu contato com o Partido é anterior a essa época. Em 45 minha militância fica pública. Eu era ligado à juventude. Naquele tempo, havia Juventude Comunista."), após comentar sua prisão em 36 ("No começo de 36. Em novembro de 35, no dia 27, houve o levante do III Regimento de Infantaria. Fomos presos vários intelectuais... Eu acho que alguém que foi preso antes, foi espancado e falou. Graciliano Ramos foi preso em Maceió e levado pro Rio. Eu fiquei preso dois meses na Polícia Central. Vários intelectuais foram presos na época, Santa Rosa, Caio Prado Júnior, Di Cavalcanti, Hermes Lima, Eneida, Castro Rebelo, Aporelly, Álvaro Moreyra etc.), revelando ainda: "Eu tive uma militância grande na Aliança Nacional Libertadora... O Congresso Juvenil Proletário-Estudantil... não me lembro mais o nome, de 34, foi convocado com três assinaturas: a minha, a do Carlos Lacerda e a de um rapaz cujo nome não recordo, que era secretário da Juventude Comunista."

[2] Não sendo desprezível sua repercussão internacional, em parte associada ao vínculo partidário.

[3] Embora fazendo referências a algumas datas relacionadas ao período em que foram escritas obras dos autores considerados, preferencialmente balizaremos nosso recorte pelas datas de primeira

ambos os autores (a saber, 1931, para a publicação, por Jorge Amado, de *O país do Carnaval* e 1933, para a publicação de *Caetés*, de Graciliano) até a morte de Graciliano, em 1953, e a publicação, por Amado, de *Os subterrâneos da liberdade*, em 1954, obra que na produção deste autor encerra uma fase, antecedendo as mudanças em seu projeto literário, associadas ao XX Congresso e à divulgação, em 1956, do relatório de Kruschev sobre a política stalinista, expondo os crimes do governante, fato que causou imenso impacto nos partidos e militância comunistas mundiais e, como não poderia deixar de ser, teve reflexos no debate ocorrido no interior do partido e na militância brasileiros.

Balizando o final do período a ser estudado, não apresentamos o recorte de uma década, mas um significativo momento que, no cenário internacional, assinala uma revisão crítica dos rumos da revolução soviética, com conseqüências nas discussões internas dos partidos comunistas e na esquerda mundial. A esse respeito, parece ser significativa a mudança de orientação na escrita de Jorge Amado, culminando em seu afastamento da literatura inspirada pelo realismo socialista, mudança identificada na publicação de *Gabriela, cravo e canela*, em 1958[4] (obra que é seu primeiro texto ficcional após 1950, data que o autor indica como a do término da escrita da trilogia *Os subterrâneos da liberdade*, que teve sua primeira edição brasileira em 1954). A morte de Graciliano Ramos, em 1953, é anterior a este marco crítico na história dos PCs, não sendo possível verificar, em sua escrita, transformações relacionadas à publicação do documento de 1956. Com relação aos anos finais da década de 50, a respeito de Amado, pode-se dizer que nesse período as questões, já assinaladas, referentes ao PCB, ensejam a possível correlação entre reorientação da escrita ficcional e posturas militantes político-partidárias em jogo no momento de um debate crítico, interno e internacional.

Como o que pretendíamos não se traduz, de forma alguma, na confecção de biografias nem de críticas literárias das obras de nossos autores[5], mas sim na possibilidade de entendimento de algumas das possíveis relações instauradas entre o

---

edição brasileira dos livros de que vamos tratar, buscando demarcar o momento do conhecimento público dos textos, uma vez que, até a revisão de provas, a escrita pode estar em processo, sofrendo alterações.

[4] De alguma forma, embora o desenho que queremos imprimir não seja o da divisão por décadas, esvaziadas de conteúdos políticos específicos sobre a temática considerada, uma coincidência faz com que a produção literária de Jorge Amado tomada como objeto do estudo seja a que compreende as publicações feitas no período que vai do início de sua produção até o fim dos anos 50, uma vez que só em 1961 será editada no Brasil a obra que se segue a *Gabriela.*

[5] Esforços estes já empreendidos por outros estudiosos da área de letras, movidos por outras questões e inquietações que não as que orientam o presente projeto.

PCB e seus militantes literatos, centramos nossa pesquisa em algumas questões motrizes, a saber: as formas diferenciadas de relação entre comprometimento militante e produção literária e as relações recíprocas estabelecidas entre o Partido Comunista Brasileiro e seus intelectuais.

A investigação destas questões se serviu da produção escrita de Graciliano Ramos e Jorge Amado da forma mais plural possível, ou seja, tanto de obras de caráter ficcional quanto de caráter memorialístico. Ao ampliarmos o espectro de nossa investigação para além de suas obras literárias de cunho imaginativo pretendíamos perceber as avaliações dos próprios autores sobre sua militância partidária e seus posicionamentos políticos.

Para a análise das fontes ficcionais, centramos a pesquisa em torno de um tema aglutinador-que nos permite vislumbrar posições de permanência e alternância na visão dos autores. O tema escolhido-para a confecção deste painel foi o das representações de trabalhadores, incluindo intelectuais (em especial escritores), através da construção de personagens de Graciliano Ramos e Jorge Amado. Este eixo se configurou como norteador do nosso trabalho, mas isso não impediu que outros temas pudessem, também, ser fruto de nossa investigação, como o momento histórico brasileiro em que se passam as ações, as representações de militantes, de outros intelectuais orgânicos, do partido, de mobilizações sociais, de organizações da classe trabalhadora, diferenças entre trabalhadores urbanos e rurais etc.

Nesse sentido, as relações de Paulo Honório (*São Bernardo*) com seus empregados, com a intelectualidade, com as idéias sociais de Madalena; o funcionário Luís da Silva (*Angústia*) diante das pichações "Proletários uni-vos" nos muros e dos dilemas amorosos e sociais que o levam ao enfrentamento e assassinato de Julião Tavares; os conflitos na ordem do latifúndio e o êxodo diante da seca vividos pela família dos retirantes Fabiano, Sinha Vitória, os dois meninos e a cachorra Baleia (*Vidas secas*) são apenas algumas das representações ficcionais que indagamos na obra de Graciliano, ao lado de escritos confessionais, como *Viagem*. Quanto a Jorge Amado, nosso interesse percorreu desde as indefinições do personagem intelectualizado Paulo Rigger e de sua geração (*O país do carnaval*), passando aos romances proletários, como o dos "alugados" que vendem sua força de trabalho aos coronéis das plantações (em *Cacau*) ou o dos explorados de *Suor*, ou ainda as construções de figuras como a de

Baldo (o Antônio Balduíno de *Jubiabá*) que, da alienação inicial, conquista a consciência de sua classe, tornando-se um ativista do movimento grevista. A participação de Pedro Bala (em *Capitães da areia*) na luta de operários e estudantes, assim como os enfrentamentos ao latifúndio cacaueiro representado pelas oligarquias (em *Terras do sem fim*) ou aos exportadores estrangeiros (*São Jorge dos Ilhéus*) também foi analisada, na sondagem de um programa que parece nortear a obra de Amado escrita até seu afastamento da militância no PCB, programa esse que articularia representações ficcionais em situações de conflito cujas soluções devidas ao heroísmo individual passariam a ceder, progressivamente, lugar a ações coletivas organizadas, articuladas no espaço da luta de classes, envolvendo, a quase totalidade das obras desse período, processos de superação da alienação, pela tomada da consciência de classe.

Ainda na esfera da investigação de seus escritos, analisamos como ambos trataram a vida de Luiz Carlos Prestes - Graciliano Ramos em crônica publicada em primeiro de janeiro de 1949 em *A classe operária*[6] e Jorge Amado em discurso proferido na ABI e posteriormente publicado na mesma edição do periódico e no livro biográfico *Cavaleiro da esperança*[7], - levando em conta o momento de escrita dos textos, revelando questões sobre discursos oficiais do partido, referentes à construção de heróis da classe trabalhadora através do culto à personalidade.

Assim, numa perspectiva de análise comparativa dos rumos destes dois autores, pretendíamos perceber em suas trajetórias e em suas obras literárias eventos e assuntos recorrentes que nos auxiliarão na pesquisa das relações estabelecidas entre engajamento do intelectual/literato, sua obra e militância comunista. Outros pontos coincidentes que apresentam desdobramentos de interesse para a pesquisa são a prisão e as viagens ao mundo socialista, experiências estas tratadas de forma confessional por Graciliano Ramos e Jorge Amado.[8]

Diretamente relacionado ao grau de compromisso assumido por esses homens com o Partido Comunista Brasileiro, buscamos, finalmente, investigar a presença ou

---

[6] Moraes, Dênis. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p.253.

[7] Amado, com primeira edição argentina, de 1942, texto que foi, no Brasil, proibido pela censura por algum tempo.

[8] Ramos, *Viagem,* com primeira edição póstuma, de 1954, finalizado em 1952, em Buenos Aires, quando lá esteve para ser operado do tumor, vítima do qual faleceria, cinco meses após a cirurgia em que já não foi possível retirá-lo; Amado, *O mundo da paz*, com .primeira edição de 1951, reeditado até 1953, a partir de então não sendo mais autorizada sua publicação pelo autor.

afastamento de suas obras dos ditames do realismo socialista, adicionando ao estudo, sempre que disponíveis, informações sobre avaliações críticas enunciadas por instâncias ou membros do partido a respeito da produção literária de ambos os autores estudados: Amado, que, no período que coincide com as denúncias de Kruschev contra o stalinismo, deixaria a militância partidária, em 1957 (afastando-se de tarefas de representação e de orientações do figurino do realismo socialista) para dedicar-se com mais afinco à literatura, , anos antes, chegaria a ser mencionado por alguns dirigentes, comparando-o a Graciliano, como se a este último pudesse oferecer um modelo a ser seguido. Preservando sua atitude crítica e de distanciamento quanto às orientações normatizadoras de uma escrita literária a serviço do partido, Graciliano, apesar de suas divergências face às orientações da militância ditadas pelo zdanovismo para o controle da produção cultural e às censuras, delas decorrentes, a que se veria exposto (pela construção de seus personagens de ficção, bem como por colocações constantes dos relatos de *Viagem* e *Memórias do cárcere*), permaneceria vinculado ao PCB até sua morte, em 53, embora não tivesse vivido para conhecer os assim chamados "crimes de Stalin". Por outro lado, tal conhecimento parece ter contribuído para interromper, em Amado, a estrita observação de preceitos forjados para a produção artística na URSS: ao ser perguntado, em entrevista, se o XX Congresso não teria facilitado "*levar à prática sua decisão de deixar a militância*", responde que "*Daí em diante, eu passei a pensar com minha própria cabeça. Eu era um homem que tinha vivido o stalinismo, que tinha sofrido o stalinismo*". [9]

Em muitos momentos, deliberadamente procuramos fornecer o maior número possível de exemplos das obras de Graciliano Ramos e Jorge Amado que permitissem a outros pesquisadores, em especial aos iniciantes na pesquisa histórica em *corpus* literários, embrenhar-se na seara vermelha das relações entre nossos escritores e o Partido Comunista.

É preciso, todavia, que fique claro que não tivemos, aqui, a pretensão de atuar como guia de leitura da produção destes autores ao longo das três décadas pesquisadas. Nos limitamos a destacar aspectos dos romances, contos, crônicas, obras confessionais e artigos jornalísticos que permitissem a discussão da relação que estes escritores

---

[9] Entrevista concedida a Antônio Roberto Espinosa, em junho de 1981. *In* Amado, *Literatura comentada*, 1981, p. 28.

estabeleceram com o partido e em que medida essa relação pode ser averiguada em suas produções literárias.

Essa escolha faz com que a análise das obras não apresente uma uniformidade em tamanho e em destaque no produto final deste estudo. Em algumas obras nos deteremos de modo mais extenso, procurando fornecer ao leitor o maior número possível de exemplos que corroborem nossa hipótese de que, ao mesmo tempo em que o PCB desempenhou importante papel na escrita de Graciliano e Jorge, esses, por sua vez, também contribuíram, em maior ou menos escala, para a divulgação do comunismo no Brasil. A diferença na intensidade desta colaboração e as formas com que se dá essa interpenetração entre literatura e comunismo nas obras de um e outro de nossos autores é que farão com que alguns livros mereçam maior destaque analítico do que outros.

Ao tomar as obras de Graciliano Ramos e Jorge Amado como fontes de nossa pesquisa[10], e ao tomar a análise de suas trajetórias como ponto de partida para indagações das relações estabelecidas entre militantes do PCB e literatos no Brasil entre as décadas de 30 e 50, passamos ao largo da busca de avaliação de suas escritas do ponto de vista valorativo estético.

Investigando relações estabelecidas dentro de uma perspectiva política, não pretendemos incorrer no erro de efetuar valorações, ou não, de seus escritos a partir do comprometimento político manifesto pelos autores. Como adverte Antonio Candido, há que se fugir da tendência de "*analisar o conteúdo social das obras, geralmente com base em motivos de ordem moral ou política, redundando praticamente em afirmar ou deixar implícito que a arte deve ter um conteúdo desse tipo, que é a medida de seu valor.*"[11]

Assim, o que buscamos na pesquisa foi, sobretudo, investigar em que medida o imbricamento entre militância política e fazer artístico pode ser percebido nas obras de Graciliano Ramos e Jorge Amado, sem avaliá-los ou mesmo analisá-los do ponto de vista mais estrito de uma crítica literária. Todavia, não poderíamos deixar de encaminhar algumas discussões sobre cultura, estética e produções, artística (em geral) e literária (em específico), procurando rever os limites de nossa discussão e

---

[10] Embora essas obras literárias não constituam, sozinhas, o *corpus* de nossa pesquisa.

[11] Cândido, Antonio. *Literatura e sociedade estudos de teoria e história literária.* São Paulo: Editora Nacional, 1973. p.20

compreender o que desejamos apreender no processo investigativo da construção de nosso objeto.

A questão central levantada exige, como se vê, a revisão de elementos da teoria do materialismo histórico, perseguindo a história das diferenciações interpretativas dos textos fundadores até o encontro de propostas que, dadas como derivando da teoria, traçam percursos para a orientação da militância no interior do PCB no período investigado:

> "não se parte do que os homens dizem, imaginam ou se representam, nem tão-pouco daquilo que são nas palavras, no pensamento, na imaginação e na representação de outrem, para se chegar depois aos homens em carne e osso; não, parte-se dos homens em sua atividade real e é segundo o seu processo de vida real que se representa também o desenvolvimento dos reflexos e dos ecos ideológicos deste processo vital."[12]

Em curto fragmento de *A ideologia alemã*, de Marx e Engels, pode ser indicada uma questão para desenho das discussões teóricas que formaram para nós um marco balizador. Pautada pela certeza de que o entendimento das obras, tanto ficcionais quanto confessionais, publicadas por Jorge Amado e Graciliano Ramos deve passar, necessariamente, pelo crivo do processo histórico em que os autores estão inseridos e não privilegiadamente pelos simples argumento ou idéias explicitamente defendidas, tentamos investigar as relações históricas que enquadram a produção dos dois autores, com destaque para o papel desempenhado pelo PCB, entendendo, ainda, que:

> "A produção das idéias, das representações e da consciência está antes de tudo direta e intimamente ligada à atividade material dos homens. É a linguagem da vida real. As representações, o pensamento, comércio intelectual dos homens surgem, ainda aqui, como a emanação direta de seu comportamento material. O mesmo se passa com a produção intelectual, tal como se apresenta na linguagem da política, das leis, da moral da religião, da metafísica, etc. de um determinado povo. São os homens os produtores de suas representações, das suas idéias, etc., mas os homens atuantes, tal como estão condicionados por um desenvolvimento determinado das suas forças produtivas e das relações que

---

[12] Marx-Engels, *A ideologia Alemã*. *In*____ . *Sobre literatura e arte* (coletânea) . Lisboa: Editorial Estampa, 1971, p.19.

> lhes correspondem, incluindo as formas mais vastas que essas forças e relações podem tomar."[13]

Para perceber como se deu o processo de legitimação do zdanovismo como teoria estética marxista[14], para além das discussões históricas que levaram à sua aceitação e implementação no âmbito dos partidos comunistas, devemos atentar, como nos lembra Leandro Konder[15], para a dificuldade encontrada na sistematização da idéia de estética dentro das obras de Marx e Engels. A falta de formulações de fôlego dos dois autores sobre problemas vinculados à arte permitiu que várias controvérsias se formassem no âmbito do próprio marxismo acerca do assunto:

> "no interior do marxismo e ao longo do seu desenvolvimento, posições teóricas diversas tem se formado e reivindicado o direito de representar a estética marxista. (...) a partir de uma mesma base, posições estéticas controvertidas puderam historicamente formar-se e deram feição contraditória à elaboração conceitual da doutrina marxista.*"*[16]

Essa dificuldade apontada para a elaboração de uma estética marxista, derivada de problemas vários, como a falta de sistematização do assunto na obra de Marx e Engels, a publicação tardia de escritos em que os dois tratam do tema, mesmo que de forma esparsa (como os encontrados nas correspondências dos autores) e, sobretudo, o fato de que o marxismo "*não constitui uma visão 'acabada' de mundo e não se deixa encerrar em um sistema fechado, 'ortodoxo', de déias definitivas"*[17], teria sido agravada pela tendência, predominante no marxismo durante muito tempo, para

> "subestimar a estética e o estudo dos problemas da teoria marxista de arte. Por mal compreendida em alguns dos seus aspectos essenciais, a concepção marxista de mundo pareceu, aos olhos de seus defensores, prescindir de uma teoria estética

---

13 Marx-Engels, *A ideologia Alemã*. *In____* . *Sobre literatura e arte* (coletânea) . Lisboa: Editorial Estampa, 1971, p.19.

14 E, mais, como política cultural.

15 Konder, Leandro. *Os marxistas e a arte – breve estudo histórico-crítico de algumas tendências da estética marxista.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

16 *Idem*, *ibidem*, p.1.

17 *Idem, ibdem*, p.2.

> mais elaborada. Certos teóricos marxistas parecem ter chegado a crer, realmente, na irrelevância da estética, na sua básica estreiteza de significação.”[18]

Dentro das dificuldades encontradas para a elaboração de uma concepção estética marxista, há que se levar em conta a dominância, no âmbito do pensamento marxista, de autores que postulavam uma visão mais “determinista” ou “mecanicista” do materialismo histórico. Muitos teóricos dentro do marxismo têm, no entanto, contribuído para uma mudança deste painel, tentando conciliar a perspectiva do materialismo histórico com questões relativas às artes.

Assim, em autores de tradição marxista que se preocuparam, de formas distintas e em graus variados, com questões relativas à ordem da cultura, da concepção de estética, da produção artística, e da literatura, buscamos as bases de nossas reflexões sobre o tema. Gramsci, Thompson e Williams são os autores de que mais nos servimos neste sentido.

A utilização de alguns conceitos e algumas interpretações presentes na obra de Antonio Gramsci foi imprescindível para a elaboração deste trabalho. A busca das relações entre Jorge Amado e Graciliano Ramos e o PCB no período indicado se processou a partir da compreensão do posicionamento destes homens dentro da engrenagem partidária, bem como a partir de seus papéis como intelectuais atuantes em várias esferas da vida nacional. Para localizar com mais propriedade esses tipos de atuações, torna-se necessária uma reflexão sobre alguns conceitos fundamentais.

Discutindo a formação dos intelectuais, Gramsci faz importante alerta ao avisar que, se é possível falarmos de intelectuais, nos é impossível ajustar sob a categoria de não-intelectuais qualquer grupamento humano. Se há a impossibilidade de divisão dos homens entre intelectuais e não-intelectuais uma vez que todos, mesmo os que desempenham os trabalhos mais mecânicos ou manuais, são intelectuais na medida em que possuem concepções de mundo e formulam raciocínios lógicos, pode-se identificar a segmentação no plano da divisão do trabalho, uma vez que nem todos os homens desempenham, na sociedade, a função de intelectuais. Ou seja, nas palavras do próprio autor:

---

[18] Konder, Leandro. *Os marxistas e a arte – breve estudo histórico-crítico de algumas tendências da estética marxista.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p.4.

> "Quando se distingue entre intelectuais e não-intelectuais, faz-se referência, na realidade, tão somente à imediata função social da categoria profissional dos intelectuais, isto é, leva-se em conta a direção sobre a qual incide o peso maior da atividade profissional específica, se na elaboração intelectual ou se no esforço muscular nervoso."[19]

Podemos, pois, segundo essa interpretação, identificar Jorge Amado e Graciliano Ramos, como intelectuais, que desempenharam funções ligadas à elaboração intelectual, seja como ficcionistas, seja como jornalistas ou como dirigentes que atuaram em órgãos de representação da categoria (ABDE) ou mesmo como revisores. No entanto, é possível observar formas diferenciadas na ocupação desta função social desempenhada pelos homens (e mulheres) identificados como intelectuais. Dentro de uma perspectiva marxista de análise da realidade, Gramsci chama atenção para duas categorias distintas de intelectuais[20] - a primeira categoria, a dos intelectuais orgânicos, obedeceria ao seguinte processo de formação:

> "cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no mundo econômico, mas também no social e no político"[21]

Assim, dentro de cada grupo social se formaria sua própria intelectualidade, responsável tanto por assegurar sua homogeneidade enquanto grupo, bem como por assegurar sua legitimidade social. Esses intelectuais seriam formados em decorrência "*da necessidade de criar condições mais favoráveis à expansão de sua própria classe*"[22].

A segunda categoria destacada por Gramsci é a dos intelectuais tradicionais, preexistentes, com a qual todo grupo social se deparou ao longo do processo histórico, categoria esta que representa uma continuidade histórica ainda não interrompida pelas

---

19 Gramsci, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979, p.7.

20 Sempre dentro da perspectiva de função social desempenhada.

21 *Idem, ibdem,.,* p.3.

22 *Idem*, *ibidem*, p. 4.

transformações da sociedade, e que tende a se considerar como autônoma e independente do grupo social dominante do qual emerge.

Ao propor esta perspectiva de que os intelectuais devem ser pensados como partes integrantes de uma sociedade, e como representantes de grupos sociais específicos, Gramsci deixa claro que:

> "A relação entre os intelectuais e o mundo de produção não é imediata, como é o caso nos grupos sociais fundamentais, mas é 'mediatizada', em diversos graus, por todo o contexto social, pelo conjunto das superestruturas, do qual os intelectuais são precisamente os 'funcionários'."[23]

Assim, pode-se pensar em vários graus de "organicidade" dos intelectuais com o grupo social fundamental, a partir das funções desempenhadas por estes, em uma escala de maior ou menor proximidade com a base estrutural econômica. Para Gramsci, torna-se necessário pensar em dois grandes planos superestruturais em que estes intelectuais desempenhariam suas funções, a sociedade civil e a sociedade política:

> "Pode-se fixar dois grandes 'planos' superestruturais: o que pode ser chamado de 'sociedade civil' (isto é, o conjunto de organismos chamados comumente de 'privados') e o da 'sociedade política ou Estado', que correspondem à função de 'hegemonia' que o grupo dominante exerce em toda a sociedade e àquela de 'domínio direto ou de comando', que se expressa no Estado e no governo jurídico."[24]

A questão que nos rondou neste ponto de sistematização de nossas orientações teóricas foi se, dentro de uma leitura gramsciniana, poderíamos entender Graciliano Ramos e Jorge Amado como intelectuais orgânicos da classe trabalhadora. Buscamos a resposta para essa indagação no próprio Gramsci. Muito embora o autor aponte que, historicamente, "*o tipo tradicional e vulgarizado do intelectual é fornecido pelo*

---

[23] Gramsci, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979, p.10. Os papéis desempenhados por esses intelectuais no sentido de garantirem a hegemonia do grupo dominante na sociedade, a partir do consenso e a coerção também será discutido por Gramsci, mas não serão aqui tratados.

[24] *Idem*, *ibidem*, p.10-11.

literato, pelo filósofo e pelo artista"[25], a participação política (e a participação no partido) parecem fornecer a chave para o desvendamento do intelectual.

Para Gramsci, mesmo que não pertencentes, originariamente, a uma classe social, os sujeitos podem optar por se coadunar a um projeto político que aglutine visões de mundo e que busque a hegemonia social para esta classe, tornando-se "intelectuais orgânicos por adesão". Assim, no caso de Jorge Amado e Graciliano Ramos, a despeito de suas origens na pequena burguesia rural, suas militâncias no PCB devem ser encaradas como a opção por um projeto de transformação social calcado na hegemonia trabalhadora.

Para Gramsci, os partidos políticos devem ser entendidos como centros formadores e aglutinadores de intelectuais, em que todos os seus participantes desempenham uma atividade "*diretamente no campo político e filosófico*"[26], sendo, assim, o partido o responsável pela organização dos intelectuais orgânicos de seu grupo dominante, com intelectuais tradicionais:

> "Aliás, pode-se dizer que, no seu âmbito, o partido político desempenha sua função muito mais completa e organicamente do que, num âmbito vasto, o Estado desempenha a sua: um intelectual que passa a fazer parte de um partido político de um determinado grupo social confunde-se com os intelectuais orgânicos do próprio grupo, liga-se estreitamente ao grupo, o que não ocorre através da participação na vida estatal senão mediocremente ou mesmo nunca." [27]

Porém, Gramsci também nos alerta para o fato de que as categorias de análise com que trabalha não devem "*ser concebidas como esquemas rígidos, mas apenas como critérios práticos de interpretação histórica e política. Nas análises concretas dos eventos reais, as formas históricas são determinadas e quase 'únicas'*".[28]

Por isso mesmo, ao trabalharmos com os pares conceituais por ele empregados – Ocidente e Oriente, sociedade civil e sociedade política; consenso e coerção, direção e domínio –, em nosso caso especialmente intelectuais tradicionais/orgânicos, devemos

---

[25] Gramsci, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979, p.8.

[26] *Idem, ibdem*, p.14.

[27] *Idem*, *ibidem*, p. 14-15.

[28] Gramsci, *Cadernos do Cárcere,* vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 67.

perceber que tais pares não se apresentam jamais como mutuamente excludentes, pois "*cada termo das díades de Gramsci (...) pressupõe o outro, de tal modo que o emprego de um depende do emprego do outro. Desse modo, o problema reside na determinação empírica da proporção, peso e valor de cada elemento da díade no contexto de uma situação histórica concreta.*"[29]

Assim, a filiação partidária e a defesa das propostas comunistas, mais ou menos explícita em suas obras, aproximam Graciliano Ramos e Jorge Amado do modelo do "intelectual orgânico", do militante partidário a serviço de uma causa, vinculado por adesão ao operariado. É certo, porém, que as condições de formação do literato no Brasil, as pressões e os limites impostos pelas editoras, crítica literária e julgamento pelos pares, acabam por mantê-los em diálogo permanente com os parâmetros da auto-representação dos intelectuais tradicionais, aos quais, muitas vezes, também buscam se adequar.

Passando do debate sobre os intelectuais à discussão sobre cultura e literatura, recorremos a Raymond Williams. Ao organizar um arsenal teórico que permite o entendimento da literatura e de sua teoria dentro de uma perspectiva marxista, Williams, em *Marxismo e literatura,* historiciza conceitos imprescindíveis para o desenvolvimento de trabalhos neste campo[30], apresentando-se como referência de relevo para o desenvolvimento de nossa pesquisa em história.

Ao explicar que a feitura de seu livro, marcadamente teórico, só foi possível em uma conjuntura de transformações dentro do marxismo e dentro da área de estudos literários, Williams oferece uma sistematização de conceitos importantes para o desenvolvimento de pesquisas dentro desta perspectiva, elaborando o conceito que guiará sua pesquisa, o materialismo cultural:

> "em todas as partes, embora apresentando análise e discussão de elementos-chave e variantes do pensamento marxista, interesso-me também por desenvolver uma posição a que, em questões de teoria, cheguei com o decorrer dos anos. Isso difere,

---

[29] Benedetto Fontana, "Hegemonia e nova ordem mundial", In Carlos Nelson Coutinho & Andréa Teixeira, *Ler Gramsci, entender a realidade,* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003, pp. 119-120. Apud, Mattos, Marcelo Badaró. "Qualificando o debate: conceitos de Gramsci, análise histórica da sociedade brasileira e projeto socialista". *In Reorganizando em meio ao refluxo: ensaios de intervenção sobre a classe trabalhadora no Brasil atual.* Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2009, p. 80.

[30] Williams, Raymond. *Marxismo e literatura.* Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

> em vários pontos-chave, daquilo que se conhece mais geralmente como teoria marxista, e mesmo de muitas de suas variantes. É uma posição que se pode descrever brevemente como materialismo cultural: uma teoria das especificidades da produção cultural e literária material, dentro do materialismo histórico (...) em minha opinião se trata de uma teoria marxista, e na verdade em seu campo específico é, apesar da relativa estranheza de alguns de seus elementos, e mesmo devido a eles, parte do que me parece ser mesmo o pensamento central do marxismo." [31]

Ainda em uma discussão sobre o campo da literatura, e sobre as obras literárias, mas fazendo agora uma ponte com uma definição mais ampla de cultura, recorreremos, uma vez mais, a Antonio Gramsci. Nos escritos de seus cadernos produzidos na cadeia que focam especialmente a produção literária, organizados no Brasil sob o título de *Literatura e vida nacional,* o autor traça algumas considerações que serão importantes para o desenvolvimento de nosso trabalho. Discutindo as produções de De Sanctis e de Croce, afirma que o momento histórico-social forma (ou dá lugar) a tipos variados de artistas, uma vez que nenhum momento histórico é homogêneo – logo podendo ser apreendido a partir de uma tipologia simplificadora. Compreender esta complexidade é, para o autor, uma função que extrapola a crítica política. Segundo Gramsci:

> "Dois artistas podem representar (expressar) o mesmo momento histórico-social, mas um pode ser artista e o outro simples borra-botas. Esgotar a questão limitando-se a descrever o que ambos representam ou expressam socialmente, isto é, resumindo, mais ou menos bem, as características de um determinado momento histórico-social, significa nem sequer aflorar o problema artístico. Esta descrição pode ser útil e necessária (aliás, ela o é certamente), mas num outro campo: o campo da crítica política, da crítica dos costumes, na luta para destruir e superar determinadas correntes de sentimentos e crenças, determinadas atitudes diante da vida e do mundo."[32]

Dizendo ser falho, insuficiente e ineficaz qualquer movimento no sentido de criar novos artistas e novas artes de forma artificial e deliberada, Gramsci acredita que apenas pela renovação da vida cultural se pode atingir a potencialidade de eclosão de novas artes:

---

31 Williams, Raymond. *Marxismo e literatura.* Rio de Janeiro: Zahar, 1979, pp. 11-12.

32 Gramsci, Antonio. *Literatura e vida nacional.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p.5.

> "Lutar por uma nova arte significaria lutar para criar novos artistas individuais, o que é absurdo, já que não se podem criar artificialmente os artistas. Deve-se falar de luta por uma nova cultura, isto é, por uma nova vida moral, que não pode deixar de ser intimamente ligada a uma nova intuição da vida, que chegue a se tornar um novo modo de sentir e de ver a realidade e, conseqüentemente, um mundo intimamente relacionado com os 'artistas possíveis' e com as 'obras de arte possíveis'."[33]

Deixa clara, assim, sua visão de que a produção artística está intimamente vinculada à vida cultural inserida no contexto histórico-social, não sendo, no entanto, de maneira alguma mecânica ou automática a correlação entre arte e contexto histórico-social.

Outro aspecto importante a ser destacado deste conjunto de ensaios de Gramsci diz respeito àquilo a que o autor chama de "arte educativa". Ao rebater as críticas daqueles que não creditam valor artístico a obras que apresentam um "conteúdo político", afirma que a solução para este problema analítico, ou da crítica literária, pode ser encontrada dentro da perspectiva do materialismo histórico:

> "A literatura não gera literatura, etc., isto é, as ideologias não geram ideologias, as superestruturas não geram superestruturas senão como herança de inércia e passividade: elas são geradas, não por 'partenogênese', mas pela intervenção do elemento 'masculino', a história, a atividade revolucionária que cria o 'novo homem', isto é, as novas relações sociais."[34]

Esse argumento nos foi válido por dois vieses, o primeiro por nos lembrar que a produção artística, embora ocupando seu lugar próprio, deve ser pensada como parte integrante de um contexto histórico-social amplo, muito embora isso não signifique uma relação de reflexo direto e mecânico; o segundo por indicar que as obras declaradamente orientadas por uma perspectiva política não devem ser desconsideradas como aquilo que são: obras de arte. Essa segunda assertiva vem ao encontro da primeira, uma vez que toda e qualquer obra de arte não pode ser considerada fora dos termos de sua produção histórico-social.

---

[33] Gramsci, Antonio. *Literatura e vida nacional.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p.8.

[34] *Idem, ibdem,,* p.10. Cabe ressaltar que esse tipo de definição, ou de elaboração do pensamento está marcada intimamente por uma perspectiva masculina que esbarra em uma visão um tanto quanto machista.

No estabelecimento de uma base conceitual a partir da qual cumprimos a construção do objeto formal de nossa pesquisa, trabalhamos com o conceito de classe trabalhadora, quer no entendimento dos dois autores escolhidos para este estudo naquela sua dimensão, não exclusiva, de intelectuais orgânicos desta classe, quer na tentativa de buscar representações de trabalhadores em suas obras. Para tal, privilegiamos a noção marxista de classe. Seguiremos, pois, a trilha de uma definição teórica consolidada pelo socialismo e, em especial, a interpretação da realidade que, a partir de 1840, com Marx e Engels, consolidou-se com o materialismo histórico.

A partir de então, muito tem sido acrescido à discussão sobre classe trabalhadora, seja no seio de uma tradição marxista, seja fora deste contexto. No campo das ciências sociais, e em especial no campo da História, essa discussão vem tomando mais corpo a partir da década de 60 deste século. Uma das maiores contribuições diz respeito ao alargamento da concepção de classes que estendeu seus limites para além de uma interpretação mecânica e estrutural do econômico, optando pela ênfase no processo e no entendimento de classes dinâmicas envolvidas no conflito social.

E. P. Thompson em seu *A formação da classe operária inglesa*, elaborou um estudo que se destaca pela ênfase na dimensão cultural da classe e pela riqueza de uma análise que reconstruiu importantes aspectos da vida comunitária dos trabalhadores "pré-industriais". Ao abordar a formação da classe por este ângulo particular, Thompson procurou articular, em um contexto histórico específico, os elementos culturais - no sentido de sistemas de valores, crenças, moral, atitudes - envolvidos no processo de construção de identidades e interesses da classe a partir de experiências comuns. Segundo o próprio Thompson, as preocupações constantes em sua obra com os silêncios da abordagem marxista do social o levaram a

> "reflexões de tipo cultural e moral, aos modos em que o ser humano está imbricado em relações especiais, determinadas, de produção, o modo em que estas experiências materiais se moldam em formas culturais, a maneira em que certos sistemas de valores são consoantes com certos modos de produção e certos modos de produção e relações de produção são inconcebíveis sem sistemas de valores consoantes. Um não depende do outro. Não existe uma ideologia moral pertencente a uma superestrutura, o que existe são duas coisas que constituem as faces da mesma moeda"[35].

---

35 Thompson, E. P. *Tradición, Revuelta y Consciencia de clase*, Barcelona, Crítica, 1979, p. 315.

Desta forma, pudemos considerar que a possibilidade de entendimento de classe deve, necessariamente, passar pelo reconhecimento desta a partir de "*pessoas e contextos reais*"[36] tornando-se, assim, necessário o abandono de qualquer busca idealizada de um "*exemplar puro de classe*"[37].

Com relação ao entendimento conceitual torna-se necessário não incorrer em duas possibilidades interpretativas que levariam a uma utilização falha das fontes. Em primeiro lugar, perspectivas de análise que busquem nos eventos escolhidos para a constituição do *corpus* fatos únicos imobilizados "*num dado momento* [para então] *dissecar sua estrutura*"[38]; e, em segundo, posicionamentos que pudessem entrever um modelo explicativo já fechado, anterior à pesquisa empírica, numa situação em que o contato com as fontes só viria no sentido de ilustrar ou corroborar as suposições anteriores à pesquisa. Buscaremos, assim, na contribuição de Thompson uma perspectiva que permite pensar a classe associada ao trabalho de forma processual, valorizando "*a dimensão da luta de classes e destacando o papel das tradições, costumes e valores culturalmente compartilhados*"[39].

No processo de desenvolvimento da investigação, para além dos textos de Ramos e Amado, foram buscados, em diversas instituições, elementos pertinentes de informações: periódicos do partido comunista (*A Classe Operária*, *Tribuna Popular* e *Imprensa Popular*); documentos do Partido Comunista; e documentos da Associação Brasileira De Escritores, encontrados na Biblioteca Central da UNESP, – São Paulo, capital, e nos próprios periódicos comunistas.

Quanto às fontes primárias que se mostraram mais significativas para o desenvolvimento investigativo das questões propostas, além das fontes bibliográficas do *corpus* literário, destacam-se aquelas que configuram as coleções de periódicos associados ao Partido.

---

36 Perrot, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p.10.

37 *Idem*, *ibidem*, p.10.

38 *Idem*, *ibidem*, p.10.

39 Mattos, Marcelo Badaró. Relatório de pesquisa do projeto "*Os sindicatos e a democracia.*" (setembro de 1998 - fevereiro de 1999).

Assim, nosso trabalho sobre as relações estabelecidas entre Jorge Amado e Graciliano Ramos com o PCB envolve um conjunto numeroso e variado de fontes. Inicialmente, quanto às fontes documentais sobre elementos biobibliográficos dos autores estudados e sobre o PCB e suas relações com o comunismo internacional, e não é demais reafirmar que são consideradas, criticamente, entendendo que nelas há contradições, lacunas, mesmo que nem sempre imediatamente identificáveis: tal perspectiva articula-se com a própria compreensão que temos sobre a complexidade da história e das sociedades e do imbricamento multifatorial de elementos associados às ações humanas nelas envolvidas.

Sobre as fontes literárias consideradas, em especial aquelas que se caracterizam como obras de ficção (romances, contos, novelas, etc), o tratamento dado envolveu uma outra ordem de questões: por sua natureza de representações imaginárias, não devem nem podem ser tomadas como 'espelhamento do real', nem devem ser postas no mesmo patamar dos enunciados proferidos como registros confessionais de situações de vida de pessoas concretas em uma conjuntura determinada, mas foram avaliadas como modelizações de ordem específica.

Nesse sentido, além de afirmar que a possibilidade de cruzamento de dados advindos dessas fontes respeitou sua diversidade, deve-se acrescentar que o estudo das trajetórias implicou na verificação das possíveis (in)compatibilidades entre o pensamento e ações dos escritores enquanto figuras públicas, especialmente no exercício de uma militância partidária, e as representações ficcionais que realizaram. Tal verificação teve, ainda, o interesse em colher, nas distintas fontes, aproximações/afastamentos dos dois escritores face às orientações do Partido no campo da política cultural.

Tal esforço envolveu, além da leitura de textos literários, outros documentos biográficos, como entrevistas concedidas por Graciliano Ramos e Jorge Amado (ou mesmo por militantes que com eles conviveram), todo um conjunto de documentação referente ao PCB e sobre suas relações com outros PCs, em especial com as orientações sobre produção cultural emanadas, no período considerado, da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

A partir das pesquisas realizadas, chegamos a uma estrutura de escrita que procurou dar forma às informações reunidas. Este trabalho, a partir das orientações teóricas acima explicitadas, divide-se em quatro capítulos que agrupam de forma temática os resultados a que chegamos.

Os cinco capítulos que formam o conjunto deste trabalho – para além desta introdução e da conclusão -, abrangem várias facetas de um mesmo problema: os limites e interpenetrações entre a produção intelectual e a militância política no Partido Comunista do Brasil, a partir do estudo de caso das obras de Graciliano Ramos e Jorge Amado.

Os capítulos de abertura e fechamento têm por objeto textos de Amado e Ramos que se articulam comparativamente, em sentido estrito, porque tratam, em cada capítulo, de uma mesma temática, sendo que, em ambas as situações, os temas estavam diretamente relacionados a projetos de grande interesse para o partido: no primeiro, estão representações de Prestes, construídas pelos dois escritores; no quarto, estão narrativas de viagens à URSS.

Assim, no primeiro capítulo, com título de "Prestes nas páginas de *A classe operária* e em *O cavaleiro da esperança*: *a construção de um herói*", estudamos as transformações nas orientações e ações do PCB, elegendo como fulcro para uma articulação diacrônica, as representações de Luís Carlos Prestes nas edições do jornal comunista, concentrando-nos, ainda, para além do largo material jornalístico de autoria variada, em três textos, diferentes em seus formatos e dimensões, escritos por Amado e Ramos: respectivamente, o livro de Amado, publicado em 1942, *O cavaleiro da esperança* e os artigos de Ramos e Amado, publicados ambos em 1949, no número comemorativo do qüinquagésimo primeiro aniversário natalício do, então, Secretário Geral do partido.

Com o título "Escritores, militantes – os anos 1930", o segundo capítulo analisa as primeiras obras literárias ficcionais dos autores. O exame da produção de cada autor foi feito em cotejo a outros documentos para que essa produção de narrativas fosse contextualizada. A caracterização de personagens (trabalhadores, incluindo os dedicados a atividades intelectuais, ligados a atividades de militância política; ligados à

oligarquia) e os discursos de críticas ao capitalismo e elogio ao socialismo são alguns dos temas abordados.

As fontes utilizadas para a realização deste painel foram os romances *O país do Carnaval*[40], *Cacau*[41], *Suor*[42], *Jubiabá*[43], *Mar Morto*[44] e *Capitães da areia*[45] de Jorge Amado; e *Caetés*[46], *São Bernardo*[47] e *Angústia*[48] e *Vidas secas*[49] de Graciliano Ramos.

O estudo das obras ficcionais dos autores tem continuidade no terceiro e no quarto capítulo, "Escritores e militantes – início dos anos 1940 até a democratização" e "Escritores militantes - a guerra fria", em que são analisadas as últimas obras literárias de Graciliano Ramos e as de Jorge Amado, anteriores a *Gabriela, cravo e canela*, obra considerada como marco paradigmático da mudança de orientação do projeto literário do autor após seu rompimento com o partido. O exame da produção de cada autor foi feito perseguindo um mesmo percurso apontado para o capítulo anterior.

No terceiro capítulo, investigamos o início de uma participação mais evidente dos autores no partido em um momento de profundas transformações no cenário político nacional durante a década de 1940 e que culmina, no ano de 1945 com a legalidade do PCB que passa a contar com um grande afluxo de intelectuais para suas fileiras, dentre os quais, Graciliano Ramos que se filia neste momento e Jorge Amado que torna explícita sua condição de membro filiado. Para a realização desta análise, nos servimos dos romances *Terras do Sem Fim*[50], *São Jorge dos Ilhéus*[51], *Seara Vermelha*[52] de Jorge Amado; e, em Graciliano Ramos, tomamos algumas referências a obras do período, como *Insônia*[53], *Linhas Tortas*[54], *Viventes das Alagoas*[55], *Alexandre e outros*

---

40 AMADO, Jorge. *O País do Carnaval; Cacau; Suor.* São Paulo: Martins, 1957.
41 *Idem ibdem*
42 *Idem ibdem*
43 AMADO, Jorge. *Jubiabá.* 28 ed. São Paulo: Martins, s.d.
44 ____. *Mar Morto.* 54 ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.
45 AMADO, Jorge. *Capitães da Areia.* Rio de Janeiro: 1991
46 RAMOS, Graciliano, *Caetés.* 7 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1965.
47 _____ . *São Bernardo*. 23 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974.
48 _____ . *Angústia.* 13 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1971.
49 _____ . *Vidas secas.* 69 ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.
50 AMADO, Jorge. *Terras do Sem Fim.* 30 ed. São Paulo: Martins, 1973.
51 ____. *São Jorge dos Ilhéus*. São Paulo: Martins, s.d.
52 ____. *Seara Vermelha.* 27 ed. São Paulo: Martins, 1972.
53 Ramos, Graciliano. *Insônia.* São Paulo: Editora Record, 1982
54 _____ . *Linhas tortas* .2 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1967
55 _____ . *Viventes das Alagoas: quadros e costumes do Nordeste.* 5 ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, Martins, 1975

heróis (Histórias de Alexandre, A Terra dos Meninos Pelados e Pequena História da República)[56]

No quarto capítulo, investigamos as obras produzidas por nossos autores em no contexto da guerra fria, que no plano internacional evidenciou uma ferrenha disputa entre URSS e EUA e, no plano nacional, resultou em intensa perseguição a comunistas e pessoas próximas a um pensamento de esquerda. Para a realização desta análise, nos servimos principalmente dos textos *O Amor do Soldado*[57], *Os Subterrâneos da Liberdade* (3v: v. 1: *Os Ásperos Tempos*; v. 2: *Agonia da Noite*; v. 3: *A Luz no Túnel*)[58], de Jorge Amado, e *Memórias do Cárcere*[59], de Graciliano Ramos, entre outras várias fontes.

No quinto e último capítulo, "*Viagens* ao *Mundo da paz*: relatos sobre o socialismo na URSS", é feito o estudo das narrativas de viagem à URSS deixadas por cada um dos autores (e que foram publicados como textos confessionais, de cunho autobiográfico) a partir de dois eixos temáticos, a saber, as representações da União Soviética e da figura de Stalin. As fontes utilizadas são os livros *O Mundo da Paz*[60], de Jorge Amado (sobre a primeira viagem feita a URSS por Amado, entre 1948 e 1949), e *Viagem*[61], de Graciliano Ramos (sobre a única viagem de Ramos, em abril de 1952).

Como é possível observar pelas notas acima, relacionadas ao plano de escrita dos resultados de nossa investigação, optamos por abrir e fechar a parte central do desenvolvimento de nosso trabalho com análises que apontam para dimensões da escrita de nossos autores diretamente ligadas a temáticas de interesse do partido, associadas, no capítulo inicial, a um destaque de representações centradas no alcance nacional da construção do PCB, e no capítulo final, a representações centradas na dimensão internacional de sua organização. Distinguem-se, porém, no fato de o primeiro capítulo apresentar um corte cronológico mais amplo, que atravessa todo o período estudado na tese, enquanto o último concentra-se na fase final desse período.

---

56 _____ . *Alexandre e outros heróis.* 12 ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, Martins, 1975

57 _____. *O Amor do Soldado.* 2 ed. São Paulo: Martins, 1958.

58 _____. *Os Subterrâneos da Liberdade- vol.1 Os Ásperos Tempos*. 28 ed. Rio de Janeiro: Record, 1976.,– vol.2 Agonia da Noite. 28 ed. Rio de Janeiro: Record, 1976. – vol.3 A luz no túnel. 28 ed. Rio de Janeiro: Record, 1976.

59 _____ . *Memórias do Cárcere.* 8ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, Martins, 1975.

60 Amado, Jorge. *O Mundo da Paz*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1953.

61 Ramos, Graciliano. *Viagem (Checoslováquia – U.R.S.S.)*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1954.

Capítulo 1

Prestes nas páginas de *A classe operária*[62] e em *O cavaleiro da esperança*: a construção de um herói

Neste capítulo, pretendemos discutir as transformações nas orientações e ações do PCB a partir do estudo de um caso específico: ao analisar o jornal comunista *A classe operária*, em suas edições das décadas de 1930, 1940 e 1950, procuramos perceber como foi construída a imagem de Luis Carlos Prestes.

Analisando a forma como o periódico se refere a Luis Carlos Prestes, percorrendo todo o caminho que levou à substituição gradativa dos epítetos a ele referentes, de "tenente pequeno burguês", passando por "cavaleiro da esperança", até chegar a "grande líder comunista", pretendemos ilustrar as transformações da linha editorial do órgão central do partido no país, tendo como preocupação principal traçar um panorama da vida do PCB nestas três décadas, sedimentando, assim, o terreno para a análise e compreensão das atuações e obras de Graciliano Ramos e Jorge Amado, objeto de nossa pesquisa nos capítulos subseqüentes.

Por que iniciar uma tese sobre relações e interpenetrações estabelecidas entre as atuações como militantes partidários e as produções artísticas de Graciliano Ramos e Jorge Amado por um capítulo de investigação sobre as transmutações sofridas pela imagem de Prestes nas folhas de *A classe operária*? Quando da realização da pesquisa no periódico em questão, ao verificar a existência, entre numerosos artigos de múltipla autoria, de dois textos assinados, cada um por um de nossos autores, no número 157, de 1º de janeiro de 1949, abriu-se para nós a perspectiva de explorar os diferentes caminhos, retóricos e temáticos, de que se utilizaram para saudarem o, então, Secretário Geral do Partido Comunista do Brasil. Reforçaram o interesse por este percurso, a verificação da importância, na qualidade de projeto de partido, da construção de Prestes como herói e líder nacional, aos moldes do que foi realizado na URSS com a figura de

---

[62] Neste capítulo, o nome do periódico *A classe operária*, por questões meramente estilísticas, também poderá aparecer na forma reduzida *A classe*.

Stalin, assim como o fato de Jorge Amado, em data antecedente (1942), ter dedicado obra de considerável extensão à biografia do *Cavaleiro da esperança.*

Optamos por esse percurso de pesquisa por objetivarmos a demonstração de alguns pontos que serão imprescindíveis para o desenvolvimento das análises das obras de Jorge e Graciliano, pontos como a compreensão da importância que teve para o Partido Comunista do Brasil a construção de um mito que servisse como imagem de herói catalisador de forças e entusiasmos coletivos (quer da militância, quer da sociedade em geral) e a compreensão da importância da observância, pelos militantes de base, das diretrizes apontadas pela direção do partido.[63]

Perceber a força das orientações estratégicas do Comitê Central no sentido de exaltação de Prestes nas páginas do principal jornal do partido nos ajuda a entender, por exemplo, o contexto em que o realismo socialista chega ao Brasil e de que forma ele repercutiu não apenas na produção literária, mas também na escrita dos jornais e revistas vinculados ao partido.

A edição de 1º de janeiro de 1949 de *A classe operária* é toda ela dedicada à comemoração do aniversário de 51anos de Luis Carlos Prestes. Logo na primeira página, Diógenes Arruda interroga o leitor: "*Como se explica essa força crescente da influência de Prestes? Por que as massas querem e respeitam tanto a Prestes?*"[64] Para logo em seguida responder: "*Porque sabem que Prestes não tem outros interesses a defender senão os interesses dos explorados e oprimidos e não tem outra vida senão a que ele entregou de corpo e alma à luta pela causa sagrada dos trabalhadores.*"[65]

Discordaremos de Arruda, e buscaremos uma outra resposta à pergunta retórica proposta pelo dirigente. Neste capítulo tentaremos demonstrar como a imagem de Prestes foi continuamente trabalhada pelo partido até atingir esse aspecto heróico aludido por Arruda.

Neste capítulo, tentaremos desvendar como Prestes atinge status de mito nacional a partir de um longo trabalho – bem sucedido – de culto à personalidade,

---

63 Prestes permanece no partido durante todo o período estudado e está presente nas páginas de *A classe operária* com freqüência cada vez maior. Essa freqüência crescente foi um dos motivos que nos impulsionaram a perceber a importância, para o partido, de construção de um herói exemplar.

64 *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.1.

65 *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.1.

encetado pela direção do Partido Comunista através de seus jornais, de suas revistas, de suas comemorações e de suas manifestações. É nossa preocupação, sobretudo, tentar perceber como este trabalho foi levado a cabo pelos diversos intelectuais e artistas do partido, tentando desvendar, inclusive, as orientações do partido para a área cultural.

Dos vários temas aglutinadores que poderiam ser utilizados para a promoção da discussão sobre as orientações do partido, acreditamos que a transformação da representação de Prestes, pela imprensa comunista, de representante da pequena burguesia a guia do proletariado permite mais claramente perceber o esforço contínuo do partido para adaptar-se às transformações conjunturais e às orientações do Cominform.[66]

A escolha de *A classe operária* não foi gratuita. Apresenta como vantagens para a pesquisa o fato de ser o jornal oficial do partido, voltado principalmente para seus militantes e não para o grande público, bem como por ter sido publicada quase ininterruptamente em todo o período analisado, o que nos permite, salvo em momentos bem específicos de perseguição, acompanhar semanalmente essas transformações e reelaborações da visão de mundo do partido.

Outra escolha que deve ser justificada neste primeiro momento é o porquê do levantamento de um panorama das atividades e principais orientações programáticas do PCB ter sido elaborado a partir das folhas de seu principal periódico. Muitas sínteses sobre a história do partido optam pela mescla de diferentes tipos de fontes, dentre os quais documentos internos e entrevistas de antigos militantes. Justificamos nossa escolha por não ser nosso interesse primordial a elaboração de um painel da história do PCB[67], mas sim buscar pistas que, situadas no plano geral da história do partido, nacional e internacionalmente, nos permitam perceber a importância das atividades intelectuais e as disputas processadas neste campo.

Pelas páginas de *A classe operária*, podemos perceber, a um só tempo, a importância da imprensa comunista, vista por aqueles que a produziam como

---

[66] Outro tema aglutinador dos esforços comunistas que também se apresenta, a partir do início da guerra fria, regularmente nas páginas de *A classe operária* é a campanha de "Defesa da paz" que, durante muito tempo, mobilizará os esforços comunistas. Realizaremos uma análise deste tema no quinto capítulo desta tese.

[67] Uma vez que já contamos com diversos estudos, sendo que de muitos deles nos servimos fartamente. Tais estudos, aos quais nos referiremos no decorrer deste trabalho, podem, de forma muito mais completa, explicar as transformações processadas no PCB ao longo de sua história.

importante instrumento de luta[68]; as formas como se processaram e foram explicadas as reorientações do partido na transformação continuada de sua linha editorial[69]; e, sobretudo, na importância dada aos artistas e literatos do partido em seu projeto de convencimento e atração de militantes. Além disso, a centralidade de uma fonte periódica na elaboração deste capítulo nos permite discutir a importância da imprensa e de outros mecanismos culturais do Partido Comunista do Brasil ao longo das três décadas pesquisadas.

Após realizar um histórico de como as influências de escritos e posições de Lênin sobre a imprensa operária foram solidificadas em um modelo diretivo controlado com mão de ferro pelo partido, Dênis de Moraes apresenta a deliberação do Comintern sobre a imprensa. Em 1920,

> "determinava-se que os órgãos dos PCs seriam dirigidos por 'comunistas de absoluta confiança, que tenham comprovado sua devoção pela causa da revolução do proletariado'. Os editores não podiam abusar da autonomia, nem levar adiante 'qualquer orientação que não concorde inteiramente com a própria orientação do partido'"[70]

Neste sentido, o PCB também assumiu como pressupostos básicos da imprensa partidária as funções de educar as massas, organizar os setores mais combativos e propagar a linha ideológica fazendo com que seus periódicos se coadunassem à idéia germinada por Lênin de servirem como *"meios de educação ideológica e de coesão interna, cabendo ao Comitê Central esboçar os planos de divulgação."*[71]

A classe operária começa a ser publicada em 1925, mas apenas três meses depois do lançamento é cassado o seu direito de publicação. Em 1º de maio de 1928 volta a circular, para ser novamente proibida em 1929, quando passa a ser publicada clandestinamente. Permanece na ilegalidade até 1945, quando, com a redemocratização,

---

68 Quer por membros da direção, quer por pessoas envolvidas em sua elaboração.

69 Com constantes transformações, por exemplo, no tipo de luta enfatizado – a de frente única ou a de embate radical de classes; nas personalidades exaltadas; nas personagens execradas; nas notícias recorrentes etc.

70 Moraes, Dênis. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p. 62.

71 *Idem ibdem*, p.63.

volta a ter sua existência garantida de forma legal. Mais uma vez, o período de legalidade é curto e, em 1947, é fechada e volta a circular de forma clandestina.[72]

Segundo Canelas Rubim, a imprensa comunista brasileira seguiu o modelo da concepção de imprensa traçada por Lênin, que pode ser sintetizada da seguinte forma:

> "O sistema leninista de imprensa proporia a existência de um órgão central e uma revista teórica, centros ideológicos do partido, diretamente vinculados ao Comitê Central; um ou vários jornais 'populares'/'de massas', buscando atingir os trabalhadores com certo nível de consciência e atuação, e, por fim, folhetos, agitação verbal e jornais legais de 'massas'. Resumida e ordenadamente, parece ser esta a concepção geral, muitas vezes não totalmente consciente, que orienta o Partido Comunista na construção de sua imprensa."[73]

A investigação através de *A classe operária* deste longo período da existência do Partido Comunista do Brasil, entre 1930 a 1953, mostrou-nos algo que Dulce Pandolfi já indicara em sua análise da memória e identidade do PCB: a tendência, apresentada pelo o partido, de equilibrar-se entre a busca da revolução proletária como fim e a estratégia de aliança de classes:

> "O PCB viveu ao longo de sua existência diversos paradoxos. Um dos mais significativos foi o fato de se auto-intitular um partido revolucionário – o partido da classe operária – e adotar uma política mais ampla, voltada para toda a sociedade. Em nome de uma determinada estratégia, o partido do proletariado fez alianças com vários segmentos sociais, inclusive com setores da própria burguesia. A despeito de sua quase permanente ilegalidade, o PCB, na tentativa de ocupar um espaço maior na sociedade, buscou se adaptar às regras do jogo político-partidário vigente no país. Em algumas conjunturas, defendeu a estabilidade do regime e evitou o confronto com o poder estabelecido."[74]

Nesse sentido, investigando as edições do periódico, podemos perceber, claramente, esse conflito se processando nas páginas de *A classe operária,* sobretudo, se

---

[72] Moraes, Dênis. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p. 63.

[73] Rubim, Antonio Albino Canelas. "Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil" in: MORAES, João Quartim de (org.). *História do Marxismo no Brasil.* Vol. 3 "Teorias. Interpretações". Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p.380.

[74] Pandolfi, Dulce. *Camaradas e companheiros – história e memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995, p.12.

direcionarmos nosso foco de observação para as mutações verificadas na representação de Luis Carlos Prestes. E é isso que faremos agora...

No ano de 1930 o Partido Comunista lança candidatura própria e defende o Bloco Operário Camponês, legenda eleitoral que já lançara em 1928.

A partir da experiência da derrota eleitoral e com o agravamento da crise econômica mundial, o jornal *A classe operária* inaugura uma nova coluna, "A vida do partido", que apresenta como proposta divulgar para a base as principais orientações da diretoria nacional e da Internacional Comunista. No dia 17 de abril de 1930, é publicada a primeira destas colunas, que traz o documento "Resolução da Internacional Comunista sobre a questão brasileira"[75]. Deste texto, merece destaque a leitura feita pelo jornal sobre o papel desempenhado por Luis Carlos Prestes e por sua Coluna:

> "A crise econômica no Brasil, criou, desta forma, as condições indispensáveis para um vasto movimento revolucionário das massas operárias e camponesas.
>
> De outro lado, no seio das classes que estão no poder aguça-se a luta que, em 1922-1926, assumira a forma de guerra civil aberta. Os interesses da burguesia industrial e dos grandes proprietários de terras não produtores de café, bem como uma parte da burguesia agrária dos Estados – dominados pelo capital financeiro yankee – entram cada vez mais em colisão violenta com os interesses dos grandes fazendeiros feudais (proprietários dos latifúndios de café) que governam o país, e dos banqueiros, industriais e grandes comerciantes, ligados à política de valorização do café. A luta entre essas duas partes das classes dirigentes cada vez mais se agrava, em conseqüência da crise econômica. (...)
>
> A Aliança Liberal, que se constituiu com a ala esquerda do partido republicano e com o partido democrático, conseguiu, graças à sua demagogia, colocar sob sua influência parte da pequena burguesia (Coluna Prestes). Após ter renunciado à luta vigorosa contra o imperialismo yankee, certos elementos influentes da Coluna Prestes, sustentam, agora, abertamente, a Aliança Liberal.
>
> Outra parte da pequena burguesia que tomou parte da insurreição de1924-1926 e que não seguiu a Prestes, aproxima-se cada vez mais do proletariado, em cujo seio se estabeleceu sob a influencia do P. C. do Brasil, convencendo-se de que seus interesses são igualmente hostis aos do partido republicano e da Aliança Liberal, e que são igualmente irreconciliáveis com os do imperialismo inglês e do imperialismo norte-americano. (...)
>
> Isso significa que o P. C. do Brasil deve, desde agora, preparar-se para a luta, a fim de poder encabeçar a insurreição revolucionária das grandes massas trabalhadoras, que tanto pode explodir por ocasião das eleições presidenciais, como

---

[75] *A classe operária,* 17-04-1930, p. 3.

> por ocasião de uma qualquer greve, como de uma qualquer sublevação local de operários agrícolas, de camponeses ou de desempregados.“[76]

Esse trecho da resolução da Internacional Comunista para o Brasil deve ser destacado por dois motivos que serão alvo de nossas discussões posteriores. O primeiro diz respeito à própria orientação ideológica do partido no início dos anos 30. A linha seguida pelo Partido – de “classe contra classe”, complementada pelo chamado “obreirismo” – e expressa nos textos de seu jornal indicam sua convicção na eminência de um movimento revolucionário deveria ser conduzido pelo PCB. Nesta leitura, fica marcada a escolha por uma postura de enfrentamento e confronto que claramente opta pelo distanciamento da política de alianças de classe, optando claramente pela via revolucionária.

A segunda observação a ser feita sobre esse trecho da “Resolução da Internacional Comunista sobre a questão brasileira” diz respeito à leitura feita pelo partido sobre Prestes neste período. É interessante notar que neste momento Prestes e sua Coluna são encarados pelos comunistas como parte da pequena burguesia que apóia os interesses do imperialismo americano e que representam apenas os interesses de uma fração da classe dominante interessada em tomar o poder de outra fração de classe já nele encastelada.

A discussão sobre as constantes reorientações do partido, tanto do ponto de vista das avaliações conjunturais quanto do ponto de vista das orientações ideológicas, torna-se parte da maneira de organização e sobrevivência do partido, ficando clara a necessidade de estratégias tais quais as autocríticas. A percepção deste mecanismo como indispensável para a construção da coerência da ação partidária evidencia-se na própria imprensa comunista. Anteriormente citamos um trecho em que é inaugurada uma nova coluna, “A vida do partido”, que tem por objetivo divulgar as orientações da internacional comunista e da direção do PCB para seus militantes[77]. No trecho de apresentação da coluna, um dos motivos apontados para salientar a importância deste novo canal de comunicação entre direção e base é a possibilidade de nele existir o espaço para a elaboração das autocríticas.

---

76 *A classe operária,* 17-04-1930, p. 3.

77 *A classe operária,* 17-04-1930, p. 3.

Vistas as necessidades constantes de reorientação ideológica ou estratégica, um interessante exemplo de como esses exercícios de reformulação se tornam essenciais é o caso do próprio Luis Carlos Prestes. Na edição de 03 de julho de 1930 de *A classe operária,* aparece a seguinte matéria: "O Partido Comunista e o manifesto de Luiz Carlos Prestes". Nesta matéria é feito o exercício de autocrítica no sentido de reabilitar, ainda que parcialmente, a figura de Prestes. Vamos a ela:

> "os dois documentos, que reproduzimos neste número, devem ser seriamente meditados por todos os trabalhadores. O 1º deles é um apelo do Partido Comunista lançado às massas algumas semanas antes do manifesto de Luiz Carlos Prestes, no qual se caracterizou com clareza a Coluna Prestes, passada como tal para o campo da Aliança Liberal como contra-revolucionária. No 2º deles o Partido analisa a significação do manifesto de Prestes, e marca com firmeza a posição do proletariado na situação política presente que se desenvolve em ritmo acelerado para a revolução. A comparação destes dois documentos com o manifesto de L. C. Prestes, na sua ordem cronológica, fará ressaltar com justeza da linha sustentada pelo Partido Comunista durante os últimos tempos."[78]

Segue-se, então, a reprodução de dois documentos emitidos pelo Partido, um anterior à divulgação do "Manifesto de Prestes" ao PCB, e uma reavaliação feita pelo Partido sobre a importância do militar, depois da divulgação do "Manifesto". O fato de o próprio jornal chamar a atenção para as diferentes avaliações feitas em momentos tão próximos parece indicar a necessidade de validar a figura de Prestes como representante da via revolucionária proletária. A publicação destes dois documentos procura também chamar a atenção para o ponto central das críticas elaboradas pelo partido: a aliança dos tenentes com a Aliança Liberal, apontada como lacaia dos interesses imperialistas norte americanos.

No documento anterior ao manifesto de Prestes, encontramos trechos em que a crítica assume tons bastante incisivos, como no seguinte:

> "A Coluna Prestes, que, em 24 e 26, lutou de armas na mão contra os governantes atuais do Brasil, permitiu à Aliança Liberal, com seu apoio e seu silêncio cúmplice, enganar ainda mais as massas, explorando as tradições revolucionárias da Coluna contra as massas e em proveito dos imperialistas yankees e dos grandes burgueses aliancistas.

---

78 *A classe operária*, 03-07-1930.

> Este fato não é fruto do acaso, mas é devido a que a Coluna Prestes jamais teve um verdadeiro e claro programa revolucionário, jamais soube ligar a sua luta à luta dos operários e camponeses pelas reivindicações vitais destes últimos, e ainda a que ela representa a pequena burguesia das cidades que oscila entre a burguesia e as massas, entre a revolução e a reação."[79]

Podemos perceber, portanto, que a coluna é acusada de servir aos planos de uma fração da casse dominante e aos interesses do imperialismo norte americano, de não compartilhar dos mesmos interesses do "povo brasileiro", nem de assumir um papel de liderança na ruptura com os mecanismos de exploração do povo, oscilando entre posturas antagonicamente revolucionárias e reacionárias. A acusação torna-se um pouco mais virulenta ao classificar tal indefinição como "vergonhosa".

A interpretação do partido sobre o que seria o erro de uma política aliancista feito pela Coluna não impede, contudo, que seja formulado, logo em seguida o seguinte apelo: *"nesta situação, cada revolucionário honesto que se encontra na Coluna Prestes deve definir-se e decidir entre dois caminhos a seguir: ou um pronunciamento militar; ou a revolução de massas"*[80].

Mesmo destinando a, dentro de um referencial comunista, nada elogiosa alcunha de "pequeno burguesa" à Coluna e identificando-a a elementos atrasados da sociedade, este texto reserva espaços para negociações entre comunistas e prestistas. A tática de clamar para que os verdadeiros revolucionários deixem o projeto aliancista e que se juntem forças ao Partido Comunista num projeto verdadeiramente revolucionário, parece deixar claro que poderiam existir no interior dos egressos da Coluna, setores que não eram compreendidos pelos comunistas como inimigos irreconciliáveis.

O texto seguinte, divulgado depois do manifesto de Prestes, parece tentar reforçar a idéia de que o Partido Comunista do Brasil estaria pronto a aceitar a incorporação dos elementos realmente revolucionários da Coluna Prestes em seus quadros. Para tanto, declara que o manifesto vem a corroborar as críticas que os próprios comunistas já haviam tecido à Coluna e deixar clara a necessidade de uma ação revolucionária que aproveite o contexto de crise mundial.

---

79 *A classe operária,* 03-07-1930, p. 1.

80 *A classe operária,* 03-07-1930, p. 4.

Para que a utilização de elementos antes identificados como contra-revolucionários se faça aceitável, duas estratégias argumentativas são utilizadas. A primeira estratégia tenta marcar e deixar bem clara a presença de dois grupos distintos e antagônicos dentro da Coluna, um revolucionário e outro reacionário. A segunda procura mostrar que a mudança de posicionamento do líder da Coluna Prestes deve ser entendida como a sua tomada de consciência de que o caminho apontado pelo PCB era o único possível na conjuntura. Nas palavras do documento divulgado pelo Comitê Central:

> "O manifesto é a expressão da diferenciação havida no seio da Coluna Prestes em virtude desta virada para a esquerda das próprias massas inclusive de certas camadas pequeno-burguesas. Parte dos chefes pequeno burgueses, mais ou menos corrompidos, cai na reação aberta, abandona seu chefe supremo, insulta-o ou despreza-o. Outra parte, revolucionária, compreende, finalmente, que SEM AS MASSAS, é impossível lutar-se atualmente, tenta romper com suas próprias ilusões liberais e procura aproximar-se das massas. Lança palavras de ordem desejadas pelas massas, perante as quais confessa que errou." [81]

O texto aponta que a agudização do conflito dentro da Coluna Prestes deve ser atribuída antes à radicalização da conjuntura nacional e à iminência da revolução do que a fatores internos à própria Coluna. Segundo essa perspectiva, para o PCB *"o Manifesto representa, apenas, a comprovação mais segura do aprofundamento da marcha para a esquerda, para a Revolução das vastas massas dos campos e das cidades."*[82]

No entanto, embora tenha se operado uma transformação na forma do Partido analisar a importância da Coluna Prestes e de seu líder neste segundo momento, posterior ao manifesto, os tenentes ainda não teriam sido amplamente aceitos como elementos verdadeiramente revolucionários. Essa percepção passa, necessariamente, pela concepção de estrutura de classe. Como pequeno-burgueses, os Tenentes não estariam aptos a conduzir o movimento revolucionário porque trairiam, fatalmente, os interesses dos trabalhadores:

> "Mas, apesar de sua nova posição, esses novos elementos revolucionários da Coluna Prestes não perderam sua natureza de pequenos burgueses.

---

81 *A classe operária,* 03-07-1930, p. 4.

82 *A classe operária,* 03-07-1930, p. 4.

> É como pequenos burgueses que eles querem dirigir a revolução, porque não salientam no Manifesto que a direção da revolução agrária e anti-imperialista TEM DE SER DO PROLETARIADO.(...)
>
> Na direção da luta revolucionária, a pequena burguesia, inconscientemente ou não, acabará por trair a revolução, (...)"[83]

Na edição de 19 de Julho de 1930, *A classe operária* continua a discussão sobre o manifesto de Prestes. Desta vez, apontando as reações da grande imprensa, que frisava o teor comunista de suas declarações, o periódico do partido apressa-se em explicar alguns pontos. São interessantes as afirmações que aparecem neste texto de esclarecimento:

> "Prestes está muito longe do comunismo. Não está ligado ao proletariado nem por suas lutas do passado, nem por sua origem social, nem por seu programa. Seu programa, não somente não vai além da revolução agrária, como ainda nada diz sobre a questão mais importante: como realizar esta revolução agrária.(...)
>
> Prestes não rompeu realmente nem com os diferentes grupos da Aliança, nem com os agentes do imperialismo infiltrados na Coluna. (...) O documento de Prestes demonstra não estar em condições de responder ao problema fundamental e decisivo da revolução agrária: **Quem dirigirá a massa operária e camponesa, quem organizará, quem realizará o programa da revolução agrária e quem será a vanguarda da revolução.**
>
> Sobre a base de toda a experiência mundial da luta revolucionária, nós outros dizemos: somente o proletariado é capaz de realizar esta tarefa, somente o Partido Comunista, como partido da vanguarda proletária, como representante da melhor parte da classe revolucionaria é capaz (...). As vacilações de Prestes não são acidentais: a pequena burguesia urbana que tem uma composição heterogênea, que está ligada por vários laços à burguesia reacionária nacional e que por conseguinte oscilará sempre durante a luta revolucionaria, pode, nas condições de agravamento da luta de classes, apesar de ter um programa mais radical, dirigir-se para um governo fascista, porém nunca para um governo operário camponês."[84]

Nesta matéria fica clara a intenção do periódico comunista em explicitar que as propostas divulgadas por Prestes em seu manifesto são bem vindas, são radicais e tem um grande potencial transformador, mas não devem ser encaradas como propostas comunistas. A distância marca-se, segundo a perspectiva "obreirista" dominante no PCB àquela época, pelo pertencimento do comandante da Coluna Invicta à pequena

---

83 *A classe operária,* 03-07-1930, p. 4.

84 *A classe operária,* 19-07-1930, p. 2.

burguesia e, principalmente, pela necessidade de afirmar o papel de direção que caberia ao proletariado na condução do movimento revolucionário.

O texto comentado acima, apesar de longo, é interessante por deixar claro que no início dos anos 30 a imagem de Prestes que aparecia representada nas páginas do periódico oficial do Partido Comunista em muito se distanciava da imagem de herói infalível que ocupará as páginas de *A classe operária* alguns anos depois. Para que se processasse esta transformação, para além de autocríticas pontuais, foram necessários esforços que mobilizaram, não apenas a Direção do partido, como também grandes nomes da militância comunista, pessoas ligadas às artes e às ciências sociais que irão contribuir para a transformação de Prestes em mito. Entre eles, encontramos os nomes de Graciliano Ramos e Jorge Amado.

Marcos Del Roio, analisando o impacto do stalinismo no Brasil, mostra que a tendência verificada nos anos de 1930, de estabelecimento de uma política baseada no embate direto de classes, que prevaleceu nos partidos comunistas da América Latina, estava baseada nas orientações da Internacional Comunista. Segundo o autor,

> "Em setembro de 1929, o SSA/IC ficou encarregado da difusão de uma 'Carta aberta aos partidos comunistas da América Latina sobre os perigos da direita'. Numa transposição da política definida no X Pleno da CEIC, entendia-se que, para garantir sua identidade e autonomia política, capacitando-se para dirigir as massas operárias e camponesas em processo de radicalização — segundo a leitura então predominante do conteúdo do 'terceiro período' —, a condição inicial era romper com os partidos socialistas reformistas e com os movimentos políticos pequeno-burgueses, já que estes seriam os congêneres sul-americanos do 'social-fascismo'. Por outro lado, dever-se-ia dar mais atenção ao conteúdo agrário do movimento, além de garantir que a direção do partido fosse formada por quadros egressos da luta social e de origem proletária"[85].

O resultado direto desta política foi, no Brasil, a reestruturação da direção partidária, afastando de seus quadros principais intelectuais como Otavio Brandão e Astrogildo Pereira. Além de expurgar militantes e dirigentes, acusados de apresentar "desvios à direita", o PCB procurou, a todo, custo adequar-se às diretrizes da Internacional Comunista, orientada ideologicamente pela corrente liderada por Stalin.

---

[85] Del Roio, Marcos. "O impacto da revolução russa e da internacional comunista no Brasil" *in:*Moraes, João Quartim de & Reis Filho, Daniel Aarão (orgs) *História do marxismo no Brasil – o impacto das revoluções* - vol.1. Campinas; SP: Editora da Unicamp, 2003, p.99.

Dentre esses esforços de adequação, cabe destacar, em momento seguinte na mesma conjuntura, a entrada de Luis Carlos Prestes no partido, via I.C. e URSS. Como vimos, em meio a essa reestruturação do partido, no entanto, Prestes foi duramente criticado nas páginas de *A classe operária.* O fim da resistência do partido em aceitar a filiação do ex-tenente é explicada por Del Roio da seguinte maneira:

> "O que Prestes não podia saber era das complexas peripécias políticas que, naqueles meses cruciais para a redefinição de sua visão de mundo, afetavam a URSS, a IC e também o PCB. Prestes acabou enredado num turbilhão que implicava a queda de quadros revolucionários nos partidos, nos sindicatos e nas diversas instâncias da IC e a imposição de uma outra linha que estivesse de acordo com a interpretação do 'terceiro período' vitoriosa no X Pleno da CEIC. Daí o amparo que Prestes recebia do SSA/IC enquanto tinha sua aproximação recusada pelo PCB, por sua vez sob cerrada crítica daquele"[86].

O ingresso de Prestes no PCB será urdido no exterior, e será processado em um momento de profundas transformações na orientação e configuração do partido. Em seu exílio no Uruguai, aproxima-se da Seção Sul Americana da Internacional Comunista, então sediada em Montevidéu e, de lá, consegue transferir-se para a URSS, em 1931. Só depois, às vésperas do levante de 1935, volta ao Brasil, já como membro do partido, tendo sido sua filiação garantida, e exigida, por Moscou.

No momento de sua filiação, Prestes ocupa, nas páginas de *A classe operária,* um papel secundário. E é assim que permanece nos anos imediatamente posteriores a ela. Sua presença no periódico aparece, a princípio, como redator ocasional de artigos que analisam fatos históricos ou conjunturais, como é o caso da matéria de uma página "O exército vermelho em 1934"[87], publicada em 01 de agosto de 1934.

A evidência de que, ainda em 1934, seu nome não estava reservado à exaltação e mitificação aparece na mesma edição que publicou seu texto sobre o exército soviético. Em matéria destinada a avaliar a importância da I Conferência Nacional do Partido, é feito o seguinte balanço:

---

86 Del Roio, Marcos. "O impacto da revolução russa e da internacional comunista no Brasil". *In:* Moraes, João Quartim de & Reis Filho, Daniel Aarão (orgs.) *História do marxismo no Brasil – o impacto das revoluções* - vol.1. Campinas; SP: Editora da Unicamp, 2003, p.103.

87 *A classe operária,* 01-08-1934, p. 3.

> "Há muito que o B.S.A. da Internacional Comunista vem realizando esforços para ajudar o P.C.B. a se libertar das ideologias anti-comunistas que vem entravando o partido – impedindo que ele se forme como um partido forte, ligado às massas.
>
> A ofensiva tem se realizado fundamentalmente: **contra o prestismo – teoria pequeno burguesa direitista – golpista – que deixa de ter fé no proletariado, força motriz da revolução operária e camponesa, para ter fé nos 'salvadores', nos 'cavaleiros da esperança'**; contra o trotskismo (...); contra o anarquismo (...), o reformismo e todas as demais 'ideologias que tem impedido que o partido se ligue às empresas e aos campos e participe, prepare e dirija as lutas operárias e camponesas."[88]

É interessante notar que, nesta publicação de agosto de 1934, o prestismo seja apontado como o primeiro dos desvios ideológicos que preocupam a direção do partido. Ao lado do trotskismo e do anarquismo, a figura de estes ainda não é encarada de maneira positivada pela direção, mas sim como algo que poderia emperrar o processo revolucionário. Ou seja, como um desvio.

Apenas em agosto de 1934 Prestes foi aceito oficialmente como integrante do PCB, embora já estivesse vivendo com sua família na URSS desde 1931. No final do ano de 1934 começa os preparativos para retornar ilegalmente ao Brasil, aonde chega a abril de 1935. Para perceber uma possível dissintonia entre o Bureau Central e o PCB, vale a pena notar o espaço concedido pelo jornal *A Classe Operária*, na edição de 12 de setembro de 1934, à filiação de Luis Carlos Prestes. Em um pequeno box de apenas 5 linhas de texto e 2 linhas de titulo, lê-se:

> "A Filiação De Luiz Carlos Prestes Ao PCB:
>
> Por absoluta falta de espaço, deixamos de publicar neste número o manifesto do C. C. do P.C.B. (A. da I.C.) sobre a filiação de Luiz Carlos Prestes ao Partido Comunista do Brasil."[89]

E o assunto não volta a ser mencionado em nenhuma das quatro páginas do número seguinte do jornal, publicado a 03 de outubro do mesmo ano.[90]

---

88 *A classe operária,* 01-08-1934, p. 3. (grifos nossos)

89 *A classe operária,* 12-09-1934, p. 4.

Em outubro de 1934, realizou-se a III Conferência Comunista para a América Latina, que consagrou uma virada na interpretação, até então majoritária, de "classe contra classe". A partir da Conferência, seguindo a virada análoga da Internacional Comunista, foi cunhada uma política de "frente única" contra o fascismo. Neste sentido, foi incentivada a aceitação das leituras que cada partido nacional fazia de sua própria realidade e conjuntura, bem como de suas possibilidades de luta. É neste contexto que

> "A delegação brasileira, liderada pelo secretário –geral Antônio Maciel Bonfim, reproduziu a análise feita na conferência nacional, de que no Brasil amadureciam rapidamente as condições para um movimento insurrecional generalizado das massas operárias e camponesas, numa flagrante distorção do processo histórico real. O relato dos brasileiros pareceu tão convincente e a disposição mostrada por Prestes de colocar-se à frente de um movimento insurrecional pareceu tão animadora que se tomou a decisão de transferir a sede do BSA/IC para o Rio de Janeiro"[91].

Segundo Del Roio, alguns fatores foram decisivos para explicar a supremacia, dentro do Brasil, do PCB na luta antifascista a partir de 1934, dentre elas, destaca:

> "A crise política que afetou o Partido Socialista Brasileiro (PSB) e a Liga Comunista Internacionalista (LCI), sua limitada difusão territorial, o crescimento do prestígio da URSS como principal força internacional antifascista, uma maior difusão do marxismo de extração staliniana, para além do movimento operário, atingindo a intelectualidade civil e militar, foram elementos importantes para explicar a supremacia do PCB no conjunto do antifascismo brasileiro, a partir do segundo semestre de 1934"[92].

---

[90] Embora as edições do periódico de números 169 e 170, publicados, respectivamente, nos dias 12-09 e 03-10 do ano de 1934, não tenham tido espaço para uma maior divulgação da filiação de Prestes, a edição de número 175, publicada em 16 de março de 1935, apresenta uma das quatro colunas de uma de suas seis páginas dedicada à publicação da seguinte matéria: "Avanço do Partido Comunista / Assistimos a uma verdadeira diferenciação e desagregação nas fileiras do Partido Socialista Brasileiro de São Paulo. / Um de seus dirigentes – Ladislau Camargo – ferroviário de grande prestigio, acaba de aderir ao Partido Comunista Brasileiro, publicando um brilhante manifesto que já foi largamente divulgado" *In: A classe operária,* 11-03-1935, p. 4.

[91] Del Roio, Marcos. "O impacto da revolução russa e da internacional comunista no Brasil" *in:*Moraes, João Quartim de & Reis Filho, Daniel Aarão (orgs). *História do marxismo no Brasil – o impacto das revoluções* - vol.1. Campinas; SP: Editora da Unicamp, 2003, p.108.

[92] *Idem, ibdem,* p.109.

A ANL e seus desdobramentos

Neste novo contexto, os comunistas brasileiros engajaram-se na frente anti-imperialista e antifascista articulada sob a sigla ANL – Aliança Nacional Libertadora – que

> "recebeu muitas simpatias e cresceu rapidamente em torno da luta contra o projeto de Lei de Segurança Nacional (que acabou sendo promulgada em maio de 1935). Seu programa, que articulava antifascismo e antiimperialismo em nome das liberdades populares e do progresso nacional, mostrou-se capaz de atrair uma nova geração de jovens militares ameaçados pela crise renitente nas forças armadas, cuja implicação seria a redução de efetivos e do soldo, além de uma propalada reforma que deveria 'despolitizar' a corporação".[93]

A partir do mês de março de 1935 quando, ainda no exílio, Prestes é anunciado como Presidente de honra da recém fundada Aliança Nacional Libertadora (ANL), a cobertura de *A classe operária* volta-se para ele. No informe sobre a realização da primeira reunião da ANL no Teatro João Caetano do Rio de Janeiro, no dia 30 de março, aparece o seguinte texto:

> "O Partido Comunista do Brasil (S. da I. C.) único partido revolucionário do proletariado já explicou amplamente porque apóia a ANL. (...)
>
> Com grande entusiasmo Luis Carlos Prestes foi proclamado Presidente de Honra da ANL. (...) Prestes é aclamado Presidente da ANL como um grande lutador anti-imperialista e anti-feudal, pela libertação do Brasil do jugo imperialista, pelas liberdades democráticas, contra a Lei Monstro e as leis de arrocho do governo de Getulio"[94]

Dois comentários devem ser feitos sobre o artigo publicado. O primeiro diz respeito à afirmação categórica de que o Partido Comunista do Brasil não faria parte da Aliança Nacional Libertadora, muito embora hipotecasse sua simpatia e apoio ao movimento. Essa declaração seria contradita pelos rumos dos acontecimentos, mas, no entanto, tal fato não merecerá uma autocrítica nas páginas do periódico.

---

[93] Del Roio, Marcos. "O impacto da revolução russa e da internacional comunista no Brasil" *in:*Moraes, João Quartim de & Reis Filho, Daniel Aarão (orgs). *História do marxismo no Brasil – o impacto das revoluções* - vol.1. Campinas; SP: Editora da Unicamp, 2003, p.110.

[94] *A classe operária,* 11-03-1935, p. 6.

O segundo, e mais importante para o desenvolvimento de nossa investigação, é a completa mudança no tom e na forma de se referir a Prestes. A partir de sua entrada – forçada ou não – para o partido, parece já ter ficado clara, para a direção, a necessidade de adequação à nova realidade internacional que abandonava a luta de classe contra classe para adotar uma política de frente ampla contra o nazismo, ao mesmo tempo em que aceitava a entrada de Prestes como homem enviado por Moscou.

Na edição de número 184, publicada no dia 20 de junho de 1935, aparece outro artigo de Prestes, desta vez analisando a conjuntura brasileira. Este artigo, intitulado "O que é o Governo Popular Nacional Revolucionário", ocupa toda a primeira página da publicação e grande parte da oitava. O artigo, supostamente enviado do exílio (Prestes estava no Brasil desde abril), termina da seguinte forma:

> "(...) é indispensável que o nosso Partido se torne cada vez mais um partido de classe do proletariado, não admitindo que elementos estranhos se infiltrem em suas fileiras, nem que tentem dissolvê-lo no Bloco Popular Revolucionário. É ainda indispensável que a disciplina revolucionária seja cada vez mais forte nas fileiras do Partido e que este se apresente como um bloco de aço indivisível capaz de representar os interesses de classe do proletariado e assegurar o seu papel dirigente na revolução. Barcelona, 21 de maio de 1935"[95]

É interessante reparar que Prestes, que antes da filiação ao PCB promovida por Moscou era considerado um desses elementos infiltrados no movimento revolucionário, passa a adotar o mesmo tipo de discurso que os outros redatores e articulistas do jornal *A classe operária.* Seus artigos parecem deixar clara a total sintonia entre o novo membro do partido com a linha adotada pelos dirigentes. Os tempos do manifesto de maio já foram ultrapassados e, embora ainda não tenha sido construída a idéia de um herói imbatível do proletariado, Prestes já não é mais considerado como uma voz dissonante.

Comparando as tentativas de rebelião/revolução ocorridas em El Salvador e no Brasil, na primeira metade da década de 1930, Michel Löwy, em sua coletânea *O marxismo na América Latina,* chega a conclusões que podem nos auxiliar na compreensão da tentativa insurrecional impetrada pela Aliança Nacional Libertadora, em 1935, no Brasil:

---

95 *A classe operária, 2*0-06-1935, p. 8.

> "A outra (e última) tentativa de insurreição com liderança comunista na América Latina foi a rebelião vermelha de 1935 no Brasil. Não obstante, o levante foi radicalmente diverso do de El Salvador, tanto em estilo como em substância. Em primeiro lugar, não foi realmente uma insurreição popular com base de massas, mas, essencialmente, uma rebelião militar fracassada. Em segundo lugar, o programa do movimento não era socialista, mas unicamente nacional-democrático. Em terceiro lugar, essa ação de 1935, ao contrário da de El Salvador, foi discutida, decidida, e, em parte, planejada pelo Comintern"[96].

A participação de Prestes no levante da ANL (que ficaria conhecido pelo nome de Intentona Comunista) e o início de um período de grande repressão aos comunistas coincidem com uma visível transformação no espaço, e no tom, dedicados a Prestes por *A classe operária*. A partir de 1936, podemos perceber que Luis Carlos Prestes já começa a ser investido de uma certa aura diferenciada nas edições do jornal. Nas avaliações presentes nas edições posteriores ao levante de novembro de 1935, os artigos procuram explicar para os leitores os motivos de seu fracasso. Em um deles, de fevereiro de 1936, aparece a seguinte avaliação:

> "O levante revolucionário no nordeste deu-se repentinamente e num momento em que a situação, noutras partes do país, não tinha ainda chegado ao ponto culminante de sua madureza revolucionária. Ele se deu num momento de preparação ainda insuficiente das forças revolucionárias para a luta decisiva. Mas seria completamente falso acusar os lutadores heróicos de Recife e de Natal, as massas populares revolucionárias e os soldados que levantaram a bandeira de Luiz Carlos Prestes, e passaram ao assalto do poder. Somente covardes, oportunistas e a vanguarda trotskista da contra-revolução poderiam fazer isso. (...)
>
> Foi assim, pela primeira vez no Brasil e na América do Sul, implantado um governo nacional revolucionário no Rio Grande do Norte, um governo com o programa de Luiz Carlos Prestes e da ANL. (...)
>
> Nesta luta milhares de soldados e muitos oficiais, uma grande parte do Exército nacional apresentaram-se como companheiros de luta de confiança do povo explorado. Novos quadros de chefes nacional-revolucionários revelaram-se com enorme coragem ao lado do chefe do movimento nacional-revolucionário, Luiz Carlos Prestes."[97]

---

96 Löwy, Michel (org.). *O marxismo na América Latina (uma antologia de 1909 até os dias atuais).* São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, , 1999, p.24.

97 *A classe operária,* fevereiro de -1936, p. 3.

Mas este tom exaltado que relaciona Prestes ao levante de Natal e Recife, associando seu nome a levantes promovidos pelas forças armadas, ou, mais ainda, transformando-o em sinônimo de bravura e coragem, não é nada se comparado ao tom da reportagem que aparece na página 8 da mesma edição de *A classe operária:*

> "bem acertados andaram os que chamaram Prestes de Cavaleiro da Esperança. Naquele tempo ele era ainda uma esperança, hoje é uma CERTEZA. A certeza que temos de vê-lo dentro em pouco entre nós a frente do Governo Popular Revolucionário, expressão e garantia das nossas lutas por pão, terra e liberdade!"[98]

Ao final do texto aparece uma nota que explica não ter sido ele produzido pela redação do jornal, mas tratar-se da reprodução de artigo publicado originalmente no jornal *A União de Ferro*, descrito pelos redatores como "órgão das forças armadas".

Essa transcrição serve como elemento de validação da figura de Prestes por duas vias: a primeira por deixar que outras bocas proclamem as qualidades de seu quadro e que voltem a lhe atribuir o epíteto pelo qual ficou nacionalmente conhecido na época da Coluna; a segunda por reafirmar que a massa do exército, comunista ou não, ainda identifica em Prestes seu comandante e guia.

Depois do fracasso do levante de novembro, a linha política do partido sofre sensível transformação: se antes todos aqueles que não fossem ligados ao partido ou todos aqueles que discordassem da linha adotada pelo Comitê Central eram acusados de serem contra-revolucionários, trotskistas ou mesmo prestistas, após a forte repressão instaurada pelo governo Vargas no pós-1935, percebemos nas matérias de *A classe operária* a divulgação de uma nova linha política, que conclama os militantes à formação de uma frente única de resistência. É bem verdade que desde a fundação da ANL já existia um discurso articulado no sentido de formação de uma grande frente, no entanto, não deixaram de figurar, nas páginas do periódico, comentários sobre a independência do partido, assim como algumas críticas veladas a outros componentes da Aliança.

A partir de 1936, no entanto, é visível o esforço empreendido pela linha editorial de *A classe operária* para defender a legitimidade do levante de novembro do ano

---

98 *A classe operária,* fevereiro de -1936, p. 8.

anterior e para conclamar a todos aqueles que se identificassem com uma postura de resistência ao governo Vargas.

> "Não há um só minuto a perder. E a nós comunistas, aos libertadores, a todos os que são conscientemente pela libertação do Brasil, cabe a tarefa grandiosa de trazer para o campo da salvação nacional, INDISTINTAMENTE, todos os que amam o Brasil, professem que ideologia professarem, tenham sido ou sejam perrepistas, peceistas, integralistas ou de qualquer outro partido e credo político, mas que estejam sinceramente contra os verdugos da Nação, contra os que a estão afogando na mais tenebrosa miséria e opressão, que a estão submergindo num mar de sangue, que já assassinaram ou estão preparando a morte de seus mais queridos filhos, e, em primeiro lugar, de Luiz Carlos Prestes."[99]

Em outra matéria, também publicada na primeira página da edição de abril do periódico, e intitulada "*A quadrilha odienta de Getulio e Sales prepara medidas extremas contra Prestes – mais vigor e energia na luta por sua libertação*", podemos constatar, claramente, o salto qualitativo que a figura de Prestes deu nas páginas do periódico, após sua prisão pela polícia varguista, em cinco de março de 1936. De "pequeno-burguês em 1930, passa a "grande chefe libertador", "nosso querido camarada", "o mais querido dos brasileiros" e a "nosso querido chefe", em 1936.[100]

Mais interessante ainda é observar a transmutação da percepção do significado dos levantes de 1922 e 1924 que é operada nas páginas do periódico no curto período de seis anos. Se em 1930 a Coluna era acusada de ser aliancista, de fazer o jogo dos interesses imperialistas norte-americano, de ser formada por uma maioria pequeno-burguesa desvinculada dos interesses do proletariado, em julho de 1936, é publicada a seguinte nota em *A classe operária*:

> "5 de julho
>
> A 5 de julho de 1922, o ribombar dos canhões do Forte de Copacabana despertava o Povo Brasileiro para uma longa e penosa jornada libertadora! (...)
>
> A 5 de julho de 1924, novamente, em São Paulo, levanta-se a bandeira já tinta de sangue dos bravos de Copacabana. Segue-se o *raid* incomparável da Coluna Prestes. O Brasil inteiro, vibrando de entusiasmo, acompanha a marcha da Coluna,

---

99 *A classe operária,* abril de -1936 (n°194), p. 1.

100 *A classe operária,* abril de -1936 (n°194), p. 1.

que em si encarna as ânsias de libertação de todo um Povo, explorado e oprimido por meia dúzia de banqueiros e empresas estrangeiras.

Prestes torna-se um herói nacional. Seu nome transforma-se num símbolo de bravura, de lealdade, de firmeza revolucionária. É o chefe incorruptível, admirado e querido por milhões de brasileiros que desejam seu país livre, próspero e feliz! (...)

Nós, comunistas, temos orgulho de ser os herdeiros de tantas tradições de bravura e heroísmo do Povo do Brasil."[101]

Pelo tom da nota percebemos que os levantes militares não só foram redimidos pelo Partido, em uma nova leitura daquele momento histórico, como ainda passaram a ser reivindicados como parte integrante da herança comunista. Parece claro que esta transformação na análise dos dois movimentos aqui tratados torna-se, por um lado, fácil de ser operada pela filiação de Prestes ao PCB, e por outro, necessária por conta do fracasso dos levantes de novembro de 1935.

Prestes torna-se a peça chave para se entender essa transformação de leitura: como símbolo maior do movimento tenentista, serve como trampolim para que o partido assuma essa herança, ao mesmo tempo em que se torna necessária uma campanha de sensibilização da opinião pública para sua libertação.

Em todos os números seguintes do periódico passam a ser publicados apelos pela libertação de Prestes e dos outros presos políticos, como, por exemplo o da edição de agosto de 1936: " *(...) É preciso prevenir toda a opinião pública de São Paulo! / A vida dos mais queridos brasileiros corre perigo! / Prestes, o indômito gigante libertador, está ameaçado de morte! / Berger e Ghioldi, titânicos lutadores anti-fascistas e anti-imperialistas, correm o risco de serem trucidados pelos cães de fila de Filinto Muller. (...)* "[102]

No período de maior e mais intensa perseguição, aos opositores do regime em geral e aos comunistas em específico, *A classe operária* passa a ser editada em São Paulo e no Rio concomitantemente. A série de prisões que desembocou no descobrimento das oficinas por parte da polícia altera visivelmente o funcionamento do

---

[101] "(...) Não podem dormir tranqüilos esses verdugos nem seus amos imperialistas, enquanto vivos estiverem, mesmo que sob os varões de ferro dos calabouços, Prestes, Miranda, Agildo Barata, Miguel Costa, Caio Prado e centenas de outros chefes libertadores e proletários". *In: A classe operária,* julho de -1936 (n°196), p.2.

[102] *A classe operária (SP),* agosto de -1936 (n°197), p.6.

periódico, bem como diminui sua circulação e sua qualidade técnica. Nas edições de outubro (n°201), novembro (n° 198, *sic*), 05 e 27 de dezembro (n° 205 e 206) do ano de 1936 aparecem reportagens, notas e artigos que discutem as prisões políticas e que pedem a mobilização dos leitores para que haja um processo de anistia. Sendo que no último destes, de 27 de dezembro é publicada a nota que informa a liberação de 24 presos políticos do levante de 35.

Na primeira página da edição carioca de *A classe operária* do dia 02 de fevereiro de 1937 aparece noticiada a morte de Maria Prestes, irmã de Luis Carlos. A novela sobre o nascimento do "filho de Prestes", sobre sua mulher, sobre a incomunicabilidade do "Cavaleiro da Esperança" desenrola-se nos números de *A classe operária* do Rio e de São Paulo do início do ano de 1937.

O julgamento de Prestes irá mobilizar não só a militância comunista como também a opinião pública, em um período de intensa repressão. Em torno do evento serão escritos artigos em outros órgãos da imprensa e o assunto parece ter atingido grande repercussão. Esse julgamento, posteriormente, seria recuperado por Jorge Amado para o final de sua trilogia *Os subterrâneos da liberdade*, como verificaremos posteriormente.

Até que, na edição carioca de 16 de março de 1937, é noticiado o julgamento de Prestes. É interessante atentar para o tom com que é construída a cena:

> "PRESTES DIANTE DO TRIBUNAL
>
> Cresce o clamor popular no Brasil e no estrangeiro em defesa da vida de Prestes.
>
> Sob a pressão desse clamor rompe-se o mutismo premeditado em torno desta figura de gigante revolucionário. A polícia vê-se forçada a dar uma satisfação ao povo, ao Exército, ao estrangeiro.
>
> Preparou então uma farsa: Prestes ia ser julgado por um Tribunal Militar por crime de deserção.
>
> Com a notícia de que o julgamento ia ser 'público' o povo compareceu em massa (...) mas foi barrado à subida do morro pelos canos das metralhadoras (...)
>
> No meio desse ambiente Prestes entra no recinto, calmo, enérgico.

> Silêncio. Expectativa geral. Os olhos espantados dos presentes cravam-se no 'Cavaleiro da Esperança'. É que não estava ali somente a figura grandiosa e legendária de um chefe. Nele estava representado o Exército Nacional que o respeita, nele estava o povo que o adora, o mundo democrático que o admira."[103]

Os números seguintes das edições paulistas e cariocas de *A classe operária* continuarão clamando pela liberdade de Prestes, divulgando cartas e apelos de figuras de relevo internacional, divulgando notícias sobre Olga e Anita e descrevendo Prestes como o verdadeiro herói nacional. Isso pode ser constatado, por exemplo, nas edições de junho ("O verdugo do povo alemão está assassinando a filhinha de Prestes")[104], e de agosto de 1937 ("A anistia deve abrir as portas dos cárceres aos presos políticos")[105] e, no ano seguinte, em janeiro ("Liberdade para Prestes e todos os demais presos políticos")[106], em fevereiro ("Vigilância popular em torno da vida de Prestes e de todos os bravos nacionais–libertadores presos. Os assassinos fascistas do Estado Novo tramam contra sua existência. Exijamos libertação e anistia!" e "Prestes foi espancado!")[107], em março ("É preciso arrancar dos cárceres os presos queridos do povo")[108], em julho ("Anistia a todos os democratas e anti-integralistas presos")[109], em outubro ("É preciso salvar a vida de Prestes")[110], etc.

A partir do início do Estado Novo fica cada vez mais difícil a impressão e distribuição do jornal *A classe operária*, que, por ser clandestino, é encarado como assunto estratégico para a direção do partido. Alguns números são impressos em mimeógrafos depois do estouro da tipografia e, em alguns meses, não há publicação. Além disso, na medida em que a guerra se aproxima, o jornal, quando publicado, vai reservando cada vez mais espaço para reportagens e notas internacionais, assim como para análises do Estado Novo, divulgando números econômicos e denunciando o autoritarismo. Mas, em todas as edições consultadas dos anos de 1937, 1938 e 1939, houve, ao menos, uma referência aos presos políticos em geral ou a Prestes, à sua prisão, à sua mulher ou à sua filha, em específico.

---

103 *A classe operária (RJ),* 16-03-1937 (n°211), p.1.
104 *A classe operária (RJ),* 06-1937 (n°206), p.2.
105 *A classe operária (RJ),* 08-1937 (n°207), p.1.
106 *A classe operária (SP),* 01-1938 (n°208), p.1.
107 *A classe operária (RJ),* 02-1938 (n°209), pp.1 e 4.
108 *A classe operária (SP),* 03-1938 (n°210), p.2.
109 *A classe operária (RJ),* 07-1938 (n°210), p.4.
110 *A classe operária (RJ),*26- 10-1939 (n°218), p.1.

Em primeiro de março de 1940 *A classe operária* publica, em primeira página, a seguinte matéria:

> "Arranquemos Prestes das garras da reação!
>
> Há quatro anos que o grande brasileiro Luiz Carlos Prestes vem sendo torturado nas masmorras de Getúlio pelos agentes do imperialismo em nosso país. Prestes há quatro anos vive encarcerado em uma jaula, completamente incomunicável, sem poder receber sequer notícias de sua família, nem escrever-lhe, sem livros nem jornais, mal alimentado, sem direito a tratamento médico, sujeito, enfim, a um regime inquisitorial a que só homens da sua extraordinária fibra moral seriam capazes de resistir.
>
> Prestes, o comandante da 'Coluna invicta', que levou aos mais remotos rincões do país a bandeira da Libertação Nacional, o revolucionário firme e coerente, que jamais atraiçoou os seus princípios, que jamais se deixou seduzir pelos pratos de lentilha com que outros se locupletavam, que até hoje não teve nem tem senão um só pensamento – a grandeza do Brasil e a libertação do seu povo "[111]
>
> .

A década de 1940 inaugura uma forte guinada no culto a Prestes promovido pelo PCB. Não que este culto já não viesse sendo construído desde meados da década de 1930, mas é através da campanha por sua libertação (que já vinha acontecendo desde 1936) que na década de 1940 a figura de Prestes assume a aura de herói no sentido mais próximo da mitologia grega, a do semideus dotado de qualidades ausentes nos simples mortais. Como pode ser percebido no parágrafo final da matéria anteriormente citada: "(...) *É preciso arrancar Prestes das garras da reação imperialista! É preciso lutar pela liberdade do grande filho do Brasil, do homem que pelo Brasil e seu povo há quatro anos vem suportando heroicamente – sem fraquejar um só instante – o mais indescritível e espantoso martírio.*"[112]

Nossa intenção ao analisarmos, a seguir, os textos de Graciliano Ramos e Jorge Amado dedicados a Prestes, depois de acompanharmos os textos de *A classe*, é mostrar que os esforços no sentido de fixação desta grandiosidade não foram esforços restritos aos escritores, mas que já vinham se desenvolvendo pelo menos desde o ano de 1936 na imprensa oficial do partido.

---

111 *A classe operária (Brasil),* 01-03-1940 (n°219), p.1.

112 *A classe operária (Brasil),* 01-03-1940 (n°219), p.4.

A legalidade: o partido, os intelectuais e a figura de Prestes

Gostaríamos de destacar deste acompanhamento que fizemos das edições de *A classe operária*, do início da década de 1930 até o início de seu período de legalidade, que enquanto o periódico funcionou de forma ilegal eram muito pouco freqüentes os artigos assinados, à exceção daqueles que levavam o nome de pessoas já notoriamente reconhecidas como membros do partido, que viviam no exílio ou na clandestinidade. A situação muda a partir de 1945, quando passam a fazer parte das páginas dos periódicos textos assinados por intelectuais vinculados ao partido como são os casos, por exemplo, de Jorge Amado e Graciliano Ramos.

Em 1945, quando conseguiu registro legal, o PCB apresentou um crescimento surpreendente se pensarmos em sua situação de quase desmonte pela repressão que se seguiu ao Levante de 1935, e aos muitos anos de vida clandestina. Nas eleições presidenciais do fim do ano, conseguiu 500 mil votos (10% dos votos válidos) para seu candidato, Iedo Fiúza. Nas eleições para a Constituinte conquistou 14 cadeiras de deputados e fez de Prestes o Senador de maior votação no país. Em 1946 o partido chegou a ter centenas de milhares de militantes filiados; *A Classe Operária* falava em 200 mil.[113]

Estamos aqui analisando o discurso da direção partidária, expresso no jornal que servia de seu porta-voz, mas sabemos que a rápida e significativa representatividade do PCB não decorreu só desse discurso, mas teve muito mais a ver com o trabalho efetivo dos militantes partidários nos mais diversos espaços de articulação de forças da classe trabalhadora brasileira. Como no caso do movimento sindical, em que os comunistas passaram a ter mais espaço para atuar em meio à redemocratização e onde, mesmo com posições contrárias da direção em um primeiro momento, foram responsáveis por liderar diversas greves importantes.[114] Ou no conjunto de movimentos sociais – de amigos de bairros, de trabalhadores rurais, de mulheres, entre muitos outros – em que a

---

113 *A classe operária*, Rio de Janeiro, 29-06-1946.

114 Abordamos esse processo em nossa dissertação de mestrado Barbosa, Júlia Monnerat. As greves no Rio de Janeiro (1945-1954),. Rio de janeiro: UERJ, 2004. (Dissertação de mestrado em história política).

militância partidária atuava, principalmente através da criação dos Comitês Democrático-Populares.[115]

De qualquer forma, o discurso d*A Classe Operária*, e sua exaltação do mito Prestes, possui seu peso na conjuntura, particularmente no que nos interessa mais de perto, ou seja, a relação do partido com os intelectuais. Por isso continuamos nosso acompanhamento do jornal.

A partir da legalidade do PCB, o periódico destinado a dar a conhecer as interpretações e decisões do partido, *A classe operária,* recebendo o subtítulo de *Órgão Central do Partido Comunista do Brasil,* deixa de ser uma publicação clandestina e passa ser publicado de forma legal. Por conta desta transformação no seu status formal, recomeça a contagem dos números e dos anos novamente. Assim, em março de 1946, no dia 9, é publicado o jornal de número 1, do ano I. Neste número, uma matéria fazia uma recapitulação dos principais momentos da publicação, apresentada como a verdadeira representante da classe operária.[116]

Para celebrar este número e, principalmente, essa nova fase, não poderia faltar um texto da estrela do partido. Na primeira página, os leitores são brindados com o texto "A nossa classe operária", de Luiz Carlos Prestes. Depois de explicar a importância do periódico como órgão organizativo da classe durante os anos de ilegalidade, Prestes conclui da seguinte maneira seu texto:

> "O Comitê Central assume novas responsabilidades ao reencetar a publicação de nosso órgão central, mas espera que todos os comunistas, bem como todos os amigos e simpatizantes do Partido, saibam ajudá-la e não poupem esforços para fazer de A CLASSE OPERÁRIA o jornal realmente nacional, capaz de dar em cada um de seus números a idéia mais aproximada possível do vigor, da força organizativa, do nível ideológico e político de todo o nosso Partido, uma idéia tão aproximada quanto possível de suas ligações com as grandes massas de trabalhadores, bem como do quadro aproximado das questões e problemas,

---

115 Sobre os comitês ver Pinheiro, Marcos César de Oliveira. *O PCB e os Comitês Populares Democráticos na Cidade do Rio de Janeiro (1945-1947).* Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. (dissertação de mestrado em História Comparada).

116 No breve trecho a seguir, podemos colher indícios para verificar como o partido recontou essa história:"ELEMENTOS PARA A HISTORIA DA CLASSE OPERARIA: vinte anos de luta de um jornal do proletariado num pais dependente – fechado pela polícia três meses depois de fundado – de 2.000 exemplares a 40.000 – mais de 20 títulos diferentes – altos e baixos – uma voz jamais silenciada – reflexos da vida do operariado e do seu partido – pela vida do operariado pode-se traçar um gráfico da democracia e da redação no país." In: *A classe operária,* 09/03/1946, p.1.

> nacionais ou internacionais, que preocupam os trabalhadores, ou mais de perto interessam ao povo de nossa terra e ao progresso do Brasil."[117]

Na página 3 do mesmo número do jornal, fica claro que a mudança do status legal da publicação não alteraria aquela que parecia ser uma das constantes da linha editorial seguida desde 1936: a do enaltecimento de Prestes. Esse tipo de estratégia é corroborado pela lembrança de suas tragédias pessoais, assim, como já acontecera no período de ilegalidade. Várias serão, também, as homenagens à memória de Olga Benário, que a partir de agora torna-se, oficialmente, Olga Benário Prestes[118]:

> "No dia 12 de fevereiro, foi comemorado o aniversário de nascimento da lutadora comunista Olga Benário Prestes, cuja vida está intimamente ligada ao Partido Comunista do Brasil, do qual era membro. Olga Benário Prestes, entregue pela polícia política de Filinto Müller à Gestapo, confinada num campo de concentração da Alemanha hitlerista, e depois barbaramente assassinada, revive na memória de todos os patriotas, de todos os que lutaram conseqüentemente para que o Brasil não fosse entregue ao nazi-fascismo. Neste seu primeiro número desta nova fase, A CLASSE OPERÁRIA rende homenagem à memória desta destemida lutadora comunista, cuja morte exige justa punição para seus algozes, os responsáveis principais pelo crime de que ela foi vitima: Filinto Müller e sua gestapo."[119]

Neste mesmo número inaugural, *A classe operária* conta também com um texto encomendado a Jorge Amado. Nele, o autor descreve a história do periódico como uma história de resistência e luta, e coloca o jornal no papel central de articulador do Partido, como órgão responsável pela coesão dos diversos núcleos regionais durante a ilegalidade. Mesmo sabendo ser desgastante a utilização de citações tão longas, acreditamos que o artigo "A classe era pão e luz", de Jorge Amado, seja emblemático para a discussão das relações estabelecidas entre literatos (e outros artista) e *A classe*

---

117 *A classe operária,* 09/03/1946, p.1. É interessante notar que os textos assinados por Prestes vem acompanhados por um desenho de seu rosto.

118 A adoção póstuma do nome do companheiro vem acompanhada pelo tom de reverência ao tratar da alemã que passa à categoria de mártir do comunismo no Brasil. Essa forma de abordar a vida e a morte de Olga aparece conjugada ao próprio engrandecimento da legenda Prestes, que parece ser o objetivo central do partido com essas matérias.

119 *A classe operária,* 09/03/1946, p.3.

operária, sobretudo, a partir do período inaugurado pela legalidade, em 1945[120]. Eis o parágrafo inicial do artigo, assinado por "Jorge Amado - Deputado Comunista":

> "Durante um tempo ela foi impressa na Bahia. A maior parte de seus números saiu de pequenas e escondidas oficinas no Rio de Janeiro. Houve números paulistas. No fundo do terror ela sobrevivia, marcava o caminho, indicava os rumos certos, criticava, discutia, educava. Esse pequeno jornal operário, tenaz e combativo, foi, durante um tempo, o único livre da censura dos Dips, livre do suborno, suas palavras verdadeiras, sua ideologia proletária dizendo do futuro, iluminando perspectivas"[121].

Parece-nos que Jorge Amado opta por recontar a história do periódico como se recontasse a história de um de seus heróis. Sublinhando as múltiplas dificuldades encontradas para a realização de seu propósito último – a contínua formação e informação da militância comunista – salienta e valoriza o papel desempenhado por *A classe operária* durante o governo Vargas, sobretudo durante o cerco repressivo agudizado com o Estado Novo. Saudando os novos leitores, aqueles que não conheceram a vida do partido durante seu ("bravo") período de ilegalidade e de ("incansáveis") trabalhos "subterrâneos", Amado mais uma vez repisa as dificuldades passadas e a bravura dos responsáveis pela publicação de *A classe*:

> "Sei que muitos lerão *a classe operária* pela primeira vez. Sabem dela vagamente, de ouvir falar, não tem perfeita idéia do papel que ela representou. (...) Nas cavernas, operários curvados sobre folhetos, curvados sobre problemas, doentes, fugidos e perseguidos não temiam nem desanimavam. Era o Partido Comunista, pequeno, injuriado e sozinho na sua luta. O medo ficava do outro lado, haviam riscado essa palavra do seu dicionário. Esses que ainda lutavam, os últimos a acender um facho de luz na noite cada vez mais envolvente, cada vez mais negra de terror, acreditavam no proletariado e no futuro."[122]

O jornal, que aparecia de forma quase que personalizada no primeiro parágrafo, aparece agora como o resultado de esforços coletivos de militantes (anônimos) que enfrentaram os mais variados contratempos para garantir sua publicação. *A classe*

---

120 *A classe operária,* 09/03/1946, p.3.
121 *A classe operária*, 09/03/1946, p.3.
122 *A classe operária*, 09/03/1946, p.3.

aparece então como representação mesma do partido, ilustrando as agruras enfrentadas pela militância durante os anos precedentes.

O parágrafo seguinte traz tema de suma importância para nossa discussão, a relação da *Classe* com os intelectuais:

> "Sua mensagem chegava, por vias difíceis a todos os setores. Chegava também aqueles intelectuais que amavam o povo e a liberdade, mas cujos corações estavam apertados pelo desânimo e pelo desespero. Chegava como um bálsamo, como a luz de um farol para o náufrago no último momento. Mensagem do proletariado, voz de esperança, rasgar de caminhos, perspectivas saídas para a aurora naquela noite de assassinos, de bandoleiros, de lama. Chegava conspirativamente, era encontrada num envelope de cor neutra, tratava-se de um trapo de papel, mal impresso ou mal mimeografado.
>
> *A classe operária* chegava até o descrente coração dos intelectuais para arrancar o pânico, para levantar a confiança, para impedir o desespero. Trazia a palavra ardente e bem pesada, do proletariado e do seu partido, a consigna que era como uma chave para a porta antes intransponível da reação.(...)"[123]

Para Amado, um dos (importantes) papéis desempenhados pelo jornal seria o de servir de ponte entre os intelectuais e a classe operária. Sendo ele mesmo um intelectual, parece, no entanto, referir-se a um grupo de pessoas distantes de sua própria realidade. Amado refere-se aqui, nos parece, aos intelectuais simpatizantes da esquerda, aqueles não vinculados organicamente ao partido.

No entender do baiano, ao conjunto dos intelectuais que não participaram ativamente da vida partidária durante os anos de repressão mais dura, *A classe* servia como ponte de ligação entre as diretrizes do partido – que seria o verdadeiro intérprete das vontades da classe operária e, portanto, seu condutor – e uma intelectualidade assustada e oprimida.

Na continuação do mesmo parágrafo e no seguinte, Jorge Amado alude às dificuldades encontradas durantes aqueles anos para que se ler o periódico, dificuldades estas que só servem para engrandecer seu valor:

---

[123] *A classe operária*, 09/03/1946, p.3.

> "(...) Chegava por mais que crescessem as dificuldades e cada número parecia ser o último, pensava-se que seria impossível no mês seguinte voltar a encontrá-la novamente. As oficinas caiam nas garras da polícia, os redatores – estranhos redatores de jornal que tinham as mãos calosas de operários – eram torturados e processados, mas *A classe operária* renascia a cada mês, não conhecia solução de continuidade como se aquele grupo de homens houvesse conquistado o poder sobre-humano dos milagres. Era um milagre do partido, um milagre feito com sangue e sacrifício, e *A classe operária* atravessou os anos ensinando e educando.(...)
>
> Os intelectuais compreendiam então que sobre o terror, sobre a noite e sobre o crime estava, construindo o futuro, o proletariado que não se entregava nem se vendia. Era como um pão para famintos, como um porto para um navio desarvorado, como o primeiro dia de convalescença para o desenganado."[124]

Nesta passagem, uma tendência constatada em vários outros escritos do partido, vemos a transformação da entidade não como um conjunto organizado de homens, mas como algo sobre-humano. Por mais paradoxal que possa parecer o recurso a metáforas religiosas por um partido usualmente relacionado ao ateísmo, essa tendência não é rara. Ao referir-se a um milagre, coloca na militância um quê de mistério que justifica a força e a durabilidade do PCB, mística esta que transforma todos e cada um dos militantes em seres extraordinários.

Para concluirmos essa longa citação do artigo de Amado sobre *A classe operária* destacamos as passagens em que alude o período de circulação legalizada e, a nova face do partido:

> "Quando ela volta a surgir, agora graficamente bem feita, intelectualmente poderosa, refletindo o partido novo que cresceu do pequeno Partido de ontem, bela como uma noiva alegre, nós a devemos recordar também nos dias de subterrâneos, nos seus dias perseguidos. Porque *A classe operária* ajudou a construir a realidade de hoje, foi alavanca para a ascensão do Partido através de sua justa linha política. Quando saudamos os grandes construtores do partido de agora, os homens saídos do proletariado e do povo para a organização que hoje possuímos, quando saudamos esses jovens heróis da batalha do Partido, coloquemos ao seu lado esse pequeno jornal que iluminou muito caminho e alimentou tanta esperança. (...)
>
> A *Classe* volta a circular. É como uma velha camarada que retorna depois de anos de cadeia ou de hospital. E volta com outra experiência, com outra capacidade, com outra força. Porque agora não é mais o órgão daquele agressivo

---

124 *A classe operária*, 09/03/1946, p.3.

> Partido ilegal. Agora é o órgão do Partido sobre todos unitário, do Partido do proletariado e do povo, do Partido de Prestes!"[125]

Deste final podemos auferir a readequação operada na linha de orientação do partido, que deixa de optar por uma resistência classista e isolada e passa a buscar uma política mais ampla de penetração social. Jorge Amado consegue se desvencilhar habilmente da necessidade de explicar essas transformações, fazendo do partido, com seu trabalho subterrâneo, o gestor da liberdade. Neste processo, fica amplamente clara a vontade de reordenar sua imagem pública, deixando de ser um "Agressivo partido ilegal" e tornando-se o "partido de Prestes".

No segundo número da fase legal de *A classe operária*, aparece outro texto assinado pelo "Deputado comunista" Jorge Amado, intitulado "Escritores, artistas e o Partido". Nele, Amado discute a relação do PCB com seus novos filiados, os intelectuais e artistas que passam a integrar as fileiras comunistas[126].

Podemos, a propósito, assinalar que, no início deste texto, Pedro Pomar aparece definido como gênio, o que já é um indício, se não do culto à personalidade, mas do elogio rasgado aos membros do Comitê Central do Partido. O artigo é escrito de forma bastante didática: primeiro apresenta o problema – a relação entre o partido comunista e seus novos membros da intelectualidade – e depois se propõe a fornecer um guia que permita a esses intelectuais perceberem aquilo que o partido espera deles. Serve ainda para mostrar à militância aquilo que o partido atribui como tarefa a seus novos membros. bem como para tentar desconstruir o mito de que os artistas vinculados ao Partido teriam que perder sua liberdade criativa.

Esse artigo, parcialmente abaixo reproduzido, é crucial por tratar de tema central para nossa compreensão do entendimento que o Partido faz do papel de intelectuais

---

125 *A classe operária,* 09/03/1946, p.3.

126 O início do artigo já mostra a preocupação com a relação entre os novos militantes intelectuais e o PCB, através da utilização de referência a Pedro Pomar: "É evidente que a legalidade do partido, com a conseqüente vinda para suas fileiras de uma apreciável quantidade de escritores, artistas e sábios – alguns de grande projeção na vida cultural do país – cria uns quantos problemas sobre os quais o debate – fraternal e democrático – como é habito no Partido – só pode ser útil. Útil porque dará ao criador de cultura o caminho melhor para um maior rendimento a serviço da causa do proletariado e do povo, através a atuação no sua vanguarda esclarecida [sic.] e porque dará ao Partido a melhor maneira de utilizar esses elementos com tantas características particulares. Pedro Pomar, com aquela precisão e sobriedade que são marcas do seu profundo conhecimento dos problemas do povo já citou, em magnífica conferência em São Paulo, a posição do Partido perante os escritores, artistas e sábios. Não se faz necessário repetir aqui as suas palavras definitivas" *In: A classe operária*, 16-03-1946 (ano 1 – n°2), p.7..

recém filiados. Parece-nos que, neste texto, Jorge Amado, como homem do partido e como literato, tem como tarefa deixar claro para os novos filiados–artistas, escritores, críticos etc. – o que partido espera de seus intelectuais.

> "Se o Partido Comunista é o Partido dos trabalhadores, dos que criam as condições de vida e que sofrem a miséria e a fome, ele é também, e naturalmente, o Partido dos melhores escritores e artistas, dos verdadeiros cientistas, de todos aqueles criadores de cultura que, por imposição mesmo da sua profissão, compreendem que o futuro do mundo está nas mãos do proletariado.
>
> O que vale apenas colocar para a discussão é a maneira (direi orgânica) como deve o Partido trabalhar com seus militantes escritores e artistas. E qual deve ser a compreensão do militante escritor ou artista da disciplina e do trabalho partidários."[127]

O artigo inicia-se com o elogio aos novos militantes, caracterizados como a fina flor da vida intelectual brasileira. Essa estratégia parece ser utilizada no sentido de demarcar dois campos: o campo dos intelectuais pertencentes ao partido, caracterizados como os mais lúcidos, sensíveis e responsáveis, e o campo daqueles que não fazem parte do partido, caracterizados como pequenos, mesquinhos, falsários ou equivocados..

A distinção dos campos aparece apoiada na base científica do marxismo, uma vez que, para Jorge Amado, filiar-se ao partido nada mais representaria do que reconhecer a marcha da humanidade, que fatalmente levaria à revolução. Logo, esse reconhecimento seria o sinal de inteligência mais apurada dos cientistas e artistas do PCB.

Amado continua, traçando os procedimentos necessários para uma boa adequação entre comprometimento militante e fazer artístico:

> "O primeiro problema em geral colocado é o da liberdade, mas esse é um falso problema, criado pela reação para espantar das fileiras combativas do partido os homens de cultura. Não coloca o partido nenhuma restrição à liberdade de criação dos seus escritores e artistas. Ao contrário, no contato mais direto com a massa, possibilitado pela vida partidária, armado com a formidável arma do

---

127 *A classe operária*, 16-03-1946 (ano 1 – n°2), p.7.

> materialismo dialético, o escritor e o artista ampliam de muito os limites de criação dos seus escritores e artistas. "[128]

Ao colocar que a militância partidária não ofereceria nenhum empecilho à liberdade criativa de seus artistas, e ao acusar "a reação" de propagar tais acusações infundadas, Jorge Amado procura esclarecer um ponto que já aparecia no debate intelectual da época, o tema do tolhimento ou cerceamento dos artistas pelo partido. Neste momento parece ficar mais óbvio o motivo de ter sido escolhido um escritor de projeção nacional, e antigo militante, para a escrita deste artigo.

Depois de defender que, ao contrário de tolher, a participação no PCB apenas poderia aumentar as possibilidades criativas de seus artistas (a partir do contato com a classe operária, e a partir do conhecimento dos princípios do materialismo histórico), passa, a seguir, a definir limites e exigências que o partido impõe a seus militantes – artistas ou não:

> "É claro que um pintor pode ser facilmente confundido, por um homem pouco afeito ao trato com as coisas artísticas, com um cartazista e um poeta ou romancista, com um articulista de jornal. É claro também, - e de outra maneira não pensa o Partido – que a maior tarefa a ser cumprida pelos escritores e artistas como militantes é a continuação de seu trabalho como escritores e artistas e o constante enriquecimento do conteúdo desse trabalho e da forma como em que são vazados. (...)
>
> Por outro lado é necessário que o escritor ou o artista compreenda que essas condições orgânicas não representam uma porta de fuga para uma ativa participação na vida do Partido (...) a criação artística não pode separar o escritor ou o pintor de uma intima convivência com o Partido. Se isso acontecesse à obra desse escritor ou desse artista não adquiriria a condição de comunista que deve ser a marca de tudo que realizam os comunistas, escritores ou artistas. (...) O respeito do Partido às condições específicas do trabalho do escritor ou do artista deve ser compensado por estes por uma permanente vida partidária na célula e nos amplos movimentos de massa.
>
> O escritor e o artista devem ser em todos os momentos o escritor ou o artista. Mas sem se esquecerem de que, antes de tudo, são comunistas e não se pode compreender um comunista fora do partido.
>
> Uma compreensão sectária do problema do quadro escritor ou artista poderia levar a exageros que afastariam do Partido figuras de grande importância. Porém, da mesma maneira, um liberalismo falso em relação ao problema só iria fazer com que, apoiados no partido, se criassem obras de arte que, em vez de servirem ao

---

128 *A classe operária*, 16-03-1946 (ano 1 – n°2), p.7.

> proletariado e ao povo, fossem instrumentos da reação. Um falso liberalismo iria desservir aos escritores e artistas, pois não os ajudaria a melhorar e a superar as suas obras, iria conceber o estranho fenômeno de comunistas, escritores e artistas, cujas criações nada teriam que ver com o povo e o proletariado."[129]

Parece que a intenção do autor foi ressaltar que, enquanto produtor cultural, o artista teria total liberdade de criação. Se temas ligados à exploração capitalista ou à construção do socialismo aparecessem em suas obras poderiam ser creditados apenas ao aprofundamento de sua visão sobre o sistema capitalista resultante de um maior contato com o proletariado e do contato coma teoria do materialismo histórico.

Por outro lado, deveria ele submeter-se às exigências feitas a todos os militantes comunistas, a saber, participar intensamente da vida partidária, desempenhando as tarefas designadas pela direção e estando intima e organicamente envolvido na vida do partido, a partir do trabalho de base.

É interessante assinalar, ademais, que neste momento ainda não temos uma defesa clara e desmascarada do realismo socialista.[130] No plano discursivo, ao menos, a liberdade de criação ainda era defendida. E por último, mas não menos importante, está o aviso para que os artistas se adéqüem à vida partidária. Esse aviso, que vem logo após a defesa de uma flexibilidade para com os horários e formas de trabalho deste tipo específico de militante, mostrando que antes de artistas, esses homens devem apresentar-se como militantes do Partido Comunista e, como tal, submeter-se à disciplina partidária. Mas mais do que isso, neste aviso também está contido o prenúncio daquilo que estava por vir: as obras destes militantes deveriam se coadunar com a visão do partido, deveriam refletir a classe operária e servir a ela.

É curioso notar como se processa a mudança na leitura que o partido faz de sua própria história e como a reconta de acordo com as novas conjunturas[131]. Como viemos observando, a figura de Prestes está sofrendo uma reelaboração, responsável por retirá-lo do grupo de pequenos burgueses voluntaristas para transformá-lo no grande líder comunista. Até então, esta reelaboração vinha se processando com uma explicação

---

129 *A classe operária*, 16-03-1946 (ano 1 – n°2), p.7.

130 Mais adiante, discutiremos as orientações gerais do realismo socialista, apresentando suas principais características, o contexto de sua criação e sua aplicação no Brasil..

131 Esse assunto pode ser bem compreendido a partir de livro de Dulce Pandolfi, *Camaradas e companheiros – memória e historia do PCB,* que investiga o processo de construção de identidade do PCB.

tímida no início desta guinada e, depois, com a reafirmação constante do nome de Prestes como grande líder. Só que no terceiro número dessa nova seriação do jornal *A classe operária*, datado de 23–03–1946, pela primeira vez, a história é verdadeiramente reescrita.

Desde o primeiro número depois da legalidade, o periódico conta com uma coluna de quadrinhos que rememora os principais fatos e eventos da história do jornal. Na coluna do dia 23 de Março de 1946, o primeiro quadro da tirinha apresenta um desenho do rosto de Prestes e a seguinte inscrição: "*em 1934, Prestes ingressa no Partido. A classe noticia o fato com destaque. Em 35 A classe lidera a campanha a favor da ALN. É também o jornal que encabeça a luta contra o integralismo.*"[132].

Como vimos anteriormente, não foi exatamente desta forma que foram noticiados os dois eventos. No caso da ALN, pode-se observar a transição de uma defesa tímida até uma defesa veemente da Aliança. Quanto à filiação de Prestes, vimos como ela foi praticamente ignorada pelo jornal.

Logo na primeira página do quarto número, datado de 30de março de 1946, vem em destaque uma matéria sobre a comemoração dos 25 anos do PCB. Na descrição da festa, que contava com a novidade de o partido encontrar-se na legalidade, ganha destaque, como figura central dos festejos, Luis Carlos Prestes:

> "As palavras de seus dirigentes, em especial as do camarada Prestes, palavras de um homem que tem sobre seus ombros a responsabilidade da confiança que nele depositam o operariado politicamente consciente e grande parte do nosso povo, não deixaram dúvida sobre a gravidade do perigo que paira sobre o país com a permanência em nosso território de forças armadas norte-americanas. Palavras de um marxista, de um verdadeiro político de novo tipo, que faz política de acordo com a realidade e não baseado em abstrações, (...)"[133]

A partir da legalização do Partido e, conseqüentemente, de seu órgão de difusão, *A classe operária* passa a contar com uma coluna chamada "Você leu?". Nos números anteriores a coluna apresentava pequenos trechos de obras consagradas do marxismo

---

132 *A classe operária,* 23-03-1946 (ano I – n°3), p.11.

133 *A classe operária,* 30-03-1946 (ano I – n°4), p.1

(de textos de Marx, Engels e Lênin) na edição de 30 de março, porém, a coluna assume ares de uma coluna de perguntas e respostas. Transcrevemos algumas de suas partes:

> "Um jovem trabalhador perguntou, por exemplo, porque o Partido Comunista do Brasil usava a foice e o martelo que figuram na bandeira da União Soviética. Perguntou se os comunistas brasileiros tem alguma coisa com a Rússia.
>
> Prestes explicou que a foice e o martelo são o emblema dos trabalhadores de todo o mundo e significam a aliança dos operários com os camponeses. Os comunistas brasileiros, pertencendo à vanguarda de nosso proletariado, decerto estão ligados aos trabalhadores soviéticos e aos de todo o mundo por indissolúveis laços de solidariedade de classe.(...)
>
> Prestes lembra que o intercâmbio de experiências entre diversos países nada tem de original. Cita o exemplo do nosso próprio país, que mandou buscar na França uma Missão Militar para instruir o Exército e uma Missão Naval na América do Norte para instruir a Marinha.
>
> Porque só ao proletariado não é permitido o intercâmbio com a classe trabalhadora dos outros países? Além disso – argumenta Prestes – a palavra de ordem de Marx, 'Proletários de todos os países, uni-vos', ainda continua de pé. (Da sabatina do camarada Prestes com os operários de Volta Redonda)"[134]

Desta forma, nesse texto, Prestes é apresentado como um oráculo que tem as respostas para as mais diversas perguntas da massa. Ao publicar esta coluna, o jornal garante, a um só tempo, dois benefícios para o Partido: reafirma a supremacia de Prestes como líder comunista e fornece à sua base as respostas de uma das perguntas mais utilizadas para atacar o partido.

Ainda na edição de número 4 da nova fase de do jornal, é publicado um discurso de Prestes na Constituinte. A transcrição deste discurso contra a permanência das tropas americanas em solo nacional ocupa 7 páginas e meia do jornal. Normalmente publicada em 12 páginas, no dia 30/03, *A classe operária* saiu em edição de 16 páginas.

---

134 *A classe operária,* 30-03-1946 (ano I – n°4), p.3

De volta à clandestinidade

Na edição datada do Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1948, na quinta página, aparece uma extensa reportagem sobre a perseguição aos jornais comunistas em todo o território nacional, elencando os periódicos que sofreram com a perseguição policial:

> "Citemos os principais jornais que tem sido vitima da fúria nazista do antigo ministro do Estado Novo, Sr. Dutra: / *O momento*, da Bahia, empastelado já sob o governo do Sr. Mangabeira. / *Tribuna popular*, teve edições apreendidas pelo então ministro da justiça Costa Neto, logo no começo do governo 'americano' do Sr. Dutra. / Esse mesmo jornal foi posteriormente suspenso por 15 dias por aquele ministro, que precisou apoiar-se na Lei de Segurança Fascista do Estado Novo, embora vigorasse a Constituição de 18 de setembro. / *Tribuna popular* foi assaltada pela polícia do Sr. Dutra, a 21 de outubro de 1947, quando teve suas oficinas quase totalmente arrasadas pelos bandidos do Sr. Lima Câmara. / *Jornal do povo*, de Aracaju, suspenso pela polícia sergipana. / *Jornal do povo*, de Maceió, suspenso e seus redatores perseguidos pelo governo do Sr. Gois Monteiro. / *Hoje*, de São Paulo, assaltado pelos bandidos da polícia de Ademar de Barros, títere de Dutra no grande estado bandeirante. / *A hora* empastelada pela polícia de Ademar-Dutra. / O esporte, de São Paulo, empastelada pela polícia de Ademar-Dutra. / *Tribuna popular*, foi novamente assaltada pela polícia de bandidos do Sr. Dutra e novamente suspensa pelo ministro do arroz, Sr. Adroaldo Mesquita da Costa. / *Imprensa popular*, do Distrito Federal, teve sua edição de 8 de janeiro de 1948 apreendida e foi suspensa por outra portaria estado-novista do ministro do arroz. / DEFENDAMOS A LIBERDADE DE IMPRENSA". [135]

Além de denunciar as perseguições aos jornais, a páginas de *A classe operária* continuam a dar destaque às manifestações em torno da figura de Prestes. No número de 15 de fevereiro de1948, na página de número 6, ganha destaque uma matéria que funciona como anúncio da edição, publicada pela editora Vitória, do depoimento de Luis Carlos Prestes em seu julgamento durante o Estado Novo. :

> "O depoimento de Prestes – Contribuição do grande líder brasileiro para o inquérito sobre os atos delituosos da ditadura, em uma edição da 'Vitória'.
>
> Acabou de ser posto a venda, em edição popular da Editora Vitória, num formato simples, modesto, mas elegante, o depoimento de Luis Carlos

[135] "Defendamos a nossa imprensa": *In: A classe operária,* 27-01-1948 (ano III – n°109), p.5.

> Prestes perante a comissão de inquérito sobre os atos delituosos da Ditadura."[136]

Ainda no mesmo mês, na primeira página do jornal de 21 de fevereiro de 1948, há uma chamada em destaque com a manchete: "*Porque foi suspensa a Tribuna popular – O governo quer silêncio sobre os seus crimes contra o povo*". Antes, na sexta página, encontra-se extenso texto de Astrogildo Pereira, "Sobre o livro de Prestes", que rememora o primeiro encontro de ambos, a "conversão" de Prestes para o marxismo, e que exalta a acuidade da análise que Prestes faz da realidade brasileira.

Na edição de 27 de março de 1948 de *A classe operária* a matéria principal da primeira página, "26 anos de luta pela libertação nacional", faz um balanço da história do PCB. É um exercício interessante tentar decifrar como o partido elabora sua memória depois de transcorrido seu primeiro quarto de século.

Este artigo acompanha a formação do partido desde os momentos anteriores a sua fundação oficial, destacando a importância da Primeira Guerra mundial, da Revolução Russa, as greves de 1919, como fatores que contribuíram para a construção da consciência de classe dos trabalhadores brasileiros, que, finalmente, entre os dias 25 e 27 de março de 1922, realizaram o Congresso que lançou os fundamentos e fundou o "Partido do proletariado revolucionário do Brasil – o Partido Comunista"[137]

De acordo com a história apresentada no artigo, o partido só teria experienciado quatro meses de funcionamento legal já que depois de decretado o estado de sítio, em julho de 1922, entraria em um período de clandestinidade que se estenderia até 1945. Neste período, o momento mais crítico teria ocorrido na esteira dos acontecimentos de 1935:

> "Tendo de enfrentar, especialmente a partir de 1935, os períodos mais difíceis e tormentosos de sua existência. Nessa luta desigual que, então, travou contra o fascismo, contra o regime político dos latifundiários e contra a dominação imperialista – na qual tombaram centenas de militantes e outros tiveram de passar longos anos encarcerados – o Partido não sucumbiu."[138]

---

136 *A classe operária,* 15-02-1948 (ano III – n°112), p.6.
137 *A classe operária,* 27-03-1948 (ano III – n°117), p.1.
138 *A classe operária,* 27-03-1948 (ano III – n°117), p.1.

Esse período é descrito com tendo sido bastante significativo para o partido, que teria conseguido superar toda e qualquer adversidade, resistindo e organizando-se, mesmo na ilegalidade. Esse trajeto de 23 anos seria responsável pela formação de "*dirigentes e quadros realmente a altura de conduzir a luta de nosso povo contra o latifúndio e o imperialismo, dirigentes como Prestes - o mais querido e o mais firme condutor de massas de toda a nossa historia*"[139]. Neste retrospecto, portanto, o passado é relido como um período de provações que teriam contribuído não só para a solidificação da força do partido como também pelo aparecimento do grande condutor das massas, Luis Carlos Prestes.

Assim, quando finalmente pode viver novo período de legalidade, em maio de 1945,

> "após 23 anos de dura ilegalidade – já era o Partido Comunista um grande partido de massas, porque cercado do carinho e do entusiasmo de milhares de homens e mulheres, e do apoio da classe operária. Esse caráter de partido de massas, partido não só da classe operária, mas das grandes camadas trabalhadoras e oprimidas de nosso povo, só fez se acentuar nos poucos anos de vida legal que levou o PCB após a derrota militar do nazi-fascismo."[140]

Assim, nesse balanço, o passado é avaliado brevemente para justificar a força do partido no presente. De todos esses 26 anos de existência, o único dirigente que tem seu nome apontado no artigo é Prestes, deixando evidente que no panteão dos heróis comunistas, figura como estrela máxima e inquestionável. Ao menos nos termos do discurso oficial.

No número 132 de *A classe operária*, publicado em 10 de julho de 1948, encontramos o texto comemorativo "Os dois 05 de Julho". Nele são exaltados os movimentos militares que eclodiram nos anos de 1922 e 1924. O interessante desta matéria é verificar como os movimentos que na década de 30 eram condenados pelo Partido, já se encontram totalmente reabilitados no plano discursivo do jornal oficial. Os movimentos aparecem descritos como "*dois dos mais heróicos movimentos*

---

139 *A classe operária,* 27-03-1948 (ano III – n°117), p.1.

140 *A classe operária,* 27-03-1948 (ano III – n°117), p.1.

internacionais pela liberdade e democracia, contra a ditadura e opressão, contra os governos impopulares que representavam unicamente restritos grupos econômicos nacionais e os interesses imperialistas estrangeiros."[141]

Sendo que, dos dois "05 de julho", é o segundo que merece maior destaque, uma vez que nele "*seu herói é Luis Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*". Depois da exaltação das glórias da Coluna, do elogio às táticas e estratégias militares empregadas por Prestes, o texto faz um balanço para mostrar que passados, respectivamente, 26 e 24 anos da eclosão destes movimentos, as condições de vida no Brasil não teriam mudado e que a luta ainda se-fazia necessária.

Sob a legenda "Resistência", em letras garrafais, a primeira edição do ano de 1948 de *A classe operária,* traz uma montagem fotográfica com duas multidões que aparentemente assistem a um comício. No centro, entre essas duas fotos, aparece um retrato do rosto de Prestes, dando a entender que aquelas multidões estavam reunidas para vê-lo. Embaixo, aparece a legenda: "*Prestes é o maior dirigente e organizador de massas, em toda história política nacional – as massas unidas, ao lado de Prestes, deterão a marcha da ditadura (ler noticiário das festas de seu cinqüentenário na terceira página)*"[142]

A seguir, logo abaixo, vem a matéria de Mauricio Grabois "Prestes, o dirigente político". Este texto é todo construído em forma de exaltação e, para que se tenha uma justa idéia do tom adotado por Grabois para descrever Prestes, retiramos um pequeno trecho de cada um dos quatro primeiros parágrafos do texto: "*o nome de Prestes está ligado indissoluvelmente à história política brasileira, nestas duas últimas décadas*"; "*Sua personalidade marcante tornou-o o líder, o dirigente mais firme e popular da época mais revolucionária de nosso povo*"; "*é um político que olha sempre para frente, para o futuro, baseando-se na realidade nacional, confiando e se apoiando sempre no povo*"; e, por fim, "*hoje, Prestes é o maior dirigente popular, dirigente proletário, dirigente comunista, o maior patriota entre os que se destacam na vida política brasileira*".

---

141 *A classe operária,* 10-07-1948 (ano III – n°132), p.8.

142 *A classe operária,* 07-01-1948 (ano II – n°107), p.1.

É interessante que Grabois se interesse por marcar uma diferença entre dois momentos distintos na trajetória revolucionária de Prestes. Num primeiro, este aparece como pequeno burguês e num segundo como líder proletário.[143] Essa distinção é interessante, uma vez que harmoniza a postura inicial do partido sobre Prestes à posterior exaltação de seu nome, conferindo credibilidade às criticas anteriores e apontando que a mudança de Prestes representou uma evolução de seu caráter revolucionário (e patriótico).

Desta forma, harmonizados esses dois momentos da biografia de Prestes, Mauricio Grabois, como representante do partido, e sem necessidade de realizar uma autocrítica, pode fazer declarações como a seguinte: "*Em qualquer desses dois períodos de sua vida de revolucionário, Prestes tem sido um homem que faz história, colocando-se sempre ao lado do povo, das aspirações e necessidades das forças mais progressistas em nossa Pátria*"[144].

Essas qualidades inatas e as experiências extremas a que foi submetido, teriam transformado Prestes no maior

> "quadro bolchevique de nosso Partido – isto é, o comandante para todas as situações, o construtor do Partido, o organizador e educador infatigável da classe operária e das massas populares. O homem que conhece a fundo os problemas, de espírito crítico sempre alerta e vigilante e que não se afasta um milímetro da ideologia proletária, nas soluções que apresenta ao partido e às massas. O homem do Partido, que pensa e vive em função do Partido."[145]

Grabois conclui de forma apoteótica seu texto, mostrando que em todos os sentidos Prestes apresenta-se como exemplo a ser seguido: como estudioso do marxismo, como dirigente, como revolucionário, como homem ligado ao proletariado e suas expectativas e necessidades, como comunista, como homem do Partido, enfim,

---

143 "Seu caráter, sua inteligência, seu patriotismo, determinaram essa trajetória admirável do revolucionário pequeno-burguês de 1924, que se transformou em uma das mais conhecidas e notáveis figuras do movimento proletário internacional." In: *A classe operária,* 07-01-1948 (ano II – n°107), p.1.

144 *A classe operária*, 07-01-1948, p.1.

145 *A classe operária,* 07-01-1948 (ano II – n°107), p.1.

todos os aspectos exaltados no artigo são rememorados para mostrar a justeza de suas ações, sempre calcadas em uma visão esclarecida e fundamentada das conjunturas.[146]

Todo este texto parece ter sido construído com o objetivo secundário, para além de confeccionar essa elegia a Prestes, de indicar à militância comunista qual deveria ser a tônica para as manifestações neste período em que cresce a repressão governamental:

> "Todos os comunistas, seguindo o seu exemplo, devem nesta hora se aproximar, mais do que nunca, das massas, levantando as reivindicações econômicas mais sentidas dos trabalhadores. Porque toda essa ofensiva de Dutra e do grupo fascista contra a democracia, procura esconder uma política de esfomeamento do povo, de rebaixamento de salários, de aumento do custo de vida, de liquidação dos direitos operários, satisfazendo assim aos intuitos dos trustes e monopólios de Wall Street para recolonizar a nossa pátria."[147]

Assim, por esse parágrafo de fechamento, fica claro que estava definitivamente acabada a lua-de-mel dos comunistas com a legalidade, passada para trás a política de apertar os cintos, jogada fora a tática da frente democrática. O momento agora é de denúncia das arbitrariedades do governo e da liderança, é o momento das reivindicações por aumentos salariais, reajustes, reposição de perdas e garantia das conquistas anteriores. Estava declarada a guerra. Bastava seguir o comandante.

Aniversários

Em seu aniversário de 50 anos, Prestes ganha como presente de *A classe operária* uma matéria de comemorativa, onde são descritos os festejos no Rio de Janeiro e são recontados os principais momentos de sua vida. Ocupando metade da terceira página da edição de 7 de janeiro de 1948 do periódico, percebe-se na matéria "As massas populares brasileiras firmes e unidas ao lado de Prestes - o povo da Capital

---

146 "Prestes é o mestre e o exemplo para todos nós. Ele nos ensina a ser fieis a causa do povo, a ter coragem para enfrentar os nossos inimigos, a nos ligar com as massas e dirigi-las na luta pelas suas reivindicações." In: In: *A classe operária,* 07-01-1948 (ano II – n°107), p.2.

147 *A classe operária,* 07-01-1948 (ano II – n°107), p.2.

da República homenageia o seu Senador", a clara intenção de protestar contra a cassação do mandato e a perseguição aos comunistas.

Na abertura da matéria, é reforçada a idéia de que Prestes foi o Senador mais votado nas eleições de 45 e que a cassação de seu mandato representaria o aviltamento dos princípios democráticos:

> "As comemorações do cinqüentenário de Prestes no Distrito Federal contaram com o mais entusiástico apoio do povo que o fez o senador mais votado da capital da República. Os milhares de eleitores de Prestes demonstraram, assim, que cada vez mais se encontram firmes e unidos ao lado de seu senador, seguindo-o em sua luta contra os traidores que, para entregar o país à colonização do imperialismo ianque, sentem necessidade de esmagar a democracia e implantar uma ditadura terrorista pior que a do Estado Novo."[148]

Com Prestes já na clandestinidade e o PCB na ilegalidade, as comemorações em torno de seu aniversário são um manifesto contra a perseguição política aos comunistas. Para a organização destas comemorações foi escolhida uma comissão de notáveis formada por "intelectuais, figuras políticas, líderes estudantis, femininos e operários"[149]. Dentre os membros da "Comissão de Patriotas" responsáveis pelos festejos, figuram os nomes de Graciliano Ramos e de Jorge Amado[150].

Tão vultosa comissão parece ter sido formada apenas para dar legitimidade ao evento e para ser anunciada nos jornais, colocando, assim, na pauta das discussões o nome de Prestes associado a nomes importantes da cena intelectual brasileira. Quando seguimos com a leitura da reportagem, percebemos que as comemorações resumiram-se a uma série de conferências sobre Prestes: o Capitão Trifino Correa falou de sua experiência com Prestes no tempo da Coluna Invicta, a escritora Lia Correia Dutra falou, para uma platéia formada majoritariamente por mulheres, sobre as figuras femininas importantes na vida de Prestes (sobre sua mãe, Leocárdia Prestes, e sobre sua

---

148 *A classe operária,* 07-01-1948 (ano II – n°107), p.3.

149 *A classe operária,* 07-01-1948 (ano II – n°107), p.3.

150 Formavam a comissão "Trinfino Correa, Aristides Correia Leal, Graciliano Ramos, Luiz Frederico Carpenter, Francisco Gomes, Roberto Sisson, Jorge Amado, Pedro Motta Lima, Antonio Rolemberg, Joaquim Barroso, Mario Lago, Raimundo Araujo e as sras. Branca Fialho, Lia Correa Dutra, Zumalá Bonoso, Clara Motta Lima e Leonor Bonoso." *In*: *A classe operária,* 07-01-1948 (ano II – n°107), p.3.

companheira, Olga Benário); e o Deputado Mauricio Grabois falou sobre a vida de Prestes, apresentando sua trajetória política.

Além destas três conferências, a matéria ressalta que aconteceram "festas populares" comemorativas do aniversário de Prestes. São indicadas no texto apenas as seguintes festas: "A festa dos Luiz Carlos", com pessoas que receberam esse nome em homenagem "ao Cavaleiro da Esperança", da qual teriam participado "várias dezenas de pessoas"; uma festa de réveillon na Casa do Estudante e um churrasco, no dia 4 de janeiro. Além disso, "*Em muitos lares de famílias cariocas foi festejado o cinqüentenário. Nuns com mais brilhantismo, noutros mais modestamente, mas em todos com o maior entusiasmo, homens, mulheres e crianças reuniram-se para festejar o aniversário de Prestes.*"[151]

Pelo visto, a situação política não permitia comemorações muito efusivas e a função de tão numerosa comissão não parece justificar-se a menos que seja para indicar, para a opinião pública, os nomes de pessoas com visibilidade nacional que apoiavam Prestes. Essa forma de campanha parece ser umas das poucas possíveis em um período de perseguição política acirrada contra os comunistas. E contrastava fortemente com os festejos do anos anterior, quando diversos eventos simultâneos foram organizados em praças e vias do Rio de Janeiro, contando com a participação de cantoras do rádio e escolas de samba, em shows e desfiles especialmente programados para saldar o aniversário do Cavaleiro da Esperança.[152]

Para demonstrar essa estratégia de associar o aniversário a uma forma de solidariedade, é interessante que se faça a transcrição de uma nota informativa presente na terceira página da edição de janeiro de 1948 de *A classe operária*:

> "o povo brasileiro, em todo o território nacional, comemorou com entusiasmo o cinqüentenário de Luiz Carlos Prestes, dando aos seus inimigos, que são os inimigos do próprio povo e da democracia, uma demonstração irrespondível de seu apoio e solidariedade à luta patriótica à qual o querido dirigente do Partido Comunista tem dedicado toda a sua vida heróica. (...)
>
> Esta solidariedade do povo a seu líder constitui mais um motivo de confiança para todos os patriotas, que verificam, assim, na prática, que milhões de

---

151 *A classe operária,* 07-01-1948 (ano II – n°107), p.3.

152 Guimarães, Valéria Lima. *O PCB cai no samba. Os comunistas e a cultura popular (1945-1950)*. Rio de Janeiro, APERJ, 2009, pp. 151 e ss.

brasileiros vão formando, dia a dia, ao lado de Prestes e seguindo o seu exemplo, dispõem-se a lutar contra a ditadura terrorista que está se instaurando no país a serviço do imperialismo ianque e dos exploradores de nosso povo."[153]

Um número especial para Prestes – Amado e Ramos presentes

O número de primeiro de janeiro do ano de 1949 de *A classe operária* foi uma edição especial dedicada a Luis Carlos Prestes. Na comemoração de 51 anos do Senador cassado, vários intelectuais, artistas e dirigentes do partido escrevem textos exaltando "o grande líder comunista".

É sugestiva a descrição da publicação, em suas 16 páginas. Nelas encontramos os seguintes textos: na primeira página – "O cavaleiro da esperança - Uma vida dedicada ao Brasil", texto que faz ás vezes de editorial, com uma biografia de Prestes, escrita por Álvaro Moreyra; "O camarada Prestes, exemplo de firmeza revolucionária", de Diógenes Arruda; o texto "Novo ano de lutas", que faz um balanço dos desafios e tarefas para os militantes no ano de 1949, não falando de Prestes, e um desenho de corpo inteiro de Prestes com trajes militares, feito por Paulo Werneck e que ocupa um terço da página.

Na segunda página não há qualquer matéria sobre Prestes, sendo toda ela dedicada às colunas "Panorama internacional", "7 dias no mundo", "7 dias no continente" e "Panorama continental". Na terceira página – "Prestes como Secretário Geral do PCB", de Mauricio Grabois; "Primeiro encontro com Prestes", de Aydano do Couto Ferraz; "As mulheres também saúdam Prestes", de Zuleika Alambert; e a coluna "7 dias no Brasil", em que uma de suas três notas também é sobre Prestes.

Na quarta página – "Prestes está no coração do povo", de Candido Portinari, acompanhado de retrato do rosto de Prestes feito pelo artista; "Luis Carlos Prestes, o grande líder das Américas", de Brasil Gerson; metade do texto "Prestes, campeão da luta anti-imperialista", de Pedro Pomar; além da coluna "7 dias nos estados", que traz

---

153 *A classe operária,* 07-01-1948 (ano II – n°107), p.3.

notas sobre Ceará, Bahia, Paraíba, Paraná, São Paulo, Estado do Rio e Rio Grande do Sul.

Na quinta página – "Saludo a Prestes", poema de Pablo Neruda[154]; "Herói e líder do povo", de Moacir Werneck de Castro; "Porque dei a meu filho o nome de Luis Carlos"[155], de Léa Sá Carvalho; e "Nosso líder nos ensina a amar a URSS", de Oswaldo Peralva.

Na sexta página – "Salve, camarada Prestes!", de Marcos Zeida[156]; "O cavaleiro da Esperança, bandeira de luta dos camponeses", de Nestor Vera[157], e o conto "O sobretudo", de Afonso Schmidt.

Na sétima página – "Mensagem de natal para Prestes", de Jorge Amado[158], "São raros os homens como Prestes", de Oscar Niemayer; "Prestes e a revolução agrária – a solução revolucionária para o problema da terra", de Jacob Gorender.

Na oitava página - a continuação do texto "Nosso líder nos ensina a amar a URSS", de Oswaldo Peralva; "Fraternal, compreensivo, humano", de Dalcídio Jurandir; e metade da ilustração de Percy Deane e do texto "Prestes", de Graciliano Ramos.

Na nona página – a outra metade do retrato de Prestes feito por Percy Deane e do texto de Graciliano Ramos; "Meu primeiro encontro com Prestes", de Astrojildo

---

154 "Neruda, o grande poeta chileno, Senador do povo, que se encontra hoje no exílio, perseguido pela ditadura ianque implantada pelo títere Videla no Chile, recitou este poema no comício do Pacaembu, São Paulo, a 15 de julho de 1945, três meses depois da libertação do Cavaleiro da Esperança." In: *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.5.

155 Em consonância a este artigo em que uma mãe militante do partido explica porque deu o nome de Luis Carlos a seu filho, aparece a história do casal Doroteu e Inácia, no segundo volume de *Os subterrâneos da liberdade,* de Jorge Amado. Na trama ambientada em Santos (durante a greve dos estivadores que se recusaram a carregar um navio alemão de café para ser enviado às tropas franquistas na Espanha), o casal, ao descobrir a gravidez, também fazem da escolha do nome do filho em homenagem a Prestes *"até um nome já haviam escolhido para o menino, se um menino fosse e não uma negrinha: se chamaria Luis Carlos, como Prestes; naqueles anos e nos que se sucederam os estivadores de Santos não botavam outro nome em seus filhos que o do revolucionário preso e condenado." In*: Amado, Jorge. *Os subterrâneos da liberdade*. v.2 "Agonia da noite". Rio de Janeiro: Record, 1976. 28ª ed. p. 21.

156 "o jornalista Marcos Zeida, que esteve no Brasil como asilado político perseguido pela tirania de Morinigo em sua pátria, o Paraguai, escreveu este artigo em 1946. Zeida se encontra hoje preso e sob torturas da gestapo e sucessor de Morinigo, Natalício Gonzáles". In: *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.6.

157 "Líder camponês de São Paulo" in: *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.6.

158 "Numa solenidade no dia 24-12-47 na ABI, Jorge Amado, o grande romancista brasileiro, leu a magistral página que agora publicamos e que se vem juntar às mais belas criações literárias e artísticas sobre Luis Carlos Prestes, existente na literatura de vários países". In: *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.7.

Pereira; outra metade de "Prestes, campeão da luta anti-imperialista", de Pedro Pomar; e "Uma lição de Prestes", de Iguatemy Ramos.

Na décima página – "Luis Carlos Prestes, figura querida do povo espanhol", de Alberto Palacios; continuação do texto "Prestes como secretario Geral do PCB" de Mauricio Grabois; "Marcel Cachin fala de Prestes"[159]; além das duas matérias não relacionadas a Prestes, "Médicos e engenheiros recorrem à greve" e "Solidariedade aos presos políticos".

Na décima primeira página – "Peritos trabalhistas ianques para agirem no Brasil – parte do plano de colonização dos E.E. U.U. na América Latina – Conclusões mentirosas da missão Abbink" e "Mil trabalhadores em greve pela conquista do abono", matérias não relacionadas a Prestes; e "Prestes – chefe revolucionário e líder parlamentar" de Carlos Marighella.

Na décima segunda página – a coluna "O leitor escreve", com quatro cartas de leitores (nenhuma sobre Prestes); e a segunda parte do texto iniciado na primeira página "O Cavaleiro da Esperança".

Na décima terceira página – apenas a continuação do texto de Arruda, da primeira página, "Camarada Prestes, exemplo de firmeza revolucionária".

Na décima quarta página – a coluna "A vida de *A classe operária*", que, neste número, fala sobre o aniversário de Prestes[160]; e mais "Energética advertência do PC Chinês ao governo dos Estados Unidos – Qualquer ajuda militar ou econômica ao governo do Cuomintang será considerada uma agressão ao território e à soberania da China" e a conclusão do conto "O sobretudo"[161]; e a continuação do texto de Jorge Amado, "Mensagem de natal para Prestes".

---

[159] "O discípulo e amigo de Jaurés, Deputado de Paris e diretor de *L'humanité"*. In: *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.10.

[160] "O aniversário de Prestes a três de janeiro é uma festa nacional, é uma festa do povo. Como nós, comunistas, devemos comemorar o aniversario de Prestes? Acreditamos que a melhor maneira seja divulgando e difundindo seus exemplos e seus ensinamentos. Divulgando e difundindo sua ideologia política. Divulgando e difundindo a sua palavra de ordem de mobilizar e organizar o povo." In: *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.14.

[161] No final do conto descobrimos que se trata de uma memória do autor, de um encontro que teve com Prestes em Buenos Aires.

Na décima quinta página – "Quando Carlos se tornou comunista", de Heloisa Prestes[162], "Congresso pela paz em Montevidéu"; "Prestes na música popular", texto de Mario Lago ornado com retrato de Prestes feito por Quirino Campofiorito, e o texto "Testamento sob a forca", da série "Diário de um herói", memórias de guerra e dos campos de concentração, escritas por Julio Fucik.

Na última página – grande desenho feito por Portinari, em que Prestes aparece montado em um cavalo; a terceira parte do texto "O cavaleiro da esperança", de Álvaro Moreyra; a continuação do texto de Marighela, "Prestes – Chefe revolucionário e líder parlamentar" e a reportagem "Continua a luta pelo abono".

Todos os textos diretamente vinculados à comemoração da efeméride apresentam-se de maneira coesa e coerente à linha editorial anunciada em uma das páginas da publicação:

> "(...) Como nós, comunistas, devemos comemorar o aniversário de Prestes? (...)
>
> E qual é a melhor maneira de fazê-lo, senão através de *A classe operária*? Do nosso heróico e glorioso semanário que Prestes quer que seja capaz de 'tornar nacionalmente conhecidas as grandes experiências de luta da classe operária, nas cidades e no campo, e de seu aliado principal, a grande massa camponesa', que é o melhor veículo das palavras e do pensamento de Prestes.
>
> Para atender a esse desejo de Prestes, os comunistas e os agentes da *Classe operária* devem dar-lhe este grande presente de aniversário: fazer de *A Classe operária* um jornal realmente nacional, um jornal de grande circulação, um jornal que, 'sem deixar de ser o agitador e propagandista sempre temido pela classe dominante', seja, acima de tudo, educador e organizador da classe operária e do povo."[163]

Ao analisarmos a edição de *A classe operária* comemorativa do 51º aniversário de Luis Carlos Prestes, constatamos que os textos nela publicados traduzem a visão que o PCB pretendia, na época, construir sobre aquele que já havia sido consagrado como o grande herói do partido. Só pela abertura do texto inicial, "Uma vida dedicada ao Brasil – o cavaleiro da esperança", temos uma idéia do tom que será utilizado em diversos textos:

---

162 Irmã de Prestes.

163 *A classe operária,* 01-01-1949, p.14.

> "Uma vida de lutas pelo povo e pela Pátria – eis a principal característica da vida de Luis Carlos Prestes, o cavaleiro da esperança. As lutas de Prestes enchem todo o último quarto de século da nossa história e são hoje inseparáveis dos mais importantes acontecimentos desenrolados em nosso país a partir de 1922"[164]

A perspectiva do jornal é construir um panorama da história política brasileira e relacioná-la à atuação de Prestes, apontado, neste editorial, como o grande combatente pela democracia, pela pátria e pelo povo. Condizente com a reorientação conseqüente da guerra fria, a revolução e o comunismo figuram no texto e Prestes é apresentado como grande herói comunista.

Seria interessante uma pequena análise do texto "Herói e líder do povo", de Moacir Werneck de Castro que, além de exibir já no título as duas das formas mais utilizadas para se referir a Prestes, herói e líder, ainda promove uma discussão da construção do mito e seus ecos nas artes.

Para Werneck de Castro, que parte do fato que apresenta como incontestável de ter Prestes se convertido em mito nacional, mesmo para brasileiros que não acompanharam o início de sua trajetória revolucionária com a Coluna Invicta, a trajetória do cavaleiro da esperança ilustra a trajetória da revolução no Brasil, que começara pequeno-burguesa e quixotesca[165] e convertera-se ao comunismo, através do marxismo.[166] Percebemos que para o autor a conversão em herói místico teria se processado nos tempos pequenos burgueses de sua trajetória e, no momento da escrita do texto, este teria se convertido em um verdadeiro herói, naquele que abre mão de qualquer vaidade para dedicar-se exclusivamente à causa revolucionária:

---

164 *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.1.

165 O texto mostra o início da trajetória revolucionária de Prestes como um herói da pequena burguesia que acaba conhecendo notoriedade nacional: "Mesmo para as gerações ainda não formadas politicamente nas décadas de 1920 e 1930 é fácil entender a atmosfera de lenda que se criou em torno de Luis Carlos Prestes. Ele era, então, principalmente para as grandes massas da pequena burguesia, uma espécie de anjo vingador. Seus feitos eram os de um Dom Quixote vitorioso." In: *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.5.

166 Mais adiante, aparece o amadurecimento de Prestes e a sua conversão ao marxismo, que aufere uma outra carga de responsabilidades e de comprometimentos: "No exílio, Prestes toma conhecimento da literatura marxista. Adquire uma nova perspectiva para sua atuação de líder. E rompe corajosamente com a sua aura mística, explorada pelos politiqueiros." In: *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.5.

> "Era o herói que surgia renovado e humanizado para novas e maiores lutas. Seria ainda e sempre o cavaleiro da Esperança do nosso povo. Mas com uma consciência nítida do seu destino, uma filosofia para a ação – e os pés na terra, ombro a ombro com os trabalhadores da cidade e do campo."[167]

Desta forma, o partido não teria contribuído para a construção de um herói mítico e desconectado da realidade, muito pelo contrário, através do partido e de sua filosofia é que Prestes teria verdadeiramente atingido o status de herói do povo, uma vez que, pelo conjunto dos trabalhadores, desempenhava um papel imprescindível para a transformação não do poder político, mas sim do poder econômico e social no Brasil. Exime-se assim o PCB das acusações de promover o culto à personalidade. Segundo Moacir, Prestes, quando se junta às fileiras do partido, já havia sido transformado em herói pela imprensa burguesa[168], a diferença é que no partido realmente converte-se em herói do povo e não de uma pequena parcela da elite.

Em meio aos numerosos textos que homenageiam, em *A classe*, o aniversário de Prestes, há dois que, para além do objetivo de traçarmos um panorama das alterações no discurso do partido durante o período considerado em nossa pesquisa, nos interessam de forma especial, pois poderão abrir nossa apresentação comparativa sobre os procedimentos discursivos utilizados pelos dois escritores objeto de nosso estudo, Jorge Amado e Graciliano Ramos, ao darem curso a produções textuais suas, de caráter militante, vinculadas a interesses e orientações do partido. Nesse sentido, apresentaremos as linhas gerais com que nossos autores falam de Prestes, assim como os percursos de argumentação que vão ser utilizados para destacar características e valores do homenageado.

---

167 *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.5.

168 "em 1924 não passava de um desconhecido; mas já em 1927 um jornal do Rio proclamava em título: 'Prestes, maior do que Aníbal' (...) 'a concepção e a execução desta campanha consagram o seu gênio' escrevia o jornalista, que acrescentava: 'Prestes não é somente uma das maiores afirmações da energia e da inteligência da nossa raça, mas um dos tipos mais eminentes de toda a humanidade." In: *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.8.

“Mensagem de natal para Prestes” – Jorge Amado

Embora a maior parte das matérias constantes da edição de comemoração do aniversário de Prestes seja constituída por textos encomendados aos autores especificamente para este fim, o texto de Jorge Amado é a republicação de um texto produzido por ocasião da cassação dos mandatos de deputados e senadores do PCB, depois de o partido ter sido posto na ilegalidade. Este texto, lido por Jorge Amado na ABI, em 24 de dezembro de 1947, véspera de natal, é construído como uma carta de bons votos endereçada a Prestes, ao mesmo tempo em que reafirma um caráter messiânico do “senador do povo”.

O texto de Amado é construído por uma longa mensagem que tem como destinatário Luis Carlos Prestes. Nesta mensagem o romancista envia os votos de feliz natal ao “senador do povo” e dirige-se a este como a um messias, encarregado da transição de um tempo em que a alegria é permitida apenas uma vez ao ano, e mesmo assim para poucos, para um tempo em que a alegria será permanente.

Prestes aparece como responsável pela libertação do povo brasileiro de uma realidade dominada pelo medo e pela fome, como figura responsável pela conquista da felicidade. Prestes será, ao mesmo tempo, o interlocutor do escritor e o herói que é apresentado ao ouvinte/leitor. Em toda a parte inicial do texto, Amado dirige-se a um interlocutor desconhecido, com quem trava uma longa discussão sobre o significado do natal. Para o escritor baiano, o natal traz consigo uma atmosfera de alegria e de esperança que pode ser constata nos rostos dos passantes:

> “a ternura desta noite me envolve e eu a recolho de cada transeunte, seja do homem rico que gastou milhares de cruzeiros nas grandes lojas caras, seja do homem pobre que apenas tem com que matar a fome e a sede, de cada um deles bebo um pouco de uma doçura que se espalha construindo o natal, dando-lhe esse ar de dia diferente, de noite sem maus presságios, como se estivesse além do calendário por sobre os acontecimentos e desligado deles”.[169]

Esse encanto que parece enternecer o romancista nesta primeira parte de seu texto é logo quebrado com a recordação de que o natal não traz alegria para todos, e que a desigualdade faz-se presente também neste dia que parecia ser uma exceção à regra da

[169] *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.7.

tristeza. Amado recorda que *"também a alegria é propriedade de uns poucos e eles a servem aos demais, que são a imensa maioria, quando bem o desejam, uma vez por ano, como o senhor que alimenta o escravo uma vez por dia"*[170].

Mas o antídoto é logo apresentado. A substituição desse dia de alegria racionada, e injustamente distribuída – uma vez que, como afirma Jorge, *"Mesmo nesta noite de natal eu sinto o medo vivendo entre os homens. (...) Mesmo nesta noite de natal eu vejo a fome entre os homens. Há ceias fartas, bem sei, mas sei também que são poucas e que rareiam a cada natal."*[171] – por uma nova era de alegria verdadeira e ilimitada é associada à figura de Prestes.

É interessante atentar para a construção de imagens e associações que, embora discretamente, procuram identificar Prestes com Jesus. Ou, ao menos, a uma espécie de messias brasileiro. Amado, depois de demonstrar a importância do natal no imaginário coletivo, de demonstrar como o natalício de Jesus se configuraria como uma pequena e limitada brecha nas tristezas cotidianas, apresenta Prestes como o portador de uma boa nova, a inauguração de um novo tempo em que essa alegria seria permanente e igualmente distribuída entre todos os homens e mulheres:

> "Amanhã teu nome, eu o sei, nós o sabemos com essa certeza de que somos o futuro, amanhã o teu nome será bandeira da construção, ordem para que cresça na semeadura, para que os homens se libertem da fome e do medo, para que possam viver na alegria e na fartura."[172]

Esse caráter messiânico da forma como Prestes é apresentado combina-se, contraditoriamente, a uma retórica materialista, que faz questão de negar qualquer associação entre Prestes e o misticismo. Segundo Jorge Amado, Prestes seria a representação da revolução, seria o herói ou o baluarte responsável pela vitória de uma nova concepção de sociedade e esta perspectiva afasta, por si só, qualquer conotação de idolatria. O reconhecimento de Prestes como grande nome articulador da mudança é apresentado como um fato incontestável, que deve ser reconhecido como algo perfeitamente racional e completamente distante de uma conotação mística. Assim,

---

170 *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.7.
171 *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.7.
172 *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.7.

Jorge Amado, ainda dirigindo-se a Prestes, diz: *"Queres libertar o homem da dor e da fome, da tristeza também. Mas não vens envolto em místicas, não falas de coisas distantes e impossíveis, tuas palavras não são as do profeta pessimista que só acredita na alegria após a morte."*[173]

Fica clara a intenção do autor de marcar uma diferença entre a esperança proporcionada pela religião e a certeza de um futuro feliz conquistado revolucionariamente. Mesmo que em todo o texto não haja qualquer referência direta ao comunismo ou à própria revolução, depreende-se claramente que será como revolucionário que Prestes trará para o cotidiano do povo brasileiro a alegria que é servida a conta gotas nos dias de natal.

Da mesma forma com que existe uma distância entre aquilo que é calado e aquilo que se pretende subtender, como é o caso do comunismo, também existe uma distância entre aquilo que é afirmado e aquilo que se pretende de fato, como é o caso do misticismo.

Mesmo que Jorge Amado afirme em mais de uma passagem do texto que não há a mínima associação possível entre Prestes e profeta religioso, pululam no texto frases e períodos em que é justamente a sensação de ser Prestes um messias que permanece, como, por exemplo, na seguinte passagem, em que, pela primeira vez, é revelado ao leitor a quem o romancista dirige seus votos de feliz natal:

> "Tuas palavras são as da vida e as da terra. Tua realidade é feita da própria essência da vida e suas raízes nascem no âmago da terra, do suor e do sangue dos camponeses e dos operários, das suas tristezas e das suas esperanças. Teu nome não quer dizer mistério e superstição, teu nome recorda os campos de árvores crescendo, de frutos amadurecendo, de fartura e de grandeza.
>
> Luis Carlos Prestes."[174]

Ou, na passagem em que Amado descreve como será a vida depois da vitória de Prestes, já na parte final do texto:

---

173 *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.7.

174 *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.7.

> "Um dia, todos os dias serão como o natal. Terás construído com a tua luta essa nova realidade. Nesse dia os poetas e as crianças recordarão teus feitos.
>
> E dirão que tempo houve em que apenas uma vez por ano era permitida a alegria. E que ainda assim, mesmo nesse dia, a alegria era limitada pelo medo e pela fome.
>
> E que tinhas então cinqüenta anos. E que esses cinqüenta anos haviam sido, todos eles, de incansável lutar. E relembrarão teus diversos momentos da mesma batalha."[175]

É no final do texto que o romancista parece abandonar o Prestes messias e passa a se referir ao Prestes concreto, introduzindo no texto aquele que parece ter sido o estopim conjuntural que impulsionou a sua escrita. Depois de relembrar brevemente as principais fases da biografia de Prestes, rememorando sua grandeza em cada uma delas ("foste capitão sem temor", "foste exilado mas de olhos fitos na pátria", "foste o revolucionário anti-fascista", "foste prisioneiro torturado, mas eras livre entre as quatro paredes de seu cárcere"[176]) até apresentá-lo como senador prestes a perder sua legislatura.

A última fase de sua biografia ganha destaque, retratando o curto momento de participação legal na vida política brasileira,

> "Foste líder político. Vejo-te ao lado dos teus companheiros dirigentes: Arruda e Pomar, Amazonas e Grabois, Marighella, Chico Gomes e Agostinho, vejo-te ao lado dos artistas e escritores, ao lado dos poetas, vejo-te nas sabatinas, nos comícios, nas conferências, educando o povo. Mestre que tens sido, mestre de vida.
>
> Senador, és a voz que remoçou e deu grandeza ao Senado. Como se o próprio povo se houvesse sentado no Senado da República."[177]

E é em defesa desta fase da biografia de Prestes que Jorge Amado construiu seu texto, tentando demonstrar que retirar o cargo de Prestes corresponderia retirar o único Senador da República que realmente representava o "povo brasileiro". Desta forma, o que estava em jogo neste momento não era apenas a construção do herói, mas a mobilização que garantisse sua permanência no Senado.

---

175 *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.14.
176 *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.14.
177 *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.14.

“Prestes” – Graciliano Ramos

Já no texto que publica nesta edição de *A classe operária,* Graciliano Ramos demonstra mais moderação do que a maior parte dos outros colunistas convidados. Para podemos situar de forma clara a diferença de escrita do autor na comemoração do aniversário do secretário geral do partido, acreditamos ser válida a comparação com outros textos da mesma edição do jornal, para além da análise do texto de Jorge Amado.

Destes, destacamos o texto de Dalcídio Jurandir. Para Dalcídio Jurandir, em texto publicado na mesma página que o texto de Graciliano, a diferença entre Prestes e o conjunto dos outros homens parece ser gritante, sendo apresentado como mestre e guia incansável, em passagens como a seguinte: “*Prestes entre nós, dirige e nos ensina. Sua mão não cansa, a sua voz nos encoraja, seu exemplo se multiplica, a esperança amadurece*”[178]; para Graciliano Prestes é, antes de tudo, um homem comum a quem a multidão emprestou ares de gigante.

Vale à pena destacar essa primeira diferença entre os textos de Dalcídio e de Graciliano: enquanto para o primeiro o status sobre humano de Prestes não é em nenhum momento questionado, muito pelo contrário, sendo constantemente reiterado, como no trecho acima em que o secretário geral do partido aparece como responsável pela manutenção da esperança revolucionária; o segundo estruturará sua escrita em torno da desmistificação da figura de Prestes como herói, procurando demonstrar ser seu lado humano o mais interessante de sua figura. Já abre seu texto interrogando se realmente Prestes havia se tornado um mito nacional: “*será que realmente se tornou? No caso afirmativo, poderia ter evitado essa canonização leiga? Afinal, é ela conveniente ou inconveniente?*”[179]

Esse tipo de questionamento não é a tônica nos outros textos da mesma edição de *A classe operária*. E marca, desde já, uma diferença no encaminhamento das homenagens prestadas por Graciliano, se comparadas às homenagens de outros escritores comunistas.

Partindo da constatação de que Prestes haveria assumido o status de herói, a despeito da opinião de aliados ou de inimigos, Graciliano sustenta dois argumentos

---

178 *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.8.

179 *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.8.

básicos a partir desta constatação: o primeiro, de que Prestes foi feito herói por uma vontade da massa, não tendo feito esforços para ser colocado nesta posição. O segundo, de que seu lado humano era muito mais interessante do que a representação mitificada que foi feita de sua figura.[180]

Para tentar apresentar Prestes como um homem comum, Graciliano sustenta que qualquer pessoa que assuma uma vida pública passará a ser percebido de maneira diferenciada pelos anônimos e passará a ser vista a partir "*de lentes deformadoras*"[181]. Depois de iniciado o processo de transição de anônimo a figura pública, a pessoa perde a capacidade de retomar sua normalidade, estando fadado a agüentar o peso da notoriedade. Segundo Graciliano:

> "Conseguiria o homem assim crescido eximir-se da grandeza e readquirir o tamanho natural? Pouco provável. Esse gigantismo significa a força criadora da multidão. Tolice negá-lo ou condená-lo. É um fato. Não se improvisa, não se encomenda: absurdo pretender forjá-lo nas escolas ou na caserna, com hinos e lugares-comuns. Está no espírito do povo – e não o extirparemos daí."[182]

Esse argumento, como veremos em outra passagem desta tese[183], baseia-se no pressuposto que os mitos aparecem espontaneamente, não sendo necessário nenhum esforço organizativo, qualquer projeto de propaganda ou massificação de mensagem coordenada por um partido político. Desta forma, a consolidação do herói comunista, ao contrário do que aconteceria com os heróis burgueses, seria o reflexo de uma vontade espontânea das massas.

Prestes figuraria, então, na restrita categoria dos verdadeiros heróis construídos pelas massas. A despeito de sua humanidade, teria sido eleito pelo povo para assumir o posto de semideus e disso, por mais que desejasse, não poderia fugir:

---

180 "Atribuem a Carlos Prestes um papel diversamente considerado neste vivo tempo de exaltações ásperas: ídolo de massas. Isto lhe ocasiona louvores excessivos e objurgatórias às vezes não isentas de algum despeito. Doces panegiristas e detratores amargos concordam num ponto: responsabilizam, ou pelo menos fingem responsabilizar essa estranha figura por se haver tornado uma espécie de mito nacional." In: *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.8.

181 *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.8.

182 *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.8.

183 No capítulo 4, quando discutirmos o culto a personalidade a partir das representações que Graciliano e Jorge Amado fazem de Stalin.

> "Vantajoso? Desvantajoso? Um formigueiro de pigmeus bem acomodados é desagradável. A turba imagina heróis para defender-se dos bichinhos importunos, na verdade uns insetos, mas de tão numerosos que formam pragas. De alguma forma, os semi-deuses são um reflexo dela – e apenas ela é capaz de concebê-lo. Esses eleitos obtêm consagração espontânea que lhes interpreta os atos em conformidade com os interesses da maioria. Esta não se engana: sente neles a sinceridade infalível, deixa-se arrastar, parece possuir antenas, dotes divinatórios que nos assombram."[184]

Mas o romancista afasta-se da multidão, diferencia-se e utilizando o plural impessoal, afirma: "*Certo, não concedemos auréola a Prestes: o que nos atrai nele é a parte humana, de ordinário deixada na sombra.*"[185]. Este será o mote para o desenvolvimento da segunda parte do texto, em que "friamente" pretende se distanciar de uma visão mitificada e apresentar, ao leitor, o homem por trás do herói popular.

Para promover este retorno à humanidade, abandonando os excessos com que foi revestido em sua transmutação em "ídolo nacional", o Prestes de Graciliano é descrito como uma criatura paciente, polida e acessível. Nesta tentativa de humanização do mito, Graciliano faz questão de ressaltar que Prestes também é construído por contrastes e dualidades. Mas, se examinarmos bem quais são esses contrastes e quais são estas dualidades apontadas pelo autor, perceberemos que são bastante abonadoras e que não contribuem para que o leitor construa uma visão menos idealizada de Prestes.

A partir da afirmação de que a parte humana de Prestes é sua faceta mais interessante, Graciliano passa a exemplificar os elementos que indicariam essa "humanidade" e é nesta parte em que mais se aproxima dos outros colunistas convidados para esta edição de *A classe operária* Porque passa, então, a elencar características abonadoras e que contribuem para o propósito contrário do anunciado anteriormente, pois apenas corroboram a impressão de não ser Prestes um homem ordinário, mas de ele todo, inclusive em suas contradições, ser feito de material extraordinário:

> "Temos a impressão de que nele se equilibram sentimentos opostos. Ou não será isso: talvez se combinem qualidades naturais e adquiridas, umas e outras a convergir, com força terrível, para a concretização de uma idéia. A intensidade se explica pelo afastamento impiedoso de tudo quanto de leve perturbe a execução de

184 *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.8.
185 *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.8.

> um plano estudado com rigor, criticado e corrigido sempre, segundo as circunstâncias."[186]

O que seria o primeiro sinal de que Prestes seria um homem normal, dotado de contradições como todos os outros, está na sua aparente frieza, que faz com que seja difícil ler em seu semblante as emoções que o agitam[187].

O segundo indício seria a sua timidez, e nesta o autor se detêm. Apontar a timidez como uma das marcas da personalidade de Prestes poderia, num primeiro momento, corroborar a vontade expressa por Graciliano no início de seu texto, a vontade de mostrar o verdadeiro Prestes, o Prestes humano, e não o "ídolo de massas", o "mito nacional". Mas a expectativa de que Graciliano vá realmente apontar lados menos idealizados e por isso mais interessantes de Prestes é logo frustrada. Não se trata de uma timidez paralisante ou vexatória, timidez que poderia ser atribuída a um de seus personagens ficcionais, descritos de maneira muito mais dura[188]. A timidez de Prestes é uma outra espécie de timidez, é a timidez dos heróis:

> "Novo contraste: achamo-nos diante de um tímido. Esta observação tem visos de contra-senso e dificilmente será tolerada. Contudo insistimos nela. Ninguém como os tímidos para dedicação completa a uma empresa – e na coragem que revelam sente-se a impossibilidade de recuar. Não os detêm obstáculos: nenhum desvio do caminho escolhido."[189]

As outras pretensas contradições do caráter de Prestes parecem indicar a mesma estratégia: a de enaltecimento não escancarado. Desta forma, Graciliano aponta que habitam, ao mesmo tempo, em sua personalidade, "a pureza quase infantil" e "o imenso vigor"; "aguda sensibilidade" e "espessa couraça impenetrável" e,

> "Ainda uma dualidade: afigura-se-nos que a singular personagem apreende com igual nitidez os objetos próximos e os distantes, graúdos e miúdos, o

---

186 *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.8.

187 Como se vê a seguir: "Frieza? Quase nos desorienta a contradição. Sob as cinzas que se espalham na face torturada, lavra fogo medonho, pavoroso incêndio a custo perceptível" in: *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.8.

188 O protagonista de *Angústia*, Luís da Silva, por exemplo, também é tímido, mas esse traço de sua personalidade é apresentado como um entrave e não como uma qualidade.

189 *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.8.

panorama e o pormenor, os mais graves acontecimentos internacionais e os efeitos de ligeiras desavenças existentes nas brenhas de um território meio deserto"[190].

O momento de mais rasgados elogios é o parágrafo final do texto, em que Graciliano perde até mesmo a pretensa busca pelo "lado humano" e declara:

> "Chegamos agora a um ponto em que não distinguimos nenhum sinal de oposição: há em Prestes uma dignidade fundamental, incontrastável. É a essência do seu caráter. Admiram-no com exaltação, odeiam-no com fúria, glorificam-no e caluniam-no. Seria difícil achar quem lhe negasse respeito à austeridade imutável, maciça, que o leva a afrontar serenamente duras fadigas e sacrifícios horríveis – coisas previstas e necessárias."[191]

Os elogios vêm mascarados como simples constatações. Ao mesmo tempo em que a aura sobre-humana é negada a priori, as características heróicas são reforçadas e, no saldo final, encontramos um Prestes tão irreprochável quanto o de Dacídio Jurandir, por exemplo. Desta maneira, podemos constatar que mesmo sem se apoiar na mesma estratégia discursiva utilizada por outros autores convidados a fazer um elogio a Prestes, Graciliano cumpre a contento esta tarefa partidária.

Na biografia de Graciliano escrita por Dênis de Moraes[192], assim como *Graciliano, retrato fragmentado*, de seu filho, Ricardo Ramos[193], aparece a indicação de que Graciliano foi convidado pelo próprio Prestes para integrar o Partido e de que teria pelo líder comunista bastante admiração. Então, é possível supor que não tenha sido um sacrifício muito grande o desempenho desta função. Isto não quer dizer, no entanto, que não tenha sido com a intenção de reforçar um determinado tipo de imagem objetivada pelo partido em um momento extremamente delicado de sua vida política.

Estava em jogo, depois da derrota da legalidade, e da cassação das cadeiras legislativas conquistadas pelo PCB nas eleições anteriores, a afirmação dos comunistas em um contexto de disputa ferrenha por espaços ideológicos, inaugurada com a Guerra Fria.

---

190 *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.8.

191 *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.8.

192 Moraes, Dênis de. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

193 Ramos, Ricardo. *Graciliano: retrato fragmentado*. São Paulo: Siciliano, 1992.

Numa visão comparativa entre os dois textos analisados – de Graciliano Ramos e de Jorge Amado – acreditamos ser coerente a interpretação de que embora diferentes em estilo e em objetivo imediato de sua confecção, os dois exemplos não diferem no esforço de mostrar prestes como alguém extraordinário. Além disso, percebe-se uma questão adicional: Graciliano, até então quase ausente das páginas de *A classe*, executa a tarefa de escrever um elogio a Prestes, mas destoa do toma escolhido pelos outros autores. Essa diferença, para além de apontar para uma característica de estilo, parece indicar a necessidade do partido em contar com a contribuição de um nome como o de Graciliano, neste momento em que o partido enfrenta as dificuldades impostas pela guerra fria.

Guerra fria

Nesse mesmo contexto, uma prática que começa a se tornar usual nas folhas de *A classe operária* na virada de 1948 para 1949 é a encomenda de textos em que militantes famosos relatam o dia em que conheceram os grandes líderes comunistas. Esta parece ser uma prática não exclusiva da imprensa comunista brasileira, pois na edição de 06 de novembro de 1948 temos a tradução de um texto em que Gorki relata a primeira vez em que assistiu a um discurso de Lênin[194]. Os relatos brasileiros também começam a ser produzidos. Primeiro, na edição comemorativa do 69° aniversario de Stalin, encontramos o texto "Como vi Stalin pela primeira vez", escrito por Astrojildo Pereira[195] e, depois, na edição de 1° de janeiro de 1949, temos o primeiro desta série de textos em que Prestes é a figura central, com o texto "Primeiro encontro com Prestes", de Aydano do Couto Ferraz[196]. Na edição seguinte, de 8 de janeiro, aparece o texto "Como vi Prestes pela Primeira vez" de Rachel Gertel[197].

A edição de 8 de janeiro continua a série de textos focando a vida e os feitos de Prestes. Encontramos, entre as homenagens, textos de estrangeiros como "Prestes, líder

---

194 *A classe operária,* 06-11-1948 (ano III – n°149), p.4.
195 *A classe operária,* 25-12-1948 (ano IV – n°156), p.3.
196 *A classe operária,* 01-01-1949 (ano IV – n°157), p.3.
197 *A classe operária,* 08-01-1949 (ano IV – n°158), p.4.

querido em todo o mundo", de Constantin Fedin[198], descrito como "Grande escritor soviético", e que rememora o tempo em que Prestes viveu na URSS, afirmando que "*inúmeras foram as suas contribuições à edificação socialista em nosso país. Autor foi ele dos planos militares utilizados na própria organização da defesa de Leningrado*." Esse tipo de texto, serve para exaltação de Prestes para o público nacional, sendo então utilizados depoimentos de estrangeiros para conferir um papel de destaque internacional ao líder comunista brasileiro.

No final da década de 1940, não há mais dúvidas sobre a estatura sobre-humana a que Prestes foi alçado. Depois de breve período de legalidade comunista e da participação no parlamento, no ano de 1949 Prestes já está consolidado pelo partido como aquele nome capaz de congregar e mobilizar as massas, como aquele comunista que ultrapassou os limites do partido e que é capaz de angariar a simpatia de um grande número de não comunistas.

Mesmo tendo permanecido com o título de Secretario Geral, Prestes durante esse segundo período de clandestinidade não encontrava tanta facilidade em participar da coordenação dos rumos dos comunistas. Essa tarefa ficou a cargo do Comitê Central, que, no entanto, considerou interessante, dada a conjuntura, continuar insuflando o mito do Prestes, Grande Condutor.

Diferentemente do que acontece com Stalin, o culto a de Prestes não é promovido apenas quando este se encontra em situação de poder dentro do partido. Paradoxalmente, parece crescer à medida em que se afasta do círculo de tomada de decisões. Sua figura adquire, cada vez mais, o papel de símbolo unificador do partido, nome para ser exaltado e rememorado constantemente pela militância comunista, mesmo que na realidade desempenhe um papel menos importante na condução das táticas e estratégias do partido. Segundo Mariguella "*Prestes é um exemplo, um estímulo e o guia reconhecido pelo povo brasileiro*".[199] No entanto, na maior parte de sua vida no partido encontrou-se, por um ou outro motivo, alijado das esferas decisórias.

Na conclusão do mesmo artigo, parece ficar clara a intenção de utilizar o processo e a ordem de prisão emitida contra Prestes como elemento de coesão,

---

198 *A classe operária,* 08-01-1949 (ano IV – n°158), p.3.

199 *A classe operária,* 15-01-1949 (ano IV – n°159). p.1.

manifestação e luta, em um momento em que ser identificado com o comunismo significava perigo. Assim Mariguella conclui seu artigo, conclamando as pessoas a se organizarem pela liberdade de Prestes:

> "O essencial é que sem a perda de um só instante, saibamos estreitar as nossas ligações com a classe operária e o povo, com todos os sinceros democratas e patriotas sem distinção de qualquer espécie, com todos os admiradores e amigos de Prestes, para realizar por toda parte atos públicos, que vão desde as conferências, debates e palestras contra o monstruoso processo de Prestes até a utilização mais ampla da imprensa e da palavra escrita, bem como a criação pelos bairros e locais de trabalho, nas cidades, municípios e vilas do Brasil, de comissões pela defesa da liberdade do líder mais querido do nosso povo."[200]

Na mesma edição de 15 de janeiro de 1949, ainda constam os seguintes textos sobre ou relacionados a Prestes: "Prestes, bandeira de luta", por Rui Facó[201]; "Juventude homenageia Prestes", por Lindomara Seabra[202]; "Os novos caminhos que Prestes me apontou", por Benedito Geraldo de Carvalho[203]; e "Mensagens do povo ao Cavaleiro da Esperança", por Dalcídio Jurandir[204]. Até na seção de cartas, "O leitor escreve", começam a conquistar mais espaço os textos sobre Prestes: na mesma edição do dia 15 de janeiro, das 10 cartas publicadas, 5 se relacionam ou se dirigem a ele.[205] Além disso, toda a segunda metade da última página do jornal passa a ser ocupada por uma coluna

---

200 *A classe operária,* 15-01-1949 (ano IV – n°159). p.3.

201 "Por tudo isso, Prestes é a nossa bandeira de luta, da qual devemos ser dignos, seguindo o seu exemplo, dedicando-nos sem vacilações e com o maior ardor à causa do povo, que é a causa de emancipação do proletariado, a causa de Luiz Carlos Prestes". In: *A classe operária,* 15-01-1949 (ano IV – n°159). p.2.

202 Texto que conta com parágrafos como o seguinte: "ao se comemorar mais um aniversário de nascimento do grande chefe revolucionário, a nova geração brasileira, os jovens que tanto o admiramos e queremos, não poderemos prestar-lhe maior homenagem do que proclamando a si mesmo e a todo povo que estamos prontos a seguir pelo caminho que Prestes aponta". In: *A classe operária,* 15-01-1949 (ano IV – n°159). p.3.

203 Até os fazendeiros são chAmados para cantar loas a Prestes: "e como fazendeiro, mas com a preocupação de ser honesto, devo dizer que Prestes está com a palavra. ninguém o arrancará do coração do povo. Luiz Carlos Prestes não encarna apenas os anseios e esperanças do proletariado, mas de todos aqueles que amam a pátria, que tem coração e que procuram justiça na terra". In: *A classe operária,* 15-01-1949 (ano IV – n°159). p. 3.

204 Reportagem em que transcreve as cartas endereçadas a Prestes, "o líder Amado, herói da coluna, Cavaleiro da esperança, líder no continente". In: *A classe operária,* 15-01-1949 (ano IV – n°159). p. 6.

205 Cartas relacionadas a Prestes:"Minha saudação a Prestes", "Em defesa de Prestes", "operários e camponeses saúdam Prestes", "Ao Cavaleiro da Esperança" e "Semana de Prestes em Cabo Frio". As cartas não relacionadas ao tema foram: "Carta a Salomão Malina", "Os marítimos e o direito de greve", "Prosseguirá a luta pelo abono", "Coveiros da democracia", e "Fora com a ABBINK". In: *A classe operária,* 15-01-1949 (ano IV – n°159). p.8.

"A luta contra a guerra e o imperialismo exige uma vanguarda combativa e esclarecida" que traz textos do próprio Prestes.[206]

Há uma racionalidade própria nessa estratégia de publicar textos em que Prestes faz análises da conjuntura e conclama à participação popular na vida política. A escolha de seu texto para fechar a edição que já havia gravitado em torno de seu nome e das dificuldades que encontrava na clandestinidade, parece induzir ao leitor a sensação de que aquele grande homem, a despeito das dificuldades enfrentadas, sempre conseguiria encontrar os meios necessários para entrar em contato com seus fiéis seguidores, no caso os leitores de *A classe operária*.

A onipresença de Prestes parece sugerir um árduo trabalho de manutenção do mito e a eleição de sua figura como articuladora de comunistas e simpatizantes. A campanha pela retirada do processo contra Prestes, as continuadas tentativas de mobilização exigindo seu retorno na qualidade de homem livre, mobilizaram as forças comunistas, isso em um período em que ser comunista já se tornara profissão de risco. Neste momento, Prestes se torna a possibilidade de atingir as massas e, ao mesmo tempo, manter a coerência com o discurso revolucionário.

Em 1949, as matérias sobre Prestes, ou de Prestes, passam a dividir espaço com as matérias sobre "a paz" (que na realidade são matérias para alertar sobre a possibilidade de eclosão de uma terceira guerra mundial). Parece claro que o assunto internacional de destaque é o antagonismo, cada vez mais explícito e irreconciliável, entre os blocos comunista e capitalista, e que o assunto nacional mais abordado continua sendo Prestes. É muito comum, portanto, matérias que conciliem essas duas temáticas. Na edição de 14 de maio de 1949 encontramos, na página 7, a matéria "Preservar a Paz, Para nossos Povos, é Defender o Direito à Vida", que consegue, ao mesmo tempo, congregar esses dois temas e, ainda, apresentar a perspectiva de dois importantes intelectuais comunistas – Jorge Amado e Pablo Neruda:

> "Afirma Pablo Neruda, o grande poeta das Américas, que compareceu ao Congresso da Paz em Paris - Prestes, o Bolívar de nossos dias – perseguição e ilegalidade do poeta – a tirania de Gonçales Videla e a luta do povo chileno – Canto Geral, um livro de poesia militante. / Uma entrevista especial de JORGE AMADO (...)

---

206 *A classe operária,* 15-01-1949 (ano IV – n°159). p.12.

> Quando pela primeira vez nos abraçamos em Paris foi do Brasil e de Prestes que ele imediatamente me perguntou:
>
> - E Prestes?
>
> Disse depois, uma nota de carinho da voz cheia:
>
> - Jamais poderei me esquecer daquela tarde no Pacaembu quando a multidão imensa aclamava Prestes. Vi então um líder e seu povo estreitamente unidos, como se fossem uma única coisa, um único ser. Quando penso nos destinos de nossa América recordo aquela tarde de vitória e vejo claro e minhas perspectivas são amplas. Penso em nossos povos, em sua combatividade, em seu despertar político, e penso em Prestes, o Bolívar dos nossos dias. Prestes é o resumo e o símbolo dos nossos povos, é o grande comandante da batalha antiimperialista e desta vez ele a dirige não do fundo de um cárcere, mas do meio do povo. (...)
>
> - Escrevi um livro de poemas: *O Canto Geral*. Narro nele a história dos nossos povos e dos nossos heróis dos primeiros até Prestes que é o herdeiro e confirmador de todos eles. Quero que envies ao Brasil uma saudação minha ao grande povo brasileiro que me acolheu tão carinhosamente em 1945, aos escritores e artistas que no ano passado me enviaram sua solidariedade quando eu estava perseguido e a Prestes, nossos guia e general. Diga-lhes que muitas vezes, quando mais difíceis eram as minhas condições de foragido pensei no povo brasileiro e em Prestes. Sentia-me então fortalecido, sabia que o povo chileno não lutava sozinho. Todos os povos o apoiavam."[207]

Neste extrato da entrevista de Amado a Neruda, percebemos que a utilização de Prestes como catalisador dos esforços dos comunistas recorre a nomes de peso internacional, no sentido de auferir legitimação. Nesse sentido, a matéria é extremamente habilidosa ao congregar o escritor do partido de maior visibilidade, Jorge Amado, ao poeta aclamado, também militante comunista, Pablo Neruda.

A entrevista, escrita em forma de uma conversa entre amigos, destaca a importância de Prestes não apenas no cenário nacional, mas também no latino americano, apresentando-o como continuador de uma linhagem de heróis que se bateram pela liberdade e independência do continente. E quem atribui esse peso a Prestes é justamente o poeta chileno, e não o romancista baiano.

Como vimos, o ano de 1949 iniciou-se com uma grande homenagem prestada pela *A classe operária* a Prestes, e nas edições seguintes seu nome continuou a ter destaque nas páginas da publicação. No entanto, nos períodos imediatamente anterior e posterior ao Congresso Mundial dos Partidários da Paz, o nome de Prestes continua

---

[207] *A classe operária,* 14-05-1949 (ano IV – n°174), p.7.

presente em todas as edições, mas cede lugar a reportagens diretamente relacionadas à "luta pela paz". Quando aparece, é no mesmo tom inflamado e elogioso, como foi o caso, por exemplo, da entrevista de Neruda a Jorge Amado em que o poeta chileno tece loas ao "guia e general".

Jorge Amado, em texto que analisa como foi o Congresso Mundial dos Partidários da Paz, utiliza Zdanov para reforçar a tese de que o movimento pela paz representava um esforço conjunto de forças variadas, e determinadas a garantir que não houvesse a eclosão de uma nova guerra: *"O Congresso provou em toda a sua evidencia a tese de Zhdanov no informe feito na primeira reunião dos nove partidos comunistas europeus: que o campo da paz é mais forte e mais poderoso que o da guerra, que o erro consiste em subestimar as forças da democracia e da paz, as forças do proletariado"*[208]

Podemos perceber, ao longo do período estudado, como o partido esforçou-se continuamente por manejar da melhor forma possível os aparelhos culturais de que dispunha. A importância do periódico *A classe operária* como principal veículo difusor de teoria e ações comunistas no início da década de 1950 é destacada pelo dirigente Maurício Grabois, que o indica como órgão central da imprensa partidária. Em momento de uma inflexão mais radical, quando o partido viu reduzido enormemente o contingente de filiados que conheceu no curto período de 1945-1947, Grabois afirma ser necessária uma formação mais sólida dos quadros do partido. Para o desempenho desta tarefa, o jornal é visto como instrumento imprescindível: *"Precisamos elevar o nível ideológico da nossa imprensa, principalmente de nosso órgão central, que deve desenvolver com mais amplitude a propaganda do marxismo-leninismo"*[209].

Pode-se notar que os tipos de discurso e de argumentação utilizados por *A classe operária* variam muito de acordo com seus períodos de legalidade ou ilegalidade. Nessa direção, na legalidade há mais atenção ao que se diz. Por outro lado, em um jornal dirigido a um círculo mais estreito de leitores, quando clandestino, vigora um discurso mais incendiário.

João Quartim de Moraes, analisando a trajetória da "consciência política" dos comunistas no Brasil mostra como a autocrítica foi entendida como parte constituinte da

---

208 *A classe operária,* 21-05-1949 (ano IV – n°175), p.7.

209 *A classe operária*, 10-04-1951, p.1. Apud Moraes, Dênis. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p.68.

práxis dos partidos marxistas no mundo, mas que não foi largamente utilizada por representar um momento crítico na relação do partido com a militância:

> "A expressão consagrada em documentos oficiais: 'A experiência' (ou 'A vida') 'mostrou o acerto de nossas teses', pode, na melhor das hipóteses, ser considerada como o reconhecimento da necessidade de comprovar objetivamente as doutrinas e os programas. Menos freqüente é o reconhecimento de que os fatos desmentiram as teses partidárias. Embora o fracasso de uma linha política não prove estar errada a teoria que a inspirou, qualquer partido que é levado a criticar pontos fundamentais de seu próprio programa põe em questão sua identidade orgânica e sua legitimidade política. Sem dúvida, este é o preço a pagar para manter credível a pretensão de cientificidade do marxismo enquanto teoria revolucionária. Mas como a missão de um partido revolucionário é defender seu programa e levá-lo ao triunfo, a autocrítica e a mudança de linha constituem sempre um evento dramático, salvo, claro, quando o reconhecimento dos erros for puramente protocolar e a preocupação doutrinária-propagandística predominar sobre a preocupação teórico-científica, a ponto de tornar a autocrítica um ato vaziamente sacramental, como a confissão dos católicos em que o pecador é perdoado pelo simples reconhecimento de que desobedeceu a algum dos mandamentos"[210]

Segundo Quartim de Moraes, os movimentos políticos de inspiração marxista baseiam sua prática na teoria, o que os levaria constantemente a uma tensão entre "os princípios programáticos e sua verificação concreta".

Podemos perceber, pelas práticas de autocrítica adotadas pelo PCB, presentes nas páginas de seu jornal *A classe operária*, que, ao longo das décadas de 1930, 1940 e 1950, este recurso não parece ter sido largamente utilizado. Isto pode ser verificado a partir do estudo da representação de Luis Carlos Prestes, base central da discussão das readaptações da linha política do partido neste primeiro capítulo.

A transição entre a primeira forma com que foi retratado nas páginas do periódico, como pequeno-burguês voluntarista, e como aparece depois de sua filiação ao partido, não foi efetuada a partir de um exercício de autocrítica sobre as posições anteriores. Pelo contrário, o que transparece nas páginas do jornal é uma transformação do próprio Prestes. Com o tempo, a polêmica sobre essa desavença inicial é apagada da

---

[210] MORAES, João Quartim de. "A evolução da consciência política dos intelectuais brasileiros" in: MORAES, J.Q.. *História do marxismo no Brasil.* Vol. II (Influxos teóricos). São Paulo: Editra da Unicamp, 1995, pp. 48-49.

história do partido, das páginas de seus periódicos e dos textos escritos por militantes sobre Prestes.

Em substituição à autocrítica, observa-se uma reescrita da história que permita coadunar o passado tenentista de Prestes, antes duramente criticado pelo partido, com a construção do primeiro, e único, herói comunista que teria atingido verdadeiramente forte expressão popular. Mas essa readaptação se fez necessária justamente por ter sido esse passado tenentista que granjeou a atenção e simpatia de parcelas variadas da população brasileira para o "Cavaleiro da Esperança".

Prestes já havia sido consagrado herói pela grande imprensa antes de entrar, via Moscou, para o Partido Comunista do Brasil. Já trouxe consigo um enorme capital simbólico que foi devidamente reaproveitado, e aumentado, pelo partido no sentido de construção de um nome que permitisse a confluência da simpatia popular para o PCB.

Ainda sobre as necessidades de reorientação da linha política partidária, é interessante reparar que, nas edições pesquisadas de *A classe operária*, apenas um exercício de autocrítica pode ser claramente verificado. Este se deu por ocasião do Manifesto de agosto de 1950, quando o partido, em decorrência dos reflexos da guerra fria em território nacional, abre mão da estratégia anteriormente adotada de tornar-se um grande partido de massas através da construção de amplas alianças de classe, para apoiar a intervenção armada.

O manifesto de agosto será amplamente divulgado e discutido nas páginas de *A classe operária*, havendo grande destaque para a autocrítica de que a opção anterior, de priorizar tornar-se um grande partido de massas, teria sido um erro de análise.

Nas outras ocasiões em que reviu sua linha de ação, como quando transitou rapidamente entre a Frente Popular e a Insurreição armada em 1935, ou quando optou pela defesa da ordem no período da legalidade, a partir de 1945, percebe-se claramente que a readaptação da linha política se deu de maneira fluida e sutil e não a partir da elaboração de uma autocrítica sobre posicionamentos e práticas anteriores.

***O cavaleiro da esperança* – Jorge Amado**

Para além das páginas da imprensa, cabe examinar, nesse passo, a biografia produzida por Jorge Amado, em 1942, *A vida de Luis Carlos Prestes – O cavaleiro da esperança*[211], obra que tem como objeto a trajetória da mais popular liderança comunista da época. Amado escreve durante seu exílio, na Argentina e Uruguai, e a obra soma-se à campanha pela libertação de Prestes, entre outras iniciativas que já foram verificadas quando da análise de *A classe operária.*

Para João Quartim de Moraes, *O cavaleiro da esperança* de Jorge Amado deve ser consultado como obra de interesse historiográfico, que permite que se trace um painel do tenentismo, da ANL e da repressão estadonovista. Segundo esta análise, o livro deve ser encarado como fiel tradutor do que se passava na cabeça de militantes comunistas na década de 1940:

> "Vale notar, entretanto, atrás de seu estilo barroco-staliniano, a densidade historiográfica do relato, que permanece fonte absolutamente indispensável para a história da Coluna Prestes, do tenentismo, da Aliança Nacional Libertadora, da repressão estadonovista, etc. O interesse historiográfico é tanto maior que a evolução política do biografado antecipa a da esquerda militar de sua geração. Reconstituindo-a, ele descreve a singular mutação ideológica de uma corrente de jovens militares patrioticamente rebeldes que aderiram a uma doutrina revolucionária internacional por se recusarem a rebaixar os objetivos da revolução nacional de 1930 ao programa da modernidade conservadora de Getúlio Vargas"[212].

Para os fins de nossa análise, não é a suposta fidelidade historiográfica da obra que interessa, mas a forma mesma como o literato busca retratar a figura do líder político. Prestes é retratado por Amado como uma figura além da maioria de seus contemporâneos, como verdadeira representação do heroísmo. Herói que coloca o interesse de uma causa maior, que é a felicidade de toda a humanidade a partir da eliminação da desigualdade e da exploração do homem pelo homem, acima de qualquer interesse pessoal. Nesta biografia, faz questão de demonstrar todos os momentos em que seu biografado poderia ter sucumbido, como o teria feito a maior parte dos

---

211 AMADO,Jorge. *A vida de Luis Carlos Prestes – O cavaleiro da esperança*. São Paulo: Martins, s.d. (3ª ed.).

212 MORAES, João Quartim de. "A evolução da consciência política dos intelectuais brasileiros" in: MORAES, J.Q.. *História do marxismo no Brasil.* Vol. II (Influxos teóricos). São Paulo: Editora da Unicamp, 1995, p. 70.

humanos. Todos aqueles que não fossem construídos desta fibra tão rara e inquebrável. De tão imaculado e firme, este Prestes de Amado parece mais um herói ficcional.

O livro começa com uma explicação política. No prefácio à edição brasileira, de maio de 1945, Jorge Amado defende a política de aliança adotada pelo PCB, na formação de uma força democrática antifascista e a política do não enfrentamento. O livro, que havia sido publicado primeiramente na Argentina e em seguida em outros países da América Latina estava proibido no Brasil é apresentado da seguinte maneira ao público brasileiro no prefácio da 1ª edição brasileira: "*na luta contra o Estado Novo, mas principalmente contra o fascismo, este livro foi uma arma. (...) este é um livro político, escrito para a campanha da anistia, para a liberdade de Prestes.*"[213]

No entanto, as circunstâncias mudaram entre as publicações argentina e brasileira Jorge Amado parece querer deixar claras as reorientações comunistas: neste mesmo prefácio, justifica a mudança drástica de sua orientação, de adversário veemente do Estado Novo para aliado de Getúlio Vargas. Segundo Amado, se antes havia um alinhamento do Governo Vargas a uma matriz ditatorial e fascista, a partir do momento da entrada do Brasil na Guerra, ao lado dos aliados, teria havido a necessidade de readaptação "da esquerda" frente a um novo cenário: luta internacional antifascista e garantia da consolidação democrática.

São necessários, ao autor, oito parágrafos para justificar a transposição da figura de Vargas de inimigo das forças democráticas para base de sustentação destas mesmas forças. Nesses mesmos parágrafos o autor faz outro malabarismo para justificar que o antigo algoz de seu biografado tenha assumido papel de baluarte na luta antifascista.

Amado tenta demonstrar que seu papel como defensor de um sistema mais justo o leva a, dadas as circunstâncias históricas, reavaliar suas posições anteriores:

> "é claro que minha posição de escritor de esquerda é absolutamente anti-golpista , é pela unidade nacional, é pela saída pacífica da crise através de um governo de coalizão nacional que presida eleições livres e honestas. (...) E nós, homens de esquerda, não sujeitaremos nossa política a ódios pessoais e a ressentimentos

---

213 Amado, Jorge. *A vida de Luis Carlos Prestes – O cavaleiro da esperança*. São Paulo: Martins, s.d. (3ª ed.), p.4.

individuais. Nossos compromissos são com o povo e com os princípios que servem o povo." [214]

Neste esforço de justificar a mudança na linha política adotada pelos "homens de esquerda" (mas que na realidade representam as mudanças da linha política do PCB), Jorge Amado se utiliza da figura de Prestes para demonstrar que o caminho da unidade deva ser protegido a despeito dos erros cometidos pelo governo Vargas:

> "Ademais, a posição assumida neste momento anti-golpista, unitária, serena, independente, por Prestes, a maior vítima do Estado Novo, deve servir de exemplo de serenidade e compreensão na hora presente para aqueles que, de boa fé, não estão vendo a realidade e a justa saída da nossa crise política. Se Prestes coloca-se acima de qualquer ódio e ressentimento, então a ninguém cabe o direito de situar o seu desejo pessoal de revanche sobre os supremos interesses da pátria."[215]

A escolha de produzir obras biográficas e não romances, gênero que o consagrou, é justificada por Jorge Amado na nota introdutória de *O Cavaleiro da Esperança* da seguinte maneira:

> "Como senti necessidade de escrever uma biografia de Castro Alves, da mesma maneira achei que era meu dever de escritor perante o povo do Brasil, escrever uma biografia de Luis Carlos Prestes. Esse parênteses que faço no meu trabalho de romancista para escrever a biografia de um herói e de um poeta eu o encontro sumamente honroso para mim. Ontem, no Brasil em efervescência, o povo se levantando, lutando e construindo a revolução, estava muito bem que eu me preocupasse apenas com as figuras de romance que simbolizavam a luta, o sofrimento, a vida do povo.
>
> Hoje, quando o nazismo sangrento e assassino ameaça a própria existência de nossa pátria, achei que devia falar para o povo sobre as figuras que ele produziu e que nunca foram sufocadas, as que construíram a liberdade. (...)"
>
> Falo agora de Luis Carlos Prestes, trago para junto do povo a sua figura de herói, nascida povo e na frente do povo. Por maior que possa ser a sujeira sob a ditadura, a dignidade de Prestes, por si só, é suficiente para lançar uma luz sobre esse charco, uma luz de esperança"(p.24).

---

[214] Amado, Jorge. *A vida de Luis Carlos Prestes – O cavaleiro da esperança*. São Paulo: Martins, s.d. (3ª ed.), p.10.

[215] *Idem, ibdem*, p.15.

Apresentando essas obras como integrantes de um projeto deliberado de oferecer exemplos de luta e de esperança para o povo brasileiro, Amado reflete sobre o papel de sua produção artística como instrumento de transformação social. Afirma optar por escrever biografias que indiquem um caminho a ser seguido, esperando que a partir do reconhecimento do heroísmo fique claro o trajeto a ser tomado por aqueles que anseiam por transformações.

O autor vai além. Aponta como segundo motivo impulsionador da escrita a própria importância de seu biografado para o revigoramento da literatura brasileira. Aponta que a arte não deve ser interpretada de forma descolada da realidade social, sendo, portanto, o papel de relevo desempenhado por Prestes no cenário político nacional imprescindível para o surgimento de uma nova literatura, impregnada por uma perspectiva social:

> "A moderna literatura brasileira, aquela que deu os grandes romances sociais, os estudos de sociologia, a reabilitação do negro, os estudos históricos, resulta diretamente do ciclo de revoluções iniciado em 22 que só encontrará seu término com o pleno desenvolvimento de transformação democrático-burguesa. 22, 24, 26, 30 e 35, trouxeram o povo à tona, interessaram-no nos problemas do Brasil, deram-lhe uma ânsia de cultura da qual resultou o movimento literário atual. E como Luis Carlos Prestes foi e é a figura máxima de todos esses movimentos, chefe, condutor e general, a sua ligação com a moderna literatura brasileira é indiscutível." [216]

A ligação entre a vertente literária da qual se aproxima e as transformações políticas do Brasil recente, para Amado, parece evidente. O autor faz questão de frisar que, nem uma nem outra, podem ser verdadeiramente compreendidas a menos que seja reconhecido o papel relevante desempenhado por Prestes, o "herói" que se propõe a biografar. No entanto, a investigação das dívidas da literatura nacional para com Prestes são, segundo o autor *"o menor dos motivos que me levam a escrever este livro. O mais importante de todos, é o meu amor ao povo, ao seu heroísmo, à sua beleza. (...) E com ele aprendi a amar Luís Carlos Prestes ."*[217]

Outra passagem desta introdução que vale à pena ser ressaltada é aquela em que o autor refaz sua relação com o biografado. Afirma ter ouvido pela primeira vez falar de

---

[216] AMADO, Jorge. *A vida de Luis Carlos Prestes – O cavaleiro da esperança*. São Paulo: Martins, s.d. (3ª ed.), p. 25

[217] *Idem ibdem*, pp.25-26

Prestes ainda menino, quando era aluno do colégio interno, e afirma que desde então nutriu profundo respeito por esse nome que passou identificar à esperança. Respeito que só teria aumentado quando foi "seu soldado" na Aliança Nacional Libertadora. A idéia do livro teria surgido em 1938, mas sua concretização não foi imediata:

> "Realizo hoje, feliz de ter cabido a mim falar sobre o maior dos homens do meu país. (...) Disse uma vez que uma coisa me ligava poderosamente a Castro Alves e que por isso escrevia sem medo a sua biografia: A fidelidade ao meu povo, às suas lutas e aos meus ideais. Repito isso em referência a Prestes.
>
> Como ele, tenho sido fiel ao meu povo. E é essa fidelidade que me leva hoje a escrever. (...) Um escritor do povo falando sobre um líder do povo tem sempre a certeza de que fará uma obra útil. Sei que desse livro que inicio a figura de Prestes saltará ligeira. É o que me importa."[218]

Neste trecho, fica patente a tentativa de identificação de Prestes com Castro Alves, a partir da escolha da mesma interlocutora para a introdução das obras, pelas constantes referências a Castro Alves na introdução da biografia de Prestes, na ligação do próprio Prestes a uma transformação da literatura nacional e, sobretudo, na definição dos dois retratados como homens do povo, como seus arautos e defensores. Fica clara ainda, a tentativa do autor de aproximar-se desta linhagem de homens, convidando o leitor a acompanhá-lo.

Amado não deixa dúvidas sobre os motores e as intenções que levaram a sua obra. Apresenta-se como admirador de Prestes e ressalta que com essa biografia pretende, a um só tempo, inspirar as massas a partir da figura do herói revolucionário e contribuir com a denúncia da prisão de seu líder. Não se apresenta como um biógrafo imparcial e deixa clara, desde a nota introdutória do livro, sua admiração incondicional pelo retratado. Afirma que pretende que essa admiração seja compartilhada por seus leitores. Em suas próprias palavras:

> "(...) Esse não é um e nem pretende ser um livro frio. Não analiso uma figura distante no tempo e distante na minha afeição. Nunca trataria de uma figura que não amasse. Não, desse livro que inicio, a figura de Prestes saltará inteira. É que é escrito com paixão, sobre uma figura amada. E, quanto ao equilíbrio e a

---

218 AMADO, Jorge. *A vida de Luis Carlos Prestes – O cavaleiro da esperança*. São Paulo: Martins, s.d. (3ª ed.), p.26.

imparcialidade, de referência a Luís Carlos Prestes são coisas que não se fazem necessárias medir. Porque nele os lados negativos não surgiram nunca, nem nos dias de luta, nem nos dias de triunfo, nem nos dias de prisão, esse dias que despem o homem de todas as capas artificiais e o colocam nu nos seus verdadeiros sentimentos. Nesses dias Prestes apareceu ainda maior e mais herói.

Falo dele com admiração, com entusiasmo e com fé. Não falaria sobre ele se não o amasse, não confiasse nele. Falo dele como um escritor do povo sobre um condutor do povo. Com liberdade e com amor."[219]

Depois de descrever Prestes como herói desde a juventude, apontando qualidades que sempre o diferenciaram dos que o cercavam, Jorge Amado acompanha Prestes desde a infância até sua vida na cadeia. Em todas essas ocasiões, o personagem aparece como uma criatura acima da média, dotado de abnegação sem par e de coragem inquebrantável. Apenas para ilustrarmos a forma como o escritor se refere a Prestes, a quem chama de guia, herói, líder, dentre outros epítetos, vale a pena a menção a uma das passagens em que o narrador dirige-se a sua interlocutora. Descrevendo o início do exílio de prestes na Bolívia, declara:

"Está doente, a febre o consome, de todas as partes do Brasil, todos os partidos políticos, os mais diversos, o chamam, o convidam para seu chefe. Todos querem explorar seu nome e o seu prestígio. Também os partidos dos outros países da América o procuram. Ele chegou cercado de lenda e de heroísmo. É a esperança do seu povo. Todos o querem utilizar em proveito próprio. Na sua mão ele tem os problemas. Porém, amiga, ele, indiferente aos chamados, indiferente aos oferecimentos, quer apenas encontrar a solução para esses problemas. Seu tempo de exílio, que vai começar é todo ele dedicado a essa busca afanosa. Só volta ao Brasil quando tem algo de concreto para o seu povo.

Agora, amiga, deixamos a coluna internada em terras da Bolívia, terminada a Grande Marcha, quero te dizer que ela não levantou apenas o povo. Ela ensinou também a Luis Carlos Prestes. Não restam apenas o heroísmo, as vitórias militares revelando o gênio do general de vinte e seis anos. A Coluna, linha do coração traçada na mão do Brasil, como disse o poeta [Raul Bopp], amiga, revela o país de Luis Carlos Prestes, dá-lhe a responsabilidade de herói de um povo. Nunca trairá a Coluna. Mesmo hoje, amiga, na prisão mais infecta, ele está continuando a Grande Marcha, os problemas na mão direita, na mão esquerda as soluções. Como naqueles distantes anos, o povo espera. Mais que qualquer outra, sua voz vai concorrer para que terminem os dias de fome e escravidão. Desta vez para sempre"[220].

---

[219] Amado, Jorge. *A vida de Luis Carlos Prestes – O cavaleiro da esperança*. São Paulo: Martins, s.d. (3ª ed.), p.29.

[220] *Idem, ibdem*, p.196.

A percepção de que o tipo de apresentação que Jorge Amado fez, em 1942, da figura de Prestes, que em um primeiro momento parece indicar uma prática quase que ficcional na construção de um herói, mas que, depois, percebe-se, não se distancia da forma pela qual Prestes vem sendo tratado nas páginas de *A classe operária* desde o final da década de 1930, nos ajuda, neste momento, ao encaminhamento das conclusões a que chegamos sobre o esforço empreendido pelo PCB na construção de seu herói nacional.

A obra de Amado passa então a ser entendida consoante a outros esforços do partido no sentido de tornar possível catalisar, em torno do nome de Prestes, as energias de militantes ou da sociedade em geral. Essa constatação nos ajuda a perceber que antes do que uma atividade isolada de culto à personalidade, *O cavaleiro da esperança* insere-se em um longo e persistente esforço dos comunistas pela mobilização da sociedade brasileira.

É recorrente na mídia comunista a idéia de que o partido não pode falhar por apoiar-se em sistema de interpretação e intervenção da/na realidade – o marxismo -, sistema infalível porque cientificamente comprovado. Assim como a idéia de que os grandes líderes são aqueles que sabem manejar perfeitamente esse arsenal teórico. Para melhor traduzirmos a conjugação destas duas idéias, recorremos às palavras do próprio Zdanov, que apregoava que *"Possuímos uma arma segura para superar todas as dificuldades. Essa arma é a doutrina grandiosa e invencível de Marx, Engels, Lênin e Stalin, que encarna a vida de nosso partido."*[221]

No Brasil, podemos verificar a aplicação desta interpretação da invencibilidade do partido justificada a partir da utilização do marxismo por grandes homens, que seriam os "intérpretes" e "guias", a partir dos artigos de *A classe operária* que reputam a Prestes o papel de grande conhecedor da teoria marxista e que, em seguida, fazem a ponte para apontá-lo como grande tradutor desta teoria para a realidade brasileira, apto, portanto, a apontar as grandes linhas de ação e intervenção necessárias a cada conjuntura específica.

A idéia de que o marxismo seria um guia de ação oscila entre dois extremos opostos nas páginas de *A classe operária*. Por um lado, é estimulada a noção de que as

---

221 Moraes, Dênis. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p.95.

palavras de Marx, Lênin e Stalin deveriam estar ao alcance de todos os militantes e, neste sentido, são publicadas traduções de seus textos, durante todo o período pesquisado, nas páginas de *A classe operária* e de outros jornais comunistas, assim como são constantes os anúncios de obras de Marx, Lênin e Stalin publicados pelas editoras do partido, como a Vitória[222]. Por outro lado, a correta interpretação desta "doutrina grandiosa" estaria reservada ao partido, representado por seus dirigentes e, em especial, por Luis Carlos Prestes. Essa prioridade na correta interpretação de teoria e conjuntura, garantiria as remodelações e reorientações efetuadas ao longo das décadas.

Segundo Dênis de Moraes, o fascínio pelo líder aparece como um dos pontos chave de sustentação do marxismo-leninismo-stalinismo e a *"imprensa comunista esmerou-se na difusão sincopada do culto à personalidade de Stalin e, no caso brasileiro, de Luis Carlos Prestes – ambos elevados a estátuas das virtudes humanas"*[223]. Desta forma, constatamos neste capítulo que o processo de construção de Prestes como o grande líder revolucionário, guia dos brasileiros, condutor de massas e intérprete maior do marxismo-leninismo-stalinismo, foi em grande medida um processo conduzido pelo partido para adequar-se ao modelo soviético, que percebia na figura do herói e dirigente a possibilidade de construção eficiente da direção política.

É interessante perceber que as transformações conjunturais não são suficientes para destituir Prestes desta aura de infalibilidade. Nas diversas reformulações por que passou o partido, optou-se pela continuidade do culto a Luis Carlos Prestes, mesmo em momentos em que seu posto de Secretário Geral era muito mais simbólico do que efetivo. Mesmo nesses momentos, em que não tinha mais poder diretivo dentro da estrutura partidária, continuou a ser referido pela imprensa comunista como o grande líder, servindo como pólo aglutinador de forças e desencadeador de mobilizações.

Nossos autores contribuíram para a construção desta representação de Prestes. Ambos participaram e legitimaram esse esforço do Comitê Central, desempenhando a tarefa de escrever sobre Prestes. No entanto, Graciliano o fez em texto curto e Jorge Amado, além destes, como pudemos verificar anteriormente, também participou da campanha de anistia de Prestes com a elaboração da biografia *O cavaleiro da esperança.*

---

222 Analisada mais detidamente no terceiro capítulo deste trabalho.

223 Moraes, Dênis. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p.96.

O que verificamos, é que, dentro de uma política partidária que priorizava para a área cultural o realismo socialista, tornou-se prática corriqueira a participação dos intelectuais do partido como construtores de uma visão idealizada de Prestes. Como militantes e vedetes do PCB, Amado e Ramos não se furtaram à tarefa.

Mas os esforços empreendidos por um e por outro não foram proporcionais. E isso parece indicar a organicidade ou o lugar que cada um deles ocupou na máquina partidária. Enquanto Graciliano fez o que quase todos os outros intelectuais comunistas fizerem, ou seja, a redação de pequenos textos em homenagem ao cavaleiro da esperança, para serem publicados em datas comemorativas; Jorge Amado parece ter lidado com um outro grau de comprometimento, tendo sido o responsável pela escrita da biografia de Prestes.

Poderemos, nos próximos capítulos, verificar esse grau de organicidade de nossos dois escritores no partido a partir da observação das orientações do PCB para a área cultural em suas obras – e, no caso específico das décadas de 1940 e 1950 na aplicação dos pressupostos do realismo socialista.

Capítulo 2

Escritores, militantes – os anos 1930

A década de 1930 é marcada pelo aparecimento de uma nova geração de escritores que transformaram os moldes do romance brasileiro. A partir desta geração, formada majoritariamente por nordestinos, nossa prosa passa a apresentar como marca maior a produção de uma ficção regionalista que tinha como "paisagem" abordada "*o nordeste decadente, as agruras da classe média no começo da fase urbanizadora, os conflitos internos da burguesia entre provinciana e cosmopolita*"[224]. Do ponto de vista estilístico, os romancistas da geração de trinta serviram-se dos caminhos abertos pela geração de 22 e apresentaram uma prosa marcada por brasileirismos, regionalismos e o uso abundante da linguagem oral.

Graciliano Ramos e Jorge Amado são identificados como escritores surgidos nessa nova leva de romancistas que, a partir da década de 1930, passa a chamar atenção da crítica especializada e a publicar uma grande safra de romances[225].

Assim, neste capítulo, pretendemos analisar o primeiro momento da produção destes autores, investigando as obras que os introduziram e consolidaram no círculo de escritores reconhecidos pela critica e pelo fechado meio literário da capital da república. Centraremos nossa análise nas obras literárias ficcionais de Graciliano Ramos e Jorge Amado publicadas durante a década de 1930, a saber, nos romances *O país do Carnaval*[226], *Cacau*[227], *Suor*[228], *Jubiabá*[229], *Mar Morto*[230], *Capitães da areia*[231], de

---

[224] BOSI, Alfredo. *Historia concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix. 1977(2ª Ed, 7ª) p.433.

[225] Ainda segundo Alfredo Bosi, Outros escritores que também podem ser agrupados dentro desta geração são Jose Lins do Rego e Raquel de Queiroz.

[226] AMADO, Jorge. *O País do Carnaval; Cacau; Suor.* São Paulo: Martins, 1957.

[227] AMADO, Jorge. *O País do Carnaval; Cacau; Suor.* São Paulo: Martins, 1957.

[228] AMADO, Jorge. *O País do Carnaval; Cacau; Suor.* São Paulo: Martins, 1957.

[229] AMADO, Jorge. *Jubiabá.* 28 ed. São Paulo: Martins, s.d.

[230] AMADO, Jorge *Mar Morto.* 54 ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.

[231] AMADO, Jorge. *Capitães da Areia.* Rio de Janeiro: 1991

Jorge Amado, e *Caetés*[232], *São Bernardo*[233]; *Angústia*[234] e *Vidas Secas*[235], de Graciliano Ramos.

Autores, livros e editoras

Para Antonio Albino Canelas Rubim, em seu estudo "Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil", publicado no terceiro volume de *História do marxismo no Brasil*, para o estudo da intelectualidade brasileira, esta entendida por uma perspectiva gramsciana, é fundamental, como marco, a década de 1930. Foi nessa época que começou a se formar "*um circuito cultural fundado no mercado do livro, que encontra sua expansão naqueles tempos, e pela modernização da sociedade, em especial, pela ampliação do Estado e de suas atribuições, inclusive no campo da educação superior*."[236] Investigar, portanto, as características deste "circuito cultural" se faz necessário para que se atinja uma boa compreensão da representatividade da obra de nossos autores.

A acreditar-se na descrição que Jorge Amado faz, em 1992, sobre o que seria o mundo de livros, editores e autores que constituiriam o universo das letras nacionais no início dos anos trinta, este era um universo bastante limitado. O interessante desta declaração é que ela nos ajuda a pensar como funcionava a dinâmica do mercado editorial no início dos anos 1930, sendo o "território literário", de então, descrito da seguinte maneira pelo escritor:

> "Não eram realmente vastos os limites geográficos desse território, iam da Travessa do Ouvidor, endereço da Livraria e Editora Schmidt, até a Cinelândia onde funcionava o movimentado consultório do poeta (e médico) Jorge de Lima e a não menos movimentada redação do *Boletim de Ariel*, na sede da Ariel Editora. Nesses locais – a Editora José Olympio só se mudou de São Paulo para o Rio em 1934 –, os literatos se reuniam para falar de cultura e da vida alheia, comentar

232 RAMOS, Graciliano, *Caetés.* 7 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1965.
233 RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 23 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974.
234 RAMOS, Graciliano. *Angústia.* 13 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1971.
235 RAMOS, Graciliano. *Vidas secas.* São Paulo, Record,
236 Rubim, Antonio Albino Canelas. "Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil". *In*: MORAES, João Quartim de (org.). *História do Marxismo no Brasil.* Vol. 3 "Teorias. Interpretações". Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p.377.

> livros, elaborar projetos, afirmar ou desancar glórias estabelecidas ou nascentes. População literária pequena, produção editorial reduzida, todos os autores se conheciam, liam-se todos os livros. Penso que naqueles idos não passávamos de uns trezentos indivíduos que se dedicavam às letras em todo o país."[237]

Mesmo que tenha sido percebido por Jorge Amado como um território restrito e reduzido, Alessandra El Far destaca a importância das transformações ocorridas neste cenário do início século XX, relacionando o aparecimento de um verdadeiro mercado editorial e de novos escritores:

> "Ora na esteira das grandes promessas, ora em meio a um começo mais singelo, diversos escritores despontaram ao longo do século XX, consagrando, ao mesmo tempo, aqueles que descobriam e editavam suas obras. Nesse sentido, podemos citar, dentre muitos outros, Manuel Bandeira, José Lins do Rego, **Graciliano Ramos,** João Guimarães Rosa, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Cecília Meireles, Lygia Fagundes Telles, **Jorge Amado,** Rubem Braga, Fernando Sabino e Érico Veríssimo"[238]

Como já indicado, identificados largamente pela crítica literária com a "geração de 1930" que inaugurou no Brasil o "romance social", esses escritores, no entanto, não apresentavam no momento de escrita de suas primeiras obras um sentido de unidade programática como foi o caso, por exemplo, da geração de modernistas que os precedeu. Segundo depoimento de Raquel de Queiroz, na época em que começaram a escrever suas primeiras obras, nenhum dos romancistas que posteriormente seriam agrupados no grupo do "romance nordestino" tinha a intenção de produzir um "romance social": *"Nós não tínhamos a intenção de fazer romance de sentido social (...) o que fazíamos era romance-documento, romance-testemunho"*[239]. Essa afirmação de Raquel nos é útil no sentido de indicar como elemento de coesão entre estes novos escritores, sobretudo, a vinculação do narrado a situações observadas em suas realidades específicas. Como grande parte destes escritores era proveniente do nordeste, se dá, então, o estabelecimento de uma unidade explicativa de suas obras a partir de uma perspectiva geográfica.

---

[237] Amado, Jorge. *Navegação de Cabotagem.* Rio de Janeiro: Record, 1992, p.25-26.

[238] El Far, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006 (Coleção Descobrindo o Brasil), p.42. (grifos nossos)

[239] Moraes, Dênis de. *O velho Graça (uma biografia de Graciliano Ramos)*. *Rio de Janeiro*: José Olympio Editora, 1992, p.67.

Esse novos romancistas passam a produzir em um contexto de aceleradas transformações no mercado editorial brasileiro. Segundo Andéa Galucio, a crise de 1929 foi imprescindível para a instauração e consolidação de um mercado brasileiro de livros. Até então, o preço do imposto de importação de livros impressos era mais baixo do que o imposto para a importação de papel, o que fazia com que o mercado brasileiro de livros fosse alimentado, sobretudo, por material importado. Com a crise, *"o quadro econômico provocava uma diminuição na capacidade de comprar bens importados, livros entre eles",*[240] o que favoreceu o aumento da produção de livros no Brasil. O crescimento do mercado livreiro na primeira metade do século XX pode ser verificado a partir surgimento de pequenas e médias editoras.

Em função destas facilidades para a produção interna de livros, é possível, nas décadas de 1930 e 1940 uma "*crescente profissionalização da atividade literária, em especial na sua atividade editorial*"[241] que permite a uns quantos indivíduos fazer da escrita sua profissão, mantenedora de sua subsistência. Entender esse novo panorama que vem na esteira de profundas transformações do cenário econômico, político e cultural do Brasil, pode nos auxiliar na compreensão mesma de diferenças significativas nas trajetórias de nossos autores.

Pensar as trajetórias de Graciliano e de Jorge, bem como da geração que com eles iniciou-se na escrita e publicação de romances nos anos de 1930, requer um pequeno recuo no tempo, para que se entenda a questão da profissionalização do escritor. Desde finais do século XIX, as formas mais garantidas e recorrentes de subsistência para escritores não abonados se resumiam aos jornais, ao emprego público e o recurso a alguma das "*formas associativas que iam desde as que propunham a garantia profissional – na defesa dos direitos autorais – até as que podiam mesmo prover a subsistência – como a Academia Brasileira de Letras*"[242]

Até o início do século XX, existiam poucas casas editoras no Brasil, e estas se restringiam, na quase absoluta maioria dos casos, à publicação de autores já consagrados. Mesmo estes não recebiam o suficiente para se manterem apenas a partir da atividade literária. Muza Velasques faz o seguinte cálculo:

---

[240] Galucio, Andréa Lemos Xavier. *Civilização Brasileira e Brasiliense: trajetórias editoriais, empresários e militância política.*Niterói: UFF, 2009. (Tese de doutorado), p.43.

[241] Velasques, Muza Clara Chaves. *Homens de letras no Rio de Janeiro dos anos 30 e 40*. Niterói, 2000. Tese de doutorado, UFF, p.161.

[242] *Idem ibdem,* p.161.

> "Exemplo paradigmático é o dos contratos de Machado de Assis com a Editora Garnier. Por seu primeiro livro, *Crisálidas,* Machado recebeu da Garnier 150 réis por exemplar, em 1864. Mais de 10 anos depois, já consagrado como romancista, Machado receberia 600 mil réis por uma edição de 1500 exemplares de *Helena.* Pelo conjunto das obras que Machado tinha editado até 1899, com liberdade para rodar quantas edições quisesse, a Casa Garnier pagou ao escritor oito contos de réis. Apenas para estabelecermos comparações de ordem de grandeza, para receber com livros o mesmo que um professor formado pela escola normal recebia (cerca de 3 contos anuais), Machado teria que publicar cinco romances por ano"[243].

Pensar a questão dos direitos autorais se torna, portanto, imperativo para que se processe a compreensão do mercado editorial brasileiro e a profissionalização do escritor. Desde finais do século XIX vários intelectuais começam a se manifestar no sentido de criação de uma lei de direitos autorais que garantisse como obrigatório o seu pagamento. A importância desta questão aparecerá, depois, como um dos focos da Associação Brasileira de Escritores, que discutiremos no próximo capítulo.

A importância da compreensão da dificuldade financeira de sobrevivência a partir da atividade literária, *strictu sensu*, ajuda a entender a esmagadora quantidade de literatos que continuavam a desempenhar outras atividades profissionais, além de dedicarem-se às letras. Essa dificuldade de pensar a literatura como profissão, persistente mesmo depois da sensível melhora do mercado editorial na década de 1930, foi sentida de formas bastante distintas por nossos autores, como tentaremos investigar adiante.

Outra transformação interessante naquela primeira metade de século é a influência de transformações de âmbito internacional que colocam a questão das classes trabalhadoras, em geral, e do comunismo, em específico, na ordem do dia. No Brasil, no início da década de 1930, o PCB passa a ter mais participação e maior visibilidade nas lutas sociais desde que fora criado em 1922.

Além disso, surgem novas editoras, muitas delas com feição nitidamente partidária, a exemplo da Calvino, da Pax, da Unitas e da Cultura. O mercado é abastecido

---

[243] Velasques, Muza Clara Chaves. *Homens de letras no Rio de Janeiro dos anos 30 e 40*. Niterói, 2000. Tese de doutorado, UFF, pp.162-163.

com diversas publicações a respeito do marxismo e do regime soviético. Amplia-se o público leitor, aumentam as tiragens[244].

Outra característica deste início dos anos 1930, é o começo de uma produção nacional de livros que introduzem a classe trabalhadora na literatura a partir de uma perspectiva de esquerda. Essa nova tradição, intimamente vinculada às transformações econômicas e sociais que se processavam, é representativa também de uma maior evidência, sobretudo nos centros urbanos, da imposição, por meio de greves e de outras manifestações, das demandas dos trabalhadores. Exemplos desta nova forma de se fazer literatura podem ser encontrados, por exemplo, nos livros *Poemas proletários*, de Paulo Torres, *O Gororoba*, de Lauro Palhano, *Bruhaha,* de Pedro Mota Lima, *O Corumbas*, de Amando Fontes, *Parque industrial*, de Patrícia Galvão, e o *Rei da Vela*, de Oswald de Andrade[245].

Essa produção nacional coadunava-se a uma tendência mundial. A vitória da revolução russa abriu uma nova fase em que o comunismo é trazido para dentro da literatura. Eduardo de Assis Duarte indica ainda, uma lista das leituras "vermelhas" que começaram a circular de forma mais organizada neste novo mercado editorial brasileiro:

> "Em diversos setores da população, sobretudo nas cidades, há uma curiosidade cada vez maior envolvendo a revolução Russa e o impacto causado na política mundial pela nova correlação de forças. Publicam-se textos de Marx, Engels, Lênin, Trotski, Plekhanov. Fazem sucesso as narrativas de viagem à Rússia dos sovietes, como as de Maurício de Medeiros e Caio Prado. O materialismo dialético e a economia política marxista surgem muitas vezes diluídos em textos de comentaristas ou peças de propaganda, juntando-se aos relatos e testemunhos então publicados.
>
> Por esta época são inúmeras as traduções de romances comunistas. Da União Soviética nos chegam, entre outros, *As aventuras de Júlio Jurenito,* de Ehrenburg; *A Derrota,* de Fadeiev; *O cimento,* de Gladkov; *A semana,* de Lebedinski (considerada a melhor obra da nova literatura russa); *Beco sem saída,* de Vieresraief; *Contos soviéticos,* de Boris Pilniak, além dos vários escritos de Gorki. Da França são traduzidos *A condição humana* e *Os conquistadores,* de Malraux, *A nova Rússia,* de Barbuse. Dos Estados Unidos vêm *Judeus sem dinheiro,* de Michael Gold; *Petróleo e feriado romano,* de Upton Sinclair, entre outros".[246]

---

244 Duarte, Eduardo de Assis. *Romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal: UFRN, 1996. p. 27.

245 *Idem, ibdem*, p.29.

246 *Idem, ibdem,* pp. 27-28.

A indicação destas leituras é importante para entender o conjunto de idéias circulantes no Brasil, à época. Esta percepção torna mais fácil a compreensão, inclusive, do aparecimento de um caráter mais "social" da literatura de então[247]. E essas idéias nos servem como ajuda na hora de tentar configurar a base sobre a qual nossos escritores construíram sua obra.

Como podemos perceber, no momento de publicação dos primeiros livros de Jorge Amado e Graciliano Ramos, transformações profundas se processavam rapidamente mundo das letras.

O país do carnaval

No ano de 1930, nem Graciliano nem Jorge haviam começado a publicar. Graciliano Ramos havia acabado de se transferir para Maceió, onde assumiria o cargo de diretor da Imprensa Oficial de Alagoas, no dia 31 de maio, logo após renunciar ao cargo de prefeito de Palmeira dos Índios[248]. Jorge Amado deixava Salvador e se dirigia ao Rio de Janeiro, onde cursaria a Faculdade de Direito a partir do ano de 1931. Neste mesmo tempo, ambos publicam textos esparsos na imprensa, Graciliano, principalmente no *Jornal de Alagoas*, com o pseudônimo "Lucio Guedes"; e Jorge em publicações de Salvador e do Rio.

Até o final do ano de 1931, Graciliano Ramos continua com seu emprego público como Diretor da Imprensa Oficial de Alagoas, cargo que ocupa até o dia 29 de dezembro, quando se demite. Para Jorge Amado, entretanto, o ano de 1931 seria mais profícuo. É o ano de sua estréia como romancista. Seu primeiro livro, *O país do*

---

[247] Duarte, Eduardo de Assis. *Romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal: UFRN, 1996, p.28.

[248] Dois Relatórios escritos pelo então Prefeito ao governador já haviam colocado o nome de Graciliano em certo destaque no mundo das letras, após sua leitura pelo poeta e editor Augusto F. Schmidt.

Carnaval[249], publicado pelo editor Augusto Frederico Schmidt, lança o jovem de 18 anos no mundo das letras[250].

Em seu livro de memórias, *Navegação de cabotagem*, Jorge Amado declara que deve a publicação deste seu primeiro romance à intervenção de Tristão da Cunha, *"Figura influente as letras nacionais"*, que depois de ler os originais do romance deixados, há muito, pelo autor na editora Schmidt, teria intercedido a favor da publicação do primeiro livro do jovem romancista.

Em linhas gerais, o romance, que tem como protagonista Paulo Rigger – rico herdeiro que retorna ao Brasil depois de sete anos na Europa – trata da busca por uma 'verdade' maior por parte uma geração de jovens que, no início do século XX, circula pelas rodas literárias da capital do estado baiano. Paulo Rigger é descrito pelo narrador[251] da seguinte forma:

> "Aos 26 anos, era o tipo do cerebral, quase indiferente, expectador da vida, Frio, não se emocionava. Tinha prazeres diferentes: amava ser contra as idéias dos seus vizinhos de mesa e gostava de estudar almas.(…)
>
> Sibarita tinha pelos seus instintos uma quase adoração. Conhecia, assim, todos os vícios"[252]

---

249 AMADO, Jorge. *O País do Carnaval; Cacau; Suor.* São Paulo: Martins, 1957.

250 "O primeiro romance de Jorge Amado teve sua redação concluída no Rio de Janeiro, em dezembro de 1930, e sua 1ª edição, pela Schmidt Editor, Rio de Janeiro, em setembro de 1931, com 217 páginas, mil exemplares, e carta-prefácio do poeta Augusto Frederico Schmidt. A 2ª edição, com tiragem de dois mil exemplares, é de julho de 1932. Depois de ser reeditado pela Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, a partir de 1941, passou a ser editado pela Livraria Martins Editora, São Paulo, integrando, com os romances *Cacau* e *Suor*, o primeiro tomo da coleção "Obras Ilustradas de Jorge Amado", volume I, capa de Carybé e ilustrações de Darcy Penteado. / A partir da 30ª edição, 1976, vem saindo pela Editora Record, Rio de Janeiro, com capa de Di Cavalcanti, ilustrações de Darcy Penteado, retrato do autor por Flávio de Carvalho e foto do autor por Zélia Gattai, em volume separado, com 183 páginas. Em 1999, foi publicada a 49ª edição. / Foi publicado em Portugal e traduzido para o espanhol, francês e italiano." *In: http://www.fundacaojorgeAmado.com.br/obras_jorge/p_carnaval2.htm*

251 Num breve histórico, a trajetória de Rigger é apresentada como sendo a seguinte: "No tombadilho, Paulo Rigger abandonou-se aos seus pensamentos, estava de volta ao Brasil depois de sete anos de ausência. Ainda estudante de ginásio morrera-lhe o pai, riquíssimo fazendeiro de cacau no sul do Estado da Bahia. A última vontade do velho Rigger foi que mandassem o *seu rapaz* formar-se na Europa. E terminado o curso ginasial, Paulo seguiu para Paris em busca de um anel de bacharel. O velho Rigger queria o filho formado. Mas já estava muito banal a formatura no Brasil. Só poderia fazer sucesso um doutor da Europa." *In:* AMADO, Jorge. *O País do Carnaval; Cacau; Suor.* São Paulo: Martins, 1957, p.22.

252 AMADO, Jorge. *O País do Carnaval; Cacau; Suor.* São Paulo: Martins, 1957, pp.22-23.

O protagonista é apresentado como perfeito representante de uma juventude burguesa, fútil e niilista que, não encontrando limites para a manutenção de seus prazeres, nem dificuldade para a satisfação de seus instintos, se entedia com a vida e não consegue fazer verdadeiras conexões com aqueles que não desfrutam de uma existência tão despreocupada das questões materiais. Paulo Rigger não acredita em movimentos coletivos que busquem a felicidade geral, é profundamente individualista e cínico.

A posição de Rigger sobre a busca da felicidade, defendendo que esta só pudesse se realizar a partir da esfera individual, é uma das referências do romance à questão da diferença entre as soluções coletivas e individuais. Negando completamente a possibilidade de um projeto que congregue forças no sentido de construção de um progresso para o país, declara: "-*Só se deve cuidar da felicidade pessoal. No dia em que cada um for feliz a humanidade o será… esse negócio de sacrificar-se pelo bem estar comum, não vai comigo. E Pátria… Eu não tenho sentido de Pátria.*"[253]

Um ponto que merece destaque em nossa análise desta obra, diz respeito à categoria "povo", utilizada ao longo da narrativa de forma abstrata pelo narrador: ao longo do texto serão contínuos – e infrutíferos – esforços de Paulo Rigger para compreender a "essência" do "povo" brasileiro. Essa busca, empreendida desde que regressou ao Brasil é encarada como um exercício filosófico ou sociológico por Rigger, que tenta desvendar a essência do povo, da mesma maneira com que tenta alcançar uma 'Verdade' absoluta para a felicidade. Essa preocupação do protagonista de *O país do carnaval* em entender a essência do povo brasileiro pode ser compreendida como reflexo do sentimento de alteridade que Rigger nutre pelos outros brasileiros, pensando, sentindo e agindo como um europeu: *"O seu povo… não, o seu povo não era aquele. Toda a sua formação francesa bradava-lhe que o seu povo estava na Europa."*[254]

O primeiro protagonista de Jorge Amado representa uma juventude rica completamente alienada da realidade brasileira, uma juventude que desfruta das benesses oferecidas por seus pais que, na busca de legitimação social como parte integrante da elite, vêem na educação superior européia a saída para a promoção da distinção social de sua prole. Esses pais, normalmente com fortuna construída na

---

253 Amado, Jorge. *O País do Carnaval; Cacau; Suor.* São Paulo: Martins, p.61.

254 *Idem, ibdem*, p.24

lavoura agro-exportadora, enviam seus filhos para a Europa, de onde voltam 'doutores' - médicos, advogados ou engenheiros.

Depois de passar anos na Europa, com farta mesada enviada pelos pais, esses jovens estão completamente desconectados não só da realidade brasileira, como também das engrenagens que permitiram a manutenção de sua vida de *bon vivant* no velho continente. Essa desconexão faz com que a visão que produzem sobre o Brasil, quando são obrigados a retornar e a exibir o investimento feito pelos pais (ou seja, retornar como doutores europeus, se casar, tocar os negócios da família e, se possível, conseguir um cargo legislativo para brilhar na alta sociedade como um homem completo, culto e refinado), seja uma visão pejorativa do povo, dos hábitos e da cultura brasileiros.

Jorge Amado introduz neste seu primeiro livro uma discussão sobre a política brasileira no início do século XX. Paulo Rigger, como representante de uma exclusiva e selecionada juventude, não consegue entender o funcionamento da política no Brasil, que é lida de maneira pejorativa, sempre avaliada em oposição ao parâmetro europeu. Protagonista do romance e representante desta juventude que o autor critica, Rigger desembarca no Brasil no momento de profunda agitação política que marcou a chegada de Vargas ao poder:

> "Chegara à Bahia num dia de grande animação. No mesmo navio que ele, viajaram alguns oposicionistas que iam em caravana de propaganda eleitoral fazer discursos no norte. (…) acompanhava-o grande massa popular. É que entre os caravaneiros, vinha um deputado considerado o maior orador do país. E o brasileiro dá a vida por uns tropos de retórica. (…) No alto da ladeira da Montanha, a multidão parou pela sexta vez. Um bêbado fazia um discurso, esforçando-se por equilibrar-se. (Mas que sacrifício não faria pela Pátria?)
>
> - Eu sou o orador da canalha das ruas! O orador dos mendigos, dos cegos que pedem esmolas, dos aleijados (ampararam-no para não cair), da lama dos esgotos, das prostitutas… Pela minha boca, ilustres caravaneiros, saúdam-vos os prostíbulos, os hospitais, a podridão das vielas…
>
> O *maior orador do país* agradeceu, emocionado, a saudação dos cegos, dos aleijados, das rameiras e da lama das ruas**…**"[255]

Esta passagem é interessante de ser discutida por conta das posições posteriores do autor sobre a participação popular na vida política. Nesta passagem de seu primeiro

---

255 Amado, Jorge. *O País do Carnaval; Cacau; Suor.* São Paulo: Martins, 1957, pp.39-40.

romance transparece uma visão sobre o clima de disputa política no final da República Velha que descreve um cenário em que a população parece envolvida apenas como espectadora, mais interessada na parte do espetáculo possibilitado pela presença de célebre orador. E, o maior espetáculo parece ser a fala de um bêbado que, em nome das putas e dos mendigos, saúda um deputado da oposição. Mais adiante no romance, este mesmo bêbado, no início do governo Vargas, reaparece, designado como Major, fazendo outro discurso, agora condenando os revolucionários de 1930[256].

As críticas elaboradas por Jorge Amado em seu livro de estréia se coadunam a visão que nas letras se traduzem em uma decepção com a república. Jorge Amado seria tributário de uma tradição inaugurada junto mesmo com a república de analisar a situação política e econômica brasileira com ceticismo. A leitura corrente feita por muitos autores no início do século XX seria a de que o início da república no Brasil teria sido marcado pela permanência de estruturas do período imperial. Essa permanência pode ser vastamente observada na estrutura de poder que se apóia ainda nas mesmas elites:

> "Evocamos, ao lado dos governantes, uma diplomacia numerosa, um aparato burocrático notável, civil e militar, concentrado nas cidades, principalmente no Rio, capital oficial e real da República. Depois, a imensa retaguarda rural, quase toda mestiça, dominada pelas oligarquias da Província. Manchas crescentes de imigrantes começam, desde os fins do século, a mudar o pano de fundo, mas só pouco a pouco a sua existência se foi impondo como fenômeno carregado de significação para a vida nacional. Marechais, Almirantes, Presidentes, Governadores ('Presidentes de Estado'), funcionários, fazendeiros, coronéis e 'coronéis', colonos e um povo de mulatos, cafusos, imigrantes. Nessa República, que se desejava nova, quase tudo vinha como herança de cinqüenta anos de um Império bastante estável."[257]

---

256 "[em um cartaz]'Hoje – GRANDE COMÍCIO – Hoje / No terreiro O Major Carlos Frias falará sobre o atual governo, fazendo a sua crítica. Discursos de alguns acadêmicos pedindo a volta do País ao regime constitucional.' / Paulo Rigger espantou-se: / - Que povo! Fez outro dia uma revolução e meses depois quer combater essa revolução! Que Carnaval! E aquele Major! Quando eu cheguei aqui, ele estava saudando os caravaneiros em nome das prostitutas da Bahia. Hoje, ataca os revolucionários. Isso é mania de fazer discurso… País do Carnaval…" Amado, Jorge. *O País do Carnaval; Cacau; Suor.* São Paulo: Martins, 1957, p.107.

257 Bosi, Alfredo. "As letras na Primeira Republica" in: Fausto, Boris (dir.). *História Geral Da Civilização Brasileira. Brasil republicano* - v. 9: sociedade e instituições (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 8ª ed, p. p.319

Essa continuidade visível, a despeito da transformação do regime político, evidenciaria que a transição teria se processado pelo alto e não teria encontrado eco nas estruturas de poder e dominação. A percepção desta continuidade pode ser auferida na literatura produzida no inicio do século XX[258]

Recepções da crítica à estréia de Amado:

As críticas ao romance de estréia de Amado foram as mais positivas. Segundo o próprio autor relata – nada modestamente – em *Navegação de Cabotagem*, os três principais críticos do período, João Ribeiro, Medeiros de Albuquerque e Agripino Grieco, "*foram unânimes no louvor do estreante*[259]". Essa recepção faz com que o jovem romancista passasse a ser reconhecido como nova promessa das letras e, em suas próprias palavras, passasse a se "pavonear" pelas editoras e livrarias freqüentadas pela intelectualidade da época.

Esse sucesso de crítica não se traduziu em sucesso financeiro. No entanto, esse não parecia ser um problema para um filho de ex-fazendeiro do cacau, e a tranqüilidade econômica lhe permitiu cavar sua carreira literária, dedicando-lhe tempo, esforço e, ocasionalmente, dinheiro:

> "Quanto à venda, não podia me iludir: dois mil exemplares da edição Schmidt, eu próprio devo ter adquirido mais ou menos metade da tiragem para oferecer a amigos e a conhecidos. Como não recebi direitos autorais, o poeta dublê

---

258 "Algumas das obras mais vivas compostas no inicio do século elegeram por tema a distância, ou o difícil contato entre as diversas faixas do Brasil real, incluída a oficial, que parece, às vezes, infra-real. *Canaã* de Graça Aranha, *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Numa e a Ninfa* de Lima Barreto, *Madame Pommery* de Hilario Tacito formam constelação quando agrupadas pelo tema geral dos contrastes, que exploram, entre fenômenos móveis até a dramaticidade e instituições que os ignoram soberbamente, quando não os agridem de modo cego, irracional.(...)". Bosi, Alfredo. "As letras na Primeira República" (cap. 2) *In*: *História Geral Da Civilização Brasileira. Brasil republicano* - v. 9: sociedade e instituições (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 8ª Ed, p. 320.

259 Nas palavras do próprio Amado, que neste trecho refere-se a si próprio na terceira pessoa do singular, "João Ribeiro augurou-lhe êxitos, prognosticou-lhe carreira brilhante na ficção nacional. Medeiros e Albuquerque (...) saudou *O país do carnaval* com entusiasmo. Agripino Grieco (...) excedeu-se nos elogios". *In*: Amado, Jorge. *Navegação de Cabotagem.* Rio de Janeiro: Record, 1992, p. 182.

> de editor era bom de poesia, ruim de pagamento, a estréia em livro custou-me parte considerável das mesadas remetidas de Ilhéus pelo coronel João Amado."[260]

Como vimos, a crítica favorável não correspondeu à recompensa financeira. E, aqui, aparece uma importantíssima diferença que irá marcar de forma indelével as trajetórias de Graciliano Ramos e de Jorge Amado: o dinheiro. Enquanto, neste início de carreira, Graciliano tinha grande prole para sustentar, Jorge podia se dar ao luxo de viver da mesada que seu pai lhe enviava para sustentá-lo enquanto cursava Direito no Rio de Janeiro. Depois, Graciliano continua dependente de outros ofícios, e Jorge Amado consegue sustentar-se, quase que exclusivamente, de seus direitos autorais. Nos momentos em que isso não acontece, o autor encontra-se no exterior, desempenhando atividades designadas pelo partido e tendo o provento garantido pelo PCB.

É interessante notarmos o fato de Jorge Amado, desde os tempos de Salvador, já havia se aproximado da juventude comunista, embora ainda não fosse membro filiado ao partido. Em seu primeiro romance, entretanto, o comunismo parece de forma bastante discreta, a partir de um dos amigos de Paulo Rigger que, no final da narrativa, abandona o niilismo e dedica-se à militância. No entanto, essa passagem não contribui para a alteração do comportamento do protagonista, nem para promover uma transformação efetiva na realidade dos personagens[261].

Essa ausência daquelas que seriam as marcas posteriores de sua escrita, a saber a redenção final do protagonista a partir da centralidade de sua participação ativa no movimento dos trabalhadores organizado pelo Partido Comunista do Brasil, não parece ter atrapalhado sua estréia como romancista – ao contrário, é d se supor que possa até ter auxiliado sua aceitação neste primeiro momento...

O Partido Comunista - de sua fundação aos anos 1930:

A primeira diferença importante a ser notada na biografia de nossos autores, central para a compreensão das questões a serem abordadas neste capítulo, é a da proximidade dos escritores com o Partido Comunista do Brasil. No ano de 1932 dá-se a

---

260 Amado, Jorge. *Navegação de Cabotagem.* Rio de Janeiro: Record, 1992, pp. 182-183.

261 No final deste capítulo, mencionaremos mais uma vez este ponto.

filiação de Jorge Amado ao partido, enquanto Graciliano Ramos poderia, no máximo, ser descrito como um simpatizante. Para que melhor possamos entender o que significava ser filiado ao partido comunista neste início dos anos 30, algumas informações preliminares se fazem necessárias.

Na introdução de sua coletânea de textos marxistas produzidos na América Latina a partir de 1909, Michel Löwy destaca a importância dos comunistas para a difusão do marxismo na América Latina, indicando que

> "As primeiras tentativas significativas de analisar a realidade latino-americana em termos marxistas e de estabelecer as bases para uma orientação política revolucionária vieram com o surgimento da corrente comunista. Os 'partidos comunistas' apareceram na década de 1920 a partir de duas fontes distintas: os partidos socialistas que cerraram fileiras em torno da Revolução de Outubro, em sua corrente majoritária (Uruguai, 1920, e Chile, 1922) ou em sua ala esquerda (Argentina, 1918); e a evolução rumo ao bolchevismo de certos grupos anarquistas ou anarco-sindicalistas (México, 1919, e Brasil, 1922)"[262].

A orientação majoritária destes partidos tendia a adequar-se às resoluções da III Internacional Comunista, destacando-se

> "particularmente o documento de janeiro de 1921, 'Sobre a Revolução na América: um chamado à classe operária das duas Américas', e a proclamação de 1923, 'Aos operários e camponeses da América do Sul'.
>
> Claramente, esses textos atribuem simultaneamente tarefas agrárias, anti-imperialistas e anticapitalistas à luta revolucionária na América. A unidade entre o proletariado e o campesinato é concebida no contexto de uma estratégia de revolução 'ininterrupta', capaz de conduzir a América Latina diretamente de um capitalismo subdesenvolvido e dependente ('atrasado e semicolonial' na terminologia da III Internacional) para o poder do proletariado. Eles negam explicitamente a idéia de uma etapa histórica de capitalismo 'nacional e democrático' independente e enfatizam a cumplicidade das burguesias locais com o 'imperialismo'"[263].

---

[262] Löwy, Michel (org.). *O marxismo na América Latina (uma antologia de 1909 até os dias atuais).* São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999, p.14.

[263] Löwy, Michel (org.). *O marxismo na América Latina (uma antologia de 1909 até os dias atuais).* São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, , 1999, p.14-15.

Quartim de Moraes, nos ajuda a perceber que, embora a existência e a atuação do movimento operário socialista possa ser verificada no Brasil há bem mais tempo[264], a influência de Marx e do pensamento revolucionário estiveram intimamente associados à criação do Partido Comunista Brasileiro, em 1922, ganhando destaque, a partir deste, o viés de uma leitura stalinista.

Entender o peso do stalinismo no Brasil passa, necessariamente, pela compreensão de como este se firmou como visão hegemônica na União Soviética. Para essa investigação, é importante nos voltarmos ao período imediatamente posterior ao fim do IV Congresso Mundial da Internacional Comunista, quando as disputas no interior do Partido Comunista Russo (bolchevique) assumem caráter de conflito declarado. Esta disputa antagonizava, já no terreno aplainado pelo esmagamento da oposição de esquerda trotskista, em torno de uma questão teórica sobre a caracterização do 3º período (iniciado em 1928), de um lado, a visão do grupo ligado a Bukharin que via nesta etapa o aprofundamento do capitalismo organizado, pautado pela intervenção estatal e pala incorporação de *"estratos operários representados pela social-democracia no Estado burguês"*[265] sendo, neste contexto, a função da URSS assegurar e promover uma "*aliança operário–camponesa como base do poder estatal, desenvolvendo um capitalismo monopolista de Estado como passo inicial da transição socialista*"[266] e, de outro lado, a visão do grupo ligado a Stalin fazia a leitura do 3º período como momento de "*agravamento da crise capitalista em todos os quadrantes*".[267] De acordo com esta posição, o papel da URSS deveria ser o de guiar o proletariado mundial em um momento de iminência de uma nova "crise revolucionária", o que significava a necessidade de "ruptura com a social-democracia".

Deste embate no interior do partido sai vitoriosa a segunda corrente, representada por Stalin e, em pouco tempo, esta se transforma na visão hegemônica no seio do movimento comunista mundial. Os partidários da visão encabeçada por Bukharin foram afastados dos postos de direção do Partido Comunista e, aos poucos, pode-se perceber que os pronunciamentos da Internacional Comunista passam a orientar os PC's contra os perigos dos "desvios de direita" daqueles que defendiam uma

---

264 Desde os "ecos da revolução de 1848, e da comuna de Paris de 1871". *In*: Moraes, João Quartim de & Reis Filho, Daniel Araão. (orgs.) *História do marxismo no Brasil* – Vol1: *O impacto das revoluções.* (2ª ed. rev.). Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 59.

265 *Idem, ibdem,* p.96.

266 *Idem ibdem,* p. 97.

267 *Idem ibdem,* p. 97.

aproximação com a social-democracia de esquerda como ferramenta de luta contra o fascismo, resultando, esta visão, numa política isolacionista adotada pelo movimento comunista.

Em alguns partidos comunistas da América Latina essa linha interpretativa e programática veio a ser radicalizada, acentuando-se o discurso e as práticas isolacionistas. O Partido Comunista Brasileiro, entretanto, apresentou cautela em sua adoção

> "esforçando-se para preservar a linha política do III Congresso e ampliar a inserção do partido na classe operária e no sistema de alianças antioligárquico, ainda que apresentasse candidatura própria no pleito presidencial que se avizinhava e afirmasse que as forças motrizes da revolução brasileira seriam o proletariado, os assalariados agrícolas e os camponeses pobres"[268]

Em novembro de 1929 representantes do PCB em Moscou foram criticados pela modesta adoção da linha apresentada pela Internacional Comunista, que confecciona uma "resolução da IC sobre a questão brasileira", em que é apontado como papel do Partido Comunista Brasileiro perceber uma iminente crise do capitalismo, decorrente do mau momento da agricultura cafeeira, e preparar-se para coordenar as massas camponesas e proletárias em uma marcha revolucionária. Para tanto, deveria eliminar do partido os elementos com "desvios de direita". Em maio de 30, em pleno ampliado da Seção Sul Americana da Internacional Comunista, "(...) *ficou estabelecido que não deveria permanecer qualquer resquício de aliança com o movimento político da pequena burguesia, tendo em vista ser esse o equivalente do 'social-facismo' no Brasil"*[269].

No início dos anos 1930, seguindo essas recomendações da Internacional, a linha política adotada pelo partido comunista passou a ser "obreirista", o que levou ao afastamento de vários de seus fundadores dos cargos de direção como, por exemplo,

---

[268] Desde os "ecos da revolução de 1848, e da comuna de Paris de 1871". *In*: Moraes, João Quartim de & Reis Filho, Daniel Araão. (orgs.) *História do marxismo no Brasil* – Vol1: *O impacto das revoluções.* (2ª ed. rev.). Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 59*, p. 100.*

[269] *Idem, ibdem*, p.101.

Astrogildo Pereira e Otávio Brandão. Segundo Ricardo Costa[270], essa nova linha apresentava forte marca antiintelectualista.

Em coerência com essa linha, pode-se resumir como característica maior da atuação do PCB na virada da década de 20 para a década de 30 do século XX, uma política isolacionista que enxergava, como necessidade maior, o enfrentamento ao imperialismo capitalista, cuja política "*ficou centrada na luta contra a guerra imperialista e pela denúncia da crise social*"[271]. A leitura hegemônica da Internacional Comunista de que o terceiro período seria caracterizado por uma crise capitalista, o que deveria acarretar o confronto direto de classes, tornando-se inviáveis alianças com camadas da burguesia, levaria o PCB a uma postura de isolamento político.

No ano de 1930, o Partido Comunista radicalizou seu discurso no sentido de defender um embate direto entre burguesia e trabalhadores. Antes das eleições presidenciais, lança candidatura própria e defende a formação de um Bloco Operário Camponês, legenda eleitoral que já lançara em 1928. Esta radicalização pode ser encontrada nas matérias do jornal *A classe Operária*, que passa a defender e a promover as candidaturas do partido. Na matéria "a significação das eleições para o proletariado" serve para exemplificar o tom desta orientação:

> "Eis porque constitui um dever para o proletariado repelir todas estas manobras, opor-se à reação do governo e combater a mistificação da Aliança Liberal, apoiando as suas próprias organizações políticas, que são as únicas a defendê-lo e guiá-lo nesta hora de grandes privações para a massa trabalhadora.
>
> Só o Partido Comunista será capaz de guiar as massas trabalhadoras em suas lutas. Só ele deve merecer a confiança dos trabalhadores.
>
> Existem candidatos apresentados à Presidência e Vice Presidência da República, à Senatoria do Distrito, à deputação pelo 1º e 2º Distritos da Capital e candidatos estaduais à Câmara e ao Senado. Todos eles são operários, e operários conscientes.
>
> (...)
>
> Tudo pelos candidatos do Bloco Operário Camponês!
>
> Nada para os candidatos burgueses, mesmo pintados de 'liberais'!

---

270 Costa, Ricardo da Gama Rosa. Descaminhos da revolução brasileira: o PCB e a construção da estratégia nacional libertadora (1958-1964). Niterói: [policopiada], 2005. Tese (doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Departamento de História.

271 *Idem, ibdem*, p.104.

Tudo pela vitória dos candidatos trabalhadores!

Tudo pela derrota dos candidatos burgueses!"[272]

O interessante é notar que, apesar do obreirismo do partido, que incluía um antiintelectualismo visível, observa-se um movimento de aproximação de diversos intelectuais ao PCB. Talvez seu motor fosse justamente a busca de um projeto alternativo de Brasil e o desencanto com o padrão político dominante, que *O país do Carnaval* já sinalizava de forma clara.

Os caetés que aproximaram Graciliano e Jorge

O ano de 1932, foi utilizado na produção de romances por nossos dois autores. Amado, depois de visitar algumas fazendas de plantio de cacau, resolve utilizar este tema para a elaboração de seu segundo romance; e Ramos, depois de operado em Maceió, retorna a Palmeira dos Índios, onde, na sacristia da igreja, escreve os primeiros capítulos de *São Bernardo*, seu segundo romance. No entanto, seu primeiro livro, *Caetés*, encontrava-se ainda inédito, e será exatamente a sua publicação a responsável pelo primeiro contato entre Graciliano Ramos e Jorge Amado.

Por trás da publicação de *Caetés*[273] desenrolou-se uma trama que foi responsável pelo entrelaçamento dos caminhos de Jorge e Graciliano. Segundo Dênis de Moraes, a primeira vez em que Amado ouviu falar de Graciliano teria sido na época em que este ainda era Prefeito de Palmeira dos Índios e que enviara um original relatório anual para o governador de Alagoas. O relatório, de todo inusual para os moldes da prosa burocrática, acabara se tornando conhecido em Maceió e, de lá, passa de mão em mão, e pelo grupo de intelectuais que circulavam entre o nordeste e o Rio de Janeiro, acaba causando curiosidade e admiração entre artistas da capital.

Jorge Amado, residindo no Rio e figurando como uma das mais novas sensações das letras, após a publicação de *O país do carnaval*, "*fazia parte da nova geração de romancistas que se lançava pelas mãos do editor Schmidt, na qual pontificavam*

---

272 *A classe operária,* 15-02-1930, p. 1.

273 Ramos, Graciliano. *Caetés*, São Paulo: Martins, 1965.

Marques Rebelo, José Geraldo Vieira, Rachel de Queiroz, Cornélio Pena, Armando Fontes e Lúcio Cardoso entre outros". Segundo o autor baiano,

> (...) os círculos literatos da Capital souberam de Graciliano através do pintor e desenhista paraibano Santa Rosa. (...)
>
> - Santa Rosa contou de Graciliano, o relatório do prefeito de Palmeira dos Índios passou de mão em mão, logo depois, José Américo de Almeida revelou a existência de originais de um romance escrito pelo autor (...) Ao ter conhecimento da existência do romance inédito, Augusto Frederico Schmidt enviou telegrama [na verdade, uma carta] a Graciliano pedindo os originais para editá-los."[274]

Nesta primeira etapa do processo que levou à publicação de Graciliano, podemos inferir, desde já, que o jovem Jorge Amado já se encontrava inserido no circuito intelectual da capital federal, travando contato com muitos dos novos escritores que, como ele, ajudaram a dar uma nova cara às letras nacionais no início dos anos 1930. Jorge Amado encontrava-se tão bem relacionado que desfrutava de intimidade com o editor Schmidt, participando mesmo de conversas sobre o lançamento de novos autores.

Depois de longo processo de revisão dos originais, Graciliano envia uma cópia a Schmidt e fica aguardando a publicação de seu primeiro romance. No entanto, a publicação só aconteceria em 1933, depois da intervenção decisiva de Jorge Amado. Segundo Dênis de Moraes, Graciliano envia uma carta pedindo ao editor que devolvesse os originais de *Caetés*. Como, na realidade, o editor não sabia onde os havia posto continuava respondendo com promessas de pronta publicação aos apelos de Graciliano, que solicitava devolução dos papeis. Cansado da situação,

> "Graciliano pedira a Alberto Passos Guimarães, temporariamente vivendo no Rio, que procurasse Schmidt em seu nome para reaver os originais. Santa Rosa e Jorge Amado inventaram, para intimidar o editor, que Alberto fora contratado por Graciliano para processá-lo, caso não devolvesse o texto. Schmidt seria salvo pelo gongo. Numa revista minuciosa, encontraria *Caetés* no mais prosaico esconderijo: em sua capa de chuva.

---

[274] Moraes, Dênis de. *O velho Graça (uma biografia de Graciliano Ramos)*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1992, pp.65-66.

> Antes que os originais seguissem para Maceió, seriam lidos por Jorge Amado. No início de 1933, Jorge partiria no pequeno navio *Conde de Baependi* com destino a Maceió, para conhecer Graciliano, tão empolgado estava com o romance. (...)
>
> – Eu queria comunicar de viva voz ao ex-prefeito de Palmeira dos Índios, cujo nome não tinha qualquer ressonância junto aos leitores e aos críticos, minha admiração por Caetés – lembraria Jorge na época com vinte anos. (...)
>
> (...) Augusto Frederico Schmidt havia lhe pedido que convencesse Graciliano a devolver Ca*etés* que prontamente iria para o prelo.
>
> Em segredo, Jorge convenceria Heloisa a entregar-lhe os originais. E assim o livro voltaria às mãos de Schmidt, sem que Graciliano desconfiasse. Quando o complô lhe foi revelado, já era tarde.
>
> A Schimidt editora lançaria o romance em dezembro de 1933. Na dedicatória, uma homenagem aos três artífices da publicação: Jorge Amado, Alberto Passos Guimarães e Santa Rosa (autor da capa)"[275]

Por toda a trama envolvida para a publicação de Caetés, percebemos a diferença nas trajetórias, ao menos até o ano de 1933, de Jorge Amado e Graciliano Ramos. Enquanto o primeiro, com vinte anos, já estava sediado no Rio de Janeiro, Capital da República e centro nervoso da produção cultural brasileira, reconhecido como uma das novas promessas de nossa literatura, o segundo, aos quarenta e um anos de idade, pai de numerosa família, encontrava-se bastante distanciado do circuito cultural, habitando em Maceió, onde ocupa o cargo de Diretor da Instrução Pública de Alagoas[276].

Desta maneira, o encontro tornaria possível que o ano de 1933 ficasse marcado pela estréia de Graciliano Ramos como romancista, com a publicação de *Caetés.* É nesse mesmo ano que Jorge Amado publica seu segundo Romance, *Cacau,* o primeiro de seus livros a utilizar as fazendas de cacau da região de Ihéus, Itabuna e Pirangi, como cenário.

---

[275] Moraes, Dênis. *O velho Graça (uma biografia de Graciliano Ramos)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

[276] Nesta mesma época, publica, já sem a utilização de pseudônimos, alguns textos no *Jornal de Alagoas.*

Jorge Amado e o circuito das letras

O entrosamento de Jorge Amado não era constatado apenas em seu relacionamento com o editor de seu primeiro romance. O jovem escritor encontrava-se entrosado também com outros grupos de intelectuais, o que pode ser averiguada, por exemplo, se fizermos um balanço dos artigos, resenhas e outros textos que começa a publicar em vários periódicos cariocas.

Tomando o exemplo de *Boletim de Ariel,* iremos verificar que as obras publicadas neste ano servem para a inserção de nossos autores em um movimento de profunda renovação das letras nacionais. Jorge Amado se confirma como romancista e Graciliano Ramos, em seu romance de estréia, é bem acolhido pela crítica especializada.

Publicado pela primeira vez em outubro de 1931, o *Boletim de Ariel – mensário crítico-bibliográfico de Letras, Artes e Ciências,* que tinha Gastão Cruls[277] como diretor e Agripino Grieco como redator-chefe, foi uma revista literária mensal que apresentava como objetivo maior a discussão literária.[278].

Esta revista, ao longo dos anos, alcançará enorme projeção nacional, vendo sua tiragem aumentar progressivamente: "*O exponencial crescimento de sua tiragem surge como significativo indicador de sua repercussão: 6 mil em 1931; 24mil em 1932; 30 mil em 1933 e 36 mil em 1934; considerando dados disponíveis, pois sua publicação continua a ser editada até, pelo menos, 1938.*"[279] O aumento nas vendas talvez seja explicado por ser *O boletim de Ariel* contemporâneo da aludida renovação do mercado editorial brasileiro, bem como de uma renovação literária.

O *Boletim de Ariel* contou com a colaboração de diversos intelectuais do campo da esquerda brasileira, tais como "*Os trotskistas Mário Pedrosa e Lívio Xavier e os já comunistas, ou próximos ao PC, Jorge Amado, Alberto Passos Guimarães, Edison Carneiro, Dias da Costa, Aderbal Jurema, Aydano do Couto Ferraz, Raul Karacik, etc.*"[280]

---

[277] Amado, Jorge. *Navegação de Cabotagem.* Rio de Janeiro: Record, 1992, p.182.

[278] Os dados utilizados neste balanço foram retirados de Rubim, Antonio Albino Canelas. "Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil" *in*: Moraes, João Quartim de (org.). *História do Marxismo no Brasil.* Vol. 3 "Teorias. Interpretações". Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p.384-385.

[279] *Idem, ibdem,*, p.384.

[280] *Idem ibdem*, p.385.

Percebe-se que o grupo reunido em torno do conselho editor do *Boletim de Ariel* costumava escrever diversos tipos de texto. Ora avaliando a obra de um colega, ora traduzindo um texto; ora com uma crônica, ora com um conto; ora com uma crítica, ora com um ensaio. Na edição de setembro de 1933, Jorge Amado aparece no papel de analista e de analisado.

Nesta edição de número 12 (setembro de 1933), o jovem escritor publicou a resenha do livro *Feira desigual*, de Dante Costa. Para perceber a posição do autor quanto ao teor que deveria ser exigido de obra literária, vale a pena acompanhar alguns trechos desta crítica, desde o momento em que oferece aos leitores uma rápida descrição da trama, até os comentários que tece sobre as escolhas do autor:

> "(...) marcações rápidas de detalhes, fixação de momentos, a visão do autor nem sempre é coerente. Olha com simpatia a vida humilde dos explorados e, com a mesma simpatia, a vida dos exploradores. Há muita ironia nos contos e crônicas dedicados à classe dos ricos, porém ironias que não chegam a esconder a simpatia com que ele olha aquelas danças ao som do jazz americano, aqueles namoros maliciosos de senhoritas que lêem Pitigrilli e estudaram nos colégios apenas os livros proibidos.
>
> Neste livro o homem está completamente à vontade com a 'vida que se diverte', com a 'vida sentimental', às vezes, e somente, o intelectual puro se volta para a 'vida humilde'. É a piedade *dilettanti* de quem dançou em palacetes até tarde da noite e, tendo que ir esperar um amigo que viaja num navio da Lloyd, detentor de recordes de atraso, viu no cais as vidas pobres, suadas, mal cheirosas. Não há, assim, unidade, nesse livro que tão bem o autor intitulou de *Feira desigual*. (...)
>
> (...) Liberte-se ele desse estilo fútil e bonito demais que tem estragado muita gente, tenha coragem de amar liricamente o seu povo e a sua gente, que não é nem a gente que se diverte, nem tampouco a gente humilde, e sim a gente sentimental dos subúrbios e dos bairros pequeno-burgueses e fará obra de escritor, já que qualidades lhe sobram, esbanjadas nesse volume. Abandone a favela e abandone Copacabana. (...) todo o seu mal foi querer se estender pelo Rio todo, desde os hotéis de luxo até os casebres dos morros"[281]

Nesta crítica sobre o livro de crônicas e contos *Feira desigual*, de Dante Costa, Jorge Amado faz algumas considerações que podem servir como ponto de partida para a discussão do próprio projeto, ou modelo, artístico adotado pelo autor no início dos anos 1930. O primeiro ponto a ser destacado é a importância do olhar que o artista deve (ou deveria) ter para com as diferenças sociais. Amado indica como ponto necessário para a

---

281 "Feira desigual" *In: Boletim de Ariel*, Ano II - Setembro de 1933 – n°12, p.315

boa escrita que o autor equilibre a argúcia de seu olhar para que não recaia nem em deslumbramento de classe (não se deixando seduzir pela futilidade da elite); nem, tampouco, numa visão caricatural ou muito distanciada sobre a realidade dos pobres.

O segundo ponto diz respeito à recomendação para que o autor escreva sobre uma realidade que realmente conheça. Ao recomendar que Dante Costa passe a fazer romances sobre a pequena burguesia e que desista de tentar envolver, com uma só braçada, toda a tecitura social carioca, Jorge Amado parece indicar, como segredo para que um autor produza uma escrita de qualidade, o exercício do vínculo íntimo entre o objeto da trama e a realidade conhecida e vivida pelo autor.

É interessante atentarmos para o fato de que, neste comentário, Jorge Amado critique alguns aspectos que aparecem em seu próprio livro de estréia, *O país do Carnaval*. As alterações subseqüentes na orientação das características do conjunto de sua obra, provavelmente, sofreram alguma influência do contato com os novos escritores que começam a transformar as feições do romance e, acreditamos, também são resultantes do início de sua militância política no partido.

Em *O país do Carnaval,* Jorge parece empregar o mesmo recurso que critica na obra de estréia de Dante da Costa: em seu primeiro livro, mesmo que de forma crítica, também produziu um rápido e amplo painel das classes sociais que se cruzavam, na virada dos anos vinte para os anos trinta, nas diversas esferas de sociabilidade da capital baiana.

Para corroborar nossa leitura de que, já no ano de 1933, Jorge Amado havia conquistado certa visibilidade nos meios literários, sobretudo naqueles vinculados a uma visão progressista, ou de esquerda, vale a pena atentar para o fato de que no mesmo número do *Boletim de Ariel,* na página 317, encontramos uma extensa crítica que Murilo Mendes escreveu sobre *Cacau*, seu segundo romance:

> "Será *Cacau* um romance proletário? Pergunta Jorge Amado logo na entrada do livro. Antes de mais nada precisávamos saber o que é que o autor entende por romance proletário. (...) naturalmente o escritor que não encontrar motivos de inspiração na vida já em decomposição da sociedade burguesa terá que observar a vida dos proletários e, se quiser ser um escritor revolucionário, terá que se integrar no espírito proletário, do contrário, fará simples reportagem. O caso recente de Pagú é típico. 'Romance proletário' anuncia a autora no frontispício do

Parque industrial. Houve engano. É uma reportagem impresionista, pequeno-burguesa, feita por uma pessoa que está com a vontade de dar o salto mas não deu. Assiste-se a entrada de fábrica, a saída de fábrica, a encontros do filho do grande capitalista com a filha do operário, etc. parece que para a autora o fim da revolução é resolver a questão sexual.

Sobre o *Parque industrial,* propriamente, pouca coisa se fica sabendo.

Já esse livro *Cacau* tem outra consistência. O autor examina a vida dos trabalhadores da fazenda de cacau com uma visão ampla do problema, e não sacrifica o interesse humano do drama ao pitoresco. Do ponto de vista literário é bem escrito, sem abusos de detalhes descritivos; os quadros da vida nas fazendas são apresentados esquematicamente, tem movimento, naturalidade nos diálogos. Os personagens tem bastante realidade, se bem que a filha do Coronel, lá para o final do livro dê uns palpites que a gente fica pensando que o autor quis fazer literatura.(...)

Com este livro entra Jorge Amado para o 1° time dos novos escritores brasileiros.

Murilo Mendes"[282]

Sobre o texto de Murilo Mendes, alguns comentários devem ser feitos. O primeiro diz respeito às estratégias de legitimação do grupo reunido no *Boletim*. As críticas de seus colaboradores tendem a ser elogiosas e o espaço é utilizado, a um só tempo, como plataforma de divulgação de suas obras e como palanque de defesa contra criticas publicadas em outros meios de comunicação e por outros grupos de intelectuais.

Murilo Mendes parece ter realizado esses dois movimentos em sua crítica: da mesma maneira com que garante a Jorge Amado um lugar no panteão dos novos escritores brasileiros, avaliando sua obra de maneira bastante elogiosa; também defende o autor dos textos que apareceram na grande imprensa criticando a utilização de palavrões em *Cacau*.

Em dezembro do mesmo ano, novo texto de Amado é publicado da pelo *Boletim de Ariel.* Este é uma resposta a uma série de artigos que Octavio de Faria vinha publicando em *Literatura*, sobre a nova geração de "escritores nortistas". No *Boletim*, Jorge critica a seleção feita por Octavio Faria para abordar o tema, acusando-a de não ser a que melhor representaria essa nova geração. Respondendo a Octavio de Faria, Amado utiliza como exemplo a obra *O Gororoba* de Lauro Palhano. Amado passa a avaliar este romance, traçando os seguintes comentários:

---

282 "Nota sobre *Cacau" in*: *Boletim de Ariel*, Ano II - Setembro de 1933 – n°12, p.317.

> "(...) Já a segunda parte do livro (a vida dos operários no Rio) não me agrada. O Sr. Lauro Palhano torce o sentido do livro, torce a vida dos seus heróis e termina o volume em pleno socialismo cristão (amai-vos uns aos outros...). Faz o operário fugir do seu caminho de revolta para cair na conformação que os padres pregam. Aí sente-se a falsidade do livro. O autor que tanto clamou contra a situação de miséria do operariado se conforma com ela."[283]

O autor argumenta que tanto as obras escolhidas como representativas por Ocvtavio de Faria, quanto a obra por ele sugerida, *O Gororoba*, seriam obras que se distanciam de um sentido transformador. Depois de tecer alguns comentários sobre a construção de um personagem; sobre a alternância entre linguagem popular e erudita na trama de Palhano e, sobre a distribuição dos detalhes; a principal crítica que Jorge Amado faz a *Gororoba* diz respeito a uma escolha política do autor, que vislumbra um final redentor para seus personagens a partir da perspectiva socialista cristã.

Sendo esta a grande crítica feita por Amado à obra, parece transparecer que, para ele, o comprometimento e as escolhas de tema e de abordagem devam ser coerentes com uma escolha política comprometida. No entanto, essa escolha não deveria ser qualquer uma; por exemplo, um futuro planejado ou antevisto pelo socialismo cristão não serve.

Caetés

Nesta mesma edição de dezembro de 1933, são feitas as primeiras menções, no *Boletim de Ariel,* a *Caetés.* Nesta edição, há uma resenha feita por Valdemar Cavalcanti que avalia a obra de forma positiva. Este, em sua crítica, afirma já ter lido *Caetés* há três anos ("*quando eu li* Caetés*, há três anos, senti uma sensação de caricatura: caricatura de massa, com a grandeza natural da boa caricatura, mas também com as desvantagens de seu sentido de deformação da realidade, apenas*"[284]). A segunda menção ao livro aparece na página 81, em que aparece um fragmento de *Caetés*, que

---

283 "O Gororoba" *in*: *Boletim de Ariel*, Ano III - dezembro de 1933 – n°3, p.71.

284 *Boletim de Ariel*, Ano III - dezembro de 1933 – n°3, p.73

recebe o título de "Luiza", ao lado da seguinte descrição: "*de um romance a aparecer: Os Caetés*"

O narrador de *Caetés*[285], João Valério, apresenta-se no início da trama como um rapaz de 24 anos que teve uma infância boa, em família de proprietários rurais, mas que, depois de órfão, é obrigado a se empregar como guarda-livros de uma casa comercial. O narrador é construído por Graciliano como um personagem invejoso, volúvel e com fortes aspirações de ascensão econômica e social, que pretende alcançar a partir da literatura. O primeiro protagonista de Graciliano é apresentado ao leitor como uma criatura mesquinha. Além das características citadas acima, que podem ser depreendidas a partir das ações e dos pensamentos do narrador, ao longo do romance vão aparecendo outras marcas nada lisonjeiras de sua personalidade como, por exemplo, a timidez, a preguiça, a futilidade ou a superficialidade.

Valério explica como teve a idéia de escrever um romance histórico sobre os índios caetés[286]: a idéia surgira logo depois de ficar órfão e perder seu direito à herança. Planejara concluir a escrita em seis meses, mas emperrava. Valério não conseguia avançar com a história dos índios que comeram o bispo Sardinha e a principal dificuldade para a conclusão da obra seria o fato de pretender escrever um romance histórico sem nada entender de história, tornando a tarefa enfadonha e complicada:

> "Também aventurar-me a fabricar um romance histórico sem conhecer história! Os meus caetés realmente não tem verossimilhança, porque deles apenas sei que existiram, andavam nus e comiam gente. Li, na escola primária, uns carapetões interessantes no Gonçalves Dias e no Alencar, mas já esqueci quase tudo. Sorria-me, entretanto, a esperança de poder transformar esse material arcaico

---

285 "Primeiro romance de Graciliano Ramos, *Caetés* foi publicado inicialmente em 1933. João Valério, o personagem principal, introvertido e fantasioso, apaixona-se por Luisa, mulher de Adrião, dono da firma comercial, onde trabalha. O caso amoroso é denunciado por uma carta anônima, levando o marido traído ao suicídio. Arrependido, João Valério, afasta-se de Luisa, continuando, porém, como sócio da firma. / 1ª Edição: 1933 / Última edição brasileira: 31ª (2006) / Editado também Portugal, desde 1962." *In*: http://www.graciliano.com.br/obras_caetes.html

286 Relembrando o percurso que o levou da fazenda em que fora criado ao emprego como guarda livros, Valério identifica, desde já, o romance como forma de superar aquelas agruras: "Deitei-me vestido, às escuras diligenciei afastar aquela obsessão. Inutilmente. Ergui-me, procurei pelo tato o comutador, sentei-me à banca, tirei da gaveta o romance começado. Li a última tira. Prosa chata, imensamente chata, com erros. Fazia semanas que não metia ali uma palavra. Quanta dificuldade! E eu que supus concluir aquilo em seis meses. Que estupidez capacitar-me de que a construção de um livro era empreitada para mim! Iniciei a coisa depois que fiquei órfão, quando a Felícia me levou o dinheiro da herança, precisei vender a casa, vender o gado, e Adrião me empregou no escritório como guarda-livros. Folha hoje, folha amanhã, largos intervalos de embrutecimento e preguiça – um capítulo desde aquele tempo. *In*: Ramos, Graciliano, *Caetés.* 7ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1965, p.84.

numa brochura de cem a duzentas páginas, cheias de lorotas em bom estilo, editada no Ramalho."[287]

Esta visão utilitarista e pouco comprometida com o fazer literário relaciona-se a um cenário complexo em que a dedicação às atividades de escrita é identificada, sobretudo nos pequenos municípios do interior nordestino, a aquisição de um *status* social diferenciado. O protagonista de *Caetés* representaria, em toda sua leviandade e superficialidade, um tio específico e característico deste meio.

Invejoso, o narrador sente-se injustiçado quando compara sua situação econômica à fortuna de D. Engrácia e quando compara sua solteirice ao casamento de Adrião com Luísa. Passa toda a trama fazendo um balanço de suas qualidades, sendo uma das mais ressaltadas, sua intimidade com as letras. Valério se auto-representa como um literato completo, iniciado em verso e prosa: colabora com o jornal do padre, iniciou um romance, já escreveu sonetos etc. No entanto, quando pensa no processo de escrita de seu livro, o narrador apenas contabiliza as vantagens que este pode lhe proporcionar, vantagens que representariam uma forma de ascensão social, a fama a ser alcançada, sendo o livro pensado apenas como um trampolim para sua popularidade em Palmeira dos Índios:

"Talvez eu pudesse também, com exígua ciência e aturado esforço, chegar um dia a alinhavar os meus caetés. Não que esperasse embasbacar os povos do futuro. Oh! Não! As minhas ambições são modestas. Contentava-me um triunfo caseiro e transitório, que impressionasse Luísa, Marta Varejão, os Mendonça, Evaristo Barroca. Desejava que nas barbearias, no cinema, na farmácia do Neves, no café Bacurau, dissessem: 'Então já leram o romance do Valério?' Ou que, na redação da *Semana*, em discussões entre Isidoro e Padre Atanásio, a minha autoridade fosse invocada: 'Isto de selvagens e histórias velhas é com o Valério.'"[288]

Segundo Dênis de Moraes, a repercussão desta obra teria sido bastante favorável, tendo merecido críticas elogiosas em veículos de imprensa da Capital Federal e de Alagoas. Das três críticas a que Dênis de Moraes se refere, duas foram elaboradas por amigos de Graciliano – Aurélio Buarque de Holanda, que o conhecera e de quem

---

287 *Ramos, Graciliano*, *Caetés.* 7ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1965, p.84.

288 *Idem, ibdem*, pp.109-110.

ficara amigo na época em que o autor trabalhara como diretor da Imprensa Oficial de Alagoas, e José Lins do Rego, amigo de longa data de Graciliano[289].

João Valério e Paulo Rigger

O protagonista do primeiro romance de Graciliano Ramos apresenta alguns pontos de aproximação com o protagonista do primeiro romance de Jorge Amado. Ambos representam um tipo específico de juventude: aquela que desenvolveu uma atitude mais cínica e egoísta com relação à vida e a realidade que a cerca. A grande diferença, entretanto, é que se Paulo Rigger em *O país do Carnaval* era a representação do extrato mais alto da classe dominante, o João Valério de *Caetés* faz parte de um setor dominante decadente que não conseguiu oferecer a seus filhos a tranqüilidade de um futuro garantido na bonança. Ou seja, o cerne dessa diferença reside no fato de que Valério tenha que fazer esforços e vender sua força de trabalho para garantir sua sobrevivência, enquanto Rigger não tenha preocupações dessa ordem.

Outro afastamento entre as visões de mundo destes dois protagonistas, é o cenário ao qual estão ligados. Se Paulo Rigger é apresentado como um sujeito cosmopolita, que se percebe mais como um cidadão europeu do que como brasileiro, Valério, em toda sua existência, viu-se confinado à realidade de uma cidadezinha do interior de Alagoas. Talvez essas diferenças econômicas possam ser a base para o alto grau de desencanto e niilismo de Paulo, e a esperança de ascensão alimentada por Valério. Enquanto o primeiro interroga-se sobre o sentido da vida, o segundo bate-se para arrancar uma ascensão social, mesmo que limitada ao pequeno município de Palmeira dos Índios.

No entanto, o egoísmo e a postura de desencanto seriam marcas comuns ao dois personagens, parecendo oferecer como denominador comum destes dois escritores

---

[289] A repercussão seria muito favorável. O crítico Agripino Grieco, de *O jornal*, não mediria elogios: '*Caetés* é um belíssimo trabalho, dos que mais tem me deliciado nesses Brasis, em qualquer tempo. (...) no *Boletim de Ariel,* (...) Aurélio Buarque de Holanda apontaria a técnica apurada de Graciliano: '(...) Seu livro é excelentemente construído: nele nada se perde e nada falta'. José Lins do Rego completaria, no *Jornal de Alagoas:* '*Caetés* é o que há de mais real e amargo sobre as nossas gentes das cidades pequenas(...)". *In*: Moraes, Dênis de. *O velho Graça (uma biografia de Graciliano Ramos). Rio de Janeiro*: José Olympio Editora, 1992, pp.90-91.

estreantes uma análise ácida e cruel não apenas da realidade brasileira, mas, sobretudo, uma visão de que a juventude que poderia representar a construção de um novo Brasil continuaria a reproduzir os mesmos padrões de comportamento e atitudes egoístas das gerações anteriores.

De qualquer forma, o romance de Ramos parece corresponder àquele projeto literário de escrever sobre o que realmente se conhece, por vivência, experiência, que Jorge Amado cobra dos autores que analisa. Afinal, o cenário da trama de Caetés é a Palmeira dos Índios de Graciliano Ramos e o próprio Valério reconhece, como vimos, a impossibilidade de escrever sobre um grupo de índios sobre o qual ele mal tinha ouvido falar.

As obras de estréia de Jorge e Graciliano ainda não apresentariam, no entanto, uma visão que depois foi definida pelos críticos como romance social. São consideradas obras que ainda tateiam na direção destas características, mas que já indicavam o rompimento dos autores com a estética anterior. Vale atentar para o fato de em nenhuma das duas obras aparecer uma maior evidencia de aspectos que poderíamos compreender como uma interpenetração de uma leitura marxista na criação artística. Esses romances são interessantes para serem analisados na busca de alguns aspectos como, por exemplo, a questão da juventude. O que mais interessa, a partir deles, é perceber como se deu a entrada de nossos autores no fechado circuito artístico cultural do Brasil república, em inícios da década de 1930.

Cacau:

Uma significativa transformação já pode ser percebida no segundo livro de Jorge Amado, *Cacau*[290], que representa uma maior aproximação de sua obra de uma

---

290 "Primeiro romance do "ciclo do cacau", foi concluído em junho de 1933 e teve sua 1ª edição pela Ariel Editora, Rio de Janeiro, em agosto de 1934, com capa e ilustrações de Santa Rosa, 197 páginas e tiragem de dois mil exemplares. A 2ª edição é de setembro do mesmo ano, com três mil exemplares. A partir de 1941, foi editado pela Livraria Martins Editora, São Paulo, com ilustrações de Santa Rosa, integrando o primeiro tomo da coleção "Obras Ilustradas de Jorge Amado", até a 30ª edição, em 1975. / Em volume separado, como era inicialmente, o romance passou depois a ser publicado sem as ilustrações originais, mas reproduzindo a capa de Santa Rosa, pela Editora Record, Rio de Janeiro. 51ª edição, 1998, é a mais recente, pela Editora Record, com fixação de texto por Paloma Jorge Amado e Pedro

orientação comunista. Neste livro percebemos uma clara guinada à esquerda em todos os aspectos principais do romance, que pode ser constatada tanto na escolha do tema e na construção de seu protagonista, quanto no desfecho da trama que envolve os personagens.

No livro em que relata suas memórias, escrito na década de 1990, o autor afirma que *Cacau* realmente representou uma virada em sua escrita. Essa virada é relacionada por ele ao conjunto de leituras que realizou depois da publicação de seu primeiro livro. Depois de *O país do carnaval* Jorge Amado escreveu o romance *Ruy Barbosa nº 2*, que, segundo o autor, "*seguia a mesma linha romanesca de influência européia, debate intelectual de idéias (sic), bobageira*"[291]. Logo depois de ter terminado de escrever este que seria seu segundo romance, dedicou-se à leitura das obras mais em voga da época:

> "*A bagaceira*, de Zé Américo, *Menino de Engenho,* de Zé Lins, *Judeus sem dinheiro*, de Mike Gold, *Passageiros de terceira*, de Kurt Kleber, *A torrente de ferro,* de Serafimovitch, *A Derrota,* de Fadeev, *A Cavalaria Vermelha,* de Babel — a fase inicial da literatura soviética possuía uma aura romântica, era ardente e vigorosa, ainda livre e criadora. Lendo *A bagaceira* virei escritor brasileiro, lendo os russos, o alemão e o judeu norte-americano, desejei ser romancista proletário"[292]

Assim, segundo Amado, o contato com essa literatura, sobretudo o contato com a produção do início de uma literatura "proletária" soviética, teria feito com que o jovem autor abandonasse o romance já escrito e se debruçasse sobre a vida dos trabalhadores das fazendas de cacau. Essa identificação com os romances soviéticos faria com que Amado se interrogasse no início do livro: "Seria esse um romance proletário?".

O protagonista e narrador desta segunda trama de Jorge Amado é, ao longo da narrativa, chamado de Sergipano. Trabalhador alugado da fazenda de cacau

---

Costa, capa de Pedro Costa com ilustrações de Santa Rosa, sobrecapa e ilustração de Santa Rosa em vinhetas recuperadas por Pedro Costa, retrato do autor por Jordão de Oliveira, fotografia da sobrecapa de Zélia Gattai. / *Cacau* foi o primeiro livro de Jorge Amado traduzido para o espanhol, em julho de 1935, por Héctor F. Miri, escritor argentino. Teve também traduções em alemão, basco, coreano, dinamarquês, francês, grego, holandês, italiano, polonês e russo, além de ter sido publicado em edição portuguesa. / Em 1993, foi publicado pelo Jornallivros da UNESCO e distribuído como suplemento nos principais jornais do mundo, em edição bilíngüe (português e espanhol), tradução de Estela dos Santos, com ilustração de Carybé." *In:* http://www.fundacaojorgeAmado.com.br/obras_jorge/cacau2.htm#historico

[291] Amado, Jorge. *Navegação de Cabotagem.* Rio de Janeiro: Record, 1992, p. 182.

[292] Amado, Jorge. *Navegação de Cabotagem.* Rio de Janeiro: Record, 1992, pp. 182-183.

Fraternidade[293], que gozou de infância abastada como filho do dono de uma fábrica. Ao ser espoliado de sua herança, é impelido pela pobreza a tentar a vida nas fazendas de cacau de Ilhéus. A infância de Sergipano, cujo nome de batismo é José Cordeiro, foi radicalmente distinta da dos outros trabalhadores da Fazenda Fraternidade. Sergipano é o primeiro dos muitos heróis proletários da obra do autor: no final da narrativa, Sergipano já não é mais um trabalhador alugado das fazendas de cacau, é tipógrafo no Rio de Janeiro, e, o mais importante, comunista.[294]

Um aspecto importante deste romance diz respeito ao nome do narrador. Durante toda a narrativa seu nome não é mencionado, sendo sempre referido como Sergipano. Essa ausência ao nome próprio parece conduzir o leitor à percepção do processo de despersonalização vivida pelo protagonista: como se este, ao adquirir o status de "alugado", deixasse de ter direito a uma identidade própria, passando a ser mais um dos vários sergipanos que iam tentar a sorte nas fazendas de cacau. Sua história era a história de muitos. A apresentação formal do narrador só acontece no final da narrativa, no antepenúltimo capítulo, quando explica aos leitores de onde surgiu a idéia do livro:

> "(...) me deu a idéia de reunir algumas cartas de trabalhadores e rameiras para publicar um dia. Depois, já no Rio de Janeiro, relendo essas cartas, pensei em escrever um livro. Assim nasceu "Cacau". Não é um livro bonito, de frases, sem repetição de palavras. É verdade que hoje eu sou operário, tipógrafo, leio muito, aprendi alguma coisa. Mas, mesmo assim, o meu vocabulário continua reduzido e os meus camaradas de serviço também me chamam Sergipano, apesar de eu me chamar José Cordeiro"[295]

---

[293] Parece ser um recurso de estilo utilizar, para nomear a fazenda em que o protagonista irá experienciar as maiores explorações, a palavra Fraternidade...

[294] Seu pai possuía um fábrica, herança de família, propiciando ao narrador conforto em seus primeiros anos de vida e acesso à educação. Seu pai, no entanto, não representava o modelo clássico do burguês: *"Papai vivia inteiramente para nós e para o seu velho piano. Na fábrica conversava com os operários, ouvia as suas queixas, e sanava os seus males quanto possível. A verdade é que iam vivendo em boa harmonia ele e os operários, a fábrica em relativa prosperidade"*.

Depois da morte do pai, o narrador, sua a mãe e sua irmã perdem o direito à herança, roubada pelo tio. Na pobreza, encara Ilhéus como possibilidade de enriquecimento, dando início à trama principal do romance: *"Saltei em Ilhéus com dezesseis mil e quatrocentos, uma pequena trouxa de roupa e uma grande esperança não sei mesmo de que"* Amado, Jorge. *O País do Carnaval; Cacau; Suor.* São Paulo: Martins, 1957, p.157.

[295] Amado, Jorge. *O País do Carnaval; Cacau; Suor.* São Paulo: Martins, 1957, pp.227-228.

Com este romance, Jorge Amado inicia uma fase de sua obra que se estenderia até *Subterrâneos da liberdade*. Nesta nova fase, passa a retratar, prioritariamente, a classe trabalhadora brasileira, seja ela do campo ou da cidade[296]. Em *Cacau*, há uma clara denúncia da exploração dos trabalhadores da fazenda Fraternidade servindo como uma denúncia maior da exploração do sistema capitalista como um todo. Há, ainda, Sergipano como exemplo de protagonista trabalhador que liberta-se ao descobrir e ingressar no Partido Comunista, e que passa a fazer de sua história instrumento de luta para libertação de outros trabalhadores.

Seria este um romance proletário?

Nessa sua segunda obra publicada, Jorge Amado passa a utilizar um tipo de trama que, como depois veremos, vai ser repetida em outros de seus livros deste período: o protagonista vivencia várias dificuldades impostas pela realidade da exploração capitalista para, no final, integrar-se à luta do Partido Comunista do Brasil para a transformação coletiva da sociedade.[297]

Na análise de Duarte, várias características do romance proletário se manifestam na obra de Amado a partir de *Cacau*. Entre as mais constantes, estariam: "*confluência de certas posturas ficcionais do modernismo com o empenho realista em voltar-se para a existência das multidões oprimidas no trabalho. Dupla marca de um texto preocupado em fazer do povo o principal personagem, para tentar ganhá-lo como leitor.*"[298]

A partir de *Cacau,* entra em evidência, em sua literatura, a sua militância política. Antes mesmo da maior difusão, e quase imposição aos escritores comunistas, do modelo do realismo socialista no Brasil, o autor deixa de lado a elite decadente que servira de material para a construção de seu primeiro protagonista e passa a eleger como centro de sua narrativa um verdadeiro herói proletário, homem que pela consciência de

---

[296] Ainda que em obras como o *ABC de Castro Alves* , *Mar morto* ou *O amor do soldado* a este tipo de abordagem da classe não esteja em evidência.

[297] O mesmo tipo de enredo pode ser encontrado, por exemplo, em *Jubiabá* e *Capitães da areia*.

[298] Duarte, Eduardo de Assis. *Romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal: UFRN, 1996, p. 30.

classe consegue mudar sua vida e engajar-se profundamente em um projeto de transformação social.

Não podemos deixar de notar, no entanto, que Sergipano foi construído como personagem distinto dos outros alugados do cacau. A principal diferença está em seu passado de burguês, que o havia munido de uma cultura letrada, normalmente interditada à maioria dos trabalhadores das fazendas. Essa distinção social é visível, por mais que Sergipano – narrador em primeira pessoa – sempre se apresente e construa sua imagem na reafirmação de ser apenas mais um dos muitos alugados do cacau, partilhando com estes da mesma dura realidade.

E esse é um aspecto de sua obra que não deve ser esquecido. Jorge trouxe o recurso a um herói proletário para sua produção ainda no ano de 1933, mesmo que outros aspectos do realismo socialista só viessem a fazer parte de seus romances anos mais tarde, quando realmente o realismo socialista se tornou uma diretriz partidária para as produções artísticas e intelectuais dos membros do partido.

São Bernardo

No ano de 1934, mais uma vez, temos a publicação de um romance de cada um de nossos autores. Jorge Amado lança *Suor*[299] e Graciliano Ramos lança *São Bernardo*[300].

A publicação de *São Bernardo*[301] não representou para Graciliano a mesma epopéia que havia sido necessária para a publicação de Caetés. Segundo Dênis de Moraes,

> "Livro que havia começado a ser escrito no ano de 1932, *São Bernardo* passa por menos percalços até ser lançado em 1934. Gastão Cruls, editor e proprietário da Ariel Editora, responsável pelo *Boletim de Ariel*, lhe enviara, em 29

---

299 Amado, Jorge. *O País do Carnaval; Cacau; Suor*. São Paulo: Martins, 1957.

300 Ramos, Graciliano. *São Bernardo*. 23 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974.

301 Moraes, Dênis de. *O velho Graça (uma biografia de Graciliano Ramos)*. *Rio de Janeiro*: José Olympio Editora, 1992, p.92.

> de março de 1934, uma carta propondo publicação até agosto ou setembro, com dois mil exemplares. Condições do contrato: 10% de direitos autorais sobre o preço bruto da edição, sendo 5% seis meses após o lançamento e 5% quando a edição estivesse totalmente esgotada. (...) *São Bernardo* atrasaria dois meses, sendo publicado em novembro de 1934, com tiragem de mil exemplares apenas. 'Se o seu *Caetés* não tivesse tido uma tão má divulgação e distribuição, eu não hesitaria em fazer dois mil exemplares' alegaria Cruls"[302]

De qualquer forma, a pequena tiragem inicial e as poucas edições novas que teve enquanto Graciliano estava vivo indicam que na época ele ainda não seria avaliado como será anos depois, como um marco, na produção do autor e na literatura brasileira, por estabelecer uma superação completa das descrições naturalistas em direção a um romance profundamente realista, para usar os termos de Carlos Nelson Coutinho, para quem Graciliano evoluiu "do naturalismo pessimista ao realismo crítico e humanista", com São Bernardo.[303]

O narrador de *São Bernardo* é Paulo Honório que, na época em que se passa a trama, tem 50 anos. O personagem, que teve infância miserável, é fazendeiro que incorpora todas as características de um proprietário rural da República Velha: mete-se em política para conseguir benefícios do Governo, explora seus empregados e é obcecado pelo acúmulo de dinheiro.

A narrativa que Graciliano Ramos oferece ao leitor em seu segundo romance é construída como se fosse uma auto-biografia do narrador[304]. Logo nos primeiros parágrafos, o narrador anuncia que havia pensado em escrever o livro a partir da divisão do trabalho, encarregando seus conhecidos de diferentes partes do processo de escrita e produção. No entanto, mais adiante, malograda essa tentativa, a tarefa acaba sendo desempenhada apenas pelo próprio Paulo Honório:

---

302 "A história de Paulo Honório, um homem simples que, movido por uma ambição sem limites, acaba se transformando em um grande fazendeiro do sertão de Alagoas e casa-se com Madalena para conseguir um herdeiro. Incapaz de entender a forma humanitária pela qual a mulher vê o mundo, ele tenta anulá-la com seu autoritarismo. Com este personagem, Graciliano Ramos traça o perfil da vida e do caráter de um homem rude e egoísta, do jogo de poder e do vazio da solidão, em que não há espaço nem para a amizade, nem para o amor. / 1ª Edição**:** 1934 / Última edição brasileira**:** 88ª (2009) / Editado também na França, desde 1936 / em Portugal, desde 1959 / na Alemanha, desde 1960 / na Finlândia, desde 1961 / na Hungria, desde 1962 / na Inglaterra, desde 1975 / na Venezuela, desde 1980 / na Itália, desde 1993 / na Holanda, desde 1996" *In*: http://www.graciliano.com.br/obras_sbernardo.html

303 Coutinho, Carlos Nelson. *Literatura e humanismo.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967, p. 151.

304 Moraes, Dênis de. *O velho Graça (uma biografia de Graciliano Ramos)*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1992, p.92.

> "Antes de iniciar este livro, imaginei construí-lo pela divisão do trabalho.
>
> Dirigi-me a alguns amigos, e quase todos consentiram de boa vontade em contribuir para o desenvolvimento das letras nacionais. Padre Silvestre ficaria com a parte moral e as citações latinas; João Nogueira aceitou a pontuação, a ortografia e a sintaxe; prometi ao Arquimedes a composição tipográfica; para a composição literária convidei Lúcio Gomes de Azevedo Gondim, redator e diretor do *Cruzeiro.* Eu traçaria o plano, introduziria na história rudimentos de agricultura e pecuária, faria as despesas e poria o meu nome na capa"[305]

No entanto, a tarefa de dedicar-se à escrita de um livro de memórias torna-se penosa para o narrador. Mostrando-se apartado do cultivo das belas letras, Paulo Honório passa então a elencar para o leitor quais seriam suas habilidades intelectuais, todas ligadas ao desempenho de suas funções como fazendeiro e relacionadas a atividades de ordem prática, como contabilidade ou agronomia. Assim, Graciliano inicia o romance com um narrador que não conhece os códigos do "bem narrar", mas que tem ânsia por desafogar-se de sua própria história...

Até então, para Paulo Honório, as letras, por não representarem saberes práticos de resultados mensuráveis e capitalizáveis, nunca tinham estado em seu foco de interesses.

> "Não obtive, porque elas não me tentavam e porque me orientei num sentido diferente. O meu fito na vida foi apossar-me das terras de S. Bernardo, construir esta casa, plantar algodão, plantar mamona, levantar a serraria e o descaroçador, introduzir nestas brenhas a pomicultura e a avicultura, adquirir um rebanho regular. (…) Ocupado com esses empreendimentos, não alcancei a ciência de João Nogueira nem as tolices de Azevedo Gondim. As pessoas que me lerem terão, pois, a bondade de traduzir isto em linguagem literária, se quiserem. Se não quiserem, pouco se perde. Não pretendo bancar o escritor."[306]

À guisa de apresentar-se ao leitor, o narrador faz um breve histórico de seu passado, da infância à vida adulta, apresentando-se da seguinte maneira:[307]

---

305 *Ramos, Graciliano*. *São Bernardo*. 23ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974, p.30.

306 *Idem, ibdem*, pp.33-34.

307 Em linhas gerais, Paulo Honório é filho de pais desconhecidos que sem saber nem mesmo a data exata de seu aniversário, teve infância miserável e de poucas recordações: foi ajudante de cego e depois foi criado por preta velha que vendia doces. A mesma velha Margarida que depois acolhe em São Bernardo. Como trabalhador alugado de fazenda, aos 18 anos, por causa de uma mulher, esfaqueia um homem e vai preso. Na cadeia aprende a ler. Sai de lá com a vontade de ganhar dinheiro e constituir

"Começo declarando que me chamo Paulo Honório, peso oitenta e nove quilos e completei cinqüenta anos pelo São Pedro. (...)

(...) Possuo a certidão, que menciona padrinhos, mas não menciona pai nem mãe. Provavelmente eles tinham motivo para não desejarem ser conhecidos. (...)

Julgo que rolei por aí, à toa. Lembro-me de um cego que me puxava as orelhas e da velha Margarida, que vendia doces. (…)

Até os dezoito anos gastei muita enxada ganhando cinco tostões por doze horas de serviço. Aí pratiquei meu primeiro ato digno de referência. (...) foi eu arrumar uns cocorotes na Germana e esfaquear o João Fagundes. Então o delegado de polícia me prendeu, levei uma surra de cipó de boi, tomei cabacinho e estive de molho, pubo, três anos, nove meses e quinze dias na cadeia, onde aprendi leitura com o Joaquim sapateiro que tinha uma bíblia miúda dos protestantes.(…)

Quando me soltaram, (…) pensava em ganhar dinheiro. Tirei título de eleitor, e seu Pereira, agiota e chefe político, emprestou-me cem mil réis a juro de cinco por cento ao mês. (…)

A princípio o capital se desviava de mim, e persegui-o sem descanso, viajando pelo sertão, negociando (...) ganhando aqui, perdendo ali, marchando no fiado, assinando letras, realizando operações embrulhadíssimas. Sofri sede, erros e efetuei transações comerciais de armas engatilhadas. (…)

Resolvi estabelecer-me aqui na minha terra, município de Viçosa, Alagoas, e logo planeei adquirir a propriedade de S. Bernardo, onde trabalhei no eito, com salário de cinco tostões. (...)"[308]

A extensa passagem acima, em que Paulo Honório apresenta-se, pode servir como base para a compreensão de como o narrador encara sua trajetória e em como esse seu passado influencia suas atitudes posteriores. De maneira seca, apresenta-se como alguém sozinho no mundo, criado na mais profunda miséria e que, desde cedo passou a ambicionar enriquecer. Traçada a meta, dedicou todos os esforços, físicos e mentais, para acumular capital necessário para comprar uma fazenda. No interior de Alagoas daquela época, dinheiro acumulado deveria ser traduzido em terras para que a pessoa

---

patrimônio, decisão esta que o torna, mais tarde, proprietário de São Bernardo e homem de capital. Descrevendo seu percurso, o narrador mostra ao leitor que apenas com a decisão de caráter irresoluto e um empréstimo de cem mil contos de réis, contraído com agiota, construiu sua fortuna. Primeiro tornou-se caixeiro viajante, período em que se dedicou a acumular dinheiro, até poder voltar para Alagoas e comprar a fazenda São Bernardo, onde havia trabalhado por salário miserável. Ao retornar a Viçosa, descobre que o antigo proprietário da fazenda havia morrido e que seu herdeiro, filho único a quem o pai havia mandado estudar direito com o sonho de ter um filho doutor, havia acabado com a herança e que a propriedade estava abandonada. O narrador traça, então, plano para adquirir São Bernardo: empresta dinheiro a juros para Padilha, atual proprietário da fazenda. Como este não investe os vinte contos de réis emprestados para a melhoria da fazenda, e como, ao invés, compra uma tipografia e gasta o restante do dinheiro com jogo, mulheres e bebida, acaba perdendo São Bernardo para o narrador.

[308] Ramos, Graciliano. *São Bernardo*. 23ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974, pp.35-39.

fosse realmente respeitada. Esta ambição, que fez com que passasse por cima de tudo e de todos, fez de Paulo Honório uma máquina programada para o acúmulo, fim e meio por si só, de sua vida.

A trajetória apresentada, que resulta no estabelecimento de Paulo Honório como um dos homens mais poderosos da região, parece indicar que Graciliano identificava na situação de proprietário, em si, a fonte de um comportamento cruel e explorador que resulta diretamente da posição de classe. Mesmo que vindo da mais profunda pobreza, Paulo Honório não foge ao *script* daquele que seria o comportamento padrão de todos os proprietários. O comportamento de Paulo Honório com seus empregados parece legitimar a leitura de que a posição social que ocupa no modo de produção é que seria responsável por tornar o homem cruel.

Paulo Honório e o jogo político:

Mesmo depois de estabelecido como proprietário, tendo finalmente conquistado as terras da fazenda São Bernardo, Paulo Honório não para de tentar expandir seu capital – seja este capital monetário ou capital social. Como então, fazer-se proprietário rural implicava, também, em participação no jogo político estabelecido durante a República Velha, o personagem alia-se ao partido do governo, participa das eleições, o que envolve o controle sobre os votos dos agregados e a utilização da violência.

A cena política é analisada, por Paulo Honório, como intrincado jogo de perdas e ganhos. Por exemplo, a construção de uma escola na fazenda, para o narrador, significaria redução na produtividade dos empregados, insinuando que pessoas com acesso à educação poderiam questionar suas condições de trabalho. No entanto, resolve-se a construir a escola mesmo assim, como forma de barganha política: por mais que fosse desinteressante ter trabalhadores letrados, valeria a pena agradar ao Governador que contaria com mais eleitores e, quem sabe, depois, dispor-se-ia a ajudá-lo.

Nesta lógica, a escola, assim como a igreja, passa a ser encarada como capital investido:

> "O Governador (...) pediu-me fotografias e perguntou onde ficava a escola. Respondi que não ficava em parte nenhuma. No almoço, que teve champanhe, o Dr. Magalhães gemeu um discurso. S. Ex.ª tornou a falar na escola. Tive vontade de dar uns apartes, mas contive-me.
>
> Escola! Que me importava que os outros soubessem ler ou fossem analfabetos?
>
> - Esses homens do Governo têm um parafuso frouxo. Metam pessoal letrado na apanha da mamona. Hão de ver a colheita. (…) De repente supus que a escola poderia trazer a benevolência do Governador para certos favores que eu tencionava solicitar.
>
> - Pois sim senhor. Quando V. Ex.ª vier aqui outra vez, encontrará essa gente aprendendo a cartilha.
>
> (...) A escola seria um capital. Os alicerces da igreja eram também capital."[309]

Na passagem a seguir, aparece ainda um diálogo entre o narrador, o Juiz de direito e o advogado João Nogueira, em que vem à baila a falta de participação política durante a República Velha. O jogo da eleição é retratado como um jogo de cartas marcadas em que o resultado já é previamente conhecido por todos:

> "- A gente se acostuma com o que vê. E eu, desde que me entendo, vejo eleitores e urnas. Às vezes suprimem os eleitores e as urnas: bastam livros. Mas é bom um cidadão pensar que tem influência no governo, embora não tenha nenhuma. Lá na fazenda o trabalhador mais desgraçado está convencido de que, se deixar a peroba, o serviço emperra. Eu cultivo a ilusão. E todos se interessam."[310]

O interessante desta passagem é o comentário que o narrador faz sobre os trabalhadores da fazenda. A idéia de que todos os trabalhadores são, individualmente, dispensáveis é contraposta à ilusão que nutrem de serem fundamentais à produção.

---

309 Ramos, Graciliano. *São Bernardo*. 23ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974, pp.63-64

310 *Idem, ibdem,* pp.84-85.

Paulo Honório, um balanço:

O embrutecimento do narrador é apresentado como reflexo direto de seu passado, em que encara sua ambição como resposta às adversidades enfrentadas. Por isso, não se permite reconhecer, nas dores de seus empregados, as dores que sofreu na infância e na mocidade. Da mesma forma com que se considera um modelo de superação, Paulo Honório considera os pobres que o rodeiam como culpados por sua própria miséria.

Em contraposição à aspereza do narrador, há a personagem de Madalena, sua esposa. Madalena também teve o passado marcado pela falta de dinheiro e também conseguiu a ascensão social (pelo estudo) e econômica (pelo casamento). No entanto, ao contrário do que é constatado em Paulo Honório, não se deixara embrutecer, fazendo-se solidária e tentando minorar o sofrimento dos explorados que a cercam.

No balanço final que faz de sua vida, na última parte do romance, após o suicídio de Madalena, o narrador avalia prós e contras do caminho que resolveu trilhar:

> "O que estou é velho. Cinqüenta anos pelo S. Pedro. Cinqüenta anos perdidos, cinqüenta anos gastos sem objetivo, a maltratar-me e a maltratar os outros. O resultado é que endureci, calejei, e não é um arranhão que penetra esta casca espessa e vem ferir cá dentro a sensibilidade embotada.
>
> Cinqüenta anos! Quantas horas inúteis! Consumir-se uma pessoa a vida inteira sem saber para quê! Comer e dormir como um porco! Como um porco! Levantar-se cedo todas as manhãs e sair correndo, procurando comida! E depois guardar comida para os filhos, para os netos, para muitas gerações. Que estupidez! Que porcaria! Não é bom vir o diabo e levar tudo? (…)
>
> Mas para quê? Para quê? não me dirão? Nesse movimento e nesse rumor haveria muito choro e haveria muita praga. As criancinhas nos casebres úmidos e frios inchariam roídas pela verminose. E Madalena não estaria aqui para mandar-lhes remédio e leite.
>
> Bichos. As criaturas que me serviram durante anos eram bichos. Havia bichos domésticos, como o Padilha, bichos do mato, como o Casemiro Lopes, e muitos bichos para o serviço do campo, bois mansos. Os currais que se escoram uns aos outros lá embaixo, tinham lâmpadas elétricas. E os bezerrinhos mais taludos soletravam a cartilha e aprendiam de cor os mandamentos da lei de Deus. (…)
>
> Se eu povoasse os currais, teria boas safras, depositaria dinheiro nos bancos, compraria mais terra e construiria novos currais. Para quê? nada disso me traria mais satisfação.(…)

> Coloquei-me acima de minha classe, creio que me elevei bastante. Como lhes disse, fui guia de cego, vendedor de doce e trabalhador alugado. Estou convencido de que nenhum desses ofícios me daria os recursos intelectuais necessários para engendrar esta narrativa. Magra, de acordo, mas em momentos de otimismo suponho que há nela pedaços melhores do que a literatura do Gondim. Sou, pois, superior a Mestre Caetano e a outros semelhantes. Considerando, porém, que os enfeites do meu espírito se reduzem a farrapos de conhecimento apanhados sem escolha e mal cosidos, devo confessar que a superioridade que me envaidece é bem mesquinha.
>
> Além disso, estou certo de que a escrituração mercantil, os manuais de agricultura e pecuária, que fornecem a essência da minha instrução, não me tornaram melhor que o que eu era quando arrastava peroba. Pelo menos naquele tempo não sonhava ser o explorador feroz em que me transformei.
>
> Julgo que me desnorteei em uma errada.
>
> Se houvesse continuado a arear o tacho de cobre da velha Margarida, eu e ela teríamos uma existência quieta. Falaríamos pouco, pensaríamos pouco, e à noite, na esteira, depois do café com rapadura, rezaríamos rezas africanas, na graça de Deus"[311]

Analisando sua metamorfose de guia de cego a grande proprietário, o narrador constata que não foi feliz. Não encontra mais um propósito claro para sua existência, que até então tinha sido pautada pelo acúmulo. Avalia que se não houvesse tentado "mudar de classe", provavelmente teria tido uma existência mais tranqüila, teria sido mais feliz se não houvesse ambicionado tanto. Tal comentário digressivo do narrador parece apontar para a contradição entre sua posição como proprietário rural e o processo que o levou ao afastamento da condição de classe de que foi extraído.

Imaginando-se em um outro tempo, durante a monarquia, quando o personagem Seu Ribeiro ainda era conhecido como o Major, o narrador crê que teria sido mais feliz. Ao idealizar o passado e imaginar uma realidade que não foi a sua, o narrador acredita que uma vida simples possibilite a felicidade, parecendo repetir, com variação quanto à época e ao regime político, a máxima ideológica que legitima o trabalho alienado e as condições de vida a ele associado, ao dizer que "o dinheiro não traz felicidade". Ao mesmo tempo, o narrador adverte que a revolução só tem a possibilidade de concretizar-se a partir do acesso à informação:

---

311 Ramos, Graciliano. *São Bernardo*. 23ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974, pp.188-189.

> "(…) Imagino-me vivendo no tempo da monarquia, à sombra de Seu Ribeiro. Não sei ler, não conheço iluminação elétrica nem telefone. Para me exprimir recorro a muita perífrase e muita gesticulação. Tenho, como todo mundo, uma candeia de azeite, que não serve para nada, porque à noite a gente dorme. Podem rebentar centenas de revoluções. Não receberei notícias delas. Provavelmente sou um sujeito feliz"[312]

Mas será que essa vida idealizada seria possível ou o narrador seria mais um bicho (na sua própria metáfora), como os outros que lhe servem (sem possibilidades de transformação, apenas a reprodução dos mesmos gestos de sobrevivência)?

A revolução não representaria nada para ele. Será que também não representaria nada para a maior parte dos trabalhadores rurais descritos pelo narrador?

Ele, no fundo, idealiza a vida miserável de trabalhadores ignorantes como sendo mais feliz e menos problematizada do que a sua, esquecendo-se de todas as dificuldades que ele mesmo já viveu quando era explorado e de todas as crueldades que praticou quando se tornou um explorador.

***São Bernardo*, recepções:**

As críticas a *São Bernardo* a que tivemos acesso são elogiosas, ressaltando o domínio do estilo e a capacidade do autor em construir personagens densos. Dentre os artigos que foram publicados na época, Dênis de Moraes destaca os textos de Agripino Grieco (para quem "*ele é um notável romancista*"), Otavio Tarquínio de Sousa (para quem Graciliano, como Machado de Assis, apresentava a rara qualidade de construir personagens humanos e autênticos, sendo *São Bernardo* "*o livro de um escritor perfeitamente senhor de seu ofício*"), e Carlos Lacerda (para quem, em *São Bernardo*, "*tudo está quente, pulando nas mãos do romancista, pronto para saltar e ganhar mundo, impulsionado pela força da verdade que encerra*")[313]

---

[312] Ramos, Graciliano. *São Bernardo*. 23ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974, p.192

[313] Moraes, Dênis de. *O velho Graça (uma biografia de Graciliano Ramos)*. *Rio de Janeiro*: José Olympio Editora, 1992, pp.92-93.

Por ocasião da publicação de *São Bernardo*, mais uma vez os nomes de Jorge Amado, Graciliano Ramos e Augusto Frederico Schmidt encontram-se entrelaçados. Depois de uma resenha desfavorável que o poeta e editor publicara no *Diário de notícias*, Jorge Amado sai em defesa de Graciliano, a quem hipotecara respeito e admiração desde que leu *Caetés* ainda no original. Jorge publica um texto, em *O Boletim de Ariel,* em que atribuía a três fatores distintos a "*má vontade de Schmidt*" ao livro, que seriam os fatos de que "*Schmidt se incompatibilizara com Graciliano pelos problemas surgidos com Caetés; procurara atingir a concorrência de outra editora; e criticara um livro que não havia lido, como 'velho costume seu'.*"[314]

***Suor*:**

Segundo Eduardo de Assis Duarte, Jorge Amado teria feito o primeiro rascunho de *Suor* em 1928, quando morava em um casarão do Pelourinho[315]. *Suor*[316] representa a agudização de sua escolha por retratar temas e personagens da classe trabalhadora e por enfocar o tema da exploração capitalista e da organização comunista. Em *Suor*, Jorge Amado atribui igual destaque aos vários habitantes do cortiço onde se desenvolve a trama:

> "Visto da rua o prédio não parecia tão grande. Ninguém daria nada por ele. É verdade que se viam as filas de janelas até o quarto andar. Talvez fosse a tinta desbotada que tirasse a impressão de enormidade. Parecia um velho sobrado como

---

[314] Moraes, Dênis de. *O velho Graça (uma biografia de Graciliano Ramos)*. *Rio de Janeiro*: José Olympio Editora, 1992, p.93.

[315] Segundo Duarte, "A criação do romance teve origem na vivência do próprio autor, que, em 1928, com dezesseis anos de idade, residiu num cômodo de um dos sobrados coloniais do Largo do Pelourinho, Salvador, Bahia. *In*: Duarte, Eduardo de Assis. *Romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal: UFRN, 1996. p.23.

[316] "Terminado de escrever em março de 1934, no Rio de Janeiro, o romance teve sua 1ª edição pela Ariel Editora, Rio de Janeiro, em agosto de 1934, com 211 páginas e capa de Santa Rosa. / A partir de 1941 e até a 29ª edição, 1974, ilustrada por Mário Cravo Júnior, foi publicado pela Livraria Martins Editora, São Paulo, completando o trio do primeiro tomo das "Obras Ilustradas de Jorge Amado", volume III. Como as antigas edições, em separado, à parte da coleção, a 30ª edição, com as mesmas ilustrações e reproduzindo a capa de Santa Rosa, retrato do autor por Carlos Bastos e foto do autor por Zélia Gattai, foi lançada em convênio com a Livraria Martins Editora, São Paulo, pela Editora Record, Rio de Janeiro, com 164 páginas, em agosto de 1975. / A 49ª edição, 1998, 17ª pela Editora Record, é a mais recente. / Em 1989, foi alvo de comemorações pelos 55 anos de publicação com o seminário "A presença do espaço geográfico na criação ficcional brasileira contemporânea", organizado pela Fundação Casa de Jorge Amado. / Foi publicado em Portugal e traduzido para o alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, polonês, russo e tcheco. *In:* http://www.fundacaojorgeAmado.com.br/obras_jorge/suor2.htm#historico

os outros, apertado na Ladeira do Pelourinho, colonial, ostentando azulejos raros. Porém era imenso. Quatro andares, um sótão, um cortiço no fundo, a venda do Fernandes na frente, atrás do cortiço uma padaria ilegal. 116 quartos, mais de 600 pessoas. Um mundo. Um mundo fétido, sem higiene, sem moral, com ratos, palavrões e gente. Operários, soldados, árabes de fala atravessada, mascates, ladrões, prostitutas, costureiras, carregadores, gente de todas as cores, de todos os lugares, com todos os trajes, enchiam o sobrado"[317]

Assim, a trama se dispersa, ora focando um morador, ora focando outro, até parecer para o leitor que o protagonista do livro é o próprio cortiço, localizado no número 68 da Ladeira do Pelourinho. A partir desta perspectiva, que coloca em destaque essa coletividade, é interessante atentar para o fato de que o caminho da conscientização e luta também se realiza neste romance, no entanto, ao invés do herói individual de *Cacau*, é o próprio cortiço que encontra o caminho da conscientização no final da trama:

"Jogaram manifestos. Moças nas janelas. Parecia até uma festa. O rosto magro do moço propagandista. Ouviam-se gritos em árabe. Outros em espanhol. Seu Fernandes fechara a venda. O cabelo bem alisado do violonista e a barba por fazer de Toufik. Todo o 68 estava ali. Descera as escadas como um homem só.

Os investigadores vinham do terreiro. A primeira bala se perdera entre as pedras da rua. A multidão não fugiu. A segunda derrubou a surda-muda que soltou um grito horroroso de maldição. Álvaro Lima gritou:

- Proletários de todas as nações…

A bala pegou na testa, ele caiu em cima de Linda. A moça sentiu o sangue no rosto. Mas não teve medo. Nem se moveu.

Então a multidão avançou para os investigadores, de braços levantados"[318]

Outro aspecto que diferencia *Cacau* de *Suor* é a própria forma de apresentação e estrutura do romance. Eduardo de Assis chama a atenção para a relação estabelecida por Jorge Amado em *Suor* com a experimentação de linguagem modernista. Segundo o autor, neste romance Amado faz uma literatura "*jovem, apressada, mais preocupada*

---

317 Amado, Jorge. *O País do Carnaval; Cacau; Suor.* São Paulo: Martins, 1957, p.244.

318 *Idem, ibdem*, p.244.

com a mensagem do que o esmero construtivo. Daí a prosa minimal, distante do enredo concatenado, painel da vida lumpem-proletária."[319]

Suor apresenta uma trama fragmentada entre a vida dos diversos personagens que habitam o sobrado da ladeira do Pelourinho. A fragmentação pode ser percebida nas mais diversas instâncias do livro: na forma de se narrar, constituída por vários pequenos textos independentes e não relacionados (muitas vezes dando mesmo a idéia de um apanhado de crônicas); na constituição dos personagens, destituídos de maiores apresentações para além daquelas necessárias para a construção de tipos; e na própria constituição destes personagens, que são fragmentados física, mental e economicamente (aleijados, doentes, dementes, suicidas, etc.).

No entanto, a fragmentação aparece acompanhada pela percepção de que estas características não são inatas aos personagens, mas conseqüências diretas da exploração a que são submetidos. Na análise desta obra de Amado, Duarte caracteriza este romance como dotado de um esquematismo característico do romance proletário:

> "Tal esquematismo se encaixa no modo de ser do romance proletário, cujos objetivos, pedagógicos e insurrecionais, apelam à simplificação e ao maniqueísmo. É o preço que a obra paga por seu engajamento. *Suor* tem muito de panfleto, de texto voltado para a leitura do estudante e do operário, com vistas a neles despertar indignação e revolta. O mundo transcendente e o psicologismo são rejeitados, encarados como "futilidades" próprias ao "romance burguês", o que de imediato remete ao sectarismo que impregnava os jovens *compagnons de route* naqueles idos de 30"[320]

Em *Suor* o autor opta por descrever painel de diversos personagens que podem ser observados nos cortiços das grandes cidades, um mosaico formado por empregados, prostitutas, ladrões, trabalhadores, vagabundos, todos eles representando tipos diferentes. Todos diferentes, mas todos iguais na exploração que sofrem e na expropriação de formas dignas de sobrevivência a que são submetidos.

Essa opção parece revelar a tentativa de provar uma tese, a de que não importa se prostituta ou camareira, trabalhador de fábrica ou ladrão, todas essas pessoas

---

[319] Duarte, Eduardo de Assis. *Romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal: UFRN, 1996, p.72.

[320] *Idem, ibdem*, pp.69-70.

representam o lado mais duro do sistema capitalista e todas sentem na pele, estando ou não inseridas no sistema formal de trabalho, as privações dos direitos mais básicos.

A mudança de ventos, ANL e a Intentona:

No ano de 1935, nossos autores voltam a aparecer nas páginas de *Boletim de Ariel*, na edição de julho. Seus nomes são citados no artigo de Octavio de Faria que critica a "moda" dos romances de escritores nordestinos e ambientados em regiões pobres do norte/nordeste do país. O autor diz que muitos dos livros aglutinados sob o rótulo de romance do norte, rótulo que segundo ele serviria como instrumento de *marketing* e venda para esses livros, nem poderiam ser verdadeiramente descritos como romances[321]. No artigo, os nomes são citados em um balanço sobre a produção literária de nordestinos identificados com o novo romance. A Graciliano concede ao menos o título de romancista, já Jorge Amado, julga que tenha sido injustamente badalado pela crítica.

Esta crítica parece representar uma leitura mais conservadora não apenas na crítica literária como também da organização política. Dentre os argumentos utilizados pelo crítico para desmontar a relevância da literatura dita nordestina está inclusa a questão da temática "social". Talvez esse tipo de avaliação encontre-se antenado com um movimento maior, são os ventos de mudanças, que anunciam uma maior polarização entre o governo e os comunistas.

O panorama antes descrito, de adoção de uma postura e de um discurso revolucionários pelo PCB, será modificado com o fortalecimento e o avanço fascista no âmbito mundial, operando-se uma guinada na orientação da Internacional Comunista

[321] Sobre os nossos autores, tece os seguintes comentários: / Sobre Graciliano: / "e a bem dizer, o herói desses romances passou a ser o norte, quando só o homem podia ser esse herói, como na verdade só ele o é nos romances verdadeiramente certos que nos vieram do norte: *Os Corumba, A Bagaceira, João Miguel* e alguns poucos outros, entre os quais não é possível deixar de contar alguns mais recentes como *Banguê* e *São Bernardo* (que não me agradam por muitos lados, mas que inegavelmente devem ser considerados romances certos)." / Sobre Jorge Amado: / "Falou-se muito na obra do Sr. José Américo de Lima e da do Sr. Jorge Amado, falou-se até nas estréias estonteantes dos Srs. Clovis Amorim e João Cordeiro. Todo mundo achou que estava na obrigação de saudar o aparecimento de *Banguê*. Mas ninguém leu *O inútil de cada um* e *Em surdina* foi englobado no mesmo esquecimento de *Maria Luiza*, exatamente como se se tratassem de romances da mesma qualidade..."*In:Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro: Ano IV – julho de 1935 – n°10, p.263-264.

que passa a incorporar a idéia de uma frente única contra um inimigo comum, o fascismo.

No Brasil, a fraqueza das correntes socialistas e o crescente prestígio da URSS e de Stalin fizeram com que o PCB se configurasse como o pólo aglutinador da luta antifascista em território nacional. É importante notar, neste contexto, como a criação da Aliança Nacional Libertadora, fundada em 1935, e contando com hegemonia comunista, pode traduzir essa nova orientação. Programaticamente, a ANL se apresentava como organização de luta antifascismo e antiimperialismo, aglutinando simpatias e participação de vários setores da sociedade[322].

Sobre a conjuntura nacional, e sobre a atuação e o papel da ANL, o grupo de intelectuais de Maceió ao qual Graciliano estava próximo, tinha opiniões similares. O grupo costumava se reunir "no bar do Cupertino, chamado bar Central" e discutir os rumos da política e das letras brasileiras[323]:

> "No Bar Central, a crise política tornara-se assunto obrigatório. O grupo de literatos era praticamente todo antifascista e antigetulista. Apenas três pessoas tinham vínculo com o comunismo: Alberto Passos Guimarães, secretário regional do PCB; Rachel de Queiroz havia rompido com o partido e se aproximado dos trotskistas, juntamente com seu marido José Auto. Os demais, segundo Rachel, 'eram quase todos cor-de-rosa, isto é, esquerdizantes que não chegavam a ser vermelhos'. Mas nem Alberto apoiava a luta armada contra Vargas, embora tivesse que acatar a linha oficial"[324]

Graciliano formava frente com essa opinião, duvidando da validade de uma tentativa armada de tomada de poder. Classificado por Raquel de Queiros como "cor de rosa", por ter um pensamento de esquerda sem, no entanto, estar vinculado a nenhum movimento organizado:

---

322 "A ANL foi capaz de ampliar a influência do PCB no movimento operário e também de romper a barreira do mundo do trabalho, extravasando-se para o mundo da cultura e para as camadas médias." *In*:Moraes, João Quartim de & REIS FILHO, Daniel Araão. (orgs.) *História do marxismo no Brasil* – Vol1: *O impacto das revoluções.* (2ª ed. rev.). Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p.111.

323 Moraes, Dênis de. *O velho Graça (uma biografia de Graciliano Ramos)*. *Rio de Janeiro*: José Olympio Editora, 1992, p.67.

324 Moraes, Dênis de. *O velho Graça (uma biografia de Graciliano Ramos)*. *Rio de Janeiro*: José Olympio Editora, 1992, p.101.

> "Graciliano encarava a ANL com um misto de simpatia pela mobilização antifascista e profundas reservas quanto à sua prática política, (...)
>
> Ele desconfiava da coligação de interesses divergentes numa frente única ('isso me parecia um jogo perigoso') e não acreditava no êxito de uma rebelião para a tomada do poder. 'Em geral a revolução era olhada com medo ou indiferença. (...) Muitos anos seriam precisos para despertar essas massas enganadas, sonolentas.' Apontava deficiências no trabalho da ANL: 'Organização precária. Agitação apenas, coisa superficial. Reuniões estorvadas pela polícia, folhas volantes, cartazes, inscrições em muros, pouco mais ou menos inúteis' "[325]

Com a ANL posta na ilegalidade por Vargas, sob a acusação de ser "instrumento do comunismo internacional", dá-se o afastamento de grande parte de liberais, de simpatizantes da esquerda e de socialistas de sua organização. Esta quebra da frente popular e da flexibilização da postura isolacionista do PCB leva os comunistas a apostarem suas fichas na via insurrecional.

Enquanto isso, Amado que em 1935 fora contratado como assistente do Secretário de Educação do Distrito Federal, Anísio Teixeira, com ordenado de um conto de réis, perde seu primeiro emprego público em conseqüência do endurecimento do regime. Depois de iniciado o trabalho, com menos de um mês, sua carreira no funcionalismo é interrompida pela "quartelada de novembro", que resulta na fuga do secretário para São Paulo e faz com que Amado, já comunista, também fuja às pressas da Secretaria.

Jubiabá

Se o ano de 1935 não contaria com nenhum novo romance de Graciliano Ramos, que continua atuando como diretor da Instrução Pública de Maceió, Jorge Amado, a

---

[325] Moraes descreve o grupo do qual fazia parte Graciliano em Maceió da seguinte maneira: "Jornalistas, poetas, romancistas e professores, quase todos seguiriam carreira literária: Aurélio Buarque de Holanda, Alberto Passos Guimarães, Valdemar Cavalcanti, Jorge de Lima, Aloysio Branco, Carlos Paurílio, Manuel Diégues Júnior, Mário Brandão, Rui Palmeira, Raul Lima, Theo Brandão, José Auto. Sem falar em José Lins do Rego, que viera trabalhar em Alagoas, e Santa Rosa. O grupo se aglutinaria a partir de uma série de eventos lítero-culturais, como a Academia dos Dez Unidos, bem-humorada paródia da Academia Alagoana de Letras; a Festa da Arte Nova, uma espécie de Semana de Arte Moderna em um só dia; e o Grêmio Literário Guimarães Passos, reduto de poetas e prosadores com menos de 25 anos" *in*: Moraes, Dênis de. *O velho Graça (uma biografia de Graciliano Ramos)*. *Rio de Janeiro*: José Olympio Editora, 1992, pp.65-66.

despeito das transformações políticas, não diminui sua média de um novo romance por ano e, em 1935, publica *Jubiabá*[326], cujo protagonista é o negro Antônio Balduíno.

Balduíno, órfão criado pela tia no morro do Capa Nego, em Salvador, em sua primeira infância, teve existência pobre mas conhecia uma estrutura familiar estável com a tia. Sua vida muda quando sua tia é internada em um hospício e ele é acolhido como criado na casa de um rico comendador, na Travessa Zumbi dos Palmares, onde permanece até os 15 anos. Depois vira mendigo no Pelourinho, malandro errante pelas ruas da cidade na idade adulta, plantador de tabaco, lutador de boxe e compositor de modinhas, até conhecer a redenção final como líder proletário. Seu sonho, desde criança, era ter sua vida cantada em um ABC, como os que louvavam os grandes cangaceiros do sertão. Depois de sua morte, como herói operário, tem seu sonho realizado no seguinte poema popular:

> "ABC de Antônio Beduíno:
>
> Este é ABC de Antônio Beduíno,
>
> negro valente e brigão
>
> desordeiro sem pureza
>
> mas bom de coração.
>
> Conquistador de natureza
>
> Furtou mulata bonita

---

326 "Começado a escrever em meados de 1934, na cidade de Conceição de Feira, Bahia, o romance foi concluido no Rio de Janeiro, e sua 1ª edição saiu pela Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, em setembro de 1935, com capa de Santa Rosa, 372 páginas. / A partir de 1941, passou a ser editado pela Livraria Martins Editora, São Paulo, integrando, como segundo tomo, a coleção "Obras Ilustradas de Jorge Amado", volume IV, com capa e ilustrações de Carybé e retrato do autor por Carlos Scliar. / Da 30ª edição em diante, vem sendo publicado pela Editora Record, Rio de Janeiro, 1975, com capa de Di Cavalcanti, ilustrações de Carybé, retrato do autor por Flávio de Carvalho e foto do autor por Zélia Gattai, 331 páginas. / A 53ª edição, 17ª edição pela Editora Record, é a mais recente, de janeiro de 1996, com fixação de texto por Paloma Jorge Amado e Pedro Costa, capa de Pedro Costa com ilustrações de Carybé, sobrecapa, 4ª capa com quadro de Quirino Silva, vinhetas de ilustrações de Carybé, retrato do autor por Jordão de Oliveira, fotografia da sobrecapa por Pedro Oswaldo Cruz. / Foi publicado em Portugal e traduzido para o alemão, basco, búlgaro, chinês, espanhol, francês, grego, húngaro, inglês, italiano, norueguês, polonês, romeno, russo e tcheco. / Teatro**:** *Jubiabá*, adaptação de Roberto Alvim Correia, Rio de Janeiro, 1961; com o mesmo título, adaptação de Miroel Silveira, Rio de Janeiro, 1970. / Rádio**:** Novela *Jubiabá,* Rádio São Paulo, São Paulo, 1946. / Cinema e televisão**:** Foi adaptado por Nelson Pereira dos Santos, produção franco-brasileira da Regina Filmes e da Societé Française de Production, com música de Gilberto Gil, em duas versões: para o cinema e para a tevê. Foi exibido pela televisão francesa. / Quadrinhos: *Jubiabá*, Editora Brasil-América, coleção "Edição Maravilhosa", Rio de Janeiro, s/data."*In*: http://www.fundacaojorgeAmado.com.br/obras_jorge/jubiaba2.htm#historico

Brigou com muito patrão (...)

(...) Morreu de morte matada

Mas ferido a traição"[327]

Segundo Eduardo de Assis Duarte, *Jubiabá* é um romance que se desenvolve "em espiral", não obedecendo a uma ordenação cronológica. No entanto, a vida de Balduíno apresenta-se em uma sucessão de sete tempos diferentes, em que as experiências vividas pelo herói foram responsáveis por seu amadurecimento[328].

> "Temos, portanto, o enredo consecutivo e progressivo da história romanesca voltado para a emancipação individual e política. As idas e vindas do personagem, a combinação de circularidade com linearidade ascensional revelam a trajetória espiral da narrativa, como se esta funcionasse como ampliação da *mola* propulsora da cena inicial, a impelir reiteradamente o personagem rumo à formação da consciência revolucionária. No momento em que se atenta para o formato helicoidal do enredo, mais se percebe a carga emblemática da cena inicial e da imagem da *mola,* na configuração de uma perfeita homologia entre forma e conteúdo. O sentido impulsionador de Jubiabá está presente tanto nas ações narradas quarto na própria estrutura do romance. O que se vê é um contínuo arremesso à ação, espécie de soco na inércia do leitor, enfatizado, inclusive, pelo retorno da Balduíno em escritos posteriores, sempre alçado a situações de protesto ou confronto social"[329]

Uma questão que aparece de forma muito marcante em *Jubiabá* é a questão da religiosidade afro-brasileira, permeada pela questão racial. A religião de origem africana é apresentada pelo autor como aglutinadora de identidades culturais e como uma forma de sobrevivência de grupo, preservando manifestações que constantemente vinham sendo negados e perseguidos pela elite branca.

---

[327] "(O ABC de Antônio Beduíno, trazendo na capa vermelha um retrato do tempo em que o negro era jogador de boxe, é vendido no cais, nos saveiros, nas feiras, no Mercado Modelo, nos botequins, pelo preço de duzentos réis, a camponeses moços, marinheiros alvos, a jovens carregadores do cais do porto, a mulheres que amam os camponeses e os marinheiros e a negros tatuados, de largo sorriso, que trazem ou âncora, ou um coração e um nome gravado no peito)" *In:* Amado, Jorge. *Jubiabá.* 28 ed. São Paulo: Martins, s.d, p. 306.

[328] De uma maneira geral, a trajetória de Balduíno é da seguinte forma apresentada:

órfão, mendigo, malandro capoeira, boxeador, sambista, artista de circo, poeta de ABC. Baldo quase sempre está em público: junto aos moleques do morro, chefiando pivetes nas ruas, expondo-se nos ringues e picadeiros, envolvendo-se em pancadarias nas feiras, encantando as mulheres com sua voz. E mais tarde, no decorrer da greve, participando dos piquetes, discursando nas assembléias , tentando esvaziar a macumba do pai-de-santo Jubiabá. *In*: Duarte, Eduardo de Assis. *Romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal: UFRN, 1996. pp.77-78.

[329] Duarte, Eduardo de Assis. *Romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal: UFRN, 1996. p.85.

Jubiabá dá continuidade ao que parece ser um projeto do autor de utilizar em suas obras ambientes onde a miséria e a exploração capitalista parecem ser mais evidentes e cruéis – já o fizera com as fazendas de cacau da região de ilhéus, com os cortiços do pelourinho e, agora, com as favelas e todo o submundo de Salvador. Da mesma forma, em *Jubiabá, J*orge Amado continua a fazer referências ao comunismo, em geral, e ao Partido Comunista do Brasil, em específico, característica das obras produzidas a partir de *Cacau*.

Seguindo uma tendência constatada em vários escritores de esquerda de então, o projeto de escrita de um romance proletário por Jorge Amado passa, também, pelo projeto de fazer seu texto alcançar o maior público possível. A conquista das massas através de um romance que consiga, a um só tempo, denunciar a exploração capitalista e apontar como saída a organização comunista, passa pela busca de estratégias discursivas que permitam a atração do maior número de leitores, sobretudo da classe trabalhadora.

Em sua análise sobre a obra de Amado, Duarte identifica como sendo a partir de *Jubiabá* que o baiano começará a recorrer, como fontes básicas de inspiração para sua forma de narrar, às tradições da cultura popular (oral ou escrita), presente em ABC's e na contação de causos, por exemplo, e da literatura burguesa, presente nos romances folhetinescos da virada do século XIX para o século XX.

Para tanto, *Jubiabá* será construído a partir de seu herói, Balduíno. As heranças folhetinescas e da cultura popular encontram seu denominador comum na construção de uma trama baseada em um enredo recheado de reviravoltas e façanhas; nas repetições usadas para a fixação da mensagem; ritmo ágil e variedade de ações. Todos esses elementos são reunidos, segundo Duarte, com um objetivo claro: *"O objetivo dessa combinação de formas é difundir a mensagem partidária de elevação do oprimido, materializada em Jubiabá no processo de formação do herói proletário"*[330]. Esse herói é Balduíno o Baldo de *Suor,* antes figura meramente decorativa nas histórias fragmentárias do casarão, agora protagonista do novo romance.

---

330 Duarte, Eduardo de Assis. *Romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal: UFRN, 1996. P. 77.

Perseguição, *Angústia* e *Mar morto*:

O ano de 1936 foi marcado pela perseguição política a comunistas, esquerdistas e a qualquer pessoa identificada como opositora do governo Vargas. Depois da tentativa de levante em novembro de 1935, o governo de Vargas acirrou a perseguição, prisão e espancamento de pessoas identificadas como inimigas do sistema. Nossos dois autores serão presos neste ano acusados de envolvimento com a "Intentona". O interessante de ser observado é que Jorge Amado, que era filiado e militante do Partido Comunista, passara apenas dois meses na cadeia, enquanto Graciliano Ramos, sem qualquer filiação formal ao partido, ficara preso por dez.

Talvez mesmo em função do clima político que se instaurou depois do levante armado de novembro de 1935, nossos autores, que experimentaram a prisão, passam a receber cada vez mais criticas favoráveis nas páginas das publicações de esquerda, como é o caso de *Boletim de Ariel*, que publica, na edição de maio de 1936, a matéria "Prata da casa", que destaca as obras dos autores.

Pelo menos com o conselho editorial de *Boletim de Ariel*, Jorge Amado sempre esteve em alta. No balanço que Adhemar Vidal faz da produção literária do ano de 1935, *Jubiabá*, do baiano, é apresentado como uma das grandes obras das letras nacionais, juntamente com *Moleque Ricardo* de José Lins do Rêgo. Segundo Vidal,

> "Jorge Amado e José Lins do Rêgo marcham juntos, tanto que no *Jubiabá* se poderia mudar o nome do romance para *Antonio Balduino*. O negro possui uma força de expressão tal que chega a comover. (...) Aquelas páginas sobre os vagabundos nas ruas da Bahia são inéditas nas letras brasileiras. Emocionam. Dão-nos a segurança que Jorge Amado tem um acentuado pendor pela fixação desses sofrimentos anônimos e silenciosos que constituem a própria existência dos abandonados da sorte. (...)"[331]

Como vimos, desde o início de sua produção literária, ao menos desde a publicação de *Cacau*, Jorge Amado vem contando com críticas favoráveis e espaço na revista mensal *Boletim de Ariel.* As redes de relação que estes intelectuais de esquerda firmaram a partir do que se convencionou chamar de segunda geração modernista, ou de geração de 30 agrupados, *grosso modo*, por um tipo de literatura mais engajada com a

---

331 *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro: Ano V – maio de 1936 – n°8, p.202.

problemática social garantiram para esse grupo uma maior circulação de seus escritos e uma maior projeção social, extrapolando os limites de "escritores nortistas" para consolidarem-se como os novos escritores.

Nossa hipótese é que esta perspectiva mais engajada, que em muitos deles se traduzia em uma percepção de esquerda, respondeu, também, por uma maior projeção de suas obras em um contexto político-cultural que favorecia a revisão de representações de identidade nacional firmadas anteriormente, e tal situação teria contribuído para que esses escritores, sobretudo Jorge Amado, conquistassem maior visibilidade nacional.

José Olympio, Jorge Amado e Graciliano Ramos:

No ano de 1936, a despeito da perseguição política e do encarceramento, nossos dois autores vêem novas obras suas chegarem às prateleiras. Em agosto, *Angústia* de Graciliano e *Mar morto* de Jorge Amado são publicados pela José Olympio. O romance *Angústia* já estava escrito e foi publicado enquanto Graciliano ainda estava na cadeia. *Mar morto* foi encomendado a Jorge Amado por José Olympio quando o romancista deixou a cadeia e, sem trabalho, precisava urgentemente de dinheiro.

Naquele ano, Amado trabalhou na Editora José Olympio, depois que esta trocou São Paulo pelo Rio de Janeiro, em 1934. Na opinião de Jorge Amado, expressa em *Navegação de cabotagem,* Olympio foi responsável por uma verdadeira transformação no mercado do livro, pois "*revolucionou a indústria editorial brasileira e possibilitou aos escritores nacionais atingirem o público, até então extremamente restrito*"[332]. Ainda segundo Amado:

> "José Olympio entendia de livros e autores. Revolucionou a indústria editorial, a afirmação é correta mas, em verdade, sua empresa, a Casa como ele dizia ao se referir à editora, jamais perdeu os contornos patriarcais que caracterizavam a edição brasileira de antes da Segunda Guerra Mundial. A Casa viveu sempre à sombra do poder do Estado, primeiro sob a proteção de Getúlio, depois dos militares da Redentora. Proteção que lhe

[332] Amado, Jorge. *Navegação de Cabotagem.* Rio de Janeiro: Record, 1992, p.323.

dava segurança e permitiu a José Olympio investir com coragem e visão nos autores nacionais, a Casa foi pátria e família de mais de uma geração de literatos — poetas, ficcionistas, cronistas, ensaístas — do modernismo aos jovens dos anos quarenta: o romance de trinta, os estudos brasileiros. Louve-se ademais a isenção política, plumitivos das ideologias mais opostas, esquerda e direita, comunas e integralistas, José Olympio não fazia distinção: livro bom, ele editava"[333]

Amado aparece mais uma vez relacionado às publicações de Graciliano. É designado por José Olympio para apressar Graciliano no envio dos originais de *Angústia*. Dênis de Moraes narra da seguinte forma o episódio:

"José Lins logo depois seria transferido para o Rio de Janeiro e acabaria como intermediário nos entendimentos entre Graciliano e o editor José Olympio para a publicação de *Angústia.* Vindo de São Paulo, José Olympio acabara de instalar no Rio a sua prestigiosa editora.

Corno planejava lançar o romance ainda em 1935, aproveitando a projeção de *Caetés e São Bernardo*, José Olympio recorreria a Jorge Amado, que trabalhava no setor de publicidade da editora, pedindo-lhe que intercedesse para apressar a entrega dos originais. Jorge despacharia a carta para Maceió: 'Botaremos no prelo imediatamente. Sairá logo. É verdade que você já acabou o livro? Se é, mande por avião. É para esse seu velho amigo escrever dizendo o que é o *Angústia,* contando sua vida e seus planos.'

Para um artesão como Graciliano, a exigüidade de prazo se constituía em barreira intransponível. José Olympio teria que esperar seis meses até que o romance lhe pousasse nas mãos."[334]

Angústia

Finalmente publicado, o penúltimo dos três romances de Graciliano Ramos analisados neste capítulo, *Angústia*[335], tem como narrador e protagonista Luís da Silva. Com 35 anos no momento da narrativa, Luís teve uma infância remediada, em um

---

333 Amado, Jorge. *Navegação de Cabotagem.* Rio de Janeiro: Record, 1992, p.323.

334 Moraes, Dênis de. *O velho Graça (uma biografia de Graciliano Ramos)*. *Rio de Janeiro*: José Olympio Editora, 1992, p.99.

335 "Romance de Graciliano Ramos inicialmente publicado no ano em que ficou preso em Maceió. / 1ª Edição**:** 1936 / Última edição brasileira**:** 64ª (2009) / Observações: No ano de sua publicação, Angústia recebeu o Prêmio Lima Barreto, conferido pela Revista Acadêmica. / Editado também no Uruguai**,** desde 1944 / nos Estados Unidos, desde 1946 / na Itália, desde 1954 / em Portugal, desde 1962 / na Alemanha, desde 1978 / na Espanha, desde 1978 / na França, desde 1992 / na Holanda, desde 1995 / no México, desde 2008, pela Páramo Ediciones." *In*: http://www.graciliano.com.br/obras_angustia.html

pequeno município sertanejo: neto de próspero fazendeiro que dissipou a fortuna e filho de pai indolente que agravou ainda mais a decadência econômica da família, passa seus primeiros anos de vida nas ruínas da fazenda da família e, depois da morte do avô, vai viver com o pai, agora proprietário de pequena loja de tecidos, em uma casa de vila. Quando fica órfão aos 14 anos, passa a viver sozinho, ocupando-se como mestre de meninos no interior, servindo ao exército, até chegar a Maceió. Na época em que se desenvolve a narrativa, o narrador é funcionário público da Diretoria de Fazenda e trabalha ocasionalmente vendendo artigos encomendados para a imprensa, fazendo revisão de livros de baixa qualidade e vendendo sonetos a jovens românticos. Ganha ordenado modesto, de 500 mil-réis, e vive em uma casa alugada[336].

Sua situação econômica é discutida em todo o romance e parece determinar suas ações e sua personalidade, aprisionando-o em um mundo de poucas escolhas possíveis[337]. No período inicial do romance, Luís da Silva ainda possui uma certa tranqüilidade neste quesito: se não é abonado, ao menos não passa por privações. Já no final do livro, encontra-se em total decadência e sua derrocada é descrita pormenorizadamente desde o começo de seu namoro com Marina até o assassinato de seu antagonista, Julião Tavares. Graciliano faz com que Luís narre, passo a passo e com riqueza de detalhes, o desmoronar de seu mundo, o esfacelamento de suas condições materiais de sobrevivência, e a perda de seu equilíbrio emocional.

Nas passagens a seguir podemos ver a descrição da situação econômica do narrador no começo do romance, em que sua atividade profissional é de fundo intelectual percebe-se que, mesmo que não se orgulhe disso, o narrador tira parte de seu sustento de atividades literárias, se não como autor autônomo, ao menos como *ghost writer* e revisor:

---

336 Dênis de Moraes resume da seguinte maneira o romance: "Sob o pano de fundo da Maceió da década de 1930, *Angústia* é o terceiro romance narrado na primeira pessoa. Frustrado e solitário, o protagonista Luís da Silva apaixona-se por Marina sua vizinha, moça fútil que sonha em ascender socialmente através do casamento. Luís, funcionário público enredado na falta de perspectivas, pede-a em casamento, mas não realiza o seu desejo, porque Marina se deixa seduzir por Julião Tavares, homem de posses, dinheiro e posição social. O desesperado sentimento da derrota impele Luís da Silva a tramar o assassinato do rival, o que leva a cabo, estrangulando-o." *In*: Moraes, Dênis de. *O velho Graça (uma biografia de Graciliano Ramos)*. *Rio de Janeiro*: José Olympio Editora, 1992, p.65-66.

337 O narrador de *Angústia* lembra-se de que sua família já foi próspera, o que contrasta com sua situação econômica de quando narra o romance. Na época áurea, seus avós paternos possuíam terras e escravos e mereciam respeito e consideração da população do pequeno município rural em que habitavam. É interessante notar como a decadência financeira e social da família é acompanhada pela diminuição no número de sobrenomes de geração para geração: do avô "Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva", passando pelo pai "Camilo Pereira da Silva", até chegar ao narrador, "Luís da Silva". *In:* Ramos, Graciliano. *Angústia.* 13 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1971, p.23 e p.32.

> "Habituei-me a escrever, como já disse. Nunca estudei, sou um ignorante, e julgo que os meus escritos não prestam. Mas adquiri cedo o vício de ler romances e posso, com facilidade, arranjar um artigo, talvez um conto. Compus, no tempo da métrica e da rima, um livro de versos. Eram duzentos sonetos, aproximadamente. (…) Um dia, na pensão de D. Aurora, o meu vizinho Macedo começou a elogiar um desses sonetos (…) oferecendo-me por ele cinqüenta mil-réis. Nem foi preciso copiar; arranquei a folha do livro e recebi o dinheiro, depois de jurar que a coisa estava inédita. (…) Desde então procuro avistar-me com moços ingênuos que compram esses produtos. Antigamente eram estampados em revistas, agora figuram em semanários da roça e vendo-os a dez mil-réis."[338]
>
> (...)
>
> "Trabalho num jornal. À noite dou um salto por lá, escrevo umas linhas. Os chefes políticos do interior brigam demais. Procuram-me, explicam os acontecimentos locais, e faço diatribes medonhas que, assinadas por eles, vão para a matéria paga. Ganho pela redação e ganho uns tanto por cento pela publicação. (…) Além disso recebo de casa editoras de segunda ordem traduções feitas à pressa, livros idiotas, desses que Marina aprecia. Passo uma vista nisso, alinhavo notas ligeiras e vendo os volumes no sebo"[339]

Depois que começa o namoro com Marina, a vida do narrador transforma-se completamente. Se, antes, tinha existência tranqüila e poucos gastos, a partir do noivado, começa um severo processo de endividamento econômico. E essa decadência inicia-se na forma da barganha imposta por Marina: para que houvesse sexo, o casamento impunha-se. No afã de possuir a namorada, Luís faz pedido de casamento, que é prontamente aceito por Marina e sua mãe. Para que o casamento realize-se o mais rápido possível, Marina dá a entender ser imprescindível a compra do enxoval. Para comprar todos os itens considerados imprescindíveis pela noiva, o narrador vai tirando, aos poucos, todo o dinheiro que havia conseguido economizar no banco. Luís vai se deixando levar pelos caprichos de Marina, que gasta o dinheiro do enxoval em roupas e enfeites para ela, que sempre solicita mais dinheiro ao noivo, incapaz de deixar clara para Marina a sua real situação econômica[340].

---

338 Ramos, Graciliano. *Angústia.* 13ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1971, p.57.

339 *Idem, ibdem*, 1971, p.58.

340 "Que remédio! Havia de brigar com ela, dizer-lhe que tivesse juízo, explicar-lhe que sou pobre, não posso comprar camisas de seda, pó-de-arroz caro, seis pares de meias de uma vez? Seis pares de meias, que desperdício! Se ela suasse no meio da máquina ou agüentasse as enxaquecas do chefe na repartição, não faria semelhante loucura. Mas não despropositei como o coração me pedia.

-Está bem. Vamos comprar o resto. Faça economias, ouviu? Os cobres estão escassos.(…)

Depois de que é rompido o noivado, e que o romance de Marina e Julião torna-se público, Luís mergulha fundo na depressão e na desesperança, o que só contribui para agravar seus problemas financeiros. Nesta situação desesperadora, constantemente lembra-se da época em que chegou a Maceió e que viveu na miséria: "(…) *Além disso, precisava beber muito, sentia preguiça, passava horas no café, esbagaçando dinheiro. O ordenado voava. Naquele momento, porém, não pensava em nada disso. Pensava na miséria antiga e tinha a impressão que estava amarrado em cordas, sem poder mexer-me.* (…)"[341]

Mais uma vez o tema do passado marcado pela pobreza aparece na obra de Graciliano Ramos: Luis narra seu sentimento de desajuste em uma sociedade que parece não ter um lugar que lhe seja reservado. Constatando que, mesmo que tenha passado fome e sido um "vagabundo" em seu passado, existe um fosso intransponível entre ele e os freqüentadores do botequim, vagabundos ou trabalhadores. Nesse balanço, aponta que, para além do fato de ter tido uma infância tranqüila economicamente, foram, sobretudo, a educação que recebeu e a literatura que consumiu as responsáveis por cavar esse fosso. Para Luís, além da pobreza que o separa dos trabalhadores braçais, a linguagem se torna fator importante de distanciamento entre ele, que também "já curtiu fome", e as pessoas pobres que o cercam:

> "A história que o homem acaboclado, de peito cabeludo e cicatrizes no rosto, contava ao engraxate devia ser interessante. (…) Eu não compreendia a linguagem do narrador, as particularidades que provocavam admiração perdiam-se. (…) Todas aquelas pessoas entendiam-se perfeitamente. Diferiam muito umas das outras, mas havia qualquer coisa que as aproximava, com certeza os remendos, a roupa suja, a imprevidência, a alegria, qualquer coisa. Eu é que não podia entendê-las. 'Sim senhor. Não senhor.' Entre elas não havia esse *senhor* que nos separava. Eu era um sujeito de fala arrevesada e modos de parafuso."[342]

Ante a dureza cotidiana, Luís tece um mundo de sonhos, em que seria reconhecido como escritor. Nesta fantasia, seria capaz de produzir um romance criticado pela imprensa, traduzido para outras línguas e que lhe traria fama e respeito.

Liquidei a minha conta no banco, estudei cuidadosamente uma vitrina de jóias, escolhi um relógio-pulseira e um anel." *In:* Ramos, Graciliano. *Angústia.* 13 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1971, p.84.

[341] Ramos, Graciliano. *Angústia.* 13ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1971, p.84.

[342] *Idem, ibdem*, pp.126-127.

No entanto, para o narrador de *Angústia*, até mesmo o sonho é perigoso, transformando-se em um jogo que lhe impede de desempenhar a contento suas maçantes obrigações cotidianas:

> "Enquanto estou fumando, nu, as pernas estiradas, dão-se grandes revoluções na minha vida. Faço um livro, livro notável, um romance. Os jornais gritam, uns me atacam, outros me defendem. (…)
>
> Às vezes passo uma semana compondo esse livro que vai ter grande êxito e acaba traduzido em línguas estrangeiras. Mas isso me enerva, ando no mundo da lua. (…) Não consigo voltar a ser o Luís da Silva de todos os dias"[343]

A leitura de *Angústia* parece indicar uma continuidade nas estruturações dos romances de Graciliano analisados até o momento. Se os ambientes em que se movimentam seus personagens e onde são ambientadas as tramas variam bastante - da pequena cidade do interior, passando pela fazenda e daí para a capital -, uma mesma marca parece dominar: a relação opressiva do homem, face à sociedade que o cerca. Essa relação vai se agudizando à medida em que os romances vão se sucedendo. E *Angústia* parece ser o ponto máximo desse estranhamento e dessa opressão que sufoca os personagens de Graciliano.

Mar morto:

Já o romance publicado por Jorge Amado em 1936, *Mar morto*[344], parece representar uma quebra em relação aos romances anteriores. Neste não encontramos um

---

343 Ramos, Graciliano. *Angústia.* 13ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1971, p.143.

344 "Escrito no bairro da Gamboa de Cima, em Salvador, Bahia, em frente ao mar, e concluído no Rio de Janeiro, em junho de 1936, o romance recebeu o Prêmio Graça Aranha, 1936, quando foi publicada sua 1ª edição, pela Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, agosto de 1936, com capa de Santa Rosa, 346 páginas. / A partir de 1941, passou a ser editado pela Livraria Martins Editora, São Paulo, ilustrado, em 1961, com xilogravuras de Osvaldo Goeldi e, em 1970, 23ª edição, com capa de Carybé. Integrou a coleção "Obras Ilustradas de Jorge Amado", da editora, como terceiro tomo, volume V, até a 38ª edição, 1975. A partir daí, a editoração foi assumida pela Editora Record, Rio de Janeiro, até a mais recente, agosto de 1997, 73ª edição, 32ª pela editora, com fixação de texto por Paloma Jorge Amado e Pedro Costa, capa de Pedro Costa com ilustração de Osvaldo Goeldi, sobrecapa com quadro de Di Cavalcanti, ilustrações de Osvaldo Goeldi, vinhetas do mesmo artista por Pedro Costa, retrato do autor por Jordão de Oliveira e fotografia do autor por Zélia Gattai. / Foi publicado em Portugal e traduzido para

protagonista que encontra a redenção final através da militância política. *Mar morto* é considerado por alguns críticos o mais lírico dos romances desta primeira fase da obra de Jorge Amado.

A trama gira em torno da vida no bairro de pescadores da Gamboa de cima, onde a máxima aceita por todos é que, mais cedo ou mais tarde, os pescadores valorosos irão deixar suas mulheres e famílias para acompanhar Iemanjá nas terras de Aiocá. Esse destino não é negado nem se fazem tentativas de subvertê-lo, homens do mar e suas mulheres aceitam e abraçam esse fim como inevitável, de tal forma que morrer no mar passa a ser considerado um prêmio pela bravura e pelo companheirismo demonstrados pelos pescadores, apenas os mais valentes são escolhidos e levados no eterno passeio pela rainha do mar. Depois de *Jubiabá*, é a segunda vez que o candomblé aparecerá de forma central a obra de Jorge Amado.

Vale questionarmos se a diferença temática e a ausência de um herói proletário, ou da referência ao Partido Comunista em *Mar morto* não pode ser explicada pelo fato de ter sido uma obra encomendada pelo editor José Olympio para ajudar Jorge Amado quando saiu da cadeia.

Meninos pelados, *Capitães da areia* e o Estado Novo

No ano de 1937, já fora da cadeia, Graciliano Ramos escreve o livro infantil *A terra dos meninos pelados* para participar de um concurso do Ministério da Educação, e não publica nenhum novo romance. Jorge Amado, em exílio voluntário pela América Latina, escreve e publica *Capitães da areia*[345].

---

o alemão, búlgaro, chinês, espanhol, francês, grego, hebraico, húngaro, inglês, islandês, italiano, polonês, russo, sueco, tcheco e turco. / Rádio: novela *Mar morto*, Rádio Nacional, Rio de Janeiro, 1940 e Rádio São Paulo, São Paulo, 1945; *Mar muerto*, Rádio El Mundo, Buenos Aires, 1941. / Cinema: direitos para adaptação cinematográfica adquiridos por Carlo Ponti, Roma, 1957. / Quadrinhos: *Mar morto*, Editora Brasil-América, coleção "Edição Maravilhosa" nº 186, Rio de Janeiro, s/data. / Música: Dorival Caymmi compôs motivos diversos sobre o tema *Mar morto". In*: http://www.fundacaojorgeAmado.com.br/obras_jorge/mar_morto2.htm#historico

[345] "Escrito na cidade de Estância, Sergipe, em março de 1937, e concluído em junho, a bordo do navio Rakuyo Maru, no Pacífico, às costas da América do Sul, rumo ao México, o romance foi lançado em 1ª edição pela Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, em setembro de 1937, com 344 páginas. / A 2ª edição, 1944, saiu pela Livraria Martins Editora, São Paulo, com ilustrações de Poty e, a partir de

O protagonista de *Capitães de areia* é Pedro Bala, menino abandonado de Salvador que se torna líder de um grupo de meninos de rua que pratica a mendicância e pequenos furtos para sobreviver. Embora seja Pedro Bala o protagonista, outros meninos do grupo também são focalizados pelo narrador onipresente e suas trajetórias servem como exemplos tanto da riqueza que cada uma daquelas vidas relegadas pela sociedade pode representar, quanto da tragédia coletiva que encarnam.

Uma das características principais da obra de Jorge Amado, segundo Duarte, é a "circularidade romanesca", em que personagens e ações se repetem e se cruzam na criação de um universo próprio e crível. Depois de abandonados o estilo, a temática e a abordagem utilizados em *O país do carnaval,* e começado a se dedicar à construção de romances proletários, Jorge Amado começa a se servir deste recurso na construção de um universo próprio. O menino Baldo, que aparecera em *Suor* de forma breve[346], ressurge como herói em *Jubiabá* reaparecendo depois como compositor do ABC de um líder comunista em *Os subterrâneos da liberdade.*

Da primeira fase do romance proletário de Jorge Amado, *Suor*, *Jubiabá* e *Capitães da areia* fariam parte de um mesmo universo, centrado na vida dos trabalhadores e dos marginalizados da capital do estado da Bahia, estabelecendo uma rede de relações e cruzamentos, que pode ser verificada a partir da reaparição de personagens e fatos e que pretende dar conta da denúncia das misérias advindas da exploração capitalista na formação de uma classe trabalhadora urbana em formação e

---

1970, com capa de Carybé e retrato do autor por Carlos Scliar, constituindo o tomo quarto, volume VI, da coleção "Obras Ilustradas de Jorge Amado", até a 38ª edição, 1975. / Da 39ª edição em diante, passou a ser publicado pela Editora Record, Rio de Janeiro. A 98ª, 1999, a edição mais recente, 57ª desta editora, com fixação de texto por Paloma Jorge Amado e Pedro Costa, tem capa de Pedro Costa, sobrecapa com reprodução de quadro de Aldemir Martins, vinhetas das ilustrações de Poty por Pedro Costa, retrato do autor por Jordão de Oliveira, foto do autor por Zélia Gattai. / No exterior, além da edição portuguesa, foram feitas traduções para o alemão, árabe, croata, espanhol, francês, grego, húngaro, inglês, italiano, japonês, libanês, norueguês, russo, tcheco e ucraniano. / Teatro: espetáculo adaptado pelo padre Valter Souza, Salvador, 1958; adaptação de Carlos Wilson, encenada por diversos grupos teatrais no Brasil e no exterior; adaptação de Roberto Bomtempo, pela Companhia Baiana de Patifaria, 2002. / Dança: espetáculo adaptado pelo Grupo Êxtase, Minas Gerais, 1988; por Raymond Foucalt e Plinio Mosca, França, 1988; por Friederich Gerlach, Alemanha, 1971; por Nanci Gomes Alonso, Argentina, 1987. / Cinema: filme *Capitães da areia*, adaptação do cineasta Hall Bartlet, Los Angeles, Estados Unidos, 1971, com algumas cenas exteriores tomadas em Salvador. Exibido nos Estados Unidos e em outros países, continua inédito no Brasil. / Televisão: minissérie, Rede Bandeirantes, direção de Walter Lima Jr., roteiro e adaptação de José Loureiro e Antônio Carlos Fontoura, 1989. / Quadrinhos: adaptado por Ruy Trindade, publicado pela Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 1995. / A Fundação Casa de Jorge Amado comemorou os 50 anos do romance, em 1987, com seminários, lançamentos de livros e exposições em Salvador e Brasília e com uma edição fac-similar da sua 1ª edição com tiragem numerada de 1.000 exemplares, publicada com a colaboração do Governo de Brasília e da Editora Record." *In*: http://www.fundacaojorgeAmado.com.br/obras_jorge/capitaes2.htm#historico

[346] Amado, Jorge. *O País do Carnaval; Cacau; Suor.* São Paulo: Martins, 1957, pp. 263-264.

dos totalmente espoliados que viviam nas franjas do mundo produtivo. Nesta circularidade, segundo Duarte,

> "*Capitães da areia*, com efeito, 'nasce' de *Jubiabá*, organiza-se enquanto retomada e ampliação do terceiro momento da trajetória de Balduíno. Temos o mesmo modelo de herói em evolução da malandragem à militância, sendo Pedro Bala também órfão e chefe de um bando de moleques. Após inúmeras peripécias, encontra nas lutas sociais e trabalhistas, o caminho para desaguar de modo mais coerente a revolta contra o sistema que o marginaliza."[347]

Para os meninos de rua, liderados por Pedro Bala, que povoam *Capitães da areia*, a violência aparece como marca cotidiana de sobrevivência, logo transbordando para outras ações cotidianas e outras formas de relacionar-se com o meio, assumindo, por vezes, o aspecto de ações gratuitas. No entanto, essa gratuidade aparece no livro como resultado maior da violência do regime, que permite que crianças tenham que, sozinhas, descobrir formas de sobrevivência. Pedro Bala, representando a todos neste momento, racionaliza o sentimento de abandono que permeia a vida do grupo: "*tinha vontade de se jogar no mar para lavar toda aquela inquietação, a vontade de se vingar dos homens que tinham matado seu pai, o ódio que sentia contra a cidade rica que se estendia do outro lado do mar,* (...) *o desespero de criança abandonada e perseguida*"[348].

Ainda em 1937, a 19 de novembro, acontece a queima, em praça pública, na cidade de Salvador, de aproximadamente mil exemplares de *Capitães de Areia,* cuja primeira edição havia sido apreendida. Jorge Amado, que retornara ao Brasil depois de viagem pela América Latina e pelos Estados Unidos, é novamente preso, só sendo libertado em 1938.

---

347 Amado, Jorge. *Capitães da Areia.* Rio de Janeiro: 1991.

348 Amado, Jorge. *Capitães da Areia.* Rio de Janeiro: 1991.

Vidas secas

No ano de 1938, nossos dois escritores estão habitando no sudeste. Graciliano, não retorna a Maceió depois da prisão, permanecendo no Rio de Janeiro, e Jorge Amado, depois de libertado, muda-se do Rio para São Paulo.

Graciliano publica, nesse ano, *Vidas secas*, que viria a ser sua obra com maior número de reedições. Partes deste livro já haviam sido publicadas antes, como contos em publicações periódicas.

Se nas obras anteriores, voltadas para público adulto, têm destaque representações de estranhamento e de opressão que sufocam os personagens, levando-nos a identificar, na análise de *Angústia* um ponto máximo desse percurso ficcional que dá centralidade a protagonistas marcados por vivências psicológicas de teor depressivo, já em *Vidas secas*, a opressão da seca e do meio não seriam suficientes para lançar o enredo em uma perspectiva de desesperança no futuro, projetado para os filhos, e fincado no espaço de uma geografia política afastada das secas e das relações de exploração a elas correspondente.

No primeiro capítulo da narrativa, "Mudança", encontra-se em marcha a família formada por Fabiano, Sinha Vitória, o menino mais velho, o menino mais novo, em companhia da cachorra Baleia, apresentados, inicialmente, antes que o leitor saiba seus nomes, como "os infelizes", "cansados e famintos". Já em capítulos seguintes vão sendo apresentados de forma individualizada os diversos componentes do grupo.

A seqüência formada pelos capítulos dois e três põe em destaque Fabiano, inicialmente em suas relações no mundo do trabalho rural, lidando com bichos, como vaqueiro, e submetido ao mando do patrão, que "berrava sem precisão", para "mostrar autoridade, gritar que era dono". Em seguida, o personagem aparece em seus encontros com habitantes da cidade, que encontra quando vai à feira: o bodegueiro Seu Inácio, que misturava água na cachaça e no querosene que vendia, e um soldado amarelo que o 'convida' ao jogo de trinta-e-um e que quer ser obedecido como homem do governo, pela força persuasória de ser autoridade fardada e pelo poder policial discricionário que exerce. Nesses encontros, não é a árdua caminhada do capítulo inicial, marcada pelos rigores do clima e do solo, que se oferece como obstáculo a Fabiano.

No discurso do narrador, que assume o ponto de vista do personagem, evidenciam-se as relações e lógicas que caracterizam um processo de alienação que já vinha sendo marcado no discurso do segundo capítulo, e que corresponde, no terceiro, a uma revolta que não encontra palavras para se explicitar.[349]

Em "Contas", assim como em capítulos que repassam marcas de memória recorrentes, evidencia-se a lógica da reprodução do capital e dos juros, por parte do proprietário da terra e do gado, e seu caráter perverso que corresponde ao progressivo endividamento do trabalhador que não consegue saldar suas despesas de subsistência, necessárias para garantir sua força de trabalho. No capítulo "Festa", que antecede "Contas", encontram-se anotações sobre a temática.

> "Comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior. Por isso desconfiava que os outros mangavam dele. Fazia-se carrancudo e evitava conversas. Só lhe falavam com o fim de tirar-lhe qualquer coisa. Os negociantes furtavam na medida, no preço e na conta. O patrão realizava com pena e tinta cálculos incompreensíveis. Da última vez que se tinham encontrado houvera uma confusão de números, e Fabiano, com os miolos ardendo, deixara indignado o escritório do branco, certo de que fora enganado. Todos lhe davam prejuízo. Os caixeiros, os comerciantes e o proprietário tiravam-lhe o couro, e os que não tinham negócio com ele riam vendo-o passar nas ruas, tropeçando. Por isso Fabiano se desviava daqueles viventes. Sabia que a roupa nova cortada e cosida por sinha Terta, o colarinho, a gravata, as botinas e o chapéu de baeta o tornavam ridículo, mas não queria pensar nisto."[350]

Fabiano, embora incapaz de operar cálculos sobre o que lhe é cobrado, emite sua avaliação das contas apresentadas pelo patrão, comparando-as com as de Sinha Vitória,

---

[349] Como pode ser observado no fragmento a seguir: "(...) Chegara naquele estado, com a família morrendo de fome, comendo raízes. Caíra no fim do pátio, debaixo de um juazeiro, depois tomara conta da casa deserta. Ele, a mulher e os filhos tinham-se acostumado à camarinha escura, pareciam ratos – e a lembrança dos sofrimentos passados esmorecera.

Pisou com firmeza no chão gretado, puxou a faca de ponta, esgaravatou as unhas sujas. Tirou do aio um pedaço de fumo, picou-o, fez um cigarro com palha de milho, acendeu-o ao binga, pôs-se a fumar regalado.

- Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era um homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. (...)

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

Você é um bicho, Fabiano.

Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades." *In:* Ramos, Graciliano. *Vidas secas.* 69ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1995, p. 18.

[350] Ramos, Graciliano. *Vidas secas.* 69ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1995, p.76.

que seriam mais confiáveis e que lhe dão indícios de que está sendo constantemente lesado. Nos dois capítulos finais o motivo recorrente aparece:

> "Como andariam as contas com o patrão? Estava ali o que ele não conseguiria nunca decifrar. Aquele negócio de juros engolia tudo, e afinal o branco ainda achava que fazia favor.
>
> Mas quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinhento que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se ao mundo, como negro fugido"[351]

O final do texto de *Vidas secas*, no capítulo "Fuga" - cujo título marca uma intensificação face ao capítulo inicial ("Mudança"), mas reitera a ação de deslocamento que marca o início da ação narrativa da obra -, aponta, por meio do discurso indireto livre, projeções de desejos que movem os retirantes Fabiano, Sinha Vitória, acompanhados pelos dois meninos – o mais velho e o mais novo. Os anseios e esperanças acalentados durante a migração em direção ao sul e às grandes cidades se fazem em contraponto com as dúvidas e desconfianças sobre os cálculos do patrão e as incertezas sobre a justiça exercida em nome do governo pelo soldado amarelo.

Os pensamentos de Fabiano, suas representações sociais, suas expectativas de superação das dificuldades vividas não desenham um perfil de personagens em total estado de conformidade e aceitação da ordem do trabalho no campo. Se não indicam que um pensamento tradicional transformou-se em consciência de classe capaz de levar à luta pela transformação da sociedade através de uma ação política organizada, estão aí para serem lidos como gritos de revolta que contam como elementos embrionários de uma construção possível de novas relações a serem vividas no contexto da cidade[352].

---

351 Ramos, Graciliano, *Vidas secas.* Rio de Janeiro: Record, 1995, p.116.

352 "Saíram de madrugada. (...)
Desceram a ladeira, atravessaram o rio seco, tomaram o rumo do sul." , p.116
Não poderiam voltar a ser o que já tinham sido? (...)
Sinha Vitória insistiu. Não seria bom tornarem a viver como tinham vivido, muito longe? Fabiano agitava a cabeça, vacilando. Talvez fosse, talvez não fosse. Cochicharam uma conversa longa e entrecortada, cheia de mal-entendidos e repetições. Viver como tinham vivido, numa casinha protegida pela bolandeira de seu Tomás. Discutiram e acabaram reconhecendo que aquilo não valeria a pena, porque estariam sempre assustados, pensando na seca. Aproximavam-se agora dos lugares habitados, haveriam de achar morada. Não andariam sempre à toa, como ciganos. O vaqueiro ensombrava-se com a idéia de que se dirigia a terras onde talvez não houvesse gado para tratar. Sinha Vitória tentou sossegá-lo

Mesmo sem por em cena transformações associadas à combatividade de trabalhadores organizados politicamente no campo ou na cidade, Graciliano, na obra, parece querer contribuir para que seu leitor se dê conta de questões históricas centrais, como as estruturas de poder fincadas no latifúndio. A narrativa desloca o olhar para o grupo familiar de retirantes, recusando o endosso de um ponto de vista comprometido com os grupos hegemônicos no poder.

Nesse sentido, cabe dizer que a obra pode permitir a leitores a produção de sentidos que assumam a denúncia da exploração do trabalho e abram espaço para a indignação / contestação diante da lógica denunciada, desafiando o receptor ao questionamento dos processos históricos associados, no Brasil, ao modelo presente de exploração agrária do solo no sertão nordestino.

Estado Novo

A circulação dos nomes e textos de Jorge Amado e Graciliano Ramos por publicações periódicas, sobretudo às vinculadas ao pensamento de esquerda, se mantém no ano de 1938.

Na edição de número 10 do *Boletim de Ariel*, referente aos meses de janeiro a julho do ano de 1938, em "Elogio do que sabe ser amigo", Jorge Amado pretextando

---

dizendo que ele poderia entregar-se a outras ocupações, e Fabiano estremeceu, voltou-se, estirou os olhos em direção à fazenda abandonada. Recordou-se dos animais feridos e logo afastou a lembrança. Que fazia ali virado para trás?" *In:* Ramos, Graciliano, *Vidas secas.* Rio de Janeiro: Record, 1995, p.119-120.

e

"Pouco a pouco uma vida nova, ainda confusa, se foi esboçando. Acomodar-se-iam num sítio pequeno, o que parecia difícil a Fabiano, criado solto no mato. Cultivariam um pedaço de terra. Mudar-se-iam depois para uma cidade, e os meninos freqüentariam escolas, seriam diferentes deles. (...)

(...) Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. Repetia docilmente as palavras de sinhá Vitória, as palavras que sinhá Vitória murmurava porque tinha confiança nele. E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos, acabando-se como cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia. Que iriam fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinhá Vitória e os dois meninos." *In:* Ramos, Graciliano, *Vidas secas.* Rio de Janeiro: Record, 1995, p.125-126.

dar a conhecer ao público algo sobre o poeta e panfletário Pinheiro Viegas, que morreu na Bahia no ano de 1937, na realidade escreve um elogio ao redator-chefe da revista.

Jorge Amado atribui a Grieco o fato de nomes como os de Lima Barreto, Raul Leoni e Castro Alves, não terem caído no ostracismo. Segundo Amado, o redator-chefe de *Boletim de Ariel* seria, através de uma profunda lealdade a aqueles que ficaram para trás, responsável por trazer às novas gerações a produção de grandes escritores brasileiros: *"Fala-se muito no Grieco cronista brilhante, no fabuloso estilista, no terrível crítico, no conferencista, no ensaísta. Mas pouca gente faz justiça de dizer que se deve a Agripino Grieco não estar totalmente esquecido o nome de Lima Barreto."*[353] Amado destaca que "*Pinheiro Viegas dizia sempre que o homem deve 'saber ser amigo e saber ser inimigo*". Parece-nos que Jorge Amado tomou essa máxima como via mestra, ao menos para suas relações com o conselho editorial de *Boletim de Ariel...*

É importante notar a popularidade dos homens de letras durante o período estudado e a importância das revistas literárias. Em um período de censura e de perseguição declarada a opositores do regime, garantir os canais de publicação tornam-se estratégia necessária. Os anos finais de nosso período são de escassez de publicações, resultado provável de uma política endurecida que tratava os opositores da forma que nossos artistas conheceram de perto, com a prisão.

No primeiro número da *Revista literária,* publicado em janeiro de 1939, seu corpo editorial, formado por Afranio Peixoto, Celso Vieira, Eloy Pontes, Leão de Vasconcelos e Roquete Pinto, já anunciava em seu texto de apresentação: "*uma temeridade: mais uma revista... tem sido tantas, que não será originalidade; também a experiência dos outros não vale, essa é a nossa.*"[354]

É interessante notar que nesta publicação, que conta com o prestigio de Afranio Peixoto e Roquette-Pinto, escritores e críticos já consagrados, membros da Academia Brasileira de Letras, aparecem escritos de pessoas que publicaram também em revistas mais a esquerda, como, por exemplo, Agripino Grieco, redator-chefe de *Boletim de Ariel*.

---

[353] *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro: Ano VII – julho de 1938 – n°10, p.293.
[354] *Vida Literária* Rio de Janeiro, janeiro de 1939 (ano I – n° 1), p. 1.

A diferença editorial entre as duas revistas é flagrante. Enquanto *Boletim de Ariel* tem uma linha editorial posicionada à esquerda, a *Revista Literária* possui uma linha claramente conservadora, e um exemplo disto é a presença, logo em sua primeira edição, de longo texto elogioso sobre Getulio Vargas, redigido por Eloy Pontes.

Segundo história contada por Jorge Amado em *Navegação de cabotagem*, uma outra revista da época, *Revista acadêmica* promoveu, no ano de 1939, um concurso para a eleição dos 10 melhores romances brasileiros. Para o júri, do qual faziam parte Graciliano Ramos e Jorge Amado, convocou romancistas da época, que elaboraram, cada um, sua própria lista dos 10 mais. Essas listas foram sento publicadas, pouco a pouco, até que no final foi realizada uma contabilidade que chegou à seguinte relação:

> "A apuração final considerou os dez autores mais votados e de cada um deles o livro com maior número de sufrágios, se tivesse considerado os dez livros teriam entrado na relação dois romances de Machado, *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Se não me falha a memória os dez mais foram — não estão em ordem de votação, já não a relembro: *Dom Casmurro*, *Iracema*, de Alencar, *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, *O Cortiço*, de Aluísio, *Os Corumbas*, de Amando Fontes, *Angústia*, de Graciliano, *Bangüê*, de Zé Lins, *Caminhos Cruzados*, de Érico, *Macunaíma*, de Mário de Andrade, *Jubiabá*, de minha autoria — vale lembrar que o concurso aconteceu em 1939"[355].

Desta reminiscência de Amado em sua obra confessional, à parte da constatação de que, ao menos para uma parcela da intelectualidade da época, aquela que freqüentava a *Revista acadêmica*, os dois foram lembrados como fazendo parte da lista dos romancistas mais relevantes das letras nacionais, está o relato de uma conversa travada com Graciliano, à época do concurso:

> "Graciliano deixou para votar na última apuração, mostrou-me sua escolha, dois fatos chamaram-me a atenção. O velho — não completara ainda cinqüenta anos, porque o tratávamos de velho! — votava apenas em nove títulos, deixava um lugar vago, não lhe perguntei a razão, desconfiei que, por modéstia, falsa modéstia, não colocava na relação romance seu. Perguntei-lhe porém porque não votara em *Os Corumbas*: romance de Amando Fontes, considerado na época o máximo, recolhia quase unanimidade dos sufrágios. Graça bebeu um gole de café, puxou a fumaça do cigarro Selma, estávamos no café Mourisco, esquina da rua do Rosário com a avenida Rio Branco:

---

355 Amado, Jorge. *Navegação de Cabotagem.* Rio de Janeiro: Record, 1992, pp.25-26.

— Esse filho da puta não votou em mim.—Passou a outro assunto, a seu ver de maior valia:—Tu pensas que daqui a vinte anos ainda haverá quem nos leia?

O concurso foi acompanhado com interesse pelos escritores, agitou os meios literários, provocou debates na Livraria José Olympio, no consultório de Jorge de Lima, na redação de Dom Casmurro, mas ninguém contestou o resultado."[356]

Ainda segundo relato de *Navegação de cabotagem,* o Estado Novo e a perseguição que promoveu a seus oposicionistas tornou a vida de Jorge Amado bastante complicada economicamente. Em 1939 o autor teve que se desdobrar entre diversas atividades para ganhar dinheiro.

De heróis e fracassados

Antes de destacarmos alguns pontos interessantes para a discussão de temáticas aglutinadoras que nos permitem pensar comparativamente as obras analisadas neste capítulo, gostaríamos de tecer alguns comentários sobre a ordenação formal dos livros e algumas outras considerações de caráter geral. O primeiro comentário diz respeito à utilização de dedicatórias. Enquanto todas as obras de Jorge Amado são dedicadas a várias pessoas, da obra de Graciliano Ramos apenas a primeira, *Caetés*, tem dedicatória. Como vimos, o autor dedicou a obra aos três principais responsáveis por sua publicação: *"A Alberto Passos Guimarães, Jorge Amado e Santa Rosa"*. Já as dedicatórias Jorge Amado, colocam em relevo personalidades que fazem parte do ciclo direto de amizades do autor, da cena intelectual baiana e brasileira, escritores, artistas plásticos, e, pouco a pouco, começam a homenagear comunistas notórios.[357]

---

356 Amado, Jorge. *Navegação de Cabotagem.* Rio de Janeiro: Record, 1992, pp.346-347.

357 Segue o elenco das dedicatórias de Amado: *O país do Carnaval:* "a meu pai e à memória de João Evangelista de Oliveira"; *Cacau:* "para: Maria Nícia de Mendonça, Maria Teresa Monteiro, Alves Ribeiro, de Costa Andrade, João Cordeiro e Raul Bopp"; *Suor*[357] : "A: Alberto Passos Guimarães, Carlos Echenic Júnior, Clóvis Amorim, Dias da Costa, Édison Carneiro e Santa Rosa."; *Jubiabá* : "A Matilde, lembrança da viagem para recolher material.", "Para Ann Martim, Sosígenes Costa; Oswald de Andrade; José de Queirós Lima, Ferreira de Castro, **Graciliano Ramos** e o preto velho Valentim."; *Mar Morto*: "Para Raquel de Queiroz, Érico Veríssimo e Avaro Moreyra", "a Matilde, este romance da Gamboa de Cima"; *Capitães da areia*: "Matilde: Jogávamos jogos de prendas./Andávamos de carro-de-boi./Morávamos em casa mal-assombrada./Conversávamos com moças e mágicos./Achávamos a Bahia

O segundo ponto a ser observado é a aparição ou a ausência de epígrafes nos livros pesquisados neste capítulo. Enquanto Ramos não se utiliza de epígrafes, Amado faz delas farto uso. Nas citações, que aparecem como abertura de alguns dos romances de Jorge Amado, figuram trechos que variam de poema de Camões a quadrinhas do romanceiro popular[358]. O terceiro ponto que merece destaque antes de passarmos para a análise dos eixos temáticos propostos para a ordenação deste capítulo, é que os dois primeiros livros de Amado, *País do carnaval* e *Cacau*, vem acompanhados de um texto introdutório do autor – que serve como instrumento para evidenciar ou explicar quais foram as sua motivações e intenções ao escrever os livros (intitulados "explicação" no primeiro e "nota" no segundo). A mesma introdução não aparece em seu terceiro romance, *Suor*, e permanece ausente em *Mar morto* e *Capitães da areia* (este último trazendo, à guisa de apresentação, a sessão "cartas à redação", em que aparecem pretensas reportagens sobre meninos de rua de Salvador).

O terceiro ponto que merece destaque é o ato de os dois primeiros livros de Jorge Amado – *País do carnaval* e *Cacau* – virem acompanhados por um texto introdutório do autor, que serve como instrumento para evidenciar ou explicar quais foram as suas motivações e intenções ao escrever os livros[359]. A mesma introdução não aparece em seu terceiro romance, *Suor*, e permanece ausente em *Mar morto* e *Capitães da areia*[360].

Em sua estréia como romancista, o jovem escritor faz questão de fornecer algumas explicações prévias ao leitor, declarando:

> "Este livro narra a vida de homens céticos que, entretanto, procuram uma finalidade. Tentam alcançá-la. Uns no amor, outros na religião. O fracasso das tentativas não é prova da sua utilidade.(…)
>
> No Norte, terra da promissão, há uma grande confusão de raças e de sentimentos. É a formação do povo. E dessa confusão está saindo uma raça doente e indolente. Todo dia a natureza surra, com o chicote do sol, o nortista tragicamente vencido.

---

imensa e misteriosa./A poesia deste livro vem de ti.", "Para Aydano do Couto Ferraz, José Olympio, José Américo de Almeida, João Nascimento Filho e para Anísio Teixeira, amigo das crianças."

358 "Eu vou contar uma história, / uma história de espantar." (Terras do sem fim); "Terra de muita grandeza / de muita miséria também…" (São Jorge de Ilheus).

359 Intitulados "explicação" no primeiro e "nota" no segundo.

360 Este último, apresentando, à guisa de apresentação, a sessão "cartas à redação", em que aparecem pretensas reportagens sobre meninos de rua de Salvador.

> Este livro é como o Brasil de hoje. Sem um princípio filosófico, sem se bater por um partido. Nem comunista, nem espiritualista. Dirão talvez que assim fiz para agradar toda crítica, por mais diverso que fosse o seu modo de pensar. Mas afirmo que tal não se deu. Não me preocupa o que diga do meu livro a crítica. Este romance relata apenas a vida de homens que seguiram os mais diversos caminhos em busca do *sentido* da existência. Não possa bater-me por uma causa. Eu ainda sou um que procura… (…)
>
> Os defeitos deste livro são a minha maior honra.
>
> JORGE AMADO / Dezembro de 1930"[361]

Por esta explicação inicial, vemos que Jorge Amado afirma, categoricamente, que o livro não é comunista. Compreensível, sendo este o primeiro romance do autor, anterior a sua filiação oficial ao Partido Comunista. No entanto, já na apresentação, fica claro como o assunto não lhe é indiferente, e que não deixa e ser uma de suas referências no sentido de explicação da realidade. O protagonista, todavia, não encontra no comunismo a solução para o vazio de sua vida, continuando como firme representante de uma juventude perdida na busca inútil por uma "verdade" que jamais conseguirá alcançar.

Já na nota de abertura de *Cacau* percebe-se uma clara diferença orientadora na escrita do romancista. O romance que marca sua migração para a escrita de um romance proletário aparece claramente apresentado ao leitor como uma tentativa de Amado de se aproximar desta forma de escrita:

> "Tentei colocar neste livro, com um mínimo de literatura para um máximo de honestidade, a vida dos trabalhadores das fazendas de cacau do sul da Bahia.
>
> Será um romance proletário?
>
> J.A. / Rio, 1933"[362]

Declaradamente um romance feito a partir da leitura marxista, *Cacau*, desde a nota de abertura, mesmo que mascarada em forma interrogativa, já se anuncia como uma obra que pretende tratar da classe trabalhadora. E, quem sabe, inspirá-la?

---

361 Amado, Jorge. *O País do Carnaval; Cacau; Suor.* São Paulo: Martins, 1957, pp.17-18.

362 *Idem, ibdem*, p.145.

É interessante notar que, se tomarmos as trajetórias dos protagonistas de Amado, dos romances analisados neste capítulo, Paulo Rigger, Sergipano, Antonio Beduíno, Guma e Pedro Bala, podemos traçar um mesmo roteiro para a descrição das vidas de quase todos deles[363]. Esse roteiro passa por alguns acontecimentos e marcos básicos como a infância pobre, períodos de privações, tentativas de superação de uma realidade dura e miserável de forma individual, fracasso, e, finalmente, a percepção de que apenas a via coletiva de organização da classe trabalhadora pode oferecer a libertação, terminando o protagonista como grande líder proletário. Lendo este roteiro, poderíamos facilmente utilizá-lo para a descrição dos protagonistas dos seguintes romances de Jorge Amado: *Cacau*, *Jubiabá* e *Capitães da areia.* E Percebemos que, pelo menos, um dos elementos característicos do que mais tarde viria a ser o realismo socialista já estava presente nas obras de Jorge Amado, desde seu segundo romance: a construção do grande herói comunista. Já os protagonistas dos romances de Graciliano Ramos estão longe de serem heróicos, no sentido mais usual do termo. Suas trajetórias estão muito mais próximas do fracasso existencial que da redenção da revolução social – seria mais fácil associá-los, isso sim, ao modelo do "herói problemático", típico dos grandes romances realistas do século XIX.[364]

Sobre a questão da desigualdade social, fica patente a diferença dos caminhos escolhidos por cada um dos dois autores. Enquanto Graciliano opta por evidenciá-la a partir da percepção em primeira pessoa do narrador, que tece comentários sobre essas diferenças, mas sempre empregando seus juízos de valor, Jorge Amado recorre a um narrador externo que apresenta as situações de forma pretensamente imparcial (mas que nem por isso se furta de emitir juízos e opiniões).

Grande parte dos conflitos que se processam nas obras produzidas, ao longo da década de 1930, por Graciliano Ramos, se desenvolve a partir da questão da desigualdade e da injustiça social. A partir desta questão, o autor posiciona suas personagens. Um bom exemplo da centralidade deste tema em sua obra é o seguinte trecho extraído de *São Bernardo*, em que aparecem as opiniões conflitantes de Paulo Honório, o narrador da trama, e de Madalena, sua esposa:

---

363 À exceção de Paulo Rigger, de *O país do carnaval,* obra de estréia em que jorge Amado ainda não começara a utilizar as marcas de um romance proletário, e Guma, de *Mar morto*, considerado como um romance atípico desta primeira fase da obra do autor.

364 Coutinho, Carlos Nelson. *Literatura e humanismo.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967, p. 152 e ss.

"- Por que não? Se Seu Ribeiro tiver de aposentar-se... Quanto ganha o senhor, Seu Ribeiro?

O guarda-livros afagou as suíças brancas:

- Duzentos mil-réis.

Madalena desanimou.

- É pouco.

- Como? Bradei estremecendo.

- É muito pouco.

- Que maluqueira! Quando ele estava com o Brito, ganhava cento e cinqüenta a seco. Hoje tem duzentos, casa, mesa e roupa lavada.

- É exato, confessou Seu Ribeiro. Não me falta nada, o que recebo chega.

- Se o senhor tivesse dez filhos não chegava, disse Madalena.

- Naturalmente, concordou D. Glória.

- Ora gaiatas! Berrei. Até a senhora? Meta-se com os romances.

Madalena empalideceu:

- Não é preciso zangar-se. Todos nós temos as nossas opiniões.

- Sem dúvida. Mas é tolice uma pessoa ter opinião sobre um assunto que desconhece. Cada macaco no seu galho. Que diabo! Eu nunca andei discutindo gramática. Mas as coisas da minha fazenda julgo que devo saber. E era bom que não me viessem dar lições. Vocês me fazem perder a paciência.

Joguei o guardanapo sobre os pratos, antes da sobremesa, e levantei-me. Um bate-boca oito dias depois do casamento! Mau sinal. Mas atirei a responsabilidade para D. Glória, que só tinha dito uma palavra"[365]

O trecho acima demonstra percepções conflitivas entre o narrador, proprietário de terras, e sua esposa, professora primária, sobre a questão do salário de um dos empregados da fazenda. É apenas a primeira dentre muitas discussões do casal em torno da questão da diferença econômica e da desigualdade social. Depois do casamento, Madalena começa a apresentar facetas que até então não haviam sido vislumbradas pelo narrador, que começa a perceber que a maneira da esposa encarar os trabalhadores não coincide com a sua.

---

[365] Ramos, Graciliano. *São Bernardo*. 23ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974, pp114-115.

A relação do casal e suas opiniões divergentes são a mola para a discussão das opções que as pessoas têm que fazer para lidar com a evidência da desigualdade social. O casamento dos dois é cercado de tensão, o que é natural para um, é impensável para o outro, embora os dois tenham tido o passado marcado pela pobreza. Ambos poderiam ser tomados socialmente como casos emblemáticos de sucesso, uma vez que Paulo Honório conseguiu fazer-se fazendeiro e Madalena professora. No entanto, enquanto o narrador reproduz, em seu novo papel social, o tratamento que recebeu dos ricos, Madalena tenta, na medida do possível, minorar as desigualdades.

O desentendimento mútuo é resultado direto de como os dois reagem ao passado de pobreza, cada qual optando por um caminho oposto. O primeiro pela via individual e a segunda, mesmo que de forma assistencialista, pela coletiva. Trata-se, como lembrou Carlos Nelson Coutinho, de uma combinação de dois conflitos, expressa nesses personagens, "*o conflito entre Paulo Honório e Madalena e o conflito entre as forças da reação e do progresso tal como se apresentavam na realidade*".[366]

Já em Jorge Amado, as questões relacionadas à desigualdade social assumem um caráter mais emblemático, ultrapassando os limites do plano individual para ganharem um espectro mais amplo. A título de exemplo, nos serviremos de algumas passagens de *Suor* que descreve a desigualdade flagrante que existe entre o proprietário da fazenda Fraternidade, Manoel Misael de Sousa Teles – o Mané Frajelo, e seus empregados:

> "Ficaram olhando. Como era grande a casa do coronel... e morava tão pouca gente ali. O coronel, a mulher, a filha e o filho, estudante, que nas férias aparecia, elegante, estúpido, tratando os trabalhadores como escravos. E olharam as suas casas, as casas onde dormiam. Estendiam-se pela estrada. Umas vinte casas de barro, cobertas de palha, alagadas pela chuva.
>
> - Que diferença...
>
> - A sorte é Deus quem dá.
>
> - Qual Deus... Deus também é pelos ricos...
>
> - Isso é mesmo."[367]

---

366 Coutinho, Carlos Nelson. *Literatura e humanismo.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967, p. 160.

367 Amado, Jorge. *O País do Carnaval; Cacau; Suor.* São Paulo: Martins, 1957, p.148.

A aparição de termos como "comunista", "socialista", "materialista, "revolução", e de personagens que estejam, de alguma forma, relacionados a uma perspectiva marxista também é desigual nas narrativas estudadas. Um bom exemplo do tipo de caracterização engendrada por Graciliano pode ser retirado de *Angústia.* Moisés, personagem apresentado como socialista pelo narrador não aparece de forma idealizada:

> "É um dedo inteligente o do Moisés. O resto do corpo tem pouca importância: os ombros estreitos, a corcunda, os dentes que se mostram num sorriso parado. O que a gente nota é o dedo. O dedo e a voz silabada, descontente, sempre a anunciar desgraças. Moisés é uma coruja. Acha que tudo vai acabar, tudo a começar pelo tio que esfola os fregueses. E eu acredito em Moisés, que não escora suas opiniões com a palavra do Senhor, como os antigos: cita livros, argumenta, prega a revolução, baixinho, e tem os bolsos cheios de folhetos incendiários.
>
> De repente cala-se: foi o doutor Chefe de Polícia que apareceu e começou a cochichar com os políticos. O dedo de Moisés some-se entre as folhas do jornal. O revolucionário esconde-se por detrás do sorriso inexpressivo. Covardia. Mas afasto este pensamento severo. Moisés não tem jeito de herói: é apenas um sujeito bom e inteligente"[368]

Nesta passagem, em que aparecem as primeiras referências ao personagem como revolucionário, Moisés, além de ser apresentado como um indivíduo de leituras perigosas e carregado de panfletos comprometedores, cuja retórica incendiária esmorece nas proximidades da autoridade policial. No entanto, vale ressaltar, o personagem é tratado de forma carinhosa pelo narrador, que identifica nele alguém generoso e solidário.

Moisés e o narrador são apresentados como amigos com concepções distintas de mundo, o que não impede, entretanto, que o respeito mútuo e o gosto pela discussão de idéias sejam práticas comuns a eles:

> "Soltei a pena, Moisés dobrou o jornal, Pimentel roeu as unhas. E assim ficamos seis meses, roendo as unhas, o jornal dobrado, a pena suspensa, ouvindo opiniões muito diferentes das nossas. As de Moisés são francamente revolucionárias; as minhas são fragmentadas, instáveis e numerosas; Pimentel às vezes está comigo, outras vezes inclina-se para Moisés"[369].

---

368 *Ramos, Graciliano*. *Angústia.* 13 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1971, p.37.

369 *Ramos, Graciliano*. *Angústia.* 13 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1971, p.37

Mais adiante, em passagem que ilustra os acontecimentos políticos que levaram ao golpe de Getúlio Vargas, mais uma vez o comunismo de Padilha vem à baila: "(…) *Muitos crimes depois da revolução de 30. Valeria a pena escrever isto? Impossível, porque eu trabalhava para um jornal do governo. Moisés se tinha ausentado: a polícia incomodava os rapazes que liam livros suspeitos e falavam baixo.*"[370] Essas idéias revolucionárias de Moisés são utilizadas por Graciliano para trazer para dentro da trama a conjuntura de perseguição política que se tornou prática comum do governo Vargas: e, mais adiante, o personagem de Moisés será responsável por trazer para dentro do romance a discussão sobre arte engajada: "(…) *Moisés atacaria os livros feitos com frases bem arrumadas. A arte deveria estar ao alcance de todos, a serviço da política*"[371] Promovendo uma defesa da literatura como instrumento de luta e não como exercício elitista de escrita rebuscada e vazia de significação social.

A despeito do flagrante carinho com que trata o personagem, Moisés não é apresentado como o personagem que apresentaria o caminho para a solução definitiva para a desigualdade opressiva, responsável pela angústia do personagem principal. O personagem é, inclusive, apresentado como possuidor de algumas características pouco lisonjeiras, para além do seu medo da autoridade, já aludido: *"Sim, percebo, embora êle tenha sintaxe medonha e pronúncia incrível. Faz rodeios fatigantes, deturpa o sentido das palavras e usa esdrúxulas de maneira insensata. Escuto-o*(…)"[372].

Este tipo de comportamento ou de característica não aparece em nenhum dos personagens de Jorge Amado identificados com uma postura revolucionária. Para o autor, os personagens comunistas são sempre apresentados de maneira positivada, sem exceções. Um dos possíveis exemplos é o caso de Sergipano, o herói de *Cacau.* Neste livro, o autor tenta demonstrar que seu protagonista já era um verdadeiro comunista mesmo antes de ter sido apresentado à teoria marxista. Mesmo sem conhecer os termos e conceitos desta, Sergipano manifesta, reiteradamente, consciência de classe, revolta contra a exploração burguesa e a constante tentativa de construir saídas coletivas para a situação da classe trabalhadora.

---

370 Ramos, Graciliano. *Angústia.* 13ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1971, p.107

371 *Idem, ibdem*, p.109.

372 *Idem, ibdem*, p.37.

No diálogo travado com Maria, a filha do coronel, fica clara essa perspectiva almejada pelo autor:

> "- Você não é igual a eles... como veio parar aqui?
>
> - Nós somos todos iguais. Somos todos explorados...
>
> Eu contei-lhe a minha história, que ela ouviu silenciosa.
>
> Concluí:
>
> - Como vê, senhorita, sou igual a todos eles. Nós somos uma laia à parte. Eu vim de gente boa. Hoje, porém, sou inteiramente deles e estou contente com isso.
>
> - Com passar mal?
>
> - Não vale a pena ser rico. E quem sabe um dia isso mudará...
>
> - Você é socialista?
>
> - Não conheço essa palavra.
>
> Não conhecia, de fato. Maria não explicou. Talvez ela não soubesse o que significava perfeitamente.
>
> - Você não pensa como o Algemiro em enriquecer?
>
> - Não.
>
> - Por quê?
>
> - Não sei explorar os trabalhadores"[373]

A partir destes dois exemplos procuramos evidenciar as distinções no tratamento empregado pelos dois autores em relação aos personagens identificados, de alguma forma, com o comunismo.

Na obras de Amado aparecem sempre como heróis nobres que, em geral, vivem finais apoteóticos em que se dedicam à causa da revolução. Como acontece com Pedro Bala, protagonista de *Capitães da Areia,* que de menino de rua passa a líder proletário:

---

[373] AMADO, Jorge. *O País do Carnaval; Cacau; Suor.* São Paulo: Martins, 1957, p.211.

> "Anos depois, jornais da classe (...) publicavam sempre notícias\ sobre um militante proletário, o camarada Pedro Bala, que estava perseguido pela polícia de cinco estados como organizador de greves, como dirigente de partidos ilegais, como perigoso inimigo da ordem estabelecida. (...) no dia em que ele fugiu, em inúmeros lares, na hora pobre do jantar, rostos se iluminaram com a notícia. E, apesar de que lá fora era o terror, qualquer daqueles lares era um lar que se abria para Pedro Bala, fugitivo da polícia. Porque a revolução é uma família."[374]

Este tipo de imagem, em tudo distinta das que caracterizam os comunistas na obra de Graciliano, serve como evidência de como as influências das diretrizes partidárias se manifestaram de formas distintas nos dois autores ao longo dos anos trinta.

O comunismo nos livros de Graciliano não aparece nunca como uma opção de seus protagonistas. As menções a este que são feitas em seu segundo e seu terceiro romance aparecem diluídas em meio aos embates de seus personagens. Caso típico deste tipo de aparição pode ser identificado no conflito central de São Bernardo entre o protagonista, Paulo Honório e sua esposa, Madalena.

Contribui para o acirramento da incompreensão mútua dos personagens e para o agravamento dos ciúmes do protagonista a participação – voluntária ou não – de Padilha, personagem comunista da trama. Desde o início, Padilha é apresentado como um ser fraco e amesquinhado, que se torna comunista depois de perder, com jogo, mulheres e idéias vazias, a propriedade que dá o nome ao romance para o protagonista. Tornar-se comunista parece ser mais para Padilha uma forma de vingança passiva e alegórica do que uma opção de comprometimento revolucionário.[375]

No entanto, mesmo com seu comunismo desprovido de uma prática revolucionária, Padilha é identificado pelo autor como um perigo à propriedade – não só da fazenda quanto de sua esposa. O personagem é apresentado como uma criatura apequenada, covarde e dissimulado:

> "-O culpado é você.

---

374 Amado, Jorge. *Capitães da Areia.* Rio de Janeiro: 1991, p.231.

375 "era ateu e transformista. Depois que eu o havia desembaraçado da fazenda, manifestava idéias sanguinárias e pregava, cochichando, o extermínio dos burgueses." *In:* Ramos, Graciliano. *São Bernardo*. 23ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974, p 43.

-Eu?

-Sim, você, que anda enchendo de folhas as ventas daquele sem-vergonha.

Padilha defendeu-se pálido:

-Não ando enchendo não, seu Paulo. É injustiça. Êle veio de enxerido, acredite. Não chamei, até disse: 'Marciano, é melhor que você vá dar comida aos bichos.' Não escutou e ficou aí, lesando. Eu estava enjoado, por deus do céu, que não gosto da cara desse moleque. "[376]

A passagem anterior apresenta o desfecho de uma cena em que Padilha é encontrado pelo narrador no momento em que, utilizando-se de discurso conspiratório, tenta inflamar o ânimo de um dos trabalhadores da fazenda contra a exploração a que é submetido. Flagrado, ao invés de assumir sua posição – como certamente aconteceria com um dos personagens comunistas de Jorge Amado – apressa-se em lançar a culpa sobre o empregado, que acabara de ser espancado pelo patrão em sua presença.

Em outra passa do romance, numa roda que reunia a elite do povoado perto de São Bernardo, a situação política mundial é discutida nos seguintes termos:

"-Não se trata de mim. São as finanças do Estado que vão mal. As finanças e o resto. Mas não se iludam. Há de haver uma revolução!

Era o que faltava. Escangalhava-se esta gangorra.

-Por quê? Perguntou Madalena.

Você também é revolucionária? Perguntei de mau modo.

-Estou apenas perguntando por quê.

-Ora por quê! Porque o crédito se sumia, o câmbio baixava, a mercadoria estrangeira ficava pela hora da morte. Sem falar na atrapalhação política.

-seria magnífico, interrompeu Madalena. Depois se endireitava tudo.

(…)

-Esperem por isso, atalhou Azevedo Gondim. Os senhores estão preparando uma fogueira e vão assar-se nela.

-Literatura! resmungou Padilha.

---

376 Ramos, Graciliano. *São Bernardo*. 23ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974, p 121.

-Literatura não, gritou Azevedo Gondim. Se rebentar a encrenca, há de sair boa coisa, heim, Nogueira?

-O fascismo.

-Era o que vocês queriam. Teremos o comunismo.

(…)

-Nada disso, asseverou Padre Silvestre. Essas doutrinas exóticas não se adaptam entre nós. O comunismo é a miséria, a desorganização da sociedade, a fome.

(…)

-Uma nação sem Deus! Bradava padre Silvestre a D. glória. Fuzilaram os padres, não escapou um. E os soldados, bêbados, espatifavam os santos e dançavam em cima dos altares.

D. Glória gemia com as mãos no peito:

-Que horror! É possível! Nos altares!

-Espatifaram nada! Interveio Padilha. Isso é propaganda contra-revolucionária.

-E o senhor trabalha para isso, Padre Silvestre, exclamou Gondim.

O vigário desculpou-se:

-Eu não. Estou quieto no meu canto. Agora achar que o govêrno é mau, eu acho. Que há urgência de reforma, há. Quanto ao comunismo, lorota, não pega. Descansem: entre nós não pega. O povo tem religião, o povo é católico."[377]

Esta passagem mostra como a cena política das décadas iniciais do século passado era discutida por personagens letrados de uma cidade do interior nordestino, que avaliavam as possibilidades de implementação de doutrinas estrangeiras como o fascismo e o comunismo no Brasil. Para os opositores do governo, como o Padre Silvestre, seria bom que houvesse uma revolução. Mas não qualquer tipo de revolução. O comunismo é visto por ele como um perigo enorme. As duas únicas personagens da cena a simpatizar ou mesmo defender o comunismo são Madalena e Luis Padilha.

E essa identificação de Madalena e Padilha através do comunismo servirá como processo de ruptura definitiva entre os personagens:

---

[377] Ramos, Graciliano. *São Bernardo*. 23ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974, pp. 140-141.

> "Sim senhor! Conluiada com o Padilha e tentando afastar os empregados sérios do bom caminho. Sim senhor, comunista! Eu construindo e ela desmanchando. (…)
>
> Materialista. Lembrei-me de ter ouvido Costa Brito falar em materialismo histórico. Que significava materialismo histórico?
>
> A verdade é que não me preocupo muito com o outro mundo. Admito deus, pagador celeste dos meus trabalhadores, mal remunerados cá na terra, e admito o diabo, futuro carrasco do ladrão que me furtou uma vaca de raça. Tenho portanto um pouco de religião, embora julgue que, em parte, ela é dispensável num homem. Mas mulher sem religião é horrível.
>
> Comunista, materialista. Bonito casamento! Amizade com o Padilha, aquêle imbecil. 'Palestras amenas e variadas.' Que haveria nas palestras? Reformas sociais ou coisa pior. Sei lá! Mulher sem religião é capaz de tudo"[378]

Ao identificar Madalena como comunista e ateia, o narrador passa a ver a mulher uma subversiva, portanto fora de seu controle estabelecido, em que a propriedade se manifesta sobre coisas, pessoas e mentes, e isso aumenta o fosso entre os dois. Na cabeça de Paulo Honório, ameaçado em seu sentimento de posse, esta demarcação de campos antagônicos, marido e esposa passam a representar mais do que um casal: o narrador passa a representar os interesses dos proprietários e Madalena a representar o dos explorados.

> "Pensei nos meus oitenta e nove quilos, neste rosto vermelho de sobrancelhas espêssas. Cruzei descontente as mãos enormes, cabeludas, endurecidas em muitos anos de lavoura. Misturei tudo ao materialismo e ao comunismo de Madalena e comecei a sentir ciúmes."[379]

A diferença ideológica que se torna patente entre Madalena e Paulo Honório será a causa da ruptura emocional entre ambos. O narrador, que se sente inferiorizado pelo saber da mulher, atribui idéias subversivas à Madalena e o comunismo que identifica nela torna-se a causa de seus ciúmes possessivos.

Padilha, que construído por Graciliano como o típico intelectual que adota as idéias comunistas na prosódia mas não compromete-se com o movimento e morre de medo de ser preso é protagonista de uma cena marcante para a ilustração de como o

---

378 Ramos, Graciliano. *São Bernardo*. 23ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974, p. 142.

379 *Idem, ibdem*, p. 144.

aparecimento de comunistas nas obras analisadas de Graciliano não seguem uma vinculação ao partido. Não acreditamos ser possível que um relato como o seguinte pudesse figurar nas páginas de Jorge Amado, por exemplo:

> "Uma tarde surpreendi no oitão da capela (a capela estava concluída; faltava pintura) Luís Padilha discursando para Marciano e Casemiro Lopes."
>
> – Um roubo. É o que tem sido demonstrado categoricamente pelos filósofos e vem nos livros. Vejam: mais de uma légua de terra, casas, mata, açude, gado, tudo de um homem. Não está certo."
>
> Marciano, mulato esbodegado, regalou-se, entronchando-se e mostrando as gengivas banguelas:
>
> – O senhor tem razão, Seu Padilha, eu não entendo, sou bruto, mas perco o sono assuntando nisso. A gente se mata por causa dos outros. É ou não é, Casemiro?
>
> Casemiro Lopes franziu as ventas, declarou que 'as coisas desde o começo do mundo tinham dono'.
>
> – Qual dono! gritou Padilha. O que há é que morremos trabalhando para enriquecer os outros.
>
> Saí da sacristia e estourei:
>
> – Trabalhando em quê? Em que é que você trabalha, parasita, preguiçoso, lambaio?
>
> – Não é nada não, seu Paulo, defendeu-se Padilha, trêmulo. Estava aqui desenvolvendo umas teorias aos rapazes. (...)
>
> – Em minha terra não, acabei já rouco. Puxem! Das cancelas para dentro ninguém mija fora do caco. Peguem as suas burundangas e danem-se. Com um professor assim, estou bonito. Dou por visto o que êste sem-vergonha ensina aos alunos.
>
> Mais tarde, porém, cheio de embromações e lamúrias, Padilha jurou por todos os santos que a escola funcionava normalmente e que fazia cortar o coração deixar tantas crianças sem o pão do saber. Quanto às teorias, aquilo era só para matar o tempo e empulhar o Casemiro.
>
> – Eu meto a mão em cumbuco? Sou lá capaz de propagar idéias subversivas?"[380]

Luís Padilha, quando, na condição de mestre escola da fazenda, é pego condenando a concentração de renda para dois outros trabalhadores, desmente essa

---

380 *Ramos, Graciliano*. *São Bernardo*. 23 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974, pp. 77-78.

definição, declarando-se incapaz de fazer propaganda subversiva. Esta passagem serve para ilustrar, por um lado, a aversão do narrador por qualquer tipo de discurso ou teoria que condene a exploração do trabalho; e, por outro, para ilustrar como Padilha, a despeito de se proclamar a favor das idéias socialistas, não sustenta uma posição coerente diante do patrão. Padilha aparece, então, como um subversivo de discurso, mas não de prática. Diante da perseguição que sofre por parte do narrador, Padilha se apequena:

> "- Tenha paciência. Logo você se desforra. Você é um apóstolo. Continue a escrever os contozinhos sôbre o proletário.
>
> O infeliz defendia-se. Com as humilhações continuadas, limitava-se por fim a engolir em sêco. Um dia chorou, pediu-me soluçando que eu lhe arranjasse uma colocação no fisco estadual.
>
> - Impossível, Padilha. Espere o soviete. Você se colocará com facilidade na guarda vermelha. Quando isso acontecer, não se lembre de mim não, Padilha, seja camarada."[381]

Padilha torna-se a vítima preferencial da ira do narrador, alvo de humilhações provocadas pelo ciúme. Além de recusar-se a pagar o ordenado, alimentá-lo com comida fria e humilhá-lo publicamente, uma das formas encontradas pelo narrador para exercer a sua vingança é fazer pilhérias sobre o comunismo e a revolução Russa, ao que Padilha não responde, ao contrário, chora e se humilha, implorando as graças de Paulo Honório.

> "-Tem um mês para se retirar.
>
> -Muito obrigado, balbuciou Padilha. A gente ainda tem que agradecer. Bem feito. Se eu não servisse de espolêta a sua mulher, não acontecia isto.
>
> Indignou-se.
>
> -Espolêta! - 'vá buscar um livro, Seu Padilha.' Eu ia. – 'Traga papel, Seu Padilha.' Eu trazia. – 'Copie esta página. Seu Padilha.' Eu copiava. – 'apanhe umas laranjas, Seu Padilha.' Até apanhar laranjas! Espolêta! Aquela mulher foi a causa da minha desgraça.
>
> (…)

---

381 Ramos, Graciliano. *São Bernardo*. 23ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974, p. 144.

-Nada! O que há é que você andava fazendo fuxico, homem. Andava intrigando, homem. Andava tecendo enredos, homem.

Luís Padilha embatucou. Depois, de um fôlego:

-Quais são as intrigas, os fuxicos, os enredos? O senhor não mostra um. Eu sou culpado da sua mulher ter idéias avançadas? Se é isso…

(…)

- e o senhor quer negar? Se não fosse ela, eu não perdia o emprêgo. Foi ela. E, veja o senhor, eu não gostava daquilo. Muitas vêzes opinei, sem rebuço: - 'D. Madalena, Seu Paulo embirra com o socialismo. É melhor a senhora deixar de novidade. Essas conversas não servem.' Está aí. Papagaio como milho, periquito leva a fama. O periquito sou eu"[382]

Depois de muito tempo de humilhações provocadas pelo ciúme de Paulo Honório, finalmente Padilha é demitido. O comunista, ao invés de reclamar da decisão arbitrária e injusta do patrão, escolhe como defesa o ataque e é jogando a culpa de sua desgraça em Madalena que procura isentar-se da acusação de difundir idéias socialistas na fazenda. Dando a entender ao narrador que se alguém tinha idéias avançadas e gostava de discutir os temas interditos (reformas sociais, desigualdades, materialismo histórico, socialismo, comunismo, etc) esse alguém era Madalena e não ele, Padilha, pacato funcionário, conhecedor de suas obrigações e cumpridor de seus deveres.

Esse tipo de comportamento covarde, não apareceria, por exemplo, em uma personagem comunista de Jorge Amado. Neste autor, os comunistas aparecem de forma positivada, sem exceções. Para a apresentação de um caso contrastante podemos recorrer mais uma vez ao protagonista de *Cacau*. Sergipano apresenta comportamento exemplar em toda a narrativa, ficando ao lado dos seus e não aceitando ser destacado individualmente de sua classe, mesmo que tenha caído nas graças da filha do fazendeiro, recusa a possibilidade de enriquecimento frisando ser um como os outros e que por sentir na pele a exploração jamais conceberia tornar-se, ele também, um explorador:

"Nós ríamos. E não sei por que a riqueza não nos tentava muito. Nós queríamos um pouco mais de conforto para a nossa bem grande miséria. Mais animais do que homens, tínhamos um vocabulário reduzidíssimo onde os palavrões

---

382 Ramos, Graciliano. *São Bernardo*. 23ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974, pp. 156-157.

imperavam. Eu, naquele tempo, como os outros trabalhadores, nada sabia de luta de classes. Mas adivinhávamos qualquer coisa." [383]

A conclusão da narrativa deixa evidente a idéia que guiou o autor durante toda a obra: a construção de um romance proletário, como já havia sido sugerido na nota de apresentação. O narrador encarna com perfeição o herói proletário que deveria servir de exemplo e inspiração de luta, abrindo mão de ascensão individual, que poderia facilmente ter sido feita a partir do casamento com a filha do patrão, por quem estava apaixonado, para investimento na possibilidade de transformação coletiva:

"Olhei sem saudades para a casa-grande. O amor pela minha classe, pelos trabalhadores e operários, amor humano e grande, mataria o amor mesquinho pela filha do patrão. Eu pensava assim, e com razão.

Na curva da estrada voltei-me. Honório acenava adeus com a mão enorme. Na varanda da casa-grande o vento agitava os cabelos louros de Maria.

E parti para a luta de coração limpo e feliz"[384]

Em Amado, sempre que mencionada diretamente, a revolução aparece adjetivada de forma positiva e o comunismo ou socialismo jamais é questionado ou desacreditado pelas personagens protagonistas. Mesmo em seu primeiro romance, em que o tema não é quase abordado ao longo da narrativa, será o comunismo que salvará do niilismo e da aniquilação um dos personagens do núcleo central da narrativa, José Lopes:

"- Em vez de crer em Deus, eu creio na humanidade. Quero a sua felicidade…

- Você é…

-… comunista…(…)

- Mas o comunismo tem inúmeros defeitos, José. (…)

- Então você está amando toda a humanidade?

---

383 AMADO, Jorge. *O País do Carnaval; Cacau; Suor.* São Paulo: Martins, 1957, p.175.

384 AMADO, Jorge. *O País do Carnaval; Cacau; Suor.* São Paulo: Martins, 1957, p.235.

- Como Cristo o fêz…Buda também… E, quanto aos defeitos, o comunismo os possui. Mas as virtudes são em maior número….

- Mas você se igualará aos imbecis…

- Por ora, eles são superiores a mim…(…)

Continuou:

- E, demais, é preciso acabar com as igrejas, derrubar ídolos, cortar cabeças. E o governo das elites?

- Elites de marinheiros…

- As de hoje representam as elites dos analfabetos e dos cretinos…

- E você acredita na humanidade? Nos seus sentimentos bons?

- Oh, não! Acredito nos sentimentos. Não no que se chama vulgarmente de sentimentos bons. Vamos elevar os maus. Cultivá-los.

- E o movimento espiritualista?

- Simples reação…

- Eu sinto cada vez maior necessidade de crer…

- O que não quer dizer que você sinta necessidade de crer num ser superior. Creia nos homens, nas coisas materiais. Lembre-se que já pensei como você…

- Quer me converter? Eu não dou para comunista. Gosto de me vestir bem.

E você é rico. Não tento a sua conversão. Você é um grande burguês. Deve nos combater.

- Eu, não. Que o mundo role. Eu cheguei à suprema infelicidade… sou bem a representação da minha geração. A geração que sofre. Que assiste aos últimos suspiros da democracia e aos primeiros vagidos do comunismo. Geração traço de união. Geração de sofrimento. Estou perdido na noite da dúvida. Desapareço cada vez mais. Braços invisíveis me apertam. Eu, afinal, tenho necessidade de alguma coisa…"[385]

Assim, desde seu primeiro romance, constata-se uma presença importante e positivada do comunismo. Para Jorge Amado, o comunismo é o elemento de salvação que possibilita não só o engrandecimento individual, mas, sobretudo, é apontado pelo autor como única saída possível para o conjunto da classe trabalhadora.

---

[385] AMADO, Jorge. *O País do Carnaval; Cacau; Suor.* São Paulo: Martins, 1957, pp.136-137.

Em Graciliano Ramos esta saída não é apontada. A exploração dos pobres pelos ricos está presente, a influência da estrutura econômica sobre as possibilidades de ação e pensamento dos indivíduos também, mas as personagens comunistas que aparecem em suas tramas inspiram pouca confiança como guias para um futuro melhor. Essas conclusões não querem dizer, entretanto, que o tema do comunismo não se faça presente na obra do autor, apenas que a estratégia por ele escolhida para fazer a crítica da realidade foi outra.

Amado e Ramos diferem em vários aspectos estilísticos, utilizam-se de estratégias narrativas distintas, propõem diferentes envolvimentos do leitor com suas tramas e personagens, no entanto convergem em um aspecto essencial: ambos são contundentes em suas críticas a uma sociedade ordenada pela desigualdade imposta pelo capitalismo.

Capítulo 3

Escritores e militantes – início dos anos 1940 até a democratização

A década de 1940 inicia-se ainda sob a égide do Estado Novo e a produção literária de nossos autores sofre oscilações resultantes do clima de perseguição. Ambos são ex-presos políticos, acusados de serem comunistas (fato que pode ser verdadeiro para Jorge Amado, militante do Partido, mas não para Graciliano Ramos) e sofrem, juntamente, com outros intelectuais um clima de perseguição e fechamento político.

Por outro lado, do ponto de vista estritamente literário, esse período teria observado o contínuo aumento do mercado do livro que, segundo Velasques, apresenta o seguinte panorama para a virada da década de 1930 para a de 1940:

> "eram 146 editoras brasileiras em 1936, em 1944 já somavam 214, para atingirem o total de 280 em 1948. Embora tais números possam conter gráficas de fato, em cuja razão social consta a palavra editora, o dado é revelador de um crescimento, confirmado pelo número de títulos, estimado em mil livros e folhetos publicados em 1938 e que saltaram para quase quatro mil em 1950 (na proporção de 3 títulos de livro para um de folheto). Os números de tiragens apresentam descontinuidades: 'Não há dados globais para nenhum dos anos entre 1929, quando se produziram 4.496.123 livros (e folhetos?) e 1950, quando esse total sextuplicara, atingindo 19.583.000 livros e 8.433.000 folhetos'[386]."[387]

A mesma autora destaca que, nas referidas décadas, o Brasil conheceu um intenso processo de polarização política e, ao mesmo tempo, uma renovação do campo artístico/literário. Naquele cenário, as revistas literárias constituíram-se como importantes pólos de atração de intelectuais.

---

386 Dados citados por Velasques foram retirados de Hallewell, pp.406-407.

387 Velasques, Muza Clara Chaves. *Homens de letras no Rio de Janeiro dos anos 30 e 40*. Niterói, 2000. Tese de doutorado, UFF, p.179.

Realismo socialista

O projeto amplo de "*uma contínua e consciente preocupação com a produção e difusão de cultura e com os meios necessários para sua efetivação e eficácia*"[388], marca do marxismo desde a época de Marx e Engels, no Partido Comunista do Brasil encontrou a dificuldade extra para sua execução decorrente de a maior parte de sua história ter se passado na ilegalidade. Alternando períodos de maior e menor perseguição policial, a ilegalidade tornava mais arriscada a empreitada de estabelecer veículos de divulgação do comunismo pelo partido. No entanto, "*Apesar desse tempo longo de clandestinidade, o Partido Comunista buscou sempre estruturar, durante toda a sua existência, uma rede de aparelhos culturais que, destinada a seus militantes e/ou a um público mais amplo, realizou parte significativa de sua intervenção político-ideológica na sociedade brasileira.*"[389]

Segundo Ricardo Costa[390], uma importante característica do aparato cultural do partido foi ter-se constituído como um importante pólo gravitacional:

> "Sem dúvida, uma das mais fortes tradições construídas pelos comunistas brasileiros ao longo de sua história foi a capacidade de desenvolver uma política de atração de intelectuais para seu programa de fundo igualitário e humanista e em torno da posição crítica ao sistema capitalista, fazendo com que gravitassem ao redor do PCB estudantes, jornalistas, artistas, pintores, poetas, músicos, em suma, homens e mulheres ligados à cultura, sequiosos por um mínimo espaço de referência intelectual, numa sociedade marcadamente elitista e caracterizada por possuir um inexpressivo número de instituições e fóruns culturais autônomos"[391].

Podemos pensar na grande afluência de intelectuais para o PCB, ao longo de todo período estudado, com maior ou menor expressividade, dependendo das mudanças conjunturais, como resultado de diversos fatores, nacionais ou internacionais. Dentre tais fatores, gostaríamos apenas de destacar a possibilidade de fazer parte de uma organização que contava com diversos aparelhos culturais, o que poderia ser bastante

---

388 Rubim, Antonio Albino Canelas. "Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil" in: MORAES, João Quartim de (org.). *História do Marxismo no Brasil.* Vol. 3 "Teorias. Interpretações". Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p.379.

389 *Idem, ibdem*, p.380.

390 Costa, Ricardo da Gama Rosa. Descaminhos da revolução brasileira: o PCB e a construção da estratégia nacional libertadora (1958-1964). Niterói: [policopiada], 2005. Tese (doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Departamento de História.

391 *Idem ibdem*, p.109.

sedutor para uma parcela crítica e engajada da intelectualidade brasileira, sedenta de veículos e meios de comunicação.

> "Outro elemento cultural que não pode ser esquecido ou subestimado, por tudo que foi até aqui argumentado, é o aparelho cultural e certo 'ambiente cultural' associados à vida partidária. Não há dúvida de que, em uma sociedade carente culturalmente, o partido surge com um espaço de política e cultura não-desprezível, especialmente para a jovem intelectualidade. Tal aspecto não pode ser desconsiderado, mesmo reconhecendo que a atmosfera desse ambiente pode ser contaminada pelos interesses político-partidários mais comezinhos e imediatos, ou ser submetida a rígidos controles ideológicos, inclusive via censura. A rede cultural do PC, complementada no intercâmbio com os aparelhos do movimento comunista internacional, funciona como um lugar cativante — no sentido mais ambíguo da palavra — e simultaneamente delineador de carreiras intelectuais. A dimensão internacional de um Jorge Amado parece encontrar aqui uma das suas fontes de energia"[392]

Para o PCB, a década de 1940 começou com a necessidade reorganização e de reativação da maquina partidária, completamente desestruturada pelas prisões que se seguiram ao fracasso da Intentona. Apresentam-se para essa rearticulação, dois projetos distintos. Um articulado por um grupo baiano sediado em São Paulo, e encabeçado por Diógenes de Arruda, que defendia a utilização de ações clandestinas, o outro, sediado no Rio de Janeiro, encabeçado por Mauricio Grabois e Amarilio Vasconcelos, que defendia a criação de um Comitê Nacional de Organização Provisória. Da articulação destas duas correntes, foi refeito o partido, depois da crise ocasionada pela perseguição do Estado Novo.

No plano cultural, a grande novidade desta época, que irá ordenar as diversas instâncias de difusão e artísticas do partido, será o realismo socialista. De uma maneira bastante generalizante, poderíamos dizer que o realismo socialista tenha sido gestado como um esforço do Partido Comunista soviético para promover uma "cultura proletária" que pudesse servir de contraponto e fazer frente à "cultura burguesa" e, desta maneira, servir como um instrumento propagador do comunismo.

Esse esforço de orientação estética para a área cultural, que ficou conhecido como realismo socialista, começou a ser construído paralelamente ao processo de

---

[392] Rubim, Antonio Albino Canelas. "Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil" in: MORAES, João Quartim de (org.). *História do Marxismo no Brasil.* Vol. 3 "Teorias. Interpretações". Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p.433.

centralização política promovido por Stalin nos anos 1930. Nesse sentido, vinha para formar uma visão positivada da revolução e possibilitar sua consolidação através do modelo stalinista.

No I Congresso de Escritores Soviéticos, realizado entre 17 de agosto e 1º de setembro de 1934, o realismo socialista é apresentado como doutrina oficial do partido para a literatura e as artes, pelo Comissário para cultura indicado diretamente por Stalin, Andrei Zdanov[393]. De acordo com as teses apresentadas por Zdanov, a arte deveria ter uma função educativa, ajudando a formar uma consciência proletária. Para este propósito, a forma deveria se submeter a um conteúdo de exaltação do socialismo e do herói proletário.

Em seu discurso de abertura do Congresso, após a saudação feita aos escritores reunidos, e a se referir à importância do camarada Stalin como "grande guia da revolução"[394], Zdanov indica como tarefa urgente para a consolidação do socialismo

> "Extirpar las supervivencias del capitalismo en la conciencia de las gentes significa luchar contra todos los restos de la influencia burguesa en el proletariado, contra la apatia, la frivolidad, la holgazaneria, la indisciplina y el individualismo pequeño burgueses, la codícia y la falta de conciencia respecto de la propriedad colectiva."[395]

Segundo o novo responsável pela política cultural do PCUSS, esse objetivo máximo, traçado por Stalin, e já perseguido nas transformações econômicas e sociais por que passava a União Soviética rumo à total abolição das classes sociais e verdadeira

---

[393] "Andrei Alexandrovich Zhdanov ingressa no Partido Bolchevique em 12915. Liderou a Frente dos Urais durante a Revolução Russa.no XIV Congresso do PCUS, em 1925, é escolhido como suplente do Comitê Central. Passa ser membro efetivo no XVI Congresso, em junho de 1930, no período da ofensiva contra os kulaksno decorrer do processo de coletivização. Participou da resistência em Leningrado durante a 2ª Guerra mundial. Nessa época já ocupava o cargo de Secretário de Organização. Stalin delegou a Zhdanov, a partir de 1934, a tarefa de ser o ideólogo soviético oficial da cultura e das artes, ficando responsável, inclusive, por eliminar os focos de dissenso entre os intelectuais. Morreu em 1948". *In*: Araujo, Mônica da Silva. *A arte do partido para o povo: no realismo socialista no Brasil e as relações entre artistas e o PC.* Rio de Janeiro: UFRJ,2002 – dissertação de mestrado, p.85.

[394] " Se reúne vuestro Congreso en un período en que, bajo la dirección del Partido Comunista, bajo la guía genial de nuestro gran jefe y maestro el camarada Stalin, ha triunfado en nuestro país definitivamente y sin retroceso posible el modo socialista de producción." In: Cristaldo, Janer.*Engenheiros de Almas — o stalinismo na literatura de Jorge Amado e Graciliano Ramos*. Anexo 3.

[395] Cristaldo, Janer. Engenheiros de Almas — o stalinismo na literatura de Jorge Amado e Graciliano Ramos. Edição e-books Brasil, 2006. Anexo 3..

solidificação do socialismo, deveria contar com a ajuda imprescindível de artistas e literatos.

A partir de então, Zdanov passa a fazer o que seria uma descrição da literatura soviética no momento do Congresso. Falando não como projeto a ser construído, mas como fato já observável, afirma que

> "es la literatura más rica en contenido, la más avanzada y la más revolucionaria. No hay ni ha habido jamás una literatura, fuera de la literatura soviética, que haya movilizado a los trabajadores y a los oprimidos para la lucha por la aniquilación definitiva de la exploración y del yugo de la esclavitud asalariada (...) Solo la literatura soviética, que es carne y sangre de nuestra construcción socialista, podía llegar a ser tan avanzada, rica de contenido y revolucionaria."[396]

Seria a partir desta constatação de que a nova literatura soviética faria parte de um projeto maior em andamento, projeto de construção de uma sociedade socialista, e que, como todos os outros aspectos da vida social, teria que ser direcionada no sentido da melhor execução deste projeto coletivo, que Zdanov conclama os escritores presentes ao congresso a construir uma nova literatura. Uma literatura que rompa com os defeitos da literatura burguesa, cujas principais características seriam

> "El desencadenamiento del misticismo y del clericalismo y la apetencia de pornografia son características de la decadencia y la corrupción de la cultura burguesa. Las celebridades de la literatura burguesa, de esa literatura que ha vendido su pluma al capital, son hoy los ladrones, los soplones[397], los prostituidos, los bribones[398]."[399]

A oposição entre escritores é feita como resultado de uma disputa mais ampla em andamento e os escritores seriam engrenagens de um sistema maior: de um lado os representantes do capitalismo, de outro os representantes do socialismo. Os escritores comprometidos com o socialismo, estivessem estes na URSS ou em países em que a

---

396 Cristaldo, Janer. Engenheiros de Almas — o stalinismo na literatura de Jorge Amado e Graciliano Ramos. Edição e-books Brasil, 2006, Anexo 3.

397 Informantes.

398 Patifes.

399 Cristaldo, Janer. *Engenheiros de Almas — o stalinismo na literatura de Jorge Amado e Graciliano Ramos.* Edição e-books Brasil, 2006. Anexo 3..

revolução ainda não tivesse se processado, eram encarados como soldados de uma guerra[400].

É interessante atentar para construção deste discurso. Zhdanov não dita quais deveriam ser os temas, as formas e os personagens destes escritores combatentes do socialismo, embora deixe claro quais os temas característicos da decadente literatura burguesa. Utiliza-se simplesmente da descrição dos méritos que já teriam sido conquistados pela literatura revolucionária soviética em oposição à podridão capitalista anteriormente descrita. Segundo ele, a literatura que aflorou da revolução apresentaria como principais características o vigor e a verdade resultantes de uma profunda transformação social. Assim,

> "Aquí, los héroes principales de las obras literarias son los construtores activos de la vida nueva: obreros y obreras, koljosianos y koljosianas, miembros del partido, administradores, ingenieros, jóvenes comunistas, pioneros. He ahí los tipos fundamentales y los héroes esenciales de nuestra literatura soviética. El entusiasmo y la pasión del heroísmo impregnan nuestra literatura. Ella es optimista, pero en modo alguno por una especie de primordial instinto zoológico. Es optimista en su esencia, porque es la literatura de la clase ascendente, del proletariado, de la única clase progresista, de vanguardia. La fuerza de nuestra literatura soviética reside en que sirve la causa nueva, la causa de la construcción del socialismo."[401]

Neste sentido, o escritor passa a ser entendido como um "engenheiro de almas", responsável por moldar mentes socialistas, e a obrigação primordial desse artífice de ideologias, que é o escritor, é ter uma perfeita compreensão da realidade[402] (não de qualquer realidade, mas da realidade revolucionária) para que possa executar a tarefa de formação e educação ideológica de seus leitores[403].

---

400 Creemos firmemente que la decena de camaradas extranjeros que están aqui presentes constituyen el núcleo y el germen del poderoso ejército de escritores proletarios que la revolución proletaria mundial habrá de crear mas allá de nuestras fronteras. *In*: Cristaldo, Janer. *Engenheiros de Almas*(...). Anexo 3.

401 Cristaldo, Janer. *Engenheiros de Almas — o stalinismo na literatura de Jorge Amado e Graciliano Ramos.* Anexo 3.

402 "conocer la vida a fin de poder representarla veridicamente en las obras de arte" *in*: Cristaldo, Janer. Engenheiros de Almas — o stalinismo na literatura de Jorge Amado e Graciliano Ramos. Edição e-books Brasil, 2006. Anexo 3..

403 "a tarea de transformación ideológica y de educación de los trabajadores en el espíritu del socialismo." *In*: Cristaldo, Janer. *Engenheiros de Almas*(...). Anexo 3.

Para Zdanov, que interpreta para a audiência o que Stalin quis indicar ao utilizar o termo "engenheiros de almas" ao se referir aos escritores comunistas, o realismo socialista representaria uma coligação de uma descrição realista da sociedade soviética aliada a um enaltecimento romântico dos heróis que a tornaram possível. Realismo e romantismo de um novo tipo, uma vez que não seriam produtos da perspectiva burguesa, mas sim da proletária:

> "Decidimos que el realismo socialista es el método fundamental de la literatura y de la crítica literaria soviéticas, pero esto supone que el romanticismo revolucionario debe integrar la creación literaria como una de sus partes constitutivas, porque toda la vida de nuestro partido, toda la vida la clase obrera y su combate consisten en unir el trabajo práctico más severo, más razonado, al heroísmo y a las perspectivas grandiosas. Nuestro partido ha sido siempre fuerte porque unió y une el espíritu práctico más riguroso a las perspectivas más amplias, a la marcha contínua hacia el futuro, a la lucha por la construcción de la sociedad comunista. La literatura soviética debe saber representar a nuestros héroes, debe saber mirar hacia nuestras mañanas. Y esto no es entregar-se a la utopía, porque nuestras mañanas se preparan desde hoy por un trabajo consciente y metódico."[404]

Zhdanov termina seu discurso proferindo as seguintes palavras:

> "Cread obras de perfecta maestria y de elevado contenido ideológico y artístico!
>
> Sed los organizadores más activos de la reeducación de la conciencia de las gentes en el espíritu del socialismo! Situaos en las primeras filas de los combatientes por la sociedad socialista sin clases!"[405]

Para Vittorio Strada, em sua análise sobre o realismo socialista, a censura exercida pelo Partido Comunista na cultura russa durante o período Stalinista caracterizou-se por ser "*uma censura prescritiva e diretiva e não apenas proibitiva e repressiva*"[406]. No entanto, o estudo do período não pode, segundo o autor, ser dirigido apenas a partir da perspectiva de análise do peso e da influência desta censura no campo

---

404 Cristaldo, Janer. Engenheiros de Almas — o stalinismo na literatura de Jorge Amado e Graciliano Ramos. Edição e-books Brasil, 2006, Anexo 3.

405 *Idem, ibdem,* Anexo 3.

406 Strada , Vittorio. "Do 'realismo socialista' ao zdhanovismo", in: Hobsbawm, Erick (org.). *História do marxismo; o marxismo na época da terceira internacional: problemas da cultura e da ideologia*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987, p.151.

artístico e literário soviético, deve, sobretudo, ser direcionado no sentido de enxergar que "*também a literatura soviética do período staliniano tem um aspecto ativo e produtivo que se chama 'realismo socialista' e, num plano teórico, 'estética marxista-leninista'* "[407].

Essa proposição de Strada se ancora em uma análise do período iniciado nos anos 1930 como resultado de transformações que ultrapassam a área das artes e da estética, e que atingiram diversas esferas da sociedade soviética. A interferência do partido e a consolidação de uma "*pirâmide que esmagou sob seu peso qualquer resíduo de liberdade criadora'*"[408], afetando profundamente a intelectualidade, que logo percebeu que

> "a sociedade de livres e iguais, em cujo altar da imagem futura os intelectuais tinham sacrificado o seu presente e sua liberdade, revelou-se pura ideologia; e, em seu lugar, formou-se uma sociedade estável de não-livres e de desiguais, cuja casta ou classe dominante tolerava o escritor e- o intelectual – somente como elemento integrado e subalterno (e, como tal, bem remunerado), sem reconhecer-lhes aquela possibilidade de crítica e de imaginação que o 'velho regime' não só permitia em maior ou menor medida, mas nem sequer imaginava que pudesse ser suprimida."[409]

O resultado direto deste processo foram subordinação e submissão de toda a cultura, e não somente arte e literatura, à política do Partido.

Strada realiza uma periodização do realismo socialista, de sua implementação, nos anos trinta, passando pela sua face mais repressiva que foi o zdanovismo, até seu ocaso com a morte de Stalin que:

> "permitirá àquela sociedade revitalizar-se parcialmente e possibilitará àquele regime reforçar-se mediante formas mais adequadas de dominação (...)[410],

---

407 Strada , Vittorio. "Do 'realismo socialista' ao zdhanovismo", in: Hobsbawm, Erick (org.). *História do marxismo; o marxismo na época da terceira internacional: problemas da cultura e da ideologia*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987, p.151.

408 *Idem ibdem*, p.152.

409 *Idem ibdem*, p.152.

410 (...) Também a política cultural do último período do stalinismo — que será chamada doravante de "zdhanovismo" *(jdanovitchina)* — apresenta-se como puramente negativa e repressiva, sem nenhuma possibilidade de iniciativa ideológica; e, para a cultura russa, aqueles anos — que se seguirão a uma duríssima guerra vencida graças aos sacrifícios e aos heroísmos de todo o país — constituem uma página negra, que não tem igual em toda a sua história. Por isso (...)" in: Strada , Vittorio. "Do 'realismo socialista' ao zdhanovismo", in: Hobsbawm, Erick (org.). *História do marxismo;*

> é justificado falar de uma evolução (regressiva) do 'realismo socialista' para o 'zdhanovismo': o 'realismo socialista', assumido aqui como fórmula político-literária e como símbolo de toda uma fase da cultura soviética, continua a ser a doutrina oficial de todo o período stalinismo, bem como do pós-staliniano, mas cairíamos numa simplificação se deixássemos de lado essa periodização e se não víssemos e analisássemos a diferença, e não só a indubitável continuidade, entre os anos 30 e os anos 40 (com o intervalo do período bélico)"[411]

As obras

Neste capítulo e no próximo, pretendemos discutir a presença, ou a ausência, de orientações do Partido Comunista dentro da produção ficcional de Jorge Amado e Graciliano Ramos dos anos 1940[412]. Essa discussão tem por objetivo perceber como e quais são os tipos de relação que podem ser verificadas entre diretrizes partidárias e as escolhas estéticas e estilísticas dos autores. Para tanto, pretendemos fazer um levantamento de suas obras para perceber características que apontem para uma maior aproximação ou um maior afastamento de características do realismo socialista.

O tema em que procuramos aglutinar a percepção de como as interpenetrações entre as esferas da produção literária e da militância política fizeram-se presentes nas obras de nossos autores, foi o da presença de personagens comunistas, ou de referências ao comunismo. Antes de passarmos diretamente para a discussão das obras, é necessária uma explicação sobre a organização deste capitulo[413].

No capitulo anterior, ordenamos nosso painel dos livros de acordo com o ano de publicação das obras, neste capitulo priorizamos a época de escrita. Nas décadas de 1940 e 1950 as produções de Jorge Amado e Graciliano Ramos, por conta também de suas opções políticas, passam a ser mais esparsas, rompendo com o ritmo da década anterior. Além disso, muitos são os textos que são produzidos em um contexto e publicados muito tempo depois, sobretudo no conjunto de livros de Graciliano Ramos,

---

o marxismo na época da terceira internacional: problemas da cultura e da ideologia. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987, p.153.

411 Strada, Vittorio. "Do 'realismo socialista' ao zdhanovismo", in: Hobsbawm, Erick (org.). *História do marxismo; o marxismo na época da terceira internacional: problemas da cultura e da ideologia*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987, p.153.

412 A primeira metade da década de 1940, para o caso deste capítulo e, para o caso do próximo capítulo, a segunda metade da década de 1940 e a primeira da década de 1950.

413 Assim como do próximo.

que tem muitos de seus livros produzidos nesse período publicados postumamente. Optamos por essa via, para assim podermos perceber as relações que buscamos entre a produção literária e a participação política, portanto, por ordenar, nestes capítulos, os livros de acordo com a ordem em que foram escritos.

Assim, nestes dois capítulos, pretendemos analisar o segundo momento da produção destes autores. Centraremos nossa análise nas obras literárias ficcionais e memorialísticas de Graciliano Ramos e Jorge Amado publicadas durante as décadas de 1940 e 1950, a saber, nos livros *Viventes das Alagoas, Histórias de Alexandre, Infância, Dois dedos, Memórias do cárcere* de Graciliano Ramos e *ABC de Castro Alves, Cavaleiro da esperança, Terras do sem fim, São Jorge dos Ilhéus, Bahia de todos os santos, Seara vermelha, O amor do soldado, Os subterrâneos da liberdade* de Jorge Amado.

Viventes das Alagoas

A primeira obra que analisaremos é a coletânea de crônicas escritas por Graciliano Ramos, no ano de 1941, para a "*Revista Cultura Política*", reunidas em 1962, postumamente, por sua viúva[414], sob o título de *Viventes das Alagoas*[415]. O livro é composto por um conjunto de crônicas.

No entanto, antes desta análise, vale relembrar uma polêmica envolvendo a participação de Graciliano nesta revista. No início da década de 1940, Graciliano encontra-se com dificuldades financeiras, conseguindo vender poucos de seus escritos para jornais e periódicos, prática de que se utilizava largamente para complementar a renda familiar.

Ao mesmo tempo, tendo a frente o Departamento de Imprensa e Propaganda, o Governo Vargas empreendia grande esforço no sentido de construção de um aparelho

---

414 "1ª Edição: 1962 / Gênero: Quadros e costumes do Nordeste / Última edição brasileira: 19ª (2007)" *In*: http://www.graciliano.com.br/obras_viventes.html

415 Ramos, Graciliano, *Viventes das Alagoas.* Rio, SP, Record, Martins, 1975 (5ª ed.).

cultural que se encarregasse da divulgação do regime. Segundo Dênis de Moraes, em sua biografia de Graciliano Ramos,

> "O complexo de doutrinação sob a égide do DIP englobava o rádio (*Voz do Brasil* e Radio Nacional), os cinejornais inspirados nos congêneres alemães e italianos, a música (grandes concentrações orfeônicas em datas nacionais), os jornais encampados pela União (*A manhã, A noite, A noite ilustrada* e *O Estado de São Paulo*) e o sistema escolar (reformulando currículos, obrigatoriedade do ensino cívico e distribuição de milhões de cartilhas, autênticos manuais de propaganda."[416]

Na esteira deste grande projeto ideológico de construção de hegemonia, foi criada a revista *Cultura Política*, idealizada como um veículo capaz de atingir uma camada específica da sociedade, a de uma classe média intelectualizada. *Cultura Política* foi entendida como o projeto capaz de dar prosseguimento a este plano de construção de uma revista que "*de um lado, atraísse a intelectualidade crítica em relação ao governo, e, de outro, legitimasse o projeto cultural do Estado Novo (a tutela do aparelho estatal sobre as manifestações artísticas)*[417]".

A revista acabou, de fato, atraindo grande número de intelectuais liberais e de esquerda, "*seduzidos por três razões básicas: não exigia alinhamento político automático; os artigos poderiam versar sobre temas literários e estéticos; a remuneração era das mais compensadoras*"[418] como vimos, para Graciliano este terceiro argumento de convencimento apareceu em um momento em que necessitava complementar o orçamento. O escritor passou, então, a ser um dentre os vários intelectuais que colaboraram nas páginas de *Cultura Política*, que circulou entre os anos de 1941 e 1944.

A Graciliano couberam as funções de revisor e de responsável pela coluna "Quadros e costumes do nordeste", de onde saíram as crônicas reunidas no volume *Viventes das Alagoas*. Passando diretamente à análise desse livro, há que se levar em conta que a escolha e o arranjo das crônicas não foram feitos por Graciliano, mas sim por Heloísa Ramos após a morte do autor, não cabendo aqui, portanto, considerações

---

416 Moraes, Dênis. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p.184.

417 *Idem ibdem*, p.185.

418 *Idem ibdem*, p.185.

sobre a forma como foram agrupadas ou escolhidas. No entanto, podemos identificar quatro grupos de crônicas que parecem apresentar certas similitudes entre si, o que facilita nosso trabalho de análise. Como a busca central de nosso esforço de pesquisa é averiguar marcas que indiquem a relação do autor com o Partido Comunista, não analisaremos as crônicas individualmente, mas sim a partir destes blocos por nós escolhidos.

Em um primeiro lugar, aparecem crônicas que retratam festas em pequenas cidades do interior, seguido por outro bloco em que se destaca o estudo de personagens, adiante, o terceiro bloco agrupa as crônicas que tem como assunto o cangaço e, por último, o que consideramos um anexo, está o conjunto de três documentos oficiais produzidos por Graciliano enquanto ocupava o posto de Prefeito de Palmeiras dos Índios, entre o final da década de 1920 e no início da década de 1930.

No primeiro bloco (onde agrupamos as crônicas "Carnaval de 1910", "Natal" e "Carnaval") o autor desfia um mosaico de figuras e situações típicas de pequenas cidades do interior nordestino, postas em relevo em momentos atípicos: festividades que alteram sua rotina pacata e que, a um só tempo, afirmam e invertem as posições sociais dos habitantes locais. É com discurso embebido por ironia que Graciliano mostra a subserviência da elite local à "cidade grande", denuncia a mesquinhez de pequenas disputas e aponta a rígida hierarquia entre as classes sociais desses pequenos centros urbanos.

Como exemplo da aparição destas questões neste bloco de crônicas, temos a descrição da sociedade de uma pequena cidade, com cerca de 5000 habitantes, cenário da crônica "Carnaval":

> "Efetua-se o carnaval com decência, com ordem. Famílias reúnem-se na praça, em magotes limpos de misturas perniciosas. Notam-se várias categorias. A senhora do prefeito, e a senhora do médico presidem: sentam-se à porta do bar e oferecem cadeiras à representação feminina dos engenheiros da estrada de ferro. Será verdade que depois de tantos estudos a estrada de Ferro vai chegar? Juntam-se ao grupo a gente do promotor e do juiz. Conversas, amabilidades, escolha rigorosa de palavras, para que as engenheiras, hóspedes, não formem conceito mau da terra, provavelmente não formam."[419]

---

[419] Ramos, Graciliano, *Viventes das Alagoas*. Rio, SP, Record, Martins, 1975 (5ª ed.), p. 18.

Neste trecho ficam claras duas questões presentes em várias das crônicas de Graciliano: por um lado, está a descrição de cidades do interior nordestino, que aparecem permeadas por uma noção de rigidez que aponta para a imobilidade social. Essas cidades seriam reféns de uma hierarquia implícita, responsável por encaixar cada habitante em um lugar que não poderia nunca ser transigido. Nesses pequenos centros urbanos, a pequena elite local, em geral descrita de uma forma irônica que destaca sua ignorância, governa impondo costumes e ditando padrões. Por outro lado, aparece a questão da relação estabelecida de subserviência entre estas pequenas cidades e os grandes centros. Graciliano faz descrições que procuram apontar para o ridículo da reverência tímida dos interioranos, que buscam em Recife, Salvador, Rio ou São Paulo, um padrão para ser copiado.

Um segundo bloco de crônicas a ser destacado é aquele que põe em destaque personagens específicos, como são os casos das crônicas "Dr. Jacarandá", "D. Maria Amália", "O moço da farmácia", "Ciríaco", "Libório", "Funcionário independente", "Um homem de letras", "Um gramático", "Dr. Pelado", "A decadência de um senhor de engenho", "Um homem notável", "Um profeta", "Inácio da catingueira e Romano".

Nesse bloco de crônicas, as personagens representam figuras típicas que serão exaltadas (como é o caso de "Dr. Jacarandá") ou escarnecidas pelo autor (como é o caso de "Um gramático"). Essas figuras aparecem como representantes de profissões ou de tipos sociais que podem ser encontradas em toda parte, representando ora exemplos positivados, ora exemplos ridicularizados pelo autor, que, através destas crônicas, procura evidenciar aspectos da realidade que o cerca.

Em "Dr. Jacarandá" encontramos como personagem central um negro que conseguiu escapar ao trabalho da roça e, depois de percursos e de atividades variados, se transformou em causídico (ou "cosídico", como prefere) de pobres. Sua história é exemplar por dois motivos: o primeiro é ressaltar a singularidade do personagem, cujo percurso de vida representa uma exceção à regra que dita a improbabilidade de um negro desempenhar tal papel. O segundo é aquilo que faz de Dr. Jacarandá um exemplo para o autor, que o descreve de forma carinhosa, ressaltando as características que considera imprescindíveis na formação de um bom exemplar de homem – simplicidade aliada à argúcia, bondade e desprendimento, e, sobretudo, a ausência da ganância e da

jactância. É em tom de exaltação que Graciliano apresenta esse seu "D. Quixote Escuro":

> "Deu volta e trambolhões, mourejou decerto em ofícios vários até achar a sua tendência e surgir, experiente e maduro, com banca de advogado, consultório modesto que numa placa de papelão segura em cordões. Indica, junto a uma bodega de frutas. Desdenhando erudições e formalidades, esse D. Quixote escuro entrou firme a combater injustiças, a defender os senhores vagabundos e as senhoras meretrizes, conforme ele diz, e ameaçado por uma associação de classe, afirmou à imprensa que não tomava o lugar de ninguém, que não era causídico ou advogado, como outros, mas apenas **adevogado** (em negrito) ou **cosídico** (em negrito). O acréscimo ou a redução de vogais serviam para justificá-lo. Os repórteres bateram palmas, a platéia riu – e o Dr. Jacarandá, imperturbável nos seus oitenta anos robustos, envernizado e florido, continuou a desfazer agravos. Olha para cima, caminha, à pressa."[420]

Para, em seguida, concluir :*"(...) guarda uma inocência resistente, uma bondade que o leva para as misérias alheias. São as armas de que dispõe. Vai-se agüentando, e isso prova que não estamos definitivamente corrompidos."*[421].

Vale à pena ressaltar, neste conjunto de crônicas que se propõe a apresentação de personagens centrais a serem destrinchadas pelo autor (personagens que geralmente emprestam ao título seu nome ou sua profissão), aquelas que tratam de homens envolvidos com a produção literária; como são os casos de "O moço da farmácia", "Um homem de letras", "Um gramático" e "Dr. Pelado". Esses são os típicos intelectuais do interior, pessoas que fazem das letras a forma de obtenção da distinção social e de se destacar da massa anônima das pacatas e pequenas cidades. Esses homens são descritos de forma pouco enaltecedora, Graciliano mostra-os como seres bastante imperfeitos: ou cheios de vaidades e desejos de reconhecimento ou como portadores de uma ignorância flagrante. Na visão ácida de Graciliano, esses homens representam os escritores de pequenas cidades nordestinas, distantes dos grandes centros culturais e econômicos aos quais se curvam, e são descritos de forma irônica, como é o caso da seguinte passagem de "Um homem de letras":

---

420 Ramos, Graciliano, *Viventes das Alagoas.* Rio, SP, Record, Martins, 1975 (5ª ed.), pp. 24-25.

421 *Idem ibdem*, p.25.

> "Na literatura de Domingos Barbosa se revelava pouco mais ou menos como no exterior: botinas cambadas e de elástico, roupa negra coberta de nódoas, chapéu duro, também enodado, guarda-chuva, barba crescida e caspa. Ave de arribação, não podia arranjar direito as suas histórias, lavá-las, esfregá-las, vesti-las convenientemente, cortar-lhe as unhas, os cabelos e os calos. E talvez considerasse inúteis limpezas excessivas. É possível até que não tivesse conhecimento dessas exigências. Criatura simples e direta, organizava os seus muros com o favor de Deus, evitando as embromações dos escritores comuns, lorotas que só servem para estirar e encarecer o trabalho. Realmente, se ele conseguia narrar um caso em trinta páginas e vendê-lo por dez tostões, por que haveria de espichá-lo em trezentas páginas e explorar o comprador? Domingos Barbosa novelista consciencioso, só dizia as coisas absolutamente necessárias."[422]

Percebe-se, no trecho acima, que a figura deste "homem de letras" aparece descrita de forma pouco enaltecedora. O escritor, um caixeiro-viajante das letras que vendia suas palavras pelas cidades do interior nordestino, não adota as mesmas exigências daqueles que nas capitais se fizeram conhecer por seus ofícios de escrita. Por outro lado, a despeito da fina ironia, esse literato do interior não deixa de ser apresentado de forma carinhosa por Graciliano. A crônica termina da seguinte maneira: *"Deve estar morto há muitos anos.* O brado da consciência *e* A heróica alagoana *esgotaram-se, perderam-se e Domingos Barbosa não figura entre os romancistas do meu Estado."*[423] Por mais que o início da narrativa passe a impressão de que Graciliano se propões a fazer troça de mais um tipo característico de intelectual, no final da crônica fica a sensação de que o caixeiro viajante das letras é apresentado como uma criatura simples e de baixas expectativas, não pretendendo nada além do que a possibilidade de viver de sua escrita, sem grandes ambições de notoriedade ou de fortuna. Ao final da leitura, a sensação que temos é de um profundo carinho do escritor por esse personagem.

Outro bloco de crônicas que se destaca neste livro é o daquelas que tratam de casos e personagens relacionados ao cangaço, como são os casos de "O fator econômico no cangaço", "Lampião", "Virgulino", "Cabeças", "Dois cangaços", "Corisco" e "D. Maria". Deste grupo de crônicas aparece uma questão interessante. É através dos temas e personagens ligados ao cangaço que aparece mais claramente neste livro a presença de algo próximo ao heroísmo. Embora os cangaceiros não sejam exaltados por Graciliano como típicos heróis (plenos de pureza e com um comportamento sem

---

422 Ramos, Graciliano, *Viventes das Alagoas.* Rio, SP, Record, Martins, 1975 (5ª ed.), p.84.

423 *Idem, ibdem,* p.86.

mácula, sempre orientado pelos grandes objetivos), esses homens são apresentados na crônica "O fator econômico do cangaço" como frutos de uma sociedade desigual, injusta e violenta. Esta crônica, que mais se assemelha a um tratado sociológico em que são apresentados ao leitor os tais fatores econômicos e sociais que geraram os cangaceiros do sertão nordestino, propõe-se a legitimar a existência destes grupos e explicá-la ao leitor.

Em suas 7 páginas, "O fator econômico do cangaço" explica a gênese deste tipo de atividade, distante da realidade dos grandes centros, a partir da própria prática dos proprietários de gado do sertão de se valerem de jagunços para a proteção daquele que seria o bem mais valioso na caatinga : o gado. Como se verifica no seguinte trecho:

> "Como a riqueza é principalmente constituída por animais, o maior crime que lá se conhece é o furto de gado. A vida humana, exposta à seca, à fome, à cobra, à tropa volante, tem valor reduzido – e por isso o júri absolve regularmente o assassino, o ladrão de cavalos é que não acha perdão. Em regra não o submetem a julgamento: matam-no."[424]

Essa realidade, criada por proprietários que tem como prática manter uma tropa de jagunços para a defesa de seus bens mais preciosos e para tirar do caminho seus inimigos, é a responsável pelo aparecimento de uma nova categoria social, a do cangaceiro:

> "Tratando-se de cangaceiro, o procedimento é diverso: não podendo castigá-los, por que são fortes, os proprietários às vezes transigem com eles, coisa que nenhum poderia decentemente fazer com um ladrão de cavalos. Essas transações não são desonrosas, pois os salteadores inspiram medo, respeito, uma certa admiração que as cantigas dos violeiros cultivam. O ladrão de cavalos é o inimigo pequeno, que se pode suprimir. O cangaceiro é o inimigo poderoso, que é necessário agradar. Paga-se-lhe, por tanto, um razoável tributo e manda-se-lhe por intermediário de confiança algum aviso útil que o livre da polícia.
>
> Realmente o bandido nem sempre ameaça a propriedade: em alguns casos pode tornar-se um sustentáculo dela. (...)"[425]

---

424 Ramos, Graciliano, *Viventes das Alagoas.* Rio, SP, Record, Martins, 1975 (5ª ed.), pp.124-125.

425 *Idem, ibdem*, p.125.

Nesta anatomia que faz do cangaço brasileiro, este teria passado por 3 momentos distintos. Vejamos nas palavras do próprio Graciliano, as fases desta genealogia:

> "Na evolução do cangaço notamos, pois, três fases: no princípio mandavam os grandes, os **condottieri** que se entendiam bem com os proprietários e às vezes se punham a serviço deles; depois a massa anônima da capangada cresceu e livremente escolheu mandões entre os seus membros; afinal vemos indivíduos que vêm de cima rebaixarem-se, misturarem-se à multidão criminosa e dela emergirem de repente, dirigindo os companheiros, como Corisco."[426]

Nestes três momentos, fica clara uma transição que faz do cangaço migrar de uma realidade diretamente resultante da classe dominante, passar por um momento em que os explorados subvertem-na, tomando as rédeas do poder, para, finalmente, reintegrar extratos da classe dominante que passam a incorporar as novas regras do jogo. Transição esta que torna o cangaço um fenômeno típico do tipo de exploração imposta pelos grandes proprietários de gado no sertão nordestino.

As outras crônicas deste bloco reforçam esta tese de que o cangaço é um reflexo de uma realidade hostil e miserável, criada ou incentivada pelos próprios proprietários. Na leitura que Graciliano faz sobre o fenômeno, a figura dos cangaceiros, como Lampião, por exemplo, não é demonizada. Embora não faça apologia à violência dos cangaceiros, o autor ressalta, a todo momento, a realidade que os tornou o que são e a carga de violência e barbárie com que foram perseguidos e executados pelo braço armado da elite[427].

Pensar que este tipo de crônicas foi realizado dentro da revista do estado novo, ao contrário de desabonar, a nosso ver, evidenciam que ao aceitar o emprego, Graciliano não vendeu junto seus ideais. Promoveu, nas páginas de sua coluna, críticas contundentes à estrutura de poder e ao sistema que geravam e garantiam a existência das situações e dos personagens descritos em suas crônicas.

---

426 Ramos, Graciliano, *Viventes das Alagoas*. Rio, SP, Record, Martins, 1975 (5ª ed.), p.127.

427 O quarto bloco facilmente destacável deste conjunto de textos agrupados em *Viventes das Alagoas* é constituído pelos relatórios e pelo balanço enviados ao Governador do Estado de Alagoas quando Graciliano ocupava o cargo de Prefeito de Palmeira dos Índios. Produzidos nos anos de 1928, 1929 e 1930, não serão por nós analisados.

ABC de Castro Alves:

A Primeira obra de Jorge Amado que investigaremos neste período[428] é *ABC de Castro Alves*[429]. O gênero deste livro é descrito na listagem das obras do autor publicadas pela Editora Livraria Martins Fontes na coleção "Obras Ilustradas de Jorge Amado" como "Louvação". No entanto, na contra capa da mesma edição, abaixo do título, vem escrita a palavra romance. Esta louvação, ou este romance, é, na realidade, uma biografia romanceada de Castro Alves, poeta romântico defensor do abolicionismo.

A obra é composta por uma "Introdução com um acalanto e duas notas" e por 26 capítulos, cada um recebendo por título o nome de uma das letras do alfabeto[430]. Logo na apresentação, o narrador explica que o personagem central da biografia, "*Este de quem te falarei* (...) [é] *odiado dos tiranos, amado do povo.*"[431]. Dirigindo-se a sua interlocutora, o narrador complementa:*"Assim, negra, foi Castro Alves. Tinha a força do vento noroeste, o seu ímpeto, a sua violência. Tinha a sua beleza também e deixou o ar mais puro, a sua lembrança imortal,* (...) *foi o mais belo espetáculo de juventude e de gênio que os céus da América presenciaram."*[432]

É importante salientar a personalidade do poeta que é eleita pelo autor como representante máximo do heroísmo e da bravura, da justeza e da força, que serviram de exemplo e modelo para a construção de um herói. Amado destaca Castro Alves do conjunto de seus contemporâneos, elevando-o a um novo patamar: *"há momentos no mundo em que todas as forças de uma nação se conjugam e, como uma nota mais alta*

---

428 "Terminado de escrever na Urca, no Rio de Janeiro, a 21 de março de 1941, o livro foi lançado em 1ª edição pela Livraria Martins Editora, de São Paulo, no mês de agosto de 1941, quando o autor, por motivos políticos, se encontrava no Prata, tendo sido proibida sua vendagem e exibição nas livrarias pela censura do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Constava a edição príncipe de 386 páginas e era ilustrada por Santa Rosa Júnior. Passou a integrar a coleção Obras Ilustradas de Jorge Amado, da Livraria Martins Editora, de São Paulo, como quinto tomo, volume VII, com capa de Carybé, ilustrações de Iberê Camargo e retrato do autor por Carlos Scliar até a 24ª edição, 1975, quando foi liquidada a dita empresa, passando à Editora Record, do Rio de Janeiro, a exclusividade das editorações, sendo lançada a 25ª edição, 1977, com 327 páginas, capa de Floriano Teixeira, ilustrações de Iberê Camargo, retrato do autor por Flávio de Carvalho e foto do autor por Zélia Gattai. A mais recente é a 36ª edição, 11ª pela Record, publicada em janeiro de 1992, com as mesmas características. / No estrangeiro, o *ABC de Castro Alves* foi editado em Portugal e traduzido para os seguintes idiomas: espanhol, finlandês, francês, polonês, russo e tcheco. / Dança: foi adaptado com o título de *Sonhos de Castro Alves*, balé idealizado por Antonio Carlos Cardoso, com coreografia de Víctor Navarro, música de Egberto Gismonti, encenado pelo Balé do Teatro Castro Alves" *in:* http://www.jorgeAmado.org.br/obras_jorge/abc_castroalves2.htm#historico

429 Amado, Jorge: *ABC de Castro Alves*, São Paulo: Livraria Martins Editora, s.d., 22ªEd.

430 Incluindo-se aí, "k", "w" e "y".

431 Amado, Jorge: *ABC de Castro Alves*, São Paulo: Livraria Martins Editora, s.d., 22ªEd., pp.13-14.

432 *Idem ibdem*, p.14.

que todas, aparece, tranqüilo e terrível, demoniacamente belo, justo e verdadeiro, um gênio. Nasce dos desejos do povo, das necessidades do povo. Nunca mais morre, imortal como o povo."[433] Assim, para Amado, o gênio só existe se produzido e representante do povo, se fazendo, assim, imortal.

Ao comentar a bibliografia que utilizou para a confecção de sua obra, tecendo alguns elogios e muitas críticas àqueles que antes escreveram sobre Castro Alves, destaca que "*a verdadeira bibliografia deste livro, porém, são as poesias de Castro Alves*"[434]. Para, logo em seguida, avisar:

> "é claro que me permiti liberdades nesta biografia. Além do que não segui nenhum processo propriamente biográfico. Saiu mais uma louvação. Ela é, faço questão de repetir, antes uma biografia do poeta que mesmo do homem. Fico feliz se ela for uma louvação digna do gênio de Castro Alves. (...) Talvez também o rigor histórico sofra um bocado nas minhas toscas mãos de romancista. Que se danem os historiadores"[435]

Quando explica os motivos que o impulsionaram a escrita desta obra, e destaca, dentre os vários que o levaram à elaboração desta louvação, a forma como discute a questão da arte: afirma ser imprescindível que o artista seja um sujeito engajado e um homem íntegro, conectado com os anseios do povo. Que seja, realmente, um homem do povo que representa. E é aí que aponta seu ponto de conexão com seu biografado, nesta postura e nesse modo de fazer e entender a arte:

> "Castro Alves foi um artista que encarou a vida de frente, que não teve medo de se envolver nos problemas dos homens. Os que tem escrito sobre ele, na sua maioria, são escritores que fugiram da vida para a mentira de uma falsa arte. Eu tento uma biografia de Castro Alves na sua inteireza de poeta e de homem, tento sem nenhum receio. Posso falhar por falta de capacidade literária, mas sei bem que não deturparei a verdadeira fisionomia de Castro Alves. Como escritor uma coisa me liga poderosamente a ele: tenho sempre encarado a vida de frente e, como ele, escrevo para o povo e em função do povo."[436]

---

433 Amado, Jorge: *ABC de Castro Alves*, São Paulo: Livraria Martins Editora, s.d., 22ª ed., p.15.
434 *Idem ibdem,* p.16.
435 *Idem ibdem,* p.17.
436 *Idem, ibdem,* p.17.

Ao salientar a questão do povo, - que destaca como a marca importante a ser observada na obra de Castro Alves e, por extensão, em sua própria - Amado deixa claro que "ser do povo" significa menos que a posição de nascimento do que uma escolha. Ser um escritor do povo significa, nestes termos, uma identidade constituída pela reflexão, pela identificação com seus problemas e objetivando seu bem.

As notas terminam com uma postura bastante clara: o autor promove uma oposição entre um tipo de intelectualidade, formado por críticos e estudiosos que se prestam a estabelecer os cânones da literatura nacional, e os anseios do "povo", tratado pelo autor como uma categoria claramente positivada. À elite letrada e, principalmente, aos críticos literários, Amado dirige as seguintes palavras:

> "outra coisa que faço questão de notar é que não tenho a mais mínima intenção de realizar ensaio crítico. Não irei pesquisar se ele foi um "gênio verdadeiro". Se na sua obra se encontram mesmo aqueles célebres "valores eternos" tão estribilhados por todos os castradores da literatura, se para os "tempos modernos" o seu interesse "do ponto de vista da poesia" (Oh! Donos da poesia) é, como alguém já escreveu, "bastante histórico". Deixo esse explodir de rancorezinhos para a voz dos críticos e poetas modernistas (vozes tão débeis diante da de castro /Alves que só podem mesmo se preocupar com coisas desse porte). Quero é escrever sobre Castro Alves com amor, como um homem do povo sobre um poeta do povo, escrever com esse amor que dá a verdadeira compreensão, que nos faz sentir muito mais o que há de humano e de grande e de gênio num poeta que todos os tratados de teoria poética e que todos os arquivos, por mais volumosos, por mais bem fichados, que, ao lado dos meticulosos historiadores, se danem os meticulosos críticos e analistas. Castro Alves era feito doutro barro."[437]

Desta obra, que irá apresentar Castro Alves como um lutador implacável pela abolição da escravatura, como um homem movido por um intenso sentimento de revolta contra a exploração e a injustiça, como um verdadeiro e legítimo herói do povo brasileiro (muito além das configurações de elogio simples a sua obra lierária), acreditamos que a parte mais interessante para a contribuição deste panorama que pretendemos fazer da produção literária de Jorge Amado no início dos anos 1940, esteja, justamente, neste trecho inicial da biografia – ou louvação – que faz do poeta.

---

[437] Amado, Jorge: *ABC de Castro Alves*, São Paulo: Livraria Martins Editora, s.d., 22ª ed., p.20.

Nas páginas iniciais o romancista toca em um ponto central que identificamos como uma das forças motrizes de sua escrita: a opção por se apresentar, antes de tudo, como um escritor, do povo e para o povo.

O Cavaleiro da esperança:

O cenário político brasileiro no ano de 1942 abrigava manifestações contra o fascismo e tentativas de distensão das garras ditatoriais do governo Vargas a partir de manifestações diversas. Uma delas foi divulgação na grande imprensa, a 11 de junho, de um manifesto anti-fascista assinado por cem intelectuais, do qual participou Graciliano Ramos. Jorge Amado participaria de outro modo deste período de contestação do Estado Novo.

Em 1942, Jorge Amado no exílio na Argentina e no Uruguai, escreve *A vida de Luis Carlos Prestes – O cavaleiro da esperança*[438]. O livro será proibido no Brasil e será publicado inicialmente por uma editora Argentina.[439] Como já foi motivo de investigação no primeiro capitulo desta tese, não retornaremos a sua análise, apenas gostaríamos de ressaltar um aspecto diretamente relacionado à biografia anteriormente analisada, *o ABC de Castro Alves*.

A biografia de Prestes começa por uma "introdução com um romance, uma nota e um agradecimento". Nesta introdução, a mesma interlocutora com quem o narrador

---

[438] "Divulgado inicialmente na imprensa de Buenos Aires, por capítulos, em fins de 1941, traduzido por Pompeu Acióli Borges, o livro teve sua 1ª edição em espanhol intitulada *Vida de Luiz Carlos Prestes, el caballero de la esperanza*, em 1942, pela Editorial Claridad, Buenos Aires, 395 páginas. / A 1ª edição brasileira, junho de 1945, 366 páginas, é da Livraria Martins Editora, São Paulo, até a 12ª edição de 1952. Em 1948, a Livraria Martins Editora concedeu autorização à Editorial Vitória, Rio de Janeiro, para promover uma edição especial ilustrada por Renina Katz e outras edições simples, a última da série, a 17ª edição, de 1963. A Editora Record, Rio de Janeiro, detém atualmente os direitos de publicação, sendo a 36ª a edição mais recente, a 15ª edição desta editora, agosto de 1996. / Publicado em Portugal e traduzido para: albanês, alemão, árabe, búlgaro, chinês, espanhol, eslovaco, francês, grego, hebraico, holandês, húngaro, italiano, japonês, mongol, persa, polonês, romeno, russo e tcheco. / **Rádio:** adaptação com o título em tcheco de *Ryter Nadeje*, por Jiri Verton, divulgada pela Radiodifusão Tchecoeslovaca, de Praga, 1951" *in:* http://www.jorgeAmado.org.br/obras_jorge/cavaleiro2.htm#historico.

[439] Amado, Jorge. *A vida de Luis Carlos Prestes – O cavaleiro da esperança*. São Paulo: Martins, s.d. (3ª ed.)

da biografia de Castro Alves dialoga, retorna em *Cavaleiro da Esperança*[440].É a ela a quem o narrador se dirige ao longo do livro: *"Te contarei agora a história do herói. Já contei, amiga, a história do poeta, a poesia era a sua arma, ia na frente do povo"*[441].

A construção de uma introdução similar a da biografia de Castro Alves parece querer sinalizar que Amado procura colocar os dois personagens num mesmo patamar de excelência, seja pela poesia ("o gênio") seja pelo heroísmo. Irmanando as duas figuras retratadas, o autor eleva Prestes à categoria de um dos "grandes homens", daqueles que se destacaram em seu tempo pela defesa intransigente dos anseios do povo.

> "Um milagre do povo, amiga (...)
>
> E o povo realiza cada dia novos milagres de poesia, novos milagres de heroísmo.
>
> Um dia o povo negro do Brasil, escravo e desgraçado, fez o milagre da poesia que foi o poeta Castro Alves. Um povo que não podia falar precisando de uma voz que clamasse. Fez o milagre da mais bela das vozes.
>
> E muitos anos depois, todo o povo do Brasil (...) povo de mãos e pés atados, com sede, com fome, sem livros e sem amor, fez o milagre do heroísmo que é Lui**s** Carlos Prestes, 'p'**.** no peito dos negros, no coração dos soldados da coluna, luz no coração dos homens, operários, marítimos, camponeses, poetas, sambistas, tenentes e capitães, romancistas e sábios. Luz no coração dos homens, das mulheres também, estrela da esperança. Um povo escravo, precisando do seu herói**,** fez o milagre do maior dos heróis"[442]

Prestes, como Castro Alves, representa para Amado o próprio povo, sendo dele produto e porta-voz, tradutor de anseios e defensor de direitos, a história de Prestes é a

> "(...) a história do herói, aquele que nunca se vendeu, que nunca se dobrou, sobre quem a lama, a sujeira, a podridão, a lama nojenta da calúnia nunca deixaram rastro (...) ele é o próprio povo sintetizado num homem, é certo que o povo não se vendeu nem se dobrou. Como ele o, povo está preso e perseguido, ultrajado e ferido. Mas, como ele, o povo se levantará uma,

---

440 Essa mesma interlocutora aparece em outras obras do autor, como é o caso, por exemplo, de *Bahia de Todos os Santos*.

441 Amado, Jorge. *A vida de Luis Carlos Prestes – O cavaleiro da esperança*. São Paulo: Martins, s.d. (3ª ed.), p.20.

442 *Idem, ibdem*, pp. 20-21.

duas, mil vezes, e um dia as cadeias serão quebradas, a liberdade sairá mais forte de entre as grades."[443]

Percebe-se, portanto, a necessidade de legitimação de Prestes como herói nacional, como exemplo de coragem, inteligência e comprometimento com o povo. E, assim como Castro Alves, é apresentado ao leitor como alguém além ou acima da maioria dos homens, alguém com uma visão que permite ver uma causa a ser defendida e as estratégias necessárias para alcançá-la, podendo, assim, desempenhar o papel de grande guia.

Prestes aparece nesta biografia de Jorge Amado como alguém que possuía qualidades inatas que o diferenciavam do conjunto de seus semelhantes. Essa inteireza de caráter é apresentada desde o encontro de seus pais, que coligariam qualidades complementares que unidas dariam a Prestes um estatuto moral inquebrantável. Sua infância é descrita pelo autor como uma sucessão de acontecimentos que o fizeram desfrutar de uma intensa harmonia familiar proporcionada pelos pais e depois o moldou nas dificuldades enfrentadas pela mãe para criar seus filhos depois da morte do marido.

Depois da infância, sua juventude viria a completar essa gênese do herói, cunhando no esforço pessoal e na preocupação com os outros. Uma figura que causaria admiração em todos aqueles que o cercavam. Para exemplificar essa idéia de que o Prestes de Jorge Amado é construído como um herói inquestionável, pululam exemplos a cada parágrafo da narrativa. Apenas pinçando um deles, podemos indicar a passagem em que, na escola militar, é apontado por seus contemporâneos, reconhecido por alunos e professores, como alguém absolutamente acima da média dos demais:

"marca que ele já trazia, aquela marca de gênio popular, assim também os estudante da Escola Militar do Realengo adivinharam nos 18 anos de Luís Carlos Prestes a estatura do líder, souberam enxergar 'a marca de herói popular, de chefe do povo, que ele trazia nos olhos penetrantes, no sorriso que explicava tanta coisa.

Olhavam-no como algo poderoso e diferente mas ainda assim próximo deles"[444].

---

443 Amado, Jorge. *A vida de Luis Carlos Prestes – O cavaleiro da esperança*. São Paulo: Martins, s.d. (3ª ed.), p. 22.

444 *Idem, ibdem*, p. 65.

Para a reafirmação desta idéia de que Prestes possuía algo de inquestionavelmente poderoso e diferenciado em seu caráter, Jorge Amado coloca mesmo seus algozes, os policiais responsáveis pelos interrogatórios a que foi submetido durante o primeiro momento de sua prisão, embasbacados por sua magnética personalidade, como no exemplo a seguir:

> "Anos depois também, nos chamados noturnos para depor na policia, por vezes Luís Carlos Prestes, com sua imensa dignidade, abandonou o Interrogatório após uma frase definitiva e esmagadora. E os "tiras" dominados pela sua grandeza, abriram-lhe passo, esmagados, e só voltaram a si e corriam atrás dele quando alguns segundos já haviam passado"[445].

Como vimos anteriormente, a construção deste mito não deve ser encarada como uma iniciativa exclusiva de Amado. Coaduna-se a um movimento maior, desenhado desde a metade da década de 1930, e está presente nos escritos de outros autores e nas páginas da imprensa partidária. Apenas para citar um exemplo de como Amado não foi o único dos escritores comunistas a elaborar um romance, ou uma biografia romanceada, sobre Prestes, vale citar o caso lembrado por Janer Cristaldo do livro de Figueiredo Pimentel, *A Inspiradora de Luís Carlos Prestes.*

Como foi feito por Graciliano Ramos em seu pequeno texto analisado no primeiro capítulo desta tese, Jorge Amado também tenta chamar atenção para a "humanidade" de Prestes:

> "nada disso [seus traços excepcionais] o afastava dos demais, nada disso o punha acima de todos, de peito inchado de vaidade e de sorriso superior. Ao contrário, amiga, era o mais humano dos jovens, amando a existência comovidamente, os dias de saída sendo dias de felicidade familiar. Durante toda a sua gloriosa carreira esse genial condutor do povo, esse chefe líder indiscutido, obedecido e amado, em nenhum momento deixou de ser o mais humano e simples dos homens. Gênio militar e gênio matemático, o primeiro do seu povo, coração de aço, condutor e guia, o primeiro dos operários, o primeiro dos camponeses, o primeiro dos soldados e marinheiros, o primeiro também das outras camadas pobres da população, dos progressistas e dos

---

445 Amado, Jorge. *A vida de Luis Carlos Prestes – O cavaleiro da esperança*. São Paulo: Martins, s.d. (3ª ed.), p. 65.

patriotas sinceros, foi sempre, em todos os momentos, o mais doce, o mais bondoso, o mais amigo de todos os homens"[446].

Esse homem, que é apresentado como acima de tudo um abnegado, incapaz de buscar qualquer tipo de vantagem pessoal, tendo dedicado sua vida o bem estar dos demais, é construído por Amado como alguém idolatrado por todos aqueles que puderam privar de sua companhia, como foi o caso, por exemplo, dos integrantes da Coluna que o identificavam como: *"Humano e sábio é o pai dos seus soldados. Chefe, pai e companheiro. Os homens do Batalhão, quando falam nele têm lágrimas nos olhos. Para eles não há ninguém melhor, mais sábio e mais justo e mais amigo*"[447].

Dessa forma, poderíamos continuar extensivamente fornecendo exemplos de como o Prestes de Jorge Amado é construído como um herói inquebrantável e reconhecido como tal por seus contemporâneos. – utilizando o mesmo tipo de linguagem e estratégias já presentes em sua biografia de Castro Alves. No entanto, julgamos já ter deixado claro no primeiro capítulo como foi processada a construção de seu mito e como em Jorge Amado, com esse livro, contribuiu para sua perpetração.

Da recepção a *O Cavaleiro da Esperança*, acreditamos ser interessante a discussão promovida pela crítica de Patrícia Galvão. Essa percepção torna-se interessante por ser a articulista em questão ex-militante do partido comunista, tendo, inclusive, escrito um romance proletário. Desta forma, podermos perceber como os militantes do Partido Comunista não eram os únicos a propor o socialismo no Brasil. Outras correntes de interpretação teórica e prática sobre como alcançar-se a revolução também se firmaram. Uma destas foi a corrente trotskista que encontrava no jornal *Vanguarda socialista* espaço de difusão de idéias e de discussões teóricas. Nesse periódico, Patrícia Galvão, a Pagu, publicou diversas páginas de críticas literárias, dentre elas, uma sobre o livro *O cavaleiro da esperança*[448] Para Pagu, no artigo "O carinhoso biógrafo de Prestes", publicado no dia 31 de agosto de 1945, em sua crítica ao realismo socialista e, em conseqüência, à maneira como este havia sido utilizado por

---

446 Amado, Jorge. *A vida de Luis Carlos Prestes – O cavaleiro da esperança*. São Paulo: Martins, s.d. (3ª ed.), p. 68.

447 *Idem, ibdem,* p.105.

448 *Idem ibdem,* p.105.

Jorge Amado, esse tipo de literatura seria fácil e a razão do sucesso atingido pelo livro não deveria ser buscada em suas qualidades, mas sim na propaganda do partido.

Brandão entre o mar e o amor

Em 1942, Jorge Amado e Graciliano Ramos retornam aos romances. Ambos participam de um projeto coletivo, com José Lins do Rego, Aníbal Machado e Rachel de Queiroz, para a escrita de *Bandão entre o mar e o amor*, que é publicado pela Livraria Martins. O projeto do livro, proposto por Aníbal Machado, previa que cada autor escrevesse um capítulo, para que os leitores da revista *Diretrizes* fossem, ao longo da publicação da novela, tentando adivinhar o escritor responsável por cada um dos capítulos. Segundo depoimento de Raquel de Queiroz citado por Dênis de Moraes: "*O problema é que cada um fazia o seu capítulo encrencando mais a história para o companheiro seguinte resolver*"[449], o que teria levado Raquel, a última na ordem de escrita, a matar todos os personagens, no final da narrativa. Coube a Jorge o primeiro e a Graciliano o terceiro capítulo do romance que conta a história de Pedro Brandão, filho de juiz que larga a faculdade de direito para seguir um circo mambembe e depois se engajar como marinheiro.

No primeiro capítulo, Jorge Amado apresenta os personagens principais da narrativa: Brandão, sua mulher Lúcia, e seu amigo Pedro. No terceiro capítulo, Graciliano Ramos descreve o delírio de Pedro que, acometido de doença respiratória, circula entre a sanidade e a loucura provocadas pela febre.

Talvez por se tratar de uma obra coletiva, nesse romance não encontramos indícios de uma orientação clara no trato dos personagens, nem há qualquer tipo de menção ao comunismo, a comunistas ou ao PCB. Embora o protagonista tenha sido construído, no primeiro capítulo, por Jorge Amado como alguém que abandona uma posição social elevada (e a possibilidade de uma carreira ainda mais brilhante e rentável do que a do pai, juiz) para acompanhar artistas populares e depois ingressar na marinha

---

[449] Moraes, Dênis. *O velho Graça – uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p.197.

mercante como carvoeiro, nenhum tipo de comentário valorativo é feito sobre essa opção. Tampouco, no capítulo escrito por Graciliano Ramos podemos verificar indícios de algo próximo ao herói revolucionário, uma vez que a maior parte das páginas escritas pelo autor tenha sido focada na figura de Pedro, advogado medíocre, que morre lentamente.

ABDE:

Criada em 1942, a Associação Brasileira De Escritores congregou, em um primeiro momento, associados de diversas orientações ideológicas em torno da bandeira comum de defesa dos direitos autorais. Desde seu início, entretanto, este não foi o único assunto debatido e defendido pela entidade. Pode-se perceber uma clara politização das discussões e resoluções de seus afiliados a partir da leitura da "Declaração de princípios" da entidade, aprovada por unanimidade no Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores. Nela percebe-se, como veremos a seguir, como a atuação da ABDE opera na esfera política, defendendo o regime democrático e em clara oposição ao Estado Novo.

O objetivo da Associação era servir como pólo de articulação de escritores, para sua organização e manifestação sobre temas da contemporaneidade. A entidade, neste primeiro momento, serviu como centro aglutinador de intelectuais de diversas correntes ideológicas, identificadas com um projeto progressista.

> "Discutidos e aprovados os estatutos, foi definitivamente fundada, nesta capital, a Associação Brasileira de Escritores (ABDE). Seu programa é simples e prático, pois se trata da união e defesa da classe. O escritor é um profissional e precisa viver. Pode ser um artista, uma criatura diferente das demais no *ato* da criação, mas, fora desse momento, é um homem como outro qualquer, com as mesmas necessidades econômicas e físicas. O que ficou feito naquele instante, será apenas comércio e vai para as mãos de muita gente: tipógrafos, encadernadores, livreiros e leitores.
>
> A ABDE se estenderá em todo o país, dentro da lei, com os seus propósitos naturais de difusão cultural e da proteção justa, necessária e imediata de seus associados. Ficou, assim, constituída: Otavio Tarquinio de Souza, presidente; Carlos Drummond de Andrade, vice-presidente; Álvaro Lins, 1° secretário;

> Dante Costa, 2° secretário; Marques Rebelo, tesoureiro; Manuel Bandeira, Astrogildo Pereira, Rodrigo M. F. de Andrade, Dinah Silveira de Queiroz e José Lins do Rego, do conselho fiscal. Os estatutos foram elaborados por Levy Carneiro e Carlos Drummond de Andrade"[450]

Percebe-se pelo anúncio da fundação da ABDE em uma revista de esquerda, *Leitura* e pelo próprio caráter do texto desta nota de anúncio, que a ABDE foi criada para desempenhar um papel de organização classista.

Criada em São Paulo, no ano de 1942, a Sociedade dos Escritores Brasileiros foi precursora da Associação Brasileira De Escritores, e apresentou, desde o início, como uma de suas preocupações centrais a garantia da profissionalização do escritor, pensada, sobretudo, a partir da luta pelos direitos autorais.

Segundo histórico traçado por Muza Velasques,

> "A primeira menção legal a uma garantia de pagamento de direitos foi feita na constituição de 1891, mas o artigo referente a esse ponto só seria regulamentado em 1898, através da lei nº 946. Porém, o modelo federalista era de fato aplicado neste caso, a favor dos editores e, em vários estados da federação, só eram protegidos por lei os escritores residentes naquela unidade.
>
> As pressões diplomáticas fizeram com que o país, aos poucos, assinasse as convenções internacionais sobre o tema e estendesse as garantias de 1898 – restritas a brasileiros e estrangeiros residentes – a todos os autores estrangeiros aqui traduzidos. O Código Civil de 1916 prolongou para 60 anos, após a morte dos autores, a validade dos direitos autorais sobre sua obra. Nas décadas seguintes, o Brasil continuou a ratificar as convenções internacionais sobre o tema. Nova proposta de lei sobre os direitos autorais só viria a surgir em 1958 e, apenas em 1973, o assunto seria objeto de legislação mais extensa, através da lei 5.988."[451]

A Associação Brasileira de Escritores, criada em 1942, reunia vários tipos e intelectuais. Para obter a filiação bastava comprovar a produção escrita, o que permitia à associação congregar literatos, ensaístas, críticos culturais, jornalistas, cientistas sociais e naturais, professores etc. A associação, com sede no Rio de Janeiro, espalhava-se pelos estados e promovia diversas atividades tais como concursos e conferências, bem como propunha moções e manifestações de escritores. Durante a maior parte de

---

450 *Leitura,* Rio de Janeiro, fevereiro de 1943 (n°3), p.5.

451 Esse resumo fornecido por Velasques em sua tese foi confeccionado a partir da obra de Hallwell. Velasques, Muza Clara Chaves. *Homens de letras no Rio de Janeiro dos anos 30 e 40*. Niterói, 2000. Tese de doutorado, UFF, pp.138-139.

sua existência, que vai até o ano de 1958, os comunistas exerceram bastante influência na ABDE.

Como pode ser depreendido deste balanço, durante todo o período compreendido por nossa pesquisa a questão dos direitos autorais continuava sendo um ponto nevrálgico da luta e organização dos escritores no Brasil. A ação do governo a partir da década de 1930 instituiu, no entanto, a ampliação do mercado livreiro e mecanismos de incentivos a editoras e escritores. Dentre os expedientes utilizados como forma de incentivo aos escritores, destacam-se os prêmios literários, tais como o Prêmio Nacional de Literatura e o Prêmio Machado de Assis que atribuíam quantias em dinheiro aos vencedores.

No momento da fundação da ABDE, em 1942, Jorge Amado encontrava-se no exílio[452] não participando diretamente da fase inicial da vida da entidade. Sobre a participação de Graciliano Ramos, que vivia no Rio de Janeiro, neste primeiro momento da vida da entidade, que 9 anos depois viria a presidir, não encontramos referência. Segundo o biografo de Graciliano, Dênis de Moraes, neste ano de 1942 "*Jorge Amado, militante fiel do PCB, defenderia que escritores anti-fascistas atuassem nos organismos ligados à cultura, para aprofundar a resistência democrática.*"[453] Objetivo que foi alcançado pela ABDE.

Nesta mesma época, em 27 de outubro de 1942, seria realizado um jantar comemorativo dos cinqüenta anos de Graciliano. Articulado por um eclético grupo de escritores, o jantar foi pensado para funcionar como uma espécie de reparação pelo que Graciliano havia sofrido durante o período que ficou preso durante o Estado Novo. No discurso de saudação a Graciliano, proferido por seu primeiro editor, o poeta Augusto Frederico Schmidt, fica clara essa intenção:

> "(...)É uma noite de reparação, é uma noite que devemos trazer a você, que é um ser tão desconfiado, a convicção de que sua existência, que você considera tão melancolicamente, é a existência que se realizou plenamente (...) graças mesmo às injustiças que madrugaram para você e o foram sempre seguindo, até

---

452 "militante comunista, foi obrigado a exilar-se na Argentina e no Uruguai entre 1941 e 1942, período em que fez longa viagem pela América Latina. Ao voltar, em 1944 (...)" *In*: http://www.fundacaojorgeAmado.com.br/jorge_biografia.htm

453 Moraes, Dênis. *O velho Graça – uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p.193.

> que essa injustiça suprema de lhe tirarem a liberdade sem motivo, por um período certamente fecundo para sua existência de romancista".[454]

Essa homenagem a um ex-preso político a qual acorre o ministro da educação, Gustavo Capanema, ocorrida durante o governo Vargas, pode ser entendida dentro do contexto de manifestações pela redemocratização que envolvia diversos setores da sociedade.

Neste mesmo contexto de tentativa de abertura promovida por diversos setores da sociedade, a partir da segunda metade do ano de 1942, em um momento em que a segunda guerra mundial devastava a Europa, Jorge Amado, bem como vários outros militantes comunistas, seguindo orientação partidária, volta do exílio voluntário pela América Latina, no mesmo período em que o governo brasileiro define-se pelo apoio aos aliados, afastando-se formalmente dos governos nazi-fascistas.

Segundo Jorge Amado, em seu livro de memórias, a volta de intelectuais ligados ao partido é feita da seguinte maneira: "*Somos seis comunas que, juntamente com mais uma quarentena de exilados, voltaram para a pátria, entregaram-se, quando o governo brasileiro declarou guerra ao eixo nazi-fascista, os seis que não estávamos condenados nem processados, os demais têm que cumprir pena, vão gramar três anos de prisão até o decreto da anistia*[455]"

Quando se entrega a polícia, assim que retorna ao Brasil, passa um dia na cadeia até ser libertado. Neste mesmo dia, quer pela amizade quer pela importância política do evento, sua primeira aparição social será no aniversário de Graciliano: *"na noite deste primeiro dia de liberdade, compareço ao jantar oferecido a Graciliano Ramos, o romancista comemora cinqüenta anos de idade, Gustavo Capanema, ministro da educação preside o ágape (...) estão presentes editores, escritores, artistas.*[456]"

---

[454] Moraes, Dênis. *O velho Graça – uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p.195.

[455] " Seis comigo, os outros cinco são Fernando de Lacerda, comunista histórico, exilado na União Soviética desde 1930, o escritor Ivan Pedro de Martins, dois operários gaúchos, não me recordo quem fosse o quinto". *In:* Amado, Jorge. *Navegação de Cabotagem.* Rio de Janeiro: Record, 1992, p.44.

[456] Amado, Jorge. *Navegação de Cabotagem.* Rio de Janeiro: Record, 1992, pp.25-26.

Conferência da Mantiqueira:

Em agosto de 1943, foi realizada a Conferencia da Mantiqueira, que promoveu a unificação dos dois grupos que disputavam a direção da reorganização do Partido Comunista do Brasil, o de baianos em São Paulo e a CNOP, no Rio de Janeiro[457]. A articulação dos militantes comunistas passa a se dar em torno da tese de "União Nacional em torno do Governo", vista como saída possível para a reinserção comunista. A luta contra o fascismo será valorizada, fazendo-se, assim, a adequação da sessão brasileira do Partido Comunista às orientações do VII Congresso Internacional Comunista, que passa a defender uma política de União de classes contra um inimigo maior, o nazifascismo.

Essa política será traduzida como a defesa de uma revolução nacional-burguesa que permitisse a consolidação do capitalismo industrial no Brasil, e que garantisse a independência em relação ao capital estrangeiro. Essa perspectiva pode ser descrita como reformista e está calcada em uma leitura etapista da revolução.

Segundo essa interpretação, a estratégia a ser seguida pelo partido deveria ser a do estabelecimento de alianças com a burguesia para o combate aos "resquícios feudais" e às velhas oligarquias agrário-exportadoras subservientes ao imperialismo, que impediriam o desenvolvimento industrial brasileiro.

O discurso conciliador dos interesses do proletariado aos interesses da burguesia passaria a ser articulado em torno de dois eixos principais: o "combate ao fascismo" e a "defesa da democracia". Assim, no plano discursivo, os comunistas promoviam a congregação dos diversos interesses de classe – anteriormente encarados como conflitantes – em torno de um projeto "nacional democrático e progressista".

Na pertinente avaliação de Carlos Zacarias, a linha política da União Nacional "*foi desenvolvida com a finalidade de, por um lado, barrar o crescimento da influência desses regimes [fascistas] pelo mundo e, de outro, após a deflagração do conflito mundial, com o objetivo precípuo de ganhar a guerra, circunstância em que o*

---

457 Conferencia Nacional de Organização Provisória.

movimento comunista internacional entendeu necessário compor uma grande aliança com os setores ditos democráticos para barrar o avanço da reação pelo mundo."[458]

Entre os anos de 1942 e 1943 as vidas de Graciliano Ramos e Jorge Amado apresentam contornos bastante distintos: enquanto o primeiro desdobra-se entre variadas atividades para garantir o sustento familiar, desempenhando ao mesmo tempo as funções de "*Inspetor de ensino, revisor e cronista, ainda cumpriria a obrigação de escrever contos avulsos (capítulos de Infância e do futuro livro Histórias de Alexandre) para atender nas despesas da casa*"[459], Jorge Amado encontrava-se viajando pela América Latina, em exílio voluntário, iniciado no ano de 1942.

Terras do sem fim

O primeiro romance individual de Jorge Amado no período estudado neste capítulo foi publicado em 1943[460]. *Terras do sem fim*[461] centra seu foco narrativo nas fazendas de cacau, e nas pessoas que estão direta ou indiretamente ligadas à produção

---

[458] Sena Jr., Carlos Zacarias. *Os impasses da estratégia: os comunistas e os dilemas da União Nacional na revolução (im)possível. (1936-1948)*. Recife, UFPE, 2008. (Tese de Doutorado em História), p. 425.

[459] Moraes, Dênis. *O velho Graça – uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p.197.

[460] "Publicados inicialmente na imprensa esboços de capítulos sob o título de *Sinhô Badaró*, em dezembro de 1939, o tema foi retomado, em meados de 1942, em Montevidéu, onde o autor estava exilado, e concluído em Salvador, Bahia, em maio de 1943. / É o segundo romance do "ciclo do cacau" e teve sua 1ª edição lançada em setembro de 1943, com 331 páginas, pela Livraria Martins Editora, São Paulo, "Coleção Contemporânea", capa de Clóvis Graciano, editora que o publicou até 1975. Desde então, vem sendo editado pela Editora Record, Rio de Janeiro, sendo a 63ª edição, 1997, a mais recente, 28ª desta editora, com fixação de texto por Paloma Jorge Amado e Pedro Costa, capa de Pedro Costa com ilustrações de Clóvis Graciano, sobrecapa com reprodução de quadro de Carlos Scliar, ilustrações de Clóvis Graciano em vinhetas por Pedro Costa e foto da sobrecapa de Pedro Oswaldo Cruz. / Teatro: *Terras do sem fim*, adaptação de Graça Melo, encenada pelos Comediantes, Rio de Janeiro, 1947. / Cinema: *Terra violenta*, filme produzido pela Atlântida, Rio de Janeiro, 1948. / Rádio: adaptação pela Rádio São Paulo, São Paulo, 1945 e por Claude Arman-Masson, com o título *Terre violente*, Radiodiffusion Française, Paris, 1950. / Televisão: telenovela *Terras do sem fim*, TV Tupi, Rio de Janeiro, 1966 e Rede Globo de Televisão, 1981, em adaptação de Walter George Durst; na trilha sonora, parceria de Jorge Amado e Dorival Caymmi na música *Cantiga de cego*, interpretada por Caymmi. / Quadrinhos: Editora Brasil-América, Rio de Janeiro, s/data, coleção "Edição Maravilhosa", número 152. / Foi publicado em Portugal e traduzido para o alemão, árabe, búlgaro, chinês, coreano, dinamarquês, eslovaco, esloveno, espanhol, finlandês, francês, hebraico, holandês, húngaro, ídiche, inglês, italiano, polonês, russo, sérvio, sueco, tcheco e turco." *In*: http://www.fundacaojorgeAmado.com.br/obras_jorge/terras2.htm

[461] Amado, Jorge: *Terras do sem fim*. São Paulo: Martins, 1973 (30ª Ed.).

cacaueira (mesmo tema abordado anteriormente pelo autor no romance *Cacau,* analisado no capítulo precedente).

O livro é aberto com uma "homenagem a D. Smôstakovich – compositor e soldado de Leningrado". Na nota de abertura, escrita em agosto de 1942 em Montevidéu, Jorge Amado faz balanço de sua produção, afirmando que, em dez anos de carreira, desde a publicação de "*O país do carnaval*", procurou manter-se coerente, não apenas como escritor, mas, sobretudo, como homem, e fiel a uma linha de conduta baseada na defesa "do povo". Vale à pena a transcrição integral desta nota de abertura para que o próprio autor nos mostre como resume os dez anos iniciais de sua carreira:

> "Há dez anos passados escrevi um romance, pequeno e violento, sobre o mesmo tema do cacau, ao qual volto hoje. Tinha eu então dezenove anos e iniciava minha vida de romancista. Nesses dez anos escrevi sete romances, duas biografias, alguns poemas, centenas de artigos, dezenas de conferências. Nesses dez anos lutei diariamente, viajei, fiz discursos, vivi com meu povo a sua vida. Constato com imensa alegria que uma linha de unidade jamais quebrada liga não só a toda a minha obra realizada nesses dez anos como a vida que durante eles vivi: a esperança - mais que esperança, certeza - de que o dia de amanhã será melhor e mais belo, em função desse amanhã, cuja madrugada já se levanta sobre a noite da guerra nos campos do este (sic) europeu, tenho vivido e escrito. Montevidéu, agosto de 1942"[462]

Esta nota de abertura indica o alinhamento claro, mesmo que não explícito, de Jorge Amado ao comunismo. Ao dedicar seu livro a um revolucionário soviético e ao apontar o Leste Europeu como modelo para a construção de um futuro almejado, faz sua vinculação ao projeto comunista. Além disso, sugere que sua obra não pode ser desvinculada das posições que assume em sua vida pessoal, uma vez que afirma que toda a coerência que busca é aquela que defenda "o povo". Ao assumir-se como um homem do povo e, ao mesmo tempo, apontar a saída comunista como a ideal, procura indicar a seus leitores um caminho a ser seguido, um caminho apontado e reiterado em suas obras.

A narrativa tem início em um navio que parte de Salvador para Ilhéus carregado dos mais variados tipos de personagens que tem suas existências relacionadas ao Cacau – dos coronéis que retornam para suas roças depois de uma farra na Capital; passando

---

462 AMADO, Jorge: *Terras do sem fim*. São Paulo: Martins, 1973 (30ª Ed.), p.13.

pelos malandros e prostitutas que buscam em Ilhéus a possibilidade, de enriquecer com o dinheiro destes mesmos coronéis; aos passageiros da 3ª classe, que fogem da miséria no interior buscando enriquecer com o cacau.

Todos os passageiros da terceira classe compartilham um passado miserável e o sonho de iniciar a vida como trabalhador "alugado" de uma fazenda**,** até que possam comprar a sua própria roça. Esse sonho dos imigrantes já é denunciado como inatingível no início da narrativa. Logo no começo do romance, em um diálogo entre o Capitão do navio que faz o trajeto Salvador-Ilhéus e seu imediato, já é anunciado que o Eldorado dos pobres não existe:

> "(...) Antônio Vitor dormia com um sorriso nos lábios, sonhava talvez com uma fortuna conquistada sem esforço nas terras de Ilhéus, com sua volta a Estância, em busca de Ivone. Sorria feliz.
>
> O comandante parou, olhou para o mulato que sonhava. Virou para o imediato:
>
> - Tá rindo, vê? Vai rir menos quando estiver na mata.
>
> Empurrou com o pé a cabeça de Antônio Vitor, murmurou:
>
> - Me dão pena ...(...)
>
> Por fim o comandante falou:
>
> - Por vezes me sinto como o comandante de um daqueles navios negreiros do tempo da escravidão... (...) Daqueles que em vez de mercadorias traziam negos pra serem escravos ..."[463]

Das personagens desta narrativa dividem-se em grupos distintos: os grandes proprietários de roças de cacau, senhores absolutos de Ilhéus, enriquecendo a cada dia, mandando e desmandando, governando vidas e determinando mortes; a elite urbana, formada por profissionais liberais e comerciantes que lucram indiretamente com a economia do cacau, trabalhadores urbanos e pequenos fazendeiros que gravitam em torno da elite local, bajulando-a; e, por fim, a grande massa formada pelos trabalhadores braçais que trabalham nas fazendas de cacau como "alugados", sempre em dívida com o armazém e impossibilitados de realizar o sonho que os tirou dos mais diversos locais do interior nordestino: enriquecer.

---

[463] Amado, Jorge: *Terras do sem fim*. São Paulo: Martins, 1973 (30ª Ed.), p.48.

Essa massa enorme de trabalhadores é tratada por Jorge Amado com doçura. A armadilha que os aprisionou – esse sonho dourado que os atraiu para matas fechadas por doenças e perigos –, e a crueldade de seus patrões são, a todo momento, motivo da denúncia do autor, como fica claro desde a passagem do início da narrativa em que o personagem do capitão do navio os compara a escravos.

Os grandes coronéis do cacau são representados nessa narrativa por dois pólos rivais: o da família Badaró, comandada por Sinhô, e o do Coronel Horácio da Silveira. Esses lados antagônicos representam o extrato dos maiores produtores de cacau da região e, à sua volta, gravitam outros grandes proprietários que, em um jogo de alianças políticas, que se estendem e que controlam toda a zona cacaueira.

O cerne da narrativa é a disputa entre os dois grupos pelas matas ainda virgens de Sequeiro Grande, promessa para plantações futuras, disputadas violentamente entre os dois grupos antagônicos. Esses produtores de cacau haviam sido pioneiros daquela terra. Derrubando as matas onde plantaram os primeiros pés da fruta e fazendo a sua fortuna, foram a primeira geração a iniciar o plantio de cacau e a realmente enriquecer com ele. Os dois grupos representam a elite cacaueira, pessoas enriquecidas pelo cacau e que servem como exemplo, para os nordestinos que sonham com um futuro melhor, do homem que sozinho, com a força de seu trabalho, conseguiu enriquecer.

No entanto, Amado deixa claro que esta promessa morreu com aquela geração. Todos os que chegaram depois a Ilhéus estariam fadados a uma vida miserável como trabalhadores desses mesmos grandes proprietários ambiciosos, cegos por uma febre de riquezas que não acaba nunca, sedentos por terras, explorando os homens, matando ou morrendo pelo cacau. Assim, mesmo já tendo conseguido uma riqueza maior do que a esperada, continuam querendo mais e mais terras.

Os representantes desta elite são apresentados por Jorge Amado como homens de perfil destemido e violento, dispostos a tudo para impedir que qualquer coisa ou pessoa se interpusesse entre ele e a possibilidade de aumento de suas roças de cacau. Um exemplo deste tipo de personagem é o Coronel Horácio, que é descrito como antigo

tropeiro de burros que havia feito fortuna na exploração do cacau e que não perdoava quem o impossibilitasse de continuar aumentando sua fortuna[464].

Os coronéis da trama aparecem como criaturas cruéis e violentas, praticando todo tipo de atrocidades contra os roceiros, adquirindo ilimitadamente terras, com objetivo claro de acumular cada vez mais, até que entram em disputa direta pelas terras de Sequeiro Grande, fronteiriça dos dois latifúndios. Será a ganância desmedida que selará o destino desses dois clãs na trama: os Badaró são arruinados e o Coronel Horácio perde a mulher e a vontade de viver (mas nunca a vontade de acumular mais roças de cacau).

Se o romance escrito por Jorge Amado na década de 1930, *Cacau*, enfoca principalmente os trabalhadores, este romance tem como centro da narrativa os grandes proprietários e as crueldades de que são capazes em sua "febre do ouro". A luta sangrenta entre os latifundiários pelas terras de Sequeiro Grande, que vitimou trabalhadores, jagunços e até coronéis encontra seu clímax nos 2 últimos parágrafos do romance:

> "Cinco anos demoravam os cacaueiros a dar os primeiros frutos. Mas aqueles que forma plantados sobre a terra de Sequeiro Grande enfloravam no fim do terceiro ano e produziam no quarto. Mesmo os mais velhos fazendeiros que entendiam de cacau como ninguém, se espantavam do tamanho dos cocos de cacau produzidos, tão precocemente, por aquelas roças.
>
> Nasciam frutos enormes, as árvores carregadas desde os troncos até os mais altos galhos, cocos de tamanho nunca visto antes, a melhor terra do mundo para o plantio do cacau, aquela terra adubada com sangue"[465]

Histórias de Alexandre

Publicado em 1944, o livro seguinte de Graciliano Ramos é um livro voltado para o público infanto-juvenil, escrito especialmente para participar de um concurso[466].

---

464 "Acusavam o Coronel Horácio de três mortes e de três mortes bárbaras. Dizia o processo que não contente de ter matado um dos homens, cortara-lhe as orelhas, a língua, o nariz e os ovos.(...) Todos sabiam que ele o havia praticado. Fora uma questão de contrato de cacau." *In:* Amado, Jorge: *Terras do sem fim*. São Paulo: Martins, 1973 (30ª Ed.), p.50.

465 Amado, Jorge: *Terras do sem fim*. São Paulo: Martins, 1973 (30ª Ed.), p286.

Histórias de Alexandre[467] contém uma história da República[468] para crianças que convém ser analisada. No texto, o autor narra de forma episódica e recheada dos grandes nomes que figuram em qualquer manual de história pátria, os eventos que levaram à proclamação da república e sua existência até a década de 1930. A história é mostrada de forma simples, como se o suceder de fatos, desencadeados pela vontade de uns poucos homens, tivesse se passado de forma simples. No entanto, mesmo que acomodada em livro voltado para o público infanto-juvenil, esta narrativa não está livre das observações secas do autor. Comentando os efeitos da abolição da escravatura, mostra, primeiro, seus efeitos sobre os antigos donos de escravos, para depois, comentar:

> "A abolição trouxe, é claro, um grande assanhamento nas senzalas. Os negros dançaram, cantaram, praticaram excessos e saíram sem destino, meio doidos. Não precisavam esconder-se. Podiam andar pelos caminhos sem a ameaça do capitão-do-mato e castigo no tronco (...) A alegria tumultuosa dos negros foi substituída por uma vaga inquietação. Escravos, tinham a certeza de que não lhes faltaria um pedaço de bacalhau, uma esteira na senzala e a roupa de beata com que se vestiam; livres, necessitavam prover-se dessas coisas – e não se achavam aptos para obtê-las.
>
> A gratidão dos negros a D. Isabel, a princesa que lhes deu a alforria, esfriou bastante, passadas as manifestações excessivas de maio de 88."[469]

Este comentário, é reforçado pela história de uma negra velha que, num primeiro momento, decide permanecer servindo na cozinha dos antigos donos, mas que, diante da postura ainda escravocrata destes, um dia, em um rompante, declara, antes de arrumar as trouxas e partir da fazenda: "*Cativeiro já se acabou, Sinhá. Agora é tão bom como tão bom*"[470] O problema é que além da trouxa e da suposta liberdade a negra velha não tem mais nada. Ante a fome e a miséria, retorna à fazenda para lá morrer. Graciliano

---

466 "1ª Edição: 1962 / Gênero: Contos e outros / Última edição brasileira: 53ª (2008)" *In*: http://www.graciliano.com.br/obras_alexandre.html

467 Ramos, Graciliano, *Histórias de Alexandre.* Rio, São Paulo: Record, Martins, 1975 (12ª ed.).

468 Assim como a parte principal deste livro – Histórias de Alexandre – o texto de *A pequena história da república* já estava escrito há algum tempo. Elaborado em 1942, Graciliano pensou em utilizá-lo em um concurso do MEC, tendo sido dissuadido por seus amigos, que temiam que o texto fosse tomado como uma provocação por parte do governo, o que poderia acarretar nova prisão do escritor. *In:* Moraes, Dênis. *O velho Graça – uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p.197.

469 Ramos, Graciliano, *Histórias de Alexandre.* Rio, São Paulo: Record, Martins, 1975 (12ª ed.), p.127-128.

470 *Idem, ibdem,* p. 127.

coroa o final da história desta negra, que serve de forma metonímica para falar do destino da maioria dos negros depois da abolição, com o comentário irônico *"–Tão bom como tão bom"*[471]

Outro momento em que a acidez do autor fica patente é quando comenta o jogo político durante o período Imperial, baseado no revezamento de poder entre dois partidos que, de fato, pouco difeririam entre si:

> "Em geral, essas personagens se filiavam num dos dois grandes partidos que aqui brigavam: o liberal e o conservador. Um deles dirigia os negócios públicos. O outro, na oposição, dizia cobras e lagartos dos governantes, até que estes se comprometiam e S.M. os derrubava e substituía pelos descontentes, que eram depois substituídos. Os programas dessas facções divergiam, é claro, mas na prática eles se assemelhavam bastante.
>
> E como apenas duas se revezavam no poder, facilmente se tornavam conhecidas e não inspiravam confiança.
>
> Na verdade só os cidadãos importantes, pais e avós dos cidadãos importantes de hoje e de outros que não são importantes, se alistavam convictos nesses partidos. As criaturas vulgares permaneciam indiferentes ou iam para onde as empurravam"[472]

A proclamação da República é descrita como uma transição pacífica, absolutamente livre de rupturas e excessos. A elite no poder manteve sua posição de destaque, não havendo, de fato, qualquer transformação relevante no cenário político nacional. A mudança da Monarquia para a República conservou no poder o mesmo grupo há muito acostumado a mudar de posições quando necessário:

> "De fato, não havia motivo para receio. Na corte, mudada em capital federal, pelo decreto nº 1, que instituía a república federativa, ninguém se mexeu para levantar o trono, e da província choveram adesões: os dois grandes partidos, o liberal e o conservador, em geral, se mostraram absolutamente republicanos. Foi, pois, num ambiente de tranqüilidade que surgiram os primeiros atos do novo Governo"[473]

---

471 Ramos, Graciliano, *Histórias de Alexandre.* Rio, São Paulo: Record, Martins, 1975 (12ª ed.), p.128.

472 *Idem, ibdem*, p. 125.

473 *Idem, ibdem,* p. 135.

A história da República contada por Graciliano é composta por vários pequenos textos que abordam assuntos importantes que marcaram o processo de construção e consolidação do regime republicano. É interessante notar que os títulos destes textos, que fazem às vezes de capítulos, colocam em destaque, na maior parte do tempo, os nomes dos presidentes, no entanto, episódios como o de Canudos também merecem destaque. Vamos aos títulos: "as coisas", "os homens", "os antigos senhores", "os antigos escravos", "os padres", "os militares", "a propaganda", "a conspiração", "15 de novembro", "não matem o barão", "está preso, está solto, está preso de novo", "não sou negro fugido", "o novo governo", "primeiras dificuldades", "a constituinte", "derrubada", "colheita de tempestade", "nova derrubada, novos descontentamentos", "revolução no Rio Grande", "Prudente de Morais", "Canudos", "o assassino político", "Campos Sales", "não obrigo ninguém a ser patriota", "liquidações", "Rodrigues Alves", "a febre amarela", "publicidade", "um bom negócio", "a varíola", "desvantagem e vantagem", "Afonso Pena", "o Marechal Hermes", "a revolta dos marinheiros", "oligarquias", "Wenceslau Brás", "uma reedição de Marcelino Bispo", "diversas trapalhadas", "uma eternidade", "Epitácio Pessoa", "1922", "5 de julho", "o centenário", "Artur Bernardes", "o segundo 5 de julho", "Washington Luís" e "1930".

De maneira geral, Graciliano é bastante moderado na história da República que pretende contar ao seu pequeno leitor. No entanto, faz uso de ironia ferina para narrar eventos espinhosos, como os acontecimentos de 1922. Utilizaremo-nos deste capítulo, aqui transcrito na íntegra, para mostrar o estilo com que esse tipo de combinação de eventos – revoltas militares, agitação operária e fundação do PCB, emergência dos modernistas – é tratado pelo autor:

> "Em começo de 1920 vários municípios sertanejos da Bahia sublevaram-se. Para evitar luta, o Governo contemporizou, entrou em combinações com os chefes rebeldes.
>
> Em março ocorreram na Capital Federal manifestações de operários, logo abafadas severamente. 1921 principiou com agitações deste gênero: greves dos trabalhadores marítimos, greve dos operários de construção. E o desassossego aumentou durante a campanha de sucessão, culminou em 1922 com demonstrações de indisciplina e revolta.
>
> É curioso notar que isso não ficava apenas em comícios, com discurso e tiro. Havia indisciplina em toda parte: nos quartéis, nas fábricas, nos atelieres, nos cafés, nos quartos de pensão onde sujeitos escrevem. E a revolta, meio indefinida,

> tomando aqui uma forma, ali outra, manifestava-se contra o oficial, que exige a continência, e contra o mestre-escola, que impõe a regra. A autoridade perigava.
>
> Afastou-se o pronome do lugar que ele sempre tinha ocupado por lei. Ausência de respeito a qualquer lei.
>
> Com certeza seria melhor deslocar o deputado, o senador e o presidente. Como esses símbolos, porém, ainda resistissem, muito revolucionário se contentou mexendo com outros menos modestos. Não podendo suprimir a constituição, arremessou-se à gramática."[474]

Esse pequeno capítulo nos dá uma mostra de como Graciliano Ramos descreve (para seu público de miúdos?) uma série de transformações que marcou a sociedade brasileira a partir da década de 1920. O interessante deste trecho é perceber que, em seu o discurso seco e irônico, o escritor associa o modernismo a um sentimento de descontentamento generalizado que fazia com que o poder estabelecido fosse incisivamente questionado, nos mais diversos *locus* e nas mais distintas camadas da sociedade brasileira. Perceber essa leitura que o escritor faz, entre o deboche e a galhofa, do modernismo, e constatar que, na sua história repleta de grandes nomes, há também espaço de destaque para as manifestações organizadas dos trabalhadores, nos ajudam a compreender a leitura que Graciliano sobre esses processos.

São Jorge dos Ilhéus

No mesmo ano de 1944, Jorge Amado lança um novo romance[475] *São Jorge dos Ilhéus*[476], que serve como continuação de seu romance anterior, *Terras do Sem Fim*. O próprio autor, na nota de abertura afirma que:

---

[474] Ramos, Graciliano, *Histórias de Alexandre.* Rio, São Paulo: Record, Martins, 1975 (12ª ed.), p.163.

[475] "Continuação de *Terras do sem fim,* o romance foi concluído em Periperi, subúrbio da Capital baiana, em janeiro de 1944 e sua 1ª edição é de junho de 1944, pela Livraria Martins Editora, São Paulo, capa de Clóvis Graciano, 363 páginas. Posteriormente, passou a integrar, como sétimo tomo, volume IX, as "Obras Ilustradas de Jorge Amado", com ilustrações de Frank Schaeffer, até a 28ª edição, 1975. A partir de então, vem sendo publicado pela Editora Record, Rio de Janeiro, sendo a 52ª edição, 1999, a mais recente, com fixação de texto por Paloma Jorge Amado e Pedro Costa, capa de Pedro Costa com

> ”Na verdade este romance e o anterior, *Terras do sem fim,* formam uma única história: A das terras do cacau no sul da Bahia. Nesses dois livros tentei fixar, com imparcialidade e paixão, o drama da economia cacaueira, a conquista da terra pelos coronéis feudais no princípio do século, a passagem das terras para as mãos ávidas dos exportadores nos dias de ontem.
>
> E se o drama da conquista feudal é épico, o da conquista imperialista é apenas mesquinho, não cabe culpa ao romancista. Diz Joaquim que a etapa que está por vir será plena de heroísmo, beleza e poesia, e eu o creio. (...).
>
> A última parte desse livro, é o começo de um novo romance que os homens do cacau estão vivendo dramaticamente, e que eu não sei quem escreverá.”[477]

Declarando que pretende oferecer ao público uma história narrada com “imparcialidade e paixão”, Jorge Amado apresenta o seu segundo capítulo das terras do cacau. A história da economia cacaueira no sul da Bahia é romanceada pelo autor, que a divide em três fases distintas: a primeira seria próxima do modo de produção feudal, a segunda do modo de produção capitalista e a terceira, ainda apor vir, será aquela em que for instalado, como espera o autor, o modo de produção socialista.

É interessante notar que na própria escolha de estruturação de sua trama, Amado parte de uma leitura do marxismo[478] propagado pelo Partido Comunista, para a explicação dos tempos diferentes que constituem as duas narrativas, *Terras do sem fim* e *São Jorge dos Ilhéus*.

Aqui fica claro que a leitura de mundo do autor está de tal maneira permeada pela visão comunista que se torna difícil não levar em conta sua perspectiva marxista[479] ao se fazer uma análise dessas obras. Para o autor, a estruturação desses romances passa por uma leitura da história do Brasil feita através daquilo que ficou conhecido

---

ilustração de Frank Schaeffer, ilustração da sobrecapa de Di Cavalcanti, ilustrações de Frank Schaeffer, retrato do autor por Jordão de Oliveira, vinhetas de ilustrações de Frank Schaeffer por Pedro Costa, foto por Zélia Gattai. / Rádio: novela *São Jorge dos Ilhéus*, Rádio São Paulo, São Paulo, 1946. / Quadrinhos: Editora Brasil-América, Rio de Janeiro, coleção “Edição Maravilhosa”, volume 174, Rio de Janeiro, s/ data. / Foi publicado em Portugal e traduzido para o alemão, árabe, búlgaro, chinês, eslovaco, esloveno, espanhol, finlandês, francês, hebraico, holandês, húngaro, inglês, italiano, japonês, lituano, moldávio, polonês, romeno, russo, sueco, tcheco, turco e turcomano.” *In*: http://www.fundacaojorgeAmado.com.br/obras_jorge/sao_jorge2.htm#historico

476 Amado, Jorge: *São Jorge dos Ilhéus*. São Paulo: Martins, s.d..

477 *Idem, ibdem*, p.6

478 Trata-se por certo de uma transposição do modelo quatripartista de evolução dos modos de produção difundido pela vulgata stalinista. Uma análise crítica desse modelo pode ser encontrada em Chesneaux, Jean. *Devemos fazer tábula rasa do passado?* São Paulo, Ática, 1995.

479 De um tipo de interpretação marxista feita e difundida pelo Partido Comunista à época de escrita.

como marxismo ortodoxo, versão que grassava na perspectiva do marxismo-leninismo de Stálin adotada pelo partido. De acordo com essa leitura, no Brasil verificava-se a persistência de estruturas feudais no campo, o que teria impedido a completa instalação do capitalismo. Para Jorge Amado, esse processo poderia ser descrito como um desenvolvimento linear dividido em três tempos: feudalismo, capitalismo e socialismo. Para a descrição do tempo do feudalismo, escreve *Terras do sem fim,* depois, para descrição de uma a fase de produção capitalista, escreve outro romance, *São Jorge dos ilhéus.* Deixa para tempos vindouros a história que se passaria quando finalmente o Brasil houvesse alcançado o socialismo.

A luta sangrenta pela posse da terra, que serviu de alimento para a escrita da primeira narrativa, é substituída por um outro tipo de disputa, menos belicosa mas não menos cruel, neste segundo romance: a disputa se processa no campo das jogadas legais, das maquinações financeiras e de todos os outros artifícios utilizados pelas firmas exportadoras, representantes de interesses internacionais para tomar posse das fazendas produtoras de cacau.

Se no livro anterior Jorge Amado condenou a ganância sem limites dos grandes fazendeiros, não deixou de mostrá-los, ao mesmo tempo, como criaturas um tanto quanto ingênuas com relação ao jogo político das grandes cidades e despreparadas para lidar com qualquer outra questão que não o acúmulo de terras. Esse retrato feito no livro anterior não deixa de ser temperado por algumas considerações que procuram fazer com que os leitores percebam certa firmeza de caráter destes homens que não deixam de ser produtos de um sistema que faz com que entendam que só pela riqueza e pela posse de terras se fazem poderosos. Esta descrição não deixa de conter um certo fascínio pelas tramas de sangue em que se envolvem para satisfazer sua ânsia de acúmulo. São coronéis do interior. Rudes e matutos, mas capazes de grandes gestos de amor, capazes de estabelecer entre si regras de combate – por mais questionáveis que estas sejam – e laços de fidelidade e amizade. No segundo livro, que se propõe a continuá-lo, os mesmos coronéis que roubaram as terras de Ilhéus com o sangue de seus jagunços, trabalhadores e adversários, aparecem como presas fáceis dos interesses daqueles que representam o capitalismo imperialista: as firmas exportadoras, verdadeiras senhoras de mercados e cotações, controladoras dos destinos dos homens.

Carlos Zude, exportador de cacau é peça central desta narrativa, que mostra como a região cacaueira conheceu rápido desenvolvimento nos 30 anos que a separam da narrativa anterior, descreve da seguinte forma os coronéis, antigos donos da região: *"São como crianças tímidas"*[480.]

Neste segundo livro da série encontramos personagens de destaque na trama vinculados ao pensamento marxista e/ou ao partido comunista. Com formação marxista, o poeta Sérgio Moura é apresentado pelo autor da seguinte maneira:

> "Um canário se chamava Karl Marx, o que era, sem dúvida um escândalo na Associação Comercial de Ilhéus
>
> O poeta era lido em Marx e nos economistas revolucionários. Em que era mesmo que Sérgio Moura não era lido?
>
> Viera para Ilhéus de uma cidade ainda menor, onde exercia um miserável posto público. Viera para trabalhar no *Diário de Ilhéus*, o primeiro dos jornais diários fundados na cidade. Mas pouco demorara no jornal, não era ambiente para ele. O lugar de chefe da secretaria da Associação Comercial lhe dava não só um ordenado suficiente para as suas ambições de elegância, como lhe possibilitava ler em paz e escrever. Foi assim que o poeta Sérgio Moura se fez um dos mais profundos conhecedores do marxismo de todo o estado. De certa maneira era um conhecimento inútil, já que o poeta o guardava para si, não o utilizava. Nunca aparecera, por exemplo, nas reuniões realizadas em casa de Edison, um sapateiro que residia na Ilha das Cobras. Porém essas leituras tiveram efeito sobre a poesia de Sérgio, que abandonou os sonetos de ricas rimas, de alexandrinos bem medidos, pelos poemas de ritmo largo e sonoro, de conteúdo profundo. Era curioso como sua ação revolucionária não tinha nenhuma importância propriamente sobre Ilhéus e como tinha uma certa importância sobre os meios de intelectuais jovens das grandes cidades do país. Um poema de sua autoria, *Duas festas no mar*, fizera sucesso no Rio, São Paulo e Recife. Narrava que no mar, certa vez, caíra um livro de Freud e por esse motivo "houve uma festa no mar". As sereias arrancaram as caudas de peixe, se deram ao amor sem complexos. Depois, noutro dia, foi um livro de Marx que caiu no mar. Houve outra festa. Os peixes todos se reuniram e foram juntos ao palácio do Rei do Mar, que era o tubarão, e o mataram e depois juntos foram livres sob as águas. Era assim a poesia de Sérgio Moura." [481]

O poeta aparece no início da narrativa como um marxista que não vivia a *práxis* comunista. Tendo sido um dos poucos leitores de Marx no estado da Bahia, não se aproximava de nenhuma entidade organizativa dos trabalhadores e evitava qualquer tipo de confronto com a burguesia. Isolava-se na sede da Associação Comercial para ler,

---

480 Amado, Jorge: *São Jorge dos Ilhéus*. São Paulo: Martins, s.d., p.9.

481 *Idem ibdem,* p. 37-38

escrever, criar canários e cultivar orquídeas. A maior aplicação do marxismo na sua vida estava na negação de uma poesia elitista e esvaziada de significados maiores do que as acrobacias estéticas, para adotar uma poesia com linguagem simples e "*temas profundos*", ou então, *"se dedicara ao folclore e fazia longos poemas sobre motivos populares da terra do cacau"*[482]. Já na apresentação do personagem é aparente um tom de reprovação com que o narrador comenta estas atitudes do poeta, deixando implícito que o autor não aprova que a teoria marxista venha descolada da *praxis* militante.

Mas como já foi apontado na passagem acima, o comunismo em Ilhéus não se encontrava restrito a intelectuais diletantes. Jorge Amado indica que havia uma verdadeira organização proletária na região, o Partido Comunista do Brasil.

A referência às reuniões das quais o poeta não participava como, por exemplo, as realizadas na casa do sapateiro Edison na Ilha das Cobras, indica que neste romance o autor pretende mostrar a atuação partidária como imprescindível e verdadeiro instrumento de transformação da classe trabalhadora:

> "A região do Partido Comunista, de que Ilhéus era cabeça, reunia no seu seio, além de agrônomo, de choferes, de um empregado no comércio, de um sapateiro e um professor, a operários da fábrica de chocolate, do porto e das estradas de ferro e de rodagem. Eram células fortes, capazes, valentes e combativas, mas não tinham ainda conseguido conquistar os trabalhadores das fazendas , cuja ignorância era tamanha, que muitos deles não sabiam sequer se estavam na república ou na monarquia . Alguns pensavam que Pedro II reinava ainda no Brasil. Nunca chegara a funcionar nenhuma célula de campesinos, como era o ardente desejo dos dirigentes.
>
> Um deles passara seis meses numa fazenda como trabalhador de enxada e reunira com dificuldade quatro ou cinco elementos. Mas apenas voltou, a célula deixou de trabalhar. Aqueles homens que não sabiam ler nem escrever, que vinham das lutas pela conquista da terra, muitos deles tinham um misto de camponeses e assassinos, tinham certa apatia diante da miséria que os dobrava como escravos. Só uma palavra chegava a interessá-los vivamente: Terra".[483].

---

482 Amado, Jorge: *São Jorge dos Ilhéus*. São Paulo: Martins, s.d.. p.39

483 "Além do Partido Comunista (que nunca era contado entre os partidos existentes, já que era rigorosamente ilegal) existiam o partido do governo e o da oposição e a Ação Integralista, que era o partido fascista, sustentado, segundo diziam, pelas casa exportadoras. A Ação Integralista tinha em Ilhéus um de seus núcleos mais fortes do País." In: Amado, Jorge: *São Jorge dos Ilhéus*. São Paulo: Martins, s.d., pp 49-50.

Na descrição do Partido Comunista em Ilhéus, Jorge Amado não é nada econômico. O partido, sediado em Ilhéus, apesar de clandestinamente, abrigava, em seu seio, diversos representantes da classe trabalhadora, em sua maioria trabalhadores braçais (à exceção do agrônomo e do professor), e era organizado em células "*fortes, capazes, valentes e combativas*". Fica claro que para o autor esses são os verdadeiros representantes da aplicação da teoria marxista, pessoas que, a despeito do perigo, organizam-se para lutar pela revolução. Pessoas – a exemplo do dirigente que por seis meses trabalhou como alugado em uma fazenda de cacau, objetivando a formação de uma célula camponesa do Partido – dispostas a todos os sacrifícios para acabar com a miséria e opressão a classe trabalhadora. Os trabalhadores rurais, porém, eram, na visão do narrador, ainda muito "ignorantes" para se conscientizarem da correção das teses propostas pelo partido.

Outra força política também é apresentada neste trecho da obra: Os integralistas. Antagonistas dos comunistas, representam os interesses fascistas que, financiados pelas firmas exportadoras de cacau, fazem de Ilhéus um de seus mais fortes locais de atuação. Jorge Amado contrapõe comunistas e integralistas, em uma disputa que se estende ao longo da trama. Em uma passagem em que explica como era a Ilha das Cobras, se utiliza do recurso de evidenciar esta oposição:

> "Aqui, na Ilha das Cobras, viviam os operários da estrada de rodagem, muitos ferroviários, alguns da fábrica de chocolate, carregadores do porto, estivadores das docas. Alguém , num discurso, certa vez chamou a Ilha das Cobras de "Bairro Vermelho" e não queria se referenciar à cor de barro das casas e do chão, mas sim aos sentimentos de seus habitantes [484]. Um integralista não se aventurava a ir, mesmo de dia, à Ilha das Cobras. Existia uma história célebre: Certa vez, no início do movimento integralista, os camisas verdes resolveram fazer, num domingo à tarde, um comício para os operários residentes na Ilha das Cobras. (...) Vestiam camisas verdes com o sigma, pararam na pracinha que existia no centro da Ilha, levantaram os braços, gritando anauês. Os operários foram chegando, rodearam a tribuna improvisada. O comício começou, apenas começou.

[484] Mais adiante, no romance *Os subterrâneos da liberdade,* Jorge Amado diz que o porto de Santos era conhecido o "porto vermelho". É interessante notar como a partir de um momento de sua produção, o partido comunista parece ganhar destaque nas narrativas. Se antes parecia estar relegado ao final apoteótico da trama quando o protagonista encontrava a superação da situação de opressão que conhecera e passa a lutar de forma organizada pela transformação social, a partir deste romance já aparece ao longo das narrativas, sempre como referência a uma organização que se faz presente e atuante, a despeito das adversidades. Como nos casos de ilhéus de *São Jorge dos ilhéus* e de Santos de *Os subterrâneos da liberdade*.

> Narraram as crônicas que voltaram em marcha forçada ("Corrida desabalada" dizia o poeta Sérgio Moura)"[485].

Este episódio, como é relatado mais adiante, resultou na prisão de 17 moradores da ilha das Cobras acusados pelo governo de serem "extremistas". A perseguição policial não foi, no entanto, suficiente para amedrontar ou desestimular os moradores do bairro proletário:

> "Alguns daqueles dezessete que foram levados pela polícia ainda cumpriam pena na penitenciária da Bahia. Joaquim fora mandado para o Rio. A maioria voltou para a Ilha das Cobras. Traziam nas costas marcas de caos de borracha. Os habitantes da Ilha das Cobras, como bons ilhenses, se orgulhavam de que os presos dali não haviam soltado uma só palavra, a polícia nunca conseguira descobrir os verdadeiros responsáveis por aquelas duas bombas que explodiram uma noite na sede integralista. Diziam que os presos ilhenses apanhavam sorrindo."[486].

Os verdadeiros heróis deste romance são os membros do Partido Comunista, muito embora não sejam seus protagonistas. Os homens do partido são os mais íntegros, os mais valentes, os mais enaltecidos pelo autor. Um destes homens é Joaquim, apontado como a principal liderança operária, e como aquele que mais sofre com as perseguições da polícia.

> "O partido é o seu lar, sua escola, sua razão de vida. Muito pouca gente sabe que Joaquim um dia pensou em se suicidar (...) Um dia embarcou de marinheiro e viajou outras terras. Quando voltou sabia de coisa que jamais pensara possíveis, aprendera mistérios que resolviam o destino do mundo. Não se envaideceu. (...)
>
> Mas a sua educação só se ampliou realmente nos meses de prisão, no Rio. Fora preso na Ilha das Cobras, na sua ficha ia um adendo: 'Perigoso'. Mandaram-no então para o Rio onde as prisões estavam cheias. Ali estudou, estudou não apenas política e economia, numa ânsia terrível de saber, mas estudou as coisas mais primárias também, gramática, geografia, rudimentos de francês. Tinha uma inteligência clara e viva, uma facilidade assombrosa de aprender. Os outros souberam ver o quanto aquele jovem poderia ser útil e não perderam tempo com ele. Quando voltou para a Ilha das Cobras era o mesmo Joaquim, calado e terno, amigueiro e modesto, mas era também um homem, um homem que sabia o que queria e o que deveria fazer".[487]

---

485 Amado, Jorge: *São Jorge dos Ilhéus*. São Paulo: Martins, s.d., p. 107.

486 *Idem, ibdem*, p.109.

487 *Idem, ibdem*, pp.111-112.

Joaquim é descrito por Jorge Amado como um exemplo típico do comunista: homem do povo, de origem humilde cujo único bem que possui é sua ânsia de transformação. Um homem dedicado a uma causa, e disposto a tudo sacrificar em prol do bem comum, como um homem excepcional, forte e destemido, inquebrável. Mas não só Joaquim receberá uma descrição tão generosa por parte do autor, seus companheiros de militância também aparecem como guerreiros dispostos ao sacrifício pela causa, muito embora sejam descritos de forma menos enfática do que o grande herói do romance:

> "Como explicar aos companheiros que o esperam toda a máquina do capitalismo trabalhando? Joaquim pensa nos companheiros com carinho. São uns poucos homens, pobres e fracos, incultos muitos deles, alguns mal sabem ler, mas se propõem a mudar o destino do mundo, 'virar pelo avesso' a terra toda, como dizia canhoto na prisão. É uma tarefa descomunal e nova, exige-se a vida inteira de cada um. Joaquim sente um certo orgulho a lhe fazer o coração bater mais rápido."[488]

A percepção das classes dominantes sobre o comunismo é apresentada, no entanto, de forma bastante diversa pelo autor. Os comunistas aparecem aí como o fantasma que assombra a sociedade cacaueira, como o inimigo comum de todos os proprietários, exportadores e outros membros da elite de Ilhéus.

> "Concorriam os propalados boatos de que 'os comunistas estavam se fortalecendo e tomariam o poder'. Para os coronéis a palavra comunismo tinha um trágico significado. Viam logo as filhas prostituídas, as terra tomadas, um caos inimaginável. E os integralista exploravam admiravelmente o fato, espalhando notícias espantosas: 'os comunistas iam tomar as terras de todo mundo como tinham feito na Rússia e botar os coronéis na enxada'; 'O general Luís Carlos Prestes estava no Brasil, escondido em alguma parte, planejando a revolução comunista'. Por mais absurdos que fossem os boatos, os coronéis não os discutiam. Tinham vagas notícias sobre os comunistas, liam por vezes volantes que pediam maior salário para os trabalhadores, sabiam que na Ilha da Cobras existiam sujeitos capazes de tudo. Era um horror. E davam dinheiro para os integralistas, mesmo quando pertenciam aos tradicionais partidos políticos do governo e da oposição. Porque numa coisa estavam de acordo todos: Os fazendeiros, os exportadores, os padres, os comerciante, era a necessidade combater o comunismo. Era a única coisa que os coronéis temiam naquele

---

488 Amado, Jorge: *São Jorge dos Ilhéus*. São Paulo: Martins, s.d, p.113.

> primeiro ano da alta, quando Ilhéus se transformava num El-dourado e o cacau na melhor lavoura do país."[489]

Amado faz questão de frisar a oposição clara entre estes dois campos antagônicos: de um lado os interesses da burguesia, de outro os interesses dos trabalhadores. Na evidenciação da luta de classes na sociedade cacaueira, os comunistas aparecem como arautos e defensores dos interesses dos segundos e é através das lentes do medo que são vistos pelas duas frações da classe burguesa em disputa – produtores e exportadores de cacau, embora em poucos pontos estes dois grupos apresentem convergência.

Durante toda a disputa pelas terras do cacau entre os antigos Coronéis e os exportadores, travada na cidade de Ilhéus, os protagonistas da trama não são os comunistas – tão valorizados em descrições enaltecedoras por Jorge Amado, mas sim representantes dessas duas frações de classe. Na disputa travada com novas regras, nada semelhantes às utilizadas no romance anterior, os vencedores são os exportadores, representantes do capital internacional. No entanto, para Amado, como anunciado anteriormente na abertura do livro, o tempo do protagonismo comunista não estava distante.

Redemocratização

Tanto a conjuntura internacional – de vitória dos aliados na Segunda Guerra Mundial, com participação efetiva e crucial dos Soviéticos e Estadunidenses na mesma frente de luta – quanto uma maior mobilização interna – que passa a exigir que a defesa da democracia e que a luta contra ditaduras fascistas não seja apenas um projeto de política internacional do Brasil, mas que haja, também, internamente, a defesa e garantia destes mesmos ideais – favorecem uma grande manifestação popular em torno das bandeiras da redemocratização e do fim do Estado Novo. É nesse contexto, que o PCB retorna à legalidade e passa a fazer parte do jogo político oficial.

---

489 Amado, Jorge: *São Jorge dos Ilhéus*. São Paulo: Martins, s.d,, p.158.

Nesse cenário, podemos perceber a transformação da participação do partido que atinge o patamar de um partido de massas a partir de 1945. A análise do número de filiados ao partido nos primeiros anos dos anos 40, serve como indicativo do resultado desta política: *"de cem militantes na ativa em 1942 passa a quase três mil em 1942/43, indo para cinqüenta mil em 1945 a quase duzentos mil no ano seguinte"*[490]. Dentre os novos militantes, destaca-se a afluência de muitos artistas e intelectuais que passam a fazer parte dos quadros do partido.

Percebe-se, portanto, que o ano de 1945 representa para o partido a consagração de sua política de coalizão de classes, política essa que vinha sendo desenvolvida desde a Conferência da Mantiqueira, em 1943, em concordância com as orientações do VII Congresso Internacional Comunista. Essa consagração pode ser entendida como resultado de uma conjuntura internacional em que o regime comunista passa a ser reconhecido como um dos principais artífices da vitória dos aliados contra o nazi-fascismo, e como resultado, também, de um esforço interno para ampliar ao máximo sua penetração social. Esse esforço priorizou a utilização de palavras de ordem como "democracia", "progresso", "independência nacional" e "luta contra o fascismo", bem como priorizou a alteração na forma como se dirigia à base em seus textos e discursos. Observa-se uma sistemática substituição de vocativos: se antes os oradores e os textos do partido se dirigiam à classe "operária", "trabalhadora" ou "proletária", passam, gradualmente a dirigir-se ao "povo" ou aos "brasileiros". Esta nova forma de de comunicar-se com a massa indica outra marca importante deste período, que é a utilização de um discurso patriótico que defendia "a pátria" e "o desenvolvimento nacional".

É tal a conjugação de fatores internos e externos que resultou em um afluxo de novos filiados, fazendo com que, pela primeira vez em sua história o PCB se tornasse um grande partido. Dentro deste quadro, conforme já abordamos no primeiro capítulo, foi de fundamental importância a presença de Luis Carlos Prestes como pólo de atração de grandes multidões. Através do "cavaleiro da esperança" o partido consolidou e ampliou sua penetração em setores da sociedade antes resistentes ao comunismo. Uma das formas mais utilizadas pelo partido para garantir esse novo cenário de proximidade

---

[490] SEGATTO, José Antonio. *Breve história do PCB.* Belo Horizonte: Oficina de livros, 1989.p.56; citado por ARAUJO, Monica da Silva. *A arte do partido para o povo: o realismo socialista no Brasil e as relações entre artistas e o PCB.* Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. Dissertação de mestrado, p.32.

às massas era a organização de grandes comícios em que sua estrela maior discursava. Luis Carlos Prestes, recém saído da prisão, era a garantia de multidões lotando estádios de futebol.

Em seus discursos, Prestes reafirmava a política de união nacional, clamava pela coligação das forças progressistas nacionais e instava pelo combate a todas as forças fascistas que ainda remanescessem incrustadas no poder.

É interessante notar como essas transformações conjunturais repercutem na Associação Brasileira de Escritores. Segundo a Declaração de Princípios tirada em seu I Congresso, realizado em São Paulo,

> "Os escritores brasileiros, conscientes de sua responsabilidade na interpretação e defesa das aspirações do povo brasileiro, e considerando necessária uma definição de seu pensamento e de sua atitude em relação às questões políticas básicas do Brasil, neste momento histórico, declaram e adotam os seguintes princípios:
>
> Primeiro – a legalidade democrática como garantia da completa liberdade de expressão do pensamento, da liberdade de culto, da segurança contra o temor da violência e do direito a uma existência digna.
>
> Segundo – o sistema de governo eleito pelo povo mediante sufrágio universal, direto e secreto.
>
> Terceiro – Só o pleno exercício da soberania popular em todas as nações torna possível a paz e a colaboração internacionais, assim como a independência econômica dos povos.
>
> CONCLUSÃO – O Congresso considera urgente a necessidade de ajustar-se a organização política do Brasil aos princípios aqui enunciados, que são aqueles pelos quais se batem as forças armadas do Brasil e das Nações Unidas.
>
> São Paulo, janeiro de 1945."[491]

A ABDE mostra desta forma, na conjuntura do fim da guerra, a postura adotada por um conjunto de intelectuais e de opositores ao regime autoritário do Estado Novo. Esse tipo de posicionamento encontra eco nos esforços empreendidos pelo PCB para tornar-se um grande partido de massas, esforços que serão articulados a partir do estabelecimento de um discurso que identifica no Brasil a existência de dois campos antagônicos: os que apoiavam o fascismo e os democratas. Segundo o partido, no pós-

---

491 *Literatura.* janeiro - junho de 1947 (Ano II – n°4), pp. 59-60.

guerra, a possibilidade de retorno do fascismo deveria ser a maior preocupação das forças democráticas, e a manutenção da paz um esforço contínuo.

Graciliano Ramos e Jorge Amado participaram do momento de fundação da entidade nacional de maneiras diferenciadas, em um momento em que ambos já eram militantes do PCB. Como vimos, a associação, com sede no Rio e com representação em vários estados, a partir de 1945, passou a ser um importante pólo de luta pela redemocratização. Graciliano não participa do primeiro congresso da entidade, realizado em São Paulo, embora apóie o manifesto aprovado e logo depois passe a participar ativamente da entidade. Jorge Amado, neste mesmo congresso é eleito vice-presidente da ABDE e participa ativamente de seu funcionamento.[492]

O relacionamento de Jorge Amado com o PCB já vinha desde os anos trinta, quando se tornara militante, mas esse período de redemocratização é importantíssimo para o entendimento do percurso de Graciliano Ramos que pretendemos privilegiar neste estudo. Em 1945, depois de ver seus dois filhos Ricardo e Clara militando na juventude comunista e de ver sua esposa, Heloísa, filiar-se e iniciar sua militância na célula tijucana do partido e junto à União Feminina do Morro do Borel, Graciliano se filia ao Partido Comunista do Brasil.

Segundo Dênis de Moraes, teria sido imprescindível para esta filiação o papel desempenhado por Luis Carlos Prestes:

> "a mítica de Prestes como líder de massas o levaria a decidir-se. Numa viagem de avião a Belo Horizonte, os dois se encontrariam casualmente. Graciliano que ia a Minas proferir uma palestra a convite da seção local da ABDE, observava durante o vôo as formações montanhosas, quando Prestes se levantou e sentou-se a seu lado. De início, conversaram sobre amenidade. Quantos mil anos foram necessários para que a terra se amontoasse daquele jeito?
>
> Como era inevitável, a política entraria em pauta, e assim que pôde Prestes perguntou a queima roupa:

---

[492] Segundo Dênis de Moraes afirma na biografia de Graciliano: "Graciliano não pôde ir a são Paulo, mas exultaria com a enorme repercussão do manifesto, apesar da censura prévia ao noticiário do congresso." *In*: Moraes, Dênis. *O velho Graça – uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p.208. já Mateus de Mesquita e Pontes, em artigo, afirma que "Jorge Amado, no ano de 1945, no congresso da Associação Brasileira de Escritores (ABDE), é eleito para a vice-presidência da entidade que toma como prioritária a luta pela redemocratização do país(...)" *In*: Pontes, Mateus de Mesquita e. "Jorge Amado e literatura de combate: da literatura engajada à literatura militante de partido" REVELI – Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG – Inhaumas. ISSN:1984-6576 – v.1, n.2, outubro de 2009.

– Graciliano, por que você ainda não é membro do partido?

– O que eu posso fazer no partido, Prestes? Eu não sei fazer outra coisa senão escrever. Não sei guerrear porque minha arma é a pena.

Prestes responderia:

– Você acha pouco? Pessoas como você, Portinari, Oscar Niemayer são indispensáveis ao partido.

Ao retornar, Graciliano falaria com Heloisa:

– Ló, eu fiquei tão espantado, porque nunca pensei que poderia ter valia como militante."[493]

Como plano de aproximação do partido dos intelectuais progressistas, democratas ou de esquerda, a filiação de Graciliano ganha grande destaque na imprensa comunista, sendo orquestrada como um grande evento simbólico na vida do partido. Ainda segundo Dênis de Moraes,

"Prestes abonaria a ficha de filiação assinada por Graciliano na manhã de 18 de agosto de 1945. À tarde, acompanhado de Astrogildo Pereira (que retornava ao partido depois de 14 anos de afastamento), ele visitaria a redação *Tribuna Popular*, porta-voz do PCB, onde o aguardavam Álvaro Moreyra, Aydano do Couto Ferraz, Dalcídio Jurandir Rui Facó Aparício Torelly, Pedro e Paulo Motta Lima."[494]

Essa versão sobre a filiação do escritor foi fornecida ao biógrafo pela família de Graciliano. Por mais que, com o passar do tempo, à força da repetição, possa ter sido romanceada pelos membros da família – filiados antes do escritor – é importante por ilustrar um momento importante não só da vida do autor, mas, principalmente, por ilustrar a forma como o partido procedia na época da redemocratização com relação à intelectualidade...

A estratégia de utilização da imprensa como forma de divulgação dos nomes de intelectuais que se somam às fileiras comunistas, sendo no Rio de Janeiro o jornal *Tribuna popular* o principal veículo deste tipo de divulgação, passa a fazer parte da

---

[493] Moraes, Dênis. *O velho Graça – uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p. 211.

[494] *Idem, ibdem*, p.211.

prática da imprensa comunista. Dessa maneira, a filiação de Graciliano faz parte de uma engrenagem de publicidade do partido que abandonou de vez uma postura mais isolada e passa a assumir a face de pólo de atração de setores diversos da sociedade civil interessados na manutenção da democracia.

A *Tribuna* noticiará da seguinte forma a filiação de Graciliano:

> "Adere ao Partido Comunista o escritor Graciliano Ramos (...) é mais uma prova concreta de que não há nenhuma divergência entre o conceito individual de liberdade e de trabalho de romancista com os princípios do Partido Comunista. Ao contrário, tal fato demonstra que os escritores se encontram à vontade dentro do partido, desenvolvem mais profundamente sua capacidade de raciocínio com ajuda do marxismo e criam condições para a mais rica maturidade intelectual."[495]

Nos jornais comunistas, já naquele ano de 1945, o tema da paz começa a figurar, ao lado de "democracia", "progresso" e "pátria" como um dos mais abordados nas publicações do partido. A paz torna-se, portanto, outro pólo capaz de congregar e de agitar multidões. Batendo na tecla da necessidade de uma vigilância contínua para a garantia da manutenção da paz recém conquistada, os comunistas estruturavam seu discurso em torno da idéia de que a eclosão de qualquer conflito de classes um pouco mais severo, poderia colocar em cheque a vitória das forças democráticas contra o fascismo. Em um discurso que não oferecia perigo àquela que considerava ser sua nova aliada, a burguesia, o PCB pedia calma aos trabalhadores, em uma política de "apertar os cintos" que tentava evitar conflitos diretos entre patrões e empregados.

O resultado desta política pode ser mensurado a partir do resultado das eleições de 1945. Segundo Monica da Silva Araújo:

> "nas eleições de 1945 Yeddo Fiúza, candidato do partido à presidência obtém 10% dos votos válidos em poucos dias de campanha, do mesmo modo que o partido elege uma bancada considerável: 1 senador (Luis Carlos Prestes, o mais votado do pais) e 14 deputados federais (com concentração nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Pernambuco)."[496]

---

495 *Tribuna popular,* 19/08/1945

496 Araújo, Monica da Silva. *A arte do partido para o povo: o realismo socialista no Brasil e a relação entre artistas e o PCB (1945-1958).* Rio de Janeiro: UFRJ, 2002, pp.35-36.

Destas eleições nossos dois escritores participaram, se bem que de formas diferenciadas. Ambos foram lançados como candidatos a deputado pelo partido, Jorge Amado pelo estado de São Paulo e Graciliano Ramos pelo estado de Alagoas. O fato de terem sido demandados pelo partido para desempenharem esses papeis não parece ter sido muito agradável a nenhum dos dois. A se considerarmos depoimentos de Jorge Amado, em seu livro de memórias *Navegação de cabotagem,* e de familiares de Graciliano Ramos, na biografia *O velho Graça*, ambos os autores aceitaram a tarefa designada pela direção partidária com restrições. Amado demandou que caso fosse eleito tivesse o direito de renunciar, passando seu lugar ao suplente, e Graciliano que não fosse obrigado a fazer campanha em Alagoas, restringindo-se a elaboração do seguinte panfleto:

> "Não é que resolveram fazer de mim candidato a deputado? Vejam só. Pois nesse caráter dirijo-me a vocês - duas dúzias de pessoas, se tanto, o público de que disponho na terra dos marechais e dos generais. Seria adequado a exibir-lhes um rol de serviços notáveis, expor diversas obras realizadas e outras possíveis, mas receio que alguém se engane e vote em mim julgando-me sujeito importante, um desses operadores de milagres nunca percebidos. (...) se me falta desejo de passar algumas horas por dia cochilando, rosnando apartes chochos, isso não quer dizer que feche os olhos à política nacional e encolha os ombros às eleições"[497].

O estilo de Graciliano apresentar-se ao público de possíveis eleitores de seu estado natal aproxima-se mais do tipo de estratégia estilística para a elaboração de suas obras de ficção do que do estilo de material usualmente identificado com as campanhas eleitorais. O único momento em que abandona esse tipo de escrita que pende para ironia e para o humor seco e rascante, é aquele em que se refere ao PCB: "*Entreguei-me de corpo e alma a um partido, o único, estou certo, capaz de livrar-nos da miséria em que vivemos*" para, logo em seguida, retomar ao estilo anterior do texto: "*e esse partido apresenta-se às urnas. Sou forçado a solicitar a vocês, para os nossos candidatos (ou outros: insisto em declarar-me isento de pretensões) os 24 votos que estão dispostos a conceder-me*"[498]

---

[497] :Moraes, Dênis. *O velho Graça – uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p.214.

[498] :*Idem ibdem*, p.214.

Já Jorge Amado, que à época morava em São Paulo e dirigia o jornal comunista *Hoje*[499], de posse da palavra empenhada por Prestes de que poderia renunciar ao mandato, se empenharia mais na tentativa de convencimento do eleitorado. Ao contrário de Graciliano, que aceita a candidatura, mas não transige na campanha, recusando-se a visitar Alagoas ou mesmo a elaborar um material mais convincente de sua vontade de representar o estado na câmara dos deputados; Amado viaja a São Paulo e empenha-se na conquista de votos.

Resultado direto destes empenhos distintos ou da projeção que cada um dos escritores tinha nos respectivos estados, o fato é que Graciliano conquista a marca de 62 eleitores – quase o triplo daquilo que propugnava no panfleto – e Jorge Amado é eleito Deputado Federal pelo Partido Comunista do Brasil. Anos depois, na descrição que faz deste episódio em *Navegação de cabotagem*, rememora o pacto que havia firmado diretamente com Prestes:

> "Em janeiro de 1946 tomei posse na Câmara Federal de Deputados da cadeira para a qual fora designado pelos votos dos eleitores de São Paulo. Assumira com Prestes o compromisso de exercer o mandato durante três meses, voltando em seguida a meu trabalho de escritor. Fiquei dois anos, até que, num dia de janeiro de 1948, fomos expulsos do parlamento, eu e meus companheiros de bancada"[500].

Mais adiante, em outra passagem de suas memórias, explicita as condições deste pacto e os motivos que o levaram a assumir o mandato, desistindo da renúncia:

> "ora, eu condicionara a aceitação de minha candidatura – escritor já bastante popular, meu nome traria votos para a legenda do partido – à garantia de que, se eleito, renunciaria ao mandato dando lugar à convocação do suplente. Queria retornar ao meu trabalho literário, já bastante comprometido pela atividade de militante recordei a Prestes o compromisso assumido pela direção. (...) Iriam acusar o Partido de ter usado o meu nome para obter votos, estratagema sujo, malandragem, os inimigos se aproveitariam para fazer a maior exploração e por aí

---

499 Segundo relata em *Navegação de cabotagem* ,quando comenta a falta de tempo para ficar com Zélia Gatai no início de seu relacionamento, "vivíamos juntos desde julho de 1945, mas não nos sobrara tempo para namorar tanto quanto desejaríamos: eu dirigia o cotidiano paulista do Partido Comunista, o *Hoje*, tarefa que tomava a maior parte do meu tempo, Zélia se revelara imbatível ativista da comissão de finanças." *In*: Amado, Jorge. *Navegação de Cabotagem.* Rio de Janeiro: Record, 1992, p.214.

500 Amado, Jorge. *Navegação de Cabotagem.* Rio de Janeiro: Record, 1992, p.70.

afora, aquela argumentação. propôs-me assumir o mandato por três meses e então efetivara renúncia. Três meses, nem um dia a mais, assegurou-me Prestes"[501].

Voltando ao campo literário de atuação partidária dos nossos literatos, na mesma época em que o Partido comunista entra para a legalidade, a revista *Leitura (crítica e informação bibliográfica)* apresenta na capa da edição de abril de 1945 um desenho da face de Lênin, e na segunda o anúncio do livro de Henri Barbusse, *Stalin – um mundo novo visto através de um homem*. Essa guinada à esquerda representa um afrouxamento da preocupação com a censura do DIP e a possibilidade de assumir uma posição simpática à URSS. Essa transformação vem coroada com reportagens sobre a guerra, sobre os êxitos do exército russo e outros textos de mesmo teor.

Na coluna "A literatura na guerra" composta de pequenos textos de autores nacionais ou estrangeiros sobre aspectos da guerra, aparece o texto de Jorge Amado "O dever dos intelectuais", que transcrevemos a seguir:

"Neste momento não importa a posição combativa que haja tido este ou aquele escritor antes da guerra. O importante é sua posição neste momento. Dizer qual deve ser esta posição é repetir um velho lugar comum que, entretanto, continua sendo a melhor das verdades: lutar com todas as forças, de todas as maneiras, contra o nazi-fascismo. Lançar-se com animo e convicção nas tarefas e nos problemas nascidos da guerra. Há uma coisa que todos os escritores devem compreender: Não seríamos somente nós, os da esquerda democrática, os liquidados pelo nazi-fascismo, se esse ganhasse a guerra, ou pelos muniquistas, se esses ganhassem a paz. Seriam liquidados igualmente os escritores arte-pela-arte, os homens dos problemas estéticos, das soluções formais. Não é uma arte ou uma literatura de esquerda que o nazi-fascismo odeia. O que ele odeia é a arte, a literatura em geral. (Jorge Amado)"[502]

Na mesma esteira de reportagens que de alguma maneira procuram enaltecer a União Soviética, podemos perceber a importância dada ao aspecto cultural. Já no início do ano de 1945 a cultura passa a ser valorizada como uma das características utilizadas para demonstrar uma superioridade da URSS:

---

501 Amado, Jorge. *Navegação de Cabotagem.* Rio de Janeiro: Record, 1992, p.216.

502 *Leitura – critica e informação bibliográfica,* Rio de Janeiro, abril de 1945 (n°28) – p.65.

> "(...) o teatro foi libertado de seu isolamento. De estimulante, de veiculo de propaganda de uma minoria, foi transformado em instrumento de educação artística e política da maioria.
>
> A ação dos personagens no palco ganhou com essa transformação uma importância política anteriormente desconhecida.
>
> Foi esclarecido ao individuo que sua existência está em relação imediatista com a existência de todos os outros indivíduos reunidos numa comunidade e que por conseguinte, qualquer um, a par da responsabilidade pela própria existência, tem uma responsabilidade maior ainda para com a vida dos outros.
>
> (...) Mas o expressionismo russo, o futurismo russo, distinguiram-se profundamente dos seus lacaios alemães e italianos. (...) os mesmos estilos se tornavam, na mão dos artistas soviéticos, instrumentos poderosíssimos de difusão no povo amplo conhecimento das condições sociais e culturais que determinavam a existência dos indivíduos e das sociedades"[503]

Neste texto sobre o teatro soviético, podemos perceber o tom de enaltecimento que vincula diretamente o investimento econômico e político de transformação social a uma significativa melhora no campo artístico e cultural, o que dá a entender que o socialismo representa não só o desenvolvimento social, mas também cultural, a partir de políticas públicas de incentivo às artes.

A estratégia de reforçar a afluências dos intelectuais ao partido neste momento de legalidade, como já mencionamos anteriormente, não se limita aos jornais comunistas. A organização de grandes eventos, como os comícios de Prestes e de os rituais de filiação também são bastante valorizados pela direção. Neste sentido, mais uma vez, podemos perceber como contar com o nome de intelectuais como Graciliano e Jorge entre suas fileiras de militantes foi importante para o partido em um momento de afirmação junto a camadas mais amplas da sociedade. Segundo Dênis de Moraes,

> "O entusiasmo com as filiações de personalidades levaria o Comitê Central a organizar, no auditório do Instituto Nacional de Música, uma solenidade para a entrega das credenciais. No salão superlotado, viam-se por toda parte bandeiras vermelhas com a foice e o martelo, retratos de Stalin, Lenin e Prestes. Entre os agraciados com as carteirinhas estavam os escritores **Graciliano Ramos, Jorge**

---

503 *Leitura – critica e informação bibliográfica,* Rio de Janeiro, abril de 1945 (n°28) – pp.69-70.

Amado, Astrogildo Pereira Álvaro Moreyra, Dalcídio Jurandir, Dionélio Machado, Caio Prado Júnior, Octávio Brandão, Abguar Bastos e Monteiro Lobato;"[504] .

Editora Vitória

Assim como a existência de uma imprensa partidária, existe uma preocupação do PCB, desde seus primórdios, em estabelecer uma atividade editorial organizada e orientada no sentido de formação de quadros e atração de novos militantes para a esfera do partido. Embora presente nos estatutos desde sua fundação, é, sobretudo, a partir da década de 1930 que esse ambiente de intervenção político-cultural se consolida.

Os motivos apontados por Antonio Albino Canelas Rubim para o desenvolvimento da atividade editorial do partido são de natureza interna e externa ao seu funcionamento. Em primeiro lugar, é importante atentar para o fato de na década de 1930 ter havido uma significante ampliação do mercado editorial brasileiro, bem como uma significativa renovação nas áreas de literatura e análise social. Em segundo lugar, na década de 1930 houve um sensível aumento na curiosidade sobre a revolução russa dentro do território nacional. O partido brasileiro, incentivado pelos órgãos internacionais, potencializa esses fatores, investindo na construção de um mercado editorial próprio.

A mais importante editora comunista do período foi a Editora Vitória. O seu sucesso pode ser atribuído ao momento em que foi fundada, na esteira da redemocratização, e por ter se fixado como uma empresa autônoma. Isso significa que contava com funcionários, sede, balancete etc. e que suas relações com o partido não eram explícitas, muito embora estivesse subordinada às decisões da Secretaria Nacional de Agitação e Propaganda do PCB. Segundo Rubim:

---

[504] Além de "os jornalistas Aparício Torelly, Aydano do Couto Ferraz, Pedro e Paulo Motta Lima; os dramaturgos Joracy Camargo e Oduvaldo Viana; os pintores QuirinoCampofiorito, Lasar Segall, Di Cavalcanti, José Pancetti, Carlos Scliar e Cândido Portinari; o físico Mario Schemberg; os arquitetos Oscar Niemayer e Vilanova Artigas; o maestro Francisco Mignone. *In:*Moraes, Dênis. *O velho Graça – uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p.213.

> "O PC somente em 1944 pode retomar alguma atividade editorial mais sistemática. Leôncio Basbaum é encarregado de organizar aquela que será a mais importante editora do partido: a Editorial Vitória. Montada em moldes de empresa, a Vitória mantém relações comerciais com gráficas, distribuidoras, livrarias etc. e tem funcionários e vendedores profissionalizados, além de uma direção oficial. Subterraneamente existe outra direção, subordinada à Secretaria Nacional de Agitação e Propaganda e à direção do partido, que em verdade dita a orientação político-cultural da editora. Durante razoável tempo, Alberto Passos Guimarães ocupa essa direção, sendo responsável pelas atividades da Vitória na direção partidária. Fixada essa relação editora-partido, pode-se inferir que, por menor que seja a atenção cotidiana dedicada pelo PC a sua editora, sua produção editorial, principalmente, e também algumas promoções realizadas podem ser analisadas como sinalizações importantes para a compreensão da política cultural do partido nos anos 1944-1964"[505].

A Vitória concentrou suas publicações em quatro eixos distintos, assim descritos por Rubim: "l*iteratura, materiais relativos à URSS, textos de divulgação da política partidária e marxismo*"[506].

Os romances do povo

Parte do esforço da direção partidária para a difusão de uma literatura orientada pelo realismo socialista, que permitisse a atração de novos militantes e a formação das bases do partido a *Vitória* lança, em 1951, a coleção "Romances do povo".

A direção da coleção ficou a cargo de Jorge Amado, mas, acredita-se, não era dele a última palavra sobre os títulos da coleção, uma vez que havia de se levar em conta as orientações do partido. Há uma divergência sobre a autonomia que o autor teria na escolha dos títulos que figurariam na lista dos publicados na coleção, segundo Rubim,

> "Apesar de a direção da coleção ser atribuída a Jorge Amado, existem aparentes divergências entre pessoas entrevistadas a respeito da orientação e

---

[505] Rubim, Antonio Albino Canelas. "Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil" in: MORAES, João Quartim de (org.). *História do Marxismo no Brasil.* Vol. 3 "Teorias. Interpretações". Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, pp.402-403.

[506] *Idem, ibdem*, p.403.

seleção de títulos da coleção. Alberto Passos Guimarães diz que Jorge Amado apenas emprestou o nome, as decisões viriam da direção partidária. Jorge fala que a coleção não era muito apreciada pelos dirigentes e de suas muitas '[...] brigas na direção para poder manter a linha da coleção sem cair no sectarismo, sobretudo sem publicar uma série de romances medíocres [...] que a direção do Partido às vezes queria impor. Às vezes porque um fulano qualquer tinha lido [...] a direção não lia coisa nenhuma, ainda bem'. Em verdade, os processos decisórios devem conjugar todo esse campo de forças político-culturais envolvidas"[507]

Pela tabela a seguir, publicada em *História do marxismo no Brasil*[508], em que constam os 20 primeiros volumes da coleção, percebe-se a predominância de atores russos. Essa predominância parece indicar que a coleção serviu bem ao objetivo de disponibilizar obras do realismo socialista no Brasil.

Quadro 1 — Coleção Romances do Povo

Ordem de Publicação	Título	Autor
1	*Um homem de verdade*	Boris Polevói
2	*Assim foi temperado o aço*	Nicolai Ostrowski
3	*A lã e a neve*	Ferreira de Castro
4	*O grande norte*	Tikhon Siomúchkin
5	*Donos do orvaiho*	Jacques Roumain
6	*Tchapáiev*	Dimitri Furmanov
7	*A colheita*	Galina Nikolaieva
8	*A tempestade v. 1*	Ilya Ehrenburg
9	*A tempestade v. 2*	Ilya Ehrenburg
10	*Espartaco*	Howard Fast
11	*A hora próxima*	Alina Paim
12	*A felicidade*	Piotr Pavlenko
13	*A estrada de Folokolansk*	Alexandr Bck
14	*A tragédia de Sacco e*	Howard Fast
15	*Primeiras alegrias*	Konstantin Fédin
16	*A torrente de ferro*	Alexandre
17	*Sol sobre o rio Sangkan*	Ting Ling
18	*Coolie*	Mulk Raj Anand
19	*Os mortos permanecem*	Arma Seghers
20	*Terra e sangue*	Mikhail Cholokóv
	Anunciados/ *Um verão extraordinário*	Konstantin Fédin
	Publicados/ *Fronteiras ao vento*	Alfredo Gravina

É interessante acompanhar a opinião que o próprio Jorge Amado, em depoimento concedido a Rubim entre fevereiro e março de 1985, formula sobre sua participação na editora, como organizador da coleção romances do povo e sobre o peso do zdanovismo em suas escolhas. Segundo o estudioso,

---

507 Rubim, Antonio Albino Canelas. "Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil" in: MORAES, João Quartim de (org.). *História do Marxismo no Brasil.* Vol. 3 "Teorias. Interpretações". Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p.403.

508 *Idem, ibdem*, p.403.

> "Na mesma entrevista, Jorge Amado lembrou ser uma 'bestice' considerar a coleção como de realismo-socialista, mesmo reconhecendo que diversos dos romances publicados, mas não todos, sofriam influência do stalinismo e de sua estética. Armênio Guedes acredita que a intenção da direção era mesmo 'afirmar e divulgar o realismo-socialista', ainda que 'o bom gosto do Jorge' e a 'ignorância do partido' permitissem a ele 'driblar a direção'. Que a 'vontade' político-cultural da direção é impor a estética oficial definida por Stálin/Zhdanov não há dúvida, mesmo porque nesses anos acontece toda uma *blitz* ideológica destinada a várias áreas culturais por meio de revistas do partido, como *Para Todos, Fundamentos, Horizonte, Seiva* etc. O que ocorre é um certo descompasso entre o intento e a realização da proposta, ocasionado por um campo de forças em que se locomovem uma direção políticó-ídeológica sem cultura (específica) e um intelectual, na época também stalinista, logo impossibilitando de ter divergências político-ideológicas com a estética do realismo-socialista, que exercitou na trilogia *Subterrâneos da liberdade,* mas com sensibilidade literária e certa abertura cultural para 'brigar' por romances de certa qualidade, mesmo não adstritos à estética oficial. Dessa maneira, a coleção pode ser definida como de realismo-socialista, por sua predominância"[509]

Cumpre observar que as obras publicadas da coleção apresentam, no final de cada livro, listagem dos volumes já editados e relação de livros a serem, proximamente, lançados. Ocorre que nem todos os lançamentos prometidos foram publicados, como, por exemplo, o segundo título de autor brasileiro anunciado – *Companheiros* de Dalcídio Jurandir – que não chega a ser editado. Pode-se supor que a pesquisa sobre o conflito ocorrido em 1º de maio de 1950 em Rio Grande, RS, que Dalcídio realizou, por indicação do partido, desde 1950, ainda não tivesse em 1955, (ano da publicação, na coleção de *A hora próxima*, de Alina Paim em cujo final está anunciada a publicação do título "companheiros" de Dalcídio) gerado o texto completo do romance que só viria a ser publicado em 1959, também pela editora Vitória (com outro título: *Linha do Parque*), mas não como parte da coleção "Romances do povo".

Aparentemente os esforços editoriais para associar a divulgação dos textos considerados importantes pelo partido e grande vendagem comprovam o sucesso editorial da Vitória. Segundo levantamento realizado por Andréa Galucio, em seu estudo sobre as editoras Civilização Brasileira e Brasiliense, a editora Vitória, localizada no Rio de Janeiro e vinculada ao Partido Comunista do Brasil, no ano de

---

509 Rubim, Antonio Albino Canelas. "Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil" in: MORAES, João Quartim de (org.). *História do Marxismo no Brasil.* Vol. 3 "Teorias. Interpretações". Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p.403.

1955 aparece em 30º lugar na lista de editoras por número de títulos publicados, contando com um acervo de 18 títulos diferentes. No ano de 1964, a Vitória ocupa a 18ª posição, com 61 títulos publicados.

Tribuna Popular

Um interessante complemento às discussões suscitadas a partir da leitura das edições de *A classe operária* está nas páginas do jornal também comunistas, mas voltados para um público mais amplo, *Tribuna Popular,* substituído posteriormente por *Imprensa popular.* Perceber ressonâncias daquilo que o partido diz a seus militantes naquilo que diz à população em geral – bem como perceber aquilo que o partido cala – significa poder investigar a especificidade das fontes de que nos servimos e perceber as estratégias de convencimento utilizadas pelo partido ao se dirigir a públicos distintos.

Pelo editorial do primeiro número de *Tribuna popular*, podemos perceber a quem o jornal se dirige: *"Nosso jornal, servindo ao povo, emanado do povo e ao povo vinculado*"[510]. Essa escolha por um público amplo encontra-se em perfeita sintonia com um projeto internacional do comunismo de construção de frentes únicas nos diversos países na luta contra o nazi-fascismo.

Como verificamos nas páginas de *A classe operária*, esse momento de guerra será um momento de afrouxamento do discurso mais classista e de opção por uma estratégia de defesa da democracia burguesa contra o fascismo. Essa política deveria ser adotada nos mais variados contextos nacionais para que a estabilidade democrática mundial fosse conquistada. Desta forma, no Brasil de maio de 1945, o cenário político é definido da seguinte forma no editorial do jornal comunista: "*tudo isso depende imediatamente de uma saída democrática, pacífica e unitária para a atual crise política. Só esse caminho, numa atmosfera de ordem e tranqüilidade, permitirá ao Brasil, ainda, cooperar na obra de consolidação da paz continental e mundial*"[511]

---

510 *Tribuna popular,* 22/05/1945, p.3.
511 *Tribuna popular,* 22/05/1945, p.3.

Esse tipo de estratégia será utilizado pelo partido – e conseqüentemente por seus órgãos de divulgação – até 1947, quando o clima de harmonia do pós-guerra esfacela-se ante ao claro antagonismo entre URSS e EUA.

Bahia de todos os santos

Em 1945, Jorge Amado publica seu guia da cidade de Salvador[512], *Bahia de todos os santos*[513] Este guia, como é usual a livros do gênero, no entanto, não se resume a descrição de ruas, pontos turísticos e lugares a serem conhecidos pelo turista. Inclui também uma coleção de bairros e personagens pobres que fazem da Bahia de Todos os Santos, mesmo em seu contraste de beleza e pobreza, a cidade amada e celebrada pelo escritor. No "Convite" que abre o livro, o romancista convida:

> "Vem e serei o teu cicerone. Juntos comeremos no Mercado sobre o mar o vatapá apimentado e a doce cocada de rapadura. Serei teu cicerone. Mas não te levarei, apenas, aos bairros ricos, de casas modernas e confortáveis, Barra, Pituba, Graça, Vitória, Morro do Ipiranga. Em ônibus superlotados iremos à Estrada da Liberdade, bairro operário onde descobrirás a miséria oriental se repetindo nos casebres das 'invasões', Massaranduba, Coréia, Cosme de Faria, Uruguai, iremos aos cortiços infames, cruzaremos as pontes de lama dos Alagados.
>
> Esse é bem um estranho guia, moça. Com ele não verás apenas a casca amarela e linda da laranja. Verás igualmente os gomos podres que repugnam o paladar. Porque assim é a Bahia, mistura de beleza e sofrimento, fartura e fome, de risos álacres e de lágrimas doloridas. (...)
>
> Mas se queres ver tudo, na ânsia de aprender e melhorar, se queres realmente conhecer a Bahia, então vem comigo e te mostrarei que este mundo está errado e que é preciso refazê-lo para melhor. Porque não é justo que tanta miséria caiba em

---

512 "Escrito no ano de 1944, sua 1ª edição é da Livraria Martins Editora, São Paulo, setembro de 1945, com capa de Clóvis Graciano e ilustrações de Manuel Martins. O texto foi revisto para a 8ª edição, 1960, e novamente atualizado para a 12ª edição, 1966, integrando a coleção "Obras Ilustradas de Jorge Amado", como oitavo tomo, volume X. A 19ª edição, maio de 1970, da mesma coleção e pela mesma editora, revista e atualizada pelo autor, tem capa de Carybé, ilustrações de Manuel Martins e retrato do autor por Carlos Scliar, 263 páginas. / A 40ª edição, 13ª pela Record, de setembro de 1996, a mais recente, foi atualizada pelo autor e ilustrada por Carlos Bastos. / Foi publicado em Portugal e traduzido para o espanhol, francês e italiano. / O capítulo "Canto de amor à Bahia" recebeu música de Dorival Caymmi, gravada em disco, em 1958, com interpretação do autor." *In:* http://www.fundacaojorgeAmado.com.br/obras_jorge/bahia2.htm#historico

513 AMADO, Jorge, *Bahia de todos os santos: guia das ruas e dos mistérios da cidade de Salvador.* São Paulo: Martins, 1973 (24ª ed.).

> tanta beleza. Um dia voltarás, talvez, e então teremos reformado o mundo e só a alegria, e a saúde e a fartura caberão na beleza imortal da Bahia.
>
> Se amas a humanidade e desejas ver a Bahia com olhos de amor e compreensão, então serei teu guia. Riremos juntos e nos revoltaremos. (...) Junto com o pitoresco e a poesia te direi da dor e da miséria.
>
> (...) Vem, a Bahia te espera." [514]

O convite do autor deixa claro que o passeio que propõe não tenta mostrar apenas o lado bonito da cidade de Salvador, o lado habitado pela elite que se cerca de confortos e modernidades e que, geralmente, fecha os olhos para o outro lado que o autor pretende mostrar: o lado do sofrimento e das misérias experimentados cotidianamente pelos pobres que povoam a cidade. Pelo menos metade do convite de abertura é dedicado a alertar a interlocutora, e, por conseguinte, o leitor, de que só se conhece verdadeiramente uma cidade quando se entra em contato com o lado esquecido pelos guias de turismo, o lado habitado por uma gente pobre que, a despeito das belezas naturais que a circundam, vive uma existência de fome e de tristezas. O romancista ainda vislumbra o dia em que poderá mostrar uma outra cidade, uma cidade justa e, aí sim, inteiramente bela. Para ele, esse dia só chegará, mesmo que o diga explicitamente, com a revolução.

Logo no início desta visita guiada, Jorge Amado apresenta "A atmosfera da cidade", avisando que nela o turista verá *"as coisas mais absurdas"*[515]. Depois de uma apresentação da divisão existente entre a cidade alta e a cidade baixa, e de indicar os nomes de ruas, faz um mapeamento geográfico da cidade. Nos capítulos "Bairros grã-finos", "Bairros da pequena burguesia", "Bairros proletários" e "As invasões", o escritor apresenta a distribuição social dos bairros soteropolitanos. Sobre os últimos, comenta:

> "Para os pobres não foram abertas novas ruas, nem foi gasto asfalto, colinas não foram rasgadas, nem houve especulação imobiliária: houve barulho, houve cadeia, houve tiro, gente presa e muita luta. Assim nasceram os novos bairros operários. Em terras devolutas cujos proprietários só se recordaram que as possuíam quando nelas começaram a se elevar as improvisadas habitações. Ou

---

[514] Amado, Jorge. *Bahia de todos os santos: guia das ruas e dos mistérios da cidade de Salvador.* São Paulo: Martins, 1973 (24ª ed.), pp.16-17.

[515] *Idem, ibdem,* p.20.

> entrando pelo mar tranqüilo do golfo, palafitas sobre o mangue. Das "invasões" nasceram os novos bairros operários e populares."[516]

Nesta passagem, portanto, o autor contrapõe um crescimento mais ou menos ordenado, apoiado pelo poder público, ao crescimento dos bairros ocupados pelos pobres, no capítulo que trata das "invasões". Essa oposição parece demonstrar a carência de Estado para grandes parcelas da população que, no entanto, continuam conquistando, muitas vezes a preço de morte ou cadeia, o direito a uma habitação.

Infância

Como vimos anteriormente, Graciliano começara a militar ativamente no PCB no ano de 1945, participando de diversas manifestações promovidas pelo partido e tendo seu nome alavancado pela imprensa comunista. *A tribuna popular*, depois de noticiada sua filiação, também publicou outras matérias sobre o escritor. Segundo Dênis de Moraes, na biografia *O velho Graça*, *A Tribuna*

> "publicaria uma página inteira, com o título apologético: 'Graciliano Ramos, escritor do povo e militante do partido comunista'. A reportagem, assinada por Rui Facó e Ruy Santos traçaria um perfil grandiloqüente de Graciliano, destacando que ele 'abriu caminho para muitos outros intelectuais honestos, mesmo para aqueles que têm vivido em torres de marfim, mas que, finalmente, serão chamados pelos próprios acontecimentos a ligar-se à corrente política que representa o proletariado e o povo: o Partido Comunista do Brasil"[517].

Como pode depreender-se deste trecho, ao mesmo tempo em que o partido exaltava as qualidades dos intelectuais a ele vinculados, mostrava que o caminho da filiação era o caminho da percepção da única alternativa válida. E que os intelectuais

---

[516] Amado, Jorge. *Bahia de todos os santos: guia das ruas e dos mistérios da cidade de Salvador.* São Paulo: Martins, 1973 (24ª ed.), p.63.

[517] Moraes, Dênis. *O velho Graça – uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p.213.

realmente engajados em uma percepção aguda da realidade deveriam – seguindo o mesmo exemplo dos já filiados – juntar-se ao partido.

Para Graciliano, mesmo que este não tenha sido seu interesse ao filiar-se, o ato de entrar para o PCB refletiu-se num aparecimento elogioso de seu nome em vários órgãos da imprensa comunista. Depois de enaltecer o caráter de sua obra, artigo da revista *Vamos ler*, por exemplo, refere-se ao alagoano nos seguintes termos: "*Não há entre o escritor e o homem Graciliano Ramos nenhum contraste, e isso resulta de sua consciência política, da coerência dos seus pontos de vista pessoais com o tema revolucionário de sua admirável obra (...) Eis Graciliano, o maior*"[518]. Essa referência ao caráter revolucionário de sua obra e o aspecto de integridade de seus posicionamentos, tendo-se em vista o fato de ser Graciliano reconhecidamente um membro do partido, funciona em via de mão dupla: infla o conceito do autor junto ao público, a partir de crítica elogiosa a sua obra, ao mesmo tempo em que evidencia as qualidades de um partido que conte com um membro de tal quilate.

É interessante reparar que no momento em que Jorge Amado escrevia sobre seu território natal, Graciliano começava a recuperar suas origens através da prosa memorialística. Em 1945 é publicado o primeiro livro de memórias de Graciliano Ramos[519], *Infância*[520]. Como sugere o título, o livro narra a infância do autor, esmiuçando suas relações familiares, seus primeiros contatos com as letras, a fazenda e as vilas que serviram de palco para suas primeiras experiências, e, sobretudo, suas primeiras reações ao mundo que o cercava. Essas reações são descritas pelo autor de forma cáustica, não poupando os familiares das críticas mais duras, e evidenciando eventos e momentos que acabaram por ser fundamentais para a formação de sua personalidade adulta. Escolhemos alguns momentos destas memórias que, acreditamos, dialogam diretamente com outros escritos do autor, principalmente com seu segundo livro de cunho memorialístico: *Memórias do cárcere.*

O primeiro trecho que gostaríamos de evidenciar diz respeito à coragem de reagir ao opressor, àquilo que o autor identifica com o heroísmo. Descrevendo uma

---

518 :Moraes, Dênis. *O velho Graça – uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p. 213.

519 "1ª Edição: 1945 / Gênero: Memórias / Última edição brasileira: 40ª (2008) / Editado também / na Argentina, desde 1948 / na França, desde 1956 / em Portugal, desde 1965 / na Inglaterra, desde 1979." *In*: http://www.graciliano.com.br/obras_infancia.html

520 Ramos, Graciliano, *Infância.* São Paulo: Martins, s.d. (7ª ed.).

história popular, normalmente transmitida oralmente, de um menino que era criado por um padre e por sua amante, e que era constantemente submetido a pancadas, das quais consegue vingar-se colocando fogo em um gato, comenta:

> "Esta obra de arte popular até hoje se conserva inédita, creio eu. (...) ouvindo a modesta epopéia, com certeza desejei exibir energia e ferocidade. Infelizmente não tenho jeito para violência. Encolhido e silencioso, agüentando cascudos, limitei-me a aprovar a coragem do menino vingativo. Mais tarde, entrando na vida, continuei a venerar a decisão e o heroísmo, quando isto se grava no papel e os gatos transformam-se em papa-ratos. De perto, os indivíduos capazes de amarrar fachos nos rabos dos gatos nunca me causaram admiração. Realmente são espantosos, mas é necessários vê-los à distância, modificados."[521]

Os atos de heroísmo, segundo o autor, podem ser belos e admirados, mas não podem ser utilizados como desculpa para causar perda ou dano a algum outro que não o algoz. A busca da vingança, a capacidade de libertação de uma situação opressora, é necessária e admirada pelo autor, mas apenas nos casos em que não faça outras vítimas que não os antigos opressores.

Outra passagem interessante é quando o autor relata o declínio financeiro da família, que obriga o pai a vender a fazenda e estabelecer-se como comerciante na vila[522], fato que o leva a refletir sobre o poder exercido pelo pai no ambiente da fazenda. Quando pequeno, segundo afirma, não percebia que o poder do pai derivava de sua condição econômica:

> "Eu era ainda muito novo para perceber que a fazenda lhe pertencia. Notava diferenças entre os indivíduos que se sentavam nas redes e os que se acocoravam no alpendre. O gibão de meu pai tinha diversos enfeites; no de Amaro havia numerosos buracos e remendos. As nossas roupas grosseiras pareciam-me luxuosas comparadas à chita de Sinha Leopoldina, à camisa de José Baía, sura, de algodão cru. Os caboclos se estazavam, suavam, prendiam arame farpado nas estacas. Meu pai vigiava-os, exigia que se mexessem desta ou daquela forma, e nunca estava satisfeito, reprovava tudo, com insultos e desconchavos. Permanente, essa birra tornava-se razoável e vantajosa: curvara espinhaços, retesara músculos, cavara na piçarra e na argila o açude que se cobrira de patos, mergulhões e flores

---

521 Ramos, Graciliano, *Infância.* São Paulo: Martins, s.d. (7ª ed.), p.33.

522 Vale a pena ressaltar que o tipo de percurso econômico percorrido por sua família nas páginas de *Infância* apresenta o mesmo roteiro do percorrido pelas famílias dos protagonistas de *Caetés* e de *Angústia*. O que pode evidenciar a idéia de que Graciliano apóia-se, mesmo em sua prosa ficcional, naquela realidade que conhece de perto, através de sua experiência, transformando-as e integrando-as a seu universo ficcional.

> de baronesa. Meu pai era terrivelmente poderoso, essencialmente poderoso. Não me ocorria que o poder estivesse fora dele, de repente o abandonasse, deixando-o fraco e normal, um gibão roto sobre a camisa curta."[523]

Esta primeira percepção de que o poder econômico constitui-se como fator de distinção entre as pessoas, de que o fato de ser proprietário ou trabalhador faz com que as pessoas distanciem-se profundamente, e que ter poder não constitui-se um fato em si, mas como uma questão de quanto dinheiro se tem, teria levado ao autor a seu primeiro assombro infantil com a desigualdade. Pelo menos, assim o afirma.

Mais de uma vez, durante estas memórias, aparecem referências ao período que esteve preso. Como, por exemplo, no trecho em que relembra sua brincadeira de observar os insetos -*"durante a prisão, lembrava-me desses exercícios com pesar"*[524] – ou então, no trecho em que recorda de sua amizade com o soldado José Baía – *"por fim não me limitava, na prisão, a inventar fantasmagorias, reparar nas fechaduras"*[525]. A aparição de José Baía na trama também suscita um comentário interessante por parte do autor:

> "Esse mestiço pachola teve influência grande e benéfica em minha vida. Desanuviou-me, atenuou aquela pusilanimidade, avizinhou-me da espécie humana. Ótimo professor. Acho, porém, que era um mau funcionário. O Estado não lhe pagava etapa e soldo para desviar-se dos colegas, sujos e ferozes, encher com lorotas as cabeças das crianças. Um anarquista."[526]

Estas primeiras memórias de Graciliano estão repletas de passagens e comentários como este, que nos levam a crer que, para o autor, o exercício da autoridade baseada na força sempre teria sido repulsivo. Sua relação com seu pai e com sua mãe são marcadas pela falta de diálogo e pelo uso contínuo da violência. Essa visão da autoridade desprovida de justificativas mais lógicas do que o medo levam a vários comentários sobre questões como justiça, poder, dinheiro etc., que, o autor utiliza como argumentos justificativos de sua personalidade.

---

523 Ramos, Graciliano, *Infância.* São Paulo: Martins, s.d. (7ª ed.), p.43.
524 *Idem, ibdem*, p.113
525 *Idem, ibdem*, p.116.
526 *Idem, ibdem*, p. 117.

Buscando em sua infância a origem de seu comportamento e de sua visão de mundo, toca em questões centrais sobre a própria sociedade e não se isenta de tecer cítricos comentários sobre ela. Tudo isso, justificado pela inocência do olhar infantil.

Dois dedos: Graciliano e a Revista Acadêmica

Além do prêmio Lima Barreto que ganhou em 1936 da *Revista Acadêmica*, pode-se verificar outro momento de aproximação de Graciliano Ramos com o grupo responsável pela revista. Em 1945, é publicada pela editora da revista a coletânea de contos, ilustrada, *Dois dedos*. É significativa a escolha da publicação da obra de Graciliano, sobretudo se cotejada às outras obras publicadas na mesma coleção da *Revista acadêmica*:

> "A mais famosa e conhecida edição da RA foi o álbum *Mangue, com textos de* Jorge de Lima, Mario de Andrade e Manuel Bandeira e com ilustrações de Lasar Segall, feitas especialmente para aquela edição. Outras obras editadas foram: *Poemas traduzidos*, de Manuel Bandeira, em 1945, com comentário de Mário de Andrade e Pablo Neruda e ilustrações de Alberto Veiga Guingard – 350 exemplares; *Dois dedos*, contos de Graciliano Ramos, publicados também em 1945, com comentário de Geraldo Ferraz e ilustração de Alex Leskoschek – 280 exemplares; em 1946, *Mensagem etérea*, de Manuel Bandeira, ilustrado por Candido Portinari – 480 exemplares; *Poemas negros* de Jorge de Lima, em 1947, com prefácio de Gilberto Freyre, ilustrado por Lasar Segall – 300 exemplares; *Canção de Amor e a morte da porta estandarte*, de Reiner Maria Rilke, publicado em 1947, com tradução de Cecília Meireles, ilustrações de Arpad Szenes; *Uma luz pequenina*, de Carlos Lacerda, ilustrado por Axel Leskoschek, publicado em 1948 – 380 exemplares"[527].

A importância de destacarmos esta publicação se dá por fazer parte de um projeto acalentado pela equipe editorial da *Revista Acadêmica* de lançar, mensalmente, um livro para compor uma coleção que permitisse uma maior divulgação das novas produções literárias. Pela lista acima, podemos perceber que essa pretensão de periodicidade não foi alcançada, tendo sido publicados, apenas, dois livros em 1945, um

---

[527] Velasques, Muza Clara Chaves. *Homens de letras no Rio de Janeiro dos anos 30 e 40*. Niterói, 2000. Tese de doutorado, UFF, pp.112-113.

em 1946, dois em 1947, e um em 1948. Logo, figurar em tão escassa lista não deixa de ser um fato importante, mesmo se consideradas as pequenas tiragens da coleção.

Literatura:

Ao analisarmos textos publicados na revista L*iteratura*, de uma seqüência extensa de matérias consultadas, revisitaremos textos quer de autoria de nossos escritores, quer de outros, quer, ainda, de orientações programáticas do partido ou resultados de eventos que estiveram de acordo com suas diretrizes. Nesse sentido faremos dialogar, entre si, textos desta variada produção, com o intuito de apontar em que medida Graciliano e Amado integram redes de relações da intelectualidade de esquerda e, em especial, mostram práticas de uma escrita militante.

Segundo Rubim, a revista *Literatura*, lançada em 1946 por Astrogildo Pereira, tinha como objetivos declarados "*aproximar cultura e povo"*, bem como "*aglutinar setores amplos da intelectualidade"*. A revista não estava subordinada diretamente ao partido e congregava, realmente, intelectuais de diversos matizes de esquerda. Faziam parte do conselho de redação, ao lado de Graciliano Ramos, "*Alvaro Moreyra, Aníbal Machado, Artur Ramos, Manuel Bandeira e Orígenes Lessa*". Além destes, a revista, dirigida por Astrogildo e secretariada por Jorge Madauar, contaria com colaboração de diversos intelectuais[528].

Literatura teve dez números publicados, mas no final assistiu ao afastamento de vários de seus colaboradores, circunscrevendo-se, sobretudo, aos filiados ao partido. O motivo da debandada é explicado por Rubim como resultado da "*política de gueto*"[529] adotada pelo partido a partir da guerra fria.

A apresentação da revista é interessante de ser comentada por representar uma declaração de princípios que, a despeito de ter em seu corpo editorial uma grande quantidade de comunistas, acena para uma postura plural, apresentando-se como espaço

---

528 Rubim, Antonio Albino Canelas. "Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil" in: MORAES, João Quartim de (org.). *História do Marxismo no Brasil.* Vol. 3 "Teorias. Interpretações". Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, pp.389-390.

529 *Idem, ibdem*, p.389.

de discussão não apenas da cultura e das artes, como também de projetos de Brasil. Essa postura que pode ser apresentada como progressista - e o será mais tarde em outras edições -, parece refletir um clima mais geral de abertura e de crença na aliança de forças democráticas capazes de construir verdadeiros espaços de articulação de idéias.

Na mesma edição da revista, aparece o texto "Decadência do romance brasileiro" escrito por Graciliano Ramos. Neste artigo, em que avalia os rumos do romance brasileiro posterior a 1930, Graciliano é de um amargor e de um pessimismo flagrantes. O eixo de sua argumentação estaria centrado na constatação de que os romancistas que no início da década de 1930 apresentaram-se como os grandes responsáveis por revitalizar a maneira de se fazer romance no Brasil teriam, na década seguinte, perdido os elementos em que construíram a inovação e vitalidade de suas obras.

No artigo, Graciliano retoma as linhas mestras da história literária do Brasil no século XX e tenta demonstrar que o romance, depois do modernismo, teria dado um grande salto de qualidade com o advento dos romancistas nordestinos, mas que essa curva teria se tornado descendente aproximadamente depois de 1935.

Para a confecção desta análise escolhe as obras daqueles que considera os quatro maiores expoentes desta geração: Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Jose Lins do Rego e Amando Fontes[530], romancistas que fizeram parte da rede de relações de Graciliano, não apenas como escritores surgidos na mesma época e com proximidades estilísticas e temáticas, mas principalmente como amigos pessoais do escritor.

Esta informação é que faz com que a natureza das críticas feitas a esses representantes da geração de 30 tornem-se ainda mais secas e ásperas. O romancista – nordestino – identifica como causa provável do declínio de suas produções a transferência destes escritores para o Rio de Janeiro, ou outras grandes cidades, e a necessidade que passa a ser patente em suas obras de escolher bem os assuntos e a linguagem a ser utilizada, na tentativa de serem aceitos pelo bom gosto do público a que se direcionam. Se antes eram criaturas modestas e acanhadas do Nordeste, passaram a desfrutar da fama e das benesses do reconhecimento de crítica e público. E esta

[530] Rachel e José Lins foram amigos muito próximos de Graciliano, empenhando-se em ajudá-lo nos momentos mais difíceis. Com Jorge Amado, Graciliano teve uma relação de proximidade embora não tenham se tornado amigos íntimos. Sobre a relação de Amando Fontes como romancista, não encontramos indicações mais precisas de proximidade.

proximidade com o poder teria matado o que havia de verdadeiro, de observação da realidade, de sensível em suas obras.

Dissecando a produção de cada um dos quatro, entre trinta e o momento de escrita do artigo, Graciliano tenta demonstrar qual teria sido o momento e quais teriam sido as causas para o aparecimento de flagrantes fragilidades em suas obras. Para, através desta análise individualizada, descrever a curva descendente de decadência do romance brasileiro.

Explicando o sucesso desta nova forma de fazer romance, atribui o sucesso da empreitada a dois fatos que cimentaram o caminho e tornaram possível o aparecimento destes escritores: "*O Modernismo e a Revolução de Outubro*"[531]. Desta forma, mostra como produto de uma transformação na forma das pessoas encararem não somente a arte mas também a própria realidade. Na passagem a seguir, reproduzimos a descrição que Graciliano faz da ascensão e queda do romance nordestino e em que justifica a escolha destes quatro autores como base de sua avaliação:

> "(...) Um escândalo. As produções de sintaxe presumivelmente correta encalharam. E as barbaridades foram aceitas, lidas, relidas, multiplicadas, traduzidas e aduladas. Estavam ali pedaços do Brasil – Pilar, a ladeira do Pelourinho, Fortaleza, Aracaju.
>
> Raquel de Queirós, Jorge Amado, José Lins do Rêgo, Amando Fontes. Há outros, certamente. (...)
>
> Quero apenas referir-me aos representantes máximos do romance nordestino, observadores honestos, bons narradores. Ora, se atentarmos na obra destes quatro novelistas originais, perceberemos nela uma curva. Fizeram, quase sem aprendizagem, ótimas histórias, com tal sofreguidão que pareciam recear esgotar-se. Não se esgotaram talvez, mas estacaram, como se tivessem perdido o fôlego, ou publicaram trabalhos inferiores aos primeiros. E convém notar que essa queda se deu quando cessou a agitação produzida pela revolução de Outubro. Subiram até 1935. Aí veio a decadência, o que veremos facilmente"[532].

Mais adiante, o autor analisará, uma a uma, a produção de cada um dos autores, começando por Raquel de Queirós. De maneira geral, para Graciliano, o livro de estréia da autora, *O quinze*, de 1930, demonstrava a força de uma escritora muito jovem, com dezoito anos apenas, já capaz de apresentar passagens marcantes. Sobre seu segundo

---

531 *Literatura.* Setembro de 1946 (Ano I – n°1), p. 20.

532 Golpe de 1930.

livro, *João Miguel*, de 1932, Graciliano derrama-se em elogios, dizendo que pela primeira vez na literatura brasileira, depois de Artur de Azevedo, aparecem bons diálogos[533]. Sobre o terceiro, *Caminho de pedras*, de 1936, tece comentários menos elogiosos[534]. O quarto livro de Raquel de Queirós, *As três Marias,* de 1940, é apontado por Graciliano um livro muito bem escrito[535] mas que, no entanto, tem muito mais de sustentação de uma tese ou argumento do que de romance[536].

Sobre os romances de Jorge Amado o autor é ainda mais econômico nos elogios. Seu primeiro romance, *O país do carnaval,* não merece análise detalhada[537]; seu segundo romance, *Cacau*, de 1932, ainda é visto como obra frágil, embora Graciliano aponte a notoriedade nacional e internacional que Jorge Amado adquiriu[538]; o terceiro romance, *Suor*, de 1933, recebe elogios[539], e o quarto livro de Jorge Amado, *Jubiabá*, de 1935, é apontado como o ponto alto da produção do escritor baiano[540]. Os dois próximos romances de Amado descrevem, segundo Graciliano, uma curva descendente que indicaria a perda de vitalidade do escritor. Neste caso, o quinto livro, *Mar morto*, de 1936, seria pior do que *Jubiabá*[541] mas ainda melhor do que o seguinte, *Capitães da Areia,* de 1937[542].

Sobre a obra de José Lins do Rêgo, análise mais extensa do artigo, Graciliano tece os comentários menos mordazes, no entanto, não poupa o velho amigo de suas críticas ácidas. Em sua interpretação, o ponto alto da carreira do escritor teria sido *O ciclo da cana de açúcar*, conjunto composto por seus cinco romances iniciais, que abordam a realidade do nordeste açucareiro. Sobre esse momento da obra do autor,

---

533 "as figuras de Raquel conversam direito sem consultar o dicionário. *João Miguel* não teve a divulgação que merece, ainda está na primeira edição, uma vergonha." *In*: *Literatura.* Setembro de 1946 (Ano I – n°1), p. 21.

534 "livro demagógico. Tem partes excelentes – a morte de uma criança, o monologo de uma criatura que deixa o marido- mas quase sempre é intencional e frio" *in*: *Literatura.* Setembro de 1946 (Ano I – n°1), p. 21.

535 "o mais bem construído dos seus romances" *In*: *Literatura.* Setembro de 1946 (Ano I – n°1), pp. 21-22.

536 "existe, porém, aí uma tese muito clara. E as personagens tem menos liberdade que João Miguel, um infeliz prisioneiro" *In*: *Literatura.* Setembro de 1946 (Ano I – n°1), p. 22.

537 "Jorge Amado começou com *O país do carnaval*, na adolescência" *In*: *Literatura.* Setembro de 1946 (Ano I – n°1), p. 22.

538 "ainda hesitante, já revela o escritor que adquiriu celebridade em pouco tempo, nestas paragens e em lugares cultos" *In*: *Literatura.* Setembro de 1946 (Ano I – n°1), p. 22.

539 "coleção de tipos magnífica"*In*: *Literatura.* Setembro de 1946 (Ano I – n°1), p. 22.

540 "chega o romancista ao ponto mais elevado. Existe aí uma sentinela de defuntos, das melhores coisas que nos deu." *In*: *Literatura.* Setembro de 1946 (Ano I – n°1), p. 22.

541 "é um recuo. Tem paginas ótimas, a morte de Esmeralda, por exemplo, mas está longe de *Jubiabá" In*: *Literatura.* Setembro de 1946 (Ano I – n°1), p. 22.

542 "não vale *Mar morto*" *In*: *Literatura.* Setembro de 1946 (Ano I – n°1), p. 22.

Graciliano identifica uma série de narrativas que perpassam a crise e a decadência da economia açucareira, e que não podem ser analisadas separadamente.[543] A partir desta seqüência de romances, ambientada no local onde o autor nasceu e criou-se, sua produção literária teria apenas decaído em qualidade. Seu sexto romance, *Pureza,* de 1937, seria o primeiro passo desta queda; seguido por *Pedra bonita*, de 1939, e *Riacho doce*, de 1949. A razão desta descida gradual seria justamente o tamanho do afastamento existente entre o material de escrita e as vivências do autor.[544]

É em sua analise da obra de Amando Fontes que Graciliano é mais cáustico. Apresenta o primeiro livro do escritor, *Os Corumbas*, de 1933, como algo frágil e deficiente, alternando boas passagens com momentos muito ruins.[545] *Rua do Siriri*, de 1937, sua segunda "novela", como descreve um severo Graciliano, não apresenta outras características que devam ser salientadas, para além da retidão, característica essa que seria responsável por uma obra que nem chocaria, nem inovaria, provida de uma trama chocha para um assunto que poderia render um romance melhor, a prostituição.[546]

Vale à pena acompanhar a forma como Graciliano Ramos vai encaminhando a conclusão sobre a decadência do romance brasileiro. Partindo de uma analogia às decentes e comportadas prostitutas que figuram no romance *Rua do Siriri,* de Amando Fontes, afirma:

> "Essas mulheres de Amando Fontes representam bem os nossos romances atuais, direitos, comedidos, inofensivos. Desapareceram os mocambos, os

---

543 "José Lins do Rêgo fez o *Ciclo da cana de açúcar*, conjunto de cinco romances muito sérios: *Menino de engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Bangüê* (1934), *Moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936). Não podemos isolar nenhum desses: movem-se aí as mesmas personagens, apresentam-se os mesmos interesses, as mesmas lutas. (...) E assim veio a lume a narração do Bangüê vencido pela usina, do capital estrangeiro absorvendo as economias do Senhor de engenho." *In*: *Literatura.* Setembro de 1946 (Ano I – n°1), p. 22.

544 "As admiráveis qualidades do escritor somem-se quase aí, ou seus defeitos avultam, agravados pelo fato de se mostrarem lugares e acontecimentos que ele não conhece bem. José Lins nasceu na zona da indústria açucareira, lá se criou, lá se educou. Ofereceu-nos cinco livros cheios de vida, numa linguagem forte, expressiva, a língua velha dos descobridores, conservada no Nordeste, com poucas corrupções. Largou isso e arriscou-se em digressões perigosas." *In*: *Literatura.* Setembro de 1946 (Ano I – n°1), p.22.

545 "obra onde há passagens horríveis, uma conversa de professores da escola normal de Aracaju, por exemplo, ingênua e pedante. Contrastando, porém, com essas falhas, acham-se no livro páginas intensas e humanas" *In*: *Literatura.* Setembro de 1946 (Ano I – n°1), p.23.

546 "O meio é o bairro das prostitutas numa pequena capital do nordeste, mas esse lugar de safadeza foi rigorosamente policiado na sintaxe a na moral. A devota intransigente e a colegial afoita que buscarem ali motivo de censura soltarão o volume decepcionadas. (...) se os lupanares fossem aquilo, venceriam, em austeridade, em recato, os mais inflexíveis estabelecimentos de educação feminina." *In*: *Literatura.* Setembro de 1946 (Ano I – n°1), p.23.

> sobradões onde se alojavam trabalhadores e vagabundos, as cadeiras sujas, as bagaceiras e os canaviais, as fábricas, os saveiros, a escola da vila. E a nossa literatura começou a comportar-se, na moral e na sintaxe, como as mulheres da *Rua do Siriri*. Baniu-se o palavrão, verdadeiro e bíblico. Afastou-se o negro. As personagens branquearam. E, timidamente, aproximaram-se da Academia."[547]

Como crítico, Graciliano parece revelar seu projeto literário: uma narrativa realista colada à realidade material e à origem – não só social, mas especialmente espacial – do próprio escritor. Quanto mais distantes de seu território de origem, quanto mais próximos dos círculos de sociabilidade do poder político ou da consagração literária, mais os escritores da geração de 1930 se afastavam desse projeto. Não admira que por essa época, portanto, Graciliano, vivendo no Rio de Janeiro, estivesse buscando suas próprias raízes, nas memórias da sua origem pessoal, algo que ele "conhecia bem"o suficiente para produzir literatura.

Mas não só de crítica e produção literária "puras" vivia a revista animada pelos comunistas. É interessante atentar para as redes de articulação que as diversas instâncias da sociedade civil ligadas ao campo da esquerda, de uma forma geral, ou ao comunismo, de uma forma específica, utilizavam para se defender e se proteger. No primeiro número da revista *Literatura*, foi publicada uma nota de protesto, confeccionada pela ABDE, contra o fechamento da *Tribuna Popular*, jornal do Partido Comunista no Rio de Janeiro:

> "Escritores e jornalistas protestam contra o fechamento da *Tribuna Popular*"
>
> "Declaração publicada pelo Sr. Guilherme Figueiredo, Presidente da Associação Brasileira de Escritores:
>
> 'A suspensão da *Tribuna Popular* é um ato monstruoso, que fere em cheio a liberdade de imprensa porque devem basear-se todos os democratas, principalmente os escritores. É um ato próprio somente de quem presta ou prestou ao Tribunal de Segurança do Estado Novo, aos espancamentos e torturas policiais;'
>
> Ao Presidente da Republica e ao Presidente da Assembléia Constituinte foi enviado o seguinte telegrama:
>
> 'A medida violenta, ordenada pelo Ministro da Justiça, de suspensão da *Tribuna popular*, constitui grande ofensa aos sentimentos democráticos do povo brasileiro. Os escritores e jornalistas signatários deste manifestam a Vossa

---

547 *Literatura.* Setembro de 1946 (Ano I – n°1), p.23.

> Excelência viva inquietação pelo sucedido e protestam contra esse atentado contra a nossa cultura' "[548]

Dentre os 45 signatários do telegrama, consta o nome de Graciliano Ramos.

Outra nota da mesma seção da revista traz, mais uma vez, um protesto da ABDE, desta vez contra a prisão de escritores:

> "A Diretoria da ABDE, órgão de defesa dos interesses morais e materiais do escritor, reunida para tomar conhecimento das arbitrariedades cometidas pela polícia desta Capital contra seus associados, o escritor e jornalista Alvaro Moreyra, que teve seu lar violado e foi preso, sem justa causa, de Madrugada, com outros membros de sua família, e o escritor e advogado militante, Adauto Lúcio Cardoso, preso e covardemente espancado por investigadores policiais, na própria sede da Polícia Central, quando se achava no cumprimento de seus deveres profissionais, resolveu, unanimemente, manifestar a Vosso Excelência o apoio pelas medidas democráticas por Vossa Excelência determinadas, no sentido de garantir os direitos individuais e as imunidades parlamentares, quando dos tristes acontecimentos de 29,30 e 31 de agosto último."[549]

Essas notas demonstram o papel importante desempenhado pela ABDE no sentido de exigir do governo a garantia das liberdades democráticas. Mesmo que essas exigências não encontrassem ecos com o presidente, e que o prestigio político da associação não fosse suficiente para este gênero de negociação, a importância da associação estava justamente na elaboração deste tipo de carta, telegrama ou manifesto para que, depois de enviado ao destinatário principal (Presidente da Republica, da Câmara, etc), pudesse ser veiculado no maior número possível de órgãos de imprensa. É aí que entra o papel das revistas e dos jornais próximos ao campo de esquerda: fazer circular um tipo de notícia que normalmente não encontraria lugar nos veículos da grande imprensa.

---

[548] Esse telegrama foi assinado pelos seguintes escritores e jornalistas: "A. Barbosa do Nascimento, Alberto Passos Guimarães, Alfredo Tomé, Alina Paim, Alvaro Moreira, Armando Albuquerque, Astrojildo Pereira, Augusto Rodrigues, Borelli Filho, Bruno Ferreira Gomes, Carlos Scliar, Celso Figueiredo, Clodoalto Miltin, Dalcídio Jurandir, Dontel de Andrade,Edison Carneiro, Egídio Squeff, Eugênia Álvaro Moreyra, Floriano Gonçalves, Froes da Mota, Gil Gaffré, Graciliano Ramos, Ivo Pereira dos Santos, Jayme Santos, João Barbosa de Oliveira, Jorge Medauar, Laura Austregésilo, Lia Corrêa Dutra, Luiz A. dos Reis, Luiz Augusto de Medeiros, Miguel Costa Filho, Moacyr Werneck de Castro, Murilo Miranda, Octavio Malta, Osório Borba, Oswaldo Alves, Paulo Rodrigues, Raymundo Sousa Dantas, Rossini Camargo Guarnieri, Rubem Braga, Salomão, Scliar, Vicente de Paula A. Rodrigues, Viegas Neto, Xavier Placer."

[549] *Literatura.* Setembro de 1946 (Ano I – n°1), p.80

O segundo número da revista também apresenta um editorial que pretende avaliar o papel dos escritores na conjuntura política da época.

> "O aparecimento de *Literatura* coincidiu com a volta do país ao regime constitucional, restaurado formalmente a 18 de setembro. (...) passamos à fase em que é preciso lutar pela consolidação e ampliação das conquistas já alcançadas. É uma fase propriamente de realizações – nos domínios da política e da administração, como também nos domínios da cultura.
>
> Esta revista, modéstia a parte, pretende ser uma expressão, em termos de literatura, desta nova fase da vida nacional. (...)
>
> O fato, cuja significação nunca é demais ressaltar, é que os nossos escritores, conforme acentuamos em nossas palavras de apresentação, mostram-se conscientes de sua missão como coletividade militante, com direitos e deveres definidos perante o povo brasileiro.
>
> Nenhum escritor ou artista pode mais eximir-se ao processo de entrosamento entre a atividade literária ou artística propriamente dita e o conjunto de múltiplas atividades humanas de que se nutre a sociedade e que se constitui a base mesma de toda a vida social. (...) Em conseqüência, a cultura deixa de ser um privilegio e torna-se um bem comum democraticamente acessível a todos os cidadãos. As últimas torres de marfim desabam fragorosamente, e os 'raros' e 'puros' que se obstinam em permanecer isolados dentro delas acabarão esmagados sob seus escombros"[550]

Este segundo editorial é ainda mais explicito do que o anterior: não há espaço para uma arte não seja engajada, para um artista que não tenha minimamente preocupações políticas e sociais.

Outro caráter importante destas revistas estava na avaliação e validação das obras dos intelectuais que gravitavam em torno deste mesmo projeto político. Sua importância está em auferir o status de crítica literária positiva às obras destes autores. O que acaba conferindo maior legitimidade, uma vez que estão tendo, ainda em vida, maior circularidade promovida por essas críticas. As pessoas que fazem parte do conselho editorial, ou os colaboradores mais freqüentes, trocam resenhas e críticas e, assim, constroem uma teia de proteção que granjeia para esses intelectuais um espaço não só de aproximação política, mas também de consagração literária, numa circularidade de pessoas que partilham um posicionamento militante de esquerda e que escrevem para os mesmos veículos de imprensa.

---

550 *Literatura.* Outubro de 1946 (Ano I – n°2), pp. 1-3.

Um exemplo disto está no ensaio de Nelson Werneck Sodré para *Literatura* que analisa a produção literária brasileira posterior a 1930, daquela que ficou conhecida como a geração nordestina, a partir de uma leitura das transformações política e econômicas do cenário nacional. Para o autor, o modernismo teria aberto caminho para as transformações estéticas, mas a crise de 1929 e a "revolução de outubro de 1930"[551] teriam sido marcos de transformação conjunturais mais profundas que acabaram permitindo o surgimento e de uma nova forma de se fazer literatura.

> "(...) o aparecimento sucessivo, em pequeno espaço de tempo, de um número relativamente grande de escritores com novas marcas, apresentando obras de valor indiscutível (...)
>
> a marca íntima fixou-se, sem dúvida na particularidade do romance revestir-se de um caráter nacional e popular.
>
> A consistência do regionalismo do romance brasileiro depois de 1930 traduziu-se em formas múltiplas. (...) a entrada da língua popular para a literatura, as reminiscências de tradições e costumes locais, o levantamento, através da ficção, de todo um conteúdo cultural, – na significação sociológica – de determinadas regiões brasileiras.
>
> O grande segredo, e a força mesma do romance, depois de 1930,consistiu efetivamente na transferência ao plano da ficção dos grandes problemas coletivos que agitavam o país ou que haviam motivado, na tradição, pela herança, tais problemas"[552]

Além da crítica, a estratégia de consagração dos escritores progressistas passava também pela valorização de suas associações e encontros. Passa a ser freqüente a publicação, nas páginas da seção "notícias" da revista *Literatura*, de notas relativas à Associação Brasileira De Escritores, indicando a circulação dos intelectuais que participavam tanto da instância organizativa quanto do periódico de divulgação. No segundo número, por exemplo, encontramos o relato do "Primeiro Congresso Cearense de Escritores" e do "Primeiro Congresso Paulista de Escritores".

---

551 "Embora a aplicação do vocábulo revolução ao levantamento que se operou, no Brasil, em 1930 seja uma espécie de eufemismo é evidente a importância desse levantamento não como fato isolado, mas como episodio de um processo que ainda segue o seu curso." In: *Literatura.* Outubro de 1946 (Ano I – n°2), p.5.

552 *Literatura.* Outubro de 1946 (Ano I – n°2), p.4-13

O modelo do escritor comprometido aparece também no resgate de intelectuais do passado. Lima Barreto morreu em 2° de novembro de 1922, e é em sua memória que é feito o editorial do terceiro número da revista *Literatura*:

> "(...)Lima Barreto foi um homem e um escritor do povo. Podemos acrescentar: um homem e um escritor agressivamente do povo. (...)
>
> Nem se explica de outro modo o seu comportamento, como escritor, diante dos problemas políticos e sociais de seu tempo. Tomou posição afirmativa e corajosa, nas horas agudas, ao lado das forças democráticas. Quando, em 1919, a reação mundial, ao serviço do imperialismo, arremessava 14 exércitos mercenários contra a jovem república soviética, Lima Barreto assumiu a única atitude coerente num democrata, num amigo do povo: definiu-se, num artigo memorável, a favor do proletariado russo contra as hordas bestiais do imperialismo. Hoje, se fosse vivo, estaria sem a menor dúvida, na primeira linha dos combatentes da democracia. Estaria do nosso lado, ao lado dos escritores anti-fascistas, ao lado das massas populares contra os restos do fascismo. (...)"[553]

O interessante de se perceber neste artigo é a importância atribuída pelo conselho editorial, do qual faz parte Graciliano Ramos, à militância ou posicionamento político do escritor homenageado. Os valores ressaltados no homenageado dizem respeito a sua ligação com o "povo" e ao fato de ter escrito um artigo em que se solidarizara à Rússia. De sua obra, no editorial, poucos são os aspectos destacados, sendo ressaltadas, sobretudo, características que permitam aos autores da homenagem realçar pontos que oferecessem a possibilidade de uma avaliação da situação política e social do momento da escrita. Essas características serão tão instrumentalizadas que o editorial assume ares divinatórios, prevendo que, se vivo, Lima Barreto seria um lutador anti-fascista.

Seara vermelha

Em 1946, Jorge Amado publica um novo romance[554], *Seara vermelha*[555]. Durante o período de escrita, Amado vivia na Baixada Fluminense, no sítio Peji de

---

553 *Literatura.* Novembro - dezembro de 1946 (Ano I – n°3), pp. 2 – 3.

554 "Terminado de escrever em junho de 1946, em Nova Iguaçu, na casa de campo do autor chamada Pegi de Oxóssi, no Estado do Rio de Janeiro, o romance saiu em 1ª edição pela Livraria Martins Editora, São Paulo, agosto de 1946, 319 páginas, com ilustrações de Carlos Scliar e foi posteriormente

Oxossi, com sua companheira Zélia Gatai. Ambos militavam no Partido Comunista, sendo que ele iniciara, em janeiro, sua legislatura. Em seu livro de memórias, escrito bastante tempo depois de abandonar o partido, rememora da seguinte maneira esse período: "*Após o almoço, às treze horas, eu pegava um carro de aluguel, contratado por mês, para me levar e trazer do Peji a Caxias – os dez por cento dos proventos de deputado que o partido me deixava davam exatos para pagar essa condução: eu devia viver de meus direitos autorais, segundo a direção.*"[556]

É interessante atentarmos para a menção à forma como era empregado seu salário de deputado, que permanecia com o partido, vivendo o escritor de seus direitos autorais. Esse comentário nos ajuda a dimensionar tanto o peso da rentabilidade da obra de Amado, quanto a evidenciar que, ao menos neste momento, sua subsistência não provinha diretamente de sua atividade militante.

Em *Seara vermelha*, retoma de forma mais contundente a explicitação de sua militância política. Se, em *Bahia de todos os santos*, havia se limitado a comentários sobre a injustiça social, em seu novo romance reafirma sua opção pela via comunista. Em momento de legalidade do partido e em que a militância organizava-se em torno de grandes manifestações comunistas, Amado, deputado Federal pela bancada comunista, torna pública em seu livro sua militância política. Esta explicitação se encontra presente logo na dedicatória do livro - "*Para Luis Carlos Prestes, amigo dos camponeses"*(p.1) - e na escolha das três epígrafes: "*cai, orvalho de sangue do escravo,/cai, orvalho na face do algoz,/ cresce, cresce, seara vermelha, cresce, cresce, vingança feroz..."* de Castro Alves, de onde toma emprestado o título do romance; *"...está no latifúndio, na má distribuição da propriedade territorial, no monopólio da terra, a causa fundamental do atraso, da miséria e da ignorância do nosso povo."*, de

---

incluído na coleção "Obras Ilustradas de Jorge Amado" como o décimo tomo, volume XII, com as mesmas ilustrações e capa de Carybé, até a 28ª edição, 1975. A Editora Record, Rio de Janeiro, assumiu, então, a editoração, sendo a 49ª edição a mais recente, com fixação de texto por Paloma Jorge Amado e Pedro Costa, ilustrações de Carybé, as antigas ilustrações de Carlos Scliar e foto do autor por Zélia Gattai, 338 páginas. / É o segundo romance amadiano mais divulgado no estrangeiro, tendo sido publicado em Portugal e traduzido para o albanês, alemão, árabe, armênio, búlgaro, chinês, eslovaco, espanhol, finlandês, francês, grego, hebraico, húngaro, italiano, japonês, lituano, moldávio, polonês, romeno, russo, sérvio, sueco, tcheco, turco, ucraniano e vietnamita. / Cinema: *Seara vermelha*, Proa Filmes, São Paulo, 1963, filme estrelado por Marilda Alves, com trilha musical composta por João Gilberto, direção de Alberto d'Aversa e adaptação, roteiro e diálogos de d'Aversa e Jorge Amado" *In*: http://www.fundacaojorgeAmado.com.br/obras_jorge/seara2.htm#historico

[555] Amado, Jorge. *Seara vermelha.* São Paulo: Martins, 1972 (27ª ed).

[556] Amado, Jorge. *Navegação de Cabotagem.* Rio de Janeiro: Record, 1992, p.216.

Luis Carlos Prestes; e *"A liberdade é o conhecimento de nossas necessidades"*, de Engels.

A trama é desencadeada pela venda de uma fazenda onde vivem vários trabalhadores. O dono, advogado que se mudou para o Rio e desvencilhou-se da fazenda deixada pelo pai, ordena que todos os trabalhadores deixem o local antes da chegada do novo proprietário. Esse acontecimento irá marcar o início de uma marcha dos colonos em busca de uma outra alternativa de vida. O enredo gira em torno da desestruturação de uma família que vai minguando e degenerando-se ao poucos na esperança de sobreviver.

Na descrição do tipo de vida que essa família tinha antes da partida, o autor não descreve um cenário de tranqüilidade: já levavam uma existência sofrida e miserável, vazia de significado que não o do trabalho e das esperanças de um dia conseguirem comprar um pedaço de terra. Esperança vã. Se contentavam com migalhas de felicidade, como a festa de casamento que antecede o despejo:

> "Ali estão, na festa de Ataliba, no casamento de Teresa, todos os colonos da fazenda, todos os meeiros e trabalhadores. Esse é um dia de festa, acontecimento raro na triste monotonia daquelas vidas. Falou-se nela durante muito tempo antes, muito tempo depois se falará ainda. São homens e mulheres que trabalham dia e noite, mourejam na enxada, cavoucam a terra, plantam e colhem, são semi-escravizados à fazenda, a qual tem que vender sua colheita e onde tem que comprar seus mantimentos, mas nessa noite não pensam em nada disso, em nenhuma tristeza, em nenhuma desgraça." [557]

Mas essa situação de trabalho incessante ainda era preferível à perspectiva de se atirar à caatinga. Ainda no início desta jornada o narrador já anuncia qual é o destino dos retirantes: a fome, a sede, as doenças e, para a maioria deles, a morte. A busca de São Paulo como a tábua de salvação, a única esperança que torna possível a persistência em sobreviver, dissipa, um a um, os retirantes que se perdem pela caatinga nordestina. Esse retrato de desespero é feito pelo autor em tom de denúncia, mostrando ao leitor uma situação que tem como agente provocador um inimigo claro que deve ser nomeado: o latifúndio:

---

[557] Amado, Jorge. *Seara vermelha.* São Paulo: Martins, 1972 (27ª ed), p.52.

> "E através da caatinga, cortando-a de todos os lados, viaja uma inumerável multidão de camponeses. São homens jogados fora da terra pelo latifúndio e pela seca, expulsos de suas casas, sem trabalho nas fazendas, que descem em busca de São Paulo, Eldorado daquelas imaginações. (...) É uma viagem que há muito começou e ninguém sabe quando vai terminar porque todos os anos os colonos que perderam a terra, os trabalhadores explorados, a vítimas da seca e dos coronéis, juntam seus trapos, seus filhos e suas últimas forças e iniciam a jornada. E enquanto eles descem em busca de Juazeiro, ou de Montes Claros, sobem os que voltam, desiludidos de São Paulo, e é difícil, se não impossível, descobrir qual a maior miséria, se a dos que partem ou a dos que voltam.(...) Famílias numerosas iniciam a viagem e quando atingem Pirapora a doença e a fome as reduziu a menos da metade. (...) Enchendo o deserto da caatinga com suas vidas desesperadas, com seus ais de dor, seu passo abrindo picadas que logo se fecham em espinhos.
>
> Só os imigrantes são os mesmos, os nomes podem mudar, mas são idênticos rostos, a mesma fome, o mesmo fatalismo, a mesma decisão no caminhar. Atravessando a caatinga, sobre as pedras, os espinhos, as cobras, os lagartos, para frente, indo para São Paulo onde dizem que existe terra de graça e dinheiro farto, voltando de São Paulo onde não existe nem terra nem dinheiro."[558]

A busca de São Paulo aparece com a única alternativa para a família de retirantes que, deparando-se pelo caminho com outros miseráveis que voltam ainda mais rotos e desgraçados do que eles, recusam-se a acreditar que o sonho é impossível, e mesmo após escutar que São Paulo é cruel para pessoas como eles, recusam-se a acreditar que o Eldorado não existe e que a única coisa que os espera é a miséria.

Pouco a pouco, a realidade começa a se impor, a cada morte, a cada diminuição na família, a cada desespero, a cada etapa vencida que cobra como tributo uma vida, os retirantes começam a questionar até mesmo a única coisa que ainda os impulsiona, a esperança:

> "Agora quase que só eles lhe restavam na vida, sua família estava acabando depressa e ela já não lastimava que os três houvessem partido mesmo que para serem soldado e cangaceiro, que pior era morrer naquela viagem para São Paulo.
>
> Ia tomando ódio a essa terra de São Paulo, não sabia mesmo porque ainda marchavam para lá. Podiam ter ficado pelo caminho, numa fazenda qualquer, como agregados. Que importava que o salário não desse, que a terra não fosse deles, que lavrassem para um coronel e para ele colhessem? De qualquer maneira iriam vivendo e estariam todos vivos e juntos"[559]

---

558 AMADO, Jorge. *Seara vermelha.* São Paulo: Martins, 1972 (27ª ed), pp.60-61

559 *Idem, ibdem*, p.145.

Essa tomada de consciência é lenta e gradual. A família, que no começo apenas impulsiona-se para frente, impossibilitada de maiores divagações sobre o futuro, seguindo a necessidade de sobrevivência, vai tomando consciência da inutilidade de seus esforços. Jorge Amado mostra ao leitor uma miséria continuada e imutável e, assim, vai chamando atenção do leitor para necessidade de solução coletiva. Essa família representa todas as famílias de migrantes. E elas são milhares.

Lentamente, na mesma lentidão com que faz seus personagens percorrerem os caminhos da seca, o autor conduz o leitor à conclusão de que nenhuma saída individual é possível, e de que apenas uma transformação profunda da realidade poderia oferecer a uma esperança verdadeira de felicidade. O autor parece indicar que a saída não é um lugar diferente, mas sim um sistema diferente. Nesse momento da narrativa, Amado coloca na boca de uma personagem questões que pretende que o próprio leitor levante:

> "Vai um rumor de choros e gemidos no barco. Na primeira classe tocam piano e riem. Lá não servem apenas peixe. Há carne, pão com fartura, café com leite, ninguém adoeceu. Vida de pobre é assim mesmo e Jacundina não sabe para quê nasce gente pobre se é para sofrer tanto. (...) esse mundo é mal feito, tem muita injustiça, deve mesmo acabar."[560]

O livro é dividido em quatro partes, prólogo ("a seara"), livro primeiro ("os caminhos da fome"), livro segundo ("as estradas da esperança") e epílogo ("a colheita"). Nessas divisões, o autor pretende explorar as várias facetas da realidade do êxodo de nordestinos, desencadeado pela opressão do latifúndio. Cada uma destas partes pretende mostrar uma faceta diferente do problema e quais as saídas encontradas pelos nordestinos do sertão para lidar com a forma com a qual o sistema capitalista os trata.

A miséria vivenciada por meeiros, colonos e agregados que trabalham em um sistema de semi-escravidão nas grandes fazendas – sistema que gera lucros incríveis para fazendeiros – levando uma existência penosa, apresenta poucas alternativas de fuga. Dentre as mais usuais, encontram-se o engajamento no exército, a formação de bandos de cangaceiros e o surgimento de beatos que predizem o fim do mundo. vale salientar que duas destas mesmas estratégias foram tratadas por Graciliano Ramos em

---

560 Amado, Jorge. *Seara vermelha.* São Paulo: Martins, 1972 (27ª ed), p.146.

suas crônicas de *Viventes das Alagoas* e na "pequena história da República" publicada com *Alexandre e outros heróis*. No primeiro, estuda o cangaço como um fator de ordem econômica, produzido pela miséria da região. No segundo, aponta Canudos como um episódio marcante por ter sido um movimento popular surgido da miséria do povo.

Também em *Vidas Secas* a temática da seca havia sido explorada e o encaminhamento dado a *Seara vermelha* por Amado, parece apontar a inutilidade das expectativas de Fabiano e Sinhá Vitória, que marcavam o final da obra de Graciliano.

Jorge Amado apresenta esses mesmos temas de forma tipificada. Personagens da família protagonista da história vivenciam essas experiências e parecem servir, de forma didática, para a explicação destes fenômenos. A diferença é que Jorge Amado não se limita a mostrar as soluções individuais para miséria: faz questão de colocar na boca de suas personagens a evidenciação de que cada uma destas realidades resulta da existência de uma desigualdade social profunda.

Sobre o cangaço, destaca-se a seguinte cena entre Lucas Arvoredo, chefe de um grupo de cangaceiros, e um caixeiro-viajante:

> "- Por que o senhor não junta o dinheiro que tem, não ruma para oeste, atravessa a fronteira, vai ser fazendeiro na Bolívia?
>
> - Pra quê, seu moço?...Tou nessa vida de bandido porque roubaram as terras de meu pai. E não se contentaro, ainda mataro o pobre véio que nunca tinha feito mal a ninguém. E era uma porquera de terra, nem chegava a dois arqueire... Lá quero terra pra me tomarem de novo... sou bandido já vai pra mais de onze anos, vou morrer nessa vida. De morte matada porque nenhum macaco vai me pegar com vida, se Deus me ajudar..."[561]

Essa declaração serve para evidenciar o problema gerador do cangaço, os fazendeiros que exploravam os trabalhadores e que dispunham de suas terras e vidas a seu bel prazer. Isso não faz com que o autor atenue o mal que o cangaço causava: estupros, roubos e mortes não destes grandes fazendeiros, mas da população do sertão:

---

561 Amado, Jorge. *Seara vermelha*. São Paulo: Martins, 1972 (27ª ed), p.207.

> "tampouco os cangaceiros perdoavam. Apesar de que haviam saído de entre os sertanejos mais pobres, vítimas do latifúndio, das lutas desiguais com os coronéis que tomavam suas terras, frutos do meio social, ainda assim não guardavam particular simpatia pelos que sofriam o que eles já haviam sofrido. Também os cangaceiros roubavam e defloravam, matavam e capavam. A única diferença entre os cangaceiros e a polícia era que esta respeitava a todos os grandes fazendeiros enquanto Lucas atacava também a estes."[562]

O personagem cangaceiro da família, José, ou Zé Trovoada, conhece a libertação passageira através da bandidagem, mas não a libertação verdadeira do jugo da opressão. e termina sendo morto num confronto com a polícia. Para o autor, a saída redentora não se encontra no cangaço.

O segundo personagem que representa uma tentativa de fuga da miséria do sertão é seu irmão, João, que entra para a polícia. Esse braço armado do Estado é apresentado de forma ainda mais cruel do que o cangaço pelo autor:

> "Mas os pequenos lavradores, os sitiantes, os colonos, os sertanejos pobres, esses sofriam com a passagem do bando de Lucas, seja – e ainda mais – da polícia. Os tenentes e capitães comissionados na perseguição de Lucas enriqueciam nos dois anos que passavam pelo sertão. Levavam dinheiro para pagar comida e cavalos mas requisitavam dos camponeses pobres, roubavam e violavam tanto ou mais que os cangaceiros. Os sertanejos tinham mais medo da farda da polícia (...) do que mesmo das roupas de couro dos cangaceiros. A polícia tinha direitos, roubava, matava e deflorava baseada na lei."[563]

João, ou Jão, que entrara para a polícia para buscar um futuro diferente da vida de seu pai, sempre explorado e sem perspectivas, é apresentado como um policial feito pelas circunstâncias: se não fosse a polícia seria qualquer outra coisa. Tudo menos a miséria miúda de sua existência na fazenda:

> "Sem deixar de ser, nem por um momento sequer, um soldado fiel às ordens recebidas, executando as patrulhas, montando guarda e pronto para avançar contra os sertanejos do beato, sentia-se preso ao outro lado, se não vestisse a farda da polícia seria um dos homens do beato, rezaria em suas procissões, lhe pedira a benção, baixaria a cabeça ao ouvir suas palavras."[564]

---

562 Amado, Jorge. *Seara vermelha.* São Paulo: Martins, 1972 (27ª ed), pp.220-221.
563 *Idem, ibdem*, p.220.
564 *Idem, ibdem*, p.239.

Mas tampouco essa fuga é possível. Jão também morre, pelas mãos de seu irmão, Zé Trovoada. Os dois irmãos encontram-se de lados opostos de um conflito gerado pela miséria. Perdem ambos a vida em um cerco da polícia ao acampamento do beato Estevão, que era protegido pelo bando de cangaceiros de Lucas Arvoredo.

A terceira alternativa de fuga aparece em outra personagem da família, Zefa. A tia amalucada se junta ao bando do beato Estevão buscando a salvação da alma, uma vez que a salvação da carne parece impossível. O beato é seguido por um bando andrajoso de sertanejos que largam tudo para buscar uma esperança de conforto, mesmo que essa só venha depois da morte. Exploraria outro fruto da miséria nordestina: o fanatismo religioso.

> "Como duvidar, se ele falava da fome dos homens, de todas as desgraças que sucediam, se ele dizia que nenhum coronel, nenhum dos grandes fazendeiros, se salvaria da ira de Deus, do castigo iminente? (...)
>
> O beato falava outra língua. Nenhuma palavra contra as raparigas, contra os homens que tinham mulher sem receber benção do vigário, contra os que usavam éguas e jumentas. Clamava, em compensação, contra os pecados dos ricos, falava de como eles estavam matando os pobres de fome, e a eles, à sua usura e a sua cobiça, atribuía a cólera de Deus que resolvera terminar com o mundo. Nunca parou para descansar numa casa grande e as poucas vezes que se encontrou com algum coronel foi para lançar-lhe no rosto as mais violentas imprecações, para convidá-lo a entregar aos colonos espoliados as terras tomadas, para pagar o roubado nas contas do armazém aos seus trabalhadores."[565]

O grupo do beato parece ter se formado em torno de uma perspectiva de salvação eterna, mas também na possibilidade de estruturação de uma sociedade regida por leis diferentes das do capital. Juntos roubavam alimentos de grandes proprietários e não conheciam propriedade privada para além de suas roupas. Essa possibilidade de formação de uma sociedade alternativa em que comportamentos considerados pecaminosos pela moralidade católica eram perdoados, só sendo considerada como verdadeiro e imperdoável pecado a exploração, serve como uma das alternativas de fuga apresentadas por Amado. No entanto esta também não oferece a redenção. Os seguidores do religioso são massacrados ela polícia.

---

565 AMADO, Jorge. *Seara vermelha.* São Paulo: Martins, 1972 (27ª ed), p.242

Na última parte de seu livro, também a partir do exemplo de um personagem da família de retirantes, Jorge Amado oferece a única alternativa possível para se quebrar o ciclo de miséria e violência que arrasou, matou ou destruiu boa parte dos protagonistas desta trama. Essa saída é a entrada para o Partido Comunista.

Juvêncio, ou Nenén, o filho que fugiu para se alistar no exército, e depois entrara para o Partido representa essa possibilidade concreta de transformação. O personagem, que participou do Levante de 1935, onde desempenhou papel de destaque, é apresentado pelo autor como uma figura irreprochável: íntegro, solidário, companheiro, calmo, determinado, corajoso. Esse retrato é feito a partir da história de vida do cabo, que pelo amor ao partido sacrifica sua vida pessoal, disposto a tudo para acabar com a fonte das desgraças que presenciou e vivenciou durante toda a sua vida, o capitalismo. Acaba preso, mas é na cadeia que aperfeiçoa sua educação:

> "Juvêncio viera com os condenados políticos de Fernando de Noronha. Na Ilha Grande estudava. Para ele a prisão foi a universidade. Os nove anos que levou de cadeia em cadeia, em Natal, no Recife, na Correção e na Detenção no Rio de Janeiro, em Fernando de Noronha e por fim na Ilha Grande, foram de aprendizado. Os companheiros mais esclarecidos ajudavam-no. Leu, finalmente, aqueles livros que cobiçava nos dias anteriores à revolução de 35. Em Engels aprendeu que a 'liberdade é o conhecimento da necessidade' e pensou que o sertão estava aprendendo com sangue e dor. Tanto falava no sertão, nos camponeses explorados, que até faziam pilhérias com ele. Mas tanto eles como os de fora, os que lutavam na ilegalidade, sabiam que deviam cultivar no moço sertanejo o interesse pelo problema do campo. E lhe enviavam todos os materiais que tratavam da questão camponesa. Ele os devorava nos dias longos da prisão."[566]

No epílogo da trama acontece o reencontro dos integrantes que restaram da família depois do longo processo de decomposição e desmantelamento promovido pela expropriação das suas terras. A mãe Jacundina, o moleque Tonho e o cabo Juvêncio.

> "o trem ia cheio de famílias de presos, Jacundina foi pedir uma informação, logo lhe perguntaram quem era e o que ia fazer na Ilha Grande.
>
> - Vou visitar o meu filho que tá preso lá...

---

566 AMADO, Jorge. *Seara vermelha.* São Paulo: Martins, 1972 (27ª ed), pp.333-335. Vale atentar para o fato de mais uma vez Jorge Amado apresentar o momento de prisão como período de formação e aperfeiçoamento da consciência de classe de um de seus personagens. Anteriormente já havia se utilizado do mesmo recurso em *São Jorge dos Ilhéus.*

> Como nunca a tinham visto naqueles dez meses em que faziam semelhante viagem, imaginaram que fosse a mãe de algum preso comum. Perguntaram-lhe:
>
> - Ele está preso por quê?
>
> - Era cabo em Natal, brigou numa revolução... condenaro ele, dizque foi um crime muito feio...Mas eu cunheço meu filho, num sei dele se meter em coisa ruim...Num credito...(...)
>
> - Como é o nome dele?
>
> - Juvêncio... A gente chama ele de Nenén...
>
> E então foi um entusiasmo. Havia pessoas que até o nome dela conheciam sem que ela houvesse dito. Eram amigos de seu filho. O coração dela encheu-se de orgulho. (...) O resto da viagem a velha passou narrando as peripécias da travessia pelo sertão, quando lhes tomaram as terras que trabalhavam. Em redor ouviam espantados e até um gaúcho, guarda do presídio, na Ilha, sentiu-se comover com aquela narração sem adjetivos e sem lágrimas"[567]

No barco, junto aos familiares dos outros presos políticos de Ilha Grande é que Jacundina recebe o reconhecimento de que seu filho não era um bandido, mas sim um herói. Neste momento da trama é como se se iniciasse uma nova fase da narrativa em que os sofrimentos finalmente pudessem ser superados. E é aí que Jorge Amado descortina sua verdadeira esperança no futuro: a próxima geração. É Tonho, saído ainda criança do sertão, um dos poucos integrantes da família que conseguiram chegar com vida a São Paulo, que levará à frente o bastão da luta empunhado por seu tio:

> "Foram dias cheios, para Tonho era a revelação de um mundo. (...) Tonho gostaria de ficar ali, entre eles, e aprender com o tio e com os demais aquelas coisas que eles sabiam. Uma, principalmente, gravava-se em sua cabeça: 'a terra pertence àqueles que a trabalham' porque o diziam, eles estavam presos. Mas valia apena. Tonho também não se importaria se fosse preso por aquele crime. (...) A moça, ao apertar a mão de Tonho, disse-lhe:
>
> -Até outra vez, comunista...
>
> Ele riu:
>
> - Um dia vou ser..."[568]

---

567 AMADO, Jorge. *Seara vermelha.* São Paulo: Martins, 1972 (27ª ed), pp.333-335

568 *Idem, ibdem*, p. 336.

No epílogo, Jorge Amado apresenta ao leitor a esperança de um futuro diferente, em que a solução para a miséria sertaneja não passe por nenhum tipo de fuga, em que solução seja encontrada através da luta coletiva, encabeçada pelo Partido Comunista. A solução definitiva é a revolução:

> "Um dia, sob a pressão dos acontecimentos nacionais e internacionais, veio a anistia o Partido, numa semi-ilegalidade, realizou o Pleno ampliado ao qual o ex-cabo Juvêncio esteve presente. Depois foi visitar a família em São Paulo. O Partido alcançava a legalidade, os primeiros Comitês Municipais iam sendo fundados. (...)
>
> O cabelo do sertanejo começava a pratear mas era o mesmo rosto enxuto e sorridente. Sentaram-se nem café a conversa se prolongou por toda a tarde. Zé Tavares andara fugindo pelo interior de São Paulo desde que fora solto a última vez. Agora estava ali, levantando o Comitê Municipal. Vivera pelo interior e seu desejo era trabalhar com os camponeses. Repetia as palavras de Prestes sobre a questão camponesa no primeiro grande comício:
>
> - Nós que somos do sertão é que sentimos isso de verdade...
>
> Juvêncio disse a Tonho:
>
> - Foi esse mulato quem me botou no Partido...
>
> E para Zé Tavares:
>
> - Agora tome conta do sobrinho... Esses – batia no ombro de Tonho – é que vão levantar o campo.
>
> Pensavam ambos no sertão distante. Zé Tavares falou:
>
> - Agora vai se acabar os cangaceiros e os beatos... Vai ser a nossa vez...."[569]

E é com este epílogo que está aberta a brecha para o início da verdadeira redenção, aquela que não transige com um sistema de exploração e que vê na organização dos trabalhadores do campo e da cidade a saída para a história de dor e sofrimento de tantas famílias que se embrenham pelas seara vermelha do sertão nordestino.

Esse otimismo típico do ano de 1946 não se sustentaria na realidade dos anos seguintes. O clima da guerra fria e a ilegalidade do PCB são suficientes para entendermos por que.

---

[569] Amado, Jorge. *Seara vermelha.* São Paulo: Martins, 1972 (27ª ed), p.337

Os anos seguintes representaram um momento chave na relação dos intelectuais com o partido. No fim da década de 1950, após as denúncias dos “crimes de Stálin”, muitos, como Jorge Amado, se afastariam do PCB. Mas, nos primeiros anos que se seguiram à decretação da ilegalidade e à cassação dos mandatos comunistas, as pressões da conjuntura já eram suficientes para impor dificuldades significativas para a manutenção do prestígio do PCB junto aos meios intelectuais. Amado e Ramos, naquele período, não só permaneceram fiéis ao partido, como o fizeram através da fidelidade respectiva aos seus distintos estilos literários, conforme tentaremos demonstrar nos dois últimos capítulos desta tese.

Capítulo 4

Escritores militantes – A Guerra Fria

O clima pacífico do pós-guerra, em que EUA e URSS eram encarados mundialmente como importantes aliados na vitória sobre o nazi-fascismo, não duraria muito tempo. Em 1946 aparecem os primeiros sinais de que um novo antagonismo se formava. Em março, o ex primeiro ministro britânico, Wilson Churchill, denuncia a criação de "uma cortina de ferro" pela União Soviética no Leste Europeu e declararia preocupação com os avanços comunistas na região, o que poderia representar um "crescente desafio para a civilização". No mesmo discurso, proferido nos Estados Unidos, faz a seguinte declaração: "*ninguém sabe o que a Rússia Soviética e sua organização da Internacional Comunista pretendem fazer no futuro, ou quais são os limites, se é que existem, às suas tendências de expansão e proselitismo*"[570]

As forças capitalistas, capitaneadas pelos Estados Unidos, passam a somar forças para aquilo que classificam como "defender o mundo livre", e que significava, de fato, tentar impedir a expansão do comunismo. Esses esforços podem ser traduzidos a partir do Plano Marchall para a reconstrução da economia capitalista européia. Além disso,

> "O presidente Harry Truman solicitou ao congresso ajuda militar e econômica para a Grécia e a Turquia, com a meta de barrar a rebelião comunista que, a seu juízo, poderia colocar os dois países no raio de influência da URSS. Charles De Gaulle remexeu o barril de pólvora ao apontar a ameaça representada pelos soviéticos, 'que agora controlavam um bloco de quatrocentos milhões de pessoas, mantidas juntas pela força'. Deu asas ao apocalipse: 'suas fronteiras distam de nós apenas quinhentos quilômetros, ou seja, duas voltas da prova de ciclismo Tour de France' "[571],

---

[570] Moraes, Dênis de. *O imaginário vigiado: A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p.120.
[571] *Idem, ibdem,* p.120.

A reação soviética ao endurecimento deste discurso ofensivo e às medidas práticas que evidenciavam o término da lua-de-mel iniciada com a guerra não tardaria. Em outubro de 1947, para suceder a extinta Internacional Comunista, é criado o Kominform, Escritório de Informações dos Partidos Comunistas, que passa a funcionar como um órgão central de informação e direcionamento do comunismo mundial, controlado pela URSS de Stalin. Os teóricos e dirigentes comunistas soviéticos passam a elaborar um discurso e a traçar planos de ação consoantes a esse clima de antagonismo explícito inaugurado por Inglaterra, França e, sobretudo, Estados Unidos.

> "No informe aprovado um mês antes da conferência entre os PCs europeus, na Polônia, Andrei Jdanov[572] sustentara que o mundo estava dividido entre dois campos antagônicos: o imperialista antidemocrático, cujo objetivo era estabelecer o domínio dos EUA e o esmagamento da democracia; e o antiimperialista e democrático, que pretendia minar o imperialismo, reforçar a democracia e liquidar os restos do fascismo. Sinal dos tempos: em seu discurso, Jdanov citou Lenin sete vezes e Stalin, seis. Marx ficou de fora"[573].

Num endurecimento progressivo e recíproco destes dois campos, capitalista e comunista, representados pelos Estados Unidos e pela União Soviética, respectivamente, o mundo entra em um novo período de conflitos e de instabilidade, que ficou conhecido como guerra fria.[574]

> "Paralelo ao processo de endurecimento e estabelecimento do regime Stalinista em sua faceta mais repressora, cresce o controle sobre a área cultural. Stalin amplia os poderes de Zdanov para que este elimine "*os eventuais focos de dissensão na intelectualidade*"[575] inaugurando, então, a segunda fase do realismo socialista que rompeu com a duplicidade, optando pela censura aberta e pelo terror. O partido assumiu-se radicalmente como único centro produtor de idéias – ou, nas palavras

---

572 Ou Zdanov, citado anteriormente no capítulo 3 desta tese..

573 Moraes, Dênis de. *O imaginário vigiado: A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p.120.

574 "Cumpre assinalar que o endurecimento do bloco soviético decorreu, em parte, do bloqueio econômico imposto pelo capitalismo internacional. Sem falar na bem orquestrada propaganda anticomunista defendida pela indústria cultural norte-americana a nova cartografia geopolítica impôs um alto custo social, econômico e político ao Leste Europeu. Não seria exagero afirmar que algumas deformações da via socialista resultaram de políticas agressivas de autodefesa frente aos cercos das forças galvanizadas pelos EUA." *In*: Moraes, Dênis de. *O imaginário vigiado: A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, pp.120-121.

575 Moraes, Dênis de. *O imaginário vigiado: A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p.123.

> de Strada[576], um 'sistema de mentira, uma verdadeira educação para a falsidade', a criação estética foi confinada em manuais catequéticos providenciados pela força de Jdanov. Fadeiev, um dos timoneiros, não hesitou em declara que a cultura russa está impregnada de espírito de partido, o que significa que ela se entrega de modo consciente ao serviço do povo e do Estado socialista e se propões conscientemente à educação comunista do povo'."[577]

Essa orientação para a área cultural seria traduzida no controle, pelo Estado da produção artística soviética, que passa a ser encarada como ponto estratégico na difusão de uma "educação comunista" capaz de fazer frente à "mentalidade burguesa". Nesse sentido, "*A arte deveria transcrever a atitude do proletariado em face da realidade, refletindo suas aspirações, e clarificar a luta que se transcrevia na sociedade entre o 'belo e sublime' projeto socialista e o 'feio e vil' sistema capitalista.*[578]"

Esse acirramento das características do realismo socialista, em que de doutrina oficial assume o *status* de lei, a arte passa a ser encarada como uma das armas para garantir o controle interno e para difundir o comunismo internacionalmente[579], em uma época em que o campo oposto, representado pelos norte-americanos, também não poupava esforços na construção de uma imagem negativada do comunismo, através de sua forte indústria cultural.

Ancorado na idéia de apresentação de heróis positivos, passou a fazer parte do esforço de propaganda empreendido por Zdanov a diretriz para que os artistas transformassem "*os melhores representantes da classe operária em personagens positivas da ficção*"[580]. Dessa maneira, os artistas são instados a representar tematicamente a vida do proletariado e do campesinato, de onde são retirados os exemplares do herói almejado.

---

576 Para esta análise das duas fases do realismo socialista, o autor utiliza como referência a obra de Vittorio Strada, "Da revolução cultural ao realismo socialista', presente no livro História do marxismo, organizado por Eric Hobsbawm, já mencionada nesta tese.

577 Moraes, Dênis de. *O imaginário vigiado: A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p.123.

578 *Idem, ibdem*, p.123.

579 Os expurgos promovidos por Stalin neste primeiro momento da guerra fria estendem-se para o campo cultural. Artistas que não adotassem as novas normas para a arte, podiam sofrer retaliações que variavam desde o ostracismo até a prisão.

580 Moraes, Dênis de. *O imaginário vigiado: A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p.124.

Um gênero que passa a ser bastante valorizado neste período é o gênero épico ou 'histórico revolucionário". Dentre os tópicos presentes nas obras que utilizavam-se deste estilo, enfocam, principalmente, os seguintes tópicos:

> "...o mundo espiritual dos homens no processo do trabalho; a guerra pátria, que descreve asperezas do povo na luta contra o fascismo e educa no espírito internacionalista; o tema moral que põe em evidência as melhores qualidades do homem – firmeza de princípios, honestidade, profundidade dos sentimentos e outras características da moral comunista; o tema da luta pela paz e pela libertação dos povos e da solidariedade internacionalista dos trabalhadores nesta luta."[581]

A idéia de construção de uma arte pedagógica que servisse como instrumento de luta em um mundo polarizado engessa a produção artística soviética e o zdanovismo, transformado em doutrina, é sua expressão maior.

> "Na prática, o autoritarismo cultural impugnaria a liberdade de pensar. A arte abstrata, a música clássica, a filosofia ocidental, as correntes literárias formalistas, o teatro dramático e até a 'ciência burguesa' caíram no índex. (...) O zdanovismo mutilaria e obliteraria a expressão artística, intelectual e científica"[582].

A repercussão destas diretrizes do stalinismo para a área cultural no Brasil, é o que tentaremos depreender no estudo das obras literárias de Graciliano Ramos e Jorge Amado, bem como dos textos jornalístico que investigaremos neste quarto capítulo.

---

[581] Citação feita por Moraes do texto de V. G. Zlótnikov & L. G. Iuldachev, "A cultura estética da sociedade socialista" (em *Fundamntos da estética marxista-leninista*. Moscou: Progresso, 1982). *In*: Moraes, Dênis de. *O imaginário vigiado: A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p.124.

[582] Moraes, Dênis. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p.259.

A guerra fria no Brasil

No Brasil, em 1947 o cenário de abertura e de tranqüilidade para os comunistas, que até então contavam com representação parlamentar, veículos de divulgação legalizados e autorização para realizar comícios, sofre drásticas alterações. Com o início de uma perseguição aos opositores e, sobretudo, aos comunistas, o governo de Dutra passa a promover prisões que parecem indicar que o clima de paz para o PCB não duraria muito.

Com a Guerra Fria, opera-se uma profunda e rápida alteração nas relações do governo Brasileiro com o partido comunista. Tem início uma forte campanha anticomunista que ira ser responsável pelo fim do breve período de legalidade do partido. Alegando ser o PCB um órgão a serviço de uma nação estrangeira, a URSS, e defensor de interesses soviéticos infiltrado no país, o TSE cassa a licença do partido em maio de 1947.

Nesse momento, começa a mobilização das diversas instâncias de representação do partido e de grupos de democratas e esquerdistas para a garantia das liberdades constitucionais, como se verifica, por exemplo, na nota "em defesa da constituição de 1946" confeccionada pela ABDE e divulgada a diversos órgãos de imprensa em maio de 1947. A nota enfatiza que a defesa da democracia foi a principal bandeira da guerra contra o fascismo e que proibir o funcionamento de partidos políticos significaria um intolerável retrocesso:

> "O livre funcionamento dos partidos, assegurado em nossa carta magna, é uma característica essencial do regime democrático; as restrições a este funcionamento repercutem invariavelmente, com desastrosos efeitos, sobre a liberdade de pensamento, de criação intelectual e artística, enfim sobre a cultura que estamos empenhados em defender.
>
> Manifestamos, mais uma vez, a nossa firme adesão ao compromisso do I Congresso Brasileiro de Escritores, onde os congressistas, 'conscientes da sua responsabilidade na interpretação e defesa das aspirações do povo brasileiro', proclamaram em janeiro de 1945 a sua vontade de lutar pela legalidade democrática, contribuindo assim para apressar a derrocada do estado novo.
>
> (...) e neste sentido fazemos um veemente apelo a todos os intelectuais democratas para que se mantenham vigilantes, ao lado das demais forças democráticas do país, a fim de salvaguardar a carta de 1946".

Outra manifestação importante de resistência será a criação da Liga de Intelectuais Anti-Fascistas, A LIAF, em junho de 1947, que em seu manifesto inaugural esclarece ser uma "*organização de artistas, cientistas, escritores, jornalistas e representantes dos profissionais liberais, sem distinção partidária, filosófica ou religiosa*" cujo principal objetivo seria a luta pela paz, pela democracia e contra o fascismo, feita través "*de todos os recursos de divulgação por lei permitidos*". Os intelectuais da LIAF, dentre os quais se destacam os nomes de Graciliano Ramos e de Jorge Amado,

> "proclamam, nesta hora de exacerbação econômica e de açodamento ditatorial, a necessidade imperiosa de que todos os verdadeiros democratas brasileiros se unam, por cima de opiniões pessoais ou de convicções partidárias, no sentido supremo de impedir o retrocesso de nossa terra aos tenebrosos tempos do nazi-fascismo".

As publicações do partido voltadas para a produção cultural refletiram o novo contexto. Tal como havia acontecido na edição dedicada a Lima Barreto, analisada no capítulo anterior, o mesmo tipo de empréstimo é feito com relação a Castro Alves, que será tema do editorial do quarto número da revista *Literatura*, dedicada à comemoração do centenário do poeta. Destacamos os parágrafos finais do texto para salientar essa utilização de escritores mortos para a defesa de temas atuais:

> "Castro Alves foi, assim, a lira das cem vozes da democracia – e a sua voz ecoa ainda hoje, com a mesma força e a mesma atualidade, neste momento em que os patriotas se empenham na consolidação da democracia em nossa pátria, afim de achar a melhor solução para os nossos problemas políticos e econômicos.
>
> Os intelectuais brasileiros que, com a sua Declaração de Princípios no I Congresso de Escritores (1945), representaram importante papel no esforço popular pela redemocratização do país, então sumido na ditadura e na intolerância faltariam a um dever elementar se esquecessem a tradição de luta em prol das liberdades democráticas que vem de Castro Alves. Os ideais por que se bateu são anda os nossos ideais – a Republica democrática, que afinal vai se consolidando na terra brasileira. Daí que o seu centenário de nascimento seja, para os intelectuais brasileiros, um momento histórico, solene, um momento de ponderação dos

ensinamentos da sua vida e da sua obra, dedicada à liberdade e ao bem estar de seu povo."[583]

Antes de prosseguirmos com a análise dos textos que refletem diretamente a questão da guerra fria, cabe aqui um parênteses para a apresentação de um texto de Jorge Amado que discute o acesso a leitura no Brasil publicado nesse mesmo número da revista.

Neste artigo, o autor sustenta que o que afastaria "o povo" da leitura seria o preço abusivo cobrado pelos livros no mercado nacional. Como base de sustentação desta tese, evoca o exemplo da literatura de cordel, pratica usual no nordeste, que sempre teria contado com publico cativo.[584]

A utilização do cordel em seu artigo vem no sentido de demonstrar a fome do povo pela leitura, fome esta, que só pode ser aplacada por artigos baratos. Daí o espaço ocupado pelos "folhetos" em feiras populares e mercados do nordeste.[585] Na visão de Amado, esses escritores de folhetos acabam se convertendo nos grandes agitadores literários das diversas regiões nordestinas, assumindo, a uma só vez, todas as etapas de produção e difusão do livro: "*o que há de mais notável nestas coleções populares do nordeste é que o 'escritor', ou o 'poeta', reúne numa só pessoa todas as faces da indústria do livro. Ele escreve, edita e vende. É autor, editor e livreiro ao mesmo tempo.*"[586]

Outra característica desses folhetos populares abordada pelo autor é o tipo de assunto tratado pelos artistas. Segundo Amado, seriam privilegiados os assuntos recentes e as grandes personalidades. Neste momento de sua análise, o autor tenta demonstrar a dimensão popular da grande figura do partido, Luis Carlos Prestes,

---

583 *Literatura.* janeiro - junho de 1947 (Ano II – n°4), pp. 1 – 3. assinaram este documento 293 intelectuais – entre jornalistas, escritores, ensaístas, críticos, pintores, arquitetos, etc.-, dentre os quais, Graciliano Ramos (n°113) e Jorge Amado (n°148)

584 Para ilustrar sua linha de argumentação, pode-se destacar o seguinte trecho: *"E não se diga que o povo pobre não é capaz de ler e compreender tais escritores. O que os separa do povo é apenas uma questão de preço, a emoção que um Gorki e um Victor Hugo transmitem o povo a sabe sentir perfeitamente." In:Literatura.* janeiro - junho de 1947 (Ano II – n°4), p. 46.

585 "Nas feiras da Bahia, no Mercado Modelo, na beira do cais, junto aos saveiros e às canoas, são vendidos – ao preço de quatrocentos reis – uns folhetos em verso ou em prosa que são praticamente a única leitura daquela humanidade do cais e daquelas vizinhanças." In: *Literatura.* janeiro - junho de 1947 (Ano II – n°4), p. 45.

586 *Literatura.* janeiro - junho de 1947 (Ano II – n°4), pp. 45 – 47.

chamando atenção para a existência de muitos folhetos que elegeriam, como temática central, sua vida ou seus feitos, e afirmando:

> "os verdadeiros líderes do povo estão, assim, substituindo nestes folhetos os trágicos heróis do cangaço, que enchiam a imaginação da gente nordestina. De há muito que os folhetos em verso sobre Prestes – antes apenas o Prestes da Coluna atravessando o Brasil com seus soldados, hoje o Prestes líder político do povo – circulam nessas coleções. A verdade é que a evolução política do povo reflete-se sobre os poetas da beira do cais."[587]

A conclusão do artigo é a seguinte:

> "daí a importância dessa nova coleção dirigida ao povo. Tenho a impressão de que se o editor desses pequenos livros baratos souber atingir os pontos de venda onde o povo se abastece da literatura dos poetas populares gênero Cuíca de Santo Amaro, não só terá prestado um relevante serviço à cultura, como terá feito excelente negócio comercial. O povo está ansioso por ler. Apenas não tem dinheiro para comprar o livro caro, tão caro que só mesmo os muito ricos podem adquiri-lo."

O artigo, na realidade, foi escrito para promover o novo lançamento editorial da editora *"Edições do Povo"*[588]: livros de escritores estrangeiros reunidos na "Coleção do Povo". É interessante observar a escolha dos autores que figuram na lista de contemplados com as edições a preços populares: entre eles estão "*Victor Hugo, Gorki, Diderot, Andreiev, Voltaire, Dostoievski.*"[589] Esta lista eclética parece denotar, a um só tempo, a intenção de oferecer ao grande público acesso a autores russos, o que indiretamente poderia contribuir com uma aproximação do público brasileiro da URSS, e, ao mesmo tempo, colocar esses mesmos autores no patamar de grandes mestres da literatura universal, incluindo-os assim no grande cânone.

Como vimos, mesmo em uma matéria que não tem como objetivo imediato a defesa da URSS, traz como pano de fundo esse momento tenso em que a difusão de uma perspectiva comunista se faz estratégica, como pode-se depreender pelos esforços para a divulgação da literatura soviética.

---

587 *Literatura.* janeiro - junho de 1947 (Ano II – n°4), p. 46.
588 *Literatura.* janeiro - junho de 1947 (Ano II – n°4), pp. 45 – 47.
589 *Literatura.* janeiro - junho de 1947 (Ano II – n°4), p. 46.

No contexto que levaria à ilegalidade do partido, a estratégia utilizada para a condução da política cultural dos comunistas passa por solidificar sua atuação nos espaços de organização dos intelectuais. A ABDE ocupava, neste contexto, lugar estratégico.

Graciliano continua participando da ABDE, inclusive fazendo parte da chapa eleita para o biênio 47-48[590]. A nova diretoria ainda congregava escritores de diferentes correntes políticas, como, por exemplo, o poeta Manuel Bandeira que não era filiado a nenhum partido político e Astrogildo Pereira, que como Graciliano, pertencia ao partido comuista.

Embora articulado em torno do tema do direito autoral, o II Congresso Brasileiro de Escritores, realizado no segundo semestre de 1947 aconteceu em um momento em que a discussão política em torno de tema da legalidade do partido comunista estava na pauta do dia. A conquista de espaços de atuação, sobretudo em entidades representativas de categorias com grande visibilidade social, como era o caso da ABDE, torna-se pedra de toque para o PCB que, abrindo mão da política de alianças a de atração de intelectuais praticada até então, passa a buscar a conquista da Associação.

Percebe-se na convocação feita para o II Congresso Brasileiro de Escritores, divulgada na revista *Literatura* e promovido pela ABDE, a necessidade de reafirmar o caráter politizado e politizador do evento através da exaltação e reafirmação da declaração de princípios aprovada no I Congresso. É recorrente nas páginas dessa revista, e nas de outras publicações consultadas[591], a republicação ou a referência a esta declaração de princípios. Outro forte indicio de que a tônica deste congresso se relaciona aos rumos políticos das conjunturas nacional e internacional, está no conjunto de pontos na pauta de discussão, que abrange questões diretamente vinculadas à profissão, como os "direitos autorais", até assuntos vinculados ao cenário do pós-guerra, como "a defesa da paz".

---

590 "A NOVA DIRETORIA DA ABDE / A 22 de março realizou-se a eleição da nova diretoria da ABDE para o exercício de 1947-1948, a qual ficou assim constituída: / Presidente – Guilherme Figueiredo; Vice-Presidente – Rodrigo Octavio Filho; 1° Secretário – Astrogildo Pereira; 2° Secretário – Alina Paim; Tesoureiro – Floriano Gonçalves. Para o conselho fiscal – Manuel Bandeira, Octavio Tarquino de Sousa, Aníbal Machado, **Graciliano Ramos** e Origenes Lessa." *In: Literatura.* janeiro - junho de 1947 (Ano II – n°4), p. 63, grifos nossos.

591 Como, por exemplo, em *Cultura*, ou até mesmo na *Classe operária.*

O editorial do quinto número de *Literatura* é dedicado, assim como o fora uma das notas do número anterior, à promoção do II Congresso Brasileiro de Escritores. Por este editorial percebemos quais as leituras e avaliações que estes intelectuais de esquerda, em geral próximos do comunismo, faziam da conjuntura do pós-guerra.

O ano de 1945, em que foi realizado o I Congresso Brasileiro de escritores, representaria não só o fim da guerra como também o fim do Estado Novo. Na leitura do conselho editorial da revista, a participação dos escritores neste congresso e o lançamento da declaração de princípios aprovada em plenário, teriam contribuído para o processo de democratização: "*O primeiro Congresso reuniu-se, como se sabe, no momento mesmo em que a ditadura estadonovista chegava ao fim, e a sua firme postura democrática, sem dúvida alguma contribuiu para acelerar a liquidação do negro regime de 1937.*"[592]

Da mesma forma, esses intelectuais esperam que o II Congresso Brasileiro de Escritores também seja utilizado como plataforma de defesa da democracia, e que os escritores que se reunirem em Belo Horizonte no mês de outubro de 1947 também se posicionem contundentemente. Neste sentido, a linha editorial da revista investe pesado na divulgação do evento, bem como investe na reafirmação da declaração de princípios votada no congresso anterior.

Para *Literatura*, entre os anos de 1945 e 1947 muitas coisas haviam mudado. Se em 45 estava em questão a conquista da democracia, tanto no plano nacional quanto no internacional, no ano de 47 deveria ser dever dos intelectuais a defesa da democracia, que claudicava face as medidas autoritárias do governo, tal qual colocar o Partido Comunista na ilegalidade. O discurso assumido pela revista, então, é de que a conjuntura de 1947 exigiria uma participação ainda mais aguerrida dos intelectuais, bem como seria o II Congresso ainda mais importante e estratégico do que o anterior.[593]

Tratando da realização propriamente dita do segundo congresso, é enfático o discurso da revista:

---

592 *Literatura.* Julho - setembro de 1947 (Ano II – n°5), p.1.

593 "O sentido dessa diferença de situação indica-nos que as responsabilidades do Congresso de 1947 são muito mais sérias do que as do Congresso de 1945". *In*: *Literatura.* Julho - setembro de 1947 (Ano II – n°5), p.1.

> "Não nos cabe, ante as ameaças à paz e ao regime democrático, à Constituição, uma atitude de neutralidade ou de expectativa, sem que com isso faltássemos ao nosso mais elementar dever. (...)
>
> Um único divisor de águas poderia ser estabelecido entre os homens de qualquer profissão neste momento brasileiro: aquele que colocasse de um lado aqueles que se batem pelas amplas franquias democráticas, os que respeitam a existência livre das associações, das correntes de opinião, dos partidos políticos, a diversidade dos pontos de vista e sua ampla discussão, a inviolabilidade dos mandatos populares, o direito de crítica e a liberdade de expressão, os que lutam pelo progresso do Brasil, que se batem pela sua total emancipação, (...) De outro lado, aqueles que necessitam da ditadura, das prisões repletas, das salas medievais de tortura que foram nossa realidade política há tão pouco tempo, os que desejam silenciar ou limitar a voz dos escritores, os que não querem o progresso do Brasil, os que tentam manter o povo esfomeado e escravizado, os homens de planos salvadores de outras pátrias, em verdade planos de servidão econômica e política, os capatazes do imperialismo, os que pregam a guerra e por ela trabalham, os inimigos do povo(...)"[594]

A respeito do resultado das eleições para a nova direção da associação, seguimos a análise de Ricardo Costa, para quem a conquista da presidência da ABDE pelos comunistas, que acabou resultando na cisão da entidade, foi resultado de uma tática de "*instrumentalização política de entidades culturais*", adotada em um momento em que o PCB "*radicalizava o seu discurso ideológico de ataque ao imperialismo e ao governo Dutra*" [595].

Graciliano estava no centro dessa cisão, assumindo, por convicção política e por tarefa partidária, a representação na ABDE, aquele que foi o espaço organizativo em que atuou com maior dedicação. O que não era pouco, tendo em vista a ameaça de estigmatização e isolamento que pairava sobre os intelectuais comunistas naquele momento. Algo que o partido, em certo sentido, reforçou.

A guerra fria foi responsável por introduzir uma disputa bipolarizada nos meios intelectuais brasileiros. Em um momento de intensa perseguição aos comunistas, o partido adotou uma política de embate direto, que acabou por agravar o isolamento de seus intelectuais. Junto ao temor levantado pela perseguição que despontava, a política

---

594 *Literatura.* Julho - dezembro de 1947 (Ano II – n°5), pp. 9-13.

595 Costa, Ricardo da Gama Rosa. Descaminhos da revolução brasileira: o PCB e a construção da estratégia nacional libertadora (1958-1964). Niterói: [s.n.], 2005. Tese (doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, p.112.

do PCB com relação aos intelectuais nesta época foi responsável por um grande refluxo destes entre os anos de 1948 e 1956. A debandada de intelectuais neste período é explicada por Rubim da seguinte maneira:

> "As linhas políticas implementadas pela agremiação também influem no afastamento dos intelectuais. Certamente, a fase de proletarização – final dos anos 1920 e início da década de 1930 — e a radicalização stalinista dos anos 1948-1956, principalmente, são períodos de relações tensas com os intelectuais que freqüentam o partido. O controle, a censura e o menosprezo pelos intelectuais e seu trabalho marcam esse período"[596].

É justamente nesse momento de maior afastamento dos intelectuais em relação ao comunismo e ao PCB que Graciliano Ramos aprofunda sua participação na ABDE, assumindo a presidência da entidade no dia 15 de maio de 1951.

Dênis de Moraes explica que a indicação do nome de Graciliano para ocupar a presidência teria sido feita pelo partido em um momento em que a representatividade da ABDE estava sendo posta em xeque. Para garantir sua legitimidade e sua visibilidade, o partido avalia que seria necessário que a entidade fosse presidida por um nome de peso no cenário literário nacional: "*com o fim do mandato de Álvaro Moreyra, restavam dois nomes de projeção nacional para manter de pé a entidade: o próprio Graciliano Ramos e Jorge Amado, atarefado até a alma no exterior. Graciliano refugaria um pouco mas o senso de fidelidade o faria acatar a convocação*"[597].

A presidência de Graciliano foi marcada pela tentativa de atrair novamente os escritores que se afastaram da entidade a partir de 1949. Apesar de seus esforços, a ABDE nunca mais conquistou o relevo e a participação que conheceu em seus primeiros anos de vida. Dentre as medidas que marcaram seus dois mandatos a frente da entidade, destaca-se a luta pelos direitos autorais e a participação em diversas campanhas e a divulgação de numerosos manifestos:

---

[596] Rubim, Antonio Albino Canelas. "Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil" in: MORAES, João Quartim de (org.). *História do Marxismo no Brasil.* Vol. 3 "Teorias. Interpretações". Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p.439.

[597] Moraes, Dênis. *O velho Graça – uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p.279.

> "Ele encabeçaria dezenas de manifestos contra a bomba atômica, contra o uso de bombas bacteriológicas na guerra da Coréia e a favor do monopólio estatal do petróleo e da paz mundial. Protestaria contra atentados à liberdade de expressão, como a apreensão de *O mundo da paz*, de Jorge Amado, e perseguições ideológicas, como a praticada contra Oscar Niemayer, impedido de assumir cátedra na Universidade de São Paulo".

Sobre esta listagem de medidas tomada por Graciliano a frente da ABDE, alguns comentários se fazem necessários. Em primeiro lugar, percebemos a freqüência de manifestos relacionados a assuntos internacionais. Embora a entidade, desde sua criação, tenha se pautado por relacionar a lutas maiores que a as relacionadas diretamente à categoria, como, por exemplo, a redemocratização, neste período de guerra fria, torna-se freqüente o recurso da publicação de manifestos que direta ou indiretamente, condenem os posicionamentos e atuações dos Estados Unidos no cenário internacional. Outro destaque que gostaríamos de fazer diz respeito à menção à obra de Jorge Amado, *O mundo da paz,* onde essas questões discutidas nos manifestos da ABDE ganham terreno no campo da ficção[598]. Além disso, durante seu mandato, realizou-se o IV Congresso Brasileiro de Escritores, em Porto Alegre, entre os dias 25 e 30 de setembro de 1951.

O amor do soldado

Enquanto isso, Jorge Amado continuava a sua busca pela valorização dos heróis nacionais. Na peça teatral *O amor do soldado,* de 1947, encomendada pela atriz Bibi Ferreira, Amado retoma o personagem de sua primeira biografia, o poeta romântico Castro Alves[599]. Nessa obra, o cerne da ação não é apenas a luta do poeta pela abolição

---

[598] Podemos relacionar estes posicionamentos a um cenário maior, relacionado ao direcionamento do comunismo internacional, que verificaremos mais detidamente no próximo capítulo.

[599] Peça teatral escrita em Salvador, Bahia, em 1944, por solicitação da atriz Bibi Ferreira, foi inicialmente intitulada *O amor de Castro Alves* e sob este título apareceu em 1ª edição, pela Editora do Povo, Rio de Janeiro, 1947, 194 páginas, lançada no centenário de nascimento do poeta Castro Alves. A partir da 2ª edição, 1958, recebeu o título *O amor do soldado*, integrando a coleção "Obras de Jorge Amado", da Livraria Martins Editora, São Paulo. A 4ª edição, 1961, da mesma editora, tem capa de Clóvis Graciano, ilustrações de Ana Letícia e retrato do autor por Carlos Scliar, 225 páginas e foi comemorativa do trigésimo aniversário da publicação do primeiro livro do autor. Com capa de Carybé, conservando as mesmas ilustrações, passou a figurar na coleção "Obras Ilustradas de Jorge Amado", daquela editora, como nono tomo, volume XI até a 18ª edição. Depois disso, vem sendo editada pela

e a república, mas a relação amorosa que desenvolveu com a atriz portuguesa Eugênia Câmara. A escolha deste personagem principal para a elaboração de sua primeira incursão teatral, feita em conjunto pela atriz e pelo autor, parece se coadunar com uma tendência percebida por Rubim no meio literário na partir do início do século XX:

> "Castro Alves é o autor mais evocado e 'utilizado' entre os escritores do passado. Existem incontáveis trabalhos de intelectuais ligados ao PC sobre o poeta. Em 1937, por exemplo, Edison Carneiro publica um livro, em que '[...] explica, de maneira materialista, os fatos mais notáveis da vida do poeta e, mais, aqueles da sua época a que as contradições da estrutura econômica da sociedade deram uma expressão cultural'. No mesmo ano, o jornalista e escritor, militante do PC, Aidano do Couto Ferraz apresenta trabalho intitulado 'Castro Alves e a poesia negra da América', no II Congresso Afro-Brasileiro realizado em Salvador. Em meados dos anos 1940, Jorge Amado, também autor da biografia *ABC de Castro Alves,* escreve para Bibi Ferreira uma peça de teatro sobre o poeta, publicada com o sugestivo título de *O amor ao soldado.* Nela, o personagem Castro Alves, 'soldado' da luta pela liberdade, subordina sua vida particular a essa 'batalha', em prol da coletividade."[600]

O embate central da trama é a tentativa de conciliação entre o amor que sentem um pelo outro e as aspirações de cada um. Enquanto Eugênia quer brilhar na carreira, conquistando reconhecimento e notoriedade, Castro Alves dedica seu tempo e grande parte de suas energias à luta abolicionista. Esse descompasso de ambições, a individual de Eugênia e a social de Castro Alves, será a responsável pelo termino do relacionamento do poeta com a atriz.

Na primeira e única incursão de Jorge Amado pelo teatro, mais uma vez Castro Alves é retratado por Amado como um homem que dedicou sua vida à libertação dos escravos, um homem ímpar, um artista que, a despeito da perda do grande amor de sua vida, opta pela transformação social. Um herói, um modelo.

Editora Record, Rio de Janeiro, e a 31ª edição, a mais recente, 1992, tem 229 páginas, capa reproduzindo quadro de Di Cavalcanti, ilustrações de Ana Letícia, retrato do autor por Jordão de Oliveira e foto do autor por Zélia Gattai. / Foi publicada em Portugal. *In: http://www.fundacaojorgeAmado.com.br/obras_jorge/amor2.htm#historico*

600 Rubim, Antonio Albino Canelas. "Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil" in: MORAES, João Quartim de (org.). *História do Marxismo no Brasil.* Vol. 3 "Teorias. Interpretações". Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p.444.

Cassação dos mandatos

Os impasses da linha política do PCB no período da redemocratização tornaram-se evidentes naqueles anos. Afinal, como demonstra Carlos Zacarias, "a conceituação de *democracia* que foi abraçada pelos comunistas brasileiros se restringiu, durante toda a conjuntura de 1936 a 1948, a uma valorização do regime de 'democracia burguesa', muito embora, na maior parte do tempo, os pecebistas evitassem todas as adjetivações".[601] Mas, a burguesia brasileira realmente existente estava longe de valorizar a democracia em abstrato e não precisou rasgar nenhum princípio para mudar as regras do jogo, retirando o espaço político legal do alcance da atuação pecebista.

Michel Löwy destaca, em sua coletânea de textos sobre o marxismo na América Latina, que o período que se estende de 1948 a 1953 caracteriza-se, sobretudo, pelo enorme aumento da perseguição a comunistas:

> "Na maioria dos países do continente, os anos 1948-53 viram os comunistas enfrentando a repressão assassina da polícia e dos militares e reagindo com coragem e tenacidade. Também é inegável que ocorreu uma radicalização real em certos países durante a Guerra Fria: por exemplo, os comunistas viram-se à frente de grandes movimentos grevistas (Brasil, 1953-54) ou participaram de ações guerrilheiras de camponeses (Colômbia, 1949-55)"[602].

A situação da América Latina refletia, certamente, o acirramento da polarização provocada pela guerra fria. Em setembro de 1947, na conferência dos PCs europeus, realizada na Polônia, ficaria claro qual seria a nova linha de posicionamento que encaminharia a ação e o discurso dos comunistas neste momento de conflito: na avaliação da conjuntura mundial os soviéticos declarariam que o mundo, naquele momento, encontrava-se dividido entre dois campos antagônicos, de um lado encontravam-se os imperialistas anti-democráticos representados pelos Estados Unidos e de outro, os antiimperialistas e democráticos, que tinham como maior bastião a URSS. Além disso, entre 1947 e 1951, uma série de expurgos seria realizada por Stalin em países como a Polônia e a Hungria, e a Iugoslávia seria expulsa do Komintern

---

601 Sena Jr., Carlos Zacarias. *Os impasses da estratégia: os comunistas e os dilemas da União Nacional na revolução (im)possível. (1936-1948)*. Recife, UFPE, 2008. (Tese de Doutorado em História), p. 426.

602 Löwy, Michel (org.). *O marxismo na América Latina (uma antologia de 1909 até os dias atuais)*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999, p.38.

(Escritório de Informações dos Partidos Comunistas). Essa mesma política, no Brasil, traduziu-se na publicação de um manifesto, a 30 de janeiro de 1948, em que o PCB radicalizava sua posição, abandonando a política de frente democrática adotada desde 1945 e apoiando uma luta direta contra o governo, a fim de conquistar a deposição de Dutra.

Em janeiro de 1948, após longa batalha na Câmara, os mandatos do senador e dos deputados eleitos pelo Partido Comunista do Brasil em 1945 são cassados. É o fim do breve período de legalidade em que o partido comunista conseguiu se converter em um grande partido de massas. O episódio da perda dos mandatos parlamentares do PCB é rememorado por Jorge Amado, em *Navegação de cabotagem,* da seguinte maneira: "*Dia triste, de derrota política, a batalha pelos mandatos durara meses, árdua e áspera – batalha perdida, sabíamos desde o começo. Dia alegre, pois me livrei do fardo da deputação, não nasci para parlamentar, sou refratário às tribunas e aos discursos*"[603]

Dada a severa repressão aos comunistas, iniciada em 1947 quando o partido teve revogada sua licença eleitoral e coroada com a cassação dos mandatos de seus parlamentares em 1948, o PCB opera nova mudança de sua linha política, novamente em consonância com a União Soviética, que devido à polarização deflagrada com a guerra fria, deixa de defender a política de alianças e passa a exigir dos partidos comunistas que adotem uma posição classista. Assim, o PCB passa a defender a aliança operário-camponesa para a tomada de poder através de uma Frente Popular de Libertação Nacional.

O ano de 1948 é marcado pelo endurecimento no discurso e na ação do PCB. Após ser novamente colocado na ilegalidade e ver seus parlamentares terem seus mandatos cassados, o Partido passa à defesa intransigente da conquista de espaços de participação e divulgação. Sobre a nova linha política adotada pelo partido a partir de 1948, Graciliano declara em conversa privada com Paulo Mercadante, também militante comunista, que a opção por uma política de confronto e isolacionista seria "um erro de política"[604]

---

603 Amado, Jorge. *Navegação de Cabotagem.* Rio de Janeiro: Record, 1992, p.70.

604 Moraes, Dênis. *O velho Graça – uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p. 247.

Os reflexos desta nova conjuntura podem ser observados no número 8 da revista *Literatura*. Se desde seu primeiro número a revista já contava com militantes do PCB em seu conselho editorial e entre seus colaboradores, a partir de 1948 fica evidente uma radicalização nas pautas, artigos e reportagens.

Para se ter uma idéia desta orientação da linha editorial, podemos citar algumas colunas e alguns artigos publicados neste número que ilustram a evidência de uma orientação comunista. Na coluna "dias e obras", Dalcídio Jurandir escreve "Sobre o centenário do *Manifesto comunista*"[605]; mais adiante, encontramos a crítica de Astrogildo Pereira "A propósito do livro de Prestes"[606]; ou, ainda, na coluna "Documentos", com a republicação da denúncia "Um crime na calada da noite"[607], feita por Osório Borba para o *Diário de notícias*, em 10 de janeiro de1949[608].

Literatura, que começou como um periódico mensal, passou a ser publicada a intervalos cada vez maiores (no ano de 1947, esses intervalos chegam a ser de seis meses), e voltou a ser publicada mensalmente nos dois primeiros meses de 1948, depois voltando a ter uma edição mais espaçada. Na edição de março de 1948, Dalcídio Jurandir volta à carga de denúncias sobre as perseguições promovidas pelo governo Dutra com a reportagem "Os escritores e a resistência":

> "Nestes últimos meses, agravou-se a situação política em nosso país, e por mais que não queiram os nossos auto-suficientes amigos do abstrato e do apoliticismo, essa situação atinge a todos nós, miúdos escritores semi-coloniais. Em todo o país foi desencadeado aquele temor da polícia contra a qual dois congressos de escritores se manifestaram com tanta convicção e alarde. Jornais e distribuidoras de livros foram assaltados, presos jornalistas, um vendedor de livros foi encarcerado e acusado de atividades do Cominform ... (...)
>
> Logo depois da cassação dos mandatos, a *Tribuna popular* foi assaltada de madrugada. Vinte e três trabalhadores espancados e encarcerados e agora submetidos a brutal julgamento. (...)
>
> E é diretamente que a reação atinge os escritores. Há pouco tempo, Monteiro Lobato escreve um livrinho para adultos e crianças, um livrinho que é um

605 *Literatura.* janeiro - fevereiro de 1948 (Ano III – n°7), pp. 45-47.
606 *Literatura.* janeiro - fevereiro de 1948 (Ano III – n°7), pp.47-50.
607 *Literatura.* janeiro - fevereiro de 1948 (Ano III – n°7), pp.59-60.
608 O assunto desta última reportagem foi a invasão, pela polícia, do jornal comunista *Tribuna popular* [se bem que ao longo da reportagem o autor passe a se referir à *Imprensa popular*, o verdadeiro nome da publicação na conjuntura] Segundo Osório, Borba, a medida, autorizada pela Justiça, representaria um "*terceiro assalto, em três meses, às oficinas do diário comunista.*"*In: Literatura.* janeiro - fevereiro de 1948 (Ano III – n°7), p.59.

> documento da nossa época pela verdade elementar que ele encerra e porque ele encarna as aspirações de populações inteiras que querem sair da escravidão a que estão condenadas. A polícia de São Paulo não respeitou o nome de um dos maiores escritores brasileiros, apreendeu o livro como apreendeu o livro de Jorge Amado sobre a vida de Luis Carlos Prestes. (...)
>
> Lembro-me que Graciliano Ramos quase perde os originais de *Angustia*. Não fosse ele ter enviado uma copia do romance para um local desconhecido da polícia, e hoje a literatura brasileira não contaria com um de seus maiores livros. (...)"[609]

Esse texto de Dalcídio Jurandir nos auxilia ao rememorar diversas formas de repressão cometidas pelo governo Dutra não só contra militantes do partido como também contra intelectuais não comunistas. Nos ajuda ainda por mostrar como nossos escritores, Graciliano Ramos e Jorge Amado são lembrados como exemplos de pessoas perseguidas pelo governo.

Na mesma linha de denunciar as práticas autoritárias e não democráticas utilizadas pelo governo, a ABDE continua e se servir do expediente de lançar notas de protesto em jornais e revistas, como, por exemplo, na seguinte nota publicada em 1948:

> "PROTESTO DA ABDE"
>
> "Texto de moção lido na Câmara dos deputados, em sessão de 14 de maio de 1948, pelo Deputado Afonso Asinos[610]".
>
> "A Associação Brasileira de Escritores, pela sua diretoria e conselho fiscal reunidos em sessão conjunta, vem se manifestar e protestar contra prisões e violências polícia is sofridas por alguns de seus consócios nas ultimas semanas."[611]

O texto enumera, em seguida, a série de prisões efetuadas pela polícia: Caio Prado Jr. e Mario Schemberg, em São Paulo; Aluisio Neiva Filho, Moacir Verneck de Castro *(sic.)*, Mauricio Vinhas de Queiroz, Egidio Squeffe e Otavio Brandão, no Rio de Janeiro, sendo que este último teria sido espancado juntamente com seu filho menor de idade.

---

609 *Literatura.* março de 1948 (Ano III – n°8), pp. 38-39.

610 Embora o texto venha grafado desta maneira, acreditamos que se trate de um erro tipográfico e que na realidade seja Afonso Arinos.

611 *Literatura.* abril - setembro de 1948 (Ano III – n°9), p. 62.

> "No município de Caxias, no Estado do Rio, uma casa de Jorge Amado foi invadida pelos polícias, estando ausente, na Europa, seu proprietário. (...) nenhum desses nossos consócios foi regularmente acusado de ação revolucionaria ou de qualquer ato de violência contra o Estado e as instituições vigentes. Concluímos, assim, que foram visados como intelectuais, que sofreram prisões e atentados por motivos de opinião, e com isso não se conformam os escritores brasileiros, nem o seu órgão, a Associação Brasileira de Escritores. (...)
>
> Assinado: Álvaro Lins, Presidente; Luis !Jardim, vice-presidente; Francisco de Assis Barbosa, 1° secretário; Dalcídio Jurandir, 2° secretário; Alina Paim, tesoureiro. Conselho Fiscal – Afonso Arinos, Astrogildo Pereira, Graciliano Ramos, Pedro Nova, Osório Borba."[612]

Nas notas do número 9 de *Literatura*, encontramos o seguinte texto, que evidencia o racha provocado pelo II Congresso Brasileiro de escritores entre os intelectuais comunistas e os ditos "democratas", ou simpatizantes:

> "MANUEL BANDEIRA"
>
> "O eminente poeta, que desde o início da publicação desta revista consentiu em prestar-nos a sua colaboração e o seu concurso pediu que retirássemos o seu nome do conselho da redação de *Literatura.*
>
> Lamentamos, mas obedecemos"[613]

A cisão dos escritores durante o segundo Congresso da ABDE, iniciada pela incompatibilidade entre a vontade dos comunistas de que se emitisse uma nota de repúdio contra a cassação dos mandatos comunistas e a postura de um significativo grupo de escritores que acreditava não ser este o papel da associação, resultou em um afastamento drástico entre comunistas e escritores que pertenciam ao campo gravitacional de esquerda sem, no entanto, serem vinculados ao partido.

Essa cisão representou o desmanche total de uma política de aproximação entre a intelectualidade e o PCB, que durou entre os anos de 1945 e 1947 e que durante a guerra fria não teve como continuar. Manuel Bandeira, como outros escritores, preferiu afastar-se e desvincular-se de projetos liderados por escritores comunistas, como foi o caso da revista *Literatura.* Segundo Moraes, "*por conta da crise de Belo Horizonte, vários colaboradores desligaram-se de Literatura. Do quinto ao décimo número*

---

612 *Literatura.* abril - setembro de 1948 (Ano III – n°9), p. 62.

613 *Literatura.* abril - setembro de 1948 (Ano III – n°9), p. 63.

(deixaria de circular em outubro de 1948), a revista se tornaria mais propagandística e menos literária, contando essencialmente com simpatizantes do PCB"[614].

Congresso Mundial de Intelectuais pela Paz

Como vimos, as articulações de intelectuais, militantes e simpatizantes do comunismo tendem a se concentrar em torno do tema da paz. Essa não foi, como se sabe, uma política ou estratégia adotada apenas no Brasil, mas sim uma postura que segue uma orientação internacional de defesa da URSS, contra os EUA, através do mote da Defesa da Paz.

O congresso dos Intelectuais pela Paz, amplamente divulgado pela imprensa do partido[615], iniciativa franco-polonesa, que ocorreu entre os dias 25 e 28 de agosto de 1948, em Wroclaw, teve com a participação de Jorge Amado, mas não contou com a presença de Graciliano Ramos, que teve seu visto negado. Jorge Amado foi designado pelo partido para representá-lo nesta instância internacional de defesa da paz, que na realidade reunia a intelectualidade comunista internacional, passando a integrar o "*Comitê Permanente de Ligação entre os intelectuais do mundo em defesa da cultura e da paz.*"[616]

No discurso que proferiu como representante da delegação brasileira, Jorge Amado divulgou estatísticas, fatos e episódios que caracterizariam o fechamento do promovido pelo governo Dutra no pós-47, denunciando o afastamento progressivo deste governo dos preceitos democráticos e o seu alinhamento com os interesses

---

614 Moraes, Dênis. *O velho Graça – uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p. 248.

615 Como vemos, por exemplo na seguinte nota publicada em *Literatura:* "Congresso Mundial de Intelectuais pela Paz / O congresso de Wroclaw, convocado por um comitê franco-polonês, reuniu-se durante os dias 25 a 28 de agosto último, com a participação de 390 intelectuais de 45 países, inclusive o Brasil. / Após três dias de debates, o congresso aprovou, por 371 votos contra 11 e 8 abstenções, uma resolução final sob a forma de *Apelo aos intelectuais do mundo*, que reproduzimos adiante."*In: Literatura,* outubro de 1948 (Ano III – n°10), p.1.

616 "Para integrá-lo, foram convidadas as seguintes pessoas: Anand, Andersen Nexo, Aragon, Borejsra, Cesaire, Davidson, Dembowski, Fadieiev, Fast, Fiedosiejow, Giral, Golding, Gottuso, Haldane, Joliot-Curie, Jorge Amado, Kahn, Mukaezewski, Pablo Neruda, Seremi, Shapley. A sede do Comte foi fixada em Paris." In: *Literatura,* outubro de 1948 (Ano III – n°10), p.2. É interessante de se notar, que os dois únicos intelectuais que tem divulgados nomes e sobrenomes são Jorge Amado e Pablo Neruda.

estadunidenses. A tônica do discurso é de apresentar a realidade brasileira e alertar para o perigo de instauração do totalitarismo em território nacional, como podemos observar já no parágrafo de abertura:

> "Severa deve ser a voz e diretas devem ser as palavras daqueles que falem aqui em nome dos intelectuais dos países da América Latina, especialmente severa a de quem fale em nome da cultura brasileira, porque minha voz nesse momento é a ressonância de vozes que clamam das prisões, dos subterrâneos da ilegalidade ou por entre as limitações de um ambiente de terror, de ameaça, de restrições de toda a espécie à livre expressão e desenvolvimento da cultura."[617]

Segundo Jorge Amado, o responsável por esse cenário seria um governo repressivo que, disfarçado sobre o manto da democracia, teria como único objetivo a defesa dos interesses das elites tacanhas que controlam o Brasil e que dele sugam suas riquezas:

> "nossa não é a terra de nossa Pátria, nossa não são suas riquezas. (...) Todas essas riquezas e todas essas belezas pertencem aos senhores dos trustes e monopólios estrangeiros e aos senhores feudais seus aliados, e a eles pertencem, também, algumas das piores coisas do Brasil: o Governo, a Polícia, a censura, todas as leis limitadoras da liberdade do homem e, em particular, da liberdade do intelectual."[618]

Depois de feita essa analise inicial, calcada na interpretação corrente do Partido Comunista de que a realidade brasileira seria marcada por um capitalismo incipiente e por uma zona rural atravessada por relações feudais, Jorge Amado não poupará críticas ao governo brasileiro, apresentando-se como o arauto responsável por anunciar ao mundo os arbítrios de Dutra e os verdadeiros interesses a que este servia.

O autor segue, em seu discurso, enumerando as ocasiões em que o governo vinha tolhendo várias liberdades democraticamente garantidas: aponta o fechamento de

---

617 *Literatura,* outubro de 1948 (Ano III – n°10), p.6.

618 *Literatura,* outubro de 1948 (Ano III – n°10), p.6.

editoras[619], o monopólio de Hollywood nos cinemas brasileiros[620], o cerceamento de jornais e a prisão de jornalistas e estudantes:

> "A imprensa livre – aquela pequena parcela da imprensa que não vive dos cofres das empresas ianques – sofre as mais graves restrições. Entre os últimos meses de 1947 e os primeiros de 1948, seis diários brasileiros foram assaltados e tiveram suas oficinas depredadas pela polícia. 23 funcionários do jornal *Tribuna popular,* do Rio de Janeiro, vem de ser condenados a penas de prisão que são de 2 a sete anos por terem tentado defender as oficinas do seu jornal pela segunda vez assaltadas pela polícia de Dutra."[621]

Os representantes das delegações tinham clara consciência de que seus textos seriam reproduzidos pela imprensa comunista, sobretudo em seus próprios países. A redação destes textos, então, apresentava algumas características interessantes. Em primeiro lugar, mantinham o foco no cenário nacional do delegado – o discurso era construído no sentido de denunciar, a partir de exemplos, os abusos cometidos contra a democracia, para o caso das delegações de países capitalistas, ou de louvar os avanços obtidos pelos socialistas. Nos dois casos, sempre era frisada a garantia da paz como um desejo do bloco socialista.

Outra característica interessante é a não evidenciação dos autores como comunistas. Os textos não explicitam, no caso dos delegados de países capitalistas, a filiação de seus autores ao partido comunista. Jorge Amado utilizou a invasão de sua casa pela polícia como exemplo de arbitrariedade cometida pelo governo. Sua auto-representação foi a de um homem perseguido como intelectual, mas na passagem anterior do discurso, quando relatava a cassação dos mandatos depois que o PC do Brasil foi colocado na ilegalidade, não se apresentou como um dos Deputados que perderam seus mandatos. Essa estratégia parece indicar que o público alvo destes

---

619 "Doze casas editoras brasileiras, metade do total de nossas editoras, foram à falência ou fecharam suas portas no ano de 1947". *In: Literatura,* outubro de 1948 (Ano III – n°10), p.8.

620 "somos o maior mercado externo do cinema norte-americano (…) as grandes empresas cinematográficas exigiram dos proprietários de cinemas a não exibição de películas brasileiras, sob a pena de lhes cortar a programação. (...) e não apenas os filmes brasileiros tem a sua exibição sabotada, também os franceses, os soviéticos, ingleses, italianos encontraram o mercado brasileiro praticamente fechado a sua produção" *In*: *Literatura,* outubro de 1948 (Ano III – n°10), p.8.

621 A revista transcreve todo o discurso de Jorge Amado que, estando fora do país, através deste tipo de nota e artigo em periódicos ligados ao partido se fazer presente na cena política e cultural brasileira. *Literatura,* outubro de 1948 (Ano III – n°10), p.10.

discursos não seria o militante do partido, mas sim a grande massa de democratas e simpatizantes da esquerda.

Como começamos a análise do texto de Amado sobre o congresso com a citação de seu parágrafo de abertura, terminaremos com o de conclusão, em que o autor pretende sinalizar para os futuros leitores de suas palavras qual deva ser a alternativa correta neste começo de guerra fria:

> "Por volta de meados do século 17, os brasileiros lutaram e expulsaram do seu solo o invasor holandês, quando a Holanda era uma das mais poderosas nações do mundo. Hoje lutamos para libertar nossa pátria do jugo imperialista ianque, para arrancá-la dos restos do feudalismo, para criar melhores condições de vida para o nosso povo. Lutamos pela paz, pala cultura, pela felicidade do homem. Não estamos sozinhos nessa luta. Conosco estão os demais povos, está a classe operária do mundo inteiro, estão a Polônia e os demais países das Democracias Populares. Conosco está a gloriosa e invencível União Soviética."[622]

Outra forma de articulação desta luta pela paz é a realização de eventos, de encontros e outras atividades que reforcem o tema e que deixem claro para a população mundial que a articulação de uma terceira guerra estaria sendo urdida pelos EUA. Neste sentido, serão criados concursos, prêmios, e outras iniciativas que coloquem o assunto na pauta do dia como, por exemplo, os

> "Prêmios Internacionais da Paz para obras literárias e artísticas:
>
> O famoso pintor Pablo Picasso apresentou ao Congresso Mundial dos Partidários da Paz a seguinte proposta que foi aprovada por unanimidade.
>
> 'Com o objetivo de estimular aos intelectuais na defesa da paz, o Congresso Mundial dos Partidários da Paz entre os povos decidiu criar os prêmios internacionais da paz para os melhores filmes, produções literárias, e artísticas que contribuam para a consolidação da paz entre os povos."[623]

Na sétima página da edição de número 175 do jornal oficial dos comunistas, aparece nova matéria encomendada a Jorge Amado, desta vez sobre o Congresso Mundial dos Partidários da Paz, realizado em Paris ainda no ano de 1948. Neste

---

622 *Literatura,* outubro de 1948 (Ano III – n°10), p.11.

623 *A classe operária,* 14-05-1949 (ano IV – n°174). p.6.

resumo, ou uma impressão pessoal, confeccionado para o publico do periódico, daquilo que se passou no Congresso, o escritor baiano descreve um cenário de harmonia e fraternidade incomparáveis:

> "(...) no hall falavam-se todas as línguas conhecidas, das mais próximas à nossa, como o espanhol e o francês, até as mais distantes, como as línguas dos povos do extremo-oriente. Brancos, negros e amarelos misturavam-se no mesmo nobre afã de salvaguardar a paz, de defender a humanidade contra o perigo da guerra que cresce a cada momento."[624]

Um cenário ideal, de união na diversidade e na multiplicidade de povos, culturas e nações, representados pelos 2.200 delegados, é apresentado desde o parágrafo inicial do texto. Jorge Amado faz questão de frisar não ter sido o Congresso uma iniciativa comunista, mas sim um esforço conjunto de pessoas que tinham como único interesse impedir a eclosão de uma nova guerra mundial. Segundo o autor, todos esses esforços valeram à pena, uma vez que "*O Congresso Mundial pela Paz foi sem dúvida a mais grandiosa demonstração da vontade e da decisão pacificas dos povos do mundo*"[625] Parece ser imprescindível para o autor deixar claro, em diversos momentos de seu texto, ter sido o Congresso Mundial dos Partidários da Paz um evento plural, que congregou um conjunto variado de delegados representando os mais diversos povos:

> "essa impressão de 'enorme demonstração de força' do campo da paz, da sua invencível fortaleza, era completada pela sua amplitude, pela diversidade de camadas sociais e de tendências políticas que se encontraram unidas na Sala Playel em torno da defesa da paz. Quatorze sacerdotes e bispos católicos, protestantes, ortodoxos – 163 parlamentares – democratas, trabalhistas, socialistas, cristãos-progressistas, comunistas, republicanos – 31homens de ciência dos mais eminentes, 152 escritores, 73 artistas célebres.(...)"

Um dos motivos que podemos cogitar como hipótese explicativa para essa necessidade de Jorge Amado em enfatizar que o evento congregou representantes de várias correntes do pensamento, e não somente comunistas, seria a de que esse texto não estava destinado à reprodução apenas pelo jornal do partido. Mas, observando a tônica dos outros textos que tratam do tema da paz presentes na mesma edição de A *classe*

---

624 *A classe operária,* 21-05-1949 (ano IV – n°175). p.7.

625 *A classe operária,* 21-05-1949 (ano IV – n°175). p.7.

operária, parece mais provável imaginar que este tipo estratégia argumentativa vá ao encontro de um discurso geral, e internacional, muito bem estruturado e coeso, que visava municiar os militantes com argumentos que sustentassem a representatividade ampla do Congresso.

Imprensa comunista

Como vimos anteriormente, no curto período de legalidade que viveu entre os anos de 1945 e de 1947, o Partido Comunista do Brasil ampliou de forma considerável a sua penetração cultural através da montagem de uma imensa rede de comunicação social – que contava com publicações diárias e semanais em grande parte do território nacional– e vivenciou seu período de maior destaque no cenário da imprensa nacional.

Os anos que vão de 1945 a 1948 são apresentados por Rubim como o período áureo da imprensa comunista no Brasil, período em que esta assumiu tal relevância no cenário nacional que chegou mesmo a se aproximar dos números alcançados pelos veículos da, assim chamada, grande imprensa. A razão para tal sucesso seria, segundo o autor, o forte investimento feito pelo partido, que acreditava ser de valor estratégico para a sua ampliação a estruturação de uma imprensa de grande penetração social a ele subordinada.

Para tanto, o PCB contou com a colaboração dos diversos intelectuais filiados ou simpatizantes, que participaram ativamente da vida destes periódicos. Dentre esses jornalistas, acadêmicos, pintores e escritores que colaboraram com os jornais e revistas do partido, encontravam-se Jorge Amado e Graciliano Ramos.

A partir de 1947, no entanto, inicia-se uma nova fase de dificuldades para a imprensa comunista. As dificuldades enfrentadas (a destruição de gráficas e redações, a perseguição a redatores e colaboradores, por exemplo) passam a exigir dos comunistas novas estratégias para a manutenção de seus canais de divulgação. Dentre estas, destacam-se a troca dos nomes das publicações, como aconteceu, por exemplo, com a *Tribuna Popular*, do Distrito Federal, que passa a se chamar *Imprensa popular*, e o funcionamento de gráficas e redações clandestinas.

Entre o início da década de 1950 e as repercussões do XX Congresso do PCUSS a imprensa comunista no Brasil reflete a tentativa do partido de firmar posições na guerra fria. Diante do clima polarizado entre capitalismo e comunismo, o partido investe em uma "*deliberada proliferação de revistas político-culturais como parte de uma verdadeira blitz ideológica desencadeada pelo PC no seu período de auge do stalinismo e de sua versão na estética: o realismo socialista radicalizado de Zhadnov"*[626].

Neste cenário, são lançadas ou relançadas diversas revistas, como *Para todos,* no Rio; *Seiva*, em Salvador; *Horizonte*, em Porto Alegre; *Orientações*, em Recife; e *Fundamentos*, em São Paulo. A tônica destas revistas se coadunada à perspectiva internacional adotada pelo PCUSS: a defesa da paz, a crítica aos mais variados aspectos da cultura burguesa, o ataque ao imperialismo norte americano e a exaltação do modelo socialista. A revista *Partidários da paz* representa, no Brasil, esse movimento mundial do comunismo que procurava aglutinar intelectuais em torno dessas bandeiras.

Com a radicalização inaugurada pelo Comitê Central com o Manifesto de agosto de 1950, que prega a luta armada como alternativa para acabar com os desmandos e os traços autoritários do governo Dutra, começa uma campanha na imprensa partidária para divulgação desta nova linha de ação. Como liderança de maior expressividade do Partido, Prestes é convocado para a tarefa de redirecionar a militância a partir de textos amplamente divulgados nos periódicos comunistas.

É interessante notar como, num momento de perseguição governamental e de recrudescimento da linha de ação do PCB, Prestes evidencia em seu texto que a imprensa desempenharia um papel importante de agitação e mobilização. No entanto, mesmo vivenciando um período de radicalização, não deixa de referir-se a "povo" e a lembrar a importância da "Democracia", mas agora redimensionados em seu sentido[627].

---

[626] Rubim, Antonio Albino Canelas. "Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil" in: MORAES, João Quartim de (org.). *História do Marxismo no Brasil.* Vol. 3 "Teorias. Interpretações". Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p.392.

[627] "saibamos levar o nosso programa às mais amplas massas da população do país. Através da imprensa do povo, em comícios e assembléias populares, saibamos abrir a mais ampla discussão em torno de seu conteúdo, que precisa ser conhecido de todos os brasileiros... nesse processo, organizando para lutar e aproveitando a luta para organizar, unificar-se-ão as forças populares e rapidamente crescerá e estruturar-se-á, a partir das organizações de base, a grande e poderosa Frente Democrática de Libertação Nacional." *In:*"Prestes citado por Edgard Carone, ob. cit., p. 111" *in*: Moraes, Dênis. *O imaginário*

Segundo o levantamento feito por Mônica Araújo em sua dissertação de mestrado, pode-se constatar a presença de referências a postulados do realismo socialista no suplemento literário publicado aos domingos em *Tribuna popular.* No entanto, será a partir do fechamento do jornal no governo Dutra, e da necessidade de criação de um novo periódico, o *Imprensa popular,* em 1948, que o partido passará a defender mais claramente a adoção do realismo socialista em sua versão mais radicalizada, que ficou conhecida também pelo nome de zdanovismo..

Essa defesa se processa através de reportagens e resenhas sobre autores que utilizem o estilo e através da publicação de textos críticos sobre o tema, como é o caso do artigo publicado na edição de 21 de janeiro de 1951, "O realismo socialista e a liberdade de expressão", em que o dirigente do PC argentino, Rodolfo Ghioldi, constrói a defesa do realismo socialista contra as acusações mais freqüentes que sofria da "*imprensa e crítica burguesas*". O artigo começa refutando a idéia de que o realismo socialista tolheria a individualidade do artista: "*os petulantes das páginas dominicais ou das presunçosas revistas especializadas acusam a arte soviética de impor moldes e limitações ao criador. Isso é seguramente uma calúnia. O realismo socialista não diminui o indivíduo nem limita a expressão especificamente individual"*[628]. Para, a seguir, traçar o que seria uma definição correta do realismo socialista:

> "longe de ser equivalente a um código de normas formais, o realismo socialista admite a mais ampla variedade de individualidades e de formas e, mais do que admite, põe em evidência o papel da consciência do artista. Porém, entendamo-nos: o cunho individual na obra de arte não quer dizer submissão da mesma aos caprichos individuais. Da mesma forma, a função importante da consciência do criador não corresponde à invenção da realidade, mas ao conhecimento do processo e da realidade objetiva que cabe tanto ao poeta quanto ao artista político, ao músico como ao escritor traduzir em sua própria linguagem."[629]

Desta forma, Ghioldi tenta demonstrar que uma crítica burguesa estaria maculada por uma perspectiva capitalista e individualista que a impediriam de ver a possibilidade da congregação da liberdade com a coletividade. Os artistas do realismo

---

vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953). Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p.67.

[628] *Imprensa popular,* 21-01-1951, p.3.

[629] *Imprensa popular,* 21-01-1951, p.3

socialista são apontados pelo argentino como não apenas conhecedores da realidade como também – e, sobretudo – artífices de uma nova forma de organização social. Coadunando-se assim, este artigo, à idéia do artista como "engenheiro de almas", difundida por Zdanov.

Quando escreve seu livro de memórias, na década de 1980, bastante tempo depois de seu desligamento do partido, Amado avalia da seguinte maneira as teses de Zdanov para as artes: "*no caso da União Soviética a coisa se complica devido a questões ideológicas: as teses de Zdanov, o teórico de Stalin para a literatura e as artes, consideram arte degradada tudo que foge aos limites da academia*" é interessante notar como um dos nomes da literatura brasileira que mais difundiu uma literatura dentro dos padrões definidos por Zdanov para as formas de manifestação literária de um comunista, Jorge Amado, faz uma leitura dos limites dessas teses para a criação depois de desvinculado do partido.

O zdanovismo

Como já foi observado, o contexto de perseguição e dificuldades para o comunismo, inaugurado com a guerra fria, levou a uma radicalização da orientação do partido soviético para a área cultural. Se, desde a década de 1930, o realismo socialista já dispunha do *status* de uma orientação internacional uniforme que pretendia fornecer um exemplo positivado do proletariado e do comunismo, oferecendo-se como contraponto a uma estética burguesa, é a partir de 1948, em decorrências das profundas mudanças conjunturais, que esse posicionamento é agudizado e aprofundado, assumindo o caráter de uma doutrina rígida e incontornável. Essa segunda fase da aplicação dos pressupostos enunciados no I Congresso dos Escritores Soviéticos, em 1934, ficaria também conhecida como zdanovismo.

Em consonância com as novas orientações do comunismo para a área cultural, o Comitê Central do PCB empenha-se na aplicação do zdanovismo no Brasil. O escritor Dlacídio Jurandir é designado por Arruda para elaborar um informe sobre o tema que deveria ser divulgado e discutido pelos artistas vinculados ao partido. Além disso, o

próprio Dalcídio e outros escritores como Alina Paim e Plínio Cabral, são convocados para dar forma a um projeto amplo de construção de uma nova literatura, orientada por "*objetivos sociais revolucionários*"[630].

Os romances produzidos sob essa nova orientação, de utilização de heróis proletários em luta contra a exploração burguesa, foram produzidos a partir de um esquema arquitetado pela direção do partido, em que "*os romancistas conheceriam de perto as condições de vida para poder retratá-los com fidelidade. O paraense Dalcídio seria mandado para a cidade gaúcha de Rio Grande a fim de preparar um livro sobre os portuários locais; a baiana Alina acabaria documentando ao vivo as reivindicações dos ferroviários da Rede Mineira de Viação.*"[631]

Como veremos a seguir, essas orientações aparecem de forma contundente nos três volumes do romance de Jorge Amado, *Os subterrâneos da liberdade.* Já para Graciliano, as imposições sobre uma escrita que se orientasse pelos padrões propugnados por Zdanov e adotados pela direção nacional do partido seriam causa de conflitos que

> "complicaram o relacionamento de Graciliano com o PCB, a partir do segundo semestre de 1949, começaram a chegar ao seu conhecimento murmúrios de que certos aspectos de sua obra estavam sendo questionados em instâncias partidárias. (...) a medida em que as intrigas foram se tornando menos esparsas, ficariam claras as objeções.
>
> Segundo os críticos, Graciliano teria estagnado no realismo e não evoluíra para o realismo socialista. Apontavam excessos de subjetivismo em seus romances, em detrimento da análise social objetiva e participante" [632]

Além da estratégia de difusão de críticas veladas, a direção recorreria ainda a táticas mais explícitas para o enquadramento dos escritores ao novo padrão de arte ambicionado. Uma delas, foi a realização de uma reunião convocada por Diógenes Arruda para "difundir as bases do pensamento de Zdanov". Esse encontro é descrito da seguinte maneira por Dênis de Moraes:

---

630 Moraes, Dênis de . *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p.260.

631 *Idem, ibdem*, p.261.

632 *Idem, ibdem*, p.263.

> "Marcado para as oito horas, o encontro só começaria às dez horas, devido ao atraso do secretário.
>
> Nesse meio-tempo, o grupo de escritores – entre os quais Graciliano, Astrojildo Pereira, Dalcídio Jurandir, Floriano Gonçalves, Oswaldino Marques, Emílio Carréa Guerra, Osvaldo Peralva e Alina Paim[633] - iniciaria informalmente a discussão. Um dos presentes, colocaria Zdanov nas alturas. Graciliano, chateado por estar ali há quase duas horas esperando por Arruda, não se conteria:
>
> – Zdanov é um cavalo!
>
> As pessoas estremeceriam, mas com a chegada de Arruda o debate não prosperaria. Em sua exposição, ele faria a apologia à literatura revolucionária, exigindo que os presentes se enquadrassem nos ditames zdanovistas. (...) Graciliano ouviria as instruções de Arruda e iria embora sem polemizar, ainda que aquilo tudo o desconfortasse."[634]

Graciliano não empregou essas orientações em sua escrita, como vimos, no primeiro capítulo, oferece uma visão positivada de Prestes na crônica encomendada pela *A classe operária*, mas mesmo esse exercício não pode ser encarado como uma manifestação de adequação *strcito sensu* aos parâmetros do realismo socialista.

Nas esteiras do manifesto de agosto, do ano de 1950, nova reunião é convocada pela direção para impor a seus escritores maior adequação aos ditames do zdanovismo. Ainda segundo Moraes, dela participaram

> "mais de vinte e três intelectuais e escritores [que] discutiram a questão da forma e do conteúdo na obra de arte e na literatura. Entre os presentes, Floriano Gonçalves, Ary de Andrade, Dalcídio Jurandir, Édison Carneiro, Emílio Carréa Guerra, Oswaldino Marques e Newton [Rodrigues].
>
> Debateriam interminavelmente as teses de Zdnov. 'foi uma reunião de caráter disciplinar, como se fosse para transmitir instruções de uma linha política' (...) Graciliano seria o único a questionar as 'enormidades que se queriam transformar em dogmas para os escritores' (...) Diógenes Arruda encerraria a reunião respondendo a Graciliano:
>
> – Companheiro, o partido o considera o seu maior escritor. Por isso mesmo, nós temos o direito de exigir que nos ofereça uma obra com conteúdo revolucionário. (...)

---

633 Nesta época, Jorge Amado encontrava-se no exílio.

634 Moraes, Dênis de . *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p.263.

Na época, a maioria dos presentes não poderia supor que a reunião era mais um *round* de uma guerra surda cujo alvo, se saberia depois, era *Memórias do cárcere*." [635]

Memórias do cárcere

Graciliano, entre os meses de abril e junho de 1952**,** viaja para a União Soviética passando pela Tchecoslováquia, pela França e por Portugal. Esta viagem seria a temática de escritos que redigiu no período final de sua vida, publicados posteriormente sob o título *Viagem*. Sobre a mesma temática Amado lançara em 1951 o texto *O mundo da paz,* ambas as obras objeto de análise no capítulo final desta tese.

Depois de ser diagnosticado com câncer no pulmão, é, em setembro de 1952, operado sem sucesso, em Buenos Aires. Retorna ao Rio em 5 de outubro, desenganado pelos médicos. Sua viagem e as despesas de seu tratamento são assumidas pelo PCB, que providencia hospital e médico em Buenos Aires, através do intermédio do militante argentino, ex companheiro de prisão de Graciliano, Rodolfo Ghioldi.

No dia 27 do mesmo mês, sem sua presença, um grupo de amigos e admiradores comemora seu 60º aniversário no Salão Nobre da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, em sessão presidida por Peregrino Júnior, da Academia Brasileira de Letras e transmitida pelo rádio, segundo Dênis de Moraes,

"Sem mexer uma palha, sem ser consultado e sem sair de seu apartamento, Graciliano conseguiria aglutinar a intelectualidade. As mágoas acumuladas nos anos de guerra fria seriam esquecidas por mais de cem escritores, artistas e intelectuais de vários credos qu se irmanariam para homenageá-lo por seus sessenta anos, no plenário da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. A Comissão de Amigos de Graciliano Ramos refletiria esse ecumenismo: de Menotti Del Picchia a Alvaro Moreyra, de Afonso Arinos a Cândido Portinari, de José Lins do Rego a Vinícius de Moraes, de Gustavo Capanema a Astrojildo Pereira, de Manuel Bandeira a Dalcídio Jurandir.

---

[635] Moraes, Dênis de . *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, pp.274-275.

A saúde debilitada o impediria de comparecer, mas acompanharia a solenidade pela cadeia formada pelas rádios Globo, Continental, Clube do Brasil, Roquete Pinto, Ministério da Educação e Cruzeiro do Sul"[636].

A 26 de janeiro de 1953, Graciliano é internado na Casa de Saúde São Victor, vindo a morrer no dia 20 de março do mesmo ano, em decorrência do câncer pulmonar. Jorge Amado participa do enterro de Graciliano, sendo um dos escolhidos para fazer um discurso na cerimônia. Depois da sua morte ainda seriam publicados textos póstumos, editados pela família. Dentre eles, *Mamórias do cárcere* e *Viagem.*[637]

Graciliano Ramos levara seis anos para escrever seu livro de memórias sobre a época em que esteve preso durante o Estado Novo. A escrita efetiva do livro começaria, como afirma Dênis de Moraes, em 25 de janeiro de 1946 e se estenderia até antes da morte do escritor. Muito embora o escritor tenha esboçado, desde 1937 diversas tentativas de colocar no papel sua experiência na prisão. O que empacava o projeto, segundo depoimento de Heloisa Ramos, seria a dificuldade em relatar personagens vivos: "*Grace não estava certo das soluções a utilizar no livro, e leitura desse primeiro esboço não lhe trouxe entusiasmo. Também me parece que as coisas ficavam um pouco no ar. Ele tinha escrúpulos em mencionar pessoas vivas. Pouco a pouco, lembrando fatos antigos, passou a achar natural trazer a público pequenos casos pessoais*"[638].

A idéia de escrita destas memórias apareceu ainda durante o período em que estava encarcerado, quando começou a tomar notas dos episódios vivenciados. Essas notas não foram preservadas, mas a idéia do livro permaneceu. O início da escrita ocorreu ainda no ano de 1937, quando Graciliano elabora uma listagem de 190 nomes de personagens e os locais onde esteve preso com eles. A idéia do livro era acompanhar a longa peregrinação de Graciliano pelos cárceres do Estado Novo, de Alagoas a Recife passando pela cidade do Rio de Janeiro e pela Ilha Grande, relatando o que foi vivido e visto e os tipos com quem compartilhou essa vivência forçada.

---

[636] Moraes, Dênis. *O velho Graça – uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p.300.

[637] *Memórias do cárcere* foi a obra que consagrou definitivamente, já após a morte, Graciliano Ramos como um dos mais importantes escritores brasileiros. Sobre ela, já há muitos trabalhos escritos e seria imprudente retoma-los. Por isso nos restringiremos a um breve comentário que remete ao tema discutido nesta tese.

[638] Moraes, Dênis. *O velho Graça – uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p.223.

Como sempre acumulou diversas ocupações, além dos escrúpulos em retratar personalidades importantes das cenas política e cultural brasileira, muitas delas suas companheiras de militância comunista, a falta de tempo era outro dos motivos que vinham levando ao adiamento do projeto. Esse problema seria resolvido no ano de 1945, quando o editor e amigo José Olympio lhe propõe o seguinte negócio:

> "em abril de 1945 ele acertaria com o editor um contrato pelo qual receberia, mensalmente, dois mil cruzeiros, durante um ano, pelos direitos das primeiras edições de *Infância* e *Insônia* (volume de contos), das terceiras de *Angústia* e *São Bernardo* e das segundas de *Vidas Secas* e *Caetés*
>
> No caso de *Memórias do cárcere,* José Olimpyio adiantaria, a partir de julho de 1947, mil cruzeiros mensais, pelo prazo de três anos, assumindo Graciliano o compromisso de entregar três capítulos por mês. (...) Às vezes, os três capítulos prometidos reduziam-se a dois ou até a um. Mas José Olympio jamais descontaria um centavo da remuneração combinada."[639].

Assumida a obrigação financeira, Graciliano debruçou-se sobre a tarefa de escrita, que mesmo assim estendeu-se por bastante tempo: "Primeiro volume: de 25 de janeiro de 1946 a maio de 1947; o segundo, de 29 de maio de 1947 a 12 de setembro de 1948; o terceiro, de 15 de setembro de 1948 a 6 de abril de 1950; o quarto, iniciado em 6 de abril de 1950 e interrompido em 1º de setembro de 1951, ficaria inacabado"[640].

Boris Schnaidermn, analisando a relação entre o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado em *Memórias do cárcere*, chama a atenção para contradições criadas entre o Graciliano narrador (escritor II, na indicação do crítico), que retoma, numa obra que não chega a dar por concluída, acontecimentos passados com o Graciliano prisioneiro da ditadura Vargas (escritor I, na indicação do crítico).

Poderíamos dizer que as questões levantadas por Schnaiderman trazem à reflexão a impossibilidade de ver no discurso das memórias apenas as marcas confessionais do tempo recordado. A construção ativa da memória reelabora relações e, no caso em questão, redimensiona figuras, como ocorre com o exemplo, identificado,

---

639 Moraes, Dênis. *O velho Graça – uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p.223.

640 Moraes, Dênis. *O velho Graça – uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, p.225.

em que Getúlio é apresentado como vítima de um sistema, atenuando a leitura do papel de ditador algoz.

> "Veja-se, por exemplo, a seguinte observação sobre Getúlio: "o presidente da república era um prisioneiro como nós; puxavam-lhe os cordões e ele se mexia, títere, paisano movido por generais" (G.Ramos, II, 1953:124). Não temos aí o escritor II atribuindo ao escritor I a visão abrandada e falsa da personalidade de Getúlio, muito difundida no PC depois da campanha de *Constituinte com Getúlio,* que foi apoiada pelos comunistas antes da deposição do ditador?"[641]

Para o que interessa à nossa discussão, as posições que serão firmadas nesta obra que é devedora de um tempo de escrita em que o vínculo de Graciliano ao partido não seria apenas o de simpatia, certamente tornam-na marcada pelos estreitos elos do escritor filiado que reinterpreta os acontecimentos dos tempos do cárcere à luz das informações que lhe viriam da vivência em um novo período da história política da esquerda no Brasil, assim como das relações do país num cenário mundial.

> "Graciliano II narra o episódio da retirada de Olga Benário Prestes da prisão, acompanhada de uma revolta dos presos, e acrescenta: "Sentado na cama, pensei com horror em campos de concentração, fornos crematórios, câmaras de gases" (G.Ramos, IV, 1953:111). Ora, este pensamento seria impossível em 1936, quando se deu o episódio.
>
> Está claro que se Graciliano tivesse preparado o livro para publicação, o acabamento final suprimiria tais incongruências. Mas, do jeito como está, o texto é muito significativo sobre a relação ali entre o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado."[642]

Será nesse sentido que procuramos entender essa obra de Graciliano, provavelmente um de seus livros mais investigados por estudiosos da área de história e crítica literária. Investigando essa relação entre o tempo do narrar e o tempo das memórias, procuramos entender os motivos que transformaram esse livro num pólo de disputa entre o autor, e seus familiares, e a direção do PCB.

---

641 Schnaiderman, Boris. "Duas vozes diferentes em *Memórias do Cárcere?"*. Estudos Avançados *Print version*ISSN 0103-4014. *In:* http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000100022

642 *Idem, ibdem.*

Os dirigentes do partido tiveram notícias de que a obra que Graciliano escrevia sobre sua experiência na prisão durante a década de 1930 não proporcionava uma visão enaltecedora dos líderes comunistas que dividiram os cárceres do Estado Novo com o autor. Alarmados com a possibilidade de o relato servir com trampolim para as acirradas críticas anticomunistas que grassavam na época, resolveram intervir.

Como vimos anteriormente, no início essas tentativas foram empreendidas a partir de reuniões coletivas com escritores, no sentido de uniformizar a utilização do realismo socialista. A partir do relato de pessoas que tiveram contato com as parte já prontas de *Memórias do cárcere* foi adotada uma nova estratégia:

> "Terceiro *round*. Arruda telefonaria para Graciliano informando que iria a sua casa para a reunião. No fim da manhã de 18 de março de 1951, ao abrir a porta, o velho Graça daria de cara não só com arruda como também com Astrojildo Pereira e Floriano Gonçalves. Os quatro se fechariam num dos quartos por várias horas. (...) Graciliano, arrasado, confidenciaria o teor da conversa. Arruda pediria para folhear os originais de *Memórias do cárcere*, aborrecendo-se logo na primeira lauda, com a afirmação de que, no Estado Novo, 'nunca tivemos censura prévia em obra de arte'. (...) No decorrer da reunião, cobrariam novamente de Graciliano o seu distanciamento do realismo socialista e a falta de vigor revolucionário de seus livros. Um dos presentes, em tom inflamado, diria eu ele persistia num realismo crítico ultrapassado e citaria Jorge Amado como escritor empenhado em dar conteúdo participante às suas obras. Ao ouvir o nome de Jorge, Graciliano rompia o silêncio:
>
> – Admiro Jorge amado, nada tenho contra ele, mas o que sei fazer é o que está nos meus livros. (...)
>
> Arruda apelaria para que alterasse determinadas passagens de *Memórias do cárcere*. Graciliano não responderia nem que sim nem que não"[643]

A despeito do desapontamento, Graciliano não atende aos apelos do dirigente e não altera as partes já escritas de *Memórias do cárcere*. No entanto, quer pela pressão sofrida, quer por outros fatores de ordem pessoal, "*Por semanas inteiras, o quarto volume de Memórias do cárcere entraria em compasso de espera. Em 1º de dezembro de 1951, paralisaria definitivamente o trabalho, faltando o capítulo final.*"[644]

---

[643] Moraes, Dênis. *O velho Graça – uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992, pp.275-276.

[644] *Idem, ibdem*, p.277.

As experiências nos cárceres do Estado Novo, segundo Marisa Schincariol de Mello em seu belo trabalho sobre Graciliano, inaugura uma nova fase da obra de Graciliano:

> "A prisão de Graciliano Ramos, em 1936, encerra o ciclo do Romance de 1930. Isso se deve à perspectiva literária e política que o nosso autor passa a adotar, que passa a ser orientada por uma visão social de mundo, uma perspectiva, vinculada ao ponto de vista de classe do proletariado. Esse ponto de vista é um horizonte comum a um conjunto de forças políticas e intelectuais, sociais e culturais que se relacionam em sua maior parte com o PCB, e foi a cadeia que proporcionou o convívio mais direto com esta visão de mundo (...) O contato com outros intelectuais engajados, partidários, dirigentes políticos, e até mesmo ladrões, participação em cursos de formação que eram ministrados pelos próprios presos, debates políticos sobre a exploração econômica e as classes sociais, foram fundamentais para que ele assumisse a perspectiva das classes populares."[645].

Segundo a autora, a partir daí fica clara a migração da escrita de Graciliano que passa a se dedicar mais a uma escrita voltada para a reelaboração de suas memórias, distanciando-se dos personagens ficcionais e investigando em sua própria trajetória questões que dizem respeito a uma interpretação de aspectos da sociedade brasileira, do ponto de vista de um escritor engajado e comprometido com o processo de transformação proposto pelo Partido Comunista do Brasil.

No entanto, esse tipo de transformação em sua obra, no momento mesmo em que Graciliano aproxima-se do comunismo, acaba significando fonte de questionamentos dentro do partido sobre seu fazer literário. O principal motivo da disputa foi o retrato, ou a leitura, que Graciliano engendra sobre a intentona comunista e sobre os principais quadros do partido com quem esteve preso depois do fracasso do levante.

A apresentação do levante como um equívoco e de comunistas históricos como seres humanos distantes de uma visai mitificada teriam levado membros do partido tentar realizar uma censura prévia do livro, motivo de desgosto profundo para Graciliano que admitia que seu livro, provavelmente, seria uma publicação póstuma "*como convém a um livro de memórias*"[646]. No entanto, logo na nota de apresentação – possivelmente em função desta mesma contestação por parte do partido, declara: *"nesta reconstituição de fatos velhos, neste esmiuçamento, exponho o que notei, o que julgo ter*

---

[645] MELLO, Marisa Schincariol. *Graciliano Ramos: criação literária e projeto político (1930-1953).* Niterói: UFF, 2005. (dissertação de mestrado), pp.77-78.

[646] Ramos, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1992 (v.1), p.35.

notado. Outros devem possuir lembranças diversas. Não as contesto, mas espero que não recusem as minhas: conjugam-se, completam-se e não dão hoje impressão de realidade"[647].

Os homens, que Graciliano apresenta da mesma maneira como apresenta a si mesmo, como indivíduos lançados arbitrariamente em uma situação de provação e tolhimento, não são os grandes líderes intocáveis e distantes. Rodolfo Ghioldi discursa de cuecas. Agildo Barata é baixinho e fleumático, os militares envolvidos no levante constituem um grupo fechado que procura reproduzir no cárcere os hábitos da caserna, os estrangeiros encontram dificuldades para compreender aspectos da realidade brasileira, presos comuns, ladrões e colaboradores de agentes penitenciários, são capazes de rasgos de generosidade que se aproximam mais de Graciliano do que nomes ilustres do partido comunista. E essa visão, sobretudo em um momento de profunda disputa entre capitalismo e comunismo, não poderiam agradar à direção do partido.

Segundo Dênis de Moraes, a visão corrente da direção partidária sobre a obra em progresso era de preocupação com a forma com que esse evento – intentona – e que os personagens comunistas apareciam na escrita de Graciliano.

A preocupação da direção partidária, em um momento em que o partido lutava para garantir sua existência, frente aos ataques decorrentes da guerra fria, era a de que a leitura de Graciliano sobre suas experiências no cárcere enodassem a imagem daqueles que, a tanto custo, vinha transformando nos grandes herói e mártires da liberdade, os militantes e dirigentes partidários.

Os subterrâneos da liberdade

No ano seguinte à morte de Graciliano, Jorge Amado lança *Os subterrâneos da liberdade,* última das obras analisadas neste capítulo. A trama da trilogia *Os subterrâneos da liberdade* é ambientada nos momentos anteriores ao golpe que instituiu o Estado Novo.

---

647 Ramos, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1992 (v.1), p.36.

Como vimos anteriormente, a adaptação de Jorge Amado às orientações para a arte servia como exemplo ilustrativo daquilo que o partido esperava de seus escritores. Ao cobrar de Graciliano maior comprometimento com aquilo que considerava uma arte revolucionária, a direção partidária apontava Jorge Amado como um escritor que teria conseguido superar o realismo crítico alcançando o realismo socialista.

De todas as obras analisadas ao longo deste trabalho, acreditamos ser nesta mais evidente a vontade de adequar-se a todos os parâmetros apontados pelo partido como indispensáveis para a construção de uma literatura a serviço do proletariado e da revolução.

Em subterrâneos da liberdade Jorge Amado extrapola os limites de que até então vinha se servindo na construção de seus heróis proletários, oferecendo ao leitor uma série de personagens comunistas que em alguns pontos se diferem de seus heróis anteriores.

Vale à pena ressaltar, ainda, que uma das opções soviéticas para a construção de sua nova literatura de inspiração zdanovista, foi a da construção de livros épicos, que mostrassem heróis do passado se batendo pela liberdade e pela revolução. Mesmo que tenha optado pela escrita de um romance ficcional, *Os subterrâneos* foram construídos e divulgados como uma história inspirada em fatos reais, em que personagens fictícios corresponderiam a figuras históricas, e em que eventos retratados na trama corresponderiam à fatos reais.

A partir destas observações iniciais, centraremos a análise desta trilogia em três eixos condutores que pretendem retomar aspectos já discutidos em outras partes desta tese: uma análise sobre as referências ao jornal *A classe operária* que aparecem na trama; as aparições ou referências a Prestes; e as representações sobre a arte, artistas ou intelectuais.

A classe operária nos Subterrâneos:

Iniciaremos esta análise explorando a presença da imprensa comunista como tema recorrente nos três volumes da trilogia. A importância do jornal *A classe operária* é constantemente salientada ao longo da narrativa de *Os subterrâneos da liberdade*. A

primeira referência ao periódico aparece na boca do personagem apresentado como traidor do partido e da revolução, o jornalista Sequila, que destaca que as greves e a agitação operária poderiam servir para a confecção de artigos para *A classe*, mas que na realidade seriam de pouca penetração e não dariam resultados. Assim, segundo Sequila, que defendia uma aliança com os armandistas contra o Estado Novo, *"é uma coisa que tem base, um golpe rápido e decisivo. E não todo esse negócio de luta de massas, greves e ainda por cima agora que greve é crime previsto na Constituição, boa coisa para material, para artigos na* Classe*, mas sem nenhum futuro..."*[648]

Esse trecho, que pretende demonstrar o desprezo do traidor pela linha adotada pela direção nacional do partido, é interessante por nos chamar a atenção para o papel desempenhado pelo periódico no seio do partido. *A classe* aprece como instrumento de divulgação da linha partidária – que neste caso optava pela movimentação e agitação da massa trabalhadora.

A seriedade da tarefa de garantir a produção do jornal, mesmo sob as ameaças do estado Novo, e com as dificuldades decorrentes da produção e distribuição de um jornal clandestino, é abordada em diversos momentos por Jorge Amado. Será em uma das várias casas que serviram de abrigo para a tipografia do partido que morrerão heroicamente, em uma batida policial, os personagens Jofre – jovem e entusiasta militante, tipógrafo e marinheiro – e Onofre – velho fundador do Partido, egresso do movimento anarquista.

Em outras passagens que *A classe operária* aparece em *Os subterrâneos,* Jorge Amado trata do esforço necessário para a impressão do periódico, apontando os necessários constantes deslocamentos da tipografia, o sacrifício do tipógrafo que sumia de circulação, passando a viver em função da publicação, as constantes batidas policiais e todo o trabalho de logística envolvido para a manutenção do jornal.[649]

Outra referência a *A Classe Operária* no livro *Os subterrâneos da liberdade* é o episódio em que há a expulsão do tipógrafo Camaleão, e em que é decidido que esta deveria ser acompanhada por uma nota informativa do periódico: "*Camaleão foi*

---

648 Amado, Jorge. *Os subterrâneos da liberdade*, v.1 "Os ásperos tempos", Rio de Janeiro: Record, 1976. 28ª ed., p.201.

expulso do Partido (...) *Foi decidido igualmente que a expulsão de Camaleão seria noticiada na Classe Operária.''*[650]

Essa passagem pode ser confrontada com as numerosas notícias de expulsões publicadas nas edições consultadas de *A classe operária*, como, por exemplo, a seguinte notícia publicada na página 4 da edição de abril de 1938:

> "Expulsos do partido!
>
> Na data de 15 de novembro de 1937, o Bureau Político do Partido Comunista do Brasil (Seção da IC) resolveu expulsar das nossas fileiras, como elementos nocivos e contra-revolucionários, os ex-militantes Paulo (Leonidas), Luiz (Amaral), e Barreto (Julio)"[651]

Ainda em *Os subterrâneos da liberdade*, no segundo volume, "Agonia da noite", mais uma vez o personagem Camaleão irá freqüentar as páginas de *A classe operária*, desta vez em notícia que chama a atenção dos militantes para o perigo que representa para a segurança do partido. Camaleão é acusado de ser informante da polícia e responsabilizado por algumas prisões: "A Classe operária *publicara uma advertência a todos os militantes, responsabilizando Camaleão pela queda da oficina tipográfica, pelo assassinato de Jofre e de Orestes, e denunciando-o como traidor a serviço da polícia.''*[652]

Estes e outro exemplos demonstram a importância atribuída por Jorge Amado ao periódico, importância esta que já havíamos constatado ao avaliar o texto em que rememora a história do jornal no primeiro número de sua existência legal, durante a redemocratização.

---

650 Amado, Jorge. *Os subterrâneos da liberdade*, v.1 "Os ásperos tempos", Rio de Janeiro: Record, 1976. 28ª ed., p.348.

651 A nota ainda continua informando que o motivo da expulsão seria terem os mesmos aberto "uma luta interna de caráter fracionista-trotskista, visando quebrar a unidade do Partido". Além disso, seriam responsáveis por introduzir no partido um policial infiltrado, de nome Geraldo, "que é, além do mais, um degenerado sexual da pior espécie que nada tem a ver como proletariado e os sentimentos bondosos e altruísticos de nosso povo heróico." In: *A classe operária*, abril de 1938, p.4-5.

652 Amado, Jorge. *Os subterrâneos da liberdade*. v.2 "Agonia da noite". Rio de Janeiro: Record, 1976. 28ª ed. p.219.

Prestes nos *Subterrâneos*:

Quando o militar e militante comunista Apolinário é enviado pela direção do partido para lutar na Guerra Civil Espanhola ao lado das forças republicanas, foge do Brasil pelo sul e chega ao Uruguai, onde deveria pegar um navio em direção à Espanha. Lá, desanimado com as notícias do golpe de Getúlio em 1937, pensa em voltar ao Brasil, quando é surpreendido por uma enorme manifestação:

> "Diziam da confiança do povo uruguaio no povo brasileiro, nos seus líderes antifascistas e, sobretudo, em Luis Carlos Prestes. Quando o nome mágico do prisioneiro era pronunciado, um clamor incomensurável de aplausos se elevava, e a multidão repetia num ritmo afirmativo:

PRES-TES – SI... VAR-GAS – NO"[653]

Para demonstrar o internacionalismo da luta operária, articulada pelo Partido Comunista, o autor alude a uma manifestação anti-getulista e a favor da libertação de Prestes no Uruguai. É interessante notar o esforço de construir Prestes como um nome de destaque no cenário latino-americano e de utilizá-lo somo símbolo da luta e da resistência comunista.

Outro personagem do livro será salvo em momento de hesitação pela lembrança da figura de Prestes: Gonçalo. Responsável por uma revolta indígena em Ilhéus, procurado pela polícia, O militante é designado pelo partido para começar a preparar os habitantes do Vale do Rio Salgado, grande depósito de manganês, para resistir à tomada de suas terras. Gonçalo esconde-se na selva e, durante anos, firma amizade com os caboclos do Vale, sendo por todos respeitado. Quando o banqueiro Costa Vale e seus associados resolvem tomar posse das terras para construir uma empresa associada ao capital norte-americano, e começa a expulsar os moradores, Gonçalo sente-se perdido e não sabe como encaminhar a luta.

É neste momento da trama que Jorge Amado recorre mais uma vez ao nome de Prestes como antídoto contra a desesperança[654]:

---

[653] Amado, Jorge. *Os subterrâneos da liberdade*, v.1 "Os ásperos tempos", Rio de Janeiro: Record, 1976. 28ª ed., p.210.

> "Do meio da mais rigorosa incomunicabilidade, isolado, não só dos camaradas, mas de todo o convívio humano, o chefe revolucionário examinava a situação internacional e a nacional e traçava perspectivas para toda a luta do povo brasileiro. Naquela ocasião, Vitor comentara: uma análise perfeita, uma visão dos acontecimentos como se ele estivesse em meio à luta, à frente do Partido, reunido com os outros camaradas da direção, cercado de livros, de material de informação. Essa carta, meu velho, tem uma significação bem maior do que a análise que ela contém. Ela nos ensina, a todos nós, comunistas, ao Partido inteiro, que um verdadeiro comunista jamais está sozinho, mesmo quando isolado nas mais terríveis condições. Ele conduz o Partido dentro de si.
>
> Por detrás do vulto enérgico de Vitor, Gonçalo enxerga agora, à luz nas sombras e fumaças do fifó, a figura de Prestes por ele jamais vista, mas tão familiar como a de seu próprio pai. E a sensação angustiosa e perturbadora de solidão o abandona, ele se sente de súbito cercado por todo o partido, capaz de analisar os problemas, de encontrar-lhes as soluções, de arcar com todas as responsabilidades por mais pesadas, por mais difíceis"[655].

Prestes aparece nestas passagens do livro quase que como um adivinho ou profeta, que mesmo sem poder participar da luta ativamente, dado seu confinamento nas prisões do Estado Novo, continua ligado ao desenrolar da luta comunista, adivinhando seus caminhos e antevendo seus destinos. Esse artifício de onisciência do grande líder aparece não apenas na ficção, mas também nas diversas reportagens da imprensa comunista. A larga utilização do nome de Prestes pelo partido parece ter se calcado na necessidade de fornecer para o Brasil a figura de um herói capaz de comover a atrair as massas.[656]

Mas a entrada mais impressionante de Prestes nessa trama ficcional fica reservada para o final da narrativa. A última cena da trilogia é justamente o julgamento de Prestes, ao qual acorrem diversos personagens da trama. A passagem inicia-se quando um fazendeiro e um político conservador dirigem-se de taxi para assistir ao julgamento:

> "— Apesar de que, na minha opinião, todo esse enredo que vocês fazem para enterrar o Prestes é tempo perdido. Para que gastar tanta argúcia com esse

---

654 Gonçalo se lembra de uma vez em que o dirigente do partido na Bahia, Vitor, lhe mostrara uma carta em que Prestes, da cadeia, analisava as situações nacional e internacional. Essa lembrança serve como alento a Gonçalo.

655 Amado, Jorge. *Os subterrâneos da liberdade*, v.2 "Agonia da noite", Rio de Janeiro: Record, 1976. 28ª ed., p.116.

656 Não entraremos, aqui, no mérito de se todos esses escritos atribuídos a Prestes eram, realmente, de sua autoria.

bandido? Para o Prestes só há um jeito, seu Artur, é encostar num muro e mandar bala. Se eu fosse o governo, era o que eu faria... — estendeu o charuto em direção ao chofer que mais uma vez voltava a cabeça, curioso. — Alguma coisa, caboclo? Não é isso mesmo?

O chofer fêz uma cara de bobo:

— Não prestei atenção. O motor está falhando... — e logo adiante freou o táxi.

Desceu, ouvindo ainda a resposta de Artur:

— Nem sempre se pode fazer o que se deseja, Venâncio. E nem sempre é o melhor. Em vez de fazer um mártir, não é melhor desmoralizá-lo?

O chofer levantava a cabeça de sobre o motor:

— Desculpe, patrão, a bateria está descarregada.

Saltaram, Venâncio Florival pagou resmungando:

— Nem um táxi a vista, temos de ir a pé...

Saíram andando, o chofer esperou que se afastassem para murmurar:

— Vão a pé, se quiserem, corja de canalhas. Matar Prestes! É isso que vocês querem, mas cadê coragem?"[657]

A reação do chofer, personagem que aparece esta única vez na trama, serve para que o autor demonstre de maneira ficcional a tese que já havia tentado defender na biografia e nos outros textos que confeccionou sobre Prestes. Ao hipotecar sua solidariedade silenciosa, o motorista serviria como exemplo do amor irrestrito que a classe trabalhadora sentiria pelo Cavaleiro da esperança.

Depois dessa demonstração anônima de amor ao herói, o autor encerra sua narrativa com a decisão de sua heroína, a despeito do perigo enfrentado, de assistir ao julgamento:

"A moça sobre quem tinham-se pousado os olhos de Venâncio Florival, na enseada de Botafogo, era Mariana, dirigindo-se ela também para a sede do Tribunal de Segurança. Quando dissera a Marcos da sua intenção de assistir ao julgamento, o arquiteto se opusera. Mas Mariana discutira e ele terminou concordando, sensível às razões por ela apresentadas:

---

[657] Amado, Jorge. *Os Subterrâneos da Liberdade – vol.3 A luz no túnel*. 28 ed. Rio de Janeiro: Record, 1976. 3v

— Ficarei num canto, só quero é ver Prestes. Nunca o vi, é uma oportunidade única.

Saltara do bonde no começo da praia de Botafogo, tinha ainda muito tempo em sua frente, não queria chegar demasiado cedo. Pensava, andando ao lado da balaustrada da praia, em Prestes, no Partido, na luta."[658]

A partir desse momento, Marina passa a rememorar alguns momentos da luta clandestina que ele e seus companheiros vinham desenvolvendo incansavelmente, assim como pensa na importância do julgamento, encarado pelo partido como uma tentativa de desmoralizar Prestes. É nesse momento de seus devaneios que avista pela primeira vez o herói:

"Mariana, elevando-se sobre a ponta dos pés, pôde enxergar Prestes, entre dois enormes soldados da Polícia Especial, a camisa sem gravata aberta no peito, fitando diante de si com seu olhar tranqüilo. Mariana não pôde mais desfitar a face serena de Prestes, seus olhos que uma flama apaixonada ilumina. É bem ele, o dirigente legendário, o capitão intrépido, o primeiro operário do Brasil, aquele em quem milhões de homens depositavam sua confiança e sua esperança. A vontade inflexível, alimentada pelo conhecimento, por um saber sem dúvidas, a certeza do futuro.

Não só os olhos de Mariana estão fixos nele. Todos os assistentes estão presos da firmeza e da serenidade daquele homem, só mesmo os policiais escutam as palavras vis do Procurador. Os homens e mulheres ali presentes, gente do povo, vieram para ver Prestes, para solidarizar-se com ele através daquela silenciosa presença, vieram porque confiam nele. Mariana compreende quanto era justa sua confiança: o povo não se deixava enganar. Um sentimento de orgulho e de alegria se mistura à emoção de ver Prestes"[659].

E é irmanada à multidão que ali se cotovela que Marina reassume a certeza de que nada poderia deter um partido que contava com a força e com a solidez de um herói como Prestes. Quando este inicia fala rememorando o aniversario da revolução russa, o julgamento é encerrado e o prisioneiro começa a ser conduzido pelos guardas. É aí que realmente o livro encontra seu final apoteótico, quando Marina, militante disciplinada e ciente dos riscos que corria, não se contém e grita:

"— Viva Luís Carlos Prestes!

---

658 Amado, Jorge. *Os Subterrâneos da Liberdade – vol.3 A luz no túnel*. 28 ed. Rio de Janeiro: Record, 1976. 3v

659 *Idem, ibdem.*

Foi tão inesperado que, por um momento, nada fizeram. Da porta por onde o arrastavam, Prestes voltou a cabeça, sorriu. Alguém gritava ao lado de Mariana:

— Foi esta! Foi esta! — era Venândo Florival, agitado.

Logo Mariana sentiu que lhe torciam o braço. Os investigadores abriam caminho entre o povo, a socos e empurrões. Tomaram dela com tanta força que a levavam quase levantada no ar. A pequena multidão de assistentes ia atrás dela e dos policiais, como se nada mais interessasse no julgamento, agora quando Prestes já não estava.

Lá fora era a manhã de beleza deslumbrante. Um investigador empurrou Mariana em direção ao carro de transporte de presos, ela tropeçou, ia caindo, alguém a sustentou. Ao levantar-se, ela pôde sentir, nos olhos de todos aqueles que se haviam agrupado na porta e na rua, a mesma cálida solidariedade do homem do povo que a amparava e lhe apertava a mão.

— Obrigada... — sorriu Mariana.

Com passo firme, a cabeça erguida, dirigiu-se para o carro celular."

Arte nos *Subterrâneos*:

Nesta obra a primeira discussão mais aprofundada sobre arte aparece ainda no primeiro volume, "Os ásperos tempos", e é travada entre os dirigentes regionais de São Paulo, Ruivo e João, e aquele que depois será apontado como o maior traidor do partido, o jornalista Abelardo Sequila. Reunidos na casa de um intelectual simpatizante do partido para enquadrar Sequila, que começa a ser identificado pela direção partidária como um divisionista[660], os três personagens começam a reunião discutindo os quadros

---

660 In: Amado, Jorge. *Os subterrâneos da liberdade*, v.1 "Os ásperos tempos", Rio de Janeiro: Record, 1976. 28ª ed., p.198.

Sobre esse aspecto do livro de Amado, a caracterização extremamente negativa do militante Hermínio Sachetta, que aderiu ao trotskismo, em seu *Combate nas trevas,* Jacob Gorender dedica um capítulo para lembrar que Hermínio Sacchetta, nos anos de chumbo da ditadura empresarial-militar, reaproximou-se de Carlos Marighella, por iniciativa deste último, e colaborou em várias ações da ALN. Retomando os *Subterrâneos* de Amado, Gorender situa: "*Saquila* - sobrenome quase homófono de *Sachetta* - aparece no romance como líder da facção trotskista do Comitê Regional. (...) Vários personagens e o próprio narrador não lhe poupam qualificações aviltantes: lacaio da burguesia, bandido, traidor, delator, cretino, canalha. Um dos mais agressivos acusadores do renegado é precisamente Carlos [personagem que representa Mariguella] (...)

Os subterrâneos da liberdade representam a culminância da escola do realismo socialista na literatura brasileira. O autor pagou o preço que todos nós, militantes do PCB, pagamos ao stalinismo. Faltava-lhe a estatura psicológica e artística de Graciliano Ramos. Também militante do PCB e admirador de Stálin, Graciliano não se dobrou aos prejulgamentos e deu ao trotskista Gikovate tratamento amistoso em *Memórias do Cárcere.* Mas Jorge Amado tomou depois conhecimento dos crimes de Stalin, rompeu com o stalinismo e se afastou do PCB. Teria várias maneiras de se habilitar, não a Sachetta, que não

surrealistas e impressionistas expostos nas paredes do apartamento que utilizam para realizar a reunião.

Existe uma divisão clara de dois lados opostos, de um, o proletariado, representado por Ruivo e João, que falam pela direção paulista do partido e, de outro, os intelectuais pequeno-burgueses que pretendem reformular a atuação partidária, representados por Sequila. E, o mais interessante, é que o prelúdio da discussão sobre as diferenças táticas e ideológicas entre esses dois pólos seja uma discussão sobre a arte:

> "o Ruivo falou:
>
> - Sequila, você que é entendido nessas coisas de literatura e arte, explique a João o que significa aquele quadro na parede de frente... ele está embasbacado de admiração mas não compreende nada.
>
> - Esse quadro é um quadro de um surrealista inglês, Cícero trouxe da Europa no ano passado. Possui uma grande qualidade plástica, e um colorido original. Pintor de grande poder técnico...
>
> - Mas o que é que o pintor quis mostrar no quadro? – João repetiu a pergunta de Mariana.
>
> - Ah! Trata-se da reação do artista diante de um domingo de festa religiosa. Todo o tumulto de boas e más emoções que a visão da pequena burguesia lhe provoca...
>
> - Complicado, velho. Aqui o que vejo são as manchas e linhas, mais nada, por mais esforço que eu faça...
>
> - Mas, se são as emoções do artista refletidas no jogo dessas cores e dessas linhas, aparentemente sem harmonia. Você não sente a angústia, a solidão, os instintos primários, o medo telúrico, e o desejo de liberação misturados no quadro?
>
> - Não sinto nada disso, absolutamente nada, e lhe digo mais, não creio que ninguém sinta, nem você, nem Cícero, nem o pintor...
>
> - Bem, é necessário ter um gosto educado...
>
> - Não, velhinho, o que é necessário é ter apodrecido por completo para gostar realmente de uma coisa dessas. Só que não creio que a maioria de vocês goste realmente. É moda, vocês vão na onda para não parecerem atrasados..."[661]

---

precisava ser reabilitado, mas a si próprio, com a admissão pública da injustiça cometida contra um homem de carne e osso. Nunca deu esse passo. (...)

Hermínio Sacheta arriscou a vida na luta contra a ditadura militar.

E Jorge Amado: esteve a altura do personagem?"

In: Gorender, Jacob. *O combate nas trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada.* 3a. ed., São Paulo, Ática, 1987, p. 164.

[661] Amado, Jorge. *Os subterrâneos da liberdade*, v.1 "Os ásperos tempos", Rio de Janeiro: Record, 1976. 28ª ed., pp.196-197.

Nesta primeira parte do diálogo, aparece a contestação da validade de uma arte não figurativa por parte dos dirigentes do Partido. Uma arte que é classificada pelo jornalista Sequila[662] como surrealista é, nas palavras de João, encarada como um reflexo da degeneração do sistema capitalista.

Outra observação interessante sobre o papel da arte que se desdobra do embate contra o personagem Sequila é a percepção que a direção partidária tem sobre o assunto na obra de Jorge Amado, A Direção do PCB aparece como a entidade que conhece sempre as melhores interpretações e ações na luta pela revolução. A direção, representada por Ruivo e João, que fizeram do Partido suas vidas, reflete o caminho justo da luta proletária e sua percepção sobre arte encontra-se intimamente vinculada à sua percepção da sociedade:

> - Compreende, Ruivo: *Putsch* e não luta de massas, direção da burguesia e não do proletariado... Não há diferença entre o que ele pensa em política e o que ele pensa em arte. Ao contrário, há uma perfeita harmonia: trotskismo e surrealismo são formas de luta da burguesia em planos diferentes. Esta coisa de querer colocar a arte acima da crítica da classe operária é um absurdo. Seria como admitir que o marxismo é válido apenas para certas coisas e não para outras. Eu não entendo de pintura, velho, sou um operário e o marxismo que tenho lido não me indigestou... eu o digiro direitinho no trabalho do partido.
>
> O Ruivo balançou a cabeça:
>
> - O importante é fazer os militantes operários estudarem, para não serem envolvidos por esses intelectuais que trazem ideologias estranhas ao Partido.
>
> - Um dia que eu tiver tempo vou ler o que existe sobre esse troço de arte. É necessário se quisermos ajudar a turma honesta mas desorientada, os jovens...”[663]

Neste trecho, fica claro que para Jorge Amado é importante que se promova uma discussão sobre a arte a partir do ponto de vista da direção partidária. Apresentada como conjunto de pessoas despojadas de projetos e ambições pessoais, a direção do PCB é encarnada em personagens como Ruivo, que lentamente morre de doença pulmonar, mas nunca abandona as tarefas da luta clandestina, e como João, que abre mão da via familiar ao lado de Mariana para ir aonde o partido necessita de sua

---

662 Embora, pela descrição elaborada pelo personagem, nos pareça que o quadro distancie-se da representação figurativa utilizada por surrealistas...

663 Amado, Jorge. *Os subterrâneos da liberdade*, v.1 “Os ásperos tempos”, Rio de Janeiro: Record, 1976. 28ª ed., pp.202-203.

presença. Muitos outros personagens como eles aparecem na trilogia como ideais de luta, persistência e determinação.

Amado promove essa primeira discussão sobre a arte em sua trilogia a partir do confronto de dois tipos de personagens - protagonistas e antagonista. De um lado encontram-se Ruivo e João, exemplos máximos de comprometimento com o Partido e com a causa revolucionária, do outro, o intelectual traidor Sequila. O confronto entre idéias legitimamente revolucionárias e marxistas versus idéias pequeno-burguesas e trotskistas é apresentado pelo autor como a disputa entre os verdadeiros representantes da classe operária e da burguesia.

Para Amado, a discussão, na realidade, apresenta-se como forma de mostrar ao leitor que a visão de uma arte engajada no partido é a única coerente dentro de uma perspectiva marxista, assim como para afirmar que qualquer outra alternativa deveria ser encarada como desvio. Voluntário ou não, esse desvio representaria a opção por valores burgueses e não operários.

Para promover esta discussão, Amado recorre às artes plásticas e não à literatura. As próprias opções estilísticas do autor, que nesta obra mais se aproxima do realismo socialista, demonstram que optar por um determinado tipo de arte significava, na realidade, optar por determinada visão da sociedade. Deixando a cargo de seus protagonistas a defesa de uma arte vinculada à realidade, de mais fácil percepção e menos abstrata, e a cargo do antagonista a defesa de uma arte menos figurativa, mais abstrata e subjetivista, faz é uma declaração clara da opção pelo realismo socialista.

Tão clara que, nesse livro, Jorge Amado se distancia bastante de algumas características que marcaram profundamente sua produção literária anterior e posterior: um apelo sensual a tramas que envolvam relacionamentos sexuais intensos e o nordeste, especificamente, a Bahia. Os outros livros de Amado, que, como vimos, procuraram se adequar aos moldes de um romance proletário, não abriram mão de uma constante aparição de cenas de sexo ou de situações que evidenciassem os anseios sexuais dos personagens, e essa marca desaparece em *Os subterrâneos*. O cenário utilizado em seus romances anteriores, a Bahia, sempre aparecera como o espaço privilegiado para que

Amado ambiente suas tramas[664], o que não ocorre nete romance, ambientado em São Paulo.

No segundo volume de *Os subterrâneos da liberdade*, em mais de uma passagem, Jorge Amado aborda a importância de leitura no cotidiano da jovem militante Mariana. No primeiro, a heroína se serve de um volume de Gorki sobre a vida de Lenin e aproveita o tempo em que tem que velar o sono de Ruivo para ler, pensando: *"Sempre tive vontade de ler esse livro... vou aproveitar a ocasião"*[665] . Nessa passagem fica clara a distinção que Jorge Amado quer fazer entre os militantes, que aproveitam cada minuto para aprimorar a sua formação, buscando informar-se e entrar em contato com a literatura soviética, e os jovens fúteis da alta sociedade, que só pensam em festas e orgias....[666]

Mariana aprece ainda outra vez às voltas com um autor russo. Desta vez, em conversa com o médico de Ruivo, cita um poeta: *"Outro dia li um poema sobre ele: o poeta dizia que quando já todos dormem, tarde da noite, uma janela continua iluminada do Kremlin, é a de Stalin. Os destinos de sua pátria e de seu povo não lhe dão repouso. Era mais ou menos isso que dizia o poeta, em palavras mais bonitas, é claro..."*[667].

As leituras são apontadas por Jorge Amado como partes constitutivas da formação militante. A luta é apresentada pelo autor como uma tarefa incessante, levada a frente por militantes como marina, que tudo sacrificam para tornar possível uma transformação social profunda. Uma transformação que permitiria a todos os operários lerem e discutirem literatura. O autor coloca em relevo, a partir da reação de admiração do médico ("*e agora, ali no automóvel, ela lhe citava trechos de poemas, tão natural e simplesmente como se não fosse espantoso que uma operária soubesse de coisas tais*

---

664 À exceção da biografia de Prestes, obviamente.

665 Amado, Jorge. *Os subterrâneos da liberdade*. v.2 "Agonia da noite". Rio de Janeiro: Record, 1976. 28ª ed. p.138.

666 Esse contraste aparece de forma bastante clara na passagem em que o médico reflete sobre seus clientes: *"E ouvindo-a, se deu conta de sua própria responsabilidade naquela hora: não era um cliente qualquer que ele ia atender e medicar, um daqueles muitos, cujos pulmões se gastaram nas orgias, nas noites de bebedeira e farra, na dissipação da vida. Ia tentar ganhar da morte, numa batalha difícil, um daqueles homens-símbolos da classe operária, um daqueles construtores da vida e do futuro, cujos pulmões se haviam rompido num trabalho titânico. Não era um doente qualquer, era uma vida necessária, tinha que salvá-la, custasse o que custasse."* In: Amado, Jorge. *Os subterrâneos da liberdade*. v.2 "Agonia da noite". Rio de Janeiro: Record, 1976. 28ª ed. p.144.

667 Amado, Jorge. *Os subterrâneos da liberdade*. v.2 "Agonia da noite". Rio de Janeiro: Record, 1976. 28ª ed. p.144.

como a literatura"[668]), aquilo que acredita ser a reação normal da pequena burguesia com relação aos operários. E, a partir das discussões entre comunistas e pequeno burgueses, sobretudo de intelectuais simpatizantes do partido, parece querer mostrar que, entre essas duas forças, é a primeira a mais consistente, capaz de guiar a segunda na construção de uma nova ordem social.

O terceiro autor russo que aparece nas mãos de Mariana é Serafimovitch. Internada por causa de uma apendicite aproveita o tempo de internação para ler. Jorge Amado apresenta a militante como alguém tão devotada ao partido que mesmo o prazer da leitura só pode ser desfrutado quando realmente se encontra impossibilitada de desempenhar qualquer atividade partidária. Internada, encontra tempo para terminar a leitura de *Torrente de ferro*[669]: *"Mariana o lia antes de vir para o hospital, apaixonada pelo relato épico, era como se ela visse nascer a alvorada do socialismo na Rússia. Pedira à mãe para trazer o volume logo que o médico lhe permitiu ler"*[670]

É interessante perceber essa dedicação de Mariana aos livros. Mesmo já dedicando todo o seu dia às tarefas do partido, servindo como estafeta, ou elemento de ligação entre direção, base e simpatizantes, fazendo a engrenagem do partido funcionar num período de perseguição e repressão violentas, Mariana aproveita-se dos pequenos momentos de tranqüilidade para ler clássicos soviéticos. Essa busca continuada pela cultura e pela formação intelectual aparece não apenas em Mariana, como também em outros comunistas da trama.

Recorrendo a Canelas Rubim, podemos relacionar esse comportamento da personagem a uma identificada

> "mítica, já manifesta, que parece orientar e alimentar certa (auto)visão do PC e seus militantes. A mística, se não corresponde integralmente ou em todos os

---

668 Amado, Jorge. *Os subterrâneos da liberdade*. v.2 "Agonia da noite". Rio de Janeiro: Record, 1976. 28ª ed. p.145.

669 Vale lembrar que *Torrente de ferro* é um dos "Romances do povo" publicado na coleção da Editorial Vitória, dirigida por Jorge Amado.

670 Amado, Jorge. *Os subterrâneos da liberdade*, v.2 "Agonia da noite", Rio de Janeiro: Record, 1976. 28ª ed., p.298.

> momentos à realidade, pelo menos induz um certo nível de exigência de formação cultural, com pronunciadas marcas político-ideológicas e um certo *ethos*."[671]

Por mais que os intelectuais próximos ao partido, como o arquiteto Marcos de Sousa ou o poeta Cícero, sejam apresentados pelo autor com simpatia, ficam sempre patentes suas fragilidades, quando comparadas à força dos personagens proletários que integram a direção comunista e essa desigualdade torna-se patente até no terreno que deveria ser considerado como pertencentes, por excelência, aos intelectuais: o campo das artes.

A visão dos comunistas sobre a arte aparece como drasticamente antagônica àquela defendida cinicamente pelo poeta Shopel. Shopel é descrito por Jorge Amado como um gordo que conseguiu conquistar a fama como poeta e introduzir-se nas mais altas rodas da sociedade paulista, onde trava conhecimento com o banqueiro Costa Vale. A partir de então, passa a servir de testa de ferro a este em vários de seus negócios, inclusive na empresa Vale do Rio Salgado[672]. O personagem representa tudo aquilo que o autor deplora nos meios artísticos: o modismo, o cinismo, o egoísmo e a superficialidade.

Em uma conversa em que Manuela – a moça que ele e Paulo[673] haviam lançado de brincadeira e que se transformara em estrondoso sucesso como "bailarina primitiva e indígena descoberta na região do Vale do Rio Salgado" – Shopel argumenta:

> "- Ora, e por que... respondeu o poeta. – tu és mesmo inocente, Manuela. Não sabes nem da vida nem desse nosso abençoado meio artístico... aprende isso, senhora da dança, e jamais te esqueças: literatura e arte são sinônimos de prostituição. A inteligência tem em si algo de prostituta. O que é uma atriz de teatro? O que é um escritor? O que são uma cantora, uma bailarina? (...) de uma ou de outra maneira prostituímos sempre a nossa inteligência. (...)O destino dos artistas é prostituir-se de uma ou de outra maneira, disso ninguém escapa..."[674]

---

671 Rubim, Antonio Albino Canelas. "Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil" in: MORAES, João Quartim de (org.). *História do Marxismo no Brasil.* Vol. 3 "Teorias. Interpretações". Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p.380.

672 Provavelmente uma referência à Vale do Rio Doce, fundada durante o governo Vargas.

673 Esse personagem é construído por Jorge Amado como um dos antagonistas da história. Paulo é diplomata, arruaceiro e fútil, pertencente à antiga família paulista e filho de deputado. Paulo desvirginou Manuela e divertiu-se com Shopel transformando-a na nova sensação da dança brasileira.

674 Amado, Jorge. *Os subterrâneos da liberdade*. v.2 "Agonia da noite". Rio de Janeiro: Record, 1976. 28ª ed. p.188.

Essa visão de arte prostituída apresentada pelo poeta Shopel à bailarina Manuela será contraposta à versão apresentada por pela militante comunista, Mariana, à mesma interlocutora, criando um claro divisor de águas entre s percepções dos dois campos antagônicos do romance sobre o que vem a ser a arte .

> "Manuela tinha a vida em sua frente: antes de tudo, tinha a dança. Não, não era assim como esse tal poeta Shopel dizia. A arte era algo de grande, de superior, só mesmo gente da alta sociedade, perdida para tudo, podia querer prostituir a arte. Falou-lhe dos poetas que amava ler, aqueles que escreviam para o povo. Falou-lhe do romance que tinha no quarto. E lhe falou da vida e do amor (...) contou-lhe um pouco da sua história, escondendo a parte política, e um dia lhe falou da Rússia. Foi a propósito de bailados, Mariana lhe perguntou se ela sabia como o *ballet* era apreciado e cultivado na União Soviética. Não, Manuela não o sabia, e Mariana deu-lhe alguns detalhes, o pouco que ela mesma conhecia sobre o assunto.
>
> - Não me diga ... Eu sempre ouvi dizer que a Rússia era um inferno, nunca pude pensar que lá houvesse sequer espetáculos de *ballet.*
>
> Mariana sorriu:
>
> -Há muita gente que tem interesse em caluniar a Rússia. Todos os que querem prostituir a arte e explorar os homens..."[675]

No terceiro volume de *Os subterrâneos da liberdade,* "A luz no túnel", aparece uma conversa travada entre João e Marcos sobre a organização de uma revista cultural voltada para um público intelectual amplo. Neste diálogo, surge um tema bastante interessante: a discussão sobre a relação entre forma e conteúdo:

> "- Você tem lido os suplementos literários dos jornais?
>
> - Quase sempre leio.(...)
>
> - Uma das coisas que me chamaram a atenção, seu Marcos, é como todos os críticos literários fazem atualmente o elogio da forma, colocando-a como o fundamental do romance e da poesia. Ou seja: considerando o conteúdo como secundário. O que é que isso significa? Significa a tentativa de liquidação da literatura social surgida nos últimos anos que, com todos seus defeitos, era útil. E veja que esses artigos são assinados por gente das mais diversas correntes: desde integralistas, até gente dita de esquerda. Os tais de esquerda que agora têm bons empregos no Ministério da Educação ou no DIP. Está aí um problema:

---

675 Amado, Jorge. *Os subterrâneos da liberdade*, v.2 "Agonia da noite", Rio de Janeiro: Record, 1976. 28ª ed., p.303.

> desmascarar essas teorias, impedir que a literatura seja transformada numa coisa amorfa, num ajuntamento de frases vazias..."[676]

Peça central na sustentação do realismo socialista, a defesa de uma arte que preze o conteúdo revolucionário e que se afaste de formas abstratas de representação, aparece nessa discussão, e parece refletir muito mais da época de escrita do romance do que da época por ele retratada.

Jorge Amado recorre, no terceiro volume de *Os subterrâneos da liberdade* a um expediente bastante corriqueiro em vários de seus livros: a utilização de referências de personagens de uma trama em outra. Em "A luz no túnel" é Antonio Balduíno, personagem de *Jubiabá*[677], quem aparece.

O contexto dessa aparição é a suposta morte do militante José Gonçalo, que foi dado como morto enquanto organizava a resistência de colonos, caboclos e moradores da região ocupada pela empresa Vale do Rio Salgado. Balduíno faz, então, um ABC em homenagem a Gonçalo:

> "- Quando correu a notícia de tua morte, o negro Balduíno fez um ABC, até hoje cantam no cais da Bahia. Deixe eu me lembrar como: Escute:
>
> Os *gringos americanos, que vivem aqui como donos, explorando o brasileiro, roubando o nosso dinheiro pra levar pró estrangeiro, esses gringos desgraçados, com a polícia amigados, de noite, na escuridão, mataram o Zé Gonçalo.*
>
> —O único jeito que tenho é nunca mais ir a Bahia...
>
> —Espere, ainda tem:
>
> *Mas pra matar foi preciso mais de cem homens armar! Gonçalo, quando os viu chegar, nos lábios tinha um sorriso: "— Viva o povo brasileiro livre do jugo estrangeiro!", morreu assim a gritar.*
>
> Gonçalo tinha os olhos úmidos, Vítor o abraçava:
>
> - Tu vês? Responsabilidade muita, meu velho. Uma coisa dessas, saída do povo, a gente paga é trabalhando de verdade. Pra expulsar os gringos...

---

676 Amado, Jorge. *Os subterrâneos da liberdade*, v.3 "A luz no túnel", Rio de Janeiro: Record, 1976. 28ª ed., pp.116.

677 Que também já havia aparecido brevemente em *Suor*.

A importância dos ABCs como verdadeiras e legítimas manifestações artísticas brasileiras também é outra questão constante nas obras de Amado. Para o autor, os ABCs devem ser tomados como verdadeiros representantes da arte popular e, por isso, rende tributos aos seus poetas e cantadores em muitos de seus livros. É interessante reparar que alguns dos heróis de Jorge Amado são homenageados com um ABC, como são os casos, apenas para citar um exemplo de um personagem ficcional, do próprio Balduíno, e de um personagem real, de Luis Carlos Prestes.

Podemos arriscar que as constantes conversas entre os dirigentes e os intelectuais do partido que aparecem ao longo dos três volumes de *Os subterrâneos da liberdade* podem ser encaradas como uma tentativa do autor de justificar a posição obreirista e antiintelectual majoritária no partido no início da década de 1930. De certa forma, defende com isso também a linha mais estreita que o partido adota em relação à arte no momento em que está escrevendo. Em resposta indireta às muitas críticas de que o partido seria sectário e de que excluíra os intelectuais das esferas decisórias, Jorge Amado demonstra a fragilidade dos intelectuais, se comparados à força e à sólida formação dos quadros operários.

Esses dois tempos em diálogo – o tempo da trama – em que o partido enfrentava dura perseguição e precisava se desdobrar para funcionar na clandestinidade, e o tempo da escrita, parecem dialogar. Apresentam-se para o leitor como retrato de uma época em que ser comunista era mais arriscado do que quando o texto era escrito (ou o próprio tempo em que os primeiros leitores o leriam, imediatamente após sua publicação).

Jorge tenta demonstrar como funciona o partido, buscando evidenciar a cota de heroísmo exigida de cada um dos militantes cotidianamente. Dulce Pandolfi, em seu livro *Camaradas e companheiros,* já havia ressaltado que a tendência constatada entre os militantes comunistas, de várias épocas, de ordenarem suas existências a partir do sentimento de pertencimento ao partido, tornou-se uma auto-representação recorrente em que "*A abnegação, o sacrifício pessoal, a renúncia ao comodismo, a devoção integral à causa são sentimentos que devem nortear a vida de um comunista*."[678]

É interessante reparar que vários dos temas e das soluções utilizadas por Jorge Amado neste romance, considerado aquele em que o autor mais fiel foi ao realismo

---

[678] Pandolfi, Dulce. *Camaradas e companheiros – memória e história do PCB.*Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995, p.36.

socialista, aparecem, por exemplo, nas páginas das publicações periódicas do partido, revistas ou jornais. É o caso, por exemplo, da construção de Prestes como figura quase sobre humana, dentre outros recursos que mostram que o plano de convencimento da massa pela validade da opção comunista estava bem engendrado em vários setores da política cultural do partido,

Outra observação que pode ser interessante a partir da leitura de *Os subterrâneos da liberdade* é a utilização do período do golpe de Getúlio para ambientar a trama. No momento de maior perseguição aos comunistas, torna-se mais fácil para o escritor construir seu herói proletário.

Por mais que Jorge Amado tenha conseguido viver exclusivamente de sua atividade de escritor, o que não aconteceu com Graciliano, por exemplo, devemos lembrar que durante o longo período de seu exílio foi sustentado pelo partido que lhe forneceu acomodação, alimentação, dentre outros. Um desses períodos é justamente o que passou no castelo dos escritores tchecos em que escreveu a trilogia *Os subterrâneos da liberdade*. Justamente seu livro mais claramente adequado ao realismo socialista. Não podemos adotar o simplismo de entender o livro como simples "encomenda" partidária, mas a relação entre a maior fidelidade aos cânones estéticos e políticos do partido expressa na obra e o momento de vida partidária praticamente profissionalizada que vivia Amado em seu exílio não pode ser desprezada.

Alina Paim e Dalcídio Jurandir:

Em *Os subterrâneos da liberdade* uma temática muito presente mas não priorizada neste estudo é a da greve. A greve aparece ao longo de toda a narrativa, perpassando o três volumes da trama, quer em referências de personagens militantes do partido e de personagens burgueses – com visões obviamente contrastantes sobre o tema – quer em movimentos grevistas deflagrados durante a narrativa. Destes últimos, é interessante destacar a greve dos estivadores de Santos que se recusam a carregar, no navio alemão, o café enviado por Getúlio às tropas franquistas durante o período da Guerra Civil Espanhola.

Desta forma, a temática da greve, já presente em obras de Jorge Amado da década de 1930[679], também cumpre seu papel nos *Subterrâneos da liberdade* (1954). Poderíamos, em termos digressivos, para além de nosso *corpus*, relacionar outras duas obras romanescas em que a greve se coloca como um dos eixos centrais da articulação de seus enredos. As obras destacadas foram ambas produzidas na mesma década, por autores militantes comunistas, atendendo a indicativos da política cultural do PCB na época: *A hora próxima* (1955), de Alina Paim, publicada pela editora Vitória como o volume XI da coleção "Romances do povo", dirigida por Jorge Amado, e *Linha do parque* (1959), dedicado a Cândido Portinari, publicado pela mesma editora, (porém fora da coleção), embora o autor estivesse relacionado como o segundo autor brasileiro que deveria integrar a coleção de mais de vinte títulos, quase todos traduzidos. Nos dois casos, seus autores efetuarão pesquisas de campo, relacionadas a dois significativos acontecimentos da história da organização operária no Brasil, dois movimentos ocorridos em 1950.

No caso do romance de Alina Paim, cujo título é extraído de um diálogo em que o personagem Zé de Barros responde afirmativamente à pergunta sobre se a classe operária vai ser dona do mundo, acrescentando que tal feito dar-se-á "Na hora próxima!", há a representação da greve dos ferroviários, deflagrada em Cruzeiro, no Vale do Paraíba, em São Paulo, atingindo vários outros entroncamentos significativos da Rede Mineira de Viação, a saber, Soledade, Itajubá, Três Corações, Divinópolis, Barra Mansa, greve em que a atuação feminina em piquetes – de mulheres dos trabalhadores da rede - cumprirá um decisivo papel. Neste romance revive-se a cena histórica na qual um piquete feminino pára a locomotiva de número 437 (que, com isto, viria a se tornar um símbolo da greve ferroviária de 1950), desencadeando, em dominó, as paradas de outras estações de entroncamento, sempre com a participação feminina, lutando, homens e mulheres da classe trabalhadora, por bandeiras imediatas, que

---

679 Da segunda à quarta obra, para ficarmos com exemplos da produção inicial, vemos que a representação da ação coletiva, na greve, ganha espaço na lógica dos acontecimentos narrativos. Em *Cacau*, de 1933, José Cordeiro, o Sergipano, ouve pela primeira vez a palavra greve, nas fazendas de cacau em Ilhéus; em *Suor*, de 1934, a solidariedade dos moradores do cortiço da Ladeira do Pelourinho manifesta-se de forma especial por ocasião da greve dos trabalhadores da companhia do bonde e, após seu final, nas movimentações com vistas à libertação dos grevistas que foram presos, sendo um acontecimento chave na progressão narrativa a morte, com um tiro, de um manifestante pró-libertação dos grevistas, no momento em que conclamava os "Proletários de todas as nações...", sem que as palavras de ordem da célebre frase pela união internacionalista pudessem ser concluídas; levando os manifestantes a darem conseqüências concretas à exortação inconclusa; em *Jubiabá*, de 1935, Antonio Balduíno, já no trabalho da estiva, participando da greve, identifica-a como luta solidária dirigida à conquista da liberdade da classe trabalhadora.

conquistam com o movimento (como salários atrasados e pagamento em dia) e por outras bandeiras cuja conquista dependeria de outras campanhas de luta, como a da redução da jornada de trabalho para oito horas.

No caso do extenso romance de Dalcídio Jurandir, em que a ação narrativa recobre décadas da organização do movimento operário na região de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, ocupam lugar de relevo a organização do movimento grevista e o conflito, com mortes, ocorrido em um local de manifestações no dia 1º de maio de 50, conflito que ficou conhecido como o da linha do parque, por ter como cenário a avenida pela qual passava a linha de bondes cujo ponto final era o Parque Rio-Grandense.

Nos dois romances, está presente a dimensão de uma escrita da história do movimento operário e de sua organização, incluindo a apresentação de aspectos da própria história da organização comunista. Se em *A hora próxima* (1955) Alina Paim efetua um recorte temporal das ações mais estreito, nem por isso o presente narrativo deixa de dar destaque a passos antecedentes da organização comunista. Nesse sentido, é central na obra a figura de Hermogênio Silva, um dos nove delegados fundadores, em 1922, do Partido Comunista, seção Brasileira da Internacional Comunista. Sua presença é ao mesmo tempo reminiscência dessa história e marco da trama romanceada recente. Zé de Barros, outro personagem com identidade histórica no movimento de 1950, rememora o papel de Hermogênio, que se destacou na organização dos operários da rede, criando células do Partido nos locais para os quais ia sendo transferido pela administração da ferrovia, com o propósito de barrar sua atuação.

Em *Linha do parque* (1959), são retomadas e entrecruzadas memórias sociais e políticas associadas ao movimento operário em Rio Grande, entre as datas limites de 1895 e 1952. Os marcos cronológicos iniciais da narrativa dizem respeito à chegada, ao porto de Rio Grande, do espanhol Luís Iglezias, que viera para a América do Sul propagar o pensamento anarquista. Os anos finais abrangidos pela ação romanesca, no pós-guerra, têm como clímax o episódio do conflito que tem por cenário a avenida pela qual trafegava o bonde que fazia a "linha do parque". Entre as datas-limite, a ação, que atravessa décadas e gerações, envolve a criação da "Associação União Operária", os movimentos grevistas que mobilizam as fábricas da região e estabelecem conexões com os acontecimentos da revolução do leste europeu, das guerras, mormente a segunda, e a guerra fria, buscando estabelecer relações que podem ser lidas na pauta de uma escrita

narrativa da história operária (e que não poderia ser articulada somente nos marcos de uma historiografia cujos recortes fossem apenas quadros de referências nacionais). Dos contatos iniciais com o ideário anarquista, com a chegada de Iglezias, às suas articulações na "União Operária", às gerações seguintes, desfila em Rio Grande e seus entornos uma longa trajetória de lutas de operários. O final do romance dá destaque ao conflito que envolve confraternização operária, reivindicações, repressão e confronto, e culmina na morte de seis participantes das comemorações do dia do trabalho, em 1950, entre os quais figura a personagem Maria, representação ficcional da trabalhadora Angelina Gonçalves, da tecelagem Rheingantz, morta por um tiro no episódio-base para a ficção.

Sob a escrita da ficção, os romances passam a limpo criticamente páginas da história operária, levando a cabo projetos que demandaram pesquisas *in loco* junto a atores de cada um dos movimentos tematizados: Alina Paim encontrar-se-ia com mulheres participantes dos piquetes do movimento grevista ferroviário de 1950 e Dalcídio Jurandir viajaria, por três vezes, ao Rio Grande, como jornalista de *A imprensa popular* (em 1950 para cobrir repercussões do conflito (e depois, ainda, em 1951 e 1953, pra dar curso a pesquisas relacionadas à escrita do romance).

Os dois romances destacados nessa digressão em contraponto, o de Alina Paim e o de Dalcídio Jurandir, escritos sob orientação da política do Partido para a produção de uma arte militante, teriam tido, segundo Jacob Gorender[680] (ele próprio genro de Hermogênio Silva), seus autores presentes no encontro que teria sido promovido pelo Partido, no Rio de Janeiro, coordenado por Diógenes Arruda, com o fim de "implantar a teoria do realismo socialista entre os intelectuais comunistas". Fato é, que ambos os escritores parecem ter em conta a dimensão político-educativa do romance associada à estética do realismo socialista, enfocando, de forma sistemática, o protagonismo coletivo dos movimentos sociais.

---

680 "É justamente em meados desta década que ocorre um evento significativo [...]: uma reunião de intelectuais do partido no Rio de Janeiro em caráter nacional. Em entrevista à autora, Jacob Gorender declarou ter sido este evento, dirigido por Diógones Arruda, então braço direito de Prestes, realizado provavelmente no ano de 1950 em caráter clandestino num apartamento em Copacabana, com a presença de 25 a 30 intelectuais militantes, dentre eles, James Amado, José Eduardo Fernandes, Osvaldino Marques, Carrera Guerra, Arnaldo Estrela, Moacir Werneck de Castro, Astrojildo Pereira, Alina Paim e Dalcídio Jurandir. O historiador lembra que o objetivo era 'implantar a teoria do realismo socialista entre os os intelectuais comunistas' e, embora não tivesse havido intervenção teórica alguma sobre o assunto, dali saíram 'alguns resultados imediatos [...]'" *In:*Oliveira, Ilka M.. *A literatura na revolução*. Instituto de estudos lingüísticos, Universidade Estadual de Campinas, 1998 (dissertação de mestrado), p.16.

Epílogo, PC depois da morte de Stalin:

Na caracterização do movimento comunista na América Latina depois da morte de Stalin, Michel Löwy destaca que:

> "A morte de Stalin (1953) e o XX congresso do PCUS (1956) inaugurou uma nova época do comunismo latino-americano 'pós-soviético'. A dissolução do Cominform (1956) não significou a abolição dos vínculos políticos e ideológicos entre os partidos comunistas e a liderança soviética. A orientação da URSS favorável à coexistência institucionalizada e sua virada rumo à modernização após o fim da Guerra Fria foram traduzidas pelos partidos comunistas latino-americanos como uma linha política de apoio a governos capitalistas considerados progressistas e/ou democráticos, como o de Jucelino Kubitschek, no Brasil, e o de Frondizi, na Argentina."[681]

Segundo Löwy, a declaração de maio de 1958 do PC brasileiro pode ser tomada como um bom representante desta virada teórica. Vale a pena recorrer ao trecho do documento, citado por Löwy, em que fica evidente a tentativa de apresentar como tarefa urgente o desenvolvimento do capitalismo, postergando-se os embates entre proletariado e burguesia que não exigiriam:

> "Nas presentes condições do país, o desenvolvimento capitalista corresponde aos interesses do proletariado e de todo o povo. [...] o proletariado e a burguesia se aliam em torno do objetivo comum de lutar por um desenvolvimento independente e progressista contra o imperialismo norte-americano"[682].

O cenário em que Jorge Amado deixa o Partido comunista é marcado por uma geral debandada. Depois da leitura dos crimes de Stalin e das frustradas tentativa do PCB em ocultá-los ou negá-los, grande parte dos intelectuais filiados abandona o partido.

---

681 Löwy, Michel (org.). *O marxismo na América Latina (uma antologia de 1909 até os dias atuais).* São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999, p.40.

682 *Idem, ibdem*, p.40.

Gostaríamos de começar o encaminhamento de nossas considerações finais sobre o balanço que promovemos neste capítulo das relações entre a obra de nossos escritores e o partido comunista entre as décadas de 1940 e 1950 a partir de uma citação de João Quartim de Moraes, que chama a atenção para a importância da obra de Jorge Amado para a elaboração de um bom entendimento do comunismo durante certo período da história política do Brasil:

> "Não é entretanto nos escritos políticos dos primeiros dirigentes do comunismo brasileiro, nem, menos ainda, nos documentos programáticos e partidários do PCB de então e sim na obra literária do comunista Jorge Amado que encontramos a expressão mais concreta e completa da concepção bolchevista da política marxista tal como a concebiam os militantes do PCB durante os 'ásperos tempos' e mesmo em tempos menos ásperos. Referimo-nos obviamente à *Vida de Luis Carlos Prestes* e à trilogia *Os subterrâneos da liberdade*"[683].

Para João Quartim de Moraes, é nas páginas de Jorge Amado que fica mais evidente como o marxismo de orientação bolchevique e dogmática foi absorvido pela militância comunista a partir da década de 1930. Essa eleição de um de nossos autores como fiel representante da penetração de uma leitura dogmática e pouco aprofundada do marxismo na militância pecebista parece ir ao encontro da percepção que temos de que a escrita de Amado serviu como um exemplo típico da utilização dos preceitos partidários de forma disciplinada e comprometida.

A análise das obras de nossos artistas depois da adoção, pelo partido, do realismo socialista como orientação geral para sua área cultural permite-nos corroborar essa visão de Quartim de Moraes. O esforço que fizemos, ao longo deste estudo, foi no sentido de demonstrar como as indicações doutrinárias do comunismo, de maneira geral, ou do realismo socialista, de maneira específica, foram manejadas de maneiras distintas por nossos dois autores.

Se para Graciliano estas não foram seguidas em suas obras ficcionais, não deixou de cumprir as tarefas designadas pelo partido no âmbito de sua imprensa, produzindo textos que, se não podem ser tomados como fiéis representantes do realismo

---

683 Moraes, João Quartim de. "A evolução da consciência política dos intelectuais brasileiros" in: MORAES, J.Q.. *História do marxismo no Brasil.* Vol. II (Influxos teóricos). São Paulo: Editora da Unicamp, 1995, p. 70.

socialista, também não podem ser analisados como exemplos mais típicos de sua obra.[684]

Além disso, tanto Graciliano quanto Jorge Amado desempenharam tarefas partidárias que foram para além do seu ofício de escritores no sentido mais estrito, desempenhando funções de representação, quer no plano internacional – caso de Amado – quer no plano nacional – como foi o caso de Graciliano na ABDE.

Jorge Amado, no entanto, e como bem indica João Quartim de Moraes, pode ser tomado como um dos legítimos representantes da concepção bolchevique do comunismo que era hegemônica no Brasil.[685] O baiano desempenhou bem as tarefas que lhe foram impostas pela direção partidária, adaptando-se aos ditames de uma estética que tinha propósitos propagandísticos bem definidos e, mais de uma vez, declarou ser função do escritor posicionar-se politicamente e colocar sua pena a serviço deste projeto político.

O realismo socialista tinha como característica marcante a evidenciação do protagonismo proletário, ou seja, o desenvolvimento de temas que colocassem em relevo, como desencadeadores da narrativa, personagens pertencentes à classe trabalhadora. Mais que isso, buscava a construção de protagonistas que exemplificassem a postura desejada, o comportamento ideal, para os comunistas. Essas tramas seriam entendidas como literatura feita para a formação de consciências, mais do que de "entretenimento' puro e simples. Seria através de tramas que evidenciassem a exploração capitalista de maneira contundente e, ao mesmo tempo, a alternativa comunista como a única viável, que o realismo socialista pretendia alcançar – e formar-seus leitores.

Não queremos com isso negar o valor literário de suas obras, nem deixar de reconhecer que Amado possuía outras fontes estéticas para além do realismo socialista, como a novelística popular, que sempre procurou exaltar em seus elogios aos ABCs, e o próprio movimento literário da geração do romance regionalista dos anos 1930.

---

[684] A comprovação desta afirmação será aprofundada quando tratarmos de sua crônica sobre Luis Carlos Prestes e na análise de seu relato de viagem.

[685] Apenas a título de exemplo, poderíamos citar, ainda, como representantes desta adequação às orientações partidárias, na área das letras, os escritores Alina Paim e Dalcídio Jurandir.

Sobre os livros produzidos pelos autores no período, há que se destacar uma ou duas características interessantes: será nas décadas de 1940 e 1950 que os autores irão experimentar uma maior aproximação com o partido – ou, pelo menos, uma maior explicitação de sua militância, fato que irá influenciar tanto suas produções – na escolha dos temas abordados em suas ficções e/ou outros tipos de escritos, como biografias e relatos de viagens; e nas escolhas estilísticas utilizadas – quanto à circulação das obras - uma vez que como autores do partido conhecerão uma maior circulação mundial de seus escritos através de editoras comunistas, sobretudo no caso de Jorge Amado.

Neste período, Graciliano Ramos apresentou uma produção bastante diversificada: de crônicas às histórias infantis, de contos às memórias, não tendo publicado nenhum romance. Assim também Jorge Amado, que da mesma forma experimentou mais de um gênero narrativo, publicando biografias, guias de cidade e relato de viagem, peça teatral, além de cinco romances.

Alguns indicadores desta produção variada dos anos de 1940 e 1950 devem ser destacados. Além da maior variação quanto ao gênero literário

Outras características gerais destas obras, que acreditamos serem importantes, dizem respeito aos personagens centrais de suas histórias (quer ficcionais, quer biográficas). A época em que esses livros foram escritos poderia nos induzir a imaginar que personagens comunistas estariam presentes em todos os livros, ou até mesmo que seriam os protagonistas, adequando, assim, a escrita dos autores às orientações partidárias, mas isso não se constata em toda a produção examinada.

Jorge Amado é o que mais se aproxima deste modelo: o comunismo é abertamente discutido e se faz presente em várias situações e personagens, na maioria de seus livros. Alguns mais explicitamente: *O cavaleiro da esperança* tem como biografado a liderança comunista Luis Carlos Prestes, em *Subterrâneos da liberdade* descreve o período do Estado Novo a partir da ótica dos comunistas, grandes heróis da trama, e, em *O mundo da paz,* relata suas viagens às Repúblicas socialistas. Outros de forma menos imediata: em *Seara vermelha* a presença de personagens comunistas só é detectada na parte final do livro (mas estas personagens serão responsáveis pela redenção final da família protagonista da narrativa), em *São Jorge dos ilhéus* a trama prioriza personagens da elite econômica. E, em outros ainda, não aprecem personagens

ligados ao partido, muito embora a questão da desigualdade social se faça sempre presente nestes, como são os casos de *ABC de Castro Alves, Terras do sem fim, O amor do soldado,*e *Bahia de Todos os Santos.*

Já em Graciliano essa presença não é tão evidente. Apenas em *Viagem* e *Memórias do cárcere* aparecem referências diretas ao comunismo. Nos outros livros pode-se verificar na escrita do autor contundentes críticas a aspectos da sociedade brasileira, críticas que podem ser lidas como indicativos de problemas de uma sociedade capitalista, mas nunca de forma explícita.

Vale indicar, portanto, que embora as obras dos autores escritas na época estudada tenham apresentado temas e abordagens que denunciem aspectos da sociedade brasileira capitalista, a adoção de uma escrita orientada pelo realismo socialista pode ser claramente percebida em alguns livros de Jorge Amado, mas encontra-se ausente nos livros escritos por Graciliano Ramos. Isso não quer dizer, entretanto, que o autor não tenha sido influenciado em sua escrita por sua militância partidária, uma vez que a denúncia das desigualdades e da exploração do homem pelo homem se faz presente em seus livros. Jorge Amado, nessa época, produziu livros que claramente seguiram uma estética realista socialista, adequando-se, portanto mais claramente à diretriz comunista para a produção artística de seus militantes, embora, durante a década de 1950, a partir de 1958, com a publicação de *Gabriela cravo e canela,* ficasse clara sua ruptura com esse quadro de referências programáticas. Ruptura associada à divulgação dos crimes de Stalin e ao conseqüente descrédito do partido diante de muitos de seus filiados e simpatizantes.

No próximo capítulo retomaremos essa discussão por outro ângulo.

Capítulo 5

Viagens ao mundo da paz: relatos sobre o socialismo na URSS [686]

Assim como escolhemos começar esta tese pela análise das representações de Prestes em *A classe operária*, com destaque especial para os textos de autoria de Graciliano Ramos e Jorge Amado, decidimos por realizar o último capítulo centrando-o sobre um novo estudo comparativo em sentido estrito, empreendido a partir de textos de nossos autores que tratam de uma mesma temática, a saber, o registro das reminiscências de viagem à URSS: a de Amado, representada em *O mundo da paz*[687], realizada na passagem do ano de 1948 para 1949 (com desenvolvimento da redação encerrando-se em 1950) e a de Graciliano, representada em *Viagem*[688], ocorrida em abril de 1952 (com uma redação que se encerra em período próximo à morte do autor). Se, no capítulo inicial importava, sobretudo, uma questão central para a política do partido no Brasil, neste capítulo final estarão em questão representações que, reproduzidas por aqui, dizem respeito às perspectivas do comunismo na URSS, contribuindo para uma possível modelização de resultados exitosos que poderiam ser tomados como paradigmas para a comunidade internacional.

Pretendemos, com a análise de dois relatos de viagens à antiga URSS, elaborados por Jorge Amado (1948-9) e Graciliano Ramos (1952), pinçar algumas representações da URSS e da figura de Stalin como governante elaboradas por esses

---

686 Parte das conclusões a que chegamos neste capítulo foram publicadas no artigo "Viagens ao mundo socialista" *In*: Mattos, Marcelo Badaró (org.). *Livros vermelhos – literatura, trabalhadores e militância no Brasil.* Rio de Janeiro: Bom texto; FAPERJ, 2010.

687 Escrito no Castelo da União dos Escritores Tchecoslovacos, Dobris, de dezembro de 1949 a fevereiro de 1950, o livro teve sua 1ª edição pela Editorial Vitória, Rio de Janeiro, 1951, 410 páginas e chegou à 5ª edição, quando o autor não mais permitiu reedições. Por este livro, em 1951, Jorge Amado foi processado e incurso na lei de segurança, medida que se estendeu aos editores e às livrarias que exibiram o livro. Após o retorno de Jorge Amado ao Brasil, em maio 1952, foi reativado o processo contra a publicação do livro, quando o autor foi defendido pelos advogados João Mangabeira e Alfredo Franjan. O juiz arquivou o processo, alegando ser o livro sectário e não subversivo. / Foi traduzido para o tcheco e o capítulo *Albânia é uma festa* veio a ser lançado em livro separadamente e editado em albanês, eslovaco, francês, polonês e theco. *In: http://www.fundacaojorgeamado.com.br/obras_jorge/mundo_paz2.htm#historico*

688 "1ª Edição: 1954 / Última edição brasileira: 21ª (2007)" *In*: http://www.graciliano.com.br/obras_viagem.html

escritores militantes do PCB para assim tentar compreender algumas instâncias da relação partido-escritor.

As fontes primárias principais de que nos servimos para a confecção deste capítulo são os livros *Viagem*[689] de Graciliano Ramos e *O Mundo da Paz*[690] de Jorge Amado, elaborados entre o final da década de 40 e o início da década de 50 do século XX, ambos escritos em período de militância comunista declarada dos autores e frutos das viagens feitas por eles como representantes classistas da categoria de escritores brasileiros.

Vimos que Jorge Amado realiza sua primeira viagem[691] na virada do ano de 1948 para o ano de 1949 e escreve entre os anos de 1949 e 1950. Depois de publicado pela Editorial Vitória, o livro *O mundo da Paz* foi proibido e recolhido. Essa censura será duramente criticada nas páginas de *Imprensa popular*, que, na edição de primeiro de julho de 1951, publica o artigo *"Ofensiva contra a razão"* em que denuncia que *"ficou demonstrado que a mesma repressão exercida contra a classe operária e sobre a sua vanguarda, contra os partidários da paz e os combatentes da libertação nacional, volta-se também contra a intelectualidade progressista"*[692]

O que é interessante de ser notado é que neste momento o autor é apontado como um intelectual progressista e não como um escritor comunista. Essa opção parece corroborar a idéia de que a democracia estava em risco e que as forças da reação estariam se articulando para derrubar todas as forças favoráveis a esta. O jornal parece jogar com a idéia de que, em um primeiro momento, os comunistas haviam sido perseguidos e cassados, mas que, num momento posterior, todos aqueles que se identificavam com a paz estariam ameaçados. Jorge Amado torna-se, então, mais um intelectual perseguido.

O desenrolar desta história foi a abertura de processos contra Jorge Amado e Editorial Vitória. Segundo o jornal *Imprensa Popular*, os crimes de autor e editora

---

689 RAMOS, Graciliano. *Viagem (Checoslováquia – U.R.S.S.)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

690 AMADO, Jorge. *O Mundo da Paz*. 4 ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1953.

691 Posteriormente, por ocasião da viagem de Graciliano Ramos, Jorge Amado encontrara-se novamente em terras soviéticas. Quando Graciliano chega em Praga, retornando do Moscou, encontra brevemente o baiano: "(...) No Hotel Alcron, onde estavam alojados vários brasileiros: Jorge Amado, (...)" In: Viagem, p.15.

692 *Imprensa popular*, 01-07-1951, coluna literatura e arte, p. 3. In Araujo, Monica. *A arte do partido para o povo.* Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. Dissertação de mestrado, p. 216.

teriam sido *"respectivamente, de escrever e divulgar um livro em defesa da paz mundial, da cultura e do entendimento entre os povos"*[693].

Já Graciliano Ramos visita a URSS em abril de 1952, e as notas tomadas durante sua viagem começam a ser transformadas em livro em maio do mesmo ano. No entanto, o autor morre antes de sua conclusão, sendo a publicação póstuma, de setembro de 1954.

O contexto em que realizam suas viagens é o do antagonismo declarado entre as forças capitalistas, representadas pelos EUA, e também reconhecidas como "O Ocidente"; e as forças comunistas, representadas pela URSS, e também reconhecidas como "O Oriente". As narrativas que pretendemos analisar e constituir como eixo central deste capítulo tem que ser entendidas dentro do contexto da "guerra fria", em que cada um dos dois lados oponentes lança mão de todas as armas ideológicas possíveis para tentar construir sua vitória.

Vimos também que entre as táticas utilizadas pelos comunistas está a caracterização de um discurso em defesa da paz e a propaganda de que à União Soviética uma guerra não seria interessante. No entanto, essa declaração pacifista vem articulada a uma outra, em que se afirma que, em caso de ataque à URSS, esta estaria pronta para se defender – sendo constantemente rememorada a vitória em Leningrado contra os nazistas.

A divulgação desse discurso será efetuada pelos mais diversos meios: eventos, jornais, revistas e livros. Os livros que analisaremos neste capitulo, resultaram de viagens à URSS patrocinadas pelo Partido Comunista e fazem parte desse esforço de propaganda. Antes de passarmos à análise direta dessas fontes, acreditamos ser relevante apresentar como esse mesmo tema aparece em outro tipo de veículo de comunicação.

Como vimos no primeiro capítulo, e agora pretendemos retomar, dois assuntos parecem ter mobilizado intensamente a imprensa do PCB: Prestes e o elogio e defesa da URSS. Especialmente a partir do retorno à ilegalidade, em 1947, o partido parece ter lutado para encontrar outras formas de manter-se em contato com as massas e criar

---

693 *Imprensa popular*, 01-07-1951, coluna literatura e arte, p. 3. In Araujo, Monica. *A arte do partido para o povo.* Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. Dissertação de mestrado, pp. 215-216.

temas capazes de mobilizá-la. No primeiro capítulo, vimos como a figura de Prestes tornou-se um dos símbolos desse esforço, mas, a partir, sobretudo, do acirramento da guerra fria, parece ter passado a dividir seu espaço nas folhas de *A classe operária* com uma intensa "campanha pela paz" .

A classe operaria

Observamos, no capítulo anterior, a importância que a luta pela paz vai adquirindo nas páginas da imprensa comunista. Vimos também, no primeiro capitulo deste trabalho, que, na medida em que avança a guerra fria, a mobilização da base comunista pelos periódicos do partido passa a ser articulada a partir da luta pela paz, que toma de assalto as páginas de seu principal periódico, *A classe operária.*

Nas páginas 4 e 5 do número 146 desse jornal, publicado a 16 de outubro de 1948, é publicado um texto de Jorge Amado sobre o Congresso de Wroclaw, do qual era vice-presidente. O texto tem como objetivo expor, para os leitores brasileiros, o que foi o congresso, quais eram seus objetivos e quais os resultados alcançados. O fato de Jorge Amado, no exílio desde a cassação dos mandatos comunistas, ter sido designado vice-presidente do Congresso é utilizado no título da matéria no sentido de auferir prestígio à participação brasileira. O autor baiano apresenta da seguinte maneira o Congresso aos leitores de *A classe operária:*

> "450 delegados representando 46 nações reuniram-se de 26 a 28 de agosto na cidade polonesa de Wroclaw, entre as ruínas causadas pela última guerra. Eram intelectuais – escritores, pintores, músicos, sábios, editores, atores de teatro e cinema, cineastas, etc. – que ali chegaram para debater os problemas da paz, de como assegurá-la, de como fazer para que ela fosse uma realidade nessa época em que a chantagem de guerra enche as colunas dos jornais."[694]

A descrição do Congresso dos Intelectuais para a Paz vai num crescendo que leva Jorge Amado a afirmar que "*o que existe de mais ilustre no mundo da ciência, das*

---

694 *A classe operária,* 16-10-1948 (ano III – n°146), p.2.

letras e das artes estava em Wroclaw"[695]; e ainda que este teria sido "*sem dúvida, um dos mais importantes eventos de 1948 e, com certeza, o mais importante acontecimento intelectual do após-guerra.*"[696]

O texto de Jorge Amado procura ressaltar que o Congresso não foi um evento comunista, tendo congregado "*homens das mais diversas tendências ideológicas e políticas*"[697] rebatendo assim as críticas que circularam depois de sua realização na grande imprensa. Para deixar claro o caráter não partidário do evento, e mostrar que em Wroclaw reuniram-se os mais diversos intelectuais, irmanados no objetivo único de promover um "*debate profundo e cordial,* [e] *encontrar a justa posição dos homens responsáveis pela cultura perante o problema da paz*", apresenta a seguinte lista de artistas, intelectuais e religiosos que não poderiam ser vinculados diretamente ao comunismo:

> "Um dos Presidentes do Congresso, Julian Huxley, presidente da Unesco, e dele ninguém pode afirmar que seja comunista. Comunista tão pouco é Anderson-Neo, o grande escritor dinamarquês, outro dos presidentes do conclave. Nem o padre católico, Abade Jean Bouller, que fez um dos mais importantes discursos de Wroclaw. Aliás, além desse ilustre padre católico, lá estavam entre os delegados o Deão de Canterbury, venerável figura da Igreja Anglicana, e um padre ortodoxo, membro da delegação búlgara, sem falar dos vários intelectuais católicos como o francês Andre David, ou o polonês Iwaszklewick, presidente da Associação de Escritores poloneses."[698]

A necessidade da insistência nestes nomes está relacionada à validação deste Congresso como um evento plural de todos os "*defensores da paz e da democracia*", e não apenas como um evento comunista. E interessante notar que, num universo de 450 delegados, só tenham sido citados esses intelectuais como os não vinculados ao campo do comunismo.

Jorge Amado, com seu texto, tenta mostrar que o evento representou um esforço unitário de todas as forças progressistas da intelectualidade internacional. Desta forma, tenta descaracterizar as críticas elaboradas pelo escritor A. Huxley, e amplamente divulgadas na imprensa internacional, de que o evento teria sido uma manifestação

---

695 *A classe operária,* 16-10-1948 (ano III – n°146), p.2.
696 *A classe operária,* 16-10-1948 (ano III – n°146), p.2.
697 *A classe operária,* 16-10-1948 (ano III – n°146), p.2.
698 *A classe operária,* 16-10-1948 (ano III – n°146), p.2.

política pró-comunista. Responde diretamente a essa crítica afirmando que, evidentemente, o congresso teve um caráter político, uma vez que a intelectualidade conseqüente não poderia ignorar o clima de "alarme" que teria tomado conta da humanidade:

> "os homens de cultura não se podem reunir hoje apenas para trocar sonetos ou belas frases em primoroso estilo. Estamos cercados de ameaças, vemos a cultura nacional de vários países sendo liquidada, sentimos que existem forças inimigas da paz – e logicamente da cultura – que envolvem o mundo num clima de alarme altamente perigoso à criação das obras de arte e de ciência, compreendemos que a paz é absolutamente necessária ao trabalho de criação e desenvolvimento da cultura."[699]

O cerne das criticas divulgadas por Huxley após o congresso estava na insistência dos delegados em nomear forças antagônicas que travariam um embate sobre guerra ou paz. Na insistência de apresentar um mundo polarizado entre, de um lado, as forças "democráticas e anti-imperialistas" encabeçadas pela URSS, e, de outro, as forças "anti-democráticas e imperialistas" encabeçadas pelos EUA.

A resposta de Amado, repisando argumentos que delegados comunistas repetiam exaustivamente nos balanços de suas participações no congresso em seus países, estrutura-se a partir da afirmação de que situações extremas demandam a clareza e a objetividade para reconhecer seus inimigos:

> "não era possível – como parece ter desejado Mister Huxley – ficar em discursos de elogio à paz, de frases cuidadas sobre as alegrias da paz, nem pacifismo de gabinete, fora da realidade do mundo. Sendo, ao contrário – e isso o Congresso soube fazê-lo muito bem – era necessário ligar o problema da cultura a todos os grandes problemas da vida internacional. E caracterizar, antes de tudo, quais as forças que ameaçam a humanidade com uma guerra."[700]

Desde 1947 que matérias, artigos e reportagens sobre "A paz" figuram entre os temas mais incidentes nas paginas do jornal oficial do Partido, mas para ilustrar como esses passam a ocupar cada vez mais espaço, tomemos a edição de 12 de março de

---

699 *A classe operária,* 16-10-1948 (ano III – n°146), p.2.

700 *A classe operária,* 16-10-1948 (ano III – n°146), p.2.

1949. Nela, toda a primeira página versa sobre uma possível tentativa de guerra encabeçada pelos Estados Unidos. Em letras garrafais, aparece a manchete principal *"UNAMO-NOS CONTRA OS PROVOCADORES DA GUERRA"*, seguida pelo sub-título "*Lutemos pela liberdade e independência de nossa pátria!*", logo embaixo, aparecem as outras matérias, utilizando a mesma temática. Como, por exemplo, o relato de uma manifestação promovida na ABI em defesa da paz, "*Ampliemos a luta pela paz*"[701] ou, o quadro que didaticamente indica as diferenças entre a União Soviética e os Estados Unidos, emblematicamente intitulado "*Dois Mundos*" o qual reproduzimos alguns trechos a seguir:

> "URSS:
>
> 1) Em dezembro de 1948, os países membros da ONU fizeram uma comunicação sobre a utilização da mão de obra em seus respectivos territórios, a URSS anunciou a inexistência de desempregados entre os povos soviéticos e a sua estabilidade econômica.
>
> 2) Na URSS, todos os cidadãos, qualquer que seja a sua origem nacional ou racial, tem os mesmos direitos nos domínios da vida econômica, social, cultural, política e administrativa. A lei pune como um crime a discriminação direta ou indireta os cidadãos.(...)
>
> 5) A pena de morte está abolida na URSS em tempo de paz. Na III assembléia da ONU a URSS propôs a abolição da pena de morte em tempo de paz em todos os países.
>
> EUA:
>
> 1) O governo dos EUA anunciou à ONU a existência de 2 milhões de desempregados . em janeiro e fevereiro essa cifra subiu para 3.250.000. existem também mais de 8 milhões de trabalhadores que só conseguem trabalhar durante 2 ou 3 dias por semana.
>
> 2) O Bureau Censitário do governo norte-americano acabou de revelar que os salários médios das famílias "de cor" estão 50 por cento abaixo dos salários das famílias brancas. O jornalista John Gunther informa que num gueto negro em Chicago há um aparelho sanitário para 30 famílias. (...)

---

701 "Em vibrante ato publico quarta-feira, na ABI, foi iniciado um grande movimento em defesa da paz – convocado um Congresso Nacional para o dia 9 de abril – Adesão ao Congresso Internacional em Paris."in: *A classe operária,* 12-03-1949 (ano IV – n°165). p.1.

> 5) Os Estados Unidos rejeitaram a proposta soviética na ONU para abolição da pena de morte em tempo de paz e mantiveram o monstruoso martírio da cadeira elétrica."[702]

Por essa reportagem, que pretende trazer números que comprovem a superioridade da União Soviética em relação aos Estados Unidos, fica clara a intenção de mostrar a oposição entre dois mundos realmente distintos e irreconciliáveis: o capitalista e o comunista. Entre esses dois mundos um é representado como a terra da igualdade e felicidade – A URSS – e o outro como a terra da desigualdade e infelicidade – Os EUA.

A tentativa de ressaltar esses contrastes parece ser uma forma de convencimento: em caso de uma guerra, qual dos dois lados o leitor preferiria que ganhasse? Ou, melhor ainda, em qual dos dois mundos o leitor gostaria de viver? Temos que ter em mente que esse mesmo discurso é construído em diversos níveis e para diversos públicos: aparecerá nas páginas dos jornais de circulação interna do partido, em jornais voltados para um público mais amplo, em revistas publicadas pelo partido e nas obras literárias de seus intelectuais.

Essa estratégia de apresentação de dados estatísticos para a elaboração de uma visão positivada da URSS, em contraste a uma visão negativa das sociedades capitalistas, aparecerá, como veremos adiante, reproduzida nas obras de Graciliano Ramos e Jorge Amado sobre a URSS.

Seguindo as páginas dessa edição, encontramos, em seguida, a matéria *"os povos dizem não aos traficantes de guerra"*, que ocupa toda a segunda pagina do periódico e que começa com as seguintes palavras: *"As duas últimas semanas assinalam o inicio, em escala mundial, de uma luta decisiva dos povos em defesa da paz e contra a guerra de agressão com que o campo imperialista ameaça a independência e a soberania de cada povo"* e que encaminha suas conclusões afirmando que *"não há meio termo possível"*.[703]

---

702 *A classe operária,* 12-03-1949 (ano IV – n°165). p.1.

703 "As últimas palavras deste artigo são as seguintes: lutemos, pois, em defesa da paz e contra os provocadores de guerra americanos e seus propagandistas. Os povos, as grandes massas, os trabalhadores, tem uma grave responsabilidade sobre seus ombros: assegurar a vitoria das forças do progresso e da

Algumas observações sobre esse artigo devem ser feitas. A primeira diz respeito à guinada que representa no próprio discurso da paz. Se antes "a defesa da paz" já aparecia de maneira reiterada na imprensa comunista, a partir de março de 1949 há um endurecimento do discurso comunista sobre uma real possibilidade de guerra.

Desde 1948 podemos encontrar alertas feitos por diversos dirigentes, intelectuais e jornalistas do partido sobre as bases americanas espalhadas pelo globo, sobre o perigo do "imperialismo ianque", mas nunca essas acusações foram tão fortes como a partir do ano de 1949.

O discurso que aparece a partir de março de 1949 em *A classe operária* pode muito bem ser sintetizado na frase já citada acima: não existe meio termo. Foi declarada a necessidade de escolha de um dos campos adversários, sendo qualquer neutralidade encarada como a escolha pelo inimigo.

Outra característica interessante é que os artigos sobre "a paz", de uma forma geral, e este, em especial, não parecem mais temer a acusação de serem anti-patrióticos. Mencionam claramente que dentro dos diversos países que se voltam contra a URSS existem pessoas dispostas a defendê-las, pessoas vinculadas à classe trabalhadora e organizadas nos partidos comunistas. Assim proferem o aviso de que, uma vez declarada a guerra, os países inimigos da União Soviética devem estar preparados para lidar com a ameaça do inimigo interno, pronto e preparado para defender a pátria do socialismo a qualquer custo.

Apenas a título de ilustração, vale à pena elencar os títulos das outras matérias relacionadas à "defesa da paz" que aparecem na edição de 12 de março de 1949 de *A classe operária*: "O Brasil e o congresso mundial pela paz e a democracia"(p. 2), "como lutar pela paz" (p.3), "Empenhar todas as forças em defesa da paz" (p.3), "Não queremos a guerra, queremos liberdade e paz" (p.5), "O pacto do Atlântico Norte ameaça a paz", "A grande ofensiva dos povos pela paz e contra a guerra" (pp.6-7), "O povo do EE. UU. Contra a guerra de Wall Street" (p.6), "Palavras em defesa da paz" (p. 6), "Nossa vida na luta pela paz" (p.7), e, a coluna de Prestes "A luta contra a guerra e o imperialismo exige uma vanguarda combativa e esclarecida" (p.11), que normalmente figura na décima segunda, e última, pagina do semanário, mas que nesta edição cedeu

---

democracia, derrotar e esmagar os inimigos da democracia e do progresso" in: *A classe operária,* 12-03-1949 (ano IV – n°165). p.2.

seu lugar cativo à reprodução de um texto antigo de Prestes, reeditado naquele número do jornal.

O texto em questão é "Em caso de uma guerra imperialista, faríamos como o povo da resistência francesa", que vem acompanhado da seguinte explicação em negrito: "*Palavras de Prestes, há 3 anos, denunciando a preparação guerreira do imperialismo ianque*". Prestes continua, portanto, a ocupar o papel de destaque, como guia e orientador das posições comunistas, dotado de certa capacidade antecipatória.

Na primeira página da edição de 14 de maio de 1949, aparece em destaque a reprodução do texto do Manifesto do Congresso pela Paz, realizado em Paris:

> "Estamos preparados e resolvidos a ganhar a batalha pela paz, isto é, a batalha da vida"
>
> "reproduzimos, a seguir o texto integral do Manifesto lançado em Paris pelo Congresso Mundial dos Partidários da paz:
>
> NÓS, delegados do povo, vindos de 72 países do mundo;
>
> Nós, mulheres e homens de todas as civilizações, de todas as crenças, de todas as filosofias, de todas as cores;
>
> Adquirimos plena consciência do terrível perigo que ameaça outra vez o mundo: O PERIGO DA GUERRA;"[704]
>
> (...)
>
> Assim, tanto as declarações inequívocas dos dirigentes soviéticos demonstram o desejo firme de cooperar por parte da URSS e reforçam a causa mundial da paz. Qualquer insucesso nas conversações do Conselho de Ministros do Exterior na próxima reunião de Paris será resultado da política de imposição, a única que tem sido posta em pratica até agora pelos promotores da nova guerra mundial nas suas relações com os outros países.
>
> Quanto aos povos, eles confiam cada vez mais na firmeza do país do socialismo vitoriosos e na sua própria força como os baluartes invencíveis da causa da paz."[705]

A partir do inicio da guerra fria fica cada vez mais difícil encontrar um exemplar do jornal oficial do PCB, *A classe Operária*, em que não predominem as matérias e reportagens sobre "a defesa da paz". Em 1949, esse movimento contínuo de reforço da

---

704 *A classe operária* – 14-05-1949 (ano IV – N°174), p.1.

705 *A classe operária* – 14-05-1949 (ano IV – N°174), p.2.

idéia de que se houvesse a eclosão de uma nova guerra isto deveria ser atribuído à postura intransigente e belicosa dos Estados Unidos, uma vez que a URSS já havia dados mostras incontestáveis[706] de apenas desejar a manutenção da paz, já estava consolidado. Alem disso realizava-se o esforço para demonstrar que a luta pela paz era uma iniciativa "dos povos" e não exclusividade dos comunistas.

Sobre a entrevista que fez ao poeta chileno Pablo Neruda por ocasião do Congresso Mundial dos Partidários da Paz, Jorge Amado escreveu:

> "Os muros de Paris exibem, multiplicados pelas oficinas gráficas, o cartaz que Picasso desenhou para o Congresso da Paz: a branca pomba que indica aos homens o caminho da felicidade. Mesmo agora, quando o Congresso já terminou e as delegações vindas de todas as partes do mundo toam o caminho de regresso para levar aos seus povos as decisões votadas por unanimidade na Sala Pleyel, os cartazes continuam nos muros de Paris, uma saudação e um convite cordial a todos os homens de boa vontade: os afixadores de cartazes respeitam essa pomba magnífica que Picasso desenhou especialmente para a caminhada da paz. Todos a respeitam: não encontramos um único cartaz roto, riscado ou coberto por outra propaganda apesar de já se haver terminado o Congresso (...)"[707]

Matérias como essa demonstram o papel de Jorge Amado como uma espécie de "embaixador cultural" do PCB no exterior. Sua importância era, nesse sentido, dupla, pois também lhe cabia apresentar ao público brasileiro o melhor da produção cultural dos comunistas espalhados pelo mundo.

Como vimos anteriormente, durante alguns anos, Jorge Amado trabalhou como editor da coleção "Romances do Povo" da Editorial Vitória. Vimos também que sempre fez parte da estratégia do PC a instalação de editoras nacionais que se responsabilizassem pela divulgação de textos comunistas, teóricos, de análise conjuntural, panfletários ou literários, e que no Brasil, no contexto da guerra fria, essa tarefa ficou a cargo da Editorial Vitória, que lançaria uma coleção que objetivava tornar públicos textos de ficção de autores comunistas. Jorge Amado fará no Brasil a seleção

---

[706] Como exemplo dessa vontade "inegável" pela preservação da paz, o jornal utiliza-se da transcrição de textos e entrevistas em que Stalin afirma a opção do povo soviético pela manutenção da paz. Conferir, por exemplo, matéria "Contribuições da URSS à causa da paz", publicada em *A classe operária* , na edição de 14-05-1949 (ano IV – N°174), na pagina p.2.

[707] *A classe operária* – 14-05-1949 (ano IV – N°174), p.7.

de textos a serem publicados pela coleção, mas a decisão final sobre a publicação ficaria a cargo da direção partidária.

É interessante pensar em como essa política de publicações fez parte de um esforço soviético de se contrapor as formas de propaganda americana e que por isso assumiu proporções mundiais. Neste caso, como escritor, Jorge foi escolhido por editores de outras editoras congêneres como representante de uma literatura comunista a ser difundida. Talvez desse esforço tenha derivado a situação que levou o escritor baiano a ser, durante muito tempo, o mais traduzido de nossos escritores[708].

Essa visão pode ser corroborada pela própria imprensa do partido que alardeia a fama internacional do autor. Como sinaliza Mônica Araujo, é publicada a seguinte informação na edição de 29 de julho de 1951, do jornal *Imprensa Popular, "na coluna 'Homens e fatos' que os livros de Jorge Amado estariam traduzidos em vinte e cinco línguas, com suas tiragens atingindo alguns milhões de exemplares*". Essa insistência na construção de Amado como um escritor mundialmente conhecido parece ser utilizada como forma de valorização da luta pela paz, de uma maneira específica, e do comunismo, de uma maneira geral.

Vale, por isso mesmo, tentar perceber como, por vezes, para um público geral, Amado é apontado como um escritor progressista e como, outras vezes, aparece claramente identificado com o comunismo. Essas parecem ser estratégias distintas mas complementares que são sacadas e utilizadas pelo partido de acordo com o veículo de comunicação e com a conjuntura específica.

Em 1954, Amado concede uma entrevista para a *Imprensa popular*, em que fala sobre seu papel como editor da coleção "Romances do povo". Na entrevista, afirma que o projeto contribuiria para a formação de leitores na classe trabalhadora, que se encontrava distante da literatura principalmente em função dos preços exorbitantes das publicações tradicionais[709]. Afirma que, com a coleção, cada vez mais pessoas estariam se aproximando da literatura de boa qualidade e, a partir daí, elenca as publicações da coleção.

---

[708] Pelo menos até o aparecimento de Paulo Coelho como novo sucesso editorial brasileiro.

[709] Como foi observado no capítulo anterior, o autor se serviu do mesmo argumento em um artigo escrito para defender a importância de uma coleção de livros a preços populares.

No dia 02 de junho de 1951 o jornal *Imprensa popular* publica um artigo que descreve a presença de Jorge Amado na União Soviética. Segundo a publicação brasileira, a presença do autor na URSS teria tido destaque na imprensa soviética, tendo merecido, inclusive, um artigo na revista *Gazeta literária* de Moscou.

O mesmo periódico reproduz, ainda, no dia 29 de julho do mesmo ano, o artigo "Jorge Amado, combatente da paz", publicado originalmente por O. Konstantinov na imprensa soviética. Segundo o autor,

> "Jorge Amado está ligado ao povo, tem fé em seu futuro (...) Jorge Amado ajuda o homem a sentir-se homem. Milhares de brasileiros devem a esse escritor o haverem encontrado o caminho para o campo dos partidários da paz. Assim como o trabalho honrado enobrece o homem, as obras do escritor progressista enobrecem o leitor."[710]

O próprio autor parece colaborar com a intenção de reforçar sua penetração no mercado editorial internacional. Na entrevista concedida à *Imprensa popular*, em 23 de maio de 1954, quando perguntado pelas traduções de sua obra no exterior, fornece o seguinte quadro de sua popularidade:

> " – [sobre *Os subterrâneos da liberdade*] Aliás, a tradução polonesa desse livro já apareceu há poucos dias e a tradução tcheca deve estar saindo ao mesmo tempo que a edição brasileira. Ele já está sendo traduzido em onze línguas, entre as quais o francês, o alemão, o russo...
>
> – Continuam a aparecer traduções dos seus livros?
>
> – Sim, e muitas. Ainda agora venho de receber as edições chinesa e árabe da *Vida de L. C. Prestes;* a edição de língua hebréia, feita em Israel, de *Seara vermelha* e sua edição sueca publicada em Estocolmo; uma nova edição alemã de *São Jorge dos Ilhéus* feita na Áustria e Polevói anuncia-me, numa carta, uma edição russa desse mesmo livro...
>
> – Em quantas línguas estão seus livros traduzidos?

---

710 *Imprensa popular*, 01-07-1951, coluna literatura e arte, p. 3. In Araujo, Monica. *A arte do partido para o povo.* Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. Dissertação de mestrado, p. 217.

– Em 26, que eu saiba... No próximo mês aparecerá nos EUA a tradução inglesa de *Seara Vermelha*. E Jorge Amado despediu-se."[711]

Em contraposição a essa visibilidade do autor baiano internacionalmente, Graciliano continuava circunscrito a território nacional. Mesmo no Brasil, o autor não conheceu, em vida, tão expressivo reconhecimento de público e crítica como o foram os recebidos por Jorge Amado. Cabe o questionamento se não teriam influenciado este quadro a não adequação de Graciliano aos parâmetros impostos pelo partido para a produção literária[712].

As viagens

Passando, agora, à analise dos livros que serão nossas principais fontes de trabalho neste capítulo, pretendemos investigar os ecos deste tipo de discurso sobre a paz nos dois escritos. Dessa forma, pretendemos integrar as obras dentro de um contexto maior de disputa entre dois campos antagônicos: o capitalista e o comunista.

Os livros, formalmente, apresentam tanto características comuns quanto distintas. Jorge Amado, em *O mundo da paz,* utiliza uma estrutura temática na construção de seu livro, embora essa divisão obedeça à ordem cronológica sua viagem.

A obra está dividida em duas partes, sendo a primeira, "Visão da URSS", dividida em 4 capítulos: "A estrela vermelha sobre Berlim" (com três sub-capítulos), "Onde cresce um homem novo e melhor" (com nove sub-capítulos), "Onde a cultura está colocada a serviço do povo" (com nove) e "Os cães ladram e a caravana passa" (também com nove).

A segunda parte, "As democracias populares em marcha para o socialismo", é dividida em 5 capítulos: "Não há cortina de ferro , mas há uma cortina de dólares" (este servindo como introdução e não contando com divisões internas), "Flagrantes da vida e

---

711 *Imprensa popular*, 23-05-1954, coluna literatura e arte, p. 3. In Araujo, Monica. *A arte do partido para o povo.* Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. Dissertação de mestrado, p. 220.

712 No capítulo anterior indicamos como Graciliano foi cobrado pela direção partidária por continuar circunscrito a uma literatura pautada pelo realismo crítico, não tendo alcançado aquele que seria o padrão almejado para um escritor comunista: o realismo socialista.

do trabalho" (com vinte e três sub-capítulos), "A Albânia é uma festa" (com dez sub-capítulos), "Onde o imperialismo foi derrotado" (com quatro) e "Ganhemos a batalha da paz" (este servindo como conclusão e também não dividido em sub-capítulos).

Vale a pena citar alguns títulos de sub-capítulos do livro, como "Vamos sonhar sem dormir", "A fraternal família dos trabalhadores" "Impor a Paz, palavra de ordem do povo", "O escritor é tão responsável quanto um estadista", "Stalin, mestre, guia e pai", dentre outros que demonstram a forte intenção do autor de não só oferecer uma visão positivada da URSS, bem como de defender teses como as de que a paz é desejo comunista, de que o escritor tem o claro papel de se posicionar politicamente e de que Stalin era o grande líder mundial.

Já Graciliano Ramos adota o estilo de diário de viagem para a construção de sua *Viagem*. Os eventos são narrados de forma cronológica e os capítulos identificados apenas por números.

Os 34 capítulos apresentam, após seu número, como epígrafe, um parêntese com um dia, um mês e um ano e, em alguns casos, uma localização, correspondentes à data e ao local em que foram escritos. Assim, vemos, por exemplo, que no dia 31 de maio de 1952, em Cannes, foi escrito o capítulo de número 1. As datações vão até o capítulo de número 34, quando a escrita foi interrompida pela morte do autor, sendo anexadas ao livro as notas de viagem que não puderam ser transformadas em texto final.

Podemos identificar como semelhante o gênero escolhido pelos autores, relato de viagens, escrito na primeira pessoa do singular e apresentando-se como obra não-ficcional. Mas a própria disposição dos capítulos e seus títulos deixam claro que os escritores adotaram estratégias discursivas distintas. A diferença pode ser entendida a partir das posturas de cada um dos autores, e explicitadas em seus textos, sobre o objetivo que os teria impulsionado a escrever esses relatos de viagem, como veremos adiante.

Os viajantes

A existência desses relatos feitos no contexto da guerra fria aponta claramente para a importância atribuída pelo partido à divulgação de uma imagem positivada da URSS. Bem como indica a utilização sistemática pelo PCB de intelectuais conceituados nessa divulgação.

Jorge Amado e Graciliano Ramos à época da publicação de *O mundo da Paz* e *Viagem,* respectivamente, já eram escritores com bastante visibilidade, tanto no cenário literário nacional quanto por seus comprometimentos militantes. Essa visibilidade, no entanto, se processou de forma diferenciada: ambos experimentaram graus diferentes de reconhecimento de suas obras em vida, graus diferentes de envolvimento partidário e tiveram seus textos, também de forma diferenciada, marcados pelas linhas diretrizes comunistas.

Os paralelos possíveis em suas trajetórias de vida, no entanto, sugerem percursos interessantes de pesquisa, permitindo que experiências comuns aos dois autores sejam investigadas do ponto de vista da presença/ausência em suas obras. E será assim que empreenderemos nossas viagens à URSS conduzidos por Jorge e Graciliano.

Antes de mergulharmos nos dois eixos condutores de nossa análise neste capítulo, quais sejam a defesa da paz e as representações de Stalin presentes nos dois relatos, vale a pena tentar penetrar nos argumentos utilizados pelos escritores para justificar a elaboração de seus relatos bem como da postura que adotaram no momento da escrita.

O discurso de abertura de cada um dos relatos é a parte em que os autores se apresentam como detentores de uma visão diferenciada do mundo soviético, olhar esse que, por conta da imprensa, não chegava, usualmente a terras brasileiras. No entanto, esse outro olhar será por Graciliano Ramos apresentado como neutro e por Jorge Amado como uma defesa da URSS e de seu líder.

Ao pensarem seus papéis como escritores e ao explicitarem (ou não) sua militância política em suas obras, os autores acabam por colocar na pauta de seus escritos a defesa de uma sociedade até então não presente nas representações da mídia ocidental.

Passando, agora, para as questões que se fizeram presentes a partir da leitura desses relatos de viagem, algumas considerações preliminares se fazem necessárias. A coincidência de temáticas presentes nas duas obras sugere que o melhor caminho a seguir para o desenvolvimento da pesquisa seja a aglutinação de temas presentes em ambos os livros que possam indicar os objetivos e as estratégias escolhidas pelos autores para alcançá-los.

Grosso modo, pode-se afirmar que o objetivo maior presente nas obras é identificar o socialismo adotado pela União Soviética como alternativa ao regime capitalista ocidental. Decorrente deste está presente o objetivo de desmistificar afirmações presentes na imprensa brasileira sobre a URSS e o senso comum da sociedade sobre esta.

No entanto, as estratégias escolhidas pelos autores para alcançar estes objetivos não foram as mesmas. O texto de Graciliano Ramos é sucinto, desenvolvido a partir dos dias vividos na sua *Viagem* e prima pela descrição de locais, pessoas e acontecimentos, mesclada a opiniões pessoais, geralmente marcadas por um discurso irônico. Já em seu longo texto, Jorge Amado opta pelo estilo panfletário e didático, em que a descrição dos locais, pessoas e acontecimentos encontra-se entremeada por explicações sobre o funcionamento do socialismo, por imprecações contra o capitalismo e por opiniões apaixonadamente expostas.

Essa diferença não deve ser entendida isoladamente das outras produções escritas dos autores, pois normalmente os textos de Graciliano são marcados pela secura de linguagem, pela objetividade e pela fina ironia, enquanto os textos de Jorge são mais prolixos, dotados de um estilo mais leve, de uma linguagem bastante adjetivada e de ocasionais explanações sobre o socialismo e o capitalismo. Podemos tomar como referência para essa comparação aquela distinção que faz Lukács entre os métodos de composição do naturalismo, capaz de descrever minuciosamente os cenários e acontecimentos de suas estórias, do ponto de vista do espectador, e do realismo, em que a estória é narrada, do ponto de vista de um participante. Enquanto o primeiro descreve uma "coisa", o segundo narra acontecimentos humanos.[713]

---

[713] G. Lukács, "Narrar ou descrever? Contribuição para uma discussão sobre o naturalismo e o formalismo", In *Ensaios sobre literatura*, 2a. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, p. 48.

Isso, para Lukács, possui um chão histórico específico, pois se relaciona ao fato de que enquanto os grandes escritores realistas da primeira metade do século XIX viveram as contradições da implantação do capitalismo, os naturalistas do fim do século fizeram-se escritores numa fase em que o capitalismo já estava consolidado. Assim, "a alternativa participar ou observar corresponde, então, a duas posições socialmente necessárias, assumidas pelos escritores em dois sucessivos períodos do capitalismo. A alternativa narrar ou descrever corresponde aos dois métodos fundamentais de representação próprios destes dois períodos."[714]

Essa diferença, para Lukács, não se circunscrevia aos contextos do início e final do século XIX, em que se desenvolveram realismo e naturalismo, mas se manifestava também no século XX e no mundo soviético, em que resistiria no "realismo socialista" a descrição do ponto de vista do expectador, não se tendo ainda alcançado a marca de uma narrativa realista, construída segundo o ponto de vista da experiência do participante. Assim, o que os livros de matriz zdanovista conseguiram foi, no limite, desenhar "*a monografia de um kolkós, de uma fábrica, etc*.", mas não chegam a representar "*experiências vividas pelos homens, relações inter-humanas ilustradas na mediação das coisas*".[715]

Foi com base nessa diferenciação feita por Lukács que Carlos Nelson Coutinho afirmou a importância de Graciliano Ramos como (o maior) escritor realista – crítico, não socialista – brasileiro. Para Carlos Nelson, tratando de Graciliano:

> "O que lhe interessa não é a exemplificação, através da literatura, de teses e concepções apriorísticas: é a narração do destino de homens concretos, socialmente determinados, vivendo em uma realidade concreta. Por isso, ele pode descobrir e criar verdadeiros *tipos* humanos, diversos tanto da média cotidiana como da caricatura abstrata"[716]

Por certo que esses relatos de viagem não são o exemplo mais rico dessa proposta estética de Graciliano exaltada por Coutinho, mas podemos, retomando a Jorge Amado e Graciliano Ramos, afirmar que seus relatos refletem estilos pessoais diversos, mais ou

---

[714] G. Lukács, "Narrar ou descrever? Contribuição para uma discussão sobre o naturalismo e o formalismo", In *Ensaios sobre literatura*, 2a. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, p. 57.
[715] *Idem, ibdem*, p. 91.
[716] Coutinho, Carlos Nelson. *Literatura e humanismo.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967, p. 140.

menos próximos do modelo literário defendido pela ortodoxia soviética, mas são dotados de um mesmo compromisso com a divulgação da URSS para o público brasileiro. As duas obras analisadas estão recheadas de temas comuns que podem auxiliar-nos na busca de similaridades e diferenças.

A primeira análise que oferecemos é sobre a forma de apresentação das obras, sobre como os autores apresentam ao público o relato de suas viagens à URSS. Graciliano apresenta-se como um observador objetivo de terras distantes da realidade brasileira:

> "A extrema dedicação abriu-me portas que, entre nós, tipos bem intencionados, obedientes ao jornal e ao sermão, consideram de ferro. Sinto-me no dever de narrar a possíveis leitores o que vi além dessas portas, sem pretender, de nenhum modo, cantar loas ao governo soviético. Pretendo ser objetivo, não derramar-me em elogios, não insinuar que, em 35 anos, a revolução de outubro tenha criado um paraíso, com melhores navalhas de barba, as melhores fechaduras e o melhor mata-borrão. Essas miudezas orientais são talvez inferiores às ocidentais e cristãs. Não me causaram transtorno, e se as menciono é no intuito de não revelar- me parcial em demasia. Vi efetivamente o grande país com bons olhos. Se assim não fosse, como poderia senti-lo?"[717]

Já Jorge Amado irá professar o papel do escritor comprometido com um projeto político:

> "Enquanto o avião sobrevoava as nevadas estepes soviéticas, eu refletia sobre a imensa responsabilidade que pesa neste momento sobre os povos. A eles compete dizer a última palavra sobre a paz e a guerra. (...) Mas pensava também na responsabilidade que cabe particularmente a nós, escritores. (...) que podemos influir sobre centenas de milhares de homens, que podemos esclarecê-los e ajudá-los a melhor compreender o que se passa no mundo, temos nesta hora, deveres iniludíveis, aos quais não podemos nos furtar, sem com isso deixar de comprometer irremediavelmente nossa própria condição de escritores."[718]

---

[717] Ramos, Graciliano. *Viagem (Checoslováquia – U.R.S.S.)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, p.10-1.

[718] Amado, Jorge. O Mundo da Paz. 4 ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1953, p.50.

Fica clara a diferença flagrante das propostas de escrita apresentadas nos dois relatos. Se, por um lado, Graciliano Ramos apresenta-se como mero narrador objetivo de fatos, paisagens e homens, por outro, Jorge Amado reivindica-se como um escritor dotado uma missão específica, quase uma profissão de fé, que é a de esclarecer e ajudar seus contemporâneos a entenderem o mundo em que vivem.

Os efeitos destas declarações de abertura levam a dois caminhos distintos. Enquanto o primeiro coloca-se no papel do homem comum, pronto a declarar apenas aquilo que vê e sente em uma viagem a uma realidade bastante distante da brasileira, o segundo assume o papel do homem ilustrado que, através de sua pena, pode guiar o homem comum ao conhecimento profundo da realidade que o cerca.

São papéis distintos os assumidos pelos escritores, e ambos interessantes como estratégia de convencimento. Para Graciliano, que se apresenta como escritor neutro, a estratégia de convencimento passa por destacar os pontos positivos das Repúblicas Socialistas e mostrar como os pontos que poderiam ser considerados negativos por seus leitores são, de fato, pouco relevantes. Como colocar num mesmo patamar de importância a igualdade e as lâminas de barbear? É a essa conclusão que deseja que aquele que o lê chegue.

Já para Jorge, que se apresenta como arauto do socialismo, a estratégia de convencimento passa por deixar clara, desde o início de seu relato, a superioridade das sociedades visitadas face à injustiça do mundo capitalista. É através da exaltação assumida das qualidades de um modelo que acredita ser a chave de libertação de outros povos que pretende evidenciar o caminho a ser seguido por seus leitores. Desempenhando, assim, a missão que acredita que caberia a cada escritor.

Embora tenhamos efetuado uma comparação da declaração do motivo de escrita desses relatos apresentados por cada um dos autores, o mesmo não podemos fazer com as conclusões a que chegaram.

Devido à morte de Graciliano antes da conclusão de *Viagem* não sabemos qual seria o formato do último capítulo do livro, as únicas informações que restam sobre os últimos dias do escritor em terras soviéticas aparecem em forma de notas esquemáticas anexadas ao final, sendo a última anotação a seguinte:

> "*Viagem de regresso.* Volia, Kalughin, a sra. Nikolskaya e Ferreira despedem-se à meia-noite. Tchugunov nos leva ao aeroporto. (...) Cabeça e coração; borboletas. Uma garrafa de conhaque. Palestra longa, quase toda em gestos. Caça, pesca, corrida de cavalos. As conferências de Korneitchuk. 'Wanda, conferência'."[719].

As palavras finais de Jorge Amado, no entanto, apresentam-se para análise:

> "Não há um momento a perder. O perigo é grande e está próximo de nós, cresce a cada dia. Crescem também as forças dos partidários da paz. Mas é necessário que elas cresçam ainda mais rapidamente, que elas se aprofundem e se ampliem, de tal maneira que os inimigos do homem e de sua felicidade sejam obrigados a recuar. Vivemos no tempo da construção do comunismo na URSS, no tempo da construção do socialismo nas democracias populares. É um tempo maravilhoso esse nosso, é necessário sermos dignos desse tempo que vivemos. Nós o seremos, ganhando a batalha da paz!"[720]

É impossível inferir a forma final a que chegaria o relato de Graciliano Ramos, mas as pequenas notas remanescentes nos permitem imaginar que seriam de contentamento com a viagem feita e com as coisas nela presenciadas. A cabeça e o coração em "borboletas" parecem indicar a emoção despertada pelo término da viagem.

Fica clara a intenção de Jorge Amado de construir seu relato de viagem como peça argumentativa favorável à URSS. Esse final em que conclama o leitor a se unir à causa da paz, representada pelo comunismo é o coroamento de uma estratégia discursiva que vinha sendo desenvolvida desde a dedicatória do livro. Esse final representa a idéia de que depois de conhecer o relato das maravilhas soviéticas em oposição às mazelas do mundo capitalista, resta ao leitor juntar-se à luta pela paz.

Verifica-se que tanto a postura de neutralidade buscada por Graciliano Ramos quanto o posicionamento declarado de Jorge Amado são procedimentos distintos para se alcançar o mesmo objetivo: a construção de uma leitura positivada da URSS e o

---

[719] Ramos, Graciliano. *Viagem (Checoslováquia – U.R.S.S.)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, p.198.

[720] Amado, Jorge. *O Mundo da Paz*. 4 ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1953, p.348.

convencimento do público leitor brasileiro de que, num contexto de bipolarização provocado pela guerra fria, a opção a ser feita deveria pender para o lado socialista.

Lendo seus próprios papéis de escritores brasileiros que se deparam com a existência de uma sociedade socialista, ambos avaliam o peso de seus escritos como frutos de um mundo ainda pregado ao passado e fatalmente condenado ao desaparecimento.

Graciliano, em passagem que descreve encontro com jovem russo que lhe pergunta qual de seus livros poderia ser traduzido para o russo, afirma:

> "- Nem sei, Kalughuin. Talvez nenhum. Vocês é que devem examinar isso.
>
> Tinha-me vindo o pensamento de que os meus romances nenhum interesse despertariam àqueles homens: são narrativas de um mundo morto, as minhas personagens comportam-se como duendes. Na sociedade nova ali patente, alegre, de confiança ilimitada em si mesma, lembrava-me a minha gente fusca, triste, e achava-me um anacronismo. Essa idéia, que iria assaltar-me com freqüência, não me dava tristeza. Necessário conformar-me: não me havia sido possível trabalhar de maneira diferente: vivendo em sepulturas, ocupara-me em relatar cadáveres."[721]

Ramos minimiza seu papel como escritor, sobretudo quando comparado à glória alcançada pelo mundo soviético, e indica que atrelado a uma sociedade capitalista, suas possibilidades de escrita encontram-se limitadas pelo mundo morto que habita. Nesta ressalva parece indicar a superioridade da opção socialista frente às mesquinharias de um Brasil capitalista.

Esses comentários do autor levam a interpretação de que como escritor encontra-se fadado a trabalhar com uma realidade já ultrapassada pelo estágio de desenvolvimento russo, não vendo, portanto, o interesse que suas obras poderiam despertar em um povo que não mais sente na carne as agruras do sistema capitalista em seu cotidiano. Essa linha de raciocínio desenvolvida pelo autor pode ser lida como o indicativo da necessidade de superação deste modelo, apontando implicitamente o caminho a ser seguido: o modelo socialista.

---

721 Ramos, Graciliano. *Viagem (Checoslováquia – U.R.S.S.)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, p.47.

Já Jorge Amado, ainda avaliando a responsabilidade do escritor de posicionar-se "pelo mundo da paz", indicava, como vimos, que cabia ao escritor – ele neste caso – a missão educativa de ajudar aos homens sobre os quais exercia influência (seus leitores), "*a melhor compreender o que se passa no mundo*"[722]

A declaração de Amado, seguindo caminho distinto do adotado por Ramos, aponta para a mesma superioridade russa, ao mesmo tempo em que enfatiza a importância do papel do escritor como guia de seus leitores na busca de uma nova realidade inspirada no modelo soviético. Amado, ao invés de minimizar, ressalta seu papel como escritor e sela um pacto com seus leitores. Um pacto em que aceita, em função de um "dom" recebido, a tarefa de deixar claras as regras de um jogo que muitos podem ainda não ter enxergado.

No jogo desenvolvido no período da guerra fria a imparcialidade é impossível, e torna-se necessário que se faça uma escolha consciente entre o capitalismo e o socialismo. E é para que seus leitores escolham o lado certo, representado pela Rússia, que escreve.

Enquanto que para Graciliano Ramos as realidades brasileira e russa de tão distintas podem tornar-se incompreensíveis uma a outra, para Jorge Amado a experiência soviética assume caráter emblemático:

> "Nada do que se faz aqui interessa exclusivamente aos filhos desta pátria. Cada experiência, cada livro, cada planta nova, cada usina, as invenções e as vitórias desses povos socialistas servem também a toda a humanidade, são um patrimônio do ser humano, pertencem também ao cabloco do Amazonas, ao tropeiro do sertão nordestino, ao operário de São Paulo, ao gaúcho dos pampas do sul. Todos nós nos beneficiamos das conquistas da União Soviética no seu trabalho de construção de um mundo novo."[723]

Os brasileiros aludidos no relato de viagem de Amado representados como pessoas ligadas ao atraso do capitalismo têm o mesmo perfil dos brasileiros que serviam como material base da construção de suas narrativas ficcionais.

---

722 Amado, Jorge. *O Mundo da Paz*. 4 ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1953, p.50.

723 *Idem, ibdem*, p.55.

Sobre seus livros, relata conversa com operários soviéticos que leram traduções de obras suas que confirmam a imagem de Graciliano sobre o caráter funéreo dos temas e personagens de suas obras, ambientadas na capitalista sociedade brasileira, quando contrapostos ao futuro feito presente do socialismo soviético:

> "Eu chegava de um mundo capitalista, onde os interesses privados estão colocados em primeiro plano, e apesar de militante comunista, falava a linguagem de um mundo que, para os cidadãos soviéticos, já é uma coisa morta e enterrada. (...) Quando me dirigia a um operário para interrogá-lo, os problemas que fazem o cotidiano de nossos operários, de nossos camponeses, de nossos intelectuais eram motivo de minha pergunta: salário suficiente? Preocupações de dinheiro? Dificuldades para educar os filhos? O aluguel da casa muito alto? Os operários respondiam, mas em geral riam, eles também estavam desejosos de conversar comigo, muitos haviam lido livros meus, porém se surpreendiam com as minhas perguntas, pareciam despidas de interesse diante da imensidade e da grandeza de outros temas de conversação." [724]

Ainda nesta defesa do papel do escritor como peça fundamental na engrenagem de transformação social, muitas são as passagens nos textos de Jorge Amado que enfatizam seu compromisso com a divulgação das transformações e das conquistas soviéticas. Embora menos presentes no livro de Graciliano, as discussões sobre a literatura e o processo de escrita também se fazem presentes, mas o autor não assume um papel de divulgador panfletário das mesmas.

É através de uma escrita irônica que Graciliano ressalta as diferenças entre o papel das letras nas sociedades. Comentando a facilidade com que o povo russo, depois da revolução, encontrava no acesso às artes e contrapondo esta facilidade à realidade brasileira, afirma:

> "Lá dentro, biblioteca larga, a abundância de literatura que nos surge em toda a parte. Filas diante das livrarias; as edições esgotam-se com rapidez inadmissível. Trezentas e cinqüenta mil bibliotecas do Estado, com setecentos milhões de volumes. As dos sindicatos são doze mil, e há nelas sessenta milhões de livros. Para que tanta letra? Afinal essa fartura de impressos torna-se monótona, tem aparência de mania. Abafamos. Não acharemos neste país um analfabeto? Saudades da nossa terra simples, onde os analfabetos engordam, proliferam, sobem, mandam, na graça de Deus.

[724] Amado, Jorge. *O Mundo da Paz*. 4 ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1953, p.62.

> Felizmente há no parque de cultura restaurantes e bilhares. Ainda podemos jogar uma partida, beber uma cerveja. A ditadura horrível não nos proíbe essas necessidades cristãs."[725]

O mesmo tipo de comparação aparece no relato de Jorge Amado, sendo freqüentes as passagens em que o autor chama a atenção para a disparidade entre o acesso à cultura no Brasil e na Rússia, como, por exemplo, na seguinte passagem:

> " (…)Quereis um exemplo? Tomai os temas de conversação em nossos países e os temas de conversação na União Soviética.
>
> Em nossas pátrias os temas centrais da conversação formam-se pelo círculo de interesses pessoais dos interlocutores, se referem quase sempre a seus problemas, àquelas preocupações imediatas do homem lançado numa batalha difícil pela subsistência, onde o dinheiro desempenha o papel principal.(…)
>
> Alguns dias depois de chegado à URSS, após haver tomado contacto com o povo soviético, a reflexão mais constante no meu espírito era a seguinte: esse povo vive para os problemas da cultura e do trabalho. É uma espantosa nação de 200 milhões de habitantes a discutir ou bem sobre livros, 'ballet', cinema, biologia, ou bem sobre como tornar o trabalho mais fácil e mais rendoso para a coletividade! A cultura é o alvo da vida desse povo, e de todo esse povo sem exceção! (…)"[726]

Nestes dois fragmentos de texto fica claro como tanto Graciliano Ramos quanto Jorge Amado apontam como diferença fundamental entre as sociedades brasileira e soviética o acesso à cultura. Seja pela via da ironia, seja pela via da exaltação, é objetivo de ambos apontar um fosso existente entre os dois modelos de organização social que se confrontavam na época da escrita de seus relatos, e indicar como um dos fatores para auferir essas distinções o papel da cultura.

Ainda na esteira das comparações entre capitalismo e socialismo, em geral, ou entre o Brasil e a União Soviética, em específico, outro fator comparativo que parece ser decisivo para que os autores apontem a superioridade da URSS é o da educação de jovens e crianças.

---

[725] Ramos, Graciliano. *Viagem (Checoslováquia – U.R.S.S.)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, p.93.

[726] Amado, Jorge. *O Mundo da Paz*. 4 ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1953, p.61.

O tema é tratado por Ramos no relato referente ao dia 24 de julho de 1952, em que narra a visita a uma escola para meninas em Tblissi, na Geórgia. As cinco páginas seguintes servem para descrever o aparato educacional oferecido nesta instituição, utilizando-se de números e fatos que dessem uma idéia do local: "*trinta e seis salas comportam mil e duzentas alunas; há cinqüenta e cinco professores, dois médicos e um dentista*"[727] abrigados em uma estrutura equipada com um auditório com capacidade para "*quinhentos indivíduos, e a biblioteca com oito mil volumes*"[728]. Ramos ainda repassa ao leitor a descrição do modelo educacional adotado na instituição: "*O período escolar é de onze anos, abrangendo o curso primário e o secundário; mas aqui não existe seriação: realiza-se um trabalho contínuo.*"[729]

Na hora de efetivamente apresentar uma comparação entre o modelo visitado e a realidade brasileira, Graciliano procede da mesma forma irônica que aparece presente na discussão sobre o acesso à cultura:

> "Ao rodar no asfalto, embalava-me com uma expressão bastante usada pelas gazetas ocidentais, poderosas: a do vírus do socialismo. Os estrangeiros que aqui chegam voltam infeccionados; não resistimos aos venenos sutis esparsos no ar e nas conversas; as sólidas vantagens da liberdade evaporam-se diante desta singular escravidão. É bom não entrarmos em contato com os horrores denunciados lá fora. Se respirarmos isto, acabamos doentes, julgaremos razoável uma sociedade isenta de mendigos e prostitutas. O vírus do socialismo. Se nós, bichos calejados nas belezas ocidentais, nos arriscamos a isso, precisamos admitir que as jovens alegres se contaminaram para sempre. Não tem remédio. Incutiram-lhes certezas horríveis, no juízo dos nossos patrões. A sua terra é a melhor do mundo, e nas escolas de Tblissi todas as crianças podem estudar. Uma idéia me veio. Em cada uma das classes que visitamos havia lugares para trinta e cinco pessoas. Trinta e seis salas. Multipliquei. A diretora nos havia falado em mil e duzentas alunas. Existia uma diferença pequena: a diretora dava-nos a lambujem de sessenta lugares. Funcionando em dois turnos, os estabelecimentos encerrariam com folga o dobro da população infantil. As garotas do primeiro ano fizeram este cálculo. E está aí porque o vírus do socialismo faz estragos medonhos nessas almas em formação. As do Brasil até agora estão imunes, livres da aritmética."

---

727 Ramos, Graciliano. *Viagem (Checoslováquia – U.R.S.S.)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, p.100.

728 *Idem, ibdem*, p.100.

729 *Idem, ibdem*, p.100.

Em sub-capítulo que recebe o sugestivo nome de "Paraíso das crianças", Jorge Amado escreve 11 páginas de elogio à alternativa soviética, esmiuçando as mazelas a que a infância pobre é submetida no Brasil contrapostas à forma da URSS tratar as futuras gerações. Apenas para ilustrar o tom adotado pelo autor neste sub-capítulo, extrairemos um pequeno trecho:

> "Vi as crianças soviéticas em suas casas, nas escolas, nos teatros infantis e para jovens, nos palácios de pioneiros, nas creches das fábricas, nos jardins de infância, nos campos de esporte onde faziam ski, nas bibliotecas especializadas, eu as vi estudando, brincando, dormindo, comendo, nas inspeções médicas, nas ruas da cidade. Eu vos direi: cada criança soviética é como um pequeno príncipe, cuidada por todo o povo, pelo governo e pelo Partido com o mesmo enternecido desvelo com que um velho jardineiro apaixonado cuida das suas flores mais raras. (…)
>
> Vi as crianças soviéticas e jamais a causa do meu Partido Comunista me pareceu mais nobre: fazer das crianças brasileiras donas de uma vida como a das crianças soviéticas. (…)"[730]

Ambos os autores fizeram a escolha de dedicarem partes de seus textos – quer em sub-capítulo, quer em um dia dos apontamentos de viagem - para explicitar as diferenças entre a infância no Brasil e na URSS. Isto parece indicar uma preocupação com deixar claro para o público brasileiro a improcedência do mito de que "comunista come criancinha" como é explicitado pelo próprio Amado:

> "Talvez seja o capítulo das crianças aquele que mais tenha dado lugar às calúnias anti-soviéticas, às infâmias sobre a vida dos povos soviéticos. Certa vez uma camponesa da região tabageira do recôncavo baiano, a qual eu falava sobre a URSS, interrogou-me se era verdade que lá 'se comiam crianças, tal a fome e a liquidação dos laços familiares!'. Perguntei-lhe onde tinha ouvido tal coisa e ela me disse que o juiz de direito da cidade próxima, dono das terras onde ela plantava e colhia o fumo, lhe havia dito (…)
>
> Gostaria que cada mãe operária, cada mãe camponesa, cada mãe de família brasileira, pudesse visitar o Palácio dos Pioneiros em Leningrado, ou qualquer jardim de infância de qualquer fábrica soviética, ou as creches, ou as escolas dos kolkozes. Ela veria crianças sadias e alegres, amando o estudo, crianças cujo futuro não representa preocupação para os pais. Então nenhum juiz de direito, nenhum proprietário de terras, nenhum patrão de fábrica, nenhum jornalista a soldo de Washington, nenhum parlamentar ou

---

730 Amado, Jorge. *O Mundo da Paz*. 4 ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1953, pp.88 e 89.

político burguês poderia impunemente alardear calúnias sobre a infância soviética."[731]

Pela Paz

Vale perceber a sintonia que pode ser encontrada nos artigos de jornais que citamos anteriormente, focados na "defesa da paz" e os relatos de viagem feitos por Jorge Amado e Graciliano Ramos. Percebe-se claramente a consonância de argumentos e de estratégias de convencimento entre as reportagens e os livros analisados.

A defesa da paz é bastante presente nos dois relatos, e parece ser relevante para o entendimento do motivo para essas viagens terem sido empreendidas pelos autores, bem como da publicação dos escritos delas decorrentes. No livro de Jorge Amado, aparece logo como título da obra, *O mundo da paz,* e está presente ao longo de toda a escrita, reiterando-se, sempre, que a guerra serviria apenas aos interesses norte-americanos e não aos soviéticos. No livro de Graciliano, embora não explicitado no título, o tema também aparece como um fio condutor do processo de escrita, sendo inúmeras as ocasiões em que o autor demonstra as marcas deixadas pela guerra na União Soviética e como sua população deseja, de forma veemente, a paz.

Todavia, na apresentação dos livros, quando explicam os motivos que os teriam levado à confecção de seus relatos fica já marcada a diferença de filiação explicitada a estes objetivos. Jorge Amado, ainda na nota introdutória de sua obra, declara como motivo impulsionador da confecção de suas notas de viagem e sua posterior publicação:

"Escrevi estas páginas pensando no meu povo brasileiro, sobre o qual uma imprensa reacionária e vendida ao imperialismo ianque vomita, quotidianamente, infâmias e calúnias sobre a URSS e as democracias populares. O povo brasileiro não deseja a guerra e luta contra os que a querem provocar."[732]

---

731 Amado, Jorge. *O Mundo da Paz*. 4 ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1953, p.89.

732 *Idem, ibdem*, p.9.

Já Graciliano Ramos, na introdução de seu livro, declara:

> "Arrisco-me, entretanto, a escrever isto. Ninguém me encomendou a tarefa. Os homens com quem me entendi apenas revelaram o desejo de que minhas observações ali fossem narradas honestamente, em conversas. Infelizmente não sei conversar, e na verdade observei pouco, em tempo escasso."[733]

A explicitação do intento de difundir a idéia de paz que seria defendida pela população soviética pode não aparecer na declaração inicial de Graciliano, mas todo seu relato de viagem é entremeado por depoimentos de russos que proclamam a aversão à guerra em função das cicatrizes deixadas pelo conflito mundial recém terminado, como, por exemplo, na seguinte passagem em que descreve conversa com uma russa sobre os heróis de guerra:

> "A senhora Nikolskaya, tão amável, tão boa, exaltara-se: 'perdemos 17 milhões de homens. E o que os nossos aliados nos deram? Caminhões velhos e ovos podres'. Ficara muito vermelha, a voz entrecortada; afinal deixara a mesa, enxugando os olhos. Pessoas estranhas. Nem permitem que aludamos aos seus heróis."[734]

O mesmo tipo de passagem também é encontrado no livro de Jorge Amado, como, por exemplo, esta em que descreve conversa com um operário soviético:

> "- (...) A Guerra não nos roubou apenas 17 milhões de irmãos soviéticos. Ela nos obrigou a parar a nossa obra de construção durante anos. Obrigou-nos a deixar tudo para defender a pátria e o regime. Por isso amamos a paz e lutamos por ela."[735]

Para os dois autores parece clara a intenção da população soviética de manutenção da paz; no entanto, para Jorge Amado, o Estado aparece como um grande

---

[733] Ramos, Graciliano. *Viagem (Checoslováquia – U.R.S.S.)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, p.9.

[734] *Idem, ibdem*, p.88.

[735] Amado, Jorge. *O Mundo da Paz.* 4 ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1953, p.49.

articulador da defesa da paz, mesmo que para isso seja necessária a demonstração de força e poderio militar:

> "Não, não é uma derrota militar que A URSS teme, não é o receio de um desastre que a leva a sua posição de líder do campo da paz, à sua política inflexível em defesa da paz. O que a leva a esta posição é a sua própria condição de Estado Socialista, ao qual a guerra não interessa, pois sua economia não necessita da conquista de mercados, da conquista de povos e Estados, não necessita da escravização política e econômica, de outros países. O que a leva a esta posição é a certeza das vantagens do regime socialista sobre o regime capitalista: a URSS não teme o confronto entre os dois regimes."[736]

O anseio de paz por soviéticos, em específico, e por comunistas, em geral, se faz presente nos dois relatos, a despeito do grau de explicitação com que aparece. Enquanto, para Jorge, a contraposição entre a postura pacífica do comunismo soviético e a postura belicista do capitalismo norte americano é apresentada enfaticamente, essa mesma contraposição vai aparecendo de maneira mais discreta no livro de Graciliano, sendo, indubitavelmente, matéria de extrema importância na construção dos dois relatos.

A própria população da URSS parece se transfigurar na representação do Estado em muitas das passagens dos relatos de viagem de Graciliano Ramos e Jorge Amado, numa tentativa de identificação do socialismo como alternativa à realidade brasileira. Para isso, os autores esforçam-se por demonstrar, a todo tempo, a divisão da riqueza produzida coletivamente pela população da URSS e recheiam seus relatos de personagens que pareçam sempre conscientes de seu papel de defensores de uma nova organização da sociedade.

De forma direta ou indiretamente relacionada à questão de quem está comprometido com a paz ou com a guerra no contexto da escalada armamentista da Guerra Fria (e portanto de quem são os "mocinhos" e os "bandidos" dessa história), encontra-se a questão de ser a União Soviética apresentada no mundo capitalista como uma ditadura, em contraposição às liberdades individuais do "mundo ocidental", problemas que se fazem presentes nos dois relatos estudados. Parece clara a intenção

---

[736] Amado, Jorge. *O Mundo da Paz.* 4 ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1953, pp.43-4.

dos dois autores de combater, mesmo que por vias distintas, idéias enraizadas no ocidente sobre a União Soviética, dentre elas a de que na URSS todos estariam submetidos a um poder ditatorial sem poder desfrutar da liberdade individual.

Graciliano não aborda a questão diretamente mas por toda a descrição dos lugares visitados parece indicar a flagrante diferença entre a realidade brasileira da soviética. É apontando os avanços e conquistas coletivos que procura silenciar as críticas possíveis ao modelo socialistas. Seu relato é repleto de números e exemplos que procuram fornecer ao leitor a compreensão desta superioridade:

> "Visita a uma casa onde repousam trabalhadores da indústria do chá. Passam aqui as férias, um mês por ano. A permanência custa setecentos rublos, mas eles pagam apenas trinta por cento; o resto é pago pelo sindicato. Esses números já nos tinham sido expostos. Lembrei-me os ter ouvido pela primeira vez na fábrica de meias, em Tblissi. Provavelmente iriam repisá-los noutros locais de trabalho ou descanso. Receiam talvez que não lhes demos crédito, e as informações chegam à monotonia. Não achamos incongruência, temos de admiti-las, embora realmente nos pareçam estranhas. Originários de outro mundo, habituamo-nos à insuficiência dos hospitais, das escolas, das maternidades, conservamos no espírito a mesquinharia burguesa, não nos podemos livrar dela, e achamos quase impossível existirem cômodos para todas as pessoas forçadas a vilegiatura anual."[737]

Jorge Amado também não se furta aos exemplos das conquistas socialistas, trazendo números e exemplos para a ilustração dos leitores, no entanto, vai além e oferece explicações para o êxito soviético:

> "(…) O amor à Pátria, a União soviética, nasce da constatação quotidiana da elevação do nível de vida de todo o povo e da importância da contribuição individual de cada um para essa obra coletiva, de tornar a vida bela, digna e feliz. Nasce da própria elevação moral do indivíduo, de sua integração completa na vida social, que faz dele parte viva do corpo imenso da pátria, molécula sua, necessária e útil. Esse é o fenômeno novo devido à desaparição das classes opostas, ao fim da exploração do homem, de povos por outros povos, de Estados por outros Estados. Produz um homem novo, produz um novo humanismo, infinitamente superior àquele decantado humanismo do mundo capitalista que o imperialismo destruiu."[738]

---

[737] Ramos, Graciliano. *Viagem (Checoslováquia – U.R.S.S.)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, p.127.

[738] Amado, Jorge. *O Mundo da Paz.* 4 ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1953, p.32.

As comparações feitas pelos dois autores entre a realidade soviética e brasileira versam, quase sempre, sobre as condições de vida da classe trabalhadora nos dois contextos. É mostrando as conquistas soviéticas que pretendem oferecer ao leitor um exemplo de superação e oferecer uma alternativa para o operariado brasileiro. São, portanto, muitas as descrições de fábricas visitadas.

Essas visitas, promovidas pelo partido a todos os visitantes de delegações estrangeiras, servem como divulgação do regime socialista em todas as partes do globo e cabe a esses visitantes, geralmente intelectuais e artistas, propagar as conquistas soviéticas. Jorge Amado e Graciliano Ramos desempenham bem este papel, recheando seus relatos com as condições de vida e de trabalho dos soviéticos.

Graciliano, na visita a casa de repouso para trabalhadores da indústria do chá já mencionada anteriormente, deixa clara a disparidade entre as classe trabalhadoras soviética e brasileira:

> "Nas salas vastas, jogadores, entretidos nos lances de xadrez, nem pareciam dar pela nossa presença. Admirava-me não distinguir neles nenhum dos sinais entre nós perceptíveis na classe obreira: gestos esquivos, olhares suspeitosos, maneiras bovinas, indício de pensamento lerdo. Parecem desconfiar das criaturas bem vestidas e educadas. (…) Aqui se atenuaram as diferenças, afinal desapareceram; os indivíduos que jogam xadrez são aparentemente iguais a nós, não tem motivo para julgar-nos inimigos. (…)
>
> Surpreende-nos o ar de segurança, a firmeza dos indivíduos que mourejam na indústria do chá. Donde vêm esses modos? Certamente da convicção plena de não estarem a dever nenhum favor.[739]"

Jorge Amado vai além das descrições das diferenças de status alcançado pelos trabalhadores em ambas as sociedades, fornece ao leitor uma ampla explicação sobre o assunto:

---

[739] Ramos, Graciliano. *Viagem (Checoslováquia – U.R.S.S.)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, pp.128-129.

> "Na União Soviética, o trabalho, manual ou intelectual, perdeu, por completo, o sentido, quase sempre humilhante, que possui entre nós, onde o homem, ao trabalhar, sente-se um explorado, uma vítima, sente que o resultado do seu trabalho não só não o beneficia como não beneficia ao conjunto da sociedade: seu trabalho é útil apenas ao seu empregador. Essa realidade cria, muitas vezes, especialmente nas camadas da população mais politicamente atrasadas e na pequena-burguesia pobre, o horror ao trabalho. O trabalho é olhado como algo fastidioso, humilhante e mesmo degradante para o ser humano.
>
> Na sociedade socialista, esse sentimento não só desaparece como é substituído por um sentimento diametralmente oposto: uma justa conceituação do trabalho e um ardente amor. Por vezes, certos trabalhos são efetuados em condições mesmo mais duras e mais difíceis que em determinados países capitalistas. Mas os trabalhadores sabem que o fruto do seu trabalho reverte em seu próprio benefício e no de toda a sociedade. (…)
>
> Essa diferença de sentimentos em relação ao trabalho nos mundos socialista e capitalista é tão flagrante, que os inimigos da União Soviética, para explicá-la, são obrigados a recorrer às calúnias idiotas de 'trabalho escravo'. E porque então não se aproveitou esse povo da oportunidade da guerra para libertar-se do seu regime?"[740]

De forma didática, o autor tenta deixar claro que todas as diferenças encontradas entre as duas sociedades são fruto de uma diferença estrutural que eliminou as diferenças de classe e, ao mesmo tempo, desmistificar acusações correntes feitas por "inimigos do socialismo".

A resposta a estes detratores vem na forma de exaltação das conquistas soviéticas, presentes ao longo do relato. O autor utiliza-se sempre do elogio ao socialismo, apresentando ao leitor brasileiro a superioridade daquela que acredita ser a verdadeira pátria do trabalhador. Entremeados à descrição de lugares visitados aparecem pequenos sub-capítulos, como o intitulado "otimismo", em que faz considerações como a seguinte:

> "Em todas as faces o otimismo. Nos jovens que se atiram à construção de estradas de ferro, de cidades inteiras, de fábricas e usinas. Nas mulheres que se organizam, que participam ativamente da vida social, que dirigem empresas, que emergem do fundo de uma vida feudal para a igualdade com o homem. Nos operários em cujas mãos leais se encontra o poder. Nos camponeses marchando para a socialização da agricultura. Otimismo na

740 Amado, Jorge. *O Mundo da Paz.* 4 ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1953, pp.32-33..

nova literatura, na arte nova, otimismo que é uma nota constante em todos esses países."[741]

Culto à personalidade – Stalin:

O culto à personalidade de Stalin assume seu ápice a partir da década de 1950. Como uma das estratégias defensivas, durante a guerra fria, esse culto foi uma importante característica do comunismo no mundo. Segundo Dênis de Moraes, dentro da URSS, a conjunção de fatores externos e internos que permitiu essa construção foi explicada da seguinte maneira pela socióloga russa Tatiana Zaslávskaia[742]:

> "o orgulho pela vitória da URSS contra o agressor nazista que embasou a autoridade ilimitada de Stalin, 'ele se projetava como o principal, senão o único artífice da vitória, o guia, pai e mestre do povo, a quem nós devíamos todos os melhores aspectos de nossa vida'.
>
> A fé no deus da raça só fez crescer, segundo ela, por razões de ordem externa e interna. Os conflitos no pós-guerra solidificaram a imagem de Stalin como comandante dos povos oprimidos no confronto com as potências imperialistas. No plano interno, além do temor à repressão estatal, Zaslávskaia aponta o impacto positivo de medidas econômicas (redução de preços eram praticadas regularmente) e avanços nas áreas industrial, agrária e científica como fatores que fortaleceram chefe absolutista e seu círculo íntimo.
>
> Os contornos da face pública da autocracia eram assustadores. Poemas e artigos, discursos e resoluções do partido, obras literárias e tratados científicos abusavam nos epítetos – 'de maior gênio da história' a 'força vivificante do socialismo'."[743]

Construída e privilegiada dentro da União Soviética como doutrina partidária, a crença na infalibilidade de Stalin será propagada diligentemente por todos os partidos

---

741 Amado, Jorge. *O Mundo da Paz.* 4 ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1953, p.275.

742 "Tatiana Zaslávskaia, *A estratégia social da Perestroika* (Rio de :Janeiro, Espaço e tempo, 1989), p.22" *Apud*: Moraes, Dênis. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p.98.

743 Moraes, Dênis. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, pp.98-99.

comunistas, e no Brasil terá ecos tanto na imprensa partidária quanto na produção intelectual dos filiados ao partido.

Se Jorge Amado já vinha dedicando livros a Stalin e adotando alguns dos princípios do realismo socialista desde a década anterior, a década de 1950 parece representar para Graciliano uma maior aproximação com as tarefas partidárias. Muito embora não adote o realismo socialista, viaja para a União Soviética e o relato desta viagem é sua última obra literária, de publicação póstuma, em 1954.

Para percebermos o esforço de solidificação da figura de Stalin como guia incontestável do comunismo mundial, podemos atentar para o espaço dedicado a sua exaltação em edições da imprensa comunista brasileira. A título de exemplo, vale conferir o panorama traçado por Dênis de Moraes sobre as edições comemorativas dos setenta anos de Stalin, em 1949:

> "'O Brasil a Stalin', por Victor Konder, 'Nossa gratidão a Stalin', por Rui Facó, 'Orgulho e honra de ser stalinista', por Diógenes de Arruda Sampaio, 'Saudando Stalin, saudamos o futuro', por Valério Konder, 'Saudação brasileira a Stalin por seu aniversário', por Jorge Amado.[744]
>
> Na edição de 17 de dezembro, repetia-se o nome Stalin dezenas de vezes em manchetes, títulos, textos e legendas. Sua imagem aparecia em vinte fotos, nove desenhos, um pôster e uma xilogravura, sem contar os versos de Aydano do Couto Ferraz, Rossine Camargo Guarnieri e Ary de Andrade. Mas proeza mesmo foi a de Artur Neves: citou Stalin quarenta vezes na matéria 'O artífice genial da cultura soviética'[745].
>
> *Fundamentos* publicou poemas de Nicolas Guillén ('Uma canção a Stalin') e Rossine Camargo Guarnieri ('Em louvor de Stalin')[746]. *Problemas* foi mais pródiga em artigos, assinados por Pedro Pomar ('Stalin, artífice da vitória sobre o fascismo'), Agildo Barata ('O generalíssimo Stalin, chefe militar'), L. Béria ('O grande inspirador e organizador das vitórias do comunismo') e Dimitri Manuilsky ('O camarada Stalin, o grande teórico do comunismo')"[747].

Estes exemplos de exaltação a Stalin descritos por Moraes poderiam ser constatados em qualquer outra publicação do partido. Não apenas na imprensa

---

[744] *Voz operária,* 17 de dezembro de 1949. In: Moraes, Dênis. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p101.

[745] *Fundamentos*, nº 33, setembro de 1953. In: Moraes, Dênis. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p.102.

[746] *Fundamentos*, nº 23, dezembro de 1949. In: Moraes, Dênis. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p.102.

[747] Moraes, Dênis. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p.102.

partidária encontramos esse tipo de massificação da presença do "grande guia". Na literatura, Stalin também marca presença e, neste capítulo, investigaremos como se processou o culto à sua personalidade nas obras *Viagem*, de Graciliano Ramos e *Mundo da paz*, de Jorge Amado.

Apenas a título de exemplo, antes de passarmos à análise destas obras, vale destacar como o próprio Jorge Amado representou Stalin em uma das passagens de *Os subterrâneos da liberdade* em que o guia do comunismo aparece retratado. No segundo livro da trilogia de Jorge Amado sobre a atuação comunista durante o Estado Novo, há uma cena, passada na Espanha durante a guerra civil, em que se desenvolve um diálogo travado entre o militante comunista brasileiro Apolinário e um soldado tcheco que lutam ao lado das forças republicanas. Essa passagem dá a dimensão da importância que Jorge Amado atribui à União Soviética e, principalmente a Stalin:

> "- Eu não sei o que vai suceder pelo mundo. (...) Mas quando li a reportagem sobre a greve no Brasil, senti que, aconteça o que acontecer, nós vamos ganhar, no fim... quando todos os trabalhadores compreenderem... nós somos os mais fortes.
>
> - E temos conosco a União Soviética.
>
> - E papai Stalin... – o sargento sorria ao pronunciar o nome do bem-Amado. – a gente tem de ganhar."[748]

"Papai Stalin" aparece, assim, na ficção, como responsável e catalisador das forças revolucionárias, como se dele emanasse uma aura que, por si só, garantiria a vitória final do proletariado.

A exaltação de um dos símbolos comunistas, um dos grandes líderes da Revolução, também encontra espaço nos dois relatos. Ambos os escritores realizaram visitas ao mausoléu em que o corpo embalsamado de Lênin encontrava-se exposto para visitação três vezes por semana. Como verificado nos exemplos anteriores, as estratégias adotadas pelos autores para abordar o tema seguiram caminhos distintos, mas nos dois é possível identificar a reverência com que descrevem o momento.

---

[748] Amado, Jorge. *Os subterrâneos da liberdade*. v.2 "Agonia da noite". Rio de Janeiro: Record, 1976. 28ª ed. p.169.

Jorge Amado dedica um sub-capítulo, intitulado "visita ao túmulo de Lênin", a esta passagem. Totalizando apenas três páginas, este pequeno extrato de texto tem tom emocional, em que o ambiente e os visitantes são descritos de forma poética. O texto começa com uma descrição da paisagem que, em seu primeiro parágrafo, já indica ao leitor a importância dos fatos narrados:

> "Na manhã gélida de dezembro, a neve tombando em grandes flocos, a Praça vermelha tem uma solenidade ainda maior. As torres do Kremlin destacam-se no céu cinzento. Homens e mulheres andam em direção à Praça, os capotes pintalgados de neve, os rostos quase inteiramente cobertos pelos chalés de lã ou pelos bonés de pele. (…) Um imponente silêncio domina a Praça Vermelha, enquanto a multidão espera que seja feita a rendição da guarda no mausoléu e a visita a Lênin se inicie. Ali se encontram, num silêncio comovido, cidadãos de todos os cantos da União Soviética, um siberiano alto ao lado de um georgiano moreno, um ukraniano ao lado de uma camponesa do extremo-oriente."[749]

O relato do dia 25 de junho de 1952 do livro *Viagem* de Graciliano Ramos descreve de forma menos floreada a visita ao mausoléu, optando por sua habitual escrita seca e direta. O primeiro parágrafo indica a quantidade impressionante de pessoas que fazem a visita, deixando ao leitor a tarefa de julgar a importância do evento:

> "Três vezes por semana uma comprida fila se torce na rua, desemboca na praça Vermelha, avizinha-se do Kremlin, paciente e vagarosa, entra no túmulo de Lênin. Essa a que nos incorporamos devia ter uns dois quilômetros. Pouco mais ou menos. Por aí. É uma procissão a que os moscovitas se habituaram, como se cumprissem um dever. Estranhamos não se haverem cansado, repetir-se há mais de vinte anos a marcha regular, monótona. Longas horas avançam, fazem lembrar os pingos lentos de uma torneira meio aberta, e a extensa linha não se reduz, novos contingentes chegam sempre, o filete escorre até que o fim da visita se aproxima."[750]

Enquanto o relato de Graciliano Ramos concentra-se, sobretudo, na descrição da visita ao mausoléu, contendo apenas algumas esparsas referências ao tempo no qual Lênin vivia, Jorge Amado, já no segundo parágrafo do sub-capítulo, apresenta Lênin

---

749 Amado, Jorge. *O Mundo da Paz.* 4 ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1953, p.98.

750 Ramos, Graciliano. *Viagem (Checoslováquia – U.R.S.S.)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, p.65.

como fundador da Pátria e grande libertador dos russos, perpétuo mesmo depois da morte:

> "(…) Hoje vieram visitar aquele que iniciou a construção dessa Pátria e que vela agora de seu Mausoléu, aquele cuja memória é incentivo e exemplo. (…) Sua vida foi consumida no amor à humanidade, aos trabalhadores, àqueles esquecidos por todos, aos deserdados da sorte. (…) Em cada detalhe da existência soviética a memória de Lênin está presente, é coisa viva, não pertence nem ao passado nem à morte."[751]

O corpo de Lênin, parte central da visita, é tratado de forma mais breve por Amado do que por Ramos. Enquanto o primeiro dedica-lhe um parágrafo sucinto, o segundo dedica-lhe duas páginas de seu relato.

A descrição de Graciliano Ramos é detalhada, pormenorizando as feições, a posição, as vestimentas e o ambiente em que se encontra o corpo, mesclada de comentários que fogem ao tom irônico presente na maior parte de seu relato de viagem. Presente e passado se mesclam ante a esta visão e a idéia de que Lênin ainda vive é apresentada de forma sutil ao leitor. Mesmo sendo extensa, acreditamos ser válida a transcrição de algumas partes deste parágrafo de 74 linhas para deixar clara a reverência com que o autor trata o tema:

> "(…) Entramos, pouco a pouco nos adiantamos numa galeria, descemos vários degraus à direita, chegamos à cripta onde Lênin dorme num cadafalso de mármore negro. Parece realmente dormir. Retardamos o passo, recuamos no tempo, alcançamos os dias terríveis de Smolny: a fadiga atirou o gigante por algumas horas ao chão;vai levantar-se e prosseguir na tarefa imensa. A fisionomia tranqüila. Impossível admitir num cadáver tal expressão. Será na verdade uma múmia? Não distinguimos rugas, imaginamos o sangue forte a circular sob a pele corada. Provavelmente esse cor de vida é efeito da luz que banha a sala. A mão direita se abandona, fechada sobre a coxa; a mão esquerda, aberta, reforça a palavra esmorecida nos lábios, temporàriamente. Os lábios vão descerrar-se, ler pela segunda vez as teses lidas em 1917, em cima de um carro blindado; as mãos poderosas vão mover-se, fabricar um mundo. Essa idéia não me deixa; assombra-me a imortalidade exposta ali perto, no cadafalso de mármore negro."

---

751 Amado, Jorge. *O Mundo da Paz.* 4ª ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1953, pp.98-99.

A descrição inicia-se de forma a ressaltar a solenidade do momento, e a majestade do ambiente, para, logo em seguida, adotar um novo tom que tenta apresentar Lênin como um homem comum, o quê, por certo, apenas aumenta a importância de seus feitos:

> "Coisa estranha achar-se de repente o homem comum, insignificância das ruas, na presença de um demiurgo. Falta, entretanto, a esse formidável criador a aparência olímpica das estátuas. À escultura será difícil arranjar-lhe majestade no metal ou na pedra. Extraordinariamente um indivíduo normal. Não difere muito de nós – e é talvez o que nos arrasta, nos dá a ilusão de não sermos demasiado pequenos. O gênio conserva-se nos museus, nas bibliotecas, na história. Ali a dois passos, no mármore negro, surge-nos um trabalhador em repouso – e andamos com os pés de lã para não perturbar-lhe o sono. Criatura vulgar como os transeuntes que nos abalroam na multidão. Aumentam esse engano o diminuto físico e a roupa ordinária, calça e paletó iguais aos nossos. Uma certeza absurda me domina: os panos foram cortados e cosidos à toa, por alfaiate bisonho, adaptam-se mal ao corpo ali estendido."

Esta associação de Lênin ao homem comum não é encarada de forma naturalizada pelo autor que logo em seguida compartilha com o leitor suas impressões sobre as vestimentas que cobrem o cadáver "*Há um desleixo proposital na arrumação: cada prega foi disposta, sem dúvida, com arte e demora*." para, logo em seguida, retornar à descrição:

> "Sob uma colcha ou manta escura, as pernas desaparecem. E, no frio intenso da manhã, um agasalho envolve o pescoço, o indispensável cachenê reproduzido longamente em fotografias. Deslocamo-nos em fundo silêncio na penumbra da sala; o pequeno cemitério se povoou de fantasmas. A idéia insensata de que a figura embalsamada ainda vive á substituída por outra doidice: estamos invisíveis, deixamos de respirar, formamos um cortejo de mortos. (…)"[752]

Para Jorge Amado, a descrição mais importante a ser feita é a da continuidade de Lênin no povo soviético, no Partido, em seus dirigentes, e, sobretudo, em Stalin detendo-se, portanto, pouco na constatação de sua morte despertada pela visão de seu corpo embalsamado. Segue a transcrição integral do parágrafo:

---

[752] Ramos, Graciliano. *Viagem (Checoslováquia – U.R.S.S.)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, pp.66-67.

> "Ali está ele, em seu caixão de vidro, cerrados os olhos buliçosos e irônicos, mas a boca entreaberta num sorriso, o rosto sereno. Assim o vemos nessa manhã moscovita de frio inverno. Sinto a emoção em cada rosto, o soldado moscovita não desfita os olhos da face bem-amada de Lênin."[753]

O relato de Amado procura traçar uma linha sucessória, em que a vida e a obra de Lênin seriam continuadas por Stalin e pelo Partido. Tendo iniciado a grande obra que foi a Revolução, Lênin continuaria vivo no povo Soviético, capitaneado por seu companheiro Stalin, como podemos observar no seguinte fragmento:

> "(…) ele os libertou e chefiou no começo da grande construção. Sua memória está viva e ela renasce a cada manhã no trabalho dos seus companheiros e dos seus discípulos. Renasce a cada manhã no trabalho infatigável de Stalin, seu melhor companheiro, seu continuador. Renasce no trabalho de Molotov, de Voroschilov, de Malenkov, dos membros do Bureau Político e do Comitê Central do Partido, e também no trabalho de cada cidadão soviético; (…)"[754]

As comparações entre Stalin e Lênin estão presentes em todo o sub-capítulo de Amado dedicado à visita ao mausoléu. Tentando deixar claro como os dois se igualam em grandeza e como são ambos importantes para a compreensão da empreitada de transformação desenvolvida na União Soviética.

Frases como "*Lênin foi o gênio de seu tempo, como Stalin é o gênio dos dias de hoje*"[755], *"E os jovens, esses foram educados na sua doutrina, esses são seus filhos espirituais, vêem nele o forjador, com Stalin, dessa pátria magnífica*"[756] e *"ele está estendido sobre toda a União Soviética, seu coração pulsa no coração de Stalin e no de todos os trabalhadores da pátria socialista*"[757], salpicadas por todo o texto, deixam clara a intenção do autor de associar a grandeza de Lênin a de Stalin e apresentar o segundo como continuador da obra do primeiro.

---

753 Amado, Jorge. *O Mundo da Paz.* 4 ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1953, p.99.
754 *Idem, ibdem*, p.98.
755 *Idem, ibdem*, p.99.
756 *Idem, ibdem*, p.99.
757 *Idem, ibdem*, p.100.

Já Graciliano não faz qualquer referência a Stalin em sua descrição da visita ao Mausoléu onde o corpo de Lênin encontrava-se exposto à visitação. Procura, sobretudo, narrar os fatos da visita, as pessoas em volta, como se encontrava o corpo, sem tecer comentários sobre a União Soviética depois de sua morte ou apontar uma linha sucessória na condução da revolução.

Encontramos, assim, em *Viagem* e em *O mundo da paz* um outro eixo norteador que nos parece importante de ser discutido: a importância de Stalin para a conquista e garantia do socialismo. A identificação clara entre as decisões do 'grande líder' e o futuro do socialismo não só na URSS como em todo o planeta é fruto de uma visão personalista da política.

Graciliano, quando descreve as comemorações do 1º de maio, assistidas na Praça Vermelha, e as manifestações de exaltação da figura de Stalin a partir da proliferação de seus retratos e outros símbolos e ritos observados, tece o seguinte comentário:

> "A cidade estava cheia de retratos de Stalin – e isto provocou a observação indiscreta de um de nossos companheiros: a demonstração de solidariedade irrestrita não impressionava bem o exterior.
>
> A senhora Nikolskaya ouviu com paciência a crítica azeda, julgou-a, cortesmente, leviana e absurda: nenhum russo admitiria que as coisas se passassem de outra maneira. Essa réplica isenta de motivos era, no meu juízo, superior a um longo discurso esteado em razões.
>
> (...) [segue descrição pormenorizada das vilanias praticadas pelos estadistas ocidentais – principalmente brasileiros]
>
> e, chegando aqui, somos levados a compará-la ao estadista que passou a vida a trabalhar para o povo e nunca o enganou. Não poderia enganá-lo.
>
> (...)[segue descrição das penas pagas por Stalin em nome do proletariado]
>
> Não admitimos nenhum culto a pessoas vivas, perfeitamente: a carne é falível, corruptível, inadequada à fabricação de estátuas. Mas não se trata de nenhum culto, suponho: esse tremendo condutor dos povos não está imóvel, de nenhum modo se resigna à condição de estátua.

> (...) O prazer consiste em realizar a obra sem par na maior revolução da história; receber agradecimentos e louvores miúdos por isto é uma redução a que o grande homem se submete."[758]

Assim o autor primeiramente levanta um tema que poderia ser utilizado como motivo de crítica por um espectador ocidental, o culto à personalidade promovido pelo Estado soviético, para, logo em seguida, desenvolvendo lentamente seu discurso, demonstrar: 1) a inadequação de um raciocínio pautado por valores ocidentais (leia-se capitalistas) para a realidade soviética e, 2) que esse culto não partiria do Estado ou do próprio Stalin, mas sim do povo, de 'forma espontânea'!

São freqüentes os elogios a Stalin no livro de Jorge Amado, a começar pelo fato de declarar, na nota introdutória, ser o livro a homenagem "*de um escritor brasileiro ao camarada Stalin, no seu 70º aniversário, sábio dirigente dos povos do mundo na luta pela felicidade do homem sobre a terra"*[759]. Um dos muitos exemplos de como é retratado o dirigente soviético em *O mundo da paz* aparece logo no início do relato, em sub-capítulo em que descreve sua chegada a Moscou:

> "Vejo as torres do Kremlin: em qualquer parte entre essas muralhas que circundam a antiga residência dos Tzares habita o guia de toda a humanidade progressista, um homem cujo nome faz pulsar de alegria o coração de milhões e milhões de seres, os mais distantes, um nome que significa a certeza de vitória nessas mesmas ruas de Moscou mas também na aldeia perdida nos confins da África, onde gemem negros sob o chicote colonialista, nos burgos comerciais da Europa ou nos campos feudais de arroz da Ásia longínqua, nos grandes rios do Brasil ou em meio aos arranha-céus de New-York, um nome cujo simples eco faz tremer os senhores dos exércitos e das polícias, os reis do dinheiro, os negocistas de todas as espécies, os aventureiros de todos os tipos - entre essas muralhas, conquistadas pelo povo, habita, pensa e trabalha o gênio do nosso tempo: o camarada Josef Stalin."[760]

O texto de Jorge Amado é recheado de elogios desmedidos a Stalin, como, por exemplo: "M*estre, guia e pai, o maior cientista do mundo de hoje, o maior estadista, o*

---

758 Ramos, Graciliano. *Viagem (Checoslováquia – U.R.S.S.)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, p.53.

759 Amado, Jorge. O Mundo da Paz. 4 ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1953, [s/p].

760 AMADO, Jorge. O Mundo da Paz. 4 ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1953, pp.57-8.

maior general, aquilo de melhor que a humanidade produziu"[761]. Esses elogios distribuem-se ao longo de toda a publicação, evidenciando, através de seu caráter exaltado, o claro propósito de convencer o leitor de que a melhor alternativa de governo é apresentada pela metade comunista do mundo, esta simbolizada pela figura de um líder supremo e infalível.

Graciliano, por outro lado, procura humanizar Stalin. Para isso, recorre aos mais variados recursos, tais como mostrar a dura infância do líder,

> "Abeiramo-nos de uma casinha, subimos alguns degraus. São dois quartos apenas – e nessas miudezas alojaram-se duas famílias. Em 1879 o velho Djugachvili, sapateiro, alugou uma das peças a Kulumpegachvili e aí se arrumou com a mulher e o filho, até1883. Se os outros dois filhos de Djugachvili ainda existissem, dificilmente o grupo se acomodaria naqueles doze metros quadrados. A morte deles dera lugar aos pais e ao irmão mais novo, de teimosa resistência, como se viu depois. Esse garoto, nascido em 1879, chamava-se José - e destinava-se à profissão religiosa, pois ofício de sapateiro rendia pouco e era muito duro. Hoje se chama Stalin. Recusou a sapataria e recusou o sacerdócio."[762]

Outras estratégias utilizadas são destacar sua força juvenil ou, simplesmente, fazer sua descrição física à época da *Viagem*:

> "Nessa altura enxerguei Stalin a poucos metros, subindo a escada estreita que se encosta ao monumento de Lênin. Com certeza acabava de tomar algum descanso, voltava à demorada obrigação oficial. Apesar de achar-se a pequena distância, aproximei-o com o binóculo de Cristina. Pareceu-me gordo e curvo, mas provavelmente a curvatura se devia à marcha em degraus."[763]

É fácil entender a opção do autor. Nada mais eficaz para desfazer a imagem de um sanguinolento opositor da paz do que apresentá-lo como um homem ordinário, nada grandioso, e até um pouco acima do peso. Sem mencionar que descrição crua, e às vezes pouco lisonjeira, para a composição de personagens reais é um estilo mais

---

761 Amado, Jorge. O Mundo da Paz. 4 ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1953, p.199.

762 Ramos, Graciliano. *Viagem (Checoslováquia – U.R.S.S.)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, pp. 150-1.

763 *Idem, ibdem*, p.55.

próximo ao utilizado pelo autor em outras de suas obras biográficas como *Infância* e *Memórias do Cárcere.*

Estratégias narrativas diferentes, objetivos comuns

A pesquisa parece indicar que as viagens efetuadas à URSS por nossos dois autores servem para a afirmação da postura programática do Partido Comunista de divulgar uma imagem positivada do mundo socialista. Isso em um contexto de guerra fria, em que os intelectuais orgânicos da classe trabalhadora são convocados a participar da tarefa de divulgadores da mensagem socialista, apresentando as vantagens do regime em relação às desvantagens do capitalismo.

Fica bastante evidenciada a diferença entre os estilos de Jorge Amado e Graciliano Ramos. Do ponto de vista das estratégias argumentativas, Jorge Amado parece ter preferido apresentar a caracterização da primeira pessoa do discurso como um narrador que se situa numa posição de autoridade com larga experiência na realidade relatada, e de sua história, possuidor de julgamentos fundamentados no conhecimento de causa. Evidentemente, esse ponto de vista do narrador assume, em relação aos leitores por ele guiados nessa visita à URSS, uma posição hierarquizada.

Já a estratégia desenvolvida por Graciliano Ramos parece interpelar seus possíveis leitores e provocar um compartilhamento de expectativas apresentando-se como um narrador que não é uma autoridade sobre a matéria de seu relato: dúvidas, impressões iniciais, julgamentos desfavoráveis são trazidos à tona para serem problematizados num percurso argumentativo que, em tudo, se parece à construção, passo a passo, do conhecimento crítico. A utilização do discurso dos próprios habitantes dá ao texto um caráter dialógico que permite conduzir na direção do apagamento de possíveis impressões desfavoráveis. Com isso, o leitor desconhecedor da realidade da sociedade soviética tem a possibilidade de estabelecer com maior facilidade uma identificação com esse narrador viajante que se apresenta, no início, como um homem qualquer e como não portador de pré-julgamentos sobre a terra visitada, e que, ao fim e ao cabo, fornece uma avaliação implícita bastante favorável.

É comum encontrarmos na literatura especializada a contraposição entre a adesão de Jorge Amado ao modelo zdanovista do "realismo socialista" e a distância que Graciliano Ramos buscou manter dessa orientação estética oficial dos comunistas à época. Não discordamos desta avaliação, pelo contrário, esta tese em grande parte alimenta de argumentos sua confirmação. Porém, no que diz respeito à imagem final da "pátria do socialismo", os relatos de viagem dos dois escritores demonstram que ambos foram fiéis ao objetivo propagandístico de convencer sobre a sua positividade e superioridade em relação ao Brasil e ao mundo capitalista.

Enquanto o primeiro opta por um estilo carregado de adjetivos, prolixo, opinativo e taxativo na definição do que é o "Bem" e do que é o "Mal", o segundo opta por um estilo de pouca adjetivação, sintético, descritivo e aparentemente "imparcial". Mas, a despeito dessas diferenças estilísticas de cada um dos autores – Jorge Amado adotando o tom panfletário e posicionando-se claramente como comunista, e Graciliano Ramos apresentando-se como observador neutro –, ambos parecem ter cumprido bem a tarefa a que foram convocados.

Considerações Finais

Como aponta Rubim, uma das características mais importantes da tradição marxista foi sua caracterização "*Como movimento político-ideológico e, por derivação, cultural*", que "*têm se dedicado a educar seus militantes, conquistar mentes e corações dos trabalhadores e de outros grupos sociais não-dominantes e influenciar a sociedade como um todo em um patamar político-ideológico e cultural*"[764]. Como organização marxista, o Partido Comunista do Brasil, ao longo de sua história, procurou realizar esse convencimento e essa atração de novos membros através de estratégias distintas e variantes, de acordo com cada conjuntura específica.

Vimos, portanto, que alguns meios de difusão dessa perspectiva político-ideológica dos comunistas foram utilizados ao longo das três décadas por nós estudadas. Dentre eles, destacamos as publicações periódicas, em que os jornais ocuparam lugar de relevo.

No primeiro capítulo, investigamos o jornal *A classe operária* e percebemos a importância do órgão oficial do partido na remodelação das linhas políticas adotadas em cada conjuntura específica (para tal, nos utilizamos das matérias sobre Luis Carlos Prestes) e em sua divulgação para o conjunto da militância.

Outros jornais, como é o caso, no Rio de Janeiro, de *Tribuna popular*, que em 1947 é substituída por *Imprensa popular*, destinam-se a um público mais amplo do que aquele formado pela militância, e mesclam reportagens e colunas sobre variedades e esportes àquelas de cunho político-ideológico mais claro.

Percebemos, ainda, a importância das revistas culturais nas engrenagens do partido para atração de novos militantes e para se constituir como pólo aglutinador de intelectuais de esquerda. Outro dos veículos utilizados pelos comunistas brasileiros na tentativa de conquistar novos filiados foi *Literatura*. E é neste campo que se

---

764 Rubim, Antonio Albino Canelas. "Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil" *In*: MORAES, João Quartim de (org.). *História do Marxismo no Brasil.* Vol. 3 "Teorias. Interpretações". Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p.379.

concentraram os nossos esforços de pesquisa. Tentamos, ao longo deste trabalho, investigar a importância deste propósito agregador e de difusão do PCB na produção de Jorge Amado e Graciliano Ramos, ao mesmo tempo em que procuramos perceber como se dá a adoção ou não da linha traçada pelo partido para a área cultural em suas obras. As artes em geral, e a literatura de forma mais específica, foram alvo de preocupações dos comunistas, na União Soviética e nos partidos pelo mundo afora, que tentaram encontrar uma fórmula responsável pela melhor divulgação do comunismo e pela atração de novos militantes. Um modelo estético capaz de espelhar o novo homem e a nova sociedade que se estaria construindo no mundo socialista e, ao menos em germe, na militância comunista de forma geral. O realismo socialista, que teve em Zdanov seu principal arauto, foi a expressão máxima deste esforço.

Estudando as produções de Jorge Amado e Graciliano Ramos anteriores e posteriores ao período em que o realismo socialista passou a ser adotado pelo Partido Comunista do Brasil como modelo para as artes, percebemos sua relevância como evidência da força desse projeto político-ideológico de que fala Rubim.

Pela avaliação do jornal *A Classe operária*, e particularmente de sua edição comemorativa do qüinquagésimo primeiro aniversário de Prestes, pudemos ilustrar como, a partir da década de 1940, sobretudo depois da segunda metade desta, Prestes ocupa o papel de grande guia e líder comunista no panteão dos heróis do PCB. E esse lugar foi garantido em função da massificação de seu nome em esforço conjunto dos meios de comunicação do partido e de seus artistas, que se lançaram à tarefa de prover os comunistas brasileiros com uma grande figura a ser admirada e seguida, tal qual aconteceu com a figura de Stalin na União Soviética.

Vimos também que fazia parte da estratégia do partido, em nível mundial, a construção dessas figuras emblemáticas que permitissem a convergência de energia e esforços de mobilização comunista, tendo figurado como um dos maiores pressupostos do realismo socialista a valorização do herói proletário, o que não aconteceria apenas na ficção, mas também na imprensa operária em torno de figuras reais, como foi ocaso de Prestes.

Naquela edição comemorativa pudemos verificar uma diferença na forma como se processava o cumprimento das tarefas partidárias por parte de nossos dois escritores.

Enquanto Graciliano foge ao estilo grandiloqüente que domina a quase absoluta maioria dos textos desta edição, Jorge não foge a regra e refere-se a Prestes com epítetos que o qualificam como líder, guia, herói. Na análise da literatura de Jorge Amado, encontramos com muita freqüência vários dos elementos do modelo estético do realismo socialista, tal como difundido por Zdanov e seus divulgadores no Brasil. Embora outras matrizes possam ser percebidas como informando a perspectiva estética de Amado – como é o caso da sua particular combinação das características do romance social regionalista da geração modernista do pós-1930 com as referências do cancioneiro popular –, é primordialmente do modelo do realismo socialista que irá se servir para construir as obras em que mais claramente exalta os heróis comunistas, quais sejam, *O cavaleiro da esperança* e *Os subterrâneos da liberdade.*

Por outro lado, a desmistificação de figuras tratadas como heróis por outros escritores comunistas, como o próprio Jorge Amado, é estratégia corriqueira de Graciliano Ramos. Já havia utilizado esse procedimento em 1949 quando do texto encomendado para a comemoração do aniversário de Luis Carlos Prestes para *A classe operária*, construído para afirmar que Prestes não havia almejado alcançar o *status* de mito nacional, mas que teria sido colocado na pele de um herói pela "multidão". A partir daí, todos os argumentos utilizados pelo autor para sustentar essa tese vão ao encontro do resgate da "humanidade" de Prestes, como por exemplo, descrevê-lo como um tímido. Tratar o herói como homem, nesse caso, não significava necessariamente diminuir sua grandeza. Podia ocorrer justamente o inverso, como parece ser o caso, pois mais que uma construção artificial de culto à personalidade, o que se constatava era uma construção popular, um reconhecimento, da importância de Prestes.

Em 1952, Graciliano teria recorrido ao mesmo recurso ao afirmar que o tão proclamado e condenado culto à personalidade de Stalin na URSS nada mais era do que a vontade espontânea e legítima de um povo que se alegrava em poder prestar homenagens ao responsável pela vitória contra os nazistas e pela construção do socialismo. Assim, Stalin, docemente, aceitaria essas homenagens.

Tal estratégia, entretanto, nem sempre seria compreendida como adequada pelos que dirigiam o partido. Em sua outra obra póstuma, *Memórias do cárcere*, essa estratégia de humanização de personagens ordinariamente tratados de forma mitificada renderia problemas ao autor. Como relata Dênis de Moraes, dirigentes do PCB teriam

tentado censurar os manuscritos do livro de memórias por Graciliano não apresentar retratos adequados dos grandes heróis comunistas, apresentando, por exemplo, Agildo Barata como um sujeito baixinho e fleumático.

Em suas obras de ficção essa estratégia também parece ter sido uma marca do escritor alagoano. Nenhum de seus personagens pode ser caracterizado como um herói típico. Todos, sem exceção, dos protagonistas aos comunistas, são apresentados em sua humanidade repleta de falhas, fraquezas e fragilidades. Nada mais distante de um herói do que um protagonista vaidoso e aproveitador, como João Valério de *Caetés*. Nada menos próximo de um herói comunista do que o medroso Padilha de *São Bernardo*. Tratavam-se, isso seria mais próprio dizer, de típicos "heróis problemáticos", como os personagens centrais dos grandes romances realistas do século XIX (aqueles que Lukács definiria como exemplos do realismo crítico).

Essa distância de um dos principais pressupostos do realismo socialista, a apresentação de um herói proletário que servisse de exemplo inspirador aos leitores, será constante na obra de Graciliano. Mesmo quando se trata de um texto encomendado pelo partido para a comemoração do aniversário de Prestes, ou para apresentar Stalin.

Pelas avaliações que fizemos ao longo deste trabalho sobre as participações de Amado e Ramos na vida partidária e na cena literária nacional, pudemos observar como a participação destes homens se fez importante em dois momentos cruciais da história do partido. O primeiro no pós 45 quando o PCB transforma-se em um grande partido de massas, principal força de esquerda no Brasil. O segundo, durante a guerra fria, quando foi necessário um esforço imenso para contrapor-se à enxurrada de matérias e reportagens da grande imprensa que demonizavam o comunismo.

Nesses dois momentos, Jorge Amado e Graciliano Ramos cumpriram o papel de defesa do partido, para reafirmar o papel dos comunistas na luta pela transformação da realidade brasileira e emprestaram seus nomes e seus prestígios para, no primeiro, solidificar e ampliar o destaque que o PCB adquiria como importante força política da redemocratização, e, no segundo, para tentar combater o anti-comunismo que se espalhou durante o período da guerra fria.

Os escritores desempenharam esses papeis em graus variados de comprometimento tanto com as tarefas diretamente vinculadas ao campo da disputa

política (na representatividade na entidade de base – a ABDE – ou na representatividade da legislatura – no caso a câmara dos deputados); na imprensa partidária (escrevendo artigos, fazendo entrevistas, fazendo análises políticas ou literárias, ou, ainda, escrevendo elogios); ou em sua própria obra (como fica evidente nos relatos das viagens à União Soviética, mas também aparece em obras ficcionais).

Claro que a diferença constatada na adoção do modelo do realismo socialista nas obras de Jorge Amado e Graciliano Ramos reflete, em nosso entender, algum nível de diferença no grau do compromisso que assumiram com o partido, não apenas do ponto de vista literário, mas, sobretudo, do ponto de vista de escolhas de vida.

Mesmo sem ter nunca assumido cargos na cúpula do partido, Jorge Amado pode ser definido, ao longo do período por nós estudado, como um homem do partido. Sua biografia dificilmente pode ser compreendida sem se levar em conta os deslocamentos motivados por tarefas ou necessidade decorrentes de posições partidárias. Seus períodos de exílio, em que viveu principalmente por conta do partido, dependendo dos contatos e dos postos designados pelo PC, foram fundamentais para a circulação de sua obra. O que faz com que, até o surgimento de Paulo Coelho, fosse o escritor brasileiro mais conhecido no exterior e que contasse com o maior número de traduções. Sua ligação com o partido e o papel de representante dos escritores brasileiros nos congressos pela paz, no início da guerra fria, garantiram a circulação de seu nome e o contato com a intelectualidade internacional.

Amado dedicou-se tanto a tarefas de caráter estritamente político, como foi o caso de sua candidatura e exercício de mandato como deputado federal nas eleições de 1946 e na legislatura que a elas se seguiu, quanto a tarefas relacionadas ao campo estético, como foi o caso da escrita dos livros sobre Prestes e sobre a atuação dos comunistas durante o Estado Novo, que assumem claramente a influência do realismo socialista. A coordenação da coleção de livros "Romances do Povo" correspondeu a outra tarefa de natureza similar.

Já para Graciliano Ramos, a militância no partido não possui o mesmo peso ao longo de sua trajetória. É claro que foi um militante disciplinado, tendo inclusive aceitado candidatar-se ao cargo de deputado por Alagoas, mas não teve sua vida tão imbricada à vida partidária. Talvez por sua filiação tardia, se comparada à de Jorge

Amado, ou pela própria disponibilidade para o desempenho de tarefas partidárias, uma vez que a literatura não garantia seu sustento e o sustento de sua família. Graciliano Ramos não pode ser tomado como exemplo típico da adoção do realismo socialista, mas também não deixou de dar suas contribuições ao reforço de imagens pretendidas pelo partido como propaganda: a saber, a campanha pela paz, promovida, sobretudo, através de seu relato de viagem e o reforço da figura de Luis Carlos Prestes como herói nacional. Sua atuação à frente da ABDE, após o racha que dividiu os escritores e de certa forma isolou os comunistas, também pode ser lida como resultante desse mesmo compromisso partidário.

Por outro lado, para dimensionar mais adequadamente o papel político de Graciliano e Jorge, é preciso ter em conta sua inserção no contexto literário e social da época em que escreveram. Nossos autores fizeram parte de uma geração que participou de grandes transformações no cenário literário e editorial brasileiro. Se antes, no século XIX e início do século XX era impensável para um autor brasileiro a perspectiva de viver exclusivamente da literatura, a partir de transformações de ordem econômica e social essa passa a ser uma perspectiva possível.

No entanto, a concretização desta aspiração da maior parte dos escritores – viver exclusivamente de sua produção artística – não será realidade para a maioria. Graciliano Ramos e Jorge Amado representam dois casos distintos: o do autor que se desdobra entre outras atividades profissionais e a produção literária – que sozinha não lhe garante o sustento, e o do autor que pode se dar ao luxo de viver exclusivamente de sua obra.

Essa diferenciação é importante por mostrar o grau de reconhecimento ou de sucesso de vendas alcançado por Ramos e Amado. O primeiro recebeu elogios de crítica e boa acolhida por parte do meio literário, mas não conheceu, em vida, um enorme sucesso de vendas. O segundo, também bem acolhido pela crítica especializada e pelos pares, conheceu significativo sucesso na vendagem de seus livros.

Durante todo o período de sua vida em que se dedicou à literatura, Graciliano Ramos teve que desempenhar outras funções que lhe garantissem o sustento de sua numerosa família. Em alguns momentos de sua trajetória acumulou cargo público com revisão de jornais, ao mesmo tempo em que escrevia seus romances, além disso, utilizou-se largamente da venda de crônicas como forma de complementação da renda

familiar. Essa necessidade fez com que, desde o começo, a atividade literária não fosse encarada como exclusiva detentora de sua atenção e esforço, gastando maior parte de seus dias desempenhando atividades que não se relacionavam, direta ou remotamente, à produção literária. Dessa forma, dependendo do momento de sua vida, passava os dias como diretor da imprensa oficial de Alagoas, e depois do expediente dedicava-se à escrita de um romance; ou passava as noites como revisor de jornais de grande circulação e de dia escrevia crônicas e contos para serem vendidos aos mais diversos veículos; ou, ainda, acumulava o papel de revisor ao de inspetor do ensino público, dispondo, portanto, de pouco tempo a ser disponibilizado à literatura.

Já Jorge Amado, não experimentou, no início de sua carreira, a necessidade de encontrar formas de garantir sua subsistência, pois quando se estabeleceu no Rio para estudar Direito recebia mesada paterna. Esse primeiro momento de disponibilidade para fazer-se conhecer e penetrar no circuito literário parece ter sido importante para a afirmação do baiano em nossas letras nacionais. Mesmo que em alguns períodos tenha tido que desempenhar outras funções, sobretudo na imprensa, passa a poder sustentar-se da renda gerada por seus livros, publicados quase que ininterruptamente. Naqueles anos que examinamos aqui, sua carreira foi alavancada também pelo partido, uma vez que pelas mãos das editoras do PCB foi publicado em diversas línguas e em variados países. Em períodos de forte repressão contou ainda com o apoio do partido que o auxiliou durante seu exílio, na Europa – ocidental ou oriental.

Comentando as diferentes significações que as idéias de compromisso e alinhamento receberam no debate sobre a literatura, Raymond Williams observa que, desde a rejeição de Marx e Engels à "literatura de tendência" em concomitância com sua valorização daquela literatura compromissada com a realidade social, passando pelos debates do século XX, em especial aqueles desenvolvidos nos momentos revolucionários e nas situações que lhes sucederam, é necessário ter em conta, para avaliar as diferentes manifestações do compromisso, tanto o "alinhamento consciente" quanto "*as condições pressionantes e limitadoras dentro das quais, em qualquer momento, tipos específicos de literatura podem ser feitos*".[765]

Em certo sentido, esta tese buscou analisar o compromisso de dois escritores, entendendo tal compromisso não apenas como resultado de escolhas individuais, mas

[765] Williams, Raymond. *Marxismo e literatura.* Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 203.

como inscrito num dado momento histórico – particularmente dinâmico no que tange à dramaticidade com que a humanidade foi confrontada com suas capacidades destrutivas e construtivas –, ao qual corresponderam formas específicas de pressões e limites que atuaram sobre a produção literária, como sobre todas as formas de produção.

Graciliano Ramos e Jorge Amado, por certo se aproximavam, porque tomaram "*posição em face das lutas históricas do presente no qual vive o artista*"[766]. Mas, nem esse compromisso, nem as pressões e limites a que a história os submeteu, significaram uma direção estética unívoca para a escrita de nossos dois autores, ainda que seu compromisso político com o PCB tenha sido equivalentemente consistente, guardadas as especificidades já mencionadas.

---

[766] Lukács, Gerge, *Introdução a uma estética marxista*, 2a. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970, p. 196.

Referências bibliográficas:

Periódicos pesquisados

A Classe Operária (1930-1953)

Boletim de Ariel – RJ (1933-1938)

Boletim interno SVB – SP (1935)

Boletim interno PCB – RJ (1945)

Cultura – SP (1938)

Fundamentos, São Paulo, (1948-53)

Imprensa popular – RJ (1948)

Leitura – RJ (1943, 1945)

Literatura – RJ (1946-1948)

PCB – RJ – boletim interno (1946)

Tribuna Popular – RJ (1945-1947).

Voz Operária, Rio de Janeiro, 1949-51.

Bibliografia dos autores

De Jorge Amado:

AMADO, Jorge. *A.B.C. de Castro Alves*. 22 ed. São Paulo: Martins, s.d.
____. *A Morte de Quincas Berro D` Água.* 44 ed. Rio de Janeiro: Record, 1979.
____. *Bahia de Todos os Santos.* 24 ed. São Paulo: Martins, 1973.
____. *Capitães da Areia.* Rio de Janeiro: 1991.
____. *Dona Flor e Seus Dois Maridos.* 8 ed. São Paulo: Martins, 1969.
____. *Farda Fardão Camisola de Dormir.* Rio de Janeiro: Record, s.d.
____. *Gabriela, Cravo e Canela.* 3 ed. São Paulo: Martins, 1958.
____. *Jubiabá.* 28 ed. São Paulo: Martins, s.d.
____. *Literatura comentada*, 1981
____. *Mar Morto.* 54 ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.
____. *Navegação de Cabotagem*. Rio de Janeiro: Record, 1992.
____. *O Amor do Soldado.* 2 ed. São Paulo: Martins, 1958.
____. *O Mundo da Paz*.4 ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1953.
____. *O País do Carnaval; Cacau; Suor.* São Paulo: Martins, 1957.
____. *O Sumiço da Santa: Uma história de Feitiçaria.* . Rio de Janeiro: Record, 1988.
____. *Os Subterrâneos da Liberdade- vol.1 Os Ásperos Tempos*. 28 ed. Rio de Janeiro: Record, 1976. 3v
____. *Os Subterrâneos da Liberdade – vol.2 Agonia da Noite*. 28 ed. Rio de Janeiro: Record, 1976. 3v
____. *Os Subterrâneos da Liberdade – vol.2 A luz no túnel*. 28 ed. Rio de Janeiro: Record, 1976. 3v
____. *Os Velhos Marinheiros.* 7 ed. São Paulo: Martins, 1961.
____. *Povo e Terra*. São Paulo: Martins, 1972.
____. *São Jorge dos Ilhéus*. São Paulo: Martins, s.d.
____. *Seara Vermelha.* 27 ed. São Paulo: Martins, 1972.
____. *Tenda dos Milagres.* 1 ed. São Paulo: Martins, 1969.
____. *Tereza Batista Cansada de Guerra.* 1 ed. São Paulo: Martins, 1972.
____. *Terras do Sem Fim.* 30 ed. São Paulo: Martins, 1973.
____.*Tieta do Agreste.* São Paulo: Círculo do Livro, s.d.
____. *Vida de Luis Carlos Prestes – O Cavaleiro da Esperança*. 3 ed. São Paulo: Martins, s.d.

De Graciliano Ramos:

RAMOS, Graciliano, *Caetés.* São Paulo: Livraria Martins Editora, 1965 (7ª ed.).
_____ . *Alexandre e outros heróis.* Rio de Janeiro, São Paulo: Record, Martins, 1975 (12ª ed.).
_____ . *Angústia.* São Paulo: Livraria Martins Editora, 1971 (13ª ed.).
_____ . *Cartas.* Rio de Janeiro: Record, 1982.
_____ . *Cartas de amor a Heloísa.* Rio de Janeiro: Record, 1994.
_____ . *Infância.* São Paulo: Livraria Martins Editora, 1969 (7ª ed.).
_____ . *Insônia.* São Paulo: Editora Record, 1982 (18ª ed.).
_____ . *Histórias Agrestes (contos escolhidos).*São Paulo: Editora Cultrix, s.d..
_____ . *Histórias incompletas.* Rio de Janeiro: Livraria Globo, 1946.
_____ . *Linhas tortas.* São Paulo: Livraria Martins Editora, 1967 (2ª ed.).
_____ . *Memórias do cárcere - 1ºvolume.* Rio de Janeiro, São Paulo: Record, Martins, 1975 (8ª ed.).
_____ . *Memórias do cárcere - 2ºvolume.* Rio de Janeiro, São Paulo: Record, Martins, 1975 (8ª ed.).
_____ . *São Bernardo*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974 (23ª ed.).
_____ . *Viagem (Checoslováquia – U.R.S.S.).* Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1954.
_____ . *Vidas secas.* São Paulo: Editora Record, 1995 (69ª ed.).
_____ . *Viventes das Alagoas: quadros e costumes do Nordeste.* Rio de Janeiro, São Paulo: Record, Martins, 1975 (5ª ed.).

Homenagem a Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: ALBA, 1943.

Bibliografia geral

ARAÚJO, Mônica da Silva. *A arte do partido para o povo: no realismo socialista no Brasil e as relações entre artistas e o PC.* Rio de Janeiro: UFRJ,2002 – dissertação de mestrado.

BARBOSA, Júlia Monnerat. As greves no Rio de Janeiro (1945-1954),. Rio de janeiro: UERJ, 2004. (Dissertação de mestrado em história política).

BOSI, Alfredo. "As letras na Primeira Republica" in: Fausto, Boris (dir.). *História Geral Da Civilização Brasileira. Brasil republicano* - v. 9: sociedade e instituições (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 8ª ed,

_____ . *Historia concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix. 1977(2ª Ed, 7ª)

_____ *et alii. Graciliano Ramos.*São Paulo: Ática, 1987.

CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade estudos de teoria e história literária.* São Paulo: Editora Nacional, 1973.

CHESNEAUX, Jean. *Devemos fazer tábula rasa do passado?* São Paulo, Ática, 1995.

COSTA, Hélio da. *Em busca da memória: comissão de fábrica, partido e sindicato no pós-guerra.* São Paulo: Scritta, 1995.

COSTA, Ricardo da Gama Rosa. Descaminhos da revolução brasileira: o PCB e a construção da estratégia nacional libertadora (1958-1964). Niterói: [policopiada], 2005. Tese (doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Departamento de História.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Literatura e humanismo.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967

CRISTALDO, Janer. Engenheiros de Almas — o stalinismo na literatura de Jorge Amado e Graciliano Ramos. Edição e-books Brasil, 2006. Anexo 3.

DEL ROIO, Marcos. "O impacto da revolução russa e da internacional comunista no Brasil" *in:*Moraes, João Quartim de & Reis Filho, Daniel Aarão (orgs) *História do marxismo no Brasil – o impacto das revoluções* - vol.1. Campinas; SP: Editora da Unicamp, 2003.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal: UFRN, 1996.

EAGLETON,Terry. *A ideologia da estética.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006 (Coleção Descobrindo o Brasil).

FACINA, Adriana. *Literatura e sociedade.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004 (Ciências sociais passo-a-passo).

FAUSTO, Boris. *História do Brasil.* 6 ed. São Paulo: EdUSP, 1999.

FONTANA, Benedetto, "Hegemonia e nova ordem mundial", In Carlos Nelson Coutinho & Andréa Teixeira, *Ler Gramsci, entender a realidade,* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

GALUCIO, Andréa Lemos Xavier. *Civilização Brasileira e Brasiliense: trajetórias editoriais, empresários e militância política.*Niterói: UFF, 2009. (Tese de doutorado).

GATTAI, Zélia. *Memorial do amor.* Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____ . *Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor.* Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____ . *Vacina de sapo e outras lembranças.* Rio de Janeiro: Record, 2005.

GORENDER, Jacob. *O combate nas trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada.* 3a. ed., São Paulo, Ática, 1987.

GRAMSCI, *Cadernos do Cárcere,* vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____ . *Literatura e vida nacional.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____ . *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979.

GUIMARÃES, Valéria Lima. *O PCB cai no samba. Os comunistas e a cultura popular (1945-1950)*. Rio de Janeiro, APERJ, 2009

HOBSBAWM, E. História do marxismo; o marxismo na época da Terceira Internacional: de Gramsci à crise do stalinismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. V.X..

____. *História do marxismo. O marxismo na época da Terceira Internacional: problemas da cultura e da ideologia.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. V. IX.

HOUSER, Arnold. *A arte e a sociedade*. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

KONDER, Leandro. *Os marxistas e a arte – breve estudo histórico-crítico de algumas tendências da estética marxista.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967

LÖWY, Michel (org.). *O marxismo na América Latina (uma antologia de 1909 até os dias atuais).* São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, , 1999.

LUKÁCS, Gerge, *Introdução a uma estética marxista*, 2a. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.

_____ . *Marxismo e teoria da literatura.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

_____ . "Narrar ou descrever? Contribuição para uma discussão sobre o naturalismo e o formalismo", In *Ensaios sobre literatura*, 2a. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

MARX-ENGELS, *Sobre literatura e arte.* (coletânea) . São Paulo: Global, 1979.

MATTOS, Marcelo Badaró. (org.). *História: pensar e fazer* Rio de Janeiro: Laboratório dimensões da história, 1998.

_____ . (org.). *Livros vermelhos: literatura e militância no Brasil.* Rio de Janeiro: Bom Texto; FAPERJ, 2010.

_____ . Relatório de pesquisa do projeto "*Os sindicatos e a democracia.*" (setembro de 1998 - fevereiro de 1999).

_____ . "Qualificando o debate: conceitos de Gramsci, análise histórica da sociedade brasileira e projeto socialista". *In Reorganizando em meio ao refluxo: ensaios de intervenção sobre a classe trabalhadora no Brasil atual.* Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2009.

MAZZEO, Antonio Carlos. *Corações vermelhos*. São Paulo: Cortez, 1993.

MELLO, Marisa Schincariol. *Graciliano Ramos: criação literária e projeto político (1930-1953).* Niterói: UFF, 2005. (dissertação de mestrado)

MORAES, Denis. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

_____ . *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos.* Rio de Janeiro, José Olimpyo, 1992.

MORAES, João Quartim de. "A evolução da consciência política dos intelectuais brasileiros" in: MORAES, J.Q.. *História do marxismo no Brasil.* Vol. II (Influxos teóricos). São Paulo: Editra da Unicamp, 1995.

_____ . & REIS FILHO, Daniel Araão. (orgs.) *História do marxismo no Brasil – Vol1 - O impacto das revoluções.* Campinas: Editora da Unicamp, 2003 (2ª ed. rev.)

____ . (org.). *História do marxismo no Brasil – Vol. III – teorias e interpretações.* Campinas: editora da Unicamp, 1998.

NEGRO, Antonio Luigi. & SILVA, Sergio (org.). "As peculiaridades de E. P. Thompson". As peculiaridades dos ingleses e outros artigos de E. P. Thompson. 3ª.ed. Campinas: UNICAMP - Textos didáticos, nº 10, 1998.

OLIVEIRA, Ilka. M. *A literatura na revolução*. 1998. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, S.P., 1998.

PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros – história e memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PINHEIRO, Marcos César de Oliveira. *O PCB e os Comitês Populares Democráticos na Cidade do Rio de Janeiro (1945-1947).* Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. (dissertação de mestrado em História Comparada).

PONTES, Mateus de Mesquita e. "Jorge Amado e literatura de combate: da literatura engajada à literatura militante de partido" REVELI – Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG – Inhaumas. ISSN:1984-6576 – v.1, n.2, outubro de 2009.

RAMOS, Clara. *Cadeia.*Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

RAMOS, Ricardo. *Graciliano: retrato fragmentado*. São Paulo: Siciliano, 1992

RUBIM, Antonio Albino Canelas. "Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil" in: SEGATTO, José Antonio. *Breve história do PCB.* Belo Horizonte: Oficina de livros, 1989.

SENA Jr., Carlos Zacarias. *Os impasses da estratégia: os comunistas e os dilemas da União Nacional na revolução (im)possível. (1936-1948)*. Recife, UFPE, 2008. (Tese de Doutorado em História)

SENNA, Homero. República das letras: entrevistas com 20 escritores brasileiros. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

SCHNAIDERMAN, Boris. "Duas vozes diferentes em *Memórias do Cárcere?"*. Estudos Avançados *Print version*ISSN 0103-4014. *In:* http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000100022

SODRÉ, Nelson Werneck, *Fundamentos da estética marxista.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

STRADA , Vittorio. "Do 'realismo socialista' ao zdhanovismo", in: Hobsbawm, Erick (org.). *História do marxismo; o marxismo na época da terceira internacional: problemas da cultura e da ideologia*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987

TAVARES, Paulo. *Criaturas de Jorge Amado.* São Paulo: Martins, s.d.

THOMPSON, E. P..*Os românticos.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____ . *Tradición, Revuelta y Consciencia de clase*, Barcelona, Crítica, 1979.

VELASQUES, Muza Clara Chaves. *Homens de letras no Rio de Janeiro dos anos 30 e 40*. Niterói, 2000. Tese de doutorado, UFF

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura.* Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Sites consultados:

http://www.fundacaojorgeamado.com.br

http://www.graciliano.com.br